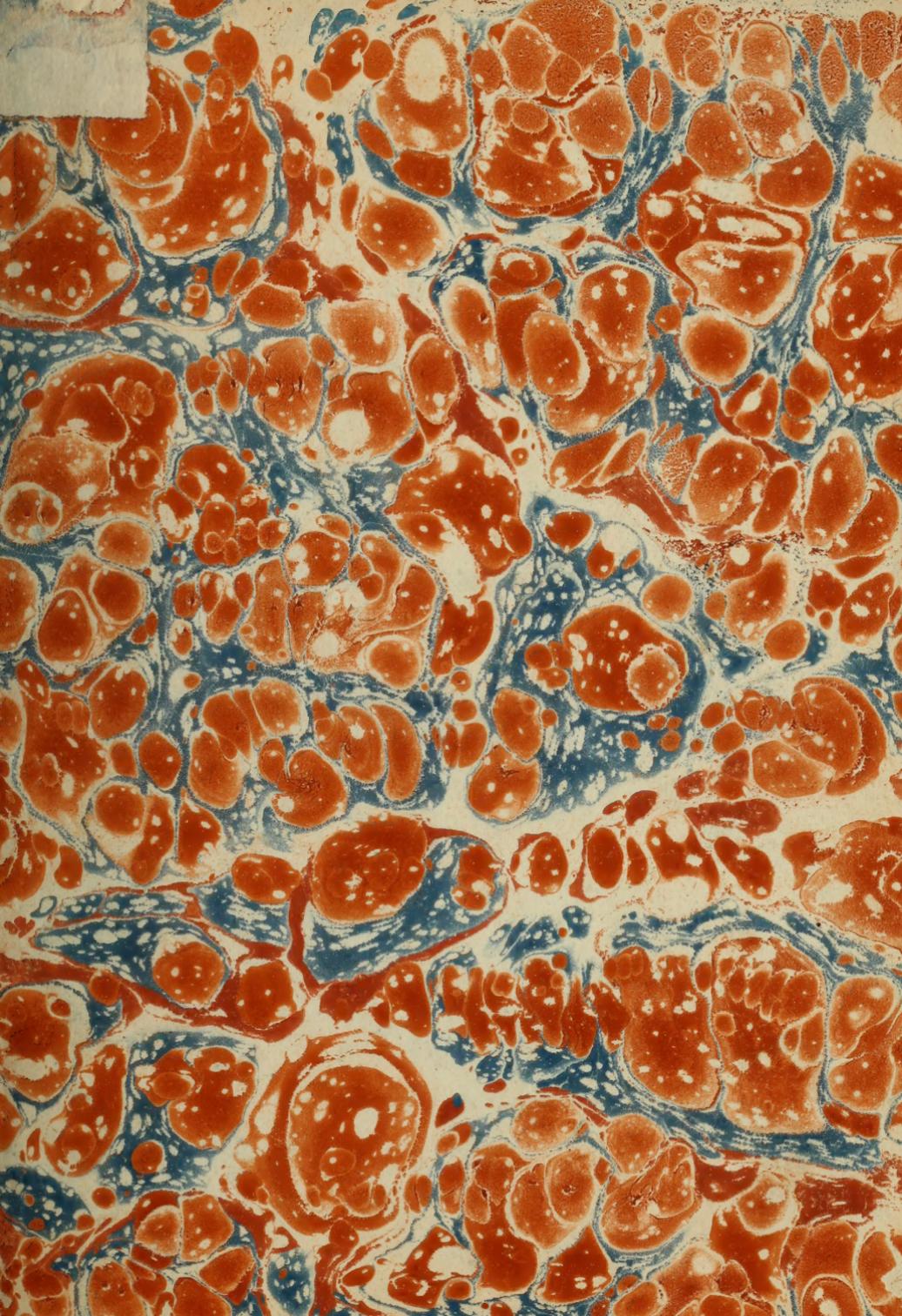


RS 208253



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton



X 15

P. 3546

54

OSERVADOR PORTUGUEZ

ANUA DE ERUDICAO E DEBATE



Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

OBSERVADOR PORTUGUEZ

OBRA DE ERUDIÇÃO, E RECREIO.

POR

HUMA SOCIEDADE DE LITERATOS.

T O M O I.



L I S B O A,

NA NOVA IMPRESSÃO DE JOÃO BAPTISTA MORANDO,

RUA DA ROÇA DAS PARTILHAS N. 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSEVADOR PORTUGUEZ

OBRA DE ERUDIÇÃO E RECREIO

por

UMA SOCIEDADE DE LITTERATOS

TOMO I



LISBOA

NA NOVA IMPRESSÃO DE JOÃO BAPTISTA MONIZ

DESA DA RUA DAS VAREJAS N. 155

1818

Com faccetta do R. Instituto de Lyceo

INTRODUCCÃO.

OSERVADOR PORTUGUEZ.

NÚMERO I.

A UTILIDADE dos Jornaes, e Periodicos he geralmente reconhecida. Elles propagão as luzes na Classe menos instruida das Nações; prestão de quando em quando aos sabios attendiveis projectos; e são (digamo-lo assim) o canal, porque as sciencias entre si commercião. A elles devem a França, Inglaterra, e Alemanha grande parte de seu lustre literario. Porém este genero de escripta tem sido entre nós sobejamente desprezado, pois todos os nossos Periodicos não tem até agora contido (com mui raras excepções) mais que novidades politicas. Nós pois seguindo outro norte, tentamos fazer hum Jornal puramente Literario, e Scientifico, extractando nelle tudo quanto nos parecer mais interessante em antigas, e modernas composições; tendo especialmente em vista, a Moral, e os Bons Costumes, que fórmão, com a Religião, as unicas bases sólidas, e permanentes da felicidade dos Estados. Oxalá que nossas forças correspondão ao nosso desejo, e que os Eruditos da Nação se dignem ajudar-nos, remettendo ao Editor algumas das suas Produccões, que neste Jornal serão fielmente inseridas.

INTRODUÇÃO

A utilidade dos jornais, e Periodicos de geralmentre reconhecida. Elles propagão as luzes na Classe menor instruida das Nações; prestão de quando em quando aos sabios attendidos projectos; são (digamos-lo assim) o canal, propriamente as sciencias entre si communicadas. A elles devem a França, Inglaterra, e Alemanha grande parte de seu juizo literario. Porém este genero de escripta tem sido entre nos sobejamente desprezado, pois todos os nossos Periodicos não tem até agora contido (com poucas excepções) mais que novidades politicas. Não pois seguindo outro norte, tentamos fazer hum Jornal puramente literario, e scientifico; e estando nelle tudo quanto nos parecer mais interessante em artes, e modestas composições: tanto especialmente em vista da Moral, e os Bons Costumes, que fórmão, com a Religião, as únicas bases sólidas, e permanentes da felicidade dos Estados. Ora, se que nosas forças correspondão ao nosso desejo, e que os Editores da Nação se dignem ajudar-nos, remettendo ao Editor algumas das suas Produções, que neste Jornal serão fielmente inseridas.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO I.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos insectos nocivos ao homem, seu veneno, e antidotos.

ESCORPIOENS, OU ALACRÃOS.

[SCORPIO.]

Caracteres fisicos. Estes insectos, com queixos, e sem azas (*Gnathapteros*), tem a cabeça reunida ao thoracete, com oito pés, e nenhum no abdomen (*Arachneidas*). Conhecem-se facilmente pelo abdomen prolongado em huma longa cauda articulada, terminando em hum gancho agúdo, e movel, cujas picadas são mui dolorosas: tem debaixo das mandibulas grandes palpos, muito mais cumpridos, do que as pernas, terminados em huma garra semelhante á dos *Lagostins*; oito olhos simplices na cabeça; e duas partes figuradas como pentes, situadas debaixo do corpo, por detrás das oito pernas. Os Escorpiões não tem antenas, vivem nos lugares obscuros, nutrem-se de outros insectos, e não habitão nos paizes frios. *Cuvier* distingue tres pecies:

I.^a *Escorpião da Europa* (*Scorpio Europæus*). Tem o comprimento de huma, ou duas polegadas, as garras ovaes, e unguulosas, os pentes com dezeseis dentes: he muito commum na Italia, nas regiões meridionaes da França, e o ha em Portugal.

II.^a *Escorpião da Africa (Scorpio Afer)*. He mui grande, e de garras pellulas, em fôrma de coração.

III.^a *Escorpião da America (Scorpio Americanus)*. He delgado, de garras tenues, filiformes, etc.

Ação venenosa sobre a economia animal. O veneno dos Escorpiões reside em huma empola membranosa, de fôrma oval, situada na extremidade da cauda. A picada deste insecto produz no homem simptommas varios em razão da grossura do animal, e do clima a que pertence: em geral, he muito mais perigoso nos paizes meridionaes.

1.^o *Boutins* diz que o grande Escorpião das Indias constitue em demencia as tristes victimas, que fêre.

2.^o *Mallet* observou em Tunes que duas pessoas picadas por hum grosso escorpião, experimentarão simptommas graves, que sómente cedêrão ao uso do alcali volatil. (*Société Royale de Médecine, tom. II. pag. 315*).

3.^o Hum adulto, de Montpellier, foi picado por hum Escorpião na parte inferior da coxa esquerda. A principio foi menos sensivel a esta picada do que teria sido á de huma Abelha. Na manhã seguinte experimentou grande tensão com sensibilidade até ao meio da coxa, acompanhada de vermelhidão eresypelatoso. O lugar da picada se achava de côr vermelha mais carregada, tirando para negra, de quatro, ou cinco linhas de diametro, e sem fôrma regular. Não houve effusão de sangue, os simptommas permanecerão seis a sete dias, e se dissiparão espontaneamente, sem mais applicação que a da saliva: a nodosa local durou quinze dias. (*Notice des insectes de la France réputés venimeux, par Amoreux, 1789, pag. 199.*)

4.^o *Maupertuis*, que fez grande número de experiencias sobre este objecto, certifica que a picada dos Escorpiões do Languedoc pôde ser mortal, mas que este effeito acontece raras vezes. Entre grande número de Cães, e Gallinhas picadas por estes insectos, morreo hum só Cão, que tinha recebido no ventre tres, ou quatro agulhoadas de hum Escorpião encolerisado. Tornou-se muito inchado huma hora depois de ter sido ferido; cambaleou,

e depoz quanto tinha nas primeiras vias ; cahio em convulsão , mordeo a terra , arrastrou-se , e expirou no fim de cinco horas. (*Académie des sciences année 1731*).

5.º *Matbioli* diz que os Escorpiões são venenosos na Etruria , menos no restante da Italia , e nada absolutamente nas terras de Trento.

6.º *Amoureux* excitou combates entre o Escorpião , e diferentes especies de Aranhas ; provocou a cólera deste insecto contra as Vespas , Moscas , Staphilnios , Caracões , Lagartixas , Ratos , etc. Este sábio observador conclue de inumeraveis experiencias , que os symptomas mais frequentemente consecutivos á picada dos Escorpiões , se podem reduzir aos seguintes : 1.º Huma noda vermelha , que se augmenta algum tanto , enegrece ligeiramente no centro , e he ordinariamente seguida de dôres , inflamação mais , ou menos consideravel , inchação , e algumas vezes pustulas : 2.º Alguns individuos experimentarão febre , calafrios , e entorpecimento : 3.º Tambem se tem observado vomitos , soluços , dôres por todo o corpo , e tremores.

Analyse chymica. Ainda não existe analyse do veneno do Escorpião. *Haltcebt* observou que a agua fervente apenas dissolveo vestigios imperceptiveis da materia membranosa , que cobria o corpo de hum grosso Escorpião da Africa ; ella parecia ser da natureza da albumina coagulada. (*Ann. de chym. de Crell*, 1801, *cab.* 10, *pag.* 329).

Antidotos , e soccorros. Convém adaptar os meios de tratamento á natureza dos symptomas que , se manifestão. Deve-se empregar o *alkali volatil* interna , e externamente ; e as plantas da familia das cruciferas (a cochlearia , cochlearia officinalis ; os agriões , *sisymbrium nasturtium* ; o mastruço , *lepidium sativum* ; a raiz de rabanos rusticos , *cochlearia armorocia* ; a semente de mostarda negra , *sinapis nigra* ; as folhas de allearia , *erysimum allecaria*). Os topicos adocçantes , e emolientes são vantajosos para dissipar o estado inflammatorio : não deve esquecer a propriedade relaxante dos oleos ; qualquer linimento , póde ser saluifero.

Continuar-se-ka.

ARTIGO II.

LITERATURA.

Eloquencia.

Eloquencia he o talento de infundir com rapidez, e com força na alma dos outros, aquelles sentimentos, de que estamos profundamente entrados. Dizemos, que he talento, e não arte, porque ella he hum dom da natureza, que nem estudo, nem exercicio nos podem procurar. As regras são hum freio para o genio, quando se desmede, e não hum facho para alumiar aos seus vãos; e seu unico prestimo he embargar que os rasgos verdadeiramente eloquentes se desfigurem com outros, que o não são, ou proveirão da negligencia, ou nasção de depravado gosto. He raro que a hum Orador bem penetrado do sentimento, que quer influir no ouvinte falhe a conveniente expressão, e todo o apuro que pozesse em exprimi-lo só concorreria para affrouxa-lo. Não he porém de necessidade, que o Orador, quando compõe sinta a agitação, que se propõe a exercitar. Nossa alma tem duas molas, porque se move, o sentimento, e a imaginação; a primeira tem de certo mais força; porém a segunda pôde bellamente suppri-la, e prefazer as suas vezes. Por meio della não só hum Orador fará borbulhar as lagrimas do seu auditorio, mas até pranteará com elle sem ter verdadeira afflicção.

Se o fim da eloquencia he transfundir para a alma dos outros o movimento, que nos anima; segue-se que n'hum grande assumpto quanto mais singello fôr o discurso, tanto mais será eloquente, porque a grandeza da idéa sempre debaixo de qualquer fórma subsiste, e não ha idioma, que se negue á natural, e simples expressão de hum sentimento sublime.

Para conhecer-se o partido, que podemos tirar das regras, que os antigos sobre a elocução nos deixárão, cumpre observar, que consistindo propriamente a eloquencia em rápidos, e vivos rasgos, seu effeito he commover vivamente, e toda a commoção, sendo prolongada, enfraquece. Não pôde pois a eloquencia reinar

em longos discursos senão por intervallos. Tanto o Orador, como o Ouvinte necessitam de pausa, em que descansam, porém nestas deve quem ouve respirar, e não dormir; são os tranquillos encantos da elocução, quem deve entrete-lo naquella situação agradável; por isso as regras da elocução só devem empregar-se naquelles lugares, que não são propriamente eloquentes, e em que a natureza do auxilio da arte carece, o homem de genio póde cahir no estylo languido quando o não ajuda o assumpto, e he esse o caso, em que deve curar da sua elocução. Todas as vezes que ella tenha a exprimir coisas grandes, per si, e sem que a procure se lhe apresentará a conveniente elocução.

A elocução tem duas partes, que he preciso distinguir bem, a dicção, e o estylo: a dicção, restrictamente fallando só diz respeito ás qualidades grammaticaes do discurso, correcção, e clareza: O estylo comprehende a propriedade dos termos, a nobreza, e a facilidade. Perlustremos successivamente estes diversos objectos.

Bem que a correcção seja tão essencial qualidade, que he escusado recommenda-la, não deve com tudo o Orador constituir-se tão restrictivamente escravo della, que venha a damnar a necessaria vivacidade do discurso, ligeiras faltas são então feliz liberdade; ser incorrecto he defeito, porém o ser frio he vicio. A clareza consiste não só em evitar todas as construcções ambologicas, as frases sobrecarregadas de idéas accessorias, mas tambem os torneios epigramaticos, em cuja finura não póde cahir a multidão: e o Orador nunca deve perder de vista, que he ella a quem deve commover, arrebatat, e persuadir.

Além da clareza, e correcção puramente grammaticaes, e que só dizem respeito a dicção, ha outra casta de clareza, e correcção não menos essencial, e que pertencem ao estylo. Consistem estas na propriedade dos termos, que he o verdadeiro distinctivo dos grandes Escriitores, e que põem sempre seu estylo a nivel do assumpto, que tratão; da propriedade dos termos nascem a exactidão, a elegancia, e a energia segundo a natureza das materias, sobre que se discursa, e dos objectos, que se devem pintar; a exactidão nos assumptos de discussão; a elegancia nos objectos agradaveis; e a energia nos grandes, e patheticos. Estas qualida-

des dando conveniencia ao assumpto necessariamente o enobrecem.

Passemos á harmonia hum dos mais necessarios ornatos do discurso oratorio. Bem que nossa prosa, e poesia sejam menõs susceptiveis de harmonia, que a poesia, e prosa dos Gregos, e Latinos, não deixão com tudo as linguas modernas de ter, humas mais, outras menos, certa melodia, que lhes he propria. Duas coisas ledão o ouvido no discurso o som, e o número pela coherencia musical dellas. He difficil que hum Orador, que tenha hum tympano tonico (1) possa enganar-se sobre estes dois pontos. A simples pronunciação lhe fará distinguir as palavras brandas e sonoras, das que são asperas, e surdas, e pelo mesmo modo as palavras, cuja liga não he harmoniosa, e facil daquellas cujo maridamento he duro, e escabroso. Ha porém na harmonia outra condição não menos importante que a escolha, e coherencia das palavras, e que pede o ouvido mais exercitado, e melindroso. Consiste em não haver nímia desigualdade entre os membros de humia mesma frase, e em não fazer os ultimos membros demasiadamente mais curtos do que os primeiros; em evitar tanto os periodos muito longos, como as frases mui suffocadas, e por assim dizer semi-abertas; o estylo, que faz perder a respiração, e o que a cada passo obriga a toma-la, em saber enlaçar os periodos redondos, com outros menos sustentados, que servem como de repouso aos ouvidos. Parece incrível quanto hum voz mais, ou menos longa, no fim de humia frase, hum grave, hum agúdo, ou hum estruxolo, e ás vezes humia syllaba de mais, ou de menos diverseficação a harmonia! A collocação harmonica das palavras, não póde ás vezes conciliar-se com a codlocação logica das idéas. Que partido deve em taes casos tomar-se? Hum Filosofo não hesita, a razão he sua Mestra, e até a sua Tyranna. O Orador porém tão ligio ao ouvido, quanto o Filosofo á razão segundo a oportunidade dos casos ora sacrifica a harmonia, ora a exactidão: a harmonia quando quer fazer impressão com as coisas; a exactidão quando quer seduzir com a expressão, mas estes sacrificios devem sempre ser raros.

(1) Uso desta palavra na accepção, em que a usão os Compositores Musicos.

Por muito agradavel , que a harmonia seja em si mesma , baixará muito seu valor , quando ella só se empregue em adornar hum estylo laxo , e difuso. O estylo cerrado , não sendo descozido , nem obscuro , tem o maior de todos os meritos , que he assemelhar o discurso á marcha do espirito. Acontece muitas vezes ser tão escuro fugindo da concizão , como buscando-a ; perde-se muitas vezes o caminho , pertendendo tomar pelo mais longo : o verdadeiro modo de chegar ao termo , he procura-lo pela estrada mais breve , huma vez que por ella se vá andando , e não saltando de hum lugar para o outro. Não está pois a brevidade em omittir idéas necessarias ; mas em pôr cada huma em seu lugar , e em exprimi-la com os termos mais proprios , por este modo terá o estylo o dobrado merito de conciso sem fadiga , e de claro sem laxidão.

Não basta tambem que o estylo do Orador seja claro , correcto , nobre , harmonioso , vivo , e cerrado , cumpre igualmente que seja facil , e corrente , isto he , que nelle não ressumbre nem fadiga , nem cansaço. Nada mais opposto ao estylo facil ; e por consequencia ao bom gosto , que linguagem carregada de metaphoras , e anthiseses , que as Academias tem , não sabemos porque , adoptado , e que por isso se chama : *Estylo Academico*.

A R T I G O III.

P O E Z I A.

A' perda d'El-Rei D. Sebastião.

C A N Ç ã O.

Voz de pezar , e canto de gemido
 Espirito de medo envolto em ira ,
 Começo amargo faço á memoria
 D'aquelle fatal dia aborrecido ,
 Sobre que Lyzia misera suspira ,
 Despida de valor , falta de gloria ;
 E a lamentosa Historia ,
 Assombre com horror tristonho , agreste ,

Desde o Africo Atlante á Zona ardente,
 The onde de outra côr Neres se veste,
 The onde se limita o rubro Oriente,
 E seus vencidos povos já tem visto
 Sacras Bandeiras tremullar de Christo.

Ai desses, que passárão confiados
 Nos fogosos Ginetes, e abundança
 De seus carros a ti, Libia deserta,
 Desdenhando elevar sua esperança
 A Eterna luz! Mas com soberba certa
 Se agourárão a incerta
 Victoria! A Deos os olhos não volvêrão
 E, erguido o collo, o coração uffano,
 A vista nos despojos só tiverão!
 Mas a mão, de Israel o Soberano,
 Abre, e os deixa!..... No atroz despenhadeiro
 Cahio Carro, Cavallo, e Cavalleiro!

Veio o dia cruel, o dia cheio
 D'ira, d'indignação, e de furores,
 Que pôz em soledade, e fundo pranto,
 De gente, e de prazer, o Reino, alheio;
 Confuso ao Ceo negou seus resplendores,
 O Novo Sol, presago de mal tanto;
 E, com tremendo espanto,
 Sobre seus males visitou o Eterno,
 Para humilhar os fortes, e arrogantes:
 Aos Barbaros soprou valor superno,
 Porque, com peitos bravos, e constantes,
 Não busquem oiro, mas com ferro irado
 Vinguem a torpe offensa, error culpado!

Os ímpios, e robustos indignados
 'As ardentes espadas apontárão
 Nuas á claridade, e formosura,
 De teu valor, e gloria; e, não cançados

Com tua morte a honra te afeiárão,
 Mesquinha Lusitania sem ventura,
 E, com frente segura,
 Rompêrão sem temor com fero estrago
 Tuas armadas Hostes, e braveza;
 A areia se tornou sanguento lago,
 A planicie com mortos aspereza,
 Cahio em huns denodo, e valentia,
 Mas em outros o medo, e a cobardia.

Ai! São estes acaso esses famosos
 Intrepidos, beligeros Mavortes,
 Que enchêrão de pavor inteira a Terra?
 Que açoitárão Imperios poderosos?....
 Que domárão terríveis Nações fortes?....
 Que pozerão deserto em crua guerra
 Quanto o mar Indio encerra?....
 E as soberbas Cidades arrazárão?....
 Onde o impavido peito?.... onde a ouzadia?....
 Como assim se perdêrão, e acabárão
 Tantos nobres guerreiros n'um só dia?....
 E, distantes da patria derribados,
 Não forão justamente sepultados?....

Assim estes já forão qual formoso
 Cedro do excelso Libano, vestido
 De ramos, folhas com frondente alteza;
 As aguas o creárão poderoso
 Sobre empinadas arvores crescido;
 E se multiplicárão em grandeza
 Seus troncos com belleza;
 Aves, que o Ceo sustenta, fabricárão
 Ninho na basta copa, que estendia;
 As feras sobre as folhas procreárão,
 E a muita gente foi coberta umbria,
 Nem pela elevação, e formosura
 Outra arvore igualou sua figura?

Mas elevou-se co'a verdosa cima,
 E nescia presumpção inchou seu peito, (1)
 Desvanecido todo, e confiado
 Sómente a sua altura dando estima,
 Por isso Deos o derrubou desfeito;
 Ao barbaro estrangeiro abandonado
 Pela raiz cortado!

Que opprimido dos montes arrojados,
 Despido já de folhas, troncos, tudo,
 Fugirão delle os homens espantados,
 A quem na basta sombra déra escudo;
 E sobre os ramos, e ruina as vafias
 Se apozentarão aves, e alimarias!

Tu, Lybia infausta, em cuja secca areia
 Morreo vencido o Reino Lusitano,
 E sua feneceo briosa gloria;
 Oh não te alegres de ufanía cheia!
 Porque esse braço inerte, vil, tyranno
 Ganhou sem esperança tal victoria
 Indigna de memoria,
 Que, se justo pezar move a vingança
 Alguma vez o Hesperico ardimento
 A offensa pagarás com dura lança
 Toda despedaçada, entregue ao vento;
 E Luzo amedrontado ao Mar immenso
 Pagará de Africano sangue o censo.

De D. Fernando de Herrera,
 e traduzido por
 J. M.^a DA COSTA E SILVA.

(1) Não se admirem os Criticos de agua morna do peito deste cedro; pois o Poeta, nutrido com a leitura dos Livros sagrados, com generosa usadia passára para a sua lingua os atrividos Tropos da Poezia Hebraica.

A Marcia.

ODE ANACREONTICA.

O Sol, que, nascendo, espalha
Profuzo seu resplendor,
Lembra-me os olhos de Marcia
Cheios de tão vivo ardor.

As aguas daquella fonte
Dos penedos debruçadas
Lembrão-me as tranças de Marcia
Por seus hombros espalhadas.

Aquella nivea açucena,
Que junto a huma roza vejo
Lembra-me as faces de Marcia
Quando as córa hum terno beijo.

O rubro fragrante cravo
Que na verde haste pompeia,
Lembra-me os lábios de Marcia,
Que a saude purpureia.

O colo daquelle Cisne
Magestosamente erguido,
Lembra-me o colo de Marcia,
Que deixa o marfim vencido.

Aquella estatua de Venus,
Que formou destro Escultor
Lembra-me o corpo de Marcia
Talhado por mão de Amor.

Phylomela, que trinando
Exprime meiga ternura,
A voz de Marcia me lembra
Toda cheia de doçura.

Tudo de Marcia me falla,
Vejo em tudo a minha amada,
E de amorosos Phantasmas
Anda minha alma cercada.

Deos de Paphos! . . . Compassivo
Restitue-a ao terno amante,
Largos dias de tormento,
Esquecerão n'um instante.

J. M.^a DA COSTA E SILVA.

A R T I G O I V .

CRITICA.

*Juizo sobre as Obras Dramaticas de Guilherme Congreve, Poeta
Inglez, tirado de hum Jornal de Inglaterra.*

„ Congreve, (diz o Dr. Johnson, Crítico que tem o maior
„ merecimento). He hum Escriptor original, o qual não imi-

„ tou a ninguem nos modellos das suas intrigas, nem na ma-
 „ neira do seu dialogo. Elle he o Author de quatro comedias,
 „ huma tragedia, e duas pequenas peças. A sua primeira Come-
 „ dia foi = O velho solteiro = escripta quando o Author ti-
 „ nha dezanove annos de idade. Dryden declarou que elle na sua
 „ vida não tinha visto comedia igual, sendo a primeira, e o públi-
 „ co o testemunhou com huma geral approvação. Se me pedissem
 „ para escolher de toda a maça da poesia Inglesa o mais poeti-
 „ co paragrafo, eu não sei o que podia preferir a huma exclam-
 „ ação que ha na sua tragedia a Noiva de Luto.

„ No, all is hush'd, and still as death — Tis dreadful!
 How reverend is the face of this tal pile;
 Whose ancient pillars rear their marble heads,
 To bear aloft its arch'd and pond'rous roof,
 By its own weight made stedfest and immoveable,
 Looking tranquillity! It strikes en arre
 And terror on my aching sight: the tombs
 And monumental caves of death look cold,
 And shoot a chillness to my trombling heart.
 Give me thy hand, and let me hear thy voice,
 Nay, quickly speak to me, and let me hear
 Thy voice, — my onw affrights me with its echoes. „

Ah não. Tudo em silencio jaz quieto,
 Como a lugubre morte... tudo horrivel...
 Oh, como he veneranda, a triste base,
 Em que antigas columnas levantando
 As marmoreas cabeças, nos seus hombros
 Longo sustentão arqueado tecto,
 A quem seu pezo a faz mais firme, e immovel,
 Imagem da fatal tranquillidade!...
 Que respeito, e terror tudo apresenta
 A meus olhos miserrimos!... As campas,
 Os monumentos, horridas Cavernas
 Da inexoravel Parca, frias jazem;

E de igual gêlo rígido revestem
 Meu coração já trémulo... A mão tua
 Dá-me agora, mas ah! Deixa que excute
 A tua voz sómente... Falla, falla
 A toda a pressa; a tua voz me anime;
 Que a minha com seus éccos me perturba.

POR C. I. DO R. G.

Traducção da passagem acima pelo Traductor da dita tragedia, cuja traducção se imprimio em Lisboa na Offcina de Francisco Borges de Souza, anno de 1788. A dita passagem he do acto 2.^o scena 3.^a, que se póde consultar a differença das duas traducções.

..... Não: jaz tudo
 Mais calado que a morte... Sitio horrendo!
 Que terror não me excita o vasto templo
 C'o as marmoreas columnas, que sustentão
 O magestoso tecto! Frio medo
 O meu coração trémulo traspassa.
 Os horrorosos fúnebres jazigos
 Da morte a voz no peito me congelão...
 Eu desfaleço... Leonor... sustem-me,
 Deixa-me ouvir a tua voz, que a minha
 Com seus éccos me assusta.

A R T I G O V.

HISTORIA.

Catillina.

O nome de Catillina basta para despertar a idéa de hum malvado. Querer sugeitar a Patria; assassinar os seus Concidadãos, não foi o primeiro de seus crimes, nem talvez o maior. Tinha este preverso, hum irmão virtuoso, que não podendo accommodar-se com o seu modo de proceder o reprehendia de seus excessos; o monstro fatigado de seus conselhos, e advertencias tomou o abominavel partido de lhe dar a morte. Dois proveitos tirava deste

delicto, desembaraçar-se de hum censor importuno, e apossar-se de huma herança, que seus desmanchos lhe tornavão necessaria, matou-o pois, e receando o justissimo castigo de semelhante acção, foi ter com Sylla, e lhe pedio, que pozesse seu irmão na Lista dos Proscriptos, para não ter cabimento o devassar-se sobre aquella morte. Sylla, que então inundava Roma toda de sangue não teve dúbida em mais hum crime, e se tornou cumplice do fraticida. Catillina galardoou a sua condescendencia com outra abominação: procurou Marco Mario, que era do partido opposto a Sylla, apunhalou-o, e cortando-lhe a cabeça, veio apresenta-la na Praça Publica; e foi depois lavar as mãos nas aguas lustraes, que estavam no templo de Apollo, na mesma Praça situado.

Erão na verdade bem dignos de lastima os Romanos, pois tinham Comterraneos, que ousavão faze-los testemunhas de semelhantes atrocidades!

A R T I G O VI.

GEOGRAFIA.

Descripção da Africa.

(*Parte Maritima.*)

Por duas partes he a Africa rodeada de mar: pelo Levante desde a Syrte menor, até ao Promontorio Hermeo, ou de Mercurio, chamado hoje Cabo Bon; pelo Norte desde este Promontorio até aos limites da Numidia. Seu nome se reconhece no de Frikia, que ficou ao Cantão principal do Paiz, que atravessa o Bragadas para ir desaguar no mar: deve tambem notar-se, que o nome deste Rio pouca alteração soffre no actual de Megesda. Cumpre tambem ajuntar que huma linha de separação entre a Provincia da Africa, e Numidia parece dada pela que igualmente separa o Reino de Tunes; e de Argel. O paiz adjacente á syrte distinguia-se pelo nome de Byzacio; tambem lhe davão o de Emporiae, e com effeito sua grande fertilidade em grãos podia fazerlo olhar como hum deposito de subsistencias, a que por mar se abordava. Havia tambem alli huma Cidade do mesmo nome de

Byzacio, cujo empraçamento faz a Geografia Arabe reconhecer em Beghni. Correndo as Cidades maritimas desde a Syrte, que primeiro se apresenta na ordem, que nos propomos de levar, Macomades, com o sobrenome de *minores* para distinguir-se do lugar do mesmo nome, que ha sobre a grande Syrte, he o que hoje se chama el-Mahrés. Thenæ conserva o nome de Tainch, e Sfakes, que he actualmente a mais frequentada escalla desta Costa, parece substituir Taphrum. Este nome, que parece derivado do termo Grego Taphros, designando huma cova, ou fosso, talvez alluda ao que Scipião fez abrir para demarcar o paiz concedido aos Reis de Numidia, até Thenæ, cuja posição se notará ser immediatamente visinha a Taphrura. Mais para além, Cercina, que estreito canal entremeia de hum Ilheo, conserva o seu nome no de Kerkeni. Posto que só no Reinado de Justiniano se faça menção de Caprituada, não pôde haver dúbida em dizer, que a ponta denominada Capudia no-lo indica. Hum pouco distante do mar, o Engal chamado El-Jem corresponde a posição de Thysdrus. Huma península, em que hum Principe, que blasonava de vir de Mahomet por Fatima construiu no seculo X. huma praça com o nome de Mahdia, a que os Francos chamão Africa, parece ser o sitio de Turris Annibalis, donde este famoso Carthagüenez, sempre temido dos Romanos, partio, deixando a Africa, para accolher-se na Asia. Nesta parte da Africa pelos Arabes conquistada desde o primeiro seculo do Mafomismo a posição do Kaiwan desviada do mar, e que Oeba, que fez esta conquista, escolheu para residencia dos Governadores debaixo da authoridade dos Califas se conjectura ser o Vicus Augusti da antiguidade.

Continuando a seguir a Costa, Tapsus, que huma grande victoria, ganhada por Cezar tornou memoravel, deixa perceber seu nome em hum lugar chamado Demsas, o mesmo se diz do nome Lemta a respeito de Laptis, que apezar da distincção de *minor*, em relação a Tripolina, não era de pouca monta. Hadrumetura, cujo nome tambem se esreve sem aspiração, occupa hum dos primeiros lugares entre as Cidades de Bysacena, ignoramos seu actual estado, mas hum lugar visinho mencionado posteriormente com o nome de Cabas Susis existe com o nome de Susa. Conhece-se bem Horrea Cælia na denominação vulgar de Erklia.

Segue-se o paiz do Zaugitan, sem que se saiba que com este nome correspondeo pela parte terrestre, e maritima ao Departamento que depois se chamou Proconsularis. Fica depois hum lugar, que com o nome de Grasse, ou Jerardi foi no tempo dos Vandalos hum palacio circundado de deliciosos jardins. He sabido, que obrigados os Vandalos a ceder toda a Hespanha aos Wisigodos, invadirão a Africa, até ao tempo de Justiniano, que a conquistou. Sobre a costa Hammamet indica por este nome as Aquæ Calidæ deste cantão. Conhece-se huma Noapolis em Nabel, Curubis em Gurbes, Clypea em Aklibia, cuja posição he immediatamente seguida do Hermæum Promontorium. No fundo do Golfão, que este Promontorio lemita por hum lado, hum lagôa, de apertado emboque, e chamado pelos Turcos Goleta, penetra até Tunes, ou Tenatum, que, arruinada Carthago, ficou a Cidade dominante. Hum ponta, que alongando-se da Goleta, em meia lua se curva, que se chama Cabo de Carthago, pertence a huma Península, que era o assento desta famosa Cidade, mas que ora he hum terra quasi isolada, porque o mar, recuando descobrio hum grande clareira, entre a ponte de que fallamos, e Porto Farina, junto a hum Promontorio, que fecha o lado do Golfo opposto ao precedente. Segue-se hum Istmo de 25 estadios, ou tres milhas de largura, que unia a Península ao Continente, e o que sobre o lugar que ainda se chama El-Marza, isto he o Porto dista da Praia actual. O circuito de 360 estadios dado a esta Península, pareceria convir em medida de estario mais curto a 24 milhas, que são dadas a hum vasto circuito, que fexava a Cidade, e os Portos. Tinha sobre huma eminencia huma Cidadela chamada Byrsa; e hum porto interior escavado a braço humano, como o nome de Cothon parece designar. Fundada pelos Tyrios, o nome de Cartheda, que elles lhe derão significava em Phenicio, Cidade Nova. Este nome nos Escriptores Gregos não he como nos latinos Carthago, mas Charchedon. Foi destruida por Scipião o Moço em 146, restaurado por Augusto e arrazado pelos Arabes no 7.º seculo.

Deitando para Utica, depara-se o Bragadas, que outro tempo correo mais perto de Carthago; pois tendo mudado de curso para passar sub a antiga posição de Utica, era della separado pelo assento de hum campo, que a vantagem de sua situação fizera

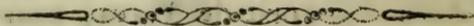
escolher pelo primeiro Scipião, e que citado na Historia com o nome de Castra Cornelia. Utica, que nos Escriptores Gregos se lê Ithyca, Colonia Tyria como Carthago, foi a Cidade principal daquelle Paiz, que mediou entre a destruição de Carthago, e a morte de Catão, faz-se menção do lugar della com o nome de Sactor na Historia da conquista deste paiz pelos Arabes. O Morgerdá se lançou em hum charco, que outrora separava de Urica, o campo de Scipião, e continúa seu curso até Porto Farina, que está coberto com huma porta, chamada algum tempo Apolinis Promontorium, hoje Ras Zabib. Sobre a Costa que olha para o Norte Hippo Zarytos tirava o sobrenome distinctivo de Hippo Regius, da situação sobre canaes, que davão entrada ao mar para hum largo navegavel de que esta Cidade he visinha, a alteração do seu nome no de Ben-zert, como se encontra na Geografia Arabe, conserva relação com denominação antiga. A ultima Praça, que temos a citar he Trabaca, de que tomou nome a pequena Ilha Tabarca. O Rubricatus de Ptolomeo, e o Tusca de Plinio, parece ser o actual Wad-el-Berber. A considerável Cidade de Vegja, parece ser a que Salustio chama Vacca, e os mais Historiadores Vaga.

(Parte Terrestre.)

Tendo assim corrido a costa, precisa continuar pelo interior. Subindo pelo Bragadas encontra-se Tubúrbo no mesmo nome, e Tucaborum em Tucabés. Outra Cidade de Tuburbo, distincta pelo nome *majus*, e cuja posição se desvia muito da precedente para o Meio-dia de Tunes he actualmente chamada Tubernok. No nome de Vad-el-Bul, que hoje tem huma ribeira, que recebe o Bragadas se conhece o de Bulla, sobrenominada Regia. Pela cercania de Tagasto, Cidade Numida, e patria de Santo Agostinho, se ajuiza da posição de Medaurus, patria de Apulo. O que hoje se chama Urbs, por outro nome Kes, apezar do viajante Inglez o Doutor Shaw tomar estes dois nomes como de duas posições, he Sicca Venerea. Acha-se o nome de Tucca, com antigos vestigios no lugar chamado Tugga mas que não póde ser Tucca Terebintina segundo o Itinerario Romano. Cumpre confessar, que as posi-

ções dadas por Ptolomeo parecem tão desordenadas, que para lhe assignar sitio he preciso seguir as estradas Romanas, de que este paiz Africano abunda mais que qualquer outro nos antigos Itinerarios. A posição de Zuma, lugar memoravel pela derrota de Annibal he dada por immediata a hum lugar, collocado sobre este caminho. Admira vêr que Mufti, que por iguaes meios se colloca no centro da Provincia de Africa, seja nas noticias Ecclesiasticas huma Sé de Numidia, e não da Proconsular. Ammadera he Hedra; Sufétala, Cidade consideravel, a julgarmos por cruzi-lhas de muitos caminhos, acha-se no nome de Sbaitla, falla-se de Septimunia, como situada ao pé de huma montanha chamada Burgaon, que parece hum seguimento do Usaletus, a que se conserva o nome de Uselet.

Mais para o Meio-dia se alonga o que nos resta a precorrer na Provincia de Africa, no que fazia parte da Bysacena; para lá chegar emporta atravessar lugares aridos, e desertos, como o testifica a historia fallando de huma marcha forçada de Mario para surprehender Capsa, que pela dificuldade de se lhe chegar contava Jugurtha como própria para deposito de thesoiros. Conhecemos a sua posição, e seu nome se pronuncia Cassa. Tambem se falla de Thala, com circumstancias, que parecerião convir a posição de Talepte relativamente á precedente, segundo o Itinerario Romano. Devemos ao viajante Inglez, de que acima fallámos, o conhecimento de huma lagôa, dividida em duas por hum vão, que representa sob nomes Africanos de Farooun, e del-Louch, as Paludes chamadas Tritonis, e Libya na antiguidade, e de que a primeira fazia dar o sobrenome de Tritonia a Minerva. O que se conhece debaixo dos nomes de Tosèr, e de Nefta sobre esta lagôa, nos indica as posições de Tisures, e de Nepto. Hum posto militar sobre esta fronteira chamada Turis Tamallaris se encontra no nome de Tamallem, e a Commarca, que actualmente se chama Belled-el-Gerid, ou paiz de gafanhotos.



OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO II.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Los insectos nocivos ao homem, seu veneno, e antidotos.

[Continuado do N.º 1 pag. 3.]

A R A N H A S.

[ARANEA.]

C *Aracteres fizicos.* Estes insectos , com queixos , e sem azas (*Gnathapteros*); com a cabeça reunida ao thoracete, oito pés, e nenhum no abdomen (*Arachneidas*) se distinguem dos *Escorpiões* pelo abdomen oval, oblongo, sem cauda; e pelos palpos parecidos com as pernas, mas terminando de ordinario em clavas nos machos, e contendo os orgãos sexuaes. As aranhas são muito crueis, não poupando mesmo a sua propria especie; algumas são vagabundas; porém a maior parte tecem têas de fios, que tirão de pequenos tuberculos situados debaixo do ano: humas fazem as têas verticaes, circulares, e de malha laça, situando se no centro; e apanhão sómente os pequenos mosquitos: outras as fazem de hum tecido muito apertado, em algum canto obscuro, occultando se em hum cazulo, do qual cahem sobre as moscas. Quando as aranhas encontrão resistencia na sua victima, a ligão com muitas vol-

tas de fio, que apertão á sua vontade; e, depois de chupados seus humores, abandonão seu cadaver: vivem solitarias, e até se aproximão com temor na occasião do coito, sendo algumas vezes neste mesmo tempo devorada aquella, que mais se aproxima. *Cuvier* destingue as seguintes especies:

I.^a *Aranha crucifera das armas* (*Aranea diadema*). He huma das maiores entre as, que fabricão têa circular: sua côr he ruiva, com huma fileira longitudinal de pontos brancos, e pretos, e tres transversaes no abdomen.

II.^a *Aranha das casas* (*Aranea domestica*). He a mais comum das, que fazem têas horizontaes: seu abdomen he oval, com cinco malhas anegradas, e as pernas annelladas de preto, e pardo.

III.^a *Aranha portasaco* (*Aranea saccata*). He vagabunda, caminha pelo chão dos jardins, e faz-se notavel por hum saco de sêda esbranquiçado, que tem prezo debaixo do abdomen, no qual traz os seus ovos, e que' deffênde com grande valor, diligenciando recupera-lo, e prende-lo outra vez quando se lhe arranca.

IV.^a *Aranha avicular* (*Aranha avicularea*). Acha-se na America, e he a maior especie conhecida, havendo-as da grossura de hum punho: persegue os passarinhos, mata os *Pica-flores*, e chupa seus ovos: a sua côr he de hum pardo uniforme anegrado; e tem huma cavidade transversal no thoracete.

V. *Tarantula* (*Arena tarantula*). Acha-se no meiodia da Europa, e mette-se nos buracos, que ella mesma cava em terrenos argillosos: tem malhas triangulares negras sobre o thorax, e o abdomen, e as pernas raiadas de negro.

Acção venenosa sobre a economia animal. Muitas pessoas tem grande medo das aranhas, e côm tudo nada he mais incerto do que as qualidades venenosas, que se lhes attribuem. Se dermos crédito aos escriptos de *Turner*, *Lister*, *Scaliger*, *Flacourt*, *Brogiani*, e outros, as aranhas devêrão ser classificadas entre os animaes mais venenosos; ao mesmo tempo que *Hoffmann*, *Bon*, *Robert*, *Boyle*, etc, querem que nada ténhão de nocivas, e que até se possam engolir impunemente. Com effeito, hum sabio, muito conhecido em París, engolia sem repugnancia as aranhas; ao que, dizia, ter-se acostumado para desassombrar sua sobrinha, á qual inspiravão gran-

de susto. *Redi* havia sido testemunha do mesmo facto. *M. Bon*, que particularmente se occupou das aranhas com o intuito de tirar partido das suas têas, como das do *bixo da sêda*, foi muitas vezes picado por ellas, sem que lhe resultasse o menor damno.

Amoreux certifica que a picada destes insectos he apenas aparente; que a introdução do veneno se manifesta só por huma inchação de côr livida, algumas vezes com phlictenas, que parece annunciarem hum veneno septicó; e julga que os outros symptomas graves descriptos pelos authores, são infinitamente exaggerados.

A *Tarantula* tem sido objecto de inumeraveis narrações fabulosas, filhas da ignorancia, e superstição. Com tudo, authores estimaveis, entre os quaes citaremos *Baglivi*, escrevêrão por extenso sobre os effeitos, que ella produz. Acha-se em alguns que a picada da *Tarantula* pôde produzir huma febre lenta, que só he possível remover dançando além das forças, ao som de timbales, ou de outros instrumentos sonoros; pelo que se observárão muitos desgraçados, com atavios de flores, e fitas, como as victimas, que vão ao sacrificio, correndo as Praças públicas no maior calor do dia, dançando com a cabeça descoberta, e o rosto voltado para o sol, até que a perda total de forças os constituia em hum lethargo profundo; então serem conduzidos pelos parentes em hum pobre leito, e a musica continuar ainda por longo tempo depois que delles tem cessado de a ouvir! Outros authores pertendem ter observado todos os symptomas da febre ataxica desenvolverem-se depois da picada deste insecto.

Serrão, primeiro Medico do Rei de Napoles, desenganou o público longo tempo illudido pelo maravilhoso destes prestigios. Hum se deixou morder pela *Tarantula*, em presença do Conde de *Borch*, sem que resultassem outras consequencias mais do que hum pequeno entumecimento na mão, e dedos, e hum prurido assás forte. (*Amoreux*.) *M. Pulli* observa que o tarantismo he pela maior parte huma enfermidade simulada: tal he o facto de huma mulher fanatisada por certo supersticioso, e que só pôde ser curada por força de ameaças e castigos. (*Alibert, Ellem de therapeut.*, tom. II, pag. 506, ed. 3.^a). *Ferdinand* confessava em 1621, que por espaço de vinte annos, que exercêra a Medicina em Napoles,

não víra morrer hum só individuo da picada da *Tarantula*; porém sustentava que o tarantismo não era huma dœnça fingida.

A mais sabia opinião he que a picada da *Tarantula* não produz phénomeno algum extraordinario, e que seus effeitos são simplesmente locais. Porém he para desejar que se empheenda sobre este assumpto huma serie de experiencias, e observações mais seguidas.

Analyse chymica. Hum denso véo ainda encobre a analyse sobre o veneno destes insectos. Conhecem-se as propriedades maravilhosas, tanto internas, como externas, que se attribuem ás *têas de aranha*, e *Cachet* se occupou da sua analyse. *Oitavas* 7, e *grãos* 13 destas têas fornecerão: sal amoniaco; partes solúveis na agua *oitavas* 2, e *grãos* 36; materia resinosa *grãos* 3; substancia doce, amarga, deliquescente, solúvel em agua, e alcool; extracto de gosto mui picante *grãos* 63; carbonato, e muriato de soda; hum pouco de ferro; silice; alumina; sulphato de cal; materia insolúvel *oitavas* 3, e *grãos* 30. (*Journ. de Lamehrie, tom. 58, pag. 465. Berlin. der pharm., 1805, tom. 3, pag. 165. Alm. berlinois de pharm.*)

Antidotos, e soccorros. Nos casos de invenenamento pela picada das aranhas, deve lavar-se a parte ferida com *salmoura*, ou com huma dissolução de sal marino em agua. Topicamente se applicará a *theriaga*, prescrevendo mesmo o uso interno de huma, ou duas doses desta preparação: as lavagens com *vinagre* podem ser muito salutíferas.

Para combater os effeitos da picada da *Tarantula*, empregão-se os meios locais proprios a acalmar a inflamação, e a intumescencia. Sabe-se quanto a melodia suave da musica, e os cadenciados movimentos da dança, tem sido louvados para curar o *tarantismo*: até se compozirão árias, que se denominarão *tarentolante*, as quaes erão cantadas aos individuos picados por este insecto. Longe o pensamento de negar á musica huma grande influencia sobre as funções vitaes, e sobre o restabelecimento da saude de certos enfermos; porém julgamos que, no caso, de que se trata,

ella só póde ser de utilidade real aos que se acharem absorvidos em profunda melancolia. (*Orfila*). A musica, e a dança são bem capazes de commover o enfermo: he necessario fazer-lhe escutar sons, que o accalmem, que o agitem, que o encantem; e como tudo degenera em abuso, hum tratamento agradável foi transformado em espectáculo. Figurem-se homens, e mulheres, de cérebros affectados, que de concerto com histriões pagos, representão farças lacrimosas, dignas dos espectadores, e dos actores. Suspiros, lagrimas, risadas, e agitações, que chegam a equilibrar com o que ha mais ridiculo: eis-aqui o pertendido tarantismo. (*Amoureux na citada Obra*, pag. 220.)

Diferença das côres, e configuração nos Homens.

Na *especie unica* dos Homens dão-se tão notaveis diferenças de côr, talhe, feições, costumes, e gostos, que alguns Naturalistas, nimiamente precipitados em seus Juizos, chegarão a affirmar que ella se dividia em muitos generos de diversa origem.

He bastantemente conhecida a *Raça Branca*. Hum talhe muito esbelto, e melhor proporcionado, feições mais regulares, huma epiderma mais, ou menos matizada de vermelho, e de branco, a distinguem do resto da especie humana. Desta Raça, he que se dirivão as outras, que não são mais do que a alteração della. Occupa toda a Europa, e aquella parte da Asia, que se extrema com o mar Negro, e o mar Caspio, entre a parte Occidental do mar Glacial, e o Golfo Persico. As Armas, as Sciencias, as Artes, e o Commercio lhe tem sugeitado huma grande porção da Africa, da India, e quasi toda a America. Esta he de certo a mais antiga, mais espalhada, e melhor organizada parte do genero humano. Della tem successivamente nascido as artes uteis, e agradaveis, e todos os talentos, que exigem genio, e gosto.

He igualmente conhecida a *Raça dos Negros*. Ventas largas, e chatas, lábios grossos, huma carapinha lanosa, em lugar de cabellos parecem distingui-la do resto dos Homens tanto, como a côr do Ebano.

A Patria primitiva dos *Negros Simios*, ou Negros de cabello revoltó, e nariz chato está toda debaixo da Zona Torrida, e no nosso Continente. Quantos se encontrão na Europa, na America, e nas Zonas temperadas da Asia, são originarios daquella abrazadora parte da Africa, e da Asia. Esta raça fórma a vigesima parte do genero humano.

Ha tambem algumas Nações de raça negra na Asia, e na Zona Torrida, são porém pouco numeresas, e pouco multiplicadas: e os Mouros, de que abaixo fallaremos, fórmão alli a maior parte dos habitantes Indigenas. A America não tem povo Indigena, que seja de raça preta. Todos os negros que lá se depárão desde o Equador até ás Provincias, que se habitão de Esquimãos, e Patagões, fóráo originariamente para lá transplantados do antigo Continente.

A *Raça Tartara* tem notavel differença das duas, de que temos fallado. Côr azeitonada, feições grosseiras, mais pequenos, e menos abertos olhos, nariz amacacado, e esborrachado, cara redonda, e estatura mediana parecem especialmente caracteriza-los. Desde a parte Meridional do Mogol, e da China até ao Mar Glacial, des do Oby, e o Mar Caspio até ao Japão, e ás extremidades dos Kamschaka, parece a maior parte dos Homens ser de *Raça Tartara*, e he igualmente a esta raça de Homens, á parte que a America parece dever todos, ou quasi todos os Indigenas, que alli se achárão no seculo de Christovão Colombo.

Os Mouros parecem-se com os Negros na côr, que he preta, bem que sejam de hum negro menos tapado, que os verdadeiros pretos. Differenção-se delles por cabello corredio, e fluctuante, talhe mais esbelto, e mais bem proporcionado, e feições menos deformes. Hum Mouro he hum Negro incompleto: Hum Negro he hum Mouro mais escuro. O habitante de Guiné, e da Ethiopia he Negro, o da Barbaria he Mouro sómente.

A Patria primitiva dos Mouros he toda na Africa, na Asia, na Zona Torrida, ou nas Cercanias della. Os que apparecem em outros Paizes, tanto do antigo, como do novo Continente parecem todos oriundos daquella parte da Africa, e da Asia.

Ha na America algumas Povoações Indigenas, cuja côr dá ares da dos Negros, e dos Mouros; porém esta côr he artificial, e não natural. He mui geral entre os selvagens do novo mundo a

extravagancia de pintar-se artificialmente a pelle, e os que de negro a pintão, Negros, ou Mouros á primeira vista parecem; mas não ha hum só Americano Indigena, que seja pretó de sua natureza; e póde olhar-se como hum factó certo serem as pequenas Nações, que na America tem naturalmente esta côr, de origem Africana, ou Asiatica.

Os Americanos Indigenas desde o fundo da Groenlandia até á raia extrema do Paiz dos Patagões são todos naturalmente de huma côr bronzeadá. São tambem notaveis por faltarem a alguns as sobrançelhas, e a barba a todos. » Os Tartaros, e os Chinas tem » quasi o mesmo character (diz o Author das investigações filosoficas sobre os Americanos) com a differença porém de que aos trinta » annos lhe crescer no lábio superior hum bigode em fórma de pincel, » e alguns esporões de cabello na extremidade inferior do queixo, » coisa, que não acontece aos Americanos, que são absolutamente » te inberbes, sem cabello no corpo a fóra o da cabeça. »

A America contemplada nos seus habitantes Indigenas, isto he, naquelles, que descendem sem bastardia dos Povos, que a habitavão em 1492, época fatal do seu descobrimento, não presenta mais do que huma especie de homens, que são todos mais, ou menos trigueiros, ou brozi-côres; e que naturalmente são todos, ou quasi todos de extracção Tartara. » Temos para nós (diz Mr. de » Buffon) que a razão de tal uniformidade nos homens da Ame- » rica provém de viverem todos do mesmo modo. Todos os Ame- » ricanos erão, ou são ainda, selvagens: os Mexicanos, e os Pe- » ruvianos erão de tão fresco civilizados, que não podem fazer » excepção: qualquer que seja a origem destas Nações selvagens, ella » parece ser commum a todos. Todos os Americanos sahem de » huma mesma fonte, e tem até agora, sem maior variação, con- » servado o character de sua raça, pois tem remanescido todos » selvagens, e tem vivido pelo mesmo theor. Seu clima não he » (com pouca differença) tão desigual para o frio, e para a calma » como a do antigo Continente, e estando de pouco estabelecidos em seu paiz, não tiverão as causas, que produzem variedades, sufficiente tempo para operar effeitos mui notaves. »

Os Laponios, e os Esquimãos são os Anões da especie humana, sua estatura não excede de ordinario quatro pés, e meio.

Os Laponios incolizão a parte mais semptemtrional da Europa entre o circulo Polar, e o mar Glacial, e, a fóra a pequenez de seu talhe em nada differem dos demais Europeos. Costumes brandos, e virtuosos, genio servical, alma tranquilla, e limpa de ambição, extremo afferro á patria, d'onde ninguem os arranca sem lhe arrancar a vida, fórmão o fundo de seu character nacional.

Os Esquimãos habitão a costa oriental da America desde a terra do Lavrador entre a Bahia de Hudson, e a Ilha da Terra Nova para 52 grãos de latitude. Todos os Povos, que divagão por esta immensidão de paiz são Anões, e inberbes, vivem como selvagens, sustentão-se da caça, e pesca, tem quasi o mesmo talhe, feições, costumes, e fallão a mesma lingua. Hum Dinamarquez que tinha aprendido afundo o Groenlandio; encontrou huma Tribu de duzentos Esquimãos, fallou-lhe Groenlandez, e elles lhe responderão na mesma lingua, que he o idioma nacional do seu paiz, mas que não tem afinidade, ou analogia com o Tinnoez, com o Laponio, com o Dialecto de Islandia, da Noruega, ou da Samoyedia.

Continuar-se-ha.

A R T I G O II.

P O E Z I A.

A Carlos de Saboia, Duque de Nemours

O D E.

Qual por fragosa senda
Se em Abril desce insolita torrente,
Que levar póde no impeto primeiro
As ledas sementeiras
Com medonho fragor ecco-bramindo;
Aos Ceos o Agricultor se volta, e geme,

Depois em fundo valle
Chama, com ferro, exercitos campestres
Com quem rusticas máchinas arrastra,
Contra a terrivel cheia;
E de immenso terreno hum freio aprompta
Que ao feroz inimigo o curso embargue.

Mas, apenas em frente
 Marachoes deparou, dobra os furores,
 Dobra as espumas, o implacavel rio
 Indomito, estrondoso;
 Despeitos lhe ergue o obstaculo; embravece,
 E quanto encontra, de impeto, derruba!

Então como d'entorno
 De oppressos campos vencedor se espraia!....
 Como a anciada messe, e os sulcos leva
 Nos pavorosos cornos!....
 Como faz abalar remotas selvas,
 A Féra, o Caçador, Pastor, e Armento!....

Tal decorria irado
 Invencivel Mancebo a Gallia ha pouco,
 Quando, entre as armas, d'alto sangue afflicto
 A' vingança voava,
 E, excelso General de santa guerra,
 Pizou da tyrannia os rotos laços.

Vão pois meus novos versos
 Seu glorioso nome armar com azas,
 Porque possa sublime erguer-se aonde
 Aguia a' custo se eleva;
 E s'inda ha hi quem d'honra se enamore,
 Meus Canticos escute, e n'alma os feche.

Ave tímida fogue
 Se das guías as pontas mal lhe toca
 Cruento Caçador; mas, se o vulnerão,
 Pugna o Leão raivoso,
 E por vingar seu fado esgrime as garras,
 Daqui tiraste inclito exemplo, oh Carlos!...

Assim já, fulminando,
 Sobre os Alpes prostrou Plebe guerreira;
 Sobre o Normando Océano deu morte
 A tumida, briosa,
 Regia Milicia, quando, envolto em sangue,
 Contra os bronzeos trovões, troava irroso.

Oh! do Empyrio descenda
 Anjo de Deos, que lhe dirija os passos,
 E do choro Phebeo luz fulgurante
 Em minhas mãos lampeje,
 Com que possa romper a nevoa impura,
 Que no Mundo escurece os claros nomes!

De Gabriel Chiabrera,
 e traduzida por
 J. M.^a DA COSTA E SILVA.

ODE ANACREONTICA.

Notava Lydia attenta
 Flores, que lhe offerece
 O seu jardim herdado,
 Cujos pés humedece
 Com crystal des-lisado
 Huma fonte sedenta.
 Amor, que só intenta
 Mover-lhe alguns pezares,
 Proximos alveares,
 Principios deste damno,
 Com ligeiros talares
 Procura, e furta os meis.
 As abelhas crueis,
 Movidas deste ingano,
 Para tirar vingança

Sem fazer mais tardança,
 Com pontas de diamantes
 Se aprestão sussurrantes.
 Mas, vendo-se frustradas,
 Humas dão volta logo,
 Para as doces moradas;
 Outras, com vago joga,
 Soborear licores
 Vão das nectareas flores,
 E espalhão-se adejando.
 Daquelle iniquo bando
 Huma, que he mais travessa,
 Corre a Lydia formosa,
 Presume-a linda roza,
 E a boza lhe atravessa.

De D. Estevão Villegas, e tradu-
 zida segundo o gosto de me-
 tro, e rima do Author

POR J. M.^a DA COSTA E SILVA.

A R T I G O III.
HISTORIA.*Morte de Wenceslau, Duque de Bohemia.*

Pelo meiado do seculo nono governava Wenceslau a Bohemia com o titulo de Duque; entregava-se aos exercicios de piedade, com hum zelo, que se admiraria em hum particular, mas que não pôde deixar de reprehender-se em hum Monarcha, a quem o Ente Supremo confia o governo de hum Estado, para incessantemente ólhar por seu benesse, e conservação. Wenceslau passava a vida nas Igrejas, e nos Hospitaes, aonde aos doentes aquelles officios fazia, a que dão obra os infimos criados. Drahomita sua mãe concebeo contra elle hum odio implacavel. Esta mulher era idolatra, e tendo figadal aversão aos Christãos, deixára a Côrte em companhia de seu segundo filho Boleslau, que era tão afferrado como ella ao paganismo. Wenceslau era de hum caracter demasiadamente pacífico para que se resolvesse á odiosa medida de abrir perseguição contra os Ethnicos, contentando-se com exhorta-los a deixar hum culto tão opposto á boa razão, para abraçar outro, cuja moral he pura, e verdadeiramente divina. Seu exemplo, e admoestações, juntas com o ardente zelo, e predicas dos Sacerdotes de dia para dia fazião crescer o número dos Christãos, em seus Estados. Vendo sua mãe, que elle aniquillava hum Religião, que ella promovia, tomou a resolução de sacrificar seu filho aos Idolos; e excitou Boleslau a mata-lo, assegurando-o, de que a Soberania sería o premio do seu crime. Boleslau em lugar de sentir todo o horror, que devia inspirar-lhe semelhante conselho dado por huma mãe, prometteo executa-lo, e voltou á Côrte com o abominando intuito de matar seu irmão, e Soberano. O temor, que todos tinham de perder hum tão bom Principe obrigou a muitos dos seus sequazes a descobrir-lhe a traição de Boleslau. Outro qualquer homem teria sentenciado á morte o assassino; porém Wenceslau se contentou de reprehende-lo, e dizer-lhe que se elle fosse Christão não teria tão abominaveis projectos. Ficando Boleslau em liberdade, não servio tamanha brandura senão de lhe augmentar a auda-

cia, e empedreni-lo mais na resolução do fraticídio. Sabendo que seu Irmão ao romper d'alva tinha hido a huma Igreja, congregou muitos malvados, e o esperou em hum passo estreito, por onde devia passar, e tanto que o viô se lançou a elle com a espada nua. Ora Wenceslau era dextro, e vigoroso; fez pé a traz, tirou a espada, parou os golpes do Irmão, e o lançou por terra desarmado. Veio então a piedade pôr embargos á sua cólera, reprehendeo o Irmão novamente, e disse: » Abel não deve matar a Cain » então o ajudou a levantar, e lhe restituiu a espada. Que não devia elle esperar do Irmão depois de tanta generosidade?..... Porém Boleslau era huma alma corrompida, e a brandura, e generosidade de Wenceslau ainda o enviperavão mais. Certa noite, em que este Monarcha estava na Igreja, entrou nella a furto, e o apunhalou. Boleslau era hum monstro, que Wenceslau deveria ter suffocado.

A R T I G O IV.

GEOGRAFIA.

Descripção da Lybia.

A toda a Africa o nome de Lybia, entre os Gregos se applica; mas tomando-o em sentido mais restricto, e na accepção que lhe damos aqui, designa aquelle territorio, que pega com o Egypto pelo Occidente, destendendo-se até hum golfão do Mediterraneo, a que dão o nome da grande Syrte. Esta região foi possuida pelos Ptolomeos, ou por algum Principe desta familia; e, manente o Imperio do Oriente, foi tombada ao governo do Egypto. Duas Provincias se distinguem na Lybia, huma Marmarica, e outra Cyrenaica, chamadas; aquella lemistrophe do Egypto, e esta para a Syria inclinada. A Nação dos Marmaridas tinha dado o nome á Marmarica; e falla-se da dos Adyrmachidas, como vizinha do Egypto. Indo costa abaixo da Lybia, não se encontra lugar de conta até Peretonio. Os Ptolomeos olhavão esta Praça como hum antemural de suas fronteiras, e al-Baretoun, segundo hoje se pronuncia este nome, he contado pelo Grão Senhor, como dependencia de seus dominios Egypticos. Segue-se immediata-

mente Apis, que tambem era lugar Egyptio pelo culto. Toda esta parte compõe em Ptolomeo huma Prefeitura, chamada *Lybia*. Põde suppõr-se que Marcotis, mettida pela terra dentro, he a povoação, que na Geografia moderna se appella Si-wah. Ammon, ou Hammon, que era o Jupiter do Egypto, representado com huma cabeça de carneiro, como em Thebas, tinha seu templo em hum Cantão mais remoto, circundado dos Areaes de Lybia. Este lugar he descripto, pelos Escriutores de antiguidade, como contendo differentes departamentos, e tendo os Ammonianos tido Reis, como consta de Herodoto, sua habitação compunha hum destes departamentos. O que segundo a Geografia actual se denomina Santrieth, parece occupar esta posição. Tornando porém á beira-mar achámos hum lugar chamado Catabathmus magnus, ou a grande descida, e agora em lingua Arabe Akabet-as-solom, que he notavel, porque em alguns Authores antigos faz a divisão da Asia, e da Africa. Toma-se tambem este lugar pelo limite da Marmarica, dando á Cyrenaica, o que immediatamente se segue conforme a extensão, que os Principes, que reinárão em Cyrene podião dar aos seus dominios. Cinco Cidades principaes fazião distinguir a Cyrenaica com o titulo de Pentapolis. Seguindo Ptolomeo he Darnis a primeira Cidade notavel na Cyrenaica, e tem ora o nome de Derne. Lacedemonios, emigrados de Thera, Ilha do Mar Egeo, fundárão Cyrene. Apion, ultimo Ptolomeo, que alli reinou, deixou por herdeiros de seu Reino os Romanos, que da Cyrenaica, e de Creta huma Provincia formárão. A Cidade estava vantajosamente sentada, e, bem que delle distante, era do mar descoberta. Apollonia era o seu porto, que por hoje se chamar Marza-Susa, ou Susush, se vê ser o mesmo que a Susuza dos tempos posteriores, existem alguns restos de Cyrene, e se lhes dá o nome de Curin.

A ponta do continente da Lybia, que entra mais pelo mar, chamou-se outro tempo Phycó Promontorio, e agora se chama Ras-al-Sem, e pelos maritimos cabo Rasat. Ptolomaida, que muitas vezes se confunde com Barce, guarda o seu nome no de Tolometa; e he bem conhecido o de Barca. Teuchira, que no reinado dos Principes Egyptios se chamou Arsinoe, ainda faz conhecer o seu nome no de Teukeia. Segue-se Alriane, que corresponde ao que ho-

je se chama Benegasi. Berenice se faz conhecer em Bernic; não falta porém quem diga, que Benegasi, e Bernic são a mesma Cidade com diverso nome, foi também designada pelo nome de Hesperis, e nella a antiguidade colloca o jardim das Hesperides. O fundo da grande Syrte acaba de determinar esta região. No interior algumas porções de terreno, que como Ammon, e os Oases do Egypto tem no meio de hum paiz arido, e arenoso aguas, e pomares de palmeiras, ou tamareiras, não são desabitadas, assim como Angila, que o mesmo nome conserva. Devemos de muitas obscuras Nações da Lybia exceptuar os Nasamoes, que visinhando com a Syria, erão infames pela piratagem, que exercião nas embarcações, que fazendo naufragio, davão á costa em suas praias, também delles contão que tinham quasi extirpado os Psylos, celebres na antiguidade pela opinião de dominar as serpentes, e de curar suas mordeduras chupando as chagas.

A' Getulia, immediata Lemistrophe da Numidia, e das Mauritaniás succede hum vasto espaço, despido de particulares circumstancias locaes, e que na Carta se chama *Deserta interioris Lybiae*, e vem a ser o grande deserto, que os Arabes, que o dividem em varios Departamentos, chamão Sahra. Os Getulios Negros, Melano-Getuli a occupão na antiguidade, e confina com o que se chama Negricia, que tira este nome, não da raça negra, em geral, mas do rio, que atravessa esta porção da Africa. Os antigos conhecem este rio pelo nome de Niger; e contra a opinião, que delle commumente havia, seu curso dirigido de Poente a Nascente, parecia indicado deste modo em Herodoto, aonde se lê que Nasamões enviados por hum Rei dos Amonianos a descobrir a fonte do Nilo, tinham em seu caminho achado entre o Oriente, e o Occidente hum grande rio correndo assim para o Oriente. A Geografia Arabe indica alguns lagos, chamados mares doces, aonde parece que o Niger o que resta de suas aguas em sua oriental extremidade derrama. Quanto a huma Cidade principal, que Ptolomeo chama Nigira; merece a preferencia aquella onde residirão os Fatimidás, que desde os primeiros tempos do Mahometismo formárão hum Reino neste certão da Africa, e cujo nome he Ghana, Tombut, ou Tomboucton, de que he certo que se falla agora mais, mas cuja fundação por hum Principe sahido da

Barbaria he posterior, e não passa além do começo do século 12. O nome do rio faz apellidar *Negritas* os povos, que habitão as suas margens, e toda a região Negricia. Na parte menos recuada, e maritima se falla dos Autololes, como de huma grande Nação, por quem era inquietada a fronteira Romana da Tingitania. Os Getulios, distinguidos pelo nome de Daras, deixárão seu nome ao Darah separado de Marrocos por hum braço do monte Atlas. Quando aos Pharasios, e Perosios, só delles podemos citar os nomes, e ha mesmo diversidade de opiniões, sobre o sitio, que elles occupavão. Depois de Sala, apresenta Ptolomeo na margem do Oceano hum grande detalhe, que he tão difficil, como inutil de referir ao local. O que elle successivamente indica sob o nome de *Atlas Minor*, e de *Atlas Maior* parece dever applicar-se a Promontorios; o primeiro só póde convir ao Cabo Cantin, em cuja altura elle com pouca differença o fixa, o que he tanto mais digno de observar-se que na latitude do *Fretum*, ou do estreito por 36 grãos está Ptolomeo pecisamente em conveniente posição. O *Atlas Maior* de Ptolomeo a 26 grãos e meio de latitude toma a altura do Cabo Bojador, pelo mesmo ponto de conveniencia, que o *Atlas Minor*.

No entrevallo dos dois Promontorios, hum posto chamado Rusupis póde convir á Azafi, e Mysocoras, e depois Mesgador; e outro lugar notavel sobre esta Costa, e que os Portuguezes chamarão Santa Cruz, dominado por hum Castello chamado Tamara, será Tamusiga. O Cabo de Ger, que cobre huma grande ansa, em cujo fundo está Santa Cruz, póde corresponder ao Promontorio de Hercules, a quem se attribuiu huma expedição por esta parte da Africa. As Ilhas affortunadas, que Ptolomeo põe sobre a mesma linha meridional, e em latitude muito meridional estão pelo contrario mais elevadas em altura, que o Atlas. Canaria deu em geral nome a estas Ilhas. Neves, que sempre cobrem o pico de Tenerif derão a esta Ilha em particular o nome de Nivalia, e o conto de huma arvore, que destilava das ramas agua, como chuva, talvez baptizasse a Ilha do Ferro em Latim com o apellido de Pluvialia, e com o de Ombrios em Grego. Os nomes de Capraria, e Junonia designão Gomera, e Palma. He patente a consideração, que os Geographos dão a Canarias, começando por ellas a contar a longitude.

Além do Bojador, nada he mais notavel que a foz de hum ribeirão, que os Portuguezes chamão Rio do ouro, que póde julgar-se o Solathi de Ptolomeo. Devemos tambem notar o Dourado, rio, que Ptolomeo tira de huma montanha chamada Caphas, e alguma noção do nome de Caffaba para o alto do Senegal, que nada, como já se crêo, tem com o Niger. Cabo Verde, que se segue he sem dúvida o Arsinario; e achando em Ptolomeo huma ponta de terra adjacente distincta pelo nome de Ryssadio não poderemos deixar de notar a sua conformidade com Almadia, ao meridio do Cabo. O Stachir he a Ribeira de Gambeia: o Hesperou-ceras he o Cabo que alçm fica desta Ribeira, e do qual a Costa que até alli, tendendo para o meiodia, olha para o Occidente, olha de repente para o Oriente, como os actuaes conhecimentos positivamente mostrão. Não podemos levar mais longe as noções da antiga Geografia na Costa da Africa em razão da falta de concordancia de Authores. Póde dizer-se summariamente que se falla d'hum seio Hisperico, ou golfo Occidental, das Ilhas Gorgadas, de huma montanha chamada Theon-ochema, ou Carro dos Deuses; e finalmente de Noti-cornu, o Promontório mais remoto, aonde se diz que a frota de Hannon renavegára para Carthago. Mas para dar alguma attenção ás circumstancias locaes acima memoradas, quando se lanção os olhos sobre esta situação hoje bem conhecida, e cuja disposição não admite dúvida, nota-se na ponta Occidental hum Curvatura na praia que contém hum grande número de Ilhas. A unica montanha, que tirando para avante se descobre he Serra-Leoa, a que succede huma ponta de terra prolongada, que chamão Santa Anna, separada do Continente por hum estreito canal, mas de hum feitio que ainda ha bem pouco illudio os primeiros Navegadores Modernos. Em consequencia de huma indispensavel sugeição ao que assim dá a Geografia positiva, he que julgamos dever collocar na Carta do Mundo conhecido dos antigos os objectos, de que fallamos; e os mais remotos da antiga Geografia nestas paragens. Quanto aos Ethiopes Hisperios, ou Occidentaes, cumpre notar, que possuindo as raças Mouriscas quanto comprehende o Deserto até ao Senegal, nas margens deste rio he que propriamente começa a população de sangue negro; que bem se conhece quanto de outro povo Africano difere.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO III.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Differença das côres, e configuração nos homens.

[Continuado do N.º 2 pag. 25.]

TODOS os Pigmeos do Norte da America tem os pés muito pequenos, a cabeça enormemente grossa, o rosto chato, a boca redonda, o nariz pequeno, sem ser esborrachado, a alva do olho amarellada, o Iris negro, e pouco brilhante, o queixo inferior alongado, e saliente além do superior, a côr bronzçada, ou azeitonada. La Peyrere affirma que ha alguns tão negros como os Pretos do Senegal; Davis, Forbisher, Ellis, Egede, e Creas, que mais por tal Paiz se entranhãrão, não dão noticias de tal.

Os Patagões morão na parte mais Austral da America, quasi desde o grão 47 de longitude, até ao Estreito de Magalhães, e Terra do Fogo. São selvagens, sem pêlo, nem barba, e seu talhe quasi iguala o dos Europeos. Ha entre elles algumas Tribus, ou Familias de estatura gigantesca, á qual os Viajantes, que quasi sempre exaggerão, dão até doze pés de altura.

He para admirar que na Europa se falle ha mais de duzentos annos em Gigantes Patagões parecendo ainda duvidosa a sua existencia. As Tabas, ou Familias Gigantescas, de que fallamos, forão vistas no paiz dos Patagões pelo Italiano Picafeffa em

1519; pelo Hespanhol Sarmiento em 1572; pelo Inglez Knivet em 1592; pelo Inglez Ricardo Hankins em 1593; pelo Comodoro Biron em 1764. Grande número de outros Viajantes perulstrarão a Terra dos Patagões, e nunca lá virão Gigantes. Ora parece que daqui resultão duas coisas. Primeira que o Paiz dos Patagões não he geralmente Giganti-fero, como tantas vezes se tem dito, e typographiado. Segunda que realmente ha algumas familias de gigantesca estatura em as terras pelos Patagões habitadas, mas que são muito raras, pois se alguns Viajantes as tem visto, outros, depois de muitas indagações, não poderão dar com elles.

Os Pretos-Brancos, que se encontrão em pequeno número na Africa, na Asia, e na America, não produzem na generalidade dos homens nem huma Espece, nem huma Raça, nem huma Nação, nem huma variedade; porque são meramente individuos de Raça Moura, ou Negra, cuja constituição foi grandemente alterada; e estão para a Raça Negra na razão, em que outrora estavão para a Raça Branca na Europa, e Asia os Leprosos; isto he são Homens abastardeados, e degradados em suas faculdades naturaes. Taes são os Blafardos do Isthmo de Darien, na America, os Dondos da Africa, os Kackerlakes da Asia, tres nomes que não significão mais do que huma mesma classe de Homens, que muitas vezes se reúnem debaixo do nome commum de Negros, ou de Albinos.

Os Negros, (diz o Author das Indagações sobre os Americanos) são sujeitos a certas molestias, ou indisposições, que lhe fazem perder a côr natural; e esta metamorphose, que altera o fundo de sua constituição, e organização, he nelles acompanhada de horriveis symptomas. Seu corpo se incha; sua pelle toma hum branco-de-panno lavado; seu Iris se torna nebuloso, e todos os objectos lhe parecem descoloridos como a aquelles, que na Europa padecem de Ictericia. Sua retina fraca, e morbifica não basta a impressão da luz; durante o dia se fecha de tal modo o bogalho do olho, que parece não ser aberto, e de noite se abre tão sobejamente, que recebem luz bastante para guiãr-se, e ir caçar nas mais espeças florestas. Taes são os Albinos de Africa, America, e Asia.

Conta Strahlemberg que ha na Siberia nas cercanias de Crosnoyar, junto ao lago Janescy, Homens malhados, que se

diz terem nascido de huma mais numerosa Tribu , que hoje está quasi extincta , e que se chama Tigrada , ou malhada. Os observadores modernos , como Gmelin , e o Author das Notas sobre a Historia Genealogica dos Tartaros , depois de infatigaveis pesquisas , e indagações na Syberia , concluem que nella houvera huma Tribu de semelhante nome , porém negão que os individuos de que ella se compunha , fossem todos remendados de negro , e branco , vindo por este modo todo o Phenomeno a consistir em terem havido naquella familia , e seus descendentes alguns individuos sarapintados ; e indagando-se destes se tal variedade lhe provinha de nascimento , ou de molestia , respondêrão , que de huma , e outra causa.

Continuar-se-ha.

Pintura , e Esculptura.

A Pintura , e a Esculptura são duas Irmãs , que não devem separar-se ; sugeitas ás mesmas regras , só diferem pelos materiaes , que empregão para conseguir o seu fim. Nada se offerece no mundo , que estas Artes não possam imitar ; por ellas os mesmos Entes moraes se revestem de corpo. Estas Artes nos apresentam aos olhos os mais reconditos mysterios dos templos , e trazem á luz as paixões , que surprehenderão no interior dos Palacios ; levantarão monumentos á Virtude , e consagrão os homens á Immortalidade. Devem pois o Pintor , e Esculptor folhear os Annaes do Mundo : alli he que seu genio se inflamma com a narração das grandes virtudes , e das famosas emprezas , e he alli que devem colher os assumptos , que tem a tratar. Esta escolha , que se chama , *invenção poetica* depende do Genio , e não póde sugeitar-se a regra. Não corre igual caminho a *invenção pictoresca* , que consiste , escolhido o assumpto , em dispôr o Quadro do modo mais proprio para produzir o desejado effeito , e pôr cada objecto no lugar que lhe convêm , dando-lhe a força , e graça , de que he susceptivel. O objecto principal deve ficar no centro do Quadro , que he o ponto onde mais se emprega a vista. Os outros objectos devem collocar-se em maiores , ou menores distancias , segundo o que mais , ou menos cooperão para a acção , que se representa. Como o Pintor não póde figurar mais do que hum monumento , he necessario que os accessorios do seu Quadro concorram para a acção , que elle re-

presenta, e supprão de alguma sôrte o, que precede, ou segue este instante. Nunca devemos persuadir-nos, de que para bem ordenar hum Quadro basta inventar a mixtão de diferentes membros contrastados com artificio. He verdade que a natureza se grupa, e se contrasta; mas ha paixões, que se não sujeitão a esta Lei. Se os prazeres, e o enternecimento reúnem os homens, o temor, o horror, a desesperação, e o susto os dispersão.

Para fazer que estes objectos saião de hum marmore, ou para os traçar sobre a tella devem o Escultor, e o Pintor marcar-lhe primeiro os contornos. He esta a parte do Desenho, que imita com traços a fórma de cada objecto; mas estes traços devem apresentar a concordancia, que existe entre o todo, e as partes, e as relações, que estas partes tem entre si. Nos monumentos, que nos transmittirão os Gregos, he que os Artistas podem estudar aquellas fórmas grandes, e puras, aquelles expressivos contornos, que nada tem de exaggerado, e aquellas relações, que a bella natureza fornece. A figura inteira tem oito tantos da altura da cabeça, e os braços estendidos tem huma largura igual ao cumprimento do corpo, e assim as de mais partes. Porém poucos Pintores, e Escultores observão exactamente estas dimensões. E com effeito seu uso frio, e lento não convêm a Artes, que requerem muito enthusiasmo. Cumpre porém, que os Artifices tenham hum reflexionado conhecimento destas medidas, e que nos seus principios as tenham estudado desenhando-as. O meio de tornar o estudo das medidas realmente proveitoso consiste em funda-lo no conhecimento dos ossos, que são o Arcabouço do corpo. As Leis da proporção, que a natureza segue nas dimensões do corpo, e dos membros, contém-se na estensão, que ella permite, e são especificadas nos limitados augmentos, que ella concede ás partes sólidas. Por meio destes limitados, e successivos augmentos, he que a natureza evita a uniformidade nas proporções do corpo humano; ella os varia principalmente pelos diversos caracteres, que competem ás diferentes idades. A infancia, a respeito das proporções do corpo não he o exacto diminutivo das subseqüentes idades; não se trata pois para representar hum menino de diminuir o talhe de hum homem, isso seria representar hum pequeno homem. Por exemplo na infancia he a cabeça muito mais grossa, que nas ou-

tras idades, em proporção das outras partes. Aos tres annos cinco cumprimentos da cabeça igualão a altura de hum menino. A proporção de sete cabeças, e meia convêm a hum moço na flor da idade, e cuja educação efeminada prohibio que as fadigas, e exercicios violentos desenvolvessem inteiramente suas faculdades. A proporção de oito cabeças por figura inteira serve para figurar a estatura de hum moço na força da sua idade, e no exercicio das armas. A idade viril caracteriza-se por huma dimensão menos alongada. Esta tenue diminuição he propria para fazer sentir a consistencia, e, digamo-lo assim, o apoio, que ao homem daquella idade deixão tomar seus movimentos mais reflectidos, e menos impetuosos. A visinhança da velhice deve dar hum caracter ainda mais quadrado, que denote o pezo das partes sólidas.

Continuar-se-ha.

A R T I G O II.

P O E Z I A.

S O N E T O

A Victorino José Leite representando a Parte de D. Pedro na Tragedia a Nova Castro.

De novo, em novo Drama, o desgraçado
 Caso da infausta Ignez se expoz na Scena;
 Daquella, a quem Amor a morte ordena,
 Amor, que a uníra em vinculo sagrado.

Surge sublime Actor, cresce abysmao
 Na desesperação, no mal, na pena;
 Quer ser o que não he, o que he condemna,
 Que Pedro se imagina, e ter seu fado.

Beija as plantas Reaes; vê, n'um transporte
 Capaz de amolecer bronzea dureza,
 No rosto paternal da Esposa a morte.

Rogando Pedro assim.... feliz Beleza!....
 Teria a linda Ignez mais lêda sorte,
 E menos hum desgosto a natureza.

Miguel Antonio de Barros.

O D E

A Mr. Le Brun, o mais sublime dos Lyricos Francezes.

Escribe lo que Phebo
Te dicta favorable, que lo antiguo
Iguala, y passa el nuevo
Estilo.

Fray Luix de Leon. Od. 10.

Sonho?... Vélo?... Ou seduz-me
Deleitosa illusão?... Resurge, e torna
A afortunar o Mundo
O alto Cantor do Ismeno,
„ E accesos turbilhões na voz desata?...
Rapido como o Tygre
De seus versos despenha-se a torrente;
Já d'alma as chordas todas
Uni-sonas retumbão
C'o a Phebeia impulsão, que as estremece!...
Suspende hum pouco, oh Vate,
Suspende o vôo altivo, em quanto eu curvo,
E, a frente descingindo
Da Lyrica grinalda,
Ao Genio teu adorações tributo!
Mas do Cantor de Thebas
Não são estes os sons!... Mais arrojados,
Euros transpondo, e Nuvens,
Em aligera turba
Teus Canticos, Le Brun, aos Astros sobem!
Oh pulsador sublime
Da Druidica Cythara! Respira
Em tua phrase, e idéas
O espirito divino,
Que da Galia inspirou Eugbages, Bardos!

Na solidão dos Bosques

Pela intempesta noite consonavão

Aos so-pensados Numes;

E os tropheados Robles

C'o as armas dos Heróes tope-curvavão!

Ao seu canto bramava

O emmarmorado mar; e o mar em serras

Ao canto seu dormia!

De Phebo, e Phebe os raios

Cobria, e descobria horrendo eclipse.

Ou, dos mattos sahindo,

No calor das refregas accendião

Intrepidas Phalanges,

E electrizado o Celta

Tudo em mavorcio frenesi varria!

Mas de feroz Conquista

Ferro devastador banio dos Bosques

A inspiração, e os Numens,

E os dispersos Ministros

Banhárão com seu sangue aras sem culto.

Novas Artes vierão

Nova Religião! E o Galo, afeito

A servil dependencia,

Balbuciou longo tempo

Afeminados sons na Lyra estranha.

Sobre o Franco horizonte

Qual Sol emfim raiaste, oh d'alma Eutherpe

Verbi-potente Filho!

E ouzaste, inberbe ainda,

Do Bárbiton Druidico apossar-te.

De teu plectro pulsado

Altisono troveja; e nos sepulchros

De seus antigos donos

Ledo rumor se escuta,

Galia se ensoberbece, e pasma o Mundo!

Sublime ordenadora
 De mil-cores, fulgidos Phantasmas,
 Robusta Phantasia
 Com seu facho te mostra
 Da vasta criação campos sem termo.

Alli o Entusiasmo
 Vês á vida chamando Homero, e Maro,
 Que Heróes immortalizão;
 Naso, que inverte os Seres;
 Racine, que as Paixões na scena rege.

Brada o Deos „ Mayer cante;
 „ Raphael pinte; e Angelo edifique:
 „ Tome o cinzel Bernini;
 „ Linneo ensine, e Newton;
 „ Seja Nuno Guerreiro, e Nauta o Gama.

E o Globo obsorto escuta
 A harmonia dos Ceos no canto humano;
 Verte o pincel na tella
 Mais formoso Universo;
 Roma atonita vê n'hum Templo o Mundo;

Os marmores, e os bronzes
 Parecem respirar, sentir parecem;
 E Amor, terçando o arco,
 Sem que o Ciume o siga,
 Volupiosos farpões despára ás flores.

Atracção portentosa
 Nos ares equilibra os varios globos;
 Os rebeldes Cometas
 A Leis o collo inclinão;
 E das côres o Enigma se decifra.

A fulminante espada
 Denodado brandindo o Luso invicto
 D'Hispalicas ruinas
 Aljubarrota innunda,
 E o turbante orgulhoso em Ceuta abate.

Pelos ares tremulão
 Em nadantes Baixeis sagradas Quinas,
 E a Frota aventureira
 De Lyco a despeito
 Zomba d'Adamastor, e assusta o Indo.
 Assim do esquecimento,
 Numeroso Cantor, salvas teu nome;
 De Grecia, e Roma os Astros
 Teu resplendor eclipsa,
 Só te iguala Phylinto, os mais transcendes.
 Oh venturoso Senna,
 Que os dois Numens da Lyrica Poesia
 Juntos cantando ouviste;
 E se le Brun falece
 Te adoça a mágoa de Phylinto a Lyra.

POR J. M.^a DA COSTA E SILVA.

A R T I G O III.

C R I T I C A.

Carta de hum Italiano instruido a respeito das Academias antigas, e modernas.

Vós me escreveis que muita admiração vos causa o não terdes visto o meu nome no Catalogo de alguma das duas chamadas Academias Italianas, huma das quaes tem o seu local em Livorno, e outra em Pisa; e eu vos respondo que muito da vossa admiração me admiro. Ha muito que tendes conhecimento de mim, e sabeis que não faço profissão de Literato. Cultivo as Bellas-Artes para minha recreação, e para divertir o occio, que desfructo na minha Quinta sobre o Lago de Guarda, nunca fiz imprimir nada meu, excepto alguns Bilhetes de boas festas. Por consequencia fó-

ra do pequeno Paiz , em que habito , todos ignorão se eu sei lêr , ou escrever ; ora como quereis que os Senhores Academicos , ou os Senhores Confederados Italianos se tenham lembrado de honrar-me com a Patente de seu Socio ? Cesse pois a vossa admiração ; mas já que tocamos neste ponto , permitti-me que sinceramente vos diga que , ainda no caso dos Senhores Academicos , ou Confederados me honrarem com a sua escolha , eu regeitaria o seu obzequio , não só dizendo-lhe , *Domine , non sum dignus* , mas declarando-lhe abertamente que nem Academias , nem Confederações Literarias me agradão.

O homem de Letras , que aspira a ganhar hum nome célebre , deve trabalhar só , aliás seu genio ficará encadeado pelo espirito de Partido , ou para melhor dizer de Corporação , que em todas as Academias reina. Recordemo-nos de que Homero , Virgilio , Aristoteles , Plinio , Cicero , Demosthenes , Xenofonte , Tito Livio , etc. nunca forão Academicos , nem *Ordinarios* , nem *Extraordinarios*. Que Newton foi grande muito antes de conhecer-se a Sociedade Real de Londres ; que Galileo foi primeiro o grande Galileo , do que Academico ; que Lafontaine , e Boileau já erão summos Poetas , antes que a Academia Franceza os adoptasse por filhos : logo não he necessario que hum Homem se faça Academico para ser grande Literato ; porém o ser Academico he hum grande obstaculo para ser grande Literato aquelle , que antecedentemente o não era. Piron em hum gracioso Epigrama diz , que a Poltrona de braços he para o Genio o mesmo que o Leito marital para o Amor. E com effeito apenas hum Literato Francez conseguia lugar entre os Quarenta , adormecia sobre a sua Poltrona , e não escrevia mais , ou só escrevia asneiras. Voltaire só foi Academico quando contava 57 annos , isto he quando já tinha publicado as suas Obras Primas.

Como quereis que as Academias possam incrementar os bons estudos ? Estas sociedades apenas formadas enfatuão-se de modo com a elevada idéa de sua sciencia , que cada Membro se julga hum Legislador do bom gosto ; o Espirito da corporação , apaga em cada hum delles o da boa Critica ; e os obriga a louvar-se reciprocamente , e a conservar-se , na idéa de que tudo o que pensão , dizem , escrevem , he o *non plus ultra* do enge-

nho humano; e assim a pouco, e pouco, se perde o bom gosto dos Literatos, que em taes companhias são admittidos.

Nas Academias, como em todas as conversações, nascem os pontinhos, as rixas, e as discordias. As Academias começam com ardor; porém este ardor vai a pouco, e pouco diminuindo, transcura-se o trabalho, ha menos assiduidade nas Sessões, deixão quasi todos de comparecer, e a Academia morre de consumpção. Cada Literato tem huma exorbitante dose de amor proprio; cada hum julga competir-lhe o primeiro lugar, e de máo grado supporta o imperio, ainda que frivolo, do Presidente, do Secretario perpetuo, dos Anciãos, etc. e muito menos pôde tolerar que alguns de seus companheiros tragão signaes honorificos como, como Fitas, Estrellas de seis, de oito, ou de doze raios, porque a todos elles se julga superior. Ora já por aqui vêdes, que máo humor deve reinar nestas Corporações.

Todos sabem que o Homem de Letras deve ser independente, não das Leis do Paiz, em que escreve; mas das Leis conventionaes, que a differença de grãos, e da fortuna quereria estabelecer entre os Doutos. O Academico Abbade, Secular, Obscuro, ou de poucos bens, he sempre constringido a callar-se perante o Academico Conde, Barão, Marquez, Cavalleiro, ou de outro qualquer Titulo, que pôde gastar, e fazer-se applaudir por dinheiro. Se podeis compôr huma Academia de Machiavellis, Galileos, Filangieris, Cesarotis, Parinis, Alfieris, eu serei o primeiro, que a venere, persuadido, de que todos estes grandes Homens reunidos procurarão de boa fé, e sem particular interesse, ou ambição, os progressos da razão, o apuro do gosto, e o incremento daquella arte, a que se dedicarão, mas ah! Semelhante sociedade só pôde existir na imaginação. As Academias são geralmente hum serrabulho de Homens doutos, simi-doutos, e ignorantes; ora dizei-me de tal mistura que pôde sahir com geito?... Nada.

Quem fez guerra ao grande Tasso? A Academia Florentina! Pois de todas as cabeças daquelles infarinhadados Senhores, todas pizadas em hum gral não podia extrahir-se huma só gota do bom senso, que animava o divino Cantor de Gofredo. Quem fez guerra ao grande Corneille, Pai do Theatro Tragico Francez? A

Academia dos Quarenta de Pariz , composta então dos mais ineptos Escriptores , que tem havido em França. Quem recusou admittir Cesaroti entre os Authores Classicos da Italia ? A Academia Florentina. Quem fez guerra depois de sua morte ao sublime Alfieri ?.... Mas para que me detenho no que vós sabeis tão bem como eu ?....

Todas as Academias costumão eleger hum Protector. Este Protector he sempre algum *alto*, e *poderoso* Senhor , que quer ter debaixo de-sua mão certo número de Literatos a quem possa dictar Leis , e fazer escrever , o que quer , e como quer. Vêde a que misera escravidão se reduzem os pobres Academicos ! Não ignoraes quanto seja pezado a hum Homem de talento curvar a frente aos caprixos de hum Senhor ignorante , que não cêde a razão alguma , e quer o que quer ; ora rogai a Deos , que nunca vos deixe cahir em tão funesta situação.

Julgão alguns que as Academias são uteis , porque todos os annos propõem premios a quem melhor resolva hum Problema , ou huma Questão Literaria ; mas semelhante utilidade he huma pura ilusão , pois não querendo algum dos Academicos concorrentes sugeitar-se á sentença dos seus Colegas eleitos para Juizes , só os não Academicos concorrem ; porém se estes são dotados de alguma reflexão , devem perceber que nunca podem esperar hum juizo recto , e imparcial : primeiramente porque os Juizes encarregados de examinar as Obras enviadas ao concurso são mais ignorantes do que os Authores concorrentes. Em segundo lugar porque os taes Juizes deitarão sempre o R. em quanto não for escripto segundo as vistas da Academia : e finalmente porque sem embargo da precaução das cartas sigilladas , sempre o Secretario , e os Juizes antecipadamente sabem o nome de cada concorrente , e por isso ou lhe preferem outro de somenos merito seu amigo , ou protegido , ou , não o podendo fazer sem manifesta injustiça , declárão que nenhuma das composições , que concorrêrão , he digna da corôa.

Escrevo huma Carta , e não huma Dissertação , e por isso me perdoareis o não ser methodico , e saltar , segundo se diz , de ramo em ramo. Talvez não haja na Europa hum Paiz em que se contém tantas Academias , como em a nossa Italia ; e com tudo

vêde o deploravel estado da nossa Literatura ! Temos grandes Homens, mas estes não se formárão nas Academias. Apenas os Reguladores destas Sociedades tem noticia de alguma Pessoa, que se destingue na Republica das Letras, logo se dão obra a mandarlhe a Patente, anciosos de ornar o seu Catalogo com o nome d'elle.

O sujeito, que recebe a Patente, he por civilidade constrangido a accepta-la, e a mostrar o seu reconhecimento, bem que com os seus botões, ria, e escarneça de semelhante puerilidade; e eis-aqui o motivo de haverem tantos Academicos, e tão poucos verdadeiros Literatos.

Ora porque fatalidade os nossos grandes Escriptores, cu precedêrão, ou não curárão de ser admitidos em semelhantes sociedades ? Tasso, Beccacio, e Petrarcha não forão Academicos; não o forão Machiavelli, e Guicciardini; nem Baiardi, nem Ariosto, e deparareis actualmente na Italia huma infinidade de homens Doutos, que nem são Academicos, nem Socios de Academias.

Oh ! Se soubesseis quantas redicularias se praticão nas Sociedades Literarias ! Rimos dos pontinhos, e das bagatellas das Mulheres, e os dos Literatos nas Academias são cem vezes mais pueris, e ridiculos ! Tendes já assistido a alguma Sessão Academica ? Vistes já cousa mais ridicula ? Comessa o Secretario recitando huma Dissertação, escripta sabe Deos como, que faz bocejar a todos, e especialmente o Auditorio; erguendo-se depois alternadamente hum por hum á direita, e á esquerda os Senhores Academicos vestidos de gala, recitão, hum prosas insipidas, outro huma ode extravagante meia roubada a Guidi, a Filicaia, ou ao Frugoni, ou a Testi; outro hum soneto frio como gêlo; outro huma canção a Felis etc, que cómica scena he então vêr aquelles Palradores de patente esfarraparem-se em reciprocos cumprimentos, que dalli a pouco em as conversações da Cidade, aquelles mesmos Academicos, que mais applaudião convertem em amargozas satyras.

Quereis que vos diga quaes são as Academias, de que se póde tirar utilidade ? Aquellas que alguns Professores estabelecem para adiantar os Rapazes, instigando-os a estudar com o estimulo da emulação. Se nem sempre o effeito corresponde a intenção do Instituidor, sempre este he digno da benevolencia pública

por ter tentado avivar na mocidade a elle confiada , o ardor da gloria , e a Paixão pelo Estudo.

Tem sido muito decantados os proveitos , que a seus Idiomas grangeárão a Academia da Crusca em Italia , e a dos Quarenta em França ; e eu assento que ellas apostárão entre si sobre quem havia cauzar maior prejuizo ao aprefeiçoamento das duas linguas , querendo-as sugeitar ao despotismo das suas regras. Os Academicos da Crusca banindo todas as palavras , e phrazes , que se não achão nos *Classicos* , isto he nos insipidos Escriptores dos Seculos XIII. , XIV. , XV. , empobrecêrão a lingua , e lhe cortárão tão rente as azas , que não póde empinar maior vôo. Os Academicos Francezes tomárão pelo caminho opposto ao que seguirão os Italianos. Estes adoptárão indistinctamente quanto havia bom , e máo nos Escriptores antigos ; e como estes tinham vivido em tempos , em que a Italia estava submergida na barbarez da ignorancia , lemitando-se assim a lingua ás phrazes , e impressões antigas , e vedando-se , como armas prohibidas , tudo que cheirava a novidade , de lingua opulentissima , que podia ser , a reduzirão a tal estado de Mendicidade , que para exprimir as idéas novas , que nos tem ministrado o progresso das luzes , se vïo na precisão de tomar de emprestimo os vocabulos , e phrazes das Linguas Estranhas. A Lingua Franceza do tempo de Amyot , de Marot , de Charron , de Montagne , de Rabelais era bem barbara , e inculta , porém era bem rica de bellas , e energicas expressões. Que fizerão os Quarenta ? Tomárão o empenho de civilizar a Lingua , e banirão todas as mais bellas expressões , todos os mais energicos modos de seus antigos Escriptores , e reduzirão a Lingua Franceza a tal estado , que teve razão quem disse , que ella era semelhante a huma bellissima Dama , toda graças , e afetação , cahida em consumpção Etica. Lêde todos os Escriptores despreoccupados da Italia , e da França , e vereis quantos lamentos , e quantas sátiras fórmão contra a Academia da Crusca , e a dos Quarenta ; ora gabem-me agora os Academicos-maniacos os grandes proveitos das suas Instituições Literarias.

De tudo quanto tenho expendido podeis ajuizar com quanta razão disse hum dos nossos milhores Críticos ,, Não se admittão em ,, Arcadias , Academias , e Lyceos se não aquelles que fizerem ,, voto de perpetua mediocridade. ,,

ARTIGO IV.

BIOGRAFIA.

Newton.

Pode-se applicar a Newton o que Lucano disse do Nilo, *que não fôra permittido aos homens de o vêr fraco, e nascente.*

Non licuit populis parvum te, Nile, videre. Newton julgou Euclides tão claro, que quasi o soube antes de o ter lido; eis porque passou logo a estudar a Geometria de Descartes, e as opticas de Kepler. Apenas contava vinte annos, quando fez as suas descobertas em Geometria, e lançou os fundamentos das suas obras mais célebres.

Foi grande o processo, que houve entre Leibnitz, e Newton, ou para melhor dizer, entre suas Nações, a respeito do cálculo dos infinitamente pequenos: a Sociedade Real de Londres, tomou ao mesmo Leibnitz por Juiz, o qual decidio a favor de Newton. » Não se póde duvidar, (diz Fontenelle), que a este pertença a gloria de Inventor; porém trata-se de saber se M. Leibnitz concebeo esta idéa, que publicou, primeiro: ou se ambos a inventarão ao mesmo tempo.» Fontenelle parece approvar, que se chame a Newton o primeiro Inventor, e a Leibnitz o segundo.

Além da sua gloria, Newton viveo feliz, e socegado, honrado no seu paiz, que se gloriava de ter produzido hum tal homem, e que não supportava o paralelo entre elle, e Descartes. Para lhe não faltar coisa alguma, foi rico. Em 1699, teve o Cargo de Mordomo da Moeda, emprego de grande rendimento, e que possuio até á sua morte. Foi muitas vezes Deputado no Parlamento d'Inglaterra, e principalmente nos annos de 1688, e de 1710.

Depois da sua morte se lhe derão grandes honras; seu corpo esteve exposto sobre huma cama de estado na Camara de Jerusalem; que he hum quarto da Abbadia de Westminster, onde fôra morto Henrique IV, primeiro Rei da Casa de Lancastre, e he deste tempo, o lugar donde se levão a sepultar as pessoas de alta condição, e algumas vezes os Monarchas. Newton foi levado da Abbadia de Westminster por seis Pares d'Inglaterra entre os quaes se achava o Chanceller Mór. » Seria necessario, diz Fon-

» tenelle, remontar aos antigos Gregos, para encontrar exemplos de tão grande veneração consagrada ao saber. »

O paralelo, que o mesmo Author fez entre Descartes, e Newton, como passa por huma obra-prima, o julgamos digno de o transcrever aqui.

» Ambos foram genios da primeira ordem, nascidos para dominarem sobre os outros espiritos, e para fundar Imperios: ambos excellentes Geometras, víráo a necessidade de transportar a Geometria para a Fysica. Ambos fundarão sua Fysica sobre huma Geometria, que quasi a tinham extrahido de suas proprias luzes. Mas hum, tomando hum vôo impetuoso, quiz estabelecer a sia origem de tudo, fazer-se Senhor dos primeiros principios por algumas idéas claras, e fundamentaes, para só descer aos phenomenos da natureza, como a consequencias necessarias; o outro mais tímido, ou mais modesto, começou seus passos por se apoiar sobre os phenomenos, para se remontar aos principios desconhecidos, resolvido a admitti-los, huma vez descobertos pela série das consequencias. Hum parte do que julga claro, para achar a causa do que vïa; o outro parte do que vïa, para achar sua causa, fosse clara, ou obscura. Os principios evidentes de hum não o conduzem sempre aos phenomenos taes como são; os phenomenos não conduzem sempre o outro a principios evidentes. Os limites que, nestas veredas contrarias, suspendêrão dois tão grandes homens, não são os limites de seu espirito, mas os do espirito humano. »

Lêo-se com o maior desejo, e traduzio-se em Inglez o Elogio de Newton, que Fontenelle pronunciára na Academia das Sciencias. A Inglaterra esperava seu juizo, como huma declaração solemne da superioridade da Filosofia Ingleza: porém quando víráo que comparava Descartes a Newton, toda a Sociedade Real de Londres se sublevou contra Fontenelle.

Os Inglezes ficarão mais contentes com Voltaire, que levou o entusiasmo da admiração, e da poesia até exclamar:

Confidentes do Eterno, eternos Seres,
Que ardeis no fogo seu, cubrís co' as azas
O Throno, onde, entre vós, elle se assenta,
Não vos dava ciume o grande Newton?

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO IV.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Differença das côres, e configuração nos homens.

[Continuado do N.º 3 pag. 37.]

COMO os Tungusos são naturalmente bronzeados, não duvidamos que sejam sujeitos a algumas indisposições mui semelhantes áquellas, que transformão os Negros em Albinos; e que estas indisposições longe de affectar geralmente todo o corpo, como entre os Albinos, só affectem certas partes divididas em zonas, ou plagas irregulares; e que esta variedade passe depois dos pais aos filhos, pelo mesmo mechanismo phyzico; que transmite outras muitas, entre todas as Nações do Mundo.

Houverão Viajantes, que affirmarão existir em algumas Ilhas da Asia, por exemplo na Ilha de *Borneo*, e nas Ilhas *Manilhas*, *Homens com cauda*, isto he, selvagens de hum, e outro sexo, cuja espinha dorsal remata em huma pequena cauda mui semelhante a das Cabras, e dos Gamos. Não damos grande crédito a este factio; mas, dado mesmo que seja veridico, não vemos neste Phenomeno mais que huma excrescencia singular, e hum prolongamento insolito do coccix, o que não basta para fazer destes selvagens; mesmo quando não sejam imaginarios, huma Raça á parte.

Esta excrescencia, ou prolongamento do coccix em fórma de

cauda nos selvagens, de que fallamos, não he mais admiravel, que os *Aventaes Naturaes*, que nas Mulheres Hottentots forma a' excrecencia insolita, que lhe prolonga a pelle do ventre des do embiga até ao meio da perna, formando huma especie de pequeno avental flexivel, e movel, inherente a sua substancia, e pessoa.

Algumas Historias, *mais que apocripbas*, fallão de Homens Aquaticos, que vivem em certos rios, e mares; d'Homens subterraneos, que vivem nas cavidades da terra, como Toupeiras, e Coelhoos; d'Homens Selvagens, ou de huma especie de Brutos mui semelhantes ao Homem, que nos Certões de Borneo, e das Manilhas se nutrem de hervas, raizes, e casca de arvores. Mas taes Historias, cujos contos pueris forão tão ávidamente adoptados pelo Author de Telliamed, e por outros Escriptores da mesma estôfa, são ao presente tidas em conta de fabulosas pelos Naturalistas judiciosos. Mas, dando-lhe mesmo gratuitamente hum gráo de authoridade, que ellas não tem, não provarião mais que a existencia de certas Especies de Brutos na parte sólida, ou liquida do nosso Globo, que dão ares da figura humana. O Homem Marinho, que dizem apparecêra nos mares da Martinica em 1671 parecia-se com hum rapaz da cintura para cima, o resto do corpo era de peixe, e terminava em huma cauda larga, e forqueada. O Homem Selvagem de Borneo, cuja figura se diz mui parecida com a de certos Selvagens d'África, he reconhecido pelos Nativos da Ilha por hum verdadeiro Bruto.

O Padre le Comte, que viajou pela mais interessante parte da Asia tanto como Observador, e Filósofo, como Missionario, nos deo a conhecer nas suas Memorias huma especie de Macaco, que vêra na Asia, o qual assemelhava-se mais ao Homem, que todos os Homens Aquaticos, e Subterraneos, de que acabamos de fallar, e o qual seria talvez o mesmo que o Homem Selvagem de Borneo.» Es-
 » te Macaco, diz elle, anda naturalmente sobre os seus dois pés,
 » como hum cão, a quem se ensinou a dançar. Elle serve-se como
 » nós, dos seus dois braços: a sua cara he quasi semelhante á
 » dos Selvagens do Cabo da Boa-Esperança; mas o cor-
 » po he todo coberto de huma lã branca, negra, e grisalha.
 » Tem o grito perfeitamente semelhante ao de hum menino; e toda
 » a acção exterior tão humana, e as paixões tão vivas, e tão de-

„ signadas , que os Mudos não podem exprimir melhor seus sen-
 „ timentos , e suas vontades. Parece de hum natural tão terno ,
 „ que para testemunhar sua affecção ás pessoas , que conhece , e
 „ que ama , as abraça , e as beija com o mais vivo transporte.
 „ Tambem tem outro movimento , que se não acha nos outros
 „ animaes , e que he mui proprio dos meninos , e vem a ser : ba-
 „ ter com os pés nas affecções de prazer , ou tristeza , quando se
 „ lhe dá , ou recusa o , que deseja com muita paixão. Ainda que
 „ sejam mui grandes (porque os que tenho visto , tinham quatro
 „ pés de alto) sua ligeireza he incrível. He hum prazer vê-los
 „ correr pelas cordagens de hum navio ; os Dançarinos de corda
 „ nem os emitão de longe. „

De todas as diferentes especies de animaes terrestres , ou aqua-
 ticos , o Macaco he a especie , que se assemelha mais com o Ho-
 mem ; e entre as diferentes Raças de Macacos , a que mais perfeita-
 mente se parece com elle he o *Orang-Utango*. „ Este animal , diz
 „ Bufon , tem huma lingua como nós , hum cerebro organizado
 „ como o nosso : mas não falla , nem pensa. Desta maneira o inter-
 „ vallo , que o separa da nossa Raça , he total , immenso , tão gran-
 „ de , e tão real , quanto póde ser. A conformidade da sua figu-
 „ ra , não o aproxima á natureza humana , nem o eleva so-
 „ bre os brutos : em huma palavra , se lhe tiramos a má-
 „ cara , só resta delle hum Macaco. „ Apezar da mais per-
 feita semelhança da figura , he evidente que o Homem , e o Ma-
 caco são duas especies essencialmente diferentes. Logo , ainda sen-
 do verdade que houvesse em a Natureza algumas especies de Pei-
 xes , ou de Quadrupedes , que tivessem a mais pequena semelhan-
 ça com a figura humana , seguir-se-hia sempre que estes animaes
 são diferentes da Raça dos Homens. Disto resulta , que a Espe-
 cie Humana se póde , e deve dividir em tres Raças accidentalmen-
 te diferentes ; que são : a *Raça Branca* , a *Raça Negra* , a *Raça*
Tartara ; e tal he a divisão , que hoje dão os mais celebres Naturalis-
 tas. Examinemos se estas tres Raças podem ter huma origem com-
 mum ; ou como se metamorfoseou huma em outra.

Em quanto á propagação , e mistura destas diferentes Ra-
 ças , sabe-se que hum Negro , e huma Negra produzem hum Ne-
 gro , tanto na Europa , como n'Africa : sem que a habitação de

hum, ou de muitos seculos nas zonas temperadas, mude sensivelmente a côr primitiva : que hum Branco com huma Negra, ou hum Negro com huma Branca produzem hum Mulato, a quem os do Brazil chamão Cabras; metade Branco, e metade Negro : que hum Branco com huma Mulata, ou hum Negro com huma Mulata, produzem hum Mulato, tres quartos Branco, e hum quarto Negro; ou tres quartos Negro, e hum quarto Branco, a quem os Brazilienses chamão Cafúa, e assim progressivamente até produzirem ou hum todo Negro, ou hum todo Branco.

Daqui se conhece facilmente o que resultaria da mistura da Raça Branca com a Raça Tartara; ou da Raça Tartara com a Raça Negra. A mistura destas tres Raças tem multiplicado como ao infinito na Asia a gradação de côres differenciaes da Especie Humana.

Alguns Naturalistas são de parecer que a Especie Humana só se deve dividir em duas Raças, Branca, e Negra; e que a Raça Tartara não differe bastante da Raça Branca, e da Raça Negra, para fazer huma Raça á parte. De hum Negro, e de huma Mulata, dizem elles, nascerá hum quarto, ou hum oitavo, a quem a differença dos climas, e o genero de vida transforma facilmente em Tartaro. As differentes variedades, que se observão na Especie Humana, podem dirivar-se da influencia das causas phyzicas.

Em qualquer número de Raças, que se divida a especie humana, em 2, 3, 8, ou 10, o que he indifferente, pôde-se dizer com toda a certeza filosofica, de que huma tal materia he susceptivel, que he unicamente do clima, do alimento, da educação, da genero de vida, das enfermidades particulares, ou nacionaes, que dependem as *differenças dos Povos*; isto he, a differença do humor geral, e dominante, a differença de côr, de caracteres, de figura; a differença de prematuridade no augmento, ou diminuição; (*) a differença dos humores, das inclinações, dos gostos, dos sentimentos, das paixões, e dos costumes.

(*) Em alguns lugares da Zona Torrida, as mulheres se casão aos nove annos; são Mães aos dez; e velhas aos vinte, ou vinte e cinco. Ellas nunca allitem influencia no governo politico, ou domestico; porque entre ellas, o Imperio da Belleza não existe com o Imperio da Razão.

Os maiores Fysicos, os mais célebres Medicos, os mais habéis Naturalistas, tanto antigos, como modernos, concordão em reconhecer, como hum factó incontestavel, a *influencia do clima* tanto em toda a massa do sangue, e dos humores, aos quaes sécca mais, ou menos, e dá mais, ou menos onctuosidade, fluidez, ou viscosidade, acção, ou enercia; como em toda a constituição geral, exterior, e interior, que faz mais, ou menos sã, mais, ou menos robusta, mais, ou menos flaccida, ou energica. O Habitante da Laponia, e da Siberia he degenerado, e degradado em sua natureza, pelo vicio do seu gelado clima, cujas geadas atacão, corroem, altêrão de contínuo o mais sensível, e o mais sólido da sua organização, e lhe tirão o meio de se formar, e de se desenvolver em liberdade: O habitante de *Guiné*, e do *Congo* he degenerado, pelo vicio do fogo abrazador do seu clima, o qual desséca, ou consome, desarranja, ou destróe, e faz inutil a parte mais subtil, e mais delicada dos órgãos; como tambem as funções intellectuaes do espirito, e do genio. A natureza humana não está em suas forças, ou riquezas senão nos climas felices das zonas temperadas, onde nada altêra o essencial da constituição, e da organização.

Quando a differente influencia dos climas, se junta a differente *influencia de hum grande número de causas*, não menos activas, e efficazes, por exemplo, a diversidade das substancias do alimento, a diversidade da maneira de viver, a diversidade das doenças desusadas, e violentas, que de seculo em seculo parecem nascer sobre a terra para destruir nações inteiras, e que só desapparecem depois de terem, de alguma sôrte, desnaturalizado as desgraçadas victimas, que escapão á sua tyrannia, e depois de lhe terem impresso vicios transmissiveis de pais a filhos; poderemos admirar-nos das differenças, que se achão entre hum, e outro povo, vergonteas do mesmo tronco, e primitivamente filhos do mesmo pai?

A maior variedade, que ha na Especie Humana, he, sem contradicção as que destingue os Negros dos Brancos; e he esta a que merece mais attenção.

Fazendo-se a anatomia dos Negros, e analizando-se seus humores essenciaes, tem-se observado, que elles tem a substancia

medulosa do cerebro denegrada; a glandula pineal quasi inteiramente negra; o enlaçamento dos nervos opticos tistado; o sangue, de hum vermelho mais carregado, que o nosso. Entre a epiderma, e o pêlo do Homem, acha-se huma especie de geléa, ou de substancia gelatinosa, que os Anatomicos chamão indifferentemente o corpo mucôso, ou o redenho de Malpighi. Esta geléa he branca nos Europeos, negra nos Negros, Bronzeada nos Mulatos, côr de grêda nos Albinos, manchada nos Homens mui córados: ella he mais coagulada, e mais viscosa nos Negros, que nos outros Homens.

Todas as plantas tem suas raizes cabelludas na terra, á qual devem seu nascimento, e crescimento: da mesma sorte todos os cabellos do corpo Humano, que são huma especie de vegetação, têm suas raizes bulbosas na pelle, a qual he como a matriz, e o terreno que os deve produzir, e alimenta-los. Os germens destes cabellos, recebidos neste terreno natalicio, e desenvolvidos nas suas raizes bulbosas, crivão com suas pontas a membrana reticular, e depois a epiderma, que não he mais, que a superficie endurecida da geléa, de que o pêlo está untado. Ora, como entre os Negros, os cabellos tem de atravessar hum meio mais tenaz, e mais condensado, elles se entortão, revoltão, increspão, e não se estendem, porque achão hum alimento menos abundante, e pouco ductil, no tisso do pêllo, e no seu envoltorio, ou capa: quando no resto dos Homens, elles se estendem, e se alongão com liberdade, porque achão em sua pelle hum alimento mui abundante, o qual se coalha, e se consolida em seu desenvolvimento na sua maneira exterior. Daqui vem o cabelo curto, e crespo dos Negros; e o cabelo lizo, e fluctuante do resto dos Homens.

Como as substancias do sangue, do fel, do cerebro, e dos humores destinados para a conservação da Especie, são em os Negros, mais sombrias, obscuras, mais negras em fim, que nos outros individuos da Especie Humana; conhece-se facilmente que devem, pela secreção, sahir continuamente átomos colorados, que interceptados, e suspensos pela viscosidade da membrana reticular, pintão de negro mais, ou menos fechado, todo corpo dos Pretos.

Huma experiencia bem sensível demonstra a existencia, e a secreção destes átomos colorados em os Negros. Quando hum

Africano tem transpirado muito, e limpa as mãos, e a cara a hum pano branco, seu suor fétido, impregnado de particulas da gordura rançosa, que tem residido muito tempo entre a pelle, e a epiderma, inegrece o pano; e observando-se com hum microscopio, se destingue hum sedimento formado de pequenos grãos negros, sedimento que não produz o suor de hum Europeo.

Os Negros, e as Negras são brancos quando nascem: » por- » que sua epiderma, e sua geléa interior, diz o Author das In- » dagações sobre os Americanos, tendo sido banhada, e destem- » perada pelo fluido em que o feto tem nadado, não pôdem ser as- » sás compactas para reter debaixo da pelle, a substancia negra » que os vasos exhalantes atrahem: eis porque vêmos o corpo, dos » Negros affogados, fazer-se brancos, depois de estarem al- » guns dias debaixo d'agua. Outra razão da alvura do embrião, » he que o fel ainda se não tem derramado no sangue; o que só » succede ao terceiro, ou quarto dia. Então esta effusão se decla- » ra por hum amarello em todo o corpo, que des esta época ine- » grece até á adolescencia. »

O signal distinctivo dos Negros, no momento, em que nascem, he hum filete negro, que tem na raiz das unhas.

Finalmente a differença, que resta entre a Raça Branca, e a Negra não basta para nella suppômos huma origem primitivamente diversa. Todos os dias vêmos exemplos de alterações não menos admiraveis, e que se transmittem de Pais a Filhos: taes são inteiras familias de Leprosos, Gotosos, Epilepticos, Coxcs, etc. cujo vicio primitivo os Naturalistas attribuem ou á natureza do clima, dos alimentos, do modo de vida, ou á qualquer outra alteração dos órgãos interiores, ou exteriores.

Pintura, e Esculptura.

Tambem a differença do sexo faz variar as proporções. Independentemente da altura total, que he menor nas mulheres, ellas tem o pescoço mais alto, as coxas mais curtas, as espaldas, e o seio mais estreitos, as cadeiras mais largas, os braços mais grossos, as pernas mais fortes, os pés mais pequenos; seus mus-

culos menos descobertos fazem os contornos mais iguaes, e os movimentos mais suaves. A idade, e o sexo não tem o direito exclusivo de caracterisar as proporções do corpo humano. A qualidade, condição, fortuna, clima, e temperamento fazem muito no desenvolvimento das proporções, e nellas causão muito grandes differenças. Estas proporções só são relativas ao corpo em repouso, pois o movimento lhe occasiona mais visiveis differenças. Por exemplo hum membro estendido tem incremento; nota-se huma infinição de taes irregularidades nas acções de compressão, relaxamento, estensão, curvatura, contracção, e encolhimento.

O todo de huma figura he a união das partes proporcionadas, que são necessarias para a sua formação. Ha figuras animadas, em que a natureza não curou do todo. Seus membros mal proporcionados, unem-se por hum modo desagradavel, por não ser confôrme a ordem geral, e recusar-se ás funções mais necessarias. Em geral o todo mais perfeito he o dos homens, ou mulheres, cujo corpo não soffreo algum continuado constrangimento, cujos membros se desenvolvêrão com moderado exercicio, e cujas perfeições corporeas não forão corrompidas pelos destructores effectos dos vicios, das paixões immoderadas, nem pelas --affecções ridiculas da phantasia, e as alienações de espirito.

O conhecimento da Anathomia não deve faltar ao Artifice no estudo desta nova parte da Arte, que exerce. He sobre o todo, que principalmente influem as apparencias dos musculos, e sua união com os ossos. Os ossos estabelecem por toda a parte proporções invariaveis; os musculos, e os tendões, que movem os ossos huns sobre os outros, motivão variedades nas fórmãs pelo engrossamento, que a sua contracção, quando opérão, causa na sua parte mais espessa, coisa que dá exteriormente aos membros diversas apparencias, e estas apparencias são assim ducididas em cada acção, e cada aptitude, e por isso não ha nada arbitrario nas fórmãs, que se lhe devem dar.

Sem fallar deste *Todo* de cada figura ha huma união geral, que he necessaria para chegar á perfeição de hum quadro. Da-se lhe o nome de *concordancia total*, e consiste na conveniente correspondencia de todas as partes; e he o resultado do todo de cada huma das partes da Pintura, e da Esculptura, que contri-

buem para a produção de hum Quadro, e do todo da Composição, que he mais, ou menos perfeito segundo o Artista soube com maior, ou menor perfeição fazer o arranjo dos grupos verosimeis, as aptitudes justas, os costumes, e os usos, conformes aos tempos, e lugares, e até escolher, e dispôr bem os accessorios: e o todo do interesse, que resulta da parte, que em algum acontecimento tomão aquelles, que participão d'elle.

Formado que seja o todo da figura, resulta hum corpo sujeito ás Leis da natureza. Se este corpo, ou figura, he animado, possui hum principio interior, que se combina com os movimentos, que lhe são estranhos. Toda a especie de corpos, cujas extremidades não estão libradas sobre o seu centro, deve necessariamente cahir, e precipitar-se. Se estão, está a figura em equilibrio; ora este equilibrio he simples, ou composto. Equilibrio simples he aquelle, que se nota em hum homem, que está em pé, e immovel. Equilibrio composto he aquelle, que se observa em hum homem, que em suas diversas aptitudes sustenta hum pezo estranho. Resulta destas definições que o equilibrio de huma figura he o resultado dos meios, que ella emprega para suster-se, seja em movimento, seja em aptitude de repouso. O Artista, que representa huma figura, não pôde, he certo, produzir mais do que huma imagem immovel do homem, que ella imita; mas pôde escolher esta imitação no fio dos differentes momentos das acções mais vivas, e mais animadas, ou do mais perfeito repouso, porque se pôde considerar a acção de huma figura, como o resultado de hum numero infinito de aptitudes, cada huma das quaes tem hum momento de estabilidade.

Continuar-se-ha.

A R T I G O II.

L I T E R A T U R A.

! Sobre a amizade entre Mulher, e Homem.

» Que doce coisa (disse La Fontaine) he hum verdadeiro amigo! Porém ha huma coisa ainda mais doce; huma verdadeira amiga. Não fallamos de *mancebia*, fallamos de huma união mais pura, e mais nobre, de hum sentimento cheio de delicias, e fundado

sobre a estimação, e virtude. Pessoas grosseiras, e malignas não podem descobrir, nem perceber nas relações entre Pessoas de diverso sexo, mais de que o prazer dos sentidos, e o amor. Porém a Mulher póde inspirar hum sentimento mais refinado, e duradouro, que o do Galanteio, e he capaz do cultivo da sagrada Amizade.

Este formoso affecto, sem que tenha o fogo, e os transportes do amor, tem huma parte de seu suave colorido, e em tão placida união se gosta, e saborea a voluptuosidade do coração. Dizia Rousseau que não tomaria por Esposa nem por amante huma Parisiense; mas que em París escolheria huma terna, e modesta amiga, que amplamente o compensasse da falta de huma, e de outra.

A verdadeira amizade, ou, pelo menos, a sua exquisita doçura talvez que só possa dar-se entre Mulheres, e Homens. A amizade entre os Homens he muitas vezes alterada, e destruida pelo interesse, pela ambição, por certas rivalidades de espirito, pelo desejo de pre-eminencia, e disputas mui vivas, e muitas vezes accerbas, e finalmente pelas colisões do amor proprio, e da vaidade. Muitas vezes a nimia familiaridade produz huma especie de frieza, e hum desgosto, que enfraquece todos os liames; porém as attentões, as condescendencias, os delicados desvélos, e as galantes maneiras, que costumão praticar-se com o bello sexo, dão a amizade graça, duração, e dignidade, e são ellas quem corrobora, conserva, e enfeita todos os bons sentimentos. O Homem com o Homem tem relações de negocios, de crédito, de dívidas, de projectos; mas na Mulher não ha senão o seu suavissimo tracto, e huma creatura feita para adornar os dias do Homem.

A Mulher, que Pope chama *Softer Man* „o homem mais brando” derrama a doçura por tudo quanto a circumda; tem a alma forte do Homem, e a sensibilidade da Mulher.

A amizade de huma Mulher por hum Homem he desinteressada, e por isso do mais nobre, e puro interesse animada. Se ella se interessa nos vossos bens, he com hum zello, e ardor infinito; entende os vossos negocios com huma sagacidade incrível, e he incansavel em vos servir, e assistir. Madama Thianges dizia a Marmontel „uni-vos mais depressa a huma Mulher, do que a huma

„ Homem , se quereis dar largos passos pela estrada da Fortuna.
 „ Huma Mulher cuidará em vós com fervor , em quanto os vossos
 „ Protectores cuidão em si. Ella escolherá todos os momentos , re-
 „ petirá vezes mil os assaltos , triunfará pela sua insistencia , pe-
 „ las suas graças , e pelos seus macios rogos. „ Por isso tambem
 Zoroastro dizia „ sê protegido por huma Mulher , e nada re-
 „ mas. „

A Mulher participa de todos os sentimentos briosos , de to-
 das as generosas paixões do amigo , não se occupa com elle em
 nescias bagatellas , eleva o seu character , associa-se com a sua fa-
 ma , veste-se com a sua gloria. Tendes hum projecto? Comvosco
 o examina , e discute. Seu juizo he fino , seu conselho salutar , pa-
 rece huma Prophetisa. Atormenta-vos alguma accerba mágoa , al-
 gum triste cuidado? Huma terna , e verdadeira amiga , participa
 as vossas penas , e he hum encanto para os vossos males. As Mu-
 lheres são piedosas Enfermeiras dos corpos doentes , são hum bal-
 samo para as chagas do coração , tem palavras mágicas , com que
 adormentão as dôres. A Mulher he a amiga do nosso coração , e se
 torna o nosso conselho , conforto , allivio de nossos trabalhos , e
 prazer das horas placidas da vida.

Thomaz dizia que era preciso hum amigo nos grandes lan-
 ces da vida ; e huma amiga para o prazer diário ; mas pela histo-
 ria se prova que tambem nas mais arduas circumstancias , as Mu-
 lheres forão mais do que homens , e mostrando na amizade huma
 adhesão sublime , huma firmeza Heroica , affrontarão todos os pe-
 rigos , insultarão os Tyrannos , e souberão morrer.

O Amor , delirio dos sentidos , perturbação da Razão , po-
 derá ao Homem de grave character , e de grandes luzes parecer fra-
 queza , e este lhe cederá com pejo ; mas o Homem de maior coração ,
 mais envolvido em grandes estudos , e negocios , precisa de huma ami-
 ga para descansar suavemente depois de huma vida agitada. O
 sabio Pericles consultava a douta Aspasia ; muitos outros Homens
 de estado tiverão huma doce amiga , que lhe inspirou magnanimi-
 dade. Huma amiga he necessaria a hum Homem de letras. Tal era
 Madama de la Sabliere para la Fontaine , a Marqueza de Chatelet pa-
 ra Voltaire , Madama la Villete para Bolingbroke , Elisa Draper

para Stern, e Raynal, Mademoiselle L'Espinasse para D'Alembert, e Madama Lambert para Sacy.

As Mulheres tem hum sentimento delicado; huma intelligencia prompta, hum gosto finissimo, e são excellentes juizes em materia de sentimento; julgão mais com o coração, que com o espirito; o espirito vê, o coração sente. Huma sábia amiga pôde ser utilmente consultada; pôde inspirar hum grande escriptor, e inflamálo em o amor do bello, e da verdade » Parece-me, » (diz Raynal) ouvi-la do alto dos Ceos » esta Musa se- » vera, que te contempla (diz ella) he a Historia, que tem a » cargo determinar a opinião da Posteridade; esta Divindade, que so- » bre o Globo passeia, he a Fama, que não se desprezou de en- » treter-se hum momento comtigo: ella me trouxe as tuas obras, » e preparou a nossa doce união pelos sagrados vinculos da esti- » ma. Olha esta Phenix, que nunca morre; estes emblemas te ex- » hortem continuadamente a mostrar-te o defensor da Humani- » dade, da verdade, e dos sagrados direitos do Homem. » Do alto dos Ceos, tua primeira, e ultima Patria, recebe, Elisa, o meu juramento. Juro não escrever huma só linha, que não faça honra ao meu coração, e em que não se reconheça o teu amigo.

Tal he a felicidade, do que se une a huma Mulher em vinculos de honesta amizade, então se conseguem aquelles ternos dis- vóllos, que os Homens não tem entre si senão pela metade; a differença dos sexos, que não pôde de todo esquecer-se, põe hum encanto novo nesta amizade; prova-se hum sentimento misterioso, indefinito, dulcissimo, que não he amor, não he amizade, porém participa d'ambos, e tem todas as delicias delles. Tem me- nos transportes, que o primeiro, tem mais vivacidade do que o segundo.

Porém esta amizade só pôde dar-se entre Pessoas de espirito, e de hum espirito refinado, e alma cheia de delicadeza; feliz quem conseguiu tal amiga! Mas que desgraça, he vêrmo-nos separados da pessoa, que tinha o segredo da nossa alma, e a quem nós devemos a vida do coração, e a vida celeste? D'Alembert perdeu ao mesmo tempo Madama Geoffrin, que costumava visitar todas as manhãs, e Madama L'Espinasse com quem passava as tardes. » Ah! » (dizia pezaroso) depois que a morte me roubou estas Pessoas

» tão queridas , já para mim não ha manhã nem tarde. Quem te-
 » ve huma terna amiga , e a grande infelicidade de a perder (ex-
 » clama hum Phospho Alemão) tem perdido quanta doçura
 » ha no Mundo , quanto lhe fazia amavel a vida ; cahio do Ceo
 » sobre a Terra ! »

P O E Z I A .

O D E P I N D A R I C A

*A S. Magestade Fidelissima D. Maria I. Rainha de Portugal,
 e dos Algarves.*

Da voi vienmi lo stile , e voi levate
 Sovra se stesso il debile intelletto ,
 Poi che la cetra mia rauca , e discorde
 Si ha da lacci d'amor fatte le chorde

Marini Adon. C. XI. Stan. 5.

S T R O P H E I .

Já de candidas plumas
 Meus hombros se revestem , Cisne adejo
 A espaços sem medida ;
 Vou sobranceiro ao Lethes ,
 Onde naufragão Baviros , e Thersites ,
 Zarguidas , Elegiadas se afundão !

A N T I S T R O P H E I .

Com soffregos ouvidos
 Devorará meu canto o Bretão forte ,
 O liberrimo Hispano ,
 Do Tybre o culto Filho ,
 O que bebe no Rodano espumoso ,
 O montigena Helvecio , o Dano , o Russo !

E P O D O I .

Ao som cadente de alternados malhos
 Nas incudes Dirceas
 Alados Genios mil lidando accesos
 As laminas preparão ,
 Que deve historiar boril da Gloria
 Da Lusa Soberana
 Com preclaras acções , dotes sublimes ,
 Ornamento immortal da Fama ao Templo.

STROPHE II.

Solerte a Natureza
 A hum lado se desvêla! em teu composto,
 Rainha Augusta, empenha
 Quantos dotes poderão
 Mortal peito uffanar! Riso de Venus,
 De Minerva razão, talhe de Juno! (1)

ANTISTROPHE II.

Além, qual, de seu throno,
 O Rei das Estações de luz vestido,
 Vê mil rotantes Globos,
 Que o buscão reverentes,
 Que tímidos se affastão; elle immoto
 Presta a todos calor, dá vida a todos;

EPODO II.

O rosto, magestade, o peito amores,
 Erguida ao solio avito,
 A Compaixão daqui, dalli Justiça, (2)
 Libras na gentil dextra
 O Sceptro que empunhou primeiro Affonso,
 Que de Asianas gemas
 Enriqueceo Manoel, João remira, (3)
 Joseph fez respeitar, tu glorificas.

STROPHE III.

Vai orgulhoso o Njlo
 De montesinos feudos trasbordando,
 Do enigamico Egypto
 A's aridas campinas
 Levar fertilidade em fartas ondas,
 The que por bocas sete o mar insulta!

(1) S'avesse la Belta corpo mortale
 credo, che la Belta sarebbe tale.

Marini Ad. c. 19. St. 26.

(2) Incrudelir nei semplici innocenti
 Non conviensi a Beltá celeste, e santa;
 Vive pietá nelle divine menti
 Ne di gloria maggior Giove se vanta

Marini Ad. c. 12. St. 114.

(3) D. João IV.

ANTISTROPHE III.

Taes vão caudaes perenes,
 De ventura inundando o seio a Lysia
 Em teu feliz reinado,
 Lysia, que, jubilosa,
 Tantas graças por ti aos Ceos envia,
 Quantas graças os Ceos por ti lhe outorgão.

E P O D O III.

Babilonios jardins pelo ar suspenda
 Semiramis incasta,
 Mausoléo, que hum portento acresça ao Mundo,
 Outra ao Consorte eleve;
 Cêda o Reino Christina, e chore o Reino;
 De seu poder o tronco
 Regando Elisabeth com proprio sangue,
 Patrio culto transtórne, e Roma insulte.

S T R O P H E IV.

Pranto enxugar do afflicto,
 Orgulho insultador conter dos grandes,
 Dar ao merito asylo,
 Acatamento ás aras,
 A's Artes protecção, honra ás Sciencias,
 A gloria tua, os teus braços são estes.

ANTISTROPHE IV.

Com cem fuzis de bronze
 Pulsos cruzando ao dorso, olhos em fogo,
 Ruge atroz Phanatismo,
 Chora os horrendos tempos,
 Em que sobre cadaveres reinava;
 E os infernos servio dos Ceos em nome!

E P O D O IV.

Themis imparcial de Ti sustida
 Vibra a fulminea espada,
 Corta por Gordios nos de enredo abstruso:
 Cavilosos Phantasmas,
 Godas Chiméras, Arabes Sofismas,
 Da injustiça sequazes,

Ruem aos golpes seus, e se desbastão
De teu Codigo á luz Romanas trevas!

STROPHE V.

Que tumulto! Que estrondo!....
Serras, malhos, cizeis, compassos, reguas,
Os varicosos braços
De Artistas a milhares
Armão; fervem na obra como, em pinhas,
Ao redor da colméa Abelhas zumbem.

ANTISTROPHE V.

Rivalizando Mafra,
Aos ares sobe magestoso Templo, (1)
E, entre as soberbas Torres,
Hum tacito respeito
De longe inspira seu Zimborio augusto,
Parecendo, que os Ceos sustenta aos hombros!

EPODO V.

Magnifico Theatro eis abre o campo (2)
Da melodiosa Eutherpe
Da variada Terpsichore aos portentos:
Rival do inberbe Apollo
Crescentini hi triunfa; as Almas leva
No rapido volteio
Apoz si Radaeli..... oh! Não profanem
Jámais vís Histriões tão lindas scenas!

STROPHE VI.

Grande Luiz tão pago
De que Boileau, Racine, e La Fontaine
Teu Reinado illustrassem,
Vê mais lustre, e mais pompa
Dar de Maria ao venturoso Reino
Garção, Diniz, Bocage, e o grão Philinto.

(1) O Convento do Coração de Jesus.

(2) O Real Theatro de S. Carlos.

ANTISTROPHE VI.

Desce de Aveiro aos campos

Lêda Saude de rosadas côres, (1)

E aos Incolas presenta

O seu nectareo copo;

E sobem pelo já liberto Vouga

Commerciaes Baixeis, Britanas Frotas.

E P O D O VI.

Calvos Montes direi, inferteis Vargens

Que enverdece fecunda.

O potente condão da Agricultura?....

Generosos Hospicios

Franco azilo da afflicta Humanidade?....

Os Palladios Gimnasios?....

Mas conte Astros ao Ceo, ao Prado Flores

Quem da excelsa Heroína acções numere!....

Por José Maria da Costa e Silva.

A R T I G O III.

H I S T O R I A .

Memoria sobre Ceuta. (2)

He esta huma das principaes Cidades, e Fortalezas d'Africa, na parte, que propriamente se diz Mauritania, ou Barbaria; pertence ao Reino de Féz, e está situada no monte *Abyla*, fronteiro ao *Calpe*, onde se levanta a grande Fortaleza de Gibraltar, sobre o Estreito deste nome, ou garganta do Mar Mediterraneo, que tambem dizemos Herculeo, porque ao Estreito chamárão os antigos *Fretum Herculis* (Estreito d'Hercules, ou Herculeo), e porque estas (*Abyla*, e *Calpe*) são as chamadas *Columnas d'Hercules*, que alli pôz termo a seus trabalhos, e limite a suas navegações: fica 10 leg. ao E. de Tangere, 25 ao S. E. de Cadis, na long. de 17 gr. e 10 min., e 35, e 36 de lat.

(1) Desentupimento da Barra de Aveiro, e extinção dos charcos, que motivavão anuaes epidemias nos habitantes daquella Cidade.

(2) Artigo comunicado.

A Barbaria dos tempos , que tem sumido no esquecimento muitas preciosas antiguidades , e a falta de letras , com que ellas tem nome , e vida , nos deixou na ignorancia de cujos fossem os fundadores desta Cidade , que consta haver sido huma das mais opulentas , e populosas de toda a Africa : escrevem os Arabes que ella he fundação de hum Neto de Noé , o qual lhe deu por nome *Ceit* , que , em Lingua Chaldea , significa *principio de formosura* ; porém a mais seguida opinião he a de haver sido fundada pelos Romanos , os quaes lhe derão por nome *Septa* , hoje *Ceuta* por corrupção de vocabulo , ou *Ceita* , como achamos em nossos Historiadores ; e duas são as etymologias , origens , ou derivações , que communmente se dão a este nome : querem huns que *Septa* , ou *Ceuta* se derive do verbo Latino *Sepio* (cercar , murar , circumvallar) dizem outros que vem do nome numeral *Septem* (sete) por estar junto de huma serra onde ha sete montes levantados em altura igual , a que por isso os latinos chamarão *Septem Fratres* (sete Irmãos) , e neste sentido disse o nosso Camões no C. 4. da Lus. Est. 36 , e 37 :

Qual parida Leão féra , e brava ,
 Que os filhos , que no ninho sós estão ,
 Sentio que , em quanto o pasto lhe buscára ,
 O Pastor de Massilia lhos furtára ;
 Corre raivosa , e freme , e com bramidos
 Os montes *sete Irmãos* atrôa , e abala , etc.

Mas , como quer que isso seja , certo he que o Imperador Justiniano mandou pôr em Ceuta hum Tribuno com alguns Soldados , e Navios ligeiros , para guarda do Estreito , como se vê da segunda Lei do Titulo do perfeito Pretorio d'Africa ; e que , invadindo , e assenhoreando-se os Godos do Imperio Romano , Ceuta se conservou com Governador até ao tempo d'El-Rei D. Rodrigo , em que , pela deslealdade do Conde Julião , veio a dominio dos Moiros , sendo desde então quasi como porta aberta , e a principal por onde elles sahião a fazer suas erupções na Hespanha ; e tamhem a isso se refere Camões na Est. 49 do mesmo Canto :

O monte Abyla, e o nobre fundamento
 De Ceuta toma, e o torpe Mahometa
 Deita fóra; segura toda a Hespanha
 Da Juliana, má, e desleal manha.

Os alicerces dos muros antigos mostram o muito espaço, e grandeza desta Cidade, cujo termo era muito abundante em vinhas, e pomares, e ella em si mui rica; porque, como pela sua situação he conjunctamente emporio d'Africa, e da Europa, a ella vinhão todo o genero de aromatas, drogas, e mercadorias, assim dos outros lugares d'Africa, como da Europa, e do Oriente, conduzidas por Alexandria; e alli se lavravão mui primorosas obras de coiro, sêda, e arame.

A sua conquista foi hum dos feitos mais honrosos das nossas Armas, e hum dos mais memoraveis do glorioso reinado d'El-Rei D. João I.; foi a primeira, que houvesmos em Africa, onde ao depois tanto nos assignalámos, e mostrou não sómente o bom engenho, e conselho, senão tambem o valor do sabio Infante D. Henrique, o qual em sua entrada se distinguio por muitas gentilezas d'armas; havendo elle sido dos primeiros, que saltarão em terra, sendo o primeiro móvel deste famoso commettimento, e o unico de quem as coisas se sabem com mais individuação; ficando as acções de tantos illustres Cavalleiros sepultadas no esquecimento por descuido dos nossos Historiadores, que nem ao menos nos fazem certos do número de gente, e embarcações, que forão a esta empreza: porém, segundo Jeronymo Zurita na vida d'El-Rei Dom Fernando I. de Aragão, e hum Epithaphio, que se lê no Mosteiro da Batalha, sabemos que a nossa Armada se compunha de mais de 200 vélas, entre Náos, Galés, e Navios menores; pelo que podemos conjecturar, que talvez vinte mil Homens se embarcãõ nesta venturosa Armada, que aos 25 de Julho de 1415 levou anchora do porto de Rastello (hoje Belém), e foi largar ferro na bahia de Lagos, onde se publicou a tenção d'El-Rei, até então mui acautelada, e judiciosamente havida em segredo, e alli se demorou até 7 de Agosto, dia, em que foi demandar o Estreito; mas, obrigada de hum grande temporal, foi accolher-se em parte a Malaga, e em parte a Gibraltar; até que, reunida no dia

19, foi dar sobre a Cidade, a esse tempo dominada por hum Moiro Ancião, tambem Senhor de Tangere, Arsilla, e outros lugares naquella Costa, mui respeitado por ser de linhagem dos Marins, havida por a mais illustre em Africa, e elle por nome Zalabengala, tido em conta de mui prudente, esforçado, e cauteloso; porém, não lhe aproveitando esforços, nem apercebimentos, no dia 21 daquelle mez, e anno foi a Cidade entrada pelas armas Portuguezas, que nella houverão mui copioso, e rico despejo, com perda de só 8 homens, sendo excessiva a dos Moiros, posto que tambem ao certo se não saiba o número dos seus mortos, ou prisioneiros.

Alli armou El-Rei Cavalleiros os Infantes D. Duarte (Successor do Throno), e D. Pedro, e D. Henrique, os quaes tambem fizeram Cavalleiros alguns Fidalgos, ficando d'entre estes por Fronteiro, ou General, e primeiro Governador Portuguez naquellas partes D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna com dois mil e quinhentos homens; e ao Infante D. Henrique mandou El-Rei mettesse o Conde de posse do Castello, dizendo » que nenhuma homenagem d'elle queria, senão o conhecimento, que tinha de sua bondade. » Tanta era naquellesfortunosos tempos a magnanimidade dos Reis, e o valor, e lealdade dos Vassallos!

Altas diligencias fizeram por a recuperar os Moiros de Féz, Marrocos, e Granada; pelo que em grande fadiga, e aperto se viu o nosso illustre D. Pedro de Menezes, e os demais generosos Cavalleiros, que erão com elle, especialmente no cerco formal, e assaltos, que nelle soffreo em 1419, até que foi levantado com auxilio dos Infantes D. Henrique, e D. João. Sendo Regente do Reino por seu Irmão D. Affonso VI. o Infante D. Pedro, foi cedida á Corôa de Castella pelo Tratado de Lisboa de 2 de Março de 1668: nesse tempo foi, contra os Moiros, que a cercavão, soccorrida por nossas armas, capitaneadas por D. Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil: resistio a outro apertado cerco em 1697, e he ainda actualmente o melhor presidio da Hespanha em Africa.

Moniz.

ARTIGO IV.

MISCELANEA.

Costumes dos Gregos Modernos.

Todos os Ilheos do Archy-pelago são apaixonadissimos da sua Patria. Preferem seus alcantis de Rochedos aridos, e escalvados aos mais agradaveis paizes, como Ulysses preferia Ithaca a todo o Universo. Perguntão sem cessar aos Viajantes se tem visto coisa mais béla, tudo lhe parece admiravel na sua Patria. Disputão continuamente entre si sobre a preferencia de suas Nações, e he de grande difficuldade o rezolyer huma Rapariga de alguma Educação, e cazar-se em outra Ilha. Ella se teria por deshonrada se vendesse o seu Patrimonio, ainda mesmo no caso de lhe dar perca, e não lucro. Nenhum Grego das Ilhas venderá os seus bens, ainda que se veja constringido a viver em outra Ilha, e a perder os Rendimentos delles, de igual modo os antigos Gregos, e em especial os Lacedemonios, se envergonhavão de vender sua herança.

Falta de ordinario ás Gregas aquella formozura, que admiramos nas Estatuas de seu Paiz. Tem mais de bonitas, que de formozas: mas tem todas bons olhos, nariz inclinado, e pescoço hum pouco alto. Seu sangue foi abastardado pelo dos Turcos, especialmente no tempo, em que com o *carache* (I) se cobrava em cada aldêa hum certo número de crianças de ambos os sexos, mas tal uzança não está hoje em prática. As Insulares mais bellas são as de Tino, e de Siphant; em Pathmos, Santorin, e Stampalia, nunca as Mulheres bebem vinho.

As Mulheres Gregas são de ordinario muito fecundas, e crião ellas mesmas seus Filhos.

Na Ilha de Stampalia cazão-se as Raparigas muito Moças; em geral quando tem onze a doze annos, e algumas vezes mesmo antes da idade nubil. Estes cazamentos precoces forão mais frequentes antes do Governo do actual Capitão Bacha, que faz

(I) Tributo que o Grão Senhor cobra dos Christãos.

observar a este respeito huma severa disciplina. N'outro tempo os Pais, e as Mães temião que os Turcos despozessem de suas Filhas contra sua vontade. Em Pathmos, costumão-lhe fazer contrahir esponçoes a dez, ou onze annos, e cazão-nas dois, ou tres annos depois. Em Termia tambem se cazão mui cêdo.

As Gregas uzão muito de ouro, perolas, diamantes, e anneis. Ví, „ (diz hum Viajante) nestas Ilhas algumas com mais de „ duas mil piastras em joias, que não tinham cento e cincoenta de renda.

As Mulheres nas Ilhas passam a vida a fiar algodão em companhia de suas Criadas, que tratão com grande afabilidade, e que, pela maior parte, são tambem educadas como suas amas.

Os Gregos tem muito mêdo do *máo olhado*, o que he hum resto de superstição antiga. Tem conservado as idéas de seus antepassados á cerca do poder da Magia. Tem ainda muitas Fontes, a que attribuem virtudes contra certas molestias.

No Archypelago, e em todo o Levante, não se móe o Café, pizão-no com huma mão de ferro em hum gral de Pão, o que faz o Café mais fino, e mais economico. Nas mais partes das Ilhas tomão-no sem assucar; em geral fazem os Gregos mui pouco uso do Assucar, e todas as suas Pastelarias são fabricadas com mel. A melhor Salva he a que nasce em Stampalia, e Syra; maximamente se he cõlhida com orvalho do principio, e fim de Maio, e se tem crescido em sitio abrigado do Sol; com ella se faz o que os Turcos chamão *Trai Roumi*, que he o Chá dos Gregos; he hum licor mui grato, e estomachal, mas demaziado quente de verão.

A escacez de pastos obriga os Santorniotos a mandar seus Machos, desde Novembro até Abril, para *Pallaia Kommene* (antiga Ilha queimada) onde encontrão muito hervame, mas não tem mais agua, que a de chuva. Dizem que de lá voltão mui nedeos, e anafados, mas he preciso nos primeiros dias dar-lhe pouco de beber, porque, tendo perdido o uso disso, lhe fazia mal.

As Cidades mais bem edificadas nas Ilhas são Scio, que he de Architectura Genvoza; Milo, Paros, Syphant, Zea tem bellos Edificios.

As ruas nas Ilhas são mui estreitas, e andão por ellas tantos

Porcos, que ás vezes não deixão passar a gente. As de Stampalia, e de Serpho são tão pouco largas, que por ellas se não póde transportar hum defunto em hum *Kataleito*. Por isso embrulhão os cadaveres em hum tapete velho, e os levão ás cóstas até á Igreja, que fica fóra da Povoação. As escadas, que se estendem, pelas Ruas, fóra da Peripheria das Cazas, tomão quazi todo o Campo.

He rara a Caza, que nestas Ilhas tem janellas, supprem-se com postigos, que estão abertos todo o dia.

As camaras dos ricos estão adornadas de muito máos Retratos comprados em Veneza, e Napoles. Não ha mezas para escrever; não prestão as fechaduras, são muito baixas as Portas, principalmente as das Igrejas, para que os Turcos não entrem por ellas a cavallo. Os Leitos são tão altos, que para se deitarem he preciso subirem com huma cadeira, ou banca. Debaixo do Leito ha huma especie de parteleiras, onde dormem as Criadas.

Ha bellas Torres, ou pavilhões de campanha nas Ilhas de Naxia, Andros, e Metiline; nesta ultima Ilha quando se caza huma Rapariga, da-se-lhe usualmente hum Caza na Cidade, e hum Olival, em cujo meio está situada a Torre. Tambem nos campos dos Athenienses havia Torres como estas.

Hum dos maiores flagellos do Levante são os bichos que róm os livros, e lhe fazem mais damno que nos nossos climas. Todas as Bibliothecas dos Jezuitas em Salonico, Scio, Santorin, Naxia, e mesmo em Constantinopla se desfazem em pó ainda que mais tarde, passão pelo mesmo fado os Manuscriptos de Pergaminho, e vem assim a achar-se na Europa Christã, e principalmente em Inglaterra, e Alemanha, e França Manuscriptos Gregos mais antigos que os do Monte Athos, Pathmos, e outras Bibliothecas do Levante. Hum Viajante Francez assegura que em dois annos lhe derão os taes bichinhos cabo de quantos livros levára de Paris.

Em Pathmos, e em alguns Mosteiros do Monte Athos, são os Frades obrigados a servir-se de Livros Manuscriptos para o côro; o que faz com que apezar da coassissima ignorancia dos Gregos, ainda haja alguns, que saibão lêr os Missaes, que não entendem. O pouco cuidado que os Frades Gregos tem de seus Livros he grande parte para estragá-los.

” Em quazi todos os Conventos do Monte Athos, em quazi
 ” todas as Bibliothécas que vî (prosegue , o mesmo Viajante)
 ” estão os Livros confuzamente amontoados em grandes Arcas,
 ” e entregues á humildade. Examinando na Ilha de Siphante os
 ” Missaes do Mosteiro de Brisi vî sahir trez ratinhos daquella
 ” Bibliothaphos (sepultura de Livros.)

Em muitas cazas de Athenas, e Couhrouchismo, fazem as
 Criadas vento; e enchorão as Moscas com hum leque; he tam-
 bem uso antigo, como póde ver-se em Terencio em Act 4 Scen. 5.

Os Bailes dos Gregos são tão monotones como os seus can-
 tos. Ha sempre a mesma Dança a *Domeika*, tão elegantemente
 descripta por Mr. Guys. Os Albanезes tem huma Dança que da
 vizos de Dança Pyrrhyca, ou Guerreira dos antigos. O traje dos
 Albanезes he o mesmo dos primeiros ánculas do Epiro. As Dan-
 ças são sempre ao son da Lyra; mas que Lyra! Cahe aqui bem
 o antigo proverbio *onos pro Lyran*. (Burro a par da Lyra) os Mu-
 sicos cantão árias, que muitas vezes improvisão, e ha muitos
 emprovizadores na Grecia. Dão Serenatas ás suas Amadas no dia
 de Anno bom.

Ha em Tino huma Colana muito antiga aonde prendem os
 Ladrões nús até á cintura. Untão-nós de mel, e os expõem as-
 sim pelo espasso de huma hora ás Moscas, e aos ardores do Sol,
 depois de os terem feito passar em hum Burro com a cara volta-
 da para o rabo.

As bastonadas nas sólas dos pés tambem forão usadas pelos
 Antigos (vid. lib. ep. 119. pag. 532.) No governo do Impera-
 dor Mauricio foi empaladô pelo pescoço hum Magico chamado
 Paulino. Vid. Theopl. Simocata Hist. L. 11. cap. 11 Pag. 23.

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO V.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Idéa da Philosophia, como disposição natural, e precisão do Homem.

SABER he a geral inclinação de todos os Homens. Estas palavras, porque começa o primeiro Livro da Metaphysica de Aristoteles, contém, ao menos quanto ao seu nascimento em nosso espirito, todo o segredo da Philosophia. O Homem quer saber; quer entrar pela essencia, e relações de tudo quanto o rodeia, e descobrir o porque, e o como de todas as coisas. Sua destinação prática he operar, mas não póde accommodar-se com a ignorancia do porque deve operar de huma, e não de outra maneira; busca na especulação hum fio, que o conduza pelo labyrintho da vida, e ahí procura regras fixas para o tacteamento da experiencia. Debalde o bom senso vulgar, prole da importancia ligada á satisfação de nossas exigencias reaes, physicas, e quotidianas, brada a Democrito » que o Homem he nado para cultivar, e não para medir a terra: » Democrito prosegue em seus estudos. A irresistivel ancia de saber, que nelle se desenvolveu, o arrastra a contemplar, e a reflectir. Se o primeiro passo, que o Homem dá para egredir da classe dos brutos he reconhecer a ordem das estações, prever suas precisões futuras, fecundar a terra a seu tempo; o segundo, e que totalmente o distingue delles, he entregar-se á investigação das

Leis da natureza, de seu entendimento, e deveres. Então rompe a linha, que entremeia a intelligencia, e a materia; produz, desenvolvendo seu pensamento, o mais bello titulo de humanidade, e que verdadeiramente a caracteriza; já não he méro usufructuario, tornou-se Espectador, e quasi Juiz da creação.

A Sciencia imprime no Homem ignorante hum involuntario respeito á aquelle, que a possui. Na Sociedade Humana, que mais brilhou por sua cultura, na Grecia, se designarão os mais illuminados individuos com o appellido de *Sophos*, de *Sophistas*, isto he *Eruditos*. Trocárão depois este pelo mais modesto nome de *Philosophos*, ou *amigos da sabedoria*. A affinidade das palavras *sapiencia*, e *sabedoria* entre as Nações mais modernas, claramente descobre a affinidade íntima, que sempre o espirito concebeo entre a Sciencia, e a *Philosophia*, entre o *Erudito*, e o *Sabio*.

Quando as luzes começãvã a raiar, e quando quasi todos os Homens estavam ainda submergidos nas trévas da ignorancia, os poucos conhecimentos colhidos cá, e lá por alguns espiritos mais activos, e melhor dotados pela faculdade de observar, se reunirão naturalmente em hum congesto sem ordem, ligação, nem harmonia. Ninguem cuidava de unir, discernir, e arranjar á parte cada hum dos elementos, que, a seu tempo, deviã pertencer a diversas Sciencias, de que então não havia a minima idéa. Alguns principios dispersos de *Medicina*, e *Geometria*, certas maxims de conducta, para uso dos Particulares, e dos Estados, a alterada tradicção dos factos antigos, a indouta observação dos *Astros*, e da *Natureza*, a *Theogonia*, e *Cosmogonia* fabulosa daquella idade, os imperfeitos principios de algumas Artes nascentes, como a *Musica*, a *Poesia*, e a *Dança*, e finalmente as mais, ou menos engenhosas conjecturas, que cada hum a isto ajuntava sobre a origem, e fim das coisas, tudo isto confundido, e amalgamado formou por largos tempos hum corpo de doutrina, que era a sabedoria daquelles Evos. Esta Sciencia unica, era na verdade bem pobre; porém continha na sua confusão os germens de quasi todas as futuras Sciencias. Trazia já consigo o cunho das fórmãs, e dos modos originaes do entendimento humano, de cuja actividade, ella o era o producto; e a quem só restava estender, distribuir, e aperfeiçoar. Assim em hum jogo d'optica, hum espelho conca-

vo, depositario da imagem, que deve pintar em hum fundo escuro mui distante de seu foco, só ahi lança ao principio hum ponto luminoso, confuso, e homogenio, porque está turvado; porém á medida que se avizinha ao foco, estende-se a imagem, e as grandes divisões do Phantasma córado se fazem já perceber. Finalmente tração-se limpamente os contornos, sepáráo-se todas as côres; percebem-se as partes, conhecem-se as fórmulas, e se descobrem todas as gradações no que tinha começado por ser hum ponto luminoso; tal he, com pouca differença, a marcha da luz intellectual na distribuição, e classificação das Sciencias, e da Philosophia.

E, com effeito, quando por huma parte os factos da Historia, e da Natureza enriquecêrão a memoria; e por outra parte o entendimento activo, e a razão do Homem dilatárão os dominios da Especulação, a luz se tornou logo mais viva, e mais precisa, distinguíráo-se limites, e marcos em os campos da Sciencia, que até então tinhão parecido razos, e unidos. O que até alli se figurára hum irregular congesto começou a parecer susceptivel de huma tal, ou qual distribuição. A primeira separação geral, que teve lugar ao sahir do Cáhos, foi, como póde bem julgar-se, a dos factos, e dos raciocinios: a dos conhecimentos, que pertencião á simples percepção, ou memoria; dos que pertencião á intelligencia, e á especulação, e finalmente daquelles, que pedião a acção do entendimento.

Além disso, começando tambem o vulgo a instruir-se, se applicou, como era natural, aos conhecimentos mais faceis, que menos custavão, e que lisongeavão os Homens sensuaes, que não tinhão tempo para entregar-se á meditação. Fez-se pois a invasão do vulgo na parte da Sciencia, que ficava mais ao seu alcance; apoderou-se da Tradicção, e da Historia, de quanto se sabia de algumas Artes uteis, ou funestas, como a Architectura, a Guerra, a Poesia, e a Musica, e, como se esta profanação lhes tivesse tirado toda a formosura, os Sophos, e Eruditos de profissão declarárão todas estas terras conquistadas fóra dos dominios da Sciencia, agorentárão os limites desta; e, para ficarem sempre separados do commum dos Homens, se retirárão com o deposito dos conhecimentos meditativos para o dstricto mais elevado do entendi-

mento, e da razão, aonde estabelecerão a séde principal da Sciencia, e Philosophia.

Assim se estabeleceu a opposição, ou antithese, que jámais cessou, entre o que he *Empirico*, isto he experimental, individual, e proprio só para ser reconhecido de facto, e o que he *puro*, isto he theorico, geral, independente da experiencia, e que repousa sobre principios só pela razão reconhecidos. Teremos no proseguimento deste assumpto de recorrer muitas vezes a esta distincção fundamental, que procuraremos estabelecer sólidamente. Para mostrar que teve lugar nos primeiros tempos bastará esta passagem da *Metaphysica* de Aristoteles: » A meu vêr a Theoria inerece mais o nome » de Sciencia, do que a Experiencia; e o Theorico he por consequencia mais sabio do que o Empirico. O caminho para a Sabedoria he o caminho da Sciencia. » Daqui se reconhece quanto as idéas de Sciencia, Sabedoria, Theoria, e Philosophia entrão humas nas outras; e que com effeito a Philosophia nasce da ancia originaria de aprender, e saber, estímulo innato em todos os Homens, que os impelle a sahir de sua apathia, para occupar-se de opiniões, que, á primeira vista, não parecem de real interesse para elles.

Conforme o principio da divisão, de que fallámos acima, e que era a segregação do *intellectual*, e do *sensivel*, os conhecimentos, que parecerão pertencer mais immediatamente á intelligencia, e ter menos conexão com os sentidos contarão-se em primeira linha na essencia da Philosophia. Deste número forão especialmente, 1.º o systema das regras formaes, e necessarias, que dirigem a função do nosso pensamento no raciocinio; a Logica, chamada ao principio *Dialectica*. 2.º As considerações sobre a Natureza do Homem; sobre a de todos os Seres, sua origem, fim, e relações; sobre Deos, seja para demonstrar, ou para combater a sua existencia; coisas estas, que são todas hoje objectos de diversas Sciencias, a que damos diferentes nomes, algumas das quaes se comprehendem sob os de *Mathematicas*, e *Metaphysica*; mas que outro tempo forão colectivamente objecto de huma Sciencia unica, chamada Sciencia da Natureza, ou *Physica*. 3.º O Código dos principios fundamentaes, que devem dirigir nossas acções para o bello, e honesto, que devem reger os Homens em Sociedade, a Moral, o Direito Natural, a Politica, reunidos então sob

a denominação geral d'Ethica. A estes conhecimentos racionais os Sabios, ou Eruditos por excellencia, pertendêrão juntar o Direito de sentenciar sobre a Theoria da Lingua, sobre a das Artes, e sobre quando podia ser objecto da Legislação Racional. Deste modo a Philosophia ampliava, ou coarctava seus limites, e abraçava conhecimentos, que depois regeitava como heterogeneas. Ninguem sabia onde collocasse hum marco, que variava continuamente; a idéa geral de Philosophia, ficava indeterminada, e vaga; muitas das Sciencias Racionais, e das altas Theorias, que constituem a sua essencia, devem ser applicadas á experiencia, e realidades materiaes, sem o que ficarião inanes, e inertes Theorias. Mas até que ponto deve chegar esta applicação, e accidental aliança do intellectual, e do sensivel? Eis o que ninguem podia decidir, huns augmentavão, outros diminuião, segundo certas idéas, que formavão, o Imperio da Philosophia, e todós, segundo estas variações, davão della differentes definições. Havia muito que se philosophava, e não se podia ainda precisamente dizer o que era Philosophia, e ainda hoje, apezar de todos os progressos, não ha a este respeito hum completo acordo.

Por outra parte multiplicando-se as observações de todo o genero, e augmentando-se as luzes no campo do Empirismo, e no da Especulação, começou cada genero de conhecimentos a formar hum todo ligado, e systematico, que se enfeitou com o titulo de Sciencia. Daqui nasceo a idéa da Sciencia em geral, e se determinou o que devia exigir-se de todo o conhecimento, que tomasse este nome; citou-se a Philosophia, para que se lidimasse como Sciencia no Tribunal do Espirito Humano; e, á vista da difficuldade, que ella tinha em satisfazer a esta interpelação, e das discordes, e pouco precisas respostas daquelles, que se dizião seus Oraculos, se julgárão seus adversarios authorizados, para menoscaballa chegando mesmo alguns a duvidar, que fosse possivel a sua existencia.

Os Sabios Empiricos, uffanando-se com os palpaveis testemunhos, em que se apoiavão, e com os resultados reaes, e sólidos, que atingião, quizerão tambem usurpar só para si o nome de Sabios, e desalojar a Philosophia do Santuario do Entendimento, e da Razão, para aposenta-la no meio do Empirismo, e dos sentidos, descartárão-se de todo o jogo intellectual de concepções, e idéas, de que ella mais se occupava, e onde elles só vião illuzões. Por

outra parte os Philosophos intellectuaes demonstravão com todo o vigor a estes intruzos, que as illuzões, e os erros estavam da parte dos sentidos, e da experiencia. Alguma razão havia de parte a parte, e o Sceptico estava no centro, eis o que fez com que Fontanelle dissesse : » Toda a Philosophia cimta-se em duas unicas » bazes; isto he, em ser o Espirito curioso, e os olhos máos; se ao » menos se visse bem o que se vê... mas, vê-se diversamente do » que he, por isso os verdadeiros Philosophos passão a vida a não » crêr o que vêm; e a quererem adivinhar o, que não vêm.

Continuar-se-ha.

Pintura, e Esculptura.

(Continuado do N.º IV. pag. 61.)

Deve pois huma Acção, por muito viva, que seja, considerar-se como hum seguimento de combinações nas partes de huma Figura, cada huma das quaes tenha tido hum instante de duração; e cada huma destas combinações he propria para ser representada. Por huma Lei, que a Natureza impôz aos corpos, que se movem, a Figura em acção deve passar alternativa, e continuamente do equilibrio, que consiste na igualdade de pezo de suas partes balançadas, e repousadas sobre hum centro, á cessação do mesmo equilibrio, isto he á desigualdade do balanço. O moto nasce do rompimento do perfeito equilibrio; e o repouso vem do restabelecimento deste mesmo equilibrio. O movimento será tanto mais prompto, e mais violento, quanto a Figura, cujo pezo está igualmente devidido pelos dois lados da linha, que a sustenta, maior porção do dito pezo tirar de hum lado, para o pôr para o outro, e isto com a maior precipitação. Quando queremos parar, nosso corpo se inclina para o ponto, em que o seu pezo se acha em repouso. Hum lado mais carregado parece accrescentar-lhe o pezo, e dá de si; sente-se hum contraste, e a Figura se torna des-igual sem estar menos a prumo.

A belleza consiste em huma conformação perfeitamente relativa aos movimentos, que nos são proprios. A graça consiste na afinação destes dois movimentos com os da alma. A alma ope-

ra na infancia, e na mocidade por hum modo livre, e immediato sobre o destino da expressão. Por consequencia a Infancia, e a Mocidade são as idades da Graça, e a agilidade, e flexibilidade dos membros lhe são tão precisas, que a idade madura se lhes nega, e a Velhice as não tem. A simplicidade, e franqueza d'alma contribuem tanto para produzir as graças, que as Paixões endecizas, ou muito complicadas, as fazem raras vezes nascer. O sexo mais elastico, e mais sensivel em suas affecções, em quem o desejo de agradar he pela natureza inspirado, aquelle sexo, que torna a belleza mais interessante, tambem, quando escapa ao artificio, e á affectação, offerece as graças no aspecto mais seductor. A arte de roupear he tambem hum dote essencial no Pintor, e no Escultor; cumpre que suas roupas estejam em harmonia com o assumpto, e que o lançar das pregas deixe entre-ver o nú atravez dos vestidos.

A expressão em Pintura, ou Esculptura he huma representação do character, que distingue o objecto, e o seu effeito he affectar os Espectadores. A expressão estende-se dos objectos mais simples aos mais compostos; dos corpos menos susceptiveis de acção, aos que são mais animados; em huma palavra da materia ao espirito. A Arvore, que rompe as nuvens, nos faz impressão por elevada; huma Floresta inteira pelo carregado de suas sombras, e pela magestade das Arvores, de que se compõem. Hum vasto Rochedo ameaça ao mesmo tempo em seu altivo cume o Ceo, e a Terra sobre a qual pende do alto de hum monte. Faremos sentir em hum Quadro o susto, que elle nos infunde; e seu pezo, fóra de equilibrio nos fará tremer a respeito de quanto se acha exposto aos funestos resultados de sua quéda. O Homem finalmente nos affectará pelos movimentos, de que percebemos, que está sua alma agitada. Notamos o que estes movimentos produzem em seus membros, musculos, aptitudes, gestos, côr, e feições, e assim pela faculdade de sentir, e distinguir todas estas coizas, chegamos á expressão das paixões, que corôa os primores da Pintura, e da Esculptura.

As reflexões, que acabamos de fazer, e propór, são igualmente applicaveis á Pintura, e á Esculptura. Passemos agora ao exame dos meios, que a Pintura emprega, e de que não precisa a Esculptura; quero dizer das côres. O objecto do colorido he imi-

tar a luz; e pintar o Espaço. Cada objecto offerece á nossa vista sombras, e luzes, que resultão dos raios, que o Sol sobre elles derrama. Estes objectos tem, além destas sombras, e luzes, huma côr, que lhe he propria, e a quem a luz augmenta o brilho, e vivacidade. Devemos, por consequencia, quando pintamos, imitar as côres de cada assumpto local, e a concordancia, que a luz, e a sombra dão aos objectos em razão de seus planos, ou das superficies, que os raios, que illuminão hum Quadro, e que se suppõe partir de hum ponto, encontrão em seu caminho. Da-se o nome de *claroscuro* ao effeito destas sombras, e luzes. Dois tons podem bastar para representá-los. O branco imita a luz, e o negro imita o effeito das sombras. Deve o Pintor observar o colorido de objectos distantes: nelles he a sombra mais branda, e a luz menos viva. A gradação das côres não he tão confuza nos objectos vizinhos; junto do fogo se distinguem as luzes, e as sombras por traços marcados, e decidem os contornos dos corpos. O mesmo ar tendo menos espessura, e sendo por consequencia mais diaphano, não altera a côr, que se apresenta com todo o seu brilho, de modo, que a luz fornece huma cadeia entre os objectos mais proximos, e os mais distantes. Cada tom de côr, que se offerece á nossa vista se confunde, e perde naquelle, que se lhe segue.

O tom dos objectos illuminados seria muito duro se os reflexos não se unissem ao *claroscuro*, e se o ar não deminuisse o matiz dos objectos distantes. Pelos reflexos parecem as côres misturar-se; cada objecto alternativamente recebe, e dá, e he este hum dos grandes meios, que o Pintor pôde empregar para que varie a harmonia do seu colorido; mas huma vez escolhida huma concordancia, deve-lhe conservar o character, e unidade. Esta concordancia nasce das côres do seu fundo, mas he necessario que elle não deixe ver o artificio: reflexos demaziadamente marcados, meias tintas mui duras, rompimentos imperfeitos offendem os olhos, e desmanchão a illuzão. A côr deve ter a ligeireza do ar, e a sombra deve ser como hum véo transparente, que modifica o tom da côr. Deve pois a sombra ser em tudo a mesma, ora mais negra, ora menos fortè, e isto he que produz as pauzas, que fazem brilhar as côres nos claros. Tambem as oppozições são hum grande meio, de que pôde servir-se o Pintor para produzir effeito, mui-

tas vezes huma côr sensível produz o effeito da sombra sobre hum plano illuminado.

Tambem o momento da Acção deve influir muito sobre o tom do colorido. Quando o Sol principia a despontar no horizonte são os outeiros feridos pelo modificado fulgor de seus raios; as mal-determinadas sombras dos Corpos se misturão com vapores; cujo effeito he torná-las mais negras; e quando que aquelle Astro vai sobindo, a Athmosphera se pinta de azul, a Terra se adorna, e cada objecto toma a sua verdadeira côr, o que necessariamente deve mudar as concordancias. O Meiodia espalha sobre toda a Natureza hum brilhantismo, que não he possivel imitar. Então o Pintor prudente tem o cuidado de entre-pôr algum objecto capaz de romper os raios do Deos do dia, que, não obstante isso, deixa escapar, para mostrar o instante. O pôr do Sol fórma effeitos largos, e luminozos; as sombras, e as luzes se estendem, e tornão as massas mais facéis; a sombra tem mais arrogancia, as côres maior brilho, e tudo parece reflectido.

O lugar deve decidir da escolha, que o Pintor deve fazer do acabamento, ou do toque rapido; quando tem de pintar hum espaço lemitado, ou hum quadro para ser visto de perto deve fundir todas as tintas, com hum pincel mui leve; se pelo contrario quer decorar a abobada de hum Palacio, ou de hum vastissimo Templo, pôde então trabalhar com hum estylo mais arrojado; mas então o ar deve servir para adoçar o tom das passagens menos finas.

A R T I G O II.

L I T E R A T U R A .

Emportancia da Imaginação nas Artes.

Não ha quadro tão perfeito, na despozição natural das coisas, que a imaginação não tenha que retocar. Ha poucos factos na Historia, que a Poesia não deva corregir, e adornar para que fiquem mais interessantes. Não tem pois as produções das Artes Typo completo em a Natureza: são, propriamente fallando, Ficções, e isto nos obriga a contemplan a Ficção, e as diferentes

especies della , de que se faz uso nas Artes , a saber *perfeita* , *exagerada* , *monstruoza* , e *phantastica* .

Grande engano seria o persumir que a imaginação tira de seu proprio fundo os modêlos ; que se propõe a pintar ; ella compõe , e não cria. Seus Quadros mais originaes são meras Copias , ao menos pelas circunstancias. A maior , ou menor analogia entre os differentes casgos, que ella junta , he que fórma os quatro generos de Ficção , que passamos a distinguir , e de que assima fallámos.

Ficção perfeita he a regular união das mais bellas partes , de que he susceptivel hum composto natural , e só neste sentido he que a Ficção he indispensavel nas Artes de imitação. Recolhiêrão os Artistas as dispersas bellezas de modêlos existentes , e dellas compozêrão hum todo , mais ou menos perfeito , segundo a melhor , ou peor escolha das ditas bellezas reunidas. Mas nem sempre a belleza da composição he huma juntura de bellezas particulares. Ella he relativa ao effeito , que nos propomos , e consiste na escolha dos meios mais aptos para comover a alma , admiralla , enterneçella , etc. Nestas composições he que o Pintor necessita do mais profundo Estudo não só da Natureza , em quanto modêlo , mas da Natureza , espectadôra , para interessar , e mover. Deve portanto a Ficção ser o arremedo da verdade , mas da verdade embellecida , e adornada pela escolha , e combinação das côres hauridas por ella na Natureza. Ha tambem Artes para quem ainda a Natureza he nova : a Poesia parece não só ter ceifado , mas respigado tudo ; porém a Pintura , cuja carreira he quazi a mesma , apenas tem dado os primeiros passos. Homero só per si apresenta mais Quadros , que todos os Pintores juntos. Quantos assumptos não acharião estes em suas obras , e mesmo em nossas Tragedias modernas!

Tem-se conhecido em todas as Artes quão pouco interessaria a imitação servil de huma Natureza defeictuosa , e commum. Mas tambem pareceo mais facil exaggerá-la , que embelleçê-la , e daqui nasce o segundo genero de Ficção , que estabellecemos. A exaggeração produz o que se chama *maravilhoso* na maior parte dos poemas , e que meramente consiste em addicções Arithmeticas de massa , força , e velocidade. Sacudido huma vez o jugo da ve-

rosimilhança, e transcurada a regra das proporções, nada custa o exagerado. Porém se elle observa no Physico as gradações da Prespectiva, e a das idéas no moral; se em huma, e outra apresenta as mais bellas proporções da Natureza, ideal, ou real, que se propõe a imitar, então só se destingue do perfeito por ter hum merito mais; já não he a Natureza exagerada; he a Natureza reduzida a suas dimenções pelos longes. Mas em nada he tão difficil passar os marcos da Natureza, sem alterar as proporções; como no moral, e sua combinação com o physico. He facil ao Homem imaginar corpos mais estenços, fortes, e ageis do que o seu, a Natureza lhe fornece os materiaes, e os môdelos; porém no moral não conhece o Homem outra alma, que não seja a sua, e não pôde por isso dar ao Colosso, que anima, mais do que suas faculdades, idéas, sentimentos, paixões, virtudes, e vicios.

Não ha coisa, que Pintores, e Poetas não tenham imaginado para cauzar admiração; e a mesma esterilidade, que os compello a exagerar a Natureza em vez de embellecê-la, fez que elles a desfigurassem decompondo-lhe as especies; mas não sahirão melhor de imitar seus erros, que de ensanchar seus limites. A ficção monstruosa parece ter a superstição por baze, os jogos da Natureza por exemplo, e a Alegoria por objecto. Acreditava-se em Sphynges, em Satyros, em Sereas; via-se que a mesma Natureza confundia ás vezes em suas producções as fórmãs, e faculdades das differentes especies; e imitando estas mixtões, tornão-se sensiveis por huma só imagem as relações de muitas idéas. Considerado como simbolo tem este genero de ficção a sua verosimilhança; mas tem igualmente suas difficuldades, e nelle se não descarta a Imaginação das regras da proporção e do todo.

Cumprio pois que na monstroza junção de duas especies cada huma dellas tivesse a sua belleza, e regularidade especifica, formando de mais a mais com a outra hum todo, que a imaginação podesse realizar, sem que des-economizasse as Leis do movimento, e os processos da Natureza. Cumprio porporcionar o movel ás massas, e os apoios aos pezos; mas quaes deverão ser aqui as proporções? He certo que não são arbitrarías; não he menos certo, que a regularidade do todo consiste nas grandezas naturaes de cada huma de suas partes. Fizera máo effeito na Sphyn-

ge a delicada cabeça, e torneado pescoço de huma Mulher sobre o corpo de hum enorme Leão; deve pois o Pintor afinar as proporções das duas especies; mas que regra seguirá para isso? A que a Natureza seguiria se formasse semelhantes compostos, e não he só para escolher proporções, que o Pintor deve pôr-se no lugar da Natureza; mas ainda muito mais na ligação das partes, sua mutua correspondencia, e acção reciproca, coisa, que parece nunca ter occorrido, nem ainda aos maiores Pintores!.. Examinem-se os musculos do corpo do Pegaso, da Fama, dos Amores, busquem-se ali os lios, e moveis das azas; observe-se lhe a estrutura do centauro; e ali se acharão dois estomagos, dois peitos, dois lugares para intestinos; têlos-hia a Natureza assim fabricado?

Para passando monstruoso ao phantastico bastou, que o estravio da imaginação transpuzesse a barreira das propriedades. O primeiro era a combinação de especies vizinhas, o segundo a junção dos generos mais distantes, e das mais desconchavadas formas sem proporção, e progressão, nem gradação.

Do que temos expellido, acerca dos quatro generos de Ficção, resulta, que o phantastico só he supportavel em hum momento de loucura; que o monstruoso só pôde ter o merito da allegoria; e que da parte do todo, e correcção do desenho tem difficuldades, que só podem vencer-se, deslembrando os modêlos da Arte; e creando huma nova Natureza. Que o exagerado nada he no physico só per si, e que na união do physico, e moral cahe em desproporções inevitaveis. Que, n'huma palavra, a Ficção, que se derige ao perfeito he o unico genero que satisfaz o gosto, interessa a razão, e he digna de dar exercicio ao Genio.

P O E Z I A.

O D E.

Volgi, ó Mortal, ove quel Sol lampeggia
Di bellezee, e di grazia unico, esolo
Gl'occhi felici, e la beltá vagheggia,
Che alza i piu pigri ingegni a nobil volo.

Marini. Adón. C. II. Stan. 108.

Do Conjugal Amor symbolo puro,
Terna, candida Pomba,

De Josino, e Marilia os Lares busca:
 Os Lares, onde alvergue
 Encontrou foragida a sã Virtude:
 Os Lares, onde brincão
 Comedido Prazer, modestas Graças,
 E aos dois ternos Consortes
 Presenta o tenue don, que te confio;
 Tenue don, porém Filho
 De ingenua Gratidão, pura Amizade.
 Dize-lhe, que, fugindo
 Do Mundo enganador ciladas, riscos:
 Quando corro a lançar-me
 Entre os braços de hum Deos, que, compassivo,
 Sobre a terra descendo,
 Pelicano melhor, com vivo sangue
 Do seu rasgado seio
 A vida nos volveo; no Perystillo
 De melhor Universo
 He para elles só, que a espaços volveo
 A saudosa vista!...
 Mas que leda lembrança occorre á mente?
 Este o ditoso dia,
 Que os vïo ante os altares enlaçando
 As amorosas destras,
 Jurar-se eterna Fé!... com que sereno
 Encantador sorriso
 Entre pejo, e prazer suspensa a Esposa
 Não proferio córando
 „ Sempre tua serei! „ serei teu sempre! „
 Em extasi de gosto
 O Esposo proferio. D'Empyreo lume
 Fulgurosa espadana
 No vasto Templo subito expandio-se.
 As marmoreas columnas,
 As argentadas aras se aballarão
 Com tremor jubiloso,
 E do Orgão não tocado retinirão

Com suave harmonia
 Os espontaneos sons!... E em quanto em roda
 O attonito Congresso
 Em pio acatamento se emergia,
 Suave como o sôpro
 D'hum vespero Favonio, que o silencio
 De clara, estiva noite,
 Murmurando entre as rozas, interrompe,
 Melodioso accento
 Da voz de hum Seraphim cantou desta Arte.
 „ Salve, Par venturoso,
 „ Delicias do Senhor, da Terra esmalte!...
 „ Crescei, qual cresce a Vinha
 „ Sobre a fertil Colina, em sã Virtude!
 „ Florescei na ventura,
 „ Como em ledo Jardim floresce o Lyrio!...
 „ O Sol da Providencia
 „ Verterá sobre vós mais brando influxo!
 „ Da vossa vida o tronco
 „ Regatos de prazer banharão sempre,
 „ E seus frondosos ramos
 „ Aura benigna de feliz socego
 „ Embalará contínua!
 „ Virá Prole de vós, que vos semelhe,
 „ Que viva, cresça, e vingue
 „ Vosso esteio, e brazão, da Patria exemplo,
 „ Dos Ceos desvéllo, e gloria.

José Maria da Costa e Silva.

A R T I G O III.

H I S T O R I A.

Origem das Facções dos Brancos, e Negros em Florença.

Havia em Florença duas Familias, poderosissimas por nome, haveres, e nobreza, e conhecidas pelos appellidos de Cerchis, e Donatis. Tinhão estas tido entre si algumas differenças, mas não taes, que as tivessem induzido a tomar armas, e talvez mesino não terião passado adiante, se novos motivos não viessem exacerbar os animos. Entre as mais distinctas Familias de Pistoja contava-se a

dos Cancilieriis. Aconteceo pois, que jogando Lore, Filho de Misser Guiglielmo, com Geri, Filho de Misser Bertaccio, ambos da dita Familia, ficasse Geri por Lore levemente ferido. Desagradou o caso a Misser Guiglielmo, e querendo evitar o escandalo com a humildade, lhe deu maior corpo ainda, pois ordenou ao Filho, que fosse a casa do Pai do ferido, e lhe supplicasse perdão. Obedeceu Lore ao Pai; porém este acto de cortezia não adoptou o espirito de Misser Bertaccio, e fazendo prender Lore pelos seus Criados, e para maior injúria atar a huma magedoira, lhe fez cortar a mão, dizendo: vai dizer a teu Pai, que feridas, com ferro, é » não com palavras, securáo. » Estimolou-se tanto Misser Guiglielmo da crueldade deste facto, que fez armar os seus para tomar vingança delle. Armou-se tambem Bertaccio para defender-se, e não somente aquella Familia, mas Pistoja em pezo se dividiu. E porque os Cancilieriis, descendião de Misser Cancilieri, que fôra casado com duas Mulheres, huma das quaes se chamava Branca, o partido daquelles, que della provinhão, tomou o appellido de Branco, e o outro o de Negro por contraposição. Entre estes houverão em diversos tempos varias pendencias com bastantes mortes de homens, e ruinas de casas. E não podendo entre si unir-se, desejosos de pôr fim a suas discordias, ou augmenta-las com a divisão de outros, passarão a Florença, aonde os Negros por familiaridade, que tinham com os Donatis, forão por Misser Corso, chefe da dita Familia, favoravelmente acolhidos, de que nasceo, que os Brancos, procurando apoio poderoso, que contra os Donatis os acolumnasse, recorressem a Misser Veri dei Cerchi, Homem em nada inferior a Misser Corso.

Esta animosidade vinda de Pistoja, enviperou o odio, que reinava entre Cerchis, e Donatis, e andava já tão manifesto, que os Prioris, e outros bons Cidadãos, temião que a todo o instante viessem ás armas, e que pozessem toda a Cidade em bandos. Recorrêrão pois ao Pontifice, para que com a sua authoridade dêsse áquelles alterados espiritos o remedio, que elles não podião dar-lhe. Mandou o Papa chamar Misser Veri, e inpondo-lhe, que fizesse a paz com os Donatis, este, como maravilhando-se, lhe respondeo: que com elles não tinha inimizade alguma; e que como a paz presunha guerra, não sabia, não existindo esta entre el.

les, para que fosse a paz necessaria. Tornando Misser Veri de Roma sem mais conclusão alguma, crescêrão de modo as rixas, que qualquer pequeno accidente as fazia romper. Chegou o Mez de Maio, que em Florença he consagrado ás Festas Publicas. Certos Mancebos da Familia dos Donatis, indo com alguns amigos seus a cavallo, parárão junto á Trindade para vêr dançar algumas Mulheres. Chegárão depois alguns dos Cerchis, acompanhados tambem de muitos outros Nobres, e desejosos de vêr, picárão os cavallos, por entre elles, e os atropelárão. Offendidos os Donatis, mettêrão mão ás espadas, fizeram o mesmo os Cerchis, e não findou a contenda sem muita effusão de sangue.

Teyve esta desordem terriveis consequencias, porque se dividiu a Cidade, e tanto os Grandes, como os Pequenos seguirão huns as partes dos Brancos, e outros as dos Negros. Erão cabeças da parte Branca os Cerchis, com quem se unirão os Adimaris, os Albatis, parte dos Tosinghos, dos Bardis, dos Rossis, dos Frescobaldis, dos Nerlis, e dos Manellis, todos os Mozzis, os Sealis, os Gherardinis, os Cavalcantis, os Malispinis, Bostichis, Gianodatis, Vechietis, e Arrigozzis. A estes se unirão muitas Familias Plebeas com todos os Ghibelinos, que havia em Florença. Os Donatis erão chefes da Parte Negra, e erão com elles aquellas porções das Familias acima nomeadas, que com os Brancos não estavam: e além disso os Pazzis, os Bisdominis, e os Manieris, os Bagnesis, os Tornaquincis, Spinis, Bundelmontes, Gianfiglakis, e Bruneschis. Nem sómente na Cidade lavrou esta divisão, mas até contaminou os campos de seu Termo, razão porque todos os Guelfos, e amigos da Republica temião, que semelhante divisão fizesse com ruina da Cidade resuscitar o Partido Ghibelino, e por isso deputárão de novo ao Papa Bonifacio para que cuidasse no remedio, se não queria, que aquella Cidade, que sempre fôr antemural da Igreja se arruinasse, ou volvesse Ghibelina. Mandou por tanto o Papa a Florença Matheus de Aquasparta, Cardeal Portuense, por seu Legado; que por achar difficuldades na parte Branca, que por se julgar mais poderosa, temia menos, partito de Florença agastado, e a pôz em interdicto vindo deste modo a deixar as coisas em maior confusão, do que as tinha achado.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO VI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Idéa da Philosophia, como disposição natural, e precisão do Homem.

[Continuado do N. 5 pag. 77.]

No meio deste conflicto de opiniões, destas incertezas, e contradicções entre os Depositarios das Sciencias, o insticto Philosophico conservava invariavel a tendencia inherente á sua Natureza, seu pendor para saber, e subir, de porque em porque, até hum conhecimento absoluto, que o satisfaça, e que possa perfilhar como principio de todos os outros. Apesar de mil tentamens quasi sempre infructiferos, de mil opiniões apresentadas ao principio como verdades, e depois reconhecidas por falças, nunca desfalleceo o Espirito humano, nem as Sciencias falças o desgostarão das verdadeiras, a que tende por sua Natureza. Quando de perto examinamos esta precisão de saber, e analizamos a idéa da Sciencia, descobrimos que ha huma disposição innata no Homem de pôr em ordem a multiplece, e infinita variedade de suas representações sensiveis, e intellectuaes dadas como independentes humas das outras. O Homem sente que he hum; a consciencia, que tem de si mesmo, he huma unidade indevizivel, e coherente; não dizemos unidade numerica, mas systematica; e homogenia; unidade

não por opposição e numero, mas por opposição a confusão. Cumpre que os conhecimentos de hum tal Ente se revistão desta fórma principal do objecto cognoscente, adoptem esta maneira de existir da consciencia intima, isto he que formem entre si hum todo coherente, e ligado, huma unidade systematica. Esta Synthese originaria he a primeira condicção, e fórma de nossos conhecimentos. A qualidade do amarello dada pela vista, a do sonoro da la pelo ouvido, as de duro, pezado, e ductil, dadas pelo tacto, qualidades isoladas em si, são percebidas por este principio activo, que tende em nós á ligação, e ao todo, reunindo-se na unica representação, que chamamos = ouro =. Assim de todos os objectos, que successivamente, e com tanta variedade conhecemos, formamos *Todo*, e systemas parciaes, até que de sua generalidade compomos hum só systema, huma só unidade, que chamamos Mundo. Daqui vem a necessidade de arranjar nossas percepções em *hum* espaço, em *hum* tempo; de olhar todo o acontecimento como proveniente de outro, que antecede; (relação de *causa*, e *effeito*) de olhar todas as coizas como exercendo huma influencia reciproca; (relação de *acção*, e *reacção*.) de prestar a todas as coizas hum fim (relação do *fim*, e *meio*) de supôr que as diversas qualidades, que nos trasmittem os sentidos devem ter hum fundo commum, que as sustente, e reuna (relação de *accidente*, e *substancia*), e assim do resto.

Porém de todos os seus conhecimentos, aquelle, a que mais o Homem dezeja dar huma ligação, e harmonia conciliadôra he a relação entre suas opiniões, e suas acções, seu saber, e seu querer; aqui o mais vivo interesse pratico rebôra nelle o especulativo, e deve operar, influir em si, e em seus semelhantes. Quaes serão as regras, que deve seguir? Qual será o seu fio conductor?.. Aqui o Homem se derige á especulação, cita-a para cumprir o que lhe promette, e o attractivo, que ella lhe inspira o constrange a indagar.

1.º Sou livre em minhas acções? He minha vontade hum principio activo, espontaneo, capaz de deliberação, e escolha? Estou em qualidade de Ente Moral fóra dessas Leis necessarias a que vejo tudo sujeito em a Natureza? Ou sou hum áthomo englobado nesta Natureza, e submettido a seu irresistivel impulso, e á

necessidade de suas Leis ? O que em mim tomo por deliberação será mais do que a vacillação momentanea de hum corpo em equilibrio, que em breve vai ser para hum, ou outro lado arrastrado ? Se, como se infere da segunda suppozição, não sou livre ; se a necessidade das Leis da Natureza peza sobre o *Eu* moral, como sobre o resto das coizas ; se minha vontade he determinada por hum mechanismo, que não posso evitar ; então não ha para mim responsabilidade ; *bom*, e *máo* são palavras occas, huma força estranha opera, quando eu quero operar ; não ha pacto, fé, ou sociedade, que possivel seja, serei impunemente prejuro, e assassino, e os remorsos serão huma illuzão... Mas (responderão) estabelecêrão-se penas para as acções prejudiciaes á sociedade, para que á maneira dos pezos em huma balança inclinem a máchima para o bem. » Mas se eu sou huma máchima hum pouco mais habil do que outra, furto-me aos olhos da justiça humana, por crédito, ou riquezas, e sou tranquillamente criminozo ! A que espantoza, e infallivel consequencia me vejo reduzido ! Oh especulação, tira-me, se podes, deste abismo.

Sou pelo contrario livre em minhas acções ? Posso dar á minha vontade a impulção, que me agrada ? Para logo huma ordem moral aparece á cavaleiro das Leis da necessidade. O Homem he responsavel pelo mal, que comette ; aparece a ligação entre o crime a pena, e os remorsos ; sahe o bem da indiferença, em que o sepultára o Fatalismo, mostra-se como hum principio activo, e chama pela recompensa, e a moral, e a sociedade cimentão-se em solida baze.

2.^o Mas se eu gozo de meu livre arbitrio, por onde devo regular as minhas acções ? Quem formará a legislação suprema de minha vontade ?

Contém esta vida a minha finalidade ? O Phenomeno da morte corporal traz tambem o aniquilamento do Ente Invisivel, que em mim pensa ? Se he assim, nesta curta vida devemos buscar o fim de nossa actividade, e os motivos de nossas acções.

Mas se o ser pensante, sobrevive ao corpo, então nesta vida futura he que deve colocar-se o fim de nossas acções na vida presente.

3.^o Preciso com tudo em huma, e em outra hypothese de huma

regra pela qual destinga o que devo, do que não devo fazer. Será esta o meu interesse, ou inclinação, que me impellem a satisfazê-los? Será o secreto instincto, que me inclina para quanto pôde illustrar o meu ser? Será minha consciencia? A consideração de Deos?

4.º Existe hum Deos? Se tenho hum Creador devem haver relações entre elle, e mim: sua consideração deve mudar o plano de minha vida, devo-lhe ser submisso. Se o não ha, o homem, sem superior no Universo não pôde temer castigo, nem esperar galardão depois da morte: he da ultima urgencia examinar bem este problema.

Ora eis-aqui os quatro pontos principaes, sobre que a razão prática interroga a razão especulativa, e sobre que não pôde deixar de responder, bem, ou mal, affirmativa, ou negativamente. 1.º Liberdade de nossas acções. 2.º Immortalidade de alma. 3.º Primeiro principio da moral. 4.º Existencia de Deos. Estes quatro poderosos Ellos prendem o fazer, ao saber, e a vida activa á contemplação; e esta parte da Philosophia, que tem por objecto principal as indagações sobre a existencia de Deos, liberdade, e immortalidade da alma, se chama em particular *Metaphysica*.

Para achar huma solução a tão grandes problemas, para satisfazer ao desejo especulativo de saber, e á necessidade prática de apoiar-se no saber, deve o homem, no silencio das paixões, reconcentrar-se em si, e ouvir a voz da sua razão, e da sua consciencia. A Philosophia indispensavel reside em cada coração, e para nella a deparar he necessaria a meditação, precisa que o homem se entregue á interioridade, unico meio de descobrir a Lei da Natureza visivel, e as regras de seus deveres. Porém a indolencia, e as distrações exteriores, tornão este estado penoso para o homem sensual, em quem o desejo de chegar ao fim, he combatido pela repugnancia de submeter-se aos meios; e como convidaremos para entrar no Santuario da sua alma, os que a tem patenteado aos Idolos da corrupção, á Impiedade, ás paixões infrenes e á immoralidade? Serão logo repellidos; o Homem mundano soffocou nelles o Homem natural; limitou-se a actividade intelectual transportando-se para o espaço exterior, para o campo das exigencias, e desejos factivos, e sendo obrigada a deixar o seu imperio

primitivo, que já não conhece, e onde lhe succederão, o gelo, e a morte; reina a indiferença onde originariamente reinava o interesse.

E ha Homens, que tão completamente abjurem a Humanidade? Esperemos, que não seja para sempre!.. Por muito atolados, que estejam no lodo da vida ordinaria, e das realidades materiaes; alguma vez devem sentir-se impelidos para huma destinação mais alta, e para huma existência mais espiritual. O Ente mais frivolo, e destrahido pelos prazeres, pôde não achar-se por hum instante na solidão de seu Entendimento? Nunca sentirá em si hum instinto curioso, que lhe pergunte » Que me he perdido a respeito de saber a meu respeito? A respeito de minha origem? » Do que me cerca? E do que me aguarda? Que Lei deve regular as minhas acções para com os meus semelhantes? » Estas questões de hum interesse eterno, e indestructivel para a razão humana, são deste modo explicadas pelo grande Philosopho, cuja doutrina haremos resumindo, e expendendo nos seguintes Numeros do presente Jornal.

» Que posso saber?

» Que devo fazer?

» Que posso esperar?

Nota depois que estas trez questões se encerrão todas na seguinte » Que he o Homem? » E com effeito o Espirito Philosophico nada tem com as coisas em si mesmas, e só cura das suas proprias representações das coisas, e, por consequencia, do que se passa no Homem.

Temos bastamenté mostrado o interesse pratico, e especulativo; e o estímulo natural, e innato que nos leva a Philosophia, a ligar nossos conhecimentos, e investigar o porque, e o como de todas as coisas, até chegar a hum porque absoluto, que nos satisfaça, e neste sentido a Philosophia he cóeva do pensamento, e germinou no Homem na aurora de sua cultura.

Musica.

A Musica expressa as propriedades dos sons, que são capazes de produzir harmonia, e mover os affectos d'alma; bem como a Poesia, pelo metro, e cadencia de palavras, expressa os nossos sentimentos; com a differença porém de que aquella tem o poder de mover por sons harmonicos de differentes instrumentos, ou vozes; e esta, pelos sons unicamente vocaes. Sendo estas duas Artes tão unidas, e tão naturaes aos homens para expressar seus sentimentos, é analogas ás obras da Natureza, que elle contemplava; parece que ambas devião ser co-irmãs, e cultivadas quasi ao mesmo tempo, á proporção do augmento, que cada huma tivesse dos seus amadores.

Assim pois, o principal fim da Musica he mover nossos affectos pelos sons accordes, que imitão a mesma Natureza, e por esta razão, ella deve agradar, theorica e praticamente, executada segundo o uso, que tem tido em todas as idades do mundo.

Os Israelitas a praticarão pará proclamar os louvores do Creador, e dár prazer, e consolação em preceitos moraes: consequentemente, seus Canticos devião ser graves, sólidos, e patheticos.

Os Hebreos, segundo a Escriptura, já fazião uso de Musica instrumental, que causava effeitos sobrenaturaes, pelos seus instrumentos de corda, e de vento. Sabemos, que no tempo de David, e Salomão, esta Arte floresceo bastantemente, e que mais de duzentos Musicos erão nomeados para cantar no Templo, e instruir a muitos discipulos. O Canto dos Hebreos era ordinariamente acompanhado com dança, e côro de Cantores.

Os Egyptios, seguindo o exemplo dos Israelitas, consagrarão a Musica á Religião; e como esta Arte nunca havia sido empregada em profanidades, regeitirão as canções affeminadas, que sómente inspiravão falso prazer; e conservarão os hymnos harmonicos, e proprios para excitar os corações, e o espirito.

Foi no Egypto que Pithagoras adquirio gosto, e conhecimento de Musica, para o communicar aos Gregos. Foi elle, que achou

novos tons, e gradações harmonicas, pelas differentes pancadas do martélo na bigorna, quando Tubal havia descoberto, pelo ouvido, os rudes sons, que agradavão aos nossos primeiros Pais antes do Diluvio. Assim he, que hum Philosopho aprende sempre, e qualquer coisa he para elle objecto de instrucção em toda a sua vida.

A Musica, naquellas idades, tinha hum caracter masculino, e guerreiro; era designada para inspirar a virtude, e celebrar os heróes; Pericles no seu tempo, fez edificar o *Odeon*, e instituir os divertimentos, os combates, e os concertos musicaes, nas festividades *Panatheneas*, (*Athenienses*); onde os premios, e signaes de honra erão dados áquelles, que excedião em mérito, o que causava grande emulação entre os espiritos naturalmente zelosos, e ambiciosos de gloria.

O poder, que a *harmonia* instrumental, ou vocal tem sobre nós, he hum figurativo daquella, que abrange, e contém toda a Natureza, cujo poder sentem os Elementos, as Creaturas, e ainda todos os Séres inanimados. Sem a harmonia, estabelecida pelo Creador, os Astros, e os Planetas não guardarião suas gradações; o Ar, a Terra, Agua, Fogo, não conservarião sua ordem natural.

A *Harmonia* musical quando he composta por Author de imaginação profunda, e polida, deve representar alegria, tristeza, magestade, veneração, actividade, ou qualquer outro affecto, a que nossos sentidos estão sujeitos, quando são excitados pela vista, ou pelos ouvidos. A composição de musica alegre, he como o dia sereno, e bello, que nos excita prazer; e não precisamos de palavras para sentir este effeito. Assim tambem a composição de musica triste, bem como o dia nublado, nos conduz á melancolia; e assim as mais sórtés de composição musical, confórme o que ellas representam.

A *Harmonia* da musica tem poder ainda mais activo, do que a Pintura porque esta em si he muda, e statica, e não he capaz de infundir espirito, nem extasiar aos seus admiradores, como aquella aos seus ouvintes.

A Musica, pela união de instrumentos graves, e agúdos, e pela união de sons accordes, e discordes, descreve, ou pinta ao

vivô huma baralha, huma tempestade, humi terramoto, e quaesquer outros incidentes da Natureza.

A composição do eminente Mr. Haydn, sobre as sete Palavras, ou Exclamações, que Christo proferio na Cruz, prova bem esta imitação; pois conforme as regras da Arte, nenhum Compositor deve escrever qualquer peça de Musica, seja instrumental, ou vocal, sem pensar o que nella pertende figurar; e assim como as palavras expressão nossos sentimentos, a Musica tambem deve, com palavras, ou sem ellas, representar nossos affectos. He pela propriedade dos sons harmonicos, e da melodia dos instrumentos, ou vozes, que esta nobre Arte tem o poder de suavizar paixões d'alma, lançar fóra melancolias, e abrandar a loucura humana, e ainda domar as mesmas feras; ao que não chega a Poesia, nem a Pintura.

A causa destes effectos he evidente; pois a força da vibração do ar, graduada pelos sons graves, e agúdos, formados nos instrumentos de corda, ou de sópro, vem tocar os tympanos acosticos do racional, ou irracional, (que são outros tantos instrumentos formados para receber sons;) por cujos órgãos, a alma, e o coração como centro, se despertão, e recebem o affecto, que lhes infunde a representação harmonica. E finalmente, a Musica, pela variedade de sons, e modulações, com que representa os nossos affectos, tem poder illimitado sobre todas as creaturas; pois onde quer que ella appareça executada, o sábio, ou o ignorante, o polido, ou o rustico, o homem, ou a féra; todos párao, attendem, ouvem, e immediatamente são affectados conforme suas imaginações, ou sua natureza.

A R T I G O II.

P O E Z I A.

E P I S T O L A.

Ao Senhor Thomaz Antonio dos Santos e Silva.

Quão varias sensações produz teu Canto!
 N'alma, no coração que effeitos deixa!
 Ou jubilo, Ou terror! Ou pasmo! Ou pranto!

Bocage.

Se meu nome soar a teus ouvidos,
 Será de ti lembrado inda meu nome?

Conhecerás acaso o terno amigo,
 Que contigo passou felices dias,
 Dias gostosos, que nos Ceos se doirão,
 E que das mãos de Jove ao Mundo saltão
 Em troco aos raios, que desprende outr' hora?

Recordarás, Tomino, esses momentos,
 Em que, dado ao prazer, rogava ansioso,
 Que soltasses da Lyra os sons cadentes,
 Em cujo accento armonico embebido,
 Divino me julgava, e que no Olimpo
 Sentia os Anjos conversar c'os Deoses?

Vê se acordas ainda em tua idéa,
 Que notando o desejo insuperavel,
 Em que eu ardia, por subir ao Pindo,
 E gostar de Permissão as leis sagradas,
 Que o baixo vulgo profanar não ousa,
 A meu engenho fragil, e apoucado
 Com sincero fervor, e attento dèste
 O primevo desenho, as lições gratis,
 Que organizarão meu grosseiro metro,
 E fizerão voar meu estro implume?

Sim, Tomino, tu foste o meu Horácio,
 O meu Despreaux tu foste; as sabias regras,

Que emanirão de ti a meus sentidos,
Os preceitos me dêrão, a arte, o gosto,
E de hão insulso me tornarão Vate.

To nino, devo tulo a teus affectos:

Meu estro, e versos meus, progenie excelsa,
Que a ti devem o ser, hoje dirijo
A' tua a navel, candida presença,
E sub'nisso beijando a s'ábia dextra,
Vão buscar novás leis, encantos novos,
Os votos renovando em fervor grato,
D'amizade maior, estreme, e pura.

Porém quanto diverso he nosso estado

D'aquelle, em que existiamos contentes!
Então alegres dias se passavão
Em mutua sociedade, em mil venturas:
Hoje custa a marcar hum só momento
De gosto, de prazer, de affavel riso:
Então geral applauso mais doirava
Tuas lembranças, graciosos ditos,
E em jovial candura escarnecias
Negros Decretos do terrível Fado:
Hoje para surgir ao pranto, e mágoa,
Entre os tormentos da feroz Desgraça,
Que altiva nos persegue, e affoita opprime,
Não basta só valor; mais he preciso:
Férreas lições de Zeno em taça amarga
Beber devemos, qual se bebe o nectar,
E de estoico semblante a par de horrores,
As idéas, e as frases adoçando,
Saltar forçado riso aos tristes lábios.
Então folgavas sem temer os danos
Da vária Deosa, que reparte ingrata
Os bens avaros pelo Avaro insano,
Pelo vil Orgulhoso, e torpe Egoísta;
E em teu pequeno Lar, prezado e livre
Hora gostavas d'incensar a Lesbia
Com teus funebres Hymnos amerosos,

Dando alimento á funebre saudade;
 Hora com Plinio, com Linneo, com **Brisson**
 Da natura sondando altos segredos,
 Os cofres de Minerva enriquecias,
 De Lysia abrilhantando o Nome augusto:
 Hoje envolvido em sombras pavorosas,
 Em densa escuridão sempre envolvido,
 Senão valesse do passado a idéa,
 Senão fosse a feliz reminiscencia,
 Das proporções do Mundo duvidáras:
 Nem jámais saberias, como Febo
 Os Efontes dirige, e o Orbe aclara;
 Nem calculáras, em que certo espaço
 As pontas de marfim renova Delia;
 E entr'as obras do Eterno, e maravilhas
 Só podéras julgar sem fim a noite:
 E tambem, a não ser, (Eu me horroriso;
 Só de o pensar me assusto, gélo, e tremo!)
 E tambem, a não ser o santo Asilo,
 Onde te alvergas, e no qual te occultas
 Contra os ultimos golpes da Desgraça;
 Talvez que mais tyranna a tua sorte,
 Mais ímpia, mais atroz te decidíra,
 A curvo mendigar de porta em porta,
 Implorando o soccorro indispensavel
 A sagaz opulento, o qual inchado
 Sobre o fôfo sofá, contente, e louco,
 Ouvindo retinir na lauta meza
 Os pratos das proficuas tiguarias,
 Que mesmo assim a gula lhe não fartão,
 De bronze o coração, de bronze o peito,
 A teus gritos, aos gritos da pobreza,
 Virando o rosto á turbida indigencia,
 Nem signaes de piedade ao menos déra.
 E vendo redobrar teus ais afflictos,
 Prantos, gemidos, preces, e queixumes,
 Com desabrida voz só respondéra:
 » He muito profiar, lancem-no fóra. »

Ah! Tomino, Tomino, ah! caro Amigo,
 Em que terror me lança o feio quadro,
 Que acabo de pintar! Oh Jove, oh Jove,
 Para que servem teus temidos raios,
 Se vivem monstros taes, e se a Ventura
 Só com elles divide os bens preciosos!
 Oh Lysia, oh Lysia, com razão lastimo
 O rasteiro agasalho, escasso, e duro,
 Que dás ao filhos teus mais distinguidos,
 A'quelles em quem brilha algum talento,
 E dos quaes as sciencias respeitosas
 Recebem novo lustre, e graças novas!

Porém, Tomino, em quanto volve a roda
 De teus escuros (1), desgostosos dias
 No santo Hospicio, que fiel te acoita,
 E te enternece o lugubre murmurio
 Da afflicção, do gemido, e dôr, e pranto;
 Eu tambem infeliz entre mil damnos,
 Da Lysia desterrado ha mais de hum lustro,
 Malfadada, penivel existencia
 Me alonga a serie dos penosos dias:
 Dias de horror, instantes que detesto,
 Sem fim os creio, e seculos parecem!
 Em Elvas encerrado, ouvindo sempre
 O bronze atroador, e a cada passo,
 Vendo os preparos para estrago, e morte,
 Frenetica loucura, em que abrazado,
 Se troca o homem racional em féra,
 Inda se augmenta mais meu mal profundo:
 Não que me assuste a morte; antes a invejo,
 Ha muito a desafio, ha muito a espero,
 Bem resignado a seu tardio golpe;
 Mas sim, porque me fere, e me horrorisa
 Vêr destruir-se ás mãos a Humanidade.

(1) Escuros pela cegueira.

Aqui na terra, onde os Elvenses folgão,
 E aonde he só doçura a Lei de Marte,
 Ha meio lustro já tive a noticia,
 Que meu Pai expirou... , Oh Ceos! Oh Numes!
 E quando apenas enxugava o pranto,
 O pranto filial da natureza,
 Expirou minha Mãe.... E a sorte adversa
 Permite não sucumba ao lance infausto,
 No qual orfão me vî? Que desgraçado
 Para sempre me fez! Bem desgraçado!...
 Mas inda não contente a voraz Parca,
 Dois Cunhados me leva! E d'improviso
 Eis vejo em confusão, eis apparecem
 Sem Marido, sem Pai, sem bens, sem forças
 Orfãs, Viuvas, deploraveis restos
 De meus perdidos, miseros Parentes,
 Entregues a mim só, e a meus cuidados!

Agora deixo a teu pensar altivo
 O resto de meus grandes infortunios,
 Entre os quaes desde então luto, e debalde
 Quero escapar ás mãos do iniquo Fado:
 Busco surgir aos lances da desdita,
 Da desdita, que mais, e mais me aterra,
 Do meu Fado, que mais, e mais me azeda,
 Mas basta já de horror; corra-se o pano
 A' Tragedia de meus funestos dias,
 Em cuja scena Actor inda trabalho.

Tomino, Amigo respeitoso, e sábio,
 Se a causa inquires, porque assim te escrevo,
 Forão teus versos, teus sublimes versos,
 Que em metrico furor me embriagárão.
 Mesmo no centro dos mortaes desgostos,
 Em que triste laboro, de contínuo,
 Eu os lê, e relí: porém não farto,
 Jámais os deixo, the comigo dormem,
 E mesmo sei de cór a maior parte.
 Quando os lêio de novo, em mim renovão

„ Tempos de Rhéa, tempos de Saturno,
 „ (S'houve Saturno tal, s'houve tal Rhéa.)
 Só Elmano, ou Tomino, ou Febo, ou Jove
 Assim póde cantar, assim se expressa
 Forão teus versos, teus sublimes versos,
 Quem minha dôr hum pouco adormecêrão.
 Cachopos d'Ulysséa! Ah! Que thesouro
 Sobre vós derramou o Vate egregio!
 Andromachas gentís, Cassandrias bellas,
 E Venus mesmo he pouco a par de Olcyspa.
 Eis Ulysses, o Heróe, que ao Mundo pasma,
 „ Arde insoffrido, e quando mais tranquillo,
 „ Mais lento elle s'inculca, então mais arde,
 „ E menos que rebente, não socega
 „ O Vezuvio d'amor. „ Oh Vate excelso,
 Esta he dos Numes a elegante fraze!
 Assim no sacro Olimpo os Deoses fallão!
 Eis que por agradar á linda Olcyspa,
 „ Acções, palavras concertando Ulysses. „
 Descreve o fatal cerco, o forte assedio,
 Que Troia destruiu, que abrazou Troia,
 E em poucos versos conta a longa historia,
 Que Volumes encheo, que fez Poemas:
 Cachopos de Ulysséa! Ah! Que thesouro
 Sobre vós derramou o Vate egregio!
 Eia, Musa, silencio; as horas vovem
 Dadas á mágoa, e dôr: não mais roubemos
 Esses instantes, em que o Vate solta
 Os magos sons á carinhosa Lyra.
 Eia, torne o silencio, a dôr, a mágoa.
 E tu, Amigo, cujo Metro exímio
 Na voz da Fama tem a Eternidade,
 Acolhe os versos meus, pois nelles brillão
 Pureza, candidez, amor, ternura;
 Bem sei, que a minha Musa inerte, é frouxa
 Em vão se esforça, por subir anciosa
 Da Castalia montanha ao alto cume:

Mas se na scena do voluvel Mundo
 Quatro lustros não conto bem completos,
 Não he muito que implume inda rasteje;
 Póde ser, que no tempo as forças ganhe,
 E hum dia çyre cusado além dos Astros:
 Porém agora imperfeições desculpa,
 Da idade juvenil desculpa os erros.

João da Mata Chapuzet.

CRITICA.

Mademoiselle Dumesnil, e Mademoiselle Clairon.

Não fará admiração vêr aqui reunidos os nomes de duas Actrizes, que se fizeram célebres no mesmo genero, e no mesmo tempo. Cuidaremos mais das Anedoctas tendentes a fixar as tradições Theatraes segundo sua propria experiencia, ou conselhos dos Autores, que lhe confiavão partes, que dos factos particulares de suas vidas.

Existem de Mademoiselle Clairon humas memorias impressas no Anno Septimo da Republica, que, além da vida privada desta Actriz, que prova que a destinação do Espirito he inseparavel da nobreza do character, contém todes os Estudos, que ella fizera para chegar á perfeição, e formão huma especie de Poetica das Partes, que representou.

Seria o seu Livro digno d'illemitado elogio se a cada pagina não estivesse resumbrando sua parcialidade contra Dumesnil; parcialidade que he ainda mais criminoza por esta Actriz ter sempre feito justiça a Clairon. A gloria da Rainha de Carthago (1) nunca foi perturbada pela *leiaçõna* Dumesnil (2), que, ao menos nisto, foi superior a sua Rival.

(1) Alcurha posta a Mademoiselle Clairon, porque nas sociedades conservava as aptitudes reaes de Dido.

(2) Voltaire nunca lhe dava outro nome: estava no Theatro como em casa; ao contrario de Clairon, que estava em casa como no Theatro.

Porém o Editor das pertendidas *Memorias* de Mademoiselle Dumesnil, ainda encorreo em maior censura publicando huma *defamação* em lugar de huma refutação ás memórias de Clairon. Neste volume de injurias, em que não ha hum só rasgo da Poetica Theatral, não cessa o Author de metter a cara o seu principio mimozo „ *devemos abandonar-nos á Natureza.*

Isto he querer estabelecer nas Artes huma Doutrina relachada. Deve ao contrario insistir-se sobre a necessidade dos multiplicados, e assiduos Estudos, que aperfeiçoão os dons naturaes; o tallento cresce com os obstaculos, e a difficuldade he a decima Musa.

Clairon em suas *Memorias* mete a ridiculo a destinação entre a Arte, e a Natureza: e com effeito, o ultimo esforço da Arte he adquirir huma representação natural! Nota muito bem que ella não he Electra, nem Amenaída, nem Veriata, que Orestes não he seu Irmão, que Tancredo não he seu amante, nem Sertorio seu Heroe, e que a Arte deve desaparecer ao ponto de suprir a Natureza.

Todas sabem que representando Ariadna (na Scena em que indaga com a sua confidente quem possa ser a sua rival) ao repetir este verso.

Quem o torna infiel?... Egle?... Megista?...

Vio hum Espectador, que com os olhos banhados em pranto se inclinava para ella, gritando com huma voz suffocada „ he Phedra! He Phedra! „ eis aqui o grito da Natureza, que aplaude a perfeição da Arte.

A Parte d'Eriphile, na Iphigenia, olhado como huma das mais subalternas do Theatro, antes que nella entrasse Clairon, tornou-se representada por ella, huma das de maior effeito, que a Peça tem. Ninguem podia, nesta difficil parte, colorir melhor a dissimulação, o amor, e o ciúme. Quem fará como ella re-sahir o contraste dos dois sentimentos expressados nestes bellissimos versos

Embarquei detestando as furias suas,
Com horror sempre os olhos desviando...
Vio-o... nada de atroz tinha o seu rosto,
Senti nos labios expirar-me o enfado...

Senti meu coração fallar por elle,
Des-lembrei meu furor, só chorar sube.

Humas das partes mais brillhantes que Clairon desempenhava era a Amenaída em Tancredo segundo a tradicção que ella nos deixou, desenvolvea neste papel tudo quanto entre os Povos Republicanos a fereza de hum Ente livre, a rigidez de costumes, o amor das Leis, da ordem, e da humanidade podem inspirar de virtudes, firmeza, e força na alma de huma donzella. Encontrando-se Mr. Naigeon ao sahir de huma representação desta Peça com a Actriz em caza de D'Alembert a louvou pelo modo porque tinha dito „Então, meu Pai?“ Ella respondeo modestamente que agradecia os seus louvores; mas que só na primeira vez dissera aquella passagem a seu gosto, e D'Alembert confirmou o dito.

Mademoiselle Gossin tinha tirado grande partido representando Rodoguna, e ella tinha feito em caracter de huma Mulher terna, era ainda a *joven, e bella Zaira*. Clairon restabeleceo o caracter da parte, e a representou como Mulher fêra, e altiva, attonita, e pezarosa de se encontrar sensivel, constrangendo os Espectadores a applaudir provou que o Auditorio só he máo quando os Actores lo são.

Voltaire admirava mais que tudo em Clairon hum *continuo sustentamento de Scena*, huma representação muda cheia do maior effeito. Na Penelope do Abbade Gesnest, que a ella deveo toda a sua voga, a sua representação muda tornou huma inverosimilhança insoffrivel á Leitura, em hum quadro Theatral cheio da maior belêza. „Ulysses (diz Marmontel) falla a Penelope disfarçado em Estrangeiro, o Poeta para trazer a agnição, obriga a Actriz, a não olhar para a pessoa, que lhe falla, mas á medida que Mademoiselle Clairon ouve, a alegria repentina, e a esperança se pintão em seu rosto com tamanha vivacidade, e Natureza, que o panno que a torna immovel, tem o Espectador em tal suspensão que o constrangimento da Arte se torna a expressão da Natureza. O DITTA

Mademoiselle Clairon, e le Kein podem olhar-se como os dois unicos Artistas, que possuirão o rizo Tragico. Nenhuma

Dama fez valer tanto a tirada ironica em *Hermione*; quanto a le *Kain* em *Nicomedes* era o sorrir do *Leão*.

O *Theatro Francez* deve a esta grande Actriz o ter restabelecido a verdade do tragè; e a da declamação ainda mais difficultoza do que ella. Antes de *Clairon* erão as *Tragedias Francezas* mais psalmodiadas, que declamadas. A este respeito refiriremos huma anedocta mui curioza, e pouco sabida.

No dia de huma representação de *Iphygenia* em 1753 em quanto *Mademoiselle Clairon* representava *Eriphile*, o *Marquez d'Amezaga*, sobrinho de *Mr. de Maurepas* repètia hum minuete, que devia dançar em aquella noite, observou que cada passo do *Minuete* commessava, e acabava exactamente em cada hemestichio declamado por *Mademoiselle Clairon*. Correo dalli logo, e encontrando-se com a Actriz em hum entrevalo lhe disse, que ella tinha hum bello orgão para fazer dançar. » Estimulada desta apodadura conheceo quanto era ridiculo dar constantemente aos versos a mesma pausa, e hum rythmo uniforme que a obrigava a inflexões de voz extremamente monotonas.

Mr. de Maurepas estava então com hum pleuriz de que se julgava, que não escaparia. O *Duque de Gontaut*, que o foi vizitar depois da *Comedia* lhe contou para o espaiarecer a graça, que seu sobrinho tinha dito a *Clairon*, entrou ao mesmo tempo o *Marquez de Amezaga*, e ouvindo rir seu Tio, e pedindo-lho este, abriu as cortinas do *Leito*, e se poz a executar alguns passos do *Minuete* declamando ao modo de *Clairon* os mesmos versos que ella acabava de recitar.

Mr. de Maurepas achou a coiza tão original, e tão brulescamente representada, e deo tamanha gargalhada, que rebentando com a força o abscesso, ficou são.

Assim hum gracejo salvou a vida a hum *Ministro*, e reformou a declamação *Theatral*.

Continuar-se-ha

ARTIGO III.

HISTORIA.

Abolição dos Templarios.

Hum dos pontos mais importantes da *Historia da França*,

he a extinção da Ordem dos Templarios. No anno de 1307, por denúncia de hum paizano de Beziers, e de hum Templario Apostata, prezos por alguns crimes, Philippe o Bello, mandou prender todos os Cavalleiros no mesmo dia; e se senhoreou do Templo de Pariz, e de todos os seus titulos.

As accusações, que se lhes fazião erão de hum atróz absurdo. Como se podia imaginar, que estes Religiosos fossem ao mesmo tempo athêos, e feiticeiros; que cuspissem sobre o crucifixo, e que adorassem huma cabeça de pão doirada, e prateada, que tinha huma longa barba? Quando estas confissões escapão na tortura, provão sómente o quanto he barbaro o uso della.

Todos julgão, que os seus maiores crimes forão suas riquezas, seu poder, e huma especie de independencia de todo o governo, e algumas sedicções, que tinham excitado em França, a respeito de huma alteração das moedas, na qual tinham perdido muito. Tambem forão accusados de terem fornecido dinheiro a Bonifacio VIII., no tempo da sua questão com Philippe o Bello; e Philippe o Bello era implacavel nas suas vinganças.

Cincoenta e nove Cavalleiros forão queimados vivos em Pariz, á porta de S. Antonio, protestando todos pela sua innocencia, e retratando as confissões, que fizeram na tortura. O Gran-Mestre, Jacques de Molay, igual por sua dignidade aos Soberanos, Guy, Irmão do Delphim d'Auvergue, forão queimados na praça Delphina; elles tomáráo a Deos por testemunha em quanto poderão fallar, e diz-se, que o Gran-Mestre citára para o Tribunal de Deos, o Papa em quarenta dias, e o Rei em hum anno; nenhum dos dois excedeo este prazo: *Si a casu, minemur; Si a Deo; vereamur*, diz Justo-Lipsio.

Mr. Raynouard servio-se habilmente destas tradicções populares, na bella narração, que termina a sua tragedia dos Templarios. He o Condestavel Graucher de Châtillon, que faz esta narração a Philippe o Bello, e á Rainha Joanna de Navarra:

Já para seu supplicio em cada falso
Surge vasta fogueira, e disputavão,
Quem primeiro subisse, os Cavalleiros
Chega o Grão-Mestre, atraz os deixa, e sóbe.

Brilhão no rosto seu glória, esperança,
 Imperterritos olhos no Ceo fixa
 Orava, e todos inspirado o julgão.
 Com voz alterradora então exclama
 » Francezes não trahimos Rei, nem Patria,
 » Recordai nossos últimos accentos,
 » Limpos de culpa estamos, e morremos,
 » He injusta a sentença, que nos pune,
 » Mas ha nos Ceos hum Tribunal augusto.
 » Onde o fraco opprimido em vão não roga,
 » Lá, Romano Pontifice, te cito,
 » Quarenta dias mais!... Lá compareces!...
 Todos, tremem d'ouvi-lo.... Mas que pasmo!
 Que susto, e turbação, quando elle grita,
 » Oh! Philippe! Oh meu Rei! Debalde eu quero
 » Perdoar-te, mas ah! E's condemnado!...
 » No Tribunal do Altissimo te espero.
 » Antes que finde hum anno!... Consternados
 Quantos Espectadores isto ouvião
 Sobre ti, sobre os miseros pranteão:
 O silencio, o terror, se espalha em roda,
 Parece, que dos Ceos desce a vingança.
 Visinhar-se os Carnifices receião,
 E trémulos lá denha o fogo chégão
 Desviando a cabeça!... Espesso fumo
 O patibulo cerca, e sobe!
 Rómpe subito o fogo, e os Cavalleiros
 Ao aspecto da morte não desmaião
 Já se não vião, mas com voz heroica
 Os Canticos do Eterno consonavão.
 Quanto mais sobe o fogo, mais com elle
 Sobem os Psalmos, pelos Ceos se entranhão.
 Chega o teu Nuncio, grita hum Povo immenso
 Com elle a proclamar tua piedade!
 Ao cadafalso rápido se arroja.
 Mas tarde foi... tinha cessado o canto.
 Não se sabe, diz Bossuet, se nesta execução não entrou mais

a vingança, e avareza, que a justiça. Marianna, Vertot, e quasi todos os Escriptores são do mesmo sentimento. Os despojos dos Templarios forão dados aos Cavalleiros de S. João de Jerusalem (os de Malta) isto he os Beneficios, porque o dinheiro foi adjudicado ao Rei, que para logo recebeu duzentas mil libras, somma immensa naquelles tempos. Seu filho, Luiz o Altivo exigio depois mais 60 mil libras, convencionou-se, que elle teria dois terços do dinheiro dos Templarios, os móveis de suas casas, os ornamentos de suas Igrejas, e todos os seus rendimentos desde 13 de Outubro de 1307, época de sua detenção, até ao anno de 1314, época do supplicio dos ultimos Templarios. Esta Ordem Militar tinha durado desde 1118 até 1312, em que foi abolida pelo Concilio de Viena. A conservação dos lugares Santos, de que os Cruzados se tinham apoderado, e a necessidade de defender os peregrinos, que de toda a parte concorrião a Jerusalem, derão lugar a este estabelecimento, que foi fundado por nove Cavalleiros Francezes, que tinham acompanhado Gofredo de Bouillon á conquista da Terra Santa.

GEOGRAFIA.

Dá China.

O mais oppulento, fértil, vasto, e antigo Imperio da Asia, e igualmente a porção mais oriental de sua Terra firme, he a China; limita-se pelo Septentrião, e Oriente com a Tartaria, (de que a separa aquella famosa muralha, que transpuzerão os Tartaros,) e com o mar Oriental. Pelo meio dia tem o golphão das Indias, ou Oceano Indico, e os Reinos de Cochinchina, e Tunquin. Fica-lhe ao Occidente o grande Thibet, com alguns desertos incognitos.

Este Imperio se dividia no tempo dos Imperadores Chinezes em quinze Provincias, sem comprehender nellas a de Lartung, ou Lectum Patria dos Tartaros, que hoje na China dominão, e a Peninsula, ou Reino de Coréa, tributaria daquelle Imperio.

Os Tartaros Orientaes, que se daquelle vastissimo Imperio assenhorearão, todos aquelles Estados, em quarenta e oito Gover-

nos dividirão. Consta de muitas relações, que no comesso do ultimo Seculo mais de quarenta milhões de homens, que pagavão tributo, além dos Impuberes, Mulheres, e Soldados, Officiaes, e Literatos, as sobreditas Provincias povoavão.

As mais modernas relações, o número das Familias do Imperio a onze milhões quinhentas e duas mil oitocentas e setenta e duas fazem subir, não comprehendendo nesta conta os assima exceptuados, isto he contando sómente os que cultivão a terra, ou os que pagão tributo á Corôa, calcula-se, que neste Reino ha cincoenta e nove milhões setecentos e oitenta e oito mil trezentos e setenta e quatro homens.

He tambem grande o número das Ribeiras, e são tão bellas, que na maior parte dellas ha mui consideraveis Cidades fluctuantes sobre Bateis construidas. A' excepção da Amendoa, e da Azeitona ha neste Paiz todos os grãos, e fructos, que se deparão na Europa, mas ha na China muitos fructos, e grãos, que nos são desconhecidos. O Algodão, e a Sêda alli largamente nascem. Estão alli em uso todos os nossos metaes. Possuidas pelos Chinas as invenções da Tipographia, Artilheria, Papel, e Manefactura de Sêda forão primeiro, que por nós.

O precioso insecto, que produz a Sêda, da China a origem tira, dalli he que elle passou mui tarde para a Persia, com a Arte de fabricar estofos do casúlo, que o cobre, e os ditos estofos erão tão raros mesmo no tempo de Justiniano, que a Sêda se vendia da Europa a pezo de oiro.

De tempo immemorial se fabricava na China papel de huma brancura admiravel, fazião-no com fios de Páu Bambu cozido. Ignora-se a primeira época da Porcelania, e bello verniz, que já pela Europa se imita, e se iguala.

Ha dois mil annos, que aquelles Povos fabricão o vidro, porém com menos finura, e transparencia do que o nosso.

No mesmo tempo foi por elles inventada a Impressão. He constante, que esta Impressão he huma gravura sobre planchas de madeira, tal qual Guttemberg a começou a praticar em Moguncia no seculo XIV. A arte de gravar os caracteres em madeira tem-se aperfeçoado na China. Nosso methodo de empregar os caracteres de fundição, e móveis muito superior ao seu, ainda não

foi por elles perfilhado, tanto he o seu afferro aos costumes antigos.

O uso dos Sinos he entre elles da maior antiguidade. Tem cultivado a Chymica sem nunca serem bons Physicos. Inventarão a Pólvora, mas só della se servirão nas Festas, na Arte dos fogos de Artificio, em que excederão as outras Nações. Os Portuguezes he que nestes ultimos tempos lhe ensinarão o uso da Artilleria, e dos Jesuitas aprenderão a fundir as Peças. Se os Chinas se não applicarão a inventar estes instrumentos mortiferos, não deve por isso louvar-se a sua virtude, pois não deixarão de fazer a guerra.

Seus conhecimentos da Astronomia não passam do ponto, em que ella he Sciencia dos olhos, e fructo da paciencia. Observarão assiduamente o Ceo, notarão, e investigarão todos os Phenomenos, e os transmittirão á Posteridade, dividirão como nós o curso do Sol em trezentos, e sessenta, e cinco dias, e hum quarto. Conhecerão, bem que confusamente a prcessão dos Equinoxios, e dos Solsticios. Porém o que talvez causa mais admiração, he o elles de tempo immemorial, o Mez em Semanas de sete dias dividirem.

Ha em Pekim hum Observatorio cheio de Astrolabios, e Spheras Armillares, Instrumentos na verdade inferiores aos nossos em exactidão; mas célebre testemunho da superioridade dos Chinas sobre os outros Povos da Asia.

A Bussula, que elles conhecerão não servia para o seu verdadeiro uso de guiar as embarcações, pois só navegavam costa a costa. Possuidores de huma terra, que tudo fornece, não precisão de ir como nós ao fim do Mundo. A Bussula, assim como a Pólvora era para elles hum objecto de méra curiosidade.

Continuar-se-ha

ARTIGO IV.

BIOGRAFIA.

La Caille.

Nicoláo Luiz de la Caille, Ajudado dos conselhos de Cassi-

ni, teve em pouco tempo huma grande nomeada entre os Astronomos. Elle entrou com o filho deste homem celebre no trabalho immenso da linha meridiana, ou da projecção do meridiano, que, passando pelo Observatorio atravessa toda á França. Admittido na Academia das Sciencias em 1741, e na maior parte das Companhias Sábias da Europa, emprehendeo, em 1790, a viagem do Cabo da Boa-Esperança, para examinar as *estrellas austraes* que não são visiveis sobre o nosso horizonte. No espaço de dois annos, de 1750 até 1752, determinou a posição de 9800 estréllas até alli desconhecidas. Este sabio, e modesto Astronomo podia immortalizar suas descobertas, dando seu nome ás novas constellações, que tinha observado; mas antes lhe quiz dar os dos differente instrumentos d'Astronomia. Nas suas viagens, fez huma descoberta de grande utilidade, e o maior serviço a todos os Viajantes. La Caille indicou o methodo mais facil, e mais cómodo para conhecer a *Longitude no mar, pela observação da Lua*; methodo que só exige pouco mais de meia hora de trabalho, e que só pôde ter de engano meio gráo, ou desoitto leguas marinhas.

O Abbade de La Caille fazia imprimir o Catalogo das estréllas, e observações sobre os quaes he fundado, quando huma fébre maligna o matou a 21 de Março de 1762, contando apenas 48 annos. As qualidades da sua alma honrão tanto a sua memoria, como os conhecimentos o seu espirito. Acautelado com aquelles que não conhecia; era branco, simples, alegre, e igual com seus amigos: Contente com o pouco, não conhecia nem o interesse, nem a ambição; julgava-se feliz pela sua probidade, fazendo das sciencias o seu prazer, e da amizade sua recreação. Ha deste célebre Astronomo grande numero de obras justamente estimadas, nas quaes se nota aquella precizão, e clareza tão necessarias nas sciencias exactas, e que fazião o character do seu espirito. O célebre, e desgraçado Baily se honrava de ter sido seu discipulo, e sempre fallava d'elle com respeito, e ternura.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO VII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Plano insinuativo de como poderão os Negociantes da Praça de Lisboa dar extracção aos seus generos, mais bem reputados, e com maior segurança, grangeando fundos para poder continuar as carreiras da India, e do Brazil.

HE preciso estabelecer com unanime persuasão, por isso que são inegaveis, estes principios: que a concorrência das Nações, trazendo a Portugal os generos de seu consumo, nos engóda com huma baratêz momentanea, e vai profundamente cavando a ruina do nosso Commercio: que as Nações raramente virão com seus fundos buscar os generos a Portugal, tendo abertos a India, e o Brazil; que o nosso Commercio com as Praças do Norte, França, Italia, etc. está sendo de pura perda; e finalmente, que o Commercio da Praça de Lisboa está reduzido a vender os seus generos a Compradores, que pedem grandes rebates, e espera de pagamentos. Que esperanças devem pois ser as nossas para o futuro? Que recurso temos? ... Resta-nos ainda hum, e he grande, e talvez o unico.

Quarenta milhões de habitantes, que compõe o Imperio Othomano, e as Praças Russianas, que bordão o Mar-Negro, todos, ou mais, ou menos, consomem huma enorme quantidade de generos Coloniaes, que em terceira mão recebem das Praças in-

termedias, e que destes Reinos em grande parte lhe são levados por outras Nações: quando aliás poderíamos nós fazer directamente este Commercio, em que haveríamos grandissimas vantagens.

Ralhe muito embóra enganadamente o vulgo contra todos os tratos com a Turquia, os Homens sensatos, não devem tomar-se das preocupações vulgares: a Turquia he hum Paiz commercial, onde os *Franços* (assim appellidão os Europeos) gozão de todos os possiveis privilegios, e isenções; onde os direitos não exceedem a cinco e meio por cento; onde os contrabandos (que se não fazem necessarios) tem a pena de direito dobrado, sem perder o proprio genero; onde as Bancas-rotas fraudulentas são punidas em proporção do delicto; onde não ha roubos commerciaes; onde nenhum Governador, ou público Encarregado pode julgar hum *Franco* sem intervenção do seu Consul, ou Vis-Consul; onde os mantimentos tem hum preço mui cómodo; e onde finalmente os gastos dos portos, e outros taes pertencentes aos Navios, são módicos, e insignificantes.

Nós temos varias manufacturas, que são de bom consumo na Turquia, e em que poderia achar alento, e proveito a nossa industria nacional: temos hum excellent local para fazer immensos depositos dos productos Levantinos, necessarios ás Nações do Norte, que forçosamente aqui havião de vir busca-los: o Levante nos offerece muitas escálas em que formemos os nossos depositos, e donde facilmente possamos extrahir os nossos generos para outros muitos lugares: offerece-nos hum grande número de carregadouros ao pé de opulentas Provincias, que produzem muitos generos de que necessitamos, nos quaes poderíamos empregar o producto de nossas vendas; e na volta para Portugal ha huma infinidade de lugares, onde dariamos extracção a grande parte dos nossos retornos, trazendo assim numerario, e generos para nossas casas, e em nossos proprios Navios; então porque desprezaremos todas estas vantagens, se estamos vendo, que as outras Nações as colhem com os nossos proprios generos?

De sete importantes posições poderíamos naquelle Imperio tirar todos os partidos, e utilidades, se alli formassemos os nossos estabelecimentos.

O primeiro, e principal deveria ser em Constantinopla, Capital de hum milhão, e quatrocentos mil habitantes, sem contar os paizes, que bórdão todo o seu canal, e as Provincias adjacentes, tanto da parte d'Asia, como da Europa, cujos habitantes vem a formar o total de huns poucos de milhões, tendo alli grandissima extracção o Assucar, o Café, o Páo da Rainha, Anil fino, Cochenilha, etc. etc., e havendo para dalli exportar Sêda em rama, Cêra, Cobre em barra, e chapas, Sêbo, Opio, Pelles de Lebre, Lã de Camello, Ouropimento, Ruiva, e muitas outras drogas.

O segundo em Macedonia, na Cidade de Salónica, que tem ao pé os principaes carregadouros de Trigos rijos, etc., e que dá extracção aos mais inferiores generos Coloniaes: e advirta-se, que Constantinopla, e Salónica tem o Correio regular com Lisboa por via do Correio de Vienna, repartindo depois os seus Correios por todo o Imperio; e assim pôde o Agente de Constantinopla receber, e repartir cartas aos demais estabelecimentos.

O terceiro na Moréa, para ter contiguas a Grecia, Epiro, Albania, Candia, etc.

O quarto em Smyrna, como escála principal de toda a Turquia, e que abrange o Commercio de toda a Peninsula da Asia menor: alli se importa toda a qualidade de generos Coloniaes, e manufacturas da Europa, e dalli se exporta muito Algodão em rama, Cobre, Lã, Cêra, Opio, Sêdas em rama, Lã de Camello, Ruiva, Açafrão, Ouropimento, e mil outros artigos commerciaes.

O quinto, e muito necessario, na Costa da Syria, para desfructar o Commercio da Palestina, Mesopotamia, e desde o golfo Persico toda a Costa da Caramania sobre a Asia menor, e Ilha de Chypre: todos estes paizes consomem muito Café, algum Assucar, muito Anil, Cochenilha, e Páo da Rainha, algumas Gargas azúes, Pimenta, e outras drogas, e aromatas: extrahem-se muitos Trigos rijos, Cevadas, alguns Legumes, Azeites de Tripoli da Syria, e de Jafa, Esponjas, muitas, e boas Sêdas em rama; além do que trazem as Caravanas, como Agulhas pretas de Aleppo, Açafrão, e mais drogas: na Costa da Caramania se carrega Cobre, Cêra, Trigos, etc., na Ilha de Chypre, Trigos, Cevadas, Lãns, Vinhos, Sêdas em rama, drogas vegetaes, e mine-

raes; e tudo ficaria proximo, sendo, como deve ser, feito este estabelecimento na Cidade, e porto de Tripoli, porque em todos estes lugares, se consomem generos Coloniaes, e poderião consumir algumas manufacturas Portuguezas, especialmente Pannos de Lã ordinarios, Lenços de Alcobaça, etc.

O sexto no Egypto, com hum Agente no Cairo, e dois segundos em Damiêta, e Alexandria, para as compras de Trigos, Cevadas, Legumes, Linho, Barrilha, Açafrão, Ruiva, Senne, Incenso, Myrrha, e outras drogas; a que alli concorrem as Nações, levando em troca Pannos de lã, Fazendas brancas da India, Chumbo, Estanho, Quinquilharias, algum Assucar, e Café, sem embargo de lá o haver de Moka, etc.

O setimo a seu tempo deveria fazer-se em Tangarok, no Mar-Negro; assim para dar extracção aos generos Coloniaes, que alli se recebem de Petersburgo por terra, ou das Praças de Italia, como para alcançar no Inverno as compras em primeira mão dos Trigos rijos (tão bons como os da Sicilia) Canhamos, Lonas, Brins, Ferro, etc. etc., que tudo se pôde alli haver por melhor preço, do que nas outras Praças Russianas sobre o Baltico, e Mar-Branco, além de ser aquella navegação muito mais favoravel, que a dos mares do Norte.

Para mais prompta extracção dos generos Coloniaes, devem estes estabelecimentos começar-se por enviar hum Agente a Constantinopla; de caminho deitando outro na Moréa, de fôrma que estes principiem, e prosigão sempre de accordo as suas operações commerciaes segundo as ordens de Lisboa; sendo aliás tambem mui util o Agente de Constantinopla ao de Tangarok, porque á chegada dos Navios de Lisboa para o Mar-Negro, realizaria parte dos fundos, para levarem mais metal ao Agente de Tangarok, logo que se abre a navegação deste Mar nos principios de Abril até Novembro.

Non Tomado o fio deste Commercio directo, facilmente se irião formando os outros estabelecimentos, o que bem podia fazer-se por companhias, e consignações, ao modo da carreira da India; sendo aliás menos difficil o Commercio do Levante, que só exige actividade, perseverança, e intelligencia dos generos, e que se faz quasi todo mão por mão, porque he pouco o gyro das Le-

tras; havendo a vantagem de serem vastos, e séguros os portos do Continente da Turquia, e Grecia; e das Ilhas do Archipelago, no qual só ha tres Baixos, que não ficão na derrota; podendo dar-se extracção aos generos Coloniaes nas mesmas Ilhas, a que houvessem arribadas, e achando-se em algumas dellas boas Sêdas em rama, e outros ricos productos, pois que he por elles a Ilha de Naxos appellidada = a pequena Sicilia = e os mesmos, e ainda mais do que na Sicilia, se depárão na Moréa. Para a navegação do Archipelago serião os Hyates grandes as melhores de todas as embarcações, tanto por entrarem, e sahirem com mais facilidade, como para carretar dos pequenos Carregadouros para os Navios de Carreira, os quaes devem ser de coberta, por causa da arrumação da cascaria de Azeites, Vinhos, etc. E quem melhor do que os Portuguezes pôde fazer este Commercio, e navegação! Ou quem mais o está necessitando? Continuando o actual systema destructivo do Commercio, por força hão de parar as carreiras da India, e do Brazil; e então para que havemos de appellar? Acabado esse pouco gyro, que se faz, os Estrangeiros, cada hum para sua terra, desapparecerão, como Gralhas, levando o que puderem: as Bancas-rotas fervem: a Nação precisa de gyro commercial, para haver os generos de seu consumo; para continuação deste gyro, he preciso, que entre por alguma parte o numerario, que sahio por outra... O Commercio do Levante he-nos de absoluta necessidade: este seria o modo de empregar com vantagem todos os Navios, e Marinhagem Nacional, e de manter em movimento contínuo as carreiras da India, e do Brazil; cujos generos apenas largados por huns de nossos Navios, fossem logo em outros levados a outros Paizes, donde ao nosso trouxessem a abundancia de outros generos de primeira necessidade.

Póde acontecer, que em tal, ou tal lugar huma, ou outra vez dê perda alguma negociação para o Levante, ou pela desigualdade dos annos em suas producções, ou por outros adventicios inconvenientes; mas nenhuma outra Nação a elles está menos sujeita do que nós, que ou temos, ou obtemos os generos por melhor preço; e he para os evitar, cu facilmente os reparar, que estes estabelecimentos se devem assim formar, porque assim podem os nossos Agentes mutuamente coadjuvar-se, entre si man-

tendo contínua correspondencia, e informação dos reciprocos Mercados, ou seja pelas importações, ou já pelas exportações; cabendo, e importando grande vigilancia ao Agente da Moréa, que logo á chegada dos Navios de Carreira deveria apresentar Mapas informativos aos Sobrecargas, a fim de estes escolherem viagem áquelles dos outros estabelecimentos, que mais lhe podessem convir.

Finalmente imaginem-se todos os calculos, e de todos se concluirá, que actualmente de nenhum outro se podem colher tantos lucros como do Commercio do Levante; o qual ainda que não servisse para dar extracção aos generos Coloniaes, sempre de mais proveito nos seria, empregando o nosso numerario em generos de primeira necessidade, antes do que em Fazendas da India, e China; e senão calcule-se a importancia dos fretes, que pagamos aos Navios estrangeiros; calcule-se o que pelos generos de primeira necessidade pagamos, mais do que se em nossos Navios os importassemos; calcule-se o que cada dia mandamos pela Barra fóra, para compras na India, e no Brazil, quasi tudo em metal, e imagine-se depois qual póde ser o resultado: qual? O esgotamento do numerario, e claro se vê, que a estagnação do Commercio, como em todo o Paiz onde se não fizer cambiamento de generos.

N. B. Se fossem reprimidas as piraterias das Potencias Barbarescas, outra carreira commercial se nos abriria no Mediterraneo; porque a Barbaria he vasta, não pobre em metal, e rica de outras producções, mas sem industria, nem manufacturas, e consume muitos generos Coloniaes.

ARTIGO II.

POEZIA.

O D E

Ao Senhor José Maria da Costa e Silva.

Prole dos Numes, quasi Nume, o Vate
 Vive no Tempo, na Memoria vive,
 E vai do Tempo, da Memoria aos Astros,
 Converter-se em porção da Eternidade.

Eucage.

Longo tempo carpio o sacro Pindo
 Do Méonio Cantor a morte escura,
 Murcharão da Castallia os verdes louros,
 Turvou-se a clara limpha.

Calliope, que outr' hora repartia
 Das fadigas o premio, sempre a raros,
 As vestes, que trajava magestosas
 Troca em fúnebre luto.

Deixarão de existir Permesse, e Musas
 Se o Vate, honra de Mantua, não volvesse
 Ao Côro santo a magestade, os dias
 Do prófugo Saturno.

Ganhou nome immortal de Luzo a próle
 Depois que ao som da Lyra decantados
 Fôrao seus feitos, que a Memoria zela
 Por seu, e timbre nosso.

Por vós mais honra accresce ás gratas Musas,
 Cantor da gloria, Pindaro do Tejo:
 Atilado Garção, Felinto, e outros
 Da Lei da Morte isentos.

Nem tu me esquecerás, Thomino egregio,
 Cuja mente nos Delphicos adejos
 A terrea Estancia desdenhando absorta,
 Entre os Astros fulgúra.

Porém novo clarão de luz Febéa
 Surge no auieno, bi-partido Monte,
 Que mil raios á terra despedindo
 D'estranho brilho a cobre!...

He teu Genio grandilquo, facundo,
 Arguto, magestoso, grave Silvio,
 Das Aonias Irmãs mimoso Alumno,
 O Vate, o quasi Nume.

Nos métricos ensaios adestrado
 Tentas da Gloria o nebuloso cume,
 Que avistas não distante, e onde em breve
 Te aguarda a sacra Diva.

A passos giganteos avançam muitos,
 O difícil acesso não medindo;
 Porém da recta senda separados
 Desmaião, ou falecem.

Não assim a teu genio, raro Silvio,
 Que os teus dias votando ao sério estudo,
 De árduas combinações repleta a mente
 Vês rebentar o fructo.

Bem que pela invenção louros não ganhes,
 (A Tuba de Calliope embocando)
 Interprete fiel colheste as palmas
 De Aganipe regadas,

Da Grecia revocando ao patrio Téjo —
 Heroismo, valor, moral, pericia,
 Te eriges hum padrão vedado ás iras
 Dos Zoilos, e do Tempo.

Alçando o collo de Meonia o Cisne,
 Olhos fitos em ti, applaude, acata
 A penosa tarefa, que te deras
 Ancioso, prolixo:

Contempla de Peleo o filho altivo,
 Raio ardendo em vingar do amigo a morte,
 Derribar a seus pés Heitor, fartar-se
 No sangue dos Troianos;

Do Xanto avermelhar soberbo as aguas,
 Juncando de cadaveres a terra;
 Demolir da Dardania os fortes muros,
 Terrível, furibundo;

Entregue ao ferro, ao fogo, em cinza, hum Ermo
 A misera Cidade, duvidoso
 Quem melhor temperou as varias côres,
 De ti concebê inveja.

Assim, qual Cedro eterno, que arreigada
 Tem na Terra a raiz, no Ceo a coma,
 Dos enraivados Euros escarnece
 A guerra, que lhe movem;

Tal, do Genio escudado, o Vate eximio
 Sarcasmos, invectivas rebatendo,
 Tem da Gloria, em si mesmo, o brado, a c'rôa,
 Que os Seculos respeitão.

Por Pedro Ignacio Ribeiro Soares.

CRITICA.

Mademoiselle Dumesnil, e Mademoiselle Clairon.

(Continuado do N.º VI. pag. 102.)

Tem-se feito muitas comparações entre Dumesnil, e Clairon, sem embargo de serem ambas incomparáveis, porém a verdade do paralelo reduz-se a dizer que a segunda estava para a primeira na mesma razão de Racine para Corneille.

O nome de Mademoiselle Dumesnil recorda os preciosos dons da Natureza unidos ao conhecimento da Arte; certa profunda sensibilidade, certo calor energico, finalmente aquella *vis tragica* que nenhuma Actriz ainda possuiu em tamanho grão.

A respeito da verdade da representação de Mademoiselle Dumesnil começaremos citando huma anedocta analoga á que citamos ácerca de Clairon.

Representando Dumesnil a parte de Cleopatra no quinto Acto de Rodoguna, quando proxima a expirar, e depois de horriveis imperações, exclamou

Eu amaldiçoára os proprios Deozes

Se me tornassem novamênte a vida.

Hum Militar velho, que lhe ficava proximo, lhe deo hum grande murró nas costas, gritando „ vaite, cadella, com todos os „ Diabos! „ Este delirio, que interrompeo a representação, e a Actriz não impedio que ella depois o agradecesse ao official como o maior elogio, que naquella parte recebêra.

Todos sabem os grandes credits, que adquirio no papel de Mérope. No primeiro ensaio desta Tragedia, acuzava Voltaire a Actriz, de não empregar bastante força nas invectivas contra Poliphonte. „ Mas Senhor (replicou ella) para tomar o tom, „ que vós quereis, he necessario ter o Diabo no corpo, sim, sim „ (accudio o Poeta) he preciso ter o Diabo no corpo para so- „ bresair em todas as Artes; sim, sem o Diabo no corpo nin- „ guem poderá ser bom Poeta, nem bom cómico.

Abreviaremos outra Anedocta, que vem no tratado da Declamação por Herault de Sécheltes.

D'Alembert tinha o talento de remedar com a maior perfeição. Hum dia, em caza do Marquez de Lomellini, Enviado de Genova, que o tinha convidado para jantar com Mademoiselle Gossin, e Dumesnil, arremedou elle estas duas Actrizes com tal verdade, que chegou a ser completa a illusão. Quando chegou a vez de Mademoiselle Dumesnil, tomou ella hum ar magestoso, mas que não logrou o arremedador. Comessou D'Alembert, e todos ouvião com attenção; mas apenas tinha repetido oito versos, ergue-se a Actriz da sua cadeira exclamando » Ah ! Eis alli o » meu braço esquerdo; o meu maldito braço esquerdo, cuja » inflexibilidade ainda não pude corregir com dez annos de traba- » lho. Ah Senhor, vejo que nada vos escapa; prometto fazer novos » esforços, para conseguilo: mas vós não deveis negar-me os » vossos conselhos.

As duas precedentes Anedoctas mostram aos Actores, que os Literatos são os seus verdadeiros conselheiros, e os Authores Dramaticos os seus Mestres.

As Partes de Mérope, Clitemnestra, Leontina, Phedra, Agripina, Semiramis, e Athalia parecem ter sido escriptas para Mademoiselle Dumesnil tanto entrava no espirito, alma, paixões, e caracteres destas Personagens! Com que sublime tom repetia este verso de Mérope.

He meu sangue, he meu Filho esse estrangeiro!

Com que energia, lançando-se rapidamente entre Egisto, e os Soldados de Polyphonte, clamava

Barbaro! Elle he meu Filho!

Que expressão Tragica dava a este verso de Iphygenia.

Não; eu nunca ao suplicio a conduzira.

Que energia terrivel dava a estes da Parte de Phedra.

Misera! e vivo! Inda sustento a vista.

Deste sagrado Sol, de quem descendo!..

.....
Onde me esconderei?.. Na sombra eterna?..

O Author, de quem extrahimos esta traducção dos caracteres feitos por Dumesnil, accrescenta que he impossivel mostrar mais Na-

tureza, finura, e profundidade nas Scenas, em que Leontina (1) esconde ao Tyranno Phocas o segredo, que elle pretende penetrar; nas Scenas, em que Agripina lança em rosto a Nero o que fizera a seu favor, e em que Athalia interroga ao Menino Eleacin. Ninguem podia, sem que tremesse, ouvilla pronunciar as ultimas palavras desta Scena de Athalia.

Queria ver, e vi!..

Por meio de consideraveis sacrificios, he que esta sublime Dama Tragica fazia sobre-sahir algumas partes dos Papeis, de que se encumbia. Os versos de que maior partido tirava, erão repetidos com o tom da conversação ordinaria; mas isto só o fazia tendo repetido os antecedentes com huma dicção energica, e huma pantomima expressiva, por exemplo repetindo estes quatro versos do Sonho de Semiramis.

No momento, em que a paz me consolava,

O Ministro da morte me aparece

Todo em sangue escorrendo, a espada em punho...

Julgo inda vê-lo... julgo ouvi-lo ainda.

Nos trez primeiros procurava huma profunda impressão de terror; seus olhos, como fixados sobre hum só ponto parecião ver o Phantasma; sua voz, e suas mãos tremião; sua gesticulação tinha tanta verdade, que todo o Auditorio via, como ella, o Phantasma; ella então ajuntava com o tom mais singelo, e simples.

Julgo inda vê-lo;.. julgo ouvi-lo ainda.

Este verso, fallado, e não recitado, tornava-se terrivel; e os Espectadores julgavão vêr a victima debaixo do ferro do Espectro.

Quando o célebre Actor Inglez Garrick foi a Pariz em 1765 houve quem lhe perguntasse quem erão os Actores, e as Actrizes em quem achava maistalento. » Dos homens (respondeo elle) são

(1) Faz indignação lêr, que Clairon, e Dumesnil, tão grandes Artistas se encarregavão, de Papeis subalternos de Eriphile, e Leontina, e fazião todos os esforços para os bem representar, ao passo que nos lembremos, de que huma Marianna Torres, e outras das nossas chamadas Actrizes, que ainda multiplicadas por 200 não farião a sombra dellas tem a petulancia, não só de as não acceitar, mas de regeitarem Mérope, e Semiramis, porque são Mães! E quem? Mulheres, que nem a sua lingua pronunciação correctamente.

» os melhores Le Kain, Carlin, e Preville; e das mulheres Mademoiselle Dumesnil; Dangeville, e Arnould; quanto a Mademoiselle Clairon, he demasiadamente Actriz.

Finalmente o Roscio de Inglaterra deixou a respeito de Dumesnil, e Clairon hum juizo em fórma de Parallelo, que se lê em huma carta de Mr. Noverre a Voltaire, e he o seguinte:

» Se diferentes estradas conduzem á fortuna; tambem por diferentes estradas se póde ir á celebridade. Agradão-me os talentos de Clairon, e ainda os admiro mais por vêr, que lhe cus-tarão hum trabalho insano, pois só deveo á Natureza a belleza de sua voz, e o resto pertence á Arte; tem ainda mais a habilidade de imitar Mademoiselle Dumesnil, sem a copiar servilmente. Accrescentarei, que o seu modêlo era a amiga, e confidente da Natureza; que nella nada havia estudado; que até a sua desordem era sublime; e que Mademoiselle Clairon com o socorro do espirito, e da Arte chegou a collocar-se ao lado do seu modêlo. »

Mademoiselle Dumesnil debutou no Theatro Francez em 1739, e o deixou em 1776. Mademoiselle Clairon entrou no Theatro, em 1743, e sahio d'elle em 1765, a primeira morreo de 92 annos, e a segunda de 81.

A R T I G O III.

GEOGRAFIA.

Da China.

(Continuado do N.º VI. pag. 107.)

Faz admirar, que tão industrioso Povo não passasse na Geometria além dos elementos; e que na Musica não conheça os simitons, e que todas as suas Sciencias sejam tão antigas, e tão limitadas. Parece, que a Natureza deo áquella especie de homens tão diversos de nós, órgãos proprios para achar de repente quanto lhe era necessario, e incapazes de além passarem, nós pelo contrario tivemos conhecimentos tardios, mas aperfeiçoámos tudo com rapidez.

Se perscrutarmos porque tantas Artes, e Sciencias sem interrupção cultivadas na China, ha tantos Seculos, nella tem feito tão acanhados progressos, acharemos duas razões; huma o prodigioso respeito, que esses Povos tem a tudo, que seus maiores lhe transmittirão, e que lhe figura perfeito tudo quanto he antigo; e outra a Natureza de sua Lingua, primeiro principio de todos os conhecimentos.

A Arte de fazer manifestas suas idéas por escrito, que devia ser hum methodo mui simples, he entre elles a coisa mais difficil: cada palavra tem diferentes caracteres, e hum Doutor na China he aquelle Sugeito, que maior número delles conhece. Alguns caducão antes de saber bem escrever.

O que ha mais conhecido, mais cultivado, mais aperfeiçoado entre elles he a Moral, e as Leis. O respeito dos Filhos aos Pais he o fundamento do Governo Chinez. Tem alli sempre o mesmo vigor o patrio poder. Hum Filho não póde pleitear contra seu Pai sem o consenso unanime de todos os Parentes, Amigos, e Magistrados. Os Mandarins Letrados são alli como Pais das Cidades, e das Provincias, e o Rei como Pai do Imperio. Esta idéa nos corações arreigada fórma huma só Familia daquellè immenso Estado.

Lookium, tinha, algum tempo antes de Confucio introduzido huma Seita, que foi recebida, e combatida na China quinhentos annos antes de Jesu Christo; mas no primeiro Seculo de nossa éra foi este Paiz inundado pela superstição dos Bonzos. Estes trouxerão das Indias os Idolos de Fó, ou de Foé, adorado com diferentes nomes pelos Japonenses, e os Tartaros, e a quem se vota o culto mais ridiculo. Esta Religião nascida na India perto de mil annos antes de Jesu Christo, infestou a Asia Oriental.

Os Chinas tem para si, que seu Imperio começára ha 4165 annos, e isto he entre elles ponto de Fé. Julgão tambem, que seu primeiro Rei fôra Fohi, e que a sua nação continuou até hoje por vinte e duas Familias, que tem dado duzentos e vinte e seis Reis, ou Imperadores; a Historia deste Imperio sóbe pela mais segura Chronologia até a hum Eclypse calculado 2155 annos antes da nossa éra vulgar, e verificado pelos Mathematicos Missionarios, que enviados nestes ultimos tempos áquella Nação incognita a admirarão,

e instruíção. O Padre Goubil examinou hum fio de 35 Eclipses do Sol notados nos Livros de Congfutséc, que nós chamamos Confucio, que vivia ha 2316 annos, e só nelles achou dois duvidosos. Dois Seculos além do Eclypse, de que fallamos, sua Chronologia chega sem corrupção, e por testemunhos, que se tem por authenticos até ao Imperador *Hião*, que trabalhou na reforma da Astronomia, e que em hum reinado de perto de 80 annos procurou tornar os homens illuminados, e felices. Está inda na China o seu nome em tanta veneração, como na Europa o dos Titos, Trajanos, e Antoninos. O ser elle para o seu tempo hum habil Mathematico he evidente prova de que nascêra em huma Nação já muito civilisada.

As rendas ordinarias do actual Imperador sóbem, segundo os mais aproximados calculos, a duzentos-milhões de onças de prata. He constante prática na China, quando alguma Familia nova se enthronisa, mudar o nome do Imperio, a Familia Tartara, que actualmente governa, lhe chama *Taicinque*, que quer dizer Reino de grande pureza; a Familia precedente lhe chamava *Taiminque*, ou Reino de grande claridade. Este Estado he conhecido com differentes nomes. Os Tartaros Orientaes, que são delles Senhores, lhe chamão *Ninacorum*, os Tartaros Occidentaes *Harakitai*, os Indios de Mogol *Catajo*, os Indios das Peninsulas *Chini*, Os Vsbeques *Catai*, os Moscovitas *Trita*, os Portuguezes *China*, os Indios *Kina*, os Alemães *Teschina*, os Francezes *Chine*.

As ultimas relações dão a este Imperio vinte e tres grãos do Norte a Sul, desde a fortaleza de Caipim na fronteira de Pekim, a quarenta e hum grãos de latitude até á ponta Meridional da Ilha de Ainan, ou Hainan a dezoito grãos de elevação, assim o cumprimento da China de Norte a Sul he de 576 leguas Francezas de 25 ao grão, e as mesmas Relações avalião sua largura de Oeste, a Este, desde a Cidade Oriental de Nimpo na Provincia de Chekiam chamada pelos Europeos Liampo até á extremidade da Provincia de Suchmen 426 das mesmas leguas. Mas se quizerem tomar este Imperio pelas ultimas extremidades de seus limites acharemos, que o seu cumprimento de Norte a Sul he de 750 leguas Francezas, e a largura de quinhentas.

Ha neste vastissimo Estado quatrocentas e duas Cidades muradas, divididas em duas classes, Civís, e Militares, duzentas e cinco Hospederias Reaes, chamadas *Ye*, isto he de primeira ordem, e trezentas da segunda, chamadas *Chamchin*. Ha duas mil trezentas e trinta e sete Fortalezas de muitas ordens, sem contar as Torres, onde ha Atalaias, que são muitas. Estas Fortalezas se comprehendem no número das quatro mil e quatrocentas e duas Cidades murallhadas, o Exercito effectivo passa de setecentos setenta e sete mil e novecentos homens.

Tem trezentas e trinta e huma Pontes de grande fama, e que são de huma magnificencia superior a tudo, que a Europa apresenta de maravilhoso neste genero. Duas mil quatrocentas e oitenta e nove Montanhas famigeradas, mil quatrocentas e setenta e duas Ribeiras navegaveis, duas mil e noventa e nove Peças antigas, e curiosas, como Estatuas, Vazos, etc., mil cento e cincoenta e nove Torres, Arcos de triumpho, e outras Obras públicas, duzentas e setenta e duas Bibliothecas famosas, mil cento e oitenta e nove Templos consideraveis, e magnificos, sem contar os ordinarios, trezentos e cincoenta mil Bonzos, que são os seus Sacerdotes, mais de dez mil Licenciados, e mais de oitenta mil Bachareis; seiscentos e oitenta e cinco Mausoleos. Contão-se na China tres mil seiscentos e trinta e cinco Homens Illustres, e finalmente cento e trinta e dois Palacios magnificos, e sumptuosos, proprios para alojar o Imperador, e a sua Côrte.

O Canal Regio de *Yun* atravessa de Norte a Sul huma grande parte deste Imperio, e tem mais de trezentas leguas de cumprimento, e setenta e hum Diques. Começa a duas leguas e meia de Pekim, na Cidade de Tancheo, e apoz de ter seguido a correnteia de muitas Cidades grandes, e entre outras a de *Yamchen* o porto mais famoso do Imperio, se perde pouco abaixo no Rio Kiam a huma grande jornada da Cidade de Nankin, antiga Capital onde se conserva hum Globo de bronze, que tres homens não podem abarcar, sentado sobre hum Cubo de Cobre, que se abre, e no qual entra hum homem para fazer gyrar o tal Globo, em que estão traçados os meridianos, e parallellos.

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO VIII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Ultimas descobertas, feitas por alguns Viajantes na Arcadia, relativas ao famoso Templo de Apollo situado no monte Cotilio.

Os Amadores das Antiquidades Gregas ouvirão com grande prazer a notavel, e interessante descoberta feita no Peloponeso em 1816. Tendo alguns Artistas, e Curiosos de diversas Nações, unidos pelo amor das bellas Artes, alcançado da Porta Othomana a permissão para escavar no sitio do Templo de Apollo sobre o monte Cotilio de Arcadia, tiveram a fortuna de achar inteiro o friso do Templo. Consiste na estensão de 96 pés de largura com altos relevos de marmore com cem figuras de mais de dois pés, sem mais damno, que o occasionado pela sua quéda no tempo da destruição daquelle célebre monumento. Estes altos relevos tem dois assumptos. Huma série de 53 figuras representa hum combate entre as Amazonas, e os Heróes Helenicos; e as 47 restantes a briga dos Centauros, e Lapithas no casamento de Perithoo.

Não póde decidir-se ao certo quantos seculos tem estes preciosos restos da Esculptura Grega jazido debaixo dos congestos de grosseiros marmores, que os sepultarão, e cobrirão todo a área do Templo. Pausanias no Livr. 8. Cap. 42 das suas *Arcadicas* diz: que o Architecto Ictino, o mesmo, que, no governo de

Pericles, edificado, ajudado de Callicrates, o Templo de Minerva em Athenas, fôra tambem o constructor deste Templo Dorico, considerado, depois do de Theseo, como o mais perfeito de todo o Peloponeso; ora como Pericles viveo no V. seculo antes de Jesu Christo, tem decorrido quasi 2300 annos depois da fundação deste soberbo monumento.

O estylo, que reina em toda a Obra, e a execução della, mais do que as observações historicas, accusão o seculo da perfeição nas Artes do Scopro. Não ha nada mais nobre do que o desenho daquellas Amazonas, e o grandioso de suas cabeças, onde se admira a magestade, e a graça; nada mais perfeito, e feliz, que as roupas das ditas figuras; alguns dos Heróes fazem lembrar o Colosso de Monte Cavallo em Roma, e outros dão ares do Gladiador.

Achamos igualmente em Pausanias (Helia. Liv. 8. Cap. 10) a seguinte discripção dos relevos da Fachada posterior do Templo de Jove, que erão obra de Alcamene, discipulo de Phydias, e representavão tambem a briga dos Centauros nas nupcias de Perithoo. Este Principe occupa o centro do quadro. Euricião junto delle rouba Hypodamia sem embargo de todos os esforços de Ceneo para impedi-lo. Theseo com a sua acha-d'armas faz hum terrivel morticinio nos Centauros; e dos poucos a seus golpes escapôs hum procura roubar huma tenra Donzella, e outro hum formoso Menino.

Bem que esta discripção pertença a Olympia, poderia sem muito custo applicar-se ao nosso friso de Phygalia. Não pôde aqui deixar de notar-se Theseo, que he huma das mais bellas figuras. A Donzella, o Menino, e os dois Centauros, que os roubão, formão hum grupo á parte, e muito distincto dos outros Centauros. Este Quadro parece terminar-se com hum grupo de Mulheres, huma das quaes abraça os pés de huma Estatua de Cibele, em quanto a outra implora soccorro com as mãos erguidas ao Ceo. Hum Centauro, que hum dos Heróes aterra pela retaguarda, tira peias roupas da Mulher, que está aos pés da Deosa. Duas figuras em hum carro tirado por dois Veados, e que naturalmente são duas Divindades, dão ares de vir em soccorro das ditas Mulheres. No combate das Amazonas ha grupos de igual

variedade vêm-se no conflicto humas a cavallo, e outras a pé, e outras espirando nos braços de suas companheiras. Huma, que parece ser a Rainha, quer dar morte a hum lindo Meço derribado a seus pés, em quanto outra lhe roga, que lhe poupe a vida. Descobrem-se mais adiante feridos, que se transportão para fóra do Campo da Batalha; cavallos impetuosos, e outros por terra. Entre os Heroes descola Theseo armado de clava, e de pelle de Lião; e finalmente observão-se Homens, e Mulheres, que combatem cobertos de grandes Escudos, ect. ect.

Ainda não foi possível reduzir todos os pedaços a sua primitiva fórma. Dizemos pedaços, porque todo o frizo consiste em 23 Laminas, que forão achadas em confusão no pavimento do Templo, sem que da sua situação se podesse exactamente conhecer o seu verdadeiro lugar. Concertão-se porém as Laminas, (a excepção de duas, ou trez, que estão em muito máo estado) quazi sem mais defeito que a falta de alguma cabeça, braço, ou perna, e devê haver-se por grande fortuna o acharem-se os fragmentos em tão bom estado, sendo o relêvo das Figuras em geral demaziadamente forte, quazi de *convexo redondo*, e por isso mais quebraveis do que hum baixo-relêvo. As cabeças, braços, e pernas de hum grande número de Figuras estão muito destacadas do fundo. Julgamos pois que hum Frizo tão bem conservado, e o unico tão completo, que entre nós se conhece, e de que sabemos a origem com tanta segurança, e precisão, he hum objecto, que merece toda a attenção dos Artistas, e Antiquarios.

O comprimento do Frizo concorda exactamente com o do contorno da Architrave da Capélla do Templo, que corcava por baixo do Hypetron. A baze, e o Frizo erão de todas as partes sustentados por cinco Pilastras Jonicas, e huma só columna isolada defronte da Porta. As Pilastras tem com as bases perto de 20 pés de altura. A Capélla tem outras tantas, em largura, e 35 de comprido. O Frizo externo visto em huma elevação tão pouco consideravel he superiormente bem alumiado no alto pela abertura do Hypetron, e devia ser o unico, e principal ornamento deste Templo. A Estatua de Apollo devia estar situada contra a columna, em face da porta. Refere Pausanias, que quando houve a reunião dos Arcades todos na nova Cidade de Magalopoli, fundada por de-

ligencias de Epaminondas , fóra a Estatua deste Templo , que era de bronze , e tinha doze pés de altura , transferida para a nova Capital. Havendo-se pois achado nas escavações da Capélla do Templo dois pés , e duas mãos de marmore branco , bem trabalhadas , e de proporção exacta , com grossos espigões de metal , sem que se podesse deparar mais algum fragmento , podemos ajuizar que os Figalenos tinham supprido o seu Apollo de Bronze com outro de Páo , com as estremidades de marmore , coisa de que ha muitos exemplos na antiguidade.

Os Proprietarios tomárão a rezolução de expôr estes marmores por alguns annos , em hum local proprio na Ilha de Zante , aonde S. Excellencia o Major General Airez lhe concedeo a sua protecção , outorgando-lhe logo huma boa Escolta de Tropa para lhe segurar a passagem da Moréa para esta Ilha.

A esta relação ha poucos tempos enviada da Ilha de Zante , devemos accrestar algumas particularidades mais , tanto ácerca das mesmas escavações , como do sitio Pintoresco , e interessante do Templo , que póde ao prezente considerar-se como a mais bella ruina de toda aquella Peninsula. Além de que em materia de Archeologia as minimas particularidades são de summa importancia.

Acharão-se pois além dos objectos principaes no mesmo Templo , e nas cercanias delle muitos ferros de lança , alguns ornamentos de bronze , e prata , hum pequeno vaso de bronze , huma pequena Estatua de Apollo tambem de bronze , porém grosseiramente trabalhada pelo estylo Egypcio , e huma pequena armadura de perna , que he de cobre , e exactamente parecida com as , que vemos nos vasos , que chamão Etruscos. Isto he naturalmente hum *Ex voto* , por que o Apollo venerado naquelle Templo tinha a invocação de *Epicurino* , que corresponde a *Confortador* ; e os Figalenos lhe erigirão este Templo sobre aquella solitaria Montanha , por elle os ter soccorrido em huma Peste , que parece ter devastado a Arcadia , ao mesmo tempo , que Athenas , na Epocha da Guerra do Peloponeso.

As ruinas , ainda muito consideraveis , da Cidade da Figalia ficão quatro milhas distantes do Templo para o Poente sobre a margem direita do Neda. A Aldéa de *Paolizza* occupa huma

pequena parte do circumdario de Figalia , e , em pouca distancia della , entra o Neda no Mar. O mesmo Templo está construido em direcção do Norte para o Meio-dia , e goza de huma vista soberba. Tem ao Occidente o Mar Jonio , e o Golfo de Cyparissa ; e ao Sul o Monte Ithome , com a Cidade de Messenia.

Fica ao Levante o Monte Keraunios , e o Altar de Jove Lyceo ; ao Sudueste , e além do profundo Leito do Neda apparecem as ruinas da Cidade de Ifra , o Taigete , e he tudo circumdado de Mar.

Existem no mesmo Templo em pé 36 columnas de 38 que formavão o Perystilo Dorico , de dez pés , e meio de Altura ; seis sobre a fachada , e quinze lateraes. São de huma formozza pedra cinzenta do Paiz , assim como todo o resto do Edificio excepto huma parte da Abobada , e dos capiteis Jonicos , que são de marmore. He tambem huma das singularidades deste Templo o ter alguns *Triglifos* , e seis *Metopas* esculpidas de cada lado por baixo da fachada , e as duas columnas de *Pronaos* , e de *Ophitodomo*. Os Fragmentos , que das taes *Metopas* se encontrárão , são de hum trabalho completo , mas estão pela maior parte muito consumidas do tempo. São Figuras , que bailão , envoltas em bellas , e requissimas roupagens volantes , hum Sileno. ect. Entre as , que tóção Lyra parece distinguir-se hum Apollo *Musagete*.

As duas Fachadas de Norte , e Sul , erão coroadas de hum quarto de circulo de Marmore , com hum bello ornamento de Festões , a que correspondião por cima 15 Columnas lateraes , ao longo dos dois lados do teto , pontas de telhas tambem em Festões , e a estas conrespondião outras do alto da suminidade do tecto igualmente de Marmore como tambem todas as telhas. Estas tem dois pés de largura , e na primeira ordem nada menos de tres pés , e tres quartos de comprimento. Esta particularidade , e algumas noticias curiozas deste Monumento darão novas luzes a respeito de Architectura dos Antigos.

ARTIGO II.

CRITICA.

*Juizo sobre a "Apparição" Poema Elegiaco por Nuno Alvares
Pereira Pato Moniz.*

Entre as mui raras composições poeticas, dignas de lêr-se, que, nestes ultimos tempos, tem sahido de nossos typos, merece hum bom lugar este Poema Elegiaco, com que o Senhor Moniz tão distincto já como Poeta Lyrico, e Tragicó, acaba de enriquecer o Parnaso Portuguez. Os Amadores da Poesia Phylosophica folgarão de vêr a imaginosa pompa, de que apparecem revestidas as suas arrojadas idéas; admirarão o vigor de seu pincel, a elegancia de seu estylo, a propriedade de suas expressões, e a variedade harmonica de sua metrificacão sempre corrente, fluida, e numerosa. O Hymno ao Eterno no primeiro canto se distingue por sua profusão sublime. He a Musica de David, executada sobre a Lyra de Pindaro. Não he menos bella a rápida, e venusta descripção do Ceo feita nos seguintes versos:

Não ha columnas.

Que a magnífica abobada sustentem,
E toda de Saphyras, e Diamantes
Parece, que decorre marchetada,
Tão longa, que da vista aos olhos foge,
E até na dimensão fatiga a idéa!...
Mil, bordadas de Soes, e Soes sem conto,
Quaes Pérolas de orvalho matutino,
Avanção na infinita immensidade
Fulgurosas, amplissimas estradas,
Donde apenas dispersos se descobrem,
E mínimos, e quasi imperceptiveis
Pelo vasto Universo immensós Orbes,
Bem como os turbilhões de pó no Estio,
No veloz movimento confundidos.

Que riqueza em suas amiudadas comparações! Que vigor nas apostrophes ao Despotismo, e á Religião no quarto canto!...

Que sublime de reflexão nestes versos á Eternidade no 3.º canto,
em nossa opinião o mais bello de todo o Poema!

Fonte antiga dos Tempos, e dos Mundos,
Perenal, portentoso, immensuravel
Golphão, que tudo reproduz, e absorve,
Augusta Eternidade, eu te saúdo;
Immutavel, profunda, e sem limites,
Tão proxima estás hoje ao teu principio
Como antes, que tomasse o Cáhos fórma;
Antes que a luz afugentasse as trévas;
E antes, que, pelas Leis do movimento,
Se ordenassem os corpos, se ordenasse
A innumeravel multidão dos Mundos,
Que, no ethereo Oceáo fluctuantes,
Com assombrosa rapidez contínua,
Tomando o meio entre as oppostas forças,
Vão discorrendo, de redor hum de outro,
Sobre o seu eixo cada hum rodando;
E quando, lá, no fim dos Tempos todos,
Do nada na horrendissima voragem,
Se abysmar outra vez este Universo;
Quando, rota dos Seres a cadêa,
E extinctos os celestes luminares,
Ficar, de tudo o, que he, sómente o espaço,
Do teu fim como agora tão distante,
Inda então seguirás futuro immenso
De interminavel duração! Teu manto
Acolhe quanto ha sido, e o germen guarda
De tudo o, que ha de ser! Nas prégas suas
Buscarei teu asylo venerando;
Eu te saúdo, augusta Eternidade.

Muito se tem disputado, especialmente em França, sobre
ser, ou não a Poesia do Christianismo susceptivel de hum mara-
vilhoso proprio, capaz de supprir na Epopeia os Deoses da My-

thologia Grega, e Latina. Os supersticiosos admiradores da Antiguidade.

Che piú la rugin ch'il metalo stiman,

Como diz elegantemente o Conde Algaroti, munidos da auctoridade de Boileau, teimão, que sem Marte, Venus, Jupiter, etc., não ha Poesia; e como havião elles achar bom o maravilhoso Christão, se o não vião em Homero?... O Visconde de Chateaubriand escreveo hum tratado em 8 volumes (*le Genie du Christianisme*) para provar a superioridade do maravilhoso do Christianismo, sobre o do Polyteismo, e bem que, a nosso vêr, na dita Obra não se expendia mais do que senão huma parte das provas, que o Author podia dar, nem este alli seguisse o methodo, de que devêra lançar mão, cumpre confessar, que os Archaio-maniacos inda lhe não derão quartada concludente. He verdade, que esta questão, só póde além da França, ter ainda lugar entre nós, e os Hespanhoes; porque na Italia, e mais ainda na Inglaterra, e Alemanha, estava ha muito decidida pelas bellezas Poeticas, que das máchinas de nossa Religião tinham tirado em seus Poemas Tasso, Milton, Klopstock, Bodmer, etc., que em vez de mendigar servilmente, abríão novas minas, de que extrahirão ampla riqueza, preferindo a serem copistas de Homero, e Virgilio, o tomar assento a seu lado. A' aquelles, pois que entre nós se mostrão *Idolâtras em verso* citamos para nos apresentarem em maravilhoso Grego hum quadro tão pathetico, e lúgubre, como o da morte de Fermina, que fecha o 2.º canto da Apparição. Que rediculo effeito não farião Alecto, as Harpias, e toda a mais Caterva Tartarea em redor do leito da resignada, e virtuosa Enferma?... Dirão, que Iris vindo cortar-lhe o cabelo fatal, como em Virgilio a Dido, daria hum Machinismo mui proprio, e feliz; que-remos persindir de desharmonia de huma Divindade pagã recebendo a alma de hum Christão; mas fugiria de toda a scena aquella magestosa sombra, e colorido melancolico, que lhe dá o Anjo da Morte, que

Da parte do Oriente descendendo,
Largo fluctua o manto inda mais negro,
Que da noite o pavor: florea a espada,

Que mais do que os relampagos flameja;
 E das azas de fogo, que soltava,
 Hum pouco recolhendo o vôo altivo;
 Modificando o gesto formidavel,
 Fulgurou sem horror ante os seus olhos:
 Em todos mais o pállido soçobro,
 Em todos mais perturbação, e espanto
 Das azas invisíveis derramava.

Erguendo aos Ceos a espada flamejante
 As solemnes palavras pronuncia,
 Que elle, como da Morte os outros Anjos,
 Pronunciaõ no ponto, em que, da vida
 Quebradas as prizões, o Mundo deixão
 Os Elleitos do Ceo!

Firmina escuta;

E, com hum profundissimo suspiro,
 Hum ai supplicador desprende anciosa,
 Dão-lhe passagem livre ao ai! piedoso
 As Virtudes, que em circulo aguardavão
 A alma gentil para voar comella,

Recebe o Anjo a súpplica; revôa
 N'hum só instante de redor do leito,
 Por vezes sete; e á septima parando,
 Vibra tres vezes a tremenda espada
 Erguida para o Ceo! Então mais rápida
 Que as settas zunem, se despenhão Torres,
 Que os ventos bramem, se revolvem mares,
 E que das nuvens se despede o raio,
 De chofre a Morte inexoravel desce,
 E, as frias azas pállida estendendo,
 Cobre o leito de dôr: Firmina treme
 C'o a final convulsão... Pasmada, e muda
 Já não vê; já não ouve; já tardonho
 Lhe pulsa o coração... Ei-lo parado:

Escuros para sempre os olhos fecha,
 Solta o extremo arronco, espira,.. e vôa
 Mais rápida, que a luz, e o pensamento,
 Sua alma pura á Região dos Astros.

Terminaremos este juizo pela discripção do enterro, talvez o mais bello trecho de todo o Poema, e que deve grande parte do seu interesse ás idéas Religiosas.

Crepes se arrastão, Porticos negrejão,
 E, prestes todo o fúnebre apparatus,
 Já o funéreo coche, acompanhado
 Do cortejo de dó, vai vagaroso.
 Caminhando ao lugar da sepultura:
 Vão, do caminho ao longo, derramando
 As tochas funeraes tristeza, e medo,
 Qual pelas trévas pállido cometa
 Vai pavoroso, a lampear, fugindo.
 Já chegão: e na turba circumfusa
 No promiscuo tropel, que se amontôa
 Lavra hum surdo rumor; como rouqueijão
 As ondas enrolando-se banzeiras,
 Da proxima tormenta inda lembradas.
 Abrem-se, os fachos empunhando, mudas
 Em longo fio, luctuosas alas;
 E a intervallos erguendo a voz solfada
 Religioso choro em tom medonho.
 Vai o confuso Povo apavorando,
 Como de quando em quando, em muda noite
 O trovão, rebramando ao longe irado?
 Eis, sobre o funerario leito, pouza
 O corpo inerte, regelado, inane;
 Caduco resto de mortal belleza...
 Resto ainda formoso, amado ainda!...
 Pezadamente as azas alevantão
 Hymnos da Morte em musica soturna,
 Tão mesta, e melancolica; tão triste.

Como a recordação dos bens perdidos;
 Tão triste, que dos sons, que se prolongão;
 A escuridão dos Tumulos se augmenta,
 E nos valles a Noite escuta, e geme!
 Pouzão... Fechado o féretro retumba,
 Retumba no final encerramento
 A lobrega mansão, e em longos éccos
 O horrendo som dobrando-se nos ares,
 Alto as do Templo Abobadas echoão!

A R T I G O III.

GEOGRAFIA.

Da China.

(Continuado do N.º VII. pag. 132.)

A muralha, de que tanto se falla na Europa, e entre os Povos convisinhos dos Chins, he de trezentas e setenta e cinco leguas ordinarias de França: situada ao Nordeste da China, edificada pelos Imperadores, cento e trinta e sete annos antes da nossa éra, para embargar as correrias, e invasões dos Tartaros Orientaes, que ha alguns annos conquistárão este grande Imperio, passa não sómente por longas campinas, mas por sobre alcantiladas montanhas, e he fortificada de espaço a espaço com Torres, que humas das outras hum tiro de mosqueteria distão, ha sitios, com visos de précipicios, em que esta muralha tem do cimento até ao espigão mil e trinta e sete pés Geometricos, e em outros mais, e menos. A muralha tem de per si, desde o rez da terra até ao espigão trinta covados de alto, e quinze de largo, monumento superior ás Pyramides do Egypto, tanto por sua utilidade, como por sua immensidade.

Ha na Torre de Pekin hum Sino, que tem treze pés Chinezes de diametro, que fazem perto de onze pés, e oito polegadas; o *Ché*, ou pé Chinez está para o pé de Pariz na razão de sete para oito, e por consequencia contém dez polegadas e meia do nos-

so pé. O *Ché*, que está no Tribunal dos Mathematicos de Pekim, não differe muito do pé de Pariz: pôdem haver diferentes grandezas de *Ché*, segundo os diferentes usos de cada Provincia.

A Ribeira azul he a mais bella, que tem a China; nasce na Provincia de *Suchioen*, atravessa a de Hunquant, e Nanquin, e desemboca no mar pacífico no Golphão chamado de *Nanken*. A Ribeira amarella he a maior da China, nasce (segundo he fama) no Paiz de Tanguth, ou Tannu, que he huma das partes Meridionaes da Tartaria, e depois de ter banhado as Provincias de Pekim, Kansy, Homan, Xantum, e Nankin, se lança no mar pacífico. Sangora he huma Ribeira, que nasce nas Montanhas Brancas, ao Septemtrião da China, e que se lança no Helum, que he hum Ribeirão, cujas fontes se não conhecem.

Este Imperio he fertil em toda a sôrte de grãos; produz Trigo, Cevada, Milho miudo, Centeio, Arrôz, que he o ordinario sustento dos Chins, abunda em Legumes, que a terra produz duas, ou tres vezes no anno na maior parte das Provincias, o que prova tanto a industria dos Povos, como a fertilidade do Terradego. He constante a reputação que as Laranjas da China tem adquirido na Europa; o Chá, que he a usual bebida dos Chins, chama-se *Theca*, a arvore, que o dá se estende em pequenos ramos, sua flôr tira o amarello, e o seu cheiro ao da Violeta. A primeira folha nasce, e colhe-se na Primavera, porque então he mais morbida, e delicada. Põem-na a seccar a fogo lento em hum vazo de barro grosso, e depois a emolhão sobre esteiras cobertas de Algodão, transportão-na para todo o Imperio em caixotes de chumbo, guarnecidos de vime, e caniços. Ha Chá de diferentes valores: o que chamamos Imperial he o mais caro. Os Chinas não tomão Chá se não a pequenos goles, em pequenas taças.

Em toda a China he geral o uzo da Porcelana: porém a mais bella fabrica-se em Kinkte-Tching. Esta Aldêa, habitação dos verdadeiros Porcelanistas, he tão populoza como as maiores Cidades da China, só lhe falta o ser muri-cercada para ter o nome de Cidade. contão-se nella mais de dois milhões de Almas. Acha-se na Provincia de Nankin a materia, de que se faz a Porcelana, mas como alli as aguas não são boas para amassa-la, transportão-na para *Kinte-Tching*. Os Moradores daquelle sitio fabricão

todas as obras , que daquella bella materia em todo o Imperio se vendem. Este trabalho he longo , e penozo , e custa a comprehender como possão tão barato vendê-la. A amarella , he a mais rara , e precioza , e se destina para o Imperador. Esta côr he privativa do Soberano em qualquer obra , que seja. Os moveis em verniz , tão estimados na Europa , são mui communs na China , e a bom mercado , porém se pedissemos aos Artistas dezenhos novos , exigirião por elles alto preço. O tal verniz he hum betume , ou gomma , que se extrahe da casca de huma Arvore , que nasce só na China , e no Japão. Os Hollandezes tem debalde querido transportar esta gomma para a Europa , mas ella perde a força no fim de seis Mezes. Todos os moveis dos Chinas são cobertos deste verniz , que he a prova de agua a ferver.

A China furmiga em mui virolentos Repetis. São alli vulgares as Cobras , e Viboras , cujo veneno he activissimo. Ha taes que apenas mordem , logo incha terrivelmente o Corpo. Rebenta o sangue por todos os Membros , olhos , ouvidos , boca , narizes , e mesmo pelas unhas , porém como o humor pestilente se evapora com o sangue , não são mortaes as mordeduras. Ha outros de muito mais perigoza peçonha : se mordem no bico do pé , para logo o veneno sobe á cabeça , espalha-se por todas as ramificações , cauza deliquios , tresvario , e morte. Ainda se não descobrio remedio para a mordedura destes terriveis animaes.

O que alguns Viajantes tem contado do *Gemung* ou *Homem-Urso* só deve entender-se da extraordinaria magnitude dos Ursos da Provincia de *Chen-si* , comparada com a estatura do Homem. Não he menor certo o *Ma-lu* ou Hoppelapho não ser mais do que huma especie de Veado mais alto , e maior , que os Cavallos da Provincia de *Yunnan*. Igualmente o que se divulga do Animal chamado *Sinfin* deve entender-se de huma casta de Macaco que o Padre Laureati diz que muitas vezes vira „ diversifica dos outros , „ (diz elle) na grandeza , em que iguala hum Homem de mediana estatura , e na pasmoza facilidade que tem em bipediar-se. „ O que contão do Cervo-odorifero da China tem maior certeza : Este curiozo animal quazi sempre mora nas Provincias meridionaes. He huma especie de Veado mocho , cuja côr de pèlle tira

para negro , sua carne he saboroza , e vai ás mais acepipozas Mezas.

Depáráo-se na Provincia de Cantão , e expecialmente na Encosta de hum monte , que se chama *Lofeor-Chan* Maripozas de tamanha estimação , que se envião á Côrte aonde servem para certos ornatos do Palacio ; são alagartadas de muitas , e mui transparentes côres. Estas Maripozas são muito mais volumozas , e tem mais longas azas , do que as nossas. Estão todo o dia immovelmente penduradas ás arvores , e se deixão colher sem custo ; só começam a voltejar subnoite , á maneira dos Morcêgos , cuja grandeza algumas igualão pela estensão das azas.

Eis-aqui a circunstanciada relação que o Padre Laurentí faz do estado da Religião em Emony aonde este Missionario longimorou. » Em toda a Asia não ha Paiz , em que a superstição » mais bellos , e sumptuosos Templos ao Espirito da Mentira erigisse. Os mais notaveis estão extramuros das Cidades , e o tractar delles se comette aos Bonzos , que os habitão. As Fabricas , ou Pagodes , são de mais , ou menos grandeza conforme as riquezas ou devoção dos , que os fundarão. Estão ordinariamente situadas no pendôr das Montanhas , e parece que na sua construcção , tudo á Arte , e á Natureza nada , os Bonzos dar querem. Bem que sejam as Montanhas áridas , nellas os Bonzos , que destes Pagodes curão , Primavera eterna entretem , são sólidos encantadôras. Mui severamente o Bonzo , que commercio com Mulher teve , he punido. Algozes lhe são seus confrades , e vingão em apparencia sua Seita , punindo hum crime , que elles mesmos comettem , ou que cometer dezejão. Põem huma taboza ao pescoço do Réo , e assim o fazem passear huma legua pela Cidade , tocando-lhe mui bem as costas , porém estes castigos são muito raros , e os Bonzos são tão destros em occultar suas paixões como ardentes em as satisfazer. » A este respeito traz o mesmo sábio Missionario o seguinte cazo. » Indo a filha de hum Doutor Chinez com duas criadas fazer oração em hum daquelles Templos , dezapareceo de repente. O Pai indignado , e suspeitando serem os Bonzos os Authores de semelhante rapto , investio a Habitação com Tropas , que o Governador Tartaro lhe dera. Depois de inuteis pesquizas em todos os cantos do Pa-

„ gode , ouvirão-se confuzos gritos , que sahião da cavidade de hum
 „ Rochedo ; dérão com huma Porta de ferro , que tapava huma
 „ gruta , e , fazendo-a o Commandante deitar abaixo , penetrão por
 „ hum subterraneo aonde achárão a Filha do Doutor , e mais
 „ trinta Mulheres , que alli detidas estavam. Apenas as libertárão ,
 „ fez o General deitar fogo aos quatro cantos daquelle indigno
 „ Edificio , e queimou o Templo , o Altar , os Deozes , e os seus
 „ Ministros. „

Este Imperio , submettido a hum só Principe , he governado por huma só Lei ; assim tem com esplendor subsistido ha mais de quatro mil annos , e só de muito fresco he que seus costumes , trages , e linguagem tem tido alguma pequena alteração , e contra o costume dos Reinos Asiaticos , o Monarcha se considera como o Pai , e o amigo do seu povo.

Em 1615 he que *Tien-Ming* , Fundador de Dinastia , que actualmente reina , foi eleito Rei , ou Generalissimo dos Tartaros *Mant-Choux*. Não era antes mais do que hum simples Chefe de Tribu. Os *Mant-Choux* erão dominados pelos Chinas , e , descontentes delles , se rebellárão , e , commandados por *Tai-Tyou* que morreo em 1626 , os derrotárão em muitos recontros. *Tsung-Te* , ou *Tien-Tsung* filho de *Tai-Tsung* continuou a guerra ; alcançou grandes Victorias dos Chinas , e morreo em 1636 e em 1644 se assenhoreárão de Pekin os Tartaros *Mant-Choux* , e naquella Capital acclamárão Imperador dos Tartaros , e dos Chinas a *Chun-Tché* sobrinho de *Tien-Tsung* de idade de oito annos , morreo em 1661. *Kang-Hi* , filho de *Chun-Tché* acabou a conquista em 1682 , e reinou tranquillo , e gloriozo até 1722. *Young-Tching* , filho de *Kang-Hi* morreo em 1753 tendo reinado treze annos. *Kien-Long* he herdeiro , e filho de *Young-Tching*. Este Principe tem talentos para a Poezia , grandes conhecimentos , e profunda erudição. Escreveo hum resumo de Historia da Dinastia dos *Mings* , que occupárão o Throno da China. Fez tambem colegir em mais de cem volumes todos os Monumentos da Nação Chineza fazendo-os gravar com explicações. Esta obra sabio da Typographia Imperial de Pekin com o titulo de *Collecção das Figuras , ou Monumentos antigos , e Modernos*. Como a Lingua Tartara *Mant-Choux* está ainda imperfeita ,

tem , *Kien-Long* congregado muitos Sábios , que ha tempos se empregão em enriquecê-la , e augmentar o número de suas expressões em hum grande Diccionario , que o Principe deve fazer imprimir. Este Monarcha he summamente zeloso da gloria da sua Patria , e faz quanto póde por lhe dar huma antiguidade igual á dos Chinas.

Os Tribunaes são neste Imperio summamente sevéros , incorruptiveis , sem attenção , nem connivencia. Ameaços do Imperador , medo de supplicios , nem os mais crueis tormentos serião capazes de suspender a penna de quem os compõe. Alli se distinguem duas qualidades de Ministros. Huns são Ministros *Senhores* , que dão Audiencias , e assignão Despachos ; e outros Ministros *Pensadores* , que se encarregão de formar projectos , examinar os que se lhe apresentão , e propôr as mudanças , que o tempo , e as circumstancias exigem.

O Tribunal da Historia he composto de duas sórtres de Historiadores. Huns estão encarregados de escrever tudo , que se passa fóra do Palacio , isto he , quanto diz respeito aos negocios públicos , e outros tudo quanto se passa no interior , isto he , todas as acções , e discursos do Imperador , dos Ministros , e dos Officiaes. Cada Membro deste Tribunal escreve em huma folha volante tudo o que soube , e assignando-se , sem o communicar aos seus confrades , a deita em hum grande mialheiro , que está no meio da casa em que se ajuntão.

A R T I G O I V .

MISCELANEA.

Costumes dos Gregos Modernos.

(Continuado do N.º IV. pag. 76.)

Os Antigos Gregos conhecião como os Modernos hum Expectaculo , que tem sido muitas vezes citado como invenção dos Barbaros ; fallamos dos combates de Touros , que se davão em Larisa , Epheso Athenas , e nas Festas d'Eleusis. Art. Liv. I. Cap. 9. pag. 15.

He muito usual em Pathmos vêr os Estudantes , e os Tabeleães andar com huma escrevaninha pendente da cintura. Niectas Chroniata , (in historia 382) conta , que os Francezes depois da

tomada de Constantinopla andavão com hum tinteiro na mão para metter a ridiculo os Gregos.

Os Turcos de Tenedos tomão os mais bellos marmores da Troada para edificarem tumulos. Todos os Gregos de Miconi edificão com marmores cobertos de Inscriptções, que se tirão das ruinas de Delos.

Ordinariamente os Gregos, e os Turcos rebocão de cal estes marmores, julgando faze-los mais bellos, ficando assim apagadas as Inscriptções. Por este modo hum Capuchinho cobrio de cal o monumento, que em Athenas se chama vulgarmente = a *Lanterna de Demosthenes*. O actual Capitão Bacha tomou os melhores marmores de Cos, e de Metelin, e fazendo por consequencia cair os que tinham Inscriptções, os empregou na Fabrica dos Kiosques, que tem nestas duas Ilhas.

Quando os Gregos modernos dão de jantar a hum Estrangeiro (coisa, que raras vezes succede) vem hum parente dar-lhe parte de que está posta a mesa. Tambem he antigo o costume de ter estes *Monitores* como lhe chama Terencio. Heautontim. Ac. 1. S. 1., quando diz *monere oportet me hunc vicinum*, etc. As Mesas são muitas vezes juncadas de flores; he tambem costume antigo; amontoão-se pyramides de mal-temperados guizados. Os parentes servem á Mesa. Em hum casamento celebrado na Ilha de Chio, em que se assentárão á Mesa cincoenta pessoas, se pôz huma Gallinha a cada conviva, e houverão vinte e cinco Perus. No restó reinou a mesma profusão. As Donas, e as Filhas da casa não se assentão á Mesa, e comem com as criadas. Em Andros, e em algumas outras Ilhas são as Filhas da casa quem serve á Mesa.

Entre a primeira, e segunda coberta costumão cantar, e pela maior parte das vezes Musicas de Igreja, que he o que de melhor vontade executão quando querem divertir-se. Ouvem-se os Marinheiros cantar abordo huma parte do Officio, como em outro tempo os Gondoleiros de Veneza a Jerusalem do Tasso. Nada ha porém mais triste, mais monotono, e languido, que a Musica dos Gregos, cuja maior perfeição consiste na entoação nazal. He muito de seu gosto hum Romance sobre os estragos commettidos pelos Albanезes. Suas cantigas são de ordinario muito extensas; e

com estas rapsodias absurdas suppremas chistosas, e amenas *skolia*, que os antigos cantavão á Mesa. Mandão tambem ás vezes buscar Cantores, e Cytharedos, como os antigos. Suas saúdes são de ordinario em chusma, brindando a cada hum dos convivas; quando porém querem fazer mais honras a algum, bebem á saúde d'elle tres, ou quatro copos a fio. Entre os Gregos jámais ha banquetes sem que todos se toldem, e fação grande motim.

Anna Comnena (Alexiad. Liv. 9. Pag. 254.) conta, que em quanto seu Pai Alexis Comneno dormia ao lado da Imperatriz sua Esposa, huma Rapariga do serviço de sua Camara velava toda a noite para lhe enxotar as moscas com hum Leque. Este uso ainda permanece em Zea. Lê-se outra singularidade ainda maior em Zonoras, Tom. 2. Pag. 233. » Quando a Imperatriz Zoé estava deitada ao lado do Imperador Romão Argiro III., fazia » chamar Miguel, então Camarista do Imperador, e seu Aman- » te, e depois Imperador com o nome de Miguel IV, para lhe » coçar, e esfregar os pés. » Este costume reina ainda entre as Damas de Constantinopla.

Subsistem ainda no Reino de Napoles algumas usansas Gregas. Em Nola, por exemplo, tem a Plebe no tempo das vindimas o privilegio de dizer aos Cavalheiros, e Damas da mais alta consideração, que encontrão pelo caminho, quantas injúrias lhe vem á cabeça. Os vendimadores são os, que fazem maior uso desta liberdade. Este costume deo a Luiz Transillo assumpto para o Poema intitulado *Il Vendemiatore*, cuja primeira Edição appareceo em Napoles em 1534.

» Na noite de S. João (diz M. de Villoison) ví eu em Zea » todas as Donzellas Gregas, e suas Criadas juntas em casa de » Mr. Joseph Panguls, Consul de Inglaterra. Estavão todas cingidas de *Klêdonia*, que são pomos, que na vespera deitão de » molho em agua, gravão-lhe em sima seus nomes, ornão-nos de » flores, e laços, e passada a noite de S. João os guardão com » todo o cuidado. Se murchão depressa he máo signal; se por » muito tempo se conservão, he bom agouro, e prova de que » viverão muito, e casarão naquelle anno. »

Evitão os Gregos com todo o escrupulo voltar os pés do lei-

to para a porta, porque o julgamento agouro de morte proxima; porque he deste modo, que collocão os mortos sobre a Eça.

» Na manhã do primeiro de Julho de 1785 (continúa o mesmo) assistí em Thermia ao enterro de huma mulher. Estava com os seus melhores vestidos; tinha o rosto descoberto; e foi conduzida em hum *Kataletto*, ou leito funeral. As outras mulheres acompanhavão seu corpo: Hia na frente dellas a Filha, que se distinguiu pelos cabellos soltos, que de quando, em quando arrepellava, dando lugubres gritos, e rematando sempre *Mana mou! Mana mou! Kako opou patha! Minha Mãi! Minha Mãi! Que pena que tenbo!* Os outros parentes hião tambem com os cabellos soltos. Os Padres com tochas esperavão o cortejo no Adro da Igreja. Recitarão primeiro as preces; e disserão depois: » Parentes, Amigos, vinde dar o ultimo beijo a nossa Irmã. A Filha foi a primeira, que chegou arrancando os cabellos, e gritando *Mana mou!* Este costume he muito perigoso quando o defunto tem morrido de peste, ou de mal contagioso. Depois do *aspsmos*, ou cerimonia do beijo, sahio quasi tudo, ficando só huma mulher para despir o corpo, deixando-lhe apenas huma longa camiza. Hum *Papa* (Sacerdote) recitou mais algumas preces, e deo o primeiro golpe de enchada; dois homens continuarão a cavar, e sepultarão o cadaver.

» Em Zea, Themia, Stampalia, e outras muitas Ilhas enterra-se nas Igrejas. Em Egina vê a Marido, e a Irmã de huma Rapariga, chorar sobre a sepultura no dia seguinte ao seu funeral, e cobri-la de pedras. Estava enterrada junto a huma Capella no meio dos campos. Nos enterros dos Ricos, paga-se a Carpideiras, como vê praticar em Naxia a 20 de Janeiro de 1786. »

O L Y M P I A.

Novella Sentimental.

Não ha pessoa alguma judiciosa, que não condemne o tyrannico imperio, que alguns pais prudentes exercem algumas vezes sobre seus filhos, para obriga-los, a seu pezar, a abraçarem hum esta-

do, para que não tem vocação nenhuma. Mas se a liberdade deve ser plena, e inteira, he sobre tudo quando se trata de abraçar a vida religiosa. Deos quer huma oblação pura, hum sacrificio voluntario, e a consagração do coração; tudo o mais lhe he desagradavel.

A historia, que vamos referir, he hum exemplo bem convincente das funestas consequencias, que póde ter hum constrangimento tão injusto. Ella aconteceu em Vareza, Cidade do Milanez.

Ludovico Carantani, natural de Vareza, não tinha senão duas filhas do seu casamento com huma mulher, que lhe tinha trazido bens consideraveis. A ternura, que hum pai razoavel deve repartir igualmente por todos os seus filhos, tinha cahido toda sobre a mais velha das duas filhas, que se chamava Victoria. Carantani amava unicamente a esta, a quem todavia faltava muito para ser tão amavel como Olympia, a mais moça. Esta injusta preferencia manifestou-se logo na sua maistenra infancia. Victoria tinha todas as caricias de seu pai; e todos os esforços de sua irmã não podião obter d'elle o minimo signal de ternura. Sua mãe he que a compensava hum pouco desta indifferença; mas tendo-lhe a morte roubado esta consolação, tornou-se bem depressa o alvo d'huma infinidade de contradicções, e de máos tratamentos da parte de seu pai, e de sua irmã. Como Carantani não dava attenção senão a esta ultima, cuja indole tinha formado, resolveo, para torna-la mais rica, de casa-la o mais vantajoso, que fosse possivel. Não lhe era muito difficuloso obte-lo: porque além das riquezas, Victoria era muito bella, ainda que não tinha tantas perfeições, como sua irmã. Este novo atractivo adquirio-lhe hum grande número de pertendentes, entre os quaes Carantani podia escolher-lhe aquelle, que lhe parecesse mais proprio a contribuir para a felicidade de sua filha. Para obter isto ainda melhor, metteo Olympia n'hum Convento, e fez correr o boato, de que ella se tinha resolvido a abraçar a vida religiosa. Por esta pertendida renunciação ao mundo, era Victoria hum dos mais ricos partidos daquelle paiz: tambem o número de seus amantes augmentou ainda mais; e viô-se então pertendida por Cavalleiros das melhores familias, que todos cuidarão em fazer-lhe côrte.

Continuar-se-ha.

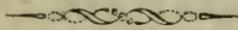
OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO IX.

A R T I G O I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Observações chymicas sobre os processos , que se devem seguir na manufactura dos vinhos tintos, principalmente quando a uva não tem chegado ao seu perfeito estado de madureza. Por M. Sampayo. (Extrahidas dos annaes de agricultura Franceza , Tomo XXIX.) (1)



EM todos os tempos se conheceo , que a uva mais madura he sempre a , que fornece melhor vinho. Donde provêm o principio , geralmente seguido por todos os vinheiros , de ser preciso colher a uva no seu perfeito estado de madureza. Mas com tudo he bem sabido , que grandê número de circumstancias , como as geadas prematuras , chuvas excessivas , etc. , decidem frequentemente o proprietario a colher as uvas antes , que tenham chegado ao estado de madureza , que se deve desejar ; elle prefere então obter vinho de inferior qualidade , no extremo de não obter algum.

Mas seria necessario , neste caso , supprir á madureza da uva.

(1) Esta memoria recentemente escripta em Francez por hum dos nossos Compatriotas , nos pareceo mui digna daqui trasladar-se , não só pela intrinseca utilidade do , que contém , mas pela gloria , que resulta á nação do apreço , que della fizerão os Sabios da França , e a Academia , que julgou fazer-se honra , mprimindo-a nas suas Collecções.

Macquer o conheceo bem, e observando, que a uva madura continha mais assucar, aconselhou ajuntar na cuba em fermentação huma pequena quantidade de assucar, a fim de constituir a uva não madura no mesmo caso da, que o está, o que alguns authores repetirão depois deste célebre Chimico. Nestes ultimos tempos, tem-se observado, que a uva não madura differe da, que adquirio todo o grão de madureza possivel, não só porque esta ultima possui mais assucar, do que a primeira, mas tambem porque contém menos quantidade de acido *malico*. He pois evidente que para se poder esperar o constituir a uva imperfeitamente madura no estado da, que o he perfeitamente, he necessario não só augmentar a quantidade do assucar, mas tambem diminuir a do acido *malico*. A addicção de qualquer substancia assucarada, tal como o assucar mascavado, o melaço, etc., suppondo mesmo, que não haja de fornecer ao vinho algum gosto estranho, não poderia já-mais prehencher esta dupla condição; porque o acido *malico* ficará sempre alli permanecendo; e se menos se destingue, he porque o Alcohol lhe encobre o gosto. Seria pois da maior importancia descobrir o meio de poder diminuir na uva a quantidade deste acido, e augmentar ao mesmo tempo a do assucar, principalmente, quando haja certeza de não levar ao vinho gosto algum estranho. He com effeito o que julgo se poderá obter, pelo processo, que vou expôr; e tanto he mais real a minha persuasão, quanto foi confirmada pela experiencia, que tive de muitos annos em casa paternal (1).

Em outro tempo os nossos vinhos tintos erão muito acidos, e não podião supportar os calores do estio; ao mesmo tempo, que os vinhos brancos, obtidos sem incubação, erão fortes, e generosos, e se conservavão alguns annos. Presentemente os nossos vinhos tintos participão de todas as boas qualidades dos brancos; e não sómente podem supportar os calores do verão, mas tambem o trajecto de Lisboa ao Brazil, aonde tem adquirido reputação.

Exporei primeiro o processo, por cujo beneficio obtivemos este

(1) O Author falla dos vinhos de huma quinta, que seu pai possui a sete leguas de Lisboa.

melhoramento, e as considerações, que o originarão; farei depois valer as razões, que o sustentão.

He necessario primeiro colher separadamente a uva branca, e a tinta, o que he muito facil; pois se póde destinar certo número de vendimadores para huma, e para outra especie. Em quanto á uva branca basta, que se pize, e esprema sem a encubar; depressa veremos o uso, que se deve fazer deste mosto branco. Em quanto á uva tinta, he necessario conduzi-la á cuba o mais recente possivel, e de maneira, que tenha a menor quantidade possivel de bagos contusos. Se a distancia da vinha ao lugar exige o uso de carros para o transporte da uva, não se deve esta jámais comprimir nas dornas, como de ordinario se pratica, para lhe diminuir o volume. Em huma palavra, o vinheiro deve empregar todos o desvêlos convenientes, para evitar que se esmague grande número de bagos. Enche-se a cuba quasi até dois terços, ou tres quartos, e deixa-se sem lhe tocar por espaço de dois, e mesmo de tres dias, segundo o estado de madureza da uva; não se devem mesmo cubrir então as cubas, para evitar, que a uva aqueça. No fim do segundo, ou do terceiro dia, hum trabalhador entra na cuba, e piza a uva, o que he mais facil, do que se poderia presumir, e se elle for habil, não ficará algum bago por pizar no fim de meia hora, ou tres quartos de hora; este trabalho deve ser feito de manhã. Deve então haver prompto mosto branco recente, isto he, que não tenha ainda principiado a fermentar; aqueça-se em caldeiras, e se ajunta na cuba; póde mesmo fazer-se ferver. Nos annos chuvosos, he necessario não sómente faze-lo ferver, mas ainda espuma-lo, e deixa-lo evaporar hum pouco. Repetem-se estas caldeiradas de mosto branco tres, ou quatro vezes no primeiro dia. He necessario de tempo em tempo penetrar o pé com forcados de tres dentes, a fim de que a fermentação seja igual em toda a cuba, e conserva-la sempre coberta com esteirões. Na manhã seguinte repete-se o mesmo processo, mas a quantidade de mosto branco quente deve ser menor; julgo mesmo, que seria util não o aquecer tanto; penetra-se o pé de tempo em tempo, como na vespera, etc. Na manhã do dia seguinte, huma hora mais cedo, ou mais tarde, observão-se as fezes abaixar no centro, como meu

Pai, e eu sempre notámos; e então põe-se o mosto em limpo, e espremem-se as fezes.

Eis o processo, que sempre nos produziu bom effeito, e cuja execução não he, como se vê, muito difficil; he sómente necessario que aquelle, que dirige o fabrico, cuide em ter sempre mosto branco recente, para as caldeiras o que he muito facil de obter. Sendo seis cubas, e huma boa caldeira, cinco trabalhadores preparam no Lagar o vinho proveniente da uva cortada por 24 a 25 vendimadores, e em dezoito até vinte dias, recolhem-se cincoenta toneis de vinho, o que faz, pouco mais ou menos, duzentas, e cincoenta vasilhas do lote das que vejo em París.

A separação da uva branca, da tinta, he praticada na Provincia da Extremadura Portugueza desde tempo immemoravel. Eu a cria muito vantajosa, pois que os engassos, as pelesinhas, e as sementes da uva branca misturadas com o mosto tinto, não deixão de se colorar com a costumada côr deste mesmo mosto.

A conservação da uva na cuba por espaço de dois, ou tres dias antes de a pizar, e a adicção do mosto branco quente, são os processos uteis, que temos accrescentado, meu Pai, e eu ao antigo uso de vendimar separadamente a uva tinta, e a branca. Eis-aqui as considerações, que nos movêrão.

Todos sabem, que os fructos colhidos antes de sua perfeita madureza, sendo guardados por alguns dias, se tornão mais maduros, e succulentos: ha mesmo em Portugal fructos, que nunca são saborosos, quando se deixão amadurecer na arvore; taes são, entre outros, a pêra chamada do *Conde*, a maçã chamada bemposta, etc. Tinha-mos tambem notado, que este phenomeno se verificava nas uvas, que se colhem antes da perfeita madureza para se comereem no inverno. Estas observações decidirão meu Pai a fazer reverter em proveito dos vinhos a formação espontanea de assucar, que tem lugar nos fructos depois de colhidos. As experiencias, a que precedeo, lhe produzirão o melhor resultado. Observamos, que no fim de dois dias, a uva tinta, de acido, e desagradavel, que fosse o seu gosto, se tornava muito assucarada; e que se então se esmagavão alguns bagos, o mosto, em lugar de ser branco, e a quoso como antes, era muito viscoso, e colorado. Os trabalhadores reconhecêrão tambem immediatamente esta

mudança favoravel , e depressa dêrão a esta especie de fermentação o nome de *mellação*, isto he , passagem ao estado de mel , e eu me julgo assás authorizado para a denominar

Complemento da Fermentação assucarada.

Ainda que alguém , julgo , não possa duvidar de que , em semelhantes circumstancias , ha formação de assucar , com tudo para comprovar este phenomeno com mais evidencia , empreehendi no mez de Outubro as ultimas experiencias , de que darei conta no fim desta memoria.

Estas experiencias mostram que os processos , que tenho indicado , não sómente contribuem para augmentar a quantidade do assucar na uva , sem lhe communicar gosto extranho , mas que deminuem tambem a quantidade de acido *malico*, que , como se sabe , incommóda muito os vinheiros , e os destiladores de agua-ardeute.

Com tudo não se deve querer levar muito ávante esta fermentação assucarada. Depois de huma certa época , a quantidade de assucar , em vez de augmentar , deminue , por que se fórma acido activo , o que o simples raciocinio poderia fazer acreditar , mas que as minhas experiencias confirmão tambem , como se verá depressa. Tem-se certificado que na baixa-Borgonha , e em alguns outros lugares de França , guarda-se a uva nas cubas tal como vem das vinhas , e não se piza senão quando a fermentação alcoolica alli he de tal modo estabelecida , que huma parte da uva se acha elevada. Seria necessario examinar este processo de mais perto para delle se poder ajuizar com certeza. Mas tenho motivo de acreditar que nesta época ha já huma grande qualidade de assucar convertido em acido *acético*. Em geral , basta conservar a uva dois , ou tres dias , para que o assucar seja desenvolvido , sem que haja fermentação de *acidoco acético*; dever-se-ha não obstante conservar quatro dias , quando , por algumas circumstancias , tenha havido necessidade de a vendimar muito verde ; mas para a uva , no estado ordinario , quatro dias são já em demazia , e ainda mesmo tres para a , que se acha bem madura.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POEZIA.

ODE 3.^a DO LIVRO I.^o DE HORACIO.

Traduzida em igual número de Versos quasi da mesma medida.

Assim de Chypre a Deosa,
 E de Hélena os Irmãos, lúcidos Astros;
 Assim o Rei dos Ventos
 Te reja, e todos prenda, excepto o Japyx;
 Rogo-te, ó Náo, que deves
 Confiado a Ti Virgilio, em terras Atticas
 Incólume o reponhas,
 E guardes da minha alma essa ametade.
 De triple bronze o peito
 Tinha forrado quem ousou primeiro
 Pôr fragil prôa aos mares,
 Nem o Africo temeo precipitado
 C'os Aquilões pugnando,
 Hyadas tristes, furibundo Noto,
 Que amplo domina o Adria,
 E a seu sabor amansa, ou punge as vagas.
 Que medo teve á Morte
 Quem vïo, com rosto enxuto, o Mar em serras,
 E os Monstros nadadores,
 E Acroceraunias róchas infamadas?
 Em vão Deos providente
 Cortou co' Oceano insociaveis Terras,
 Se temerarias Quilhas
 Impias os não-tocandos váos transpassão.
 Audaz a soffrer tudo
 Se arroja aos crimes o Mortal defesos.
 Audaz, com fraude, o fogo
 A Prole de Japeto aos Homens trouxe:
 Des que aos Ceos foi roubado
 Nova cópia de males sobreveio,

E a infecundez ás Terras;
 E, antes tardia, do remoto Léthes
 Apressurou-se a Morte.
 Dédalo em azas, aos Mortaes não dadas,
 Librou-se no ar vasio:
 O Acheronte rompeo a Herculea audacia:
 Nada aos Mortaes he arduo.
 Loucos até os proprios Ceos tentamos,
 Nem deixão nossos crimes
 Que Jove os raios iracundos largue.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

A R T I G O III.

CRITICA.

O *Público quer o Espectador*; ao Público não importa, que o *Atrabiliario* tenha, ou não á cabeceira o *clinico*, e teimoso *re- ceitador*, sanguisuga dos tinteiros; o que o *Público quer he o Es- spectador*. Porém ao mesmo tempo *hum Jornal de bichos peçonhen- tos, e historia de reptis venenosos, desafiando a universal risada, tem feito esquecer o Espectador*. Ora, na verdade, isto he ser assás conseqüente! Querer o Público, e tornar a querer hu- ma coisa, de que se tem esquecido!!... E quem o diz? O unico homem, que lêo, e tem presentes todas as *Logicas desde Aristoteles até Condillac!!!* Mas no tempo de Aristoteles já não se confundião *insectos* com *reptis*; e em nossos dias, ainda os menos instruidos na historia natural *desafiarião a universal risada*, se não soubessem distinguir estas duas familias de animaes, tão differentes por seus caracteres externos, por sua interna organização, e até pela deri- vação de suas mesmas denominações. Os *insectos* fórmão huma classe de animaes sem vértebras, sem órgãos circulatorios, mu- nidos de corpo, e membros articulados: a sua denominação pro- vém do verbo latino *inseco* eu corto, eu divido. Os *reptis* fór- mão outra diversa classe de animaes com vértebras, de sangue vermelho, e frio, que respirão o ar por meio de pulmões; e al-

guns dos quaes se arrastão, outros nadão, e outros voão: a sua denominação provém do verbo latino *reptare*, arrastar; ora como neste Jornal só tratámos de *insectos*, e não de *reptis*, he evidente que o *Atrabiliario*, que lhe chama Historia de *reptis venenosos*, confunde estas duas *familias* de Animaes, pois não he de seu character mentir contra a consciencia propria!!!

Eis-aqui como o *Atrabiliario* critica!!!... Ora pois, se apraz ao *Atrabiliario*, despoje embóra este Jornal dessas *peçonhas*, e *venenos*; alguma coisa restará de scientifico, e instructivo: elle não poderá increpar-lhe o tencionado, e permanente esquecimento do *nisi utile est quod facimus, stulta est gloria*.

A R T I G O IV.

BIOGRAFIA.

Francisco Manoel do Nascimento.

Este Poeta, que, no genero Lyrico, não tem igual entre nós, nem superior entre os Estranhos, nasceo em Lisboa a 23 de Dezembro de 1734. Seus Pais erão de Familia distincta, gozavão de huma honesta fortuna, e poderão, por isso, dar a educação deste Filho unico desvélos, que forão gloriozamente recompensados.

Com tudo os seus primeiros annos, como aconteceo a muitos Homens celebres, não dérão as esperanças, que elle realizou depois. Julgárão delle com demaziada severidade alguns daquelles observadores superficiaes, que pertendem avaliar o fructo antes da flor, e prophetão ouzadamente o destino de hum Homem na idade, em que só cumpre saber esperar; decidirão pois que elle teria hum espirito mediocre, e pezado.

A Natureza o tinha ricamente dotado; porém, nos comessos de sua adolescencia, deu indicios de inactividade de espirito, que forão parte para aquelles precipitados Juizos. Cumpre porém dar a culpa ao máo método de estudos, que então reinava, e ás preocupações, e ignorancia dos Juizes. Derão-se por primeiro nutrimento deste génio nascente as balofas chymeras da Phyloso-

phia Escolastica ; ora he facil de ver quão pouco elle aproveitaria nesta applicação ! Seguiu-se a Theologia Escolastica , de que sahio igualmente mal , e que podião agourar delle Pessoas , que não conhecião outro genero de instrucção ?

Estava guardado para huma Arte encantadora o revellar-lhe a sua vocação para a primeira das Artes ; a Musica o fez Poeta ; e operou nelle huma profunda-revolução , que pareceo renovar-lhe o ser. Possuia então o Siminario Real de Lisboa Mestres famosos , e Discipulos , que forão depois Mestres. Seguiu Francisco Manoel as suas lições , e deveo ás primeiras impressões do Rhythmo Musical , e a hum vivo , e delicado sentimento da Melodia , aquella facilidade , que aquistou de polir os seus primeiros ensaios , e combinar com arte mais perfeita a queda mensurada das rimas , e dar em fim ao Periodo poetico aquella flexibilidade chistosa , e sustentada harmonia , que o caracteriza em todos os generos , que tem abraçado.

O amor acabou de acordar aquelle talento , que devia ser a gloria da nossa Patria. Compoz ao principio alguns Romances , sem algum merito mais que hum sentimento verdadeiro , e naturalmente expressado. Huma bella Menina , que elle amava com todo o fervor daquella idade feliz , os cantava : e na sua boca aquellas palavras singelas , e musica sem artificio lhe parecião superiores ás sabias consonancias dos mais bem cartellados , e sublimes Artistas de Italia. A vaidade da joven Amante interessava-se n'estes pequenos successos ; pedia versos a Francisco Manoel , e este com todo o gosto obedecia. Em tanto sua cabeça se povoava de imagens , seu gosto se formava por comparação , e hia avultando o Poeta.

He quazi incrível o numero de Poezias , que compoz até aos quarenta annos. O galanteio dictou quazi todas. Francisco Manoel era Homem Sociavel , e dotado , de huma bella , e expressiva physionomia. Algumas Mulheres amaveis , ou illustres daquelle tempo lhe deverão a immortalidade de seus nomes , de suas graças , e de suas virtudes ; ellas vivêrão nos versos , que inspirarão , e que tem ficado classicos.

Faltava-lhe porém ainda a instrucção , a mais segura baze de toda a gloria tanto em Letras , como em Artes. Estava então

Portugal mui falido daquelle esplendor scientifico, com que em outros tempos brilhára. Presidia á chamada Literatura de então hum corpo, que se melhor observasse suas gloriozas tradiçõs, e institutos, poderia bem sustentá-la, mas este corpo estava inficionado da corrupção geral; a Academia de Lisboa, indigna de tão honroso encargo, tendo recebido o depozito de tantas riquezas Literarias, e tendo para guia, e modello as singelas, fortes, e magnificas bellezas de Camões, e de seus Emulos, dava sómente lições de máo gosto; os mais ridiculos conceitos, os retornelios da mais çafada, e tedioza Mythologia, insipidos madrigaes, e as amelaçadas farandolagens de hum Bocolismo somnifero caracterizáráo a Literatura Portugueza no Reinado de D. João V.

Em tal decadencia de espiritos, e de Arte não teve Francisco Manoel, nem podia ter Mestre: e houve de formar-se per si. Nascido em huma Epoque, em que se perdêra a bella lingua, que o cantor da Lusíada formára; e em que o espirito falço, e o espirito acanhado, ornando-se com o usurpado titulo de Engenho, calcavão as bellezas sólidas, e verdadeiras, he o maior elogio deste Poeta o ter poderosamente lidado para a pôr de novo em voga. Para esta nobre empreza se confederáráo com elle o famoso, e desgraçado Garção, que tendo pela inexperiencia de sua mocidade cedido por hum pouco á torrente, tivera a fortuna de salvar-se a tempo pela força de seu genio; o illustre Diniz, e outras Personagens distinctas, que pelo meiado do seculo passado reconduziráo com seus exemplos a Literatura Portugueza a suas verdadeiras fontes, os antigos, e Camões.

O terremoto de 1755 pôz no maior perigo a vida de Francisco Manoel. Estava naquelle terrivel momento na Igreja Patriarchal, e deveo salvar-se á ligeireza de suas pernas, e ao animo, com que atravessou, para ganhar o campo, as ruas entulhadas de ruinas, por entre huma chuva de pedras, e mil vezes derribado pela oscilação da terra, e vendo a morte a cada passo.

Algun tempo depois a curiosidade, que nasce de todos os acontecimentos extraordinarios, e o amor do maravilhoso conduzião a esta Cidade muitos Estrangeiros de destinação. Encontrou-os Francisco Manoel nas sociedades, que, recobradas apénas

do susto geral , começavão a reunir-se , tratou com aquelles Homens eruditos , e em sua conversação conheceo os thezouros Leterarios de que estavão possessoras a França , a Inglaterra , e a Italia , estudou as suas linguas , e em breve ficou iniciado na Literatura de tres Povos tão celebres , e poudé aproveitar-se della. Conservou porém sempre huma reflexionada perferencia pela formozza Linguagem da antiga Roma , Mãi da sciencia , e puro manancial de suas bellezas. Seu genio o arrastrava para a Poesia Lyrica. Horacio era o seo modêlo mimozo , era já seu Poeta , e foi depois seu Phylosopho , e quando a desgraça enublou seus dias , sem bens , e sem fortuna , foi Horacio o seu *vade mecum* assiduo ; o companheiro de seu desterro , e seu consolador.

Tinha já de antemão feito hum estudo profundo da Moral nas obras de seus queridos antigos. Encantava-se com os tratados de Cicero , e colheo do dos *deveres* aquelles principios de eterna verdade , e regras de conducta , a que toda a vida se conformou.

Para formar seu estylo traduzio , segundo o conselho do mesmo Cicero , os mais perfeitos trechos dos grandes Escriptores em todos os generos. Foi immenso o que lidou nas obras do Orador de Roma , exemplar tão variado , e tão admiravel de todos os estylos , de Tito Livio , Quintiliano , Sallustio , Horacio , Ovidio , Tibulo , Milton , e Metastasio. O ardor de saber triumphava da sua preguiça , e esta he a mais difficil victoria , que sobre si ganhou.

Neste laboriozo commercio com os antigos , e com os mais illustres Modernos , adquirio a maravilhosa facilidade de composição , que ainda o acompanha em sua decrepitude ; facilidade tamanha , que compunha , digamo-lo assim , *stans pede in uno* , aquellas Odes , que o collocarão no primeiro lugar entre os Lyricos , e que viverão quanto a Lingua Portugueza : aquellas Epistolas em que a Phylosophia de Horacio , e de Pope se mostra ornada das graças de huma Poesia simples , sempre harmonioza , e forte.

Continuar-se-ha.

ARTIGO V.

MISCELANEA.

OLYMPIA.

Novella Sentimental.

(Continuada do N.º VIII. pag. 152.)

O pai, encantado de vêr o effeito da sua astucia, exultava, na esperança, de que ella aproveitaria infallivelmente; e como elle nunca teve para com a amavel Olympia senão tratamentos mui duros, persuadia-se, que a vida tranquilla, que se passa nos Conventos, teria para ella attractivos, pelos quaes se deixaria surprehender. E effectivamente lhe agradou de maneira, que consentio, pela sollicitação de varias devotas, suas parentas, ganhadas por seu pai, em tomar o hábito de Noviça. Mas ha certos momentos na vida, em que a natureza falla com hum tom mui differente da devoção. Olympia, ainda que moça, viva, e de huma complexão mais do Mundo, que do Convento, hia ser victima da sua fraca experiência, quando, no dia da cerimonia, percebeo na assembléa hum amavel Cavalheiro, que causou no seu sensível coração huma das mais vivas impressões. Mal sentio o primeiro golpe de amor, não pôde mais soffrer o Convento, e não viu senão com horror o sacrificio, que estivera a ponto de fazer da sua liberdade.

Em vão as Religiosas, percebendo logo a sua mudança, se esforçáram para restitui-la á primeira resolução: toda a resposta, que della receberão, foi, que não sendo de peor condição, que sua irmã, não pertendia sacrificar-se á sua ambição, nem á de seu pai; que o seu intento, e vocação erão de casar tambem; e que lhes rogava persuadissem a seu pai que lhe concedesse por esposo, hum mancebo, Cavalheiro de huma familia muito honrada, que lhe tinha mostrado inclinação.

Póde-se facilmente imaginar qual devia ser a admiração de Carantani, quando soube huma resolução, que transtornava o plano de fortuna para a sua cara Victoria. Exhortou as Reli-

gias, e as suas Parentas, a fim de renovarem os seus esforços, para fazerem com que Olympia mudasse de intento; mas ellas longe de o obterem, não fizeram senão irritar mais a sua paixão, e augmentar o seu desgosto, para a vida monastica. Nem mesmo o escondeo a seu pai, que hia vê-la varias vezes, para descobrir o effeito das suas exhortações, ás quaes elle juntou tambem as suas, que não tiveram melhor successo. Vendo emfim, que este expediente não tinha o exito, que desejava, recorreo aos ameaços, e certificou-lhe, que se ella não abraçava o partido da religião, conduzi-la-hia para sua casa, aonde poderia estar certa de, que seria a mais desgraçada de todas as creaturas.

Olympia, que conhecia muito bem a aspereza do coração de seu pai, pela longa, e cruel experiencia, que della tinha, não duvidou, que elle lhe não guardasse a palavra. Esforçou-se em abranda-lo, e commove-lo por tudo, quanto podesse imaginar de mais terno. Discursos, razões, lagrimas, nada fez impressão alguma neste coração de rochedo; mas ainda se tornou mais intratavel. Como esta mudança desarranjava o seu projecto, a ponto, que estava quasi fazendo falhar o casamento da sua querida Victoria, cujo amante, começava a desgostar-se della, ficou tão transporrado de cólera, que tendo ido vêr Olympia n'outro dia, disse-lhe n'hum accesso de furor, que se ella não se resolvesse a ser Religiosa no fim do seu noviciado, que já se aproximava, nunca morreria senão pela sua mão. » Não morrerei pela vossa » mão (lhe tornou tranquillamente esta amavel filha) se me obrigardes a que abraçe este partido. Cem vezes vos representei a repugnancia, que tenho para este estado. Quereis, que me sa- » critique á fortuna de minha irmã, e á ternura excessiva, que » sempre tivestes por ella? Sereis obedecido, meu muito amado » pai, se me he absolutamente impossivel fazer-vos mudar de re- » solução: com isto poupar-vos-hei o crime, de que me amea- » çais; mas vós, e minha irmã chorareis toda a vossa vida o » cruel sacrificio, que me obrigaes a fazer. » A isto ajuntou, que elle podia ordenar, quando julgasse a proposito, todos os aprestes desta triste cerimonia; depois do que, retirou-se.

Carantani, que não sabia até que ponto póde chegar a desesperação d'huma rapariga, quando o amor se tem assenhoreado

hum a vez do seu coração , applaudia-se de a ter feito mudar de projecto. Foi então com hum ar triunfante annuncia-lo á sua cara Victoria , e seu amante , que estava então com ella. Esta prospera noticia os levou ao ultimo excesso de alegria. Como já se aproximava o termo fixado , fez Carantani todos os preparativos costumados nesta casta de ceremonias : e como se elle temesse , que esta pobre filha ignorasse a quem era sacrificada , arranjou os seus negocios de maneira , que o casamento de sua filha mais velha se celebrasse no mesmo dia.

Tudo estava prestes para esta segunda cerimonia , quando na vespera do dia , que devia fazer-se , julgou Olympia , que devia tentar ainda hum derradeiro esforço para abrandar seu pai , se fosse possivel , e desimagina-lo d'hum tão barbaro sacrificio. Empregou para este effeito tudo , quanto a razão , a natureza , e a religião poderão suggerir-lhe de mais pathético. Mas Carantani , sempre firme na sua resolução , ainda se tornou mais furioso. Reiterou-lhe os ameaços , que já lhe tinha feito , e reiterou-os com os mais horrorosos juramentos.

„ Vêde bem , o que fazeis , em nome de Deos , meu muito
 „ amado pai (lhe diz a desconsolada , e triste Olympia) vêde
 „ bem , o que fazeis , em quanto he tempo. Vós tendes nas mãs
 „ o fio dos meus dias : se persistis em querer , que os sacrifique á
 „ fortuna de minha irmã , sentireis de hum a terrivel maneira o
 „ horror do sacrificio ao qual hum , e outro me obirgaes. Hum a
 „ conversação mais longa só faria augmentar a vossa indi-
 „ gnação , que já he demasiado excessiva : consenti , que me re-
 „ tire. A'manhã espero a vossa ultima decisão ; ella decidirá da
 „ minha sorte. Senão fôr favoravel , tremei das funestas conse-
 „ quencias , que terá. „ Ditas estas palavras , deixou o locutorio.

Carantani , a quem estas ultimas palavras deverião abrir os olhos , tomou-as por hum destes ameaços , que muitas vezes escapão ás pessoas , que hum a inclinação , que alguem transtorna , faz pôr fóra de si. Nem ao menos lhe deu a mais pequena attenção. Mas no outro dia , estando tudo prompto para a cerimonia , e reunidos os parentes , quando hião conduzir a victima ao altar , esta infeliz pedio licença de subir ella só á sua cella , com pretext-

to recolher-se nella. Concedêrão-lha : mas quantas lagrimas custou, pouco tempo depois, esta permissão a toda a assembléa!

Com effeito, tendo subido, Olympia, não para a cella, mas para as aguas-furtadas, que lhe ficavão por cima, depois de ter rogado a Deos o perdão de sua morte, attou a huma das vigas hum cordão, que recebêra, d'huma Religiosa, que lhe servia de cintura, att-a ao pescoço, lança-se de cima d'hum pequeno banco, sobre o qual tinha subido, e morre desta triste sôrte.

Com tudo, todos os parentes esperavão com impaciencia, que a cerimonia principiasse. Fazem advertir á Abbadeça, que da sua parte, admirada desta demóra, pergunta a sua causa ás Religiosas, que lhe repetem, o que já Olympia lhe dissera. Esperão-na ainda; e vêndo, que ella não apparece, vão procura-la na sua cella, donde não sabem noticia alguma. Emfim, depois de muitas inuteis indagações, lembrou-se huma das Religiosas de subir á agua-furtada. Que triste, que horroroso espectaculo ao vêr a desgraçada Olympia sem vida, e pendurada no fatal cordão, em que acabava de terminar seus dias!

A vista deste horrivel aspecto, fica possuida de terror: precipita-se, por assim dizer, do alto da escada, e corre ao Chôro, aonde as Religiosas estavam reunidas. Derrama por elle o mais terrivel pranto com seus gritos, e lamentações. Do Chôro passa logo o horror á Igreja, aonde todos os parentes sabem com a ultima consternação a súbita morte da infeliz Olympia. Não podem acreditar nada do que ouvem: intentão ir vê-la; e sahindo em multidão da Igreja, as Senhoras, e o mesmo Carantani, pelo privilegio, que lhe concedia a qualidade de pai, entrão no Convento, apezar da Abbadeça, e Religiosas. Que espectaculo para hum pai, para huma irmã, para toda a familia! Por maior, que fosse a dureza de Carantani, não pôde supportar esta triste vista: reconheceo, mas já tarde, que pela sua inflexibilidade fôra elle mesmo o seu algóz.

Esta horrivel idéa, que era mui confôrme á verdade, o fez fugir com precipitação do Convento, e mesmo da Cidade. Monta a cavallo, para ir esconder n'huma de suas casas de campo a vergonha, a dôr, e os remorsos. Mas o Ceo queria fazer d'elle hum exemplo capaz de atterrar todos os pais, que po-

dessem tentar-se de o imitarem. Não tinha elle andado apenas seis milhas , quando o seu Cavallo , tomando o freio nos dentes , lançou-o por terra , mas de maneira , que hum de seus pés achou-se embaraçado no estribo. A carreira do animal , e impeto , com que corria , não lhe permittindo desembaraçar-se , experimentou o infeliz Carantani huma sôrte ainda mais triste , e mais cruel , que a sua desgraçada filha. Arrastrado pelo seu Cavallo , pizado , e despedaçado o seu corpo , não era já senão huma chaga ; e a sua deploravel vida terminou-se com dôres tão crueis , que he mais facil imagina-las , do que exprimi-las. Inteiramente morto , como estava , parecia , que a Justiça Divina queria manifestar-se até no seu cadaver , cuja cabeça , e braços se separarão depois de milhares de sacudiduras as mais violentas , que a carreira do cavallo lhe fez experimentar pelo caminho. Ella não se affrouxou senão na volta para casa de seu dono , aonde se pôde imaginar , que consternação , e horror motivou este animal , quando o virão chegar com este cadaver todo espedaçado , e ensanguentado !

A tristeza , em que já estavam abysmados , foi muito augmentada por esta nova desgraça ; e Victoria , testemunha deste horrivel espectaculo , não pôde resistir a tantos infortunios acontecidos n'hum dia , em que ella esperava vêr o auge da sua felicidade. Que tristes nupcias para ella ! A morte da irmã , a perda do amante , que recusou alliar-se com huma familia , que esta morte acabava de deshonnar , e o deploravel espectaculo de hum pai , que acabava de espirar por hum modo tão cruel , fizerão nella huma impressão tão violenta , que morreo dois dias depois deixando aos pais com sua morte hum terrivel exemplo de quanto he perigoso constringer os filhos a abraçarem estados , para que não tem vocação.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

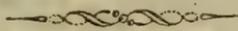
NUMERO X.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Observações chymicas sobre os processos , que se devem seguir na manufactura dos vinhos tintos, principalmente quando a uva não tem chegado ao seu perfeito estado de madureza. Por M. Sampaio. (Extrahidas dos annaes de agricultura Franceza, Tomo XXIX.)

(Continuado do N.º IX. pag. 157.)



Nos trabalhos em grande, por mais precauções, que se adoptem, ha sempre grande número de bagos de uva esmagados no transporte da vinha ao lagar; e parece, que o mosto resultante deve começar a sua fermentação alcoolica logo que se acha na cuba. Com tudo isto não acontece: eu o provei muitas vezes no momento, em que o trabalhador hia a principiar o pizo da uva, e sómente lhe achei sabor hum pouco mais assucarado, menos com tudo do que os bagos da mesma cuba, que não tinham sido contusos. São provavelmente as circumstancias mui desfavoraveis em que se acha, que o impedem de fermentar; acha-se quasi totalmente privado do contacto do ar; sua temperatura não tem o gráo necessario para determinar huma fermentação activa, e prompta; e emfim, não se acha mesmo senão em pequenas porções, occupando sómente os intervallos, que deixão os bagos de uva

que, a seu respeito, devem ser olhados como corpos estranhos. Não obstante, sendo-se assás escrupuloso para reccar, que este mosto tenha já começado a sua fermentação, e que isto não cause algum desarranjo na totalidade da cuba, não ha mais do que separa-lo, e inclui-lo nos toneis; obter-se-ha então hum vinho muito precioso, pois que este mosto só provém da uva mais madura, e por esta mesma razão deve ser assás colorado.

Nos primeiros annos, fizemos pizar a uva por pequenas porções. Depois, tendo notado a facilidade, com que se esmagava, decidimo-nos a faze-la pizar na cuba; o exame attento das fezes nos convenceo, de que não restava bago algum, que não fosse contuso. Tambem nos mostrou a superioridade deste processo sobre outros, de que nós mesmos tinhamos antes feito uso; as pelliculas da uva alli são reduzidas, por assim dizer, a nada. Isto demonstra, que ellas forão fortemente atacadas para extrahir a materia colorante; o que, na minha opinião, he huma das principaes vantagens da incubação.

Em quanto ás caldeiradas de mosto branco, temos sido determinados a emprega-las com preferencia ás de uva tinta, de que faziamos uso antigamente, pela observação do cheiro de vinagre, que se desenvolvia constantemente, todas as vezes, que se fazia ferver a uva tinta separada, ou não dos engaços. Como pela posição da maior parte das nossas vinhas, temos pouco mais, ou menos tanta uva tinta como branca, aconteeo-nos algumas vezes incluir em huma cuba tanto mosto branco quente, como a uva tinta, que alli havia, e algumas vezes mesmo ainda mais; e o vinho resultante era ainda assás colorado. Tal he a vantagem do complemento da fermentação assucarada, que parece não sómente converter em assucar huma parte do acido *malico*, mas fazer tambem soffrer á materia colorante da pellicula, huma alteração em virtude da qual se torna mais solúvel. Nas vinhas, em que a uva branca for em pequena quantidade, creio, que se poderão fazer as caldeiradas com o mosto tinto, proveniente simplesmente do pizo da uva, que vem da vinha; mas he sempre necessario, que este mosto seja recente; e que nelle nada entre das fezes; e as que restarem poderão muito bem ser ajuntadas na cuba.

Não necessito de insistir demasiadamente sobre as precau-

ções, que se devem adoptar quando se corta a uva, nem sobre o momento mais vantajoso para a decubação. Estes pontos tem sido muito discutidos pelos agronomos Francezes, para que eu possa acrescentar coisa interessante. Direi simplesmente, que nos servimos com muita vantagem de cestos de vime, forrados de folha de flandres pintada a oleo, e que o signal, que nos regula relativamente ao momento da decubação, he o abatimento das fezes.

Julgo este processo applicavel a todos os paizes, huma vez, que se modifique sabiamente confórme o clima, estado de madureza da uva, qualidade do vinho, que se quer obter, etc. (1)

Só me resta expôr em poucas palavras as experiencias, que fiz no mez de Outubro ultimo; os resultados, que obtive, e os phenomenos, que julguei perceber, ainda não os posso garantir sem ter repetido estas experiencias, o que conto fazer em hum dos proximos annos.

Tomei huma casta de uvas conhecida em Pariz pela denominação de *neglier*; separei os bagos do engaço, cortando as peliculas o mais proximo possivel; reparti a somma dos bagos em duas porções iguaes em pezo, depois de as ter bem misturado, a fim de que os do mesmo cacho se achassem, quanto fosse possivel, divididos nas duas porções. Cada huma destas porções pezava doze onças, e cinco oitavas. Guardei huma dellas, e procedi consecutivamente á analyse da outra. Para este fim esmaguei os bagos com a mão; filtrei o mosto, fiz macerar o residuo em agua fria, e finalmente fervei em agua tudo, o que não tinha passado atravez do filtro. Fiz evaporar a banho-maria o mosto, e as aguas destas duas lavagens, e tendo saturado o excesso de acido com carbonato de cal, continuei a evaporação até á consistencia de xarope. Então o fiz ferver em alcool para separar o assucar; depressa se verá como me comortei para conhecer a quantidade deste assucar. Tratei depois o residuo pela agua fervente, e observei, que a maior parte do malato da cal se dissolvia; mas para a in-

(1) Em Normandia, conhece-se a utilidade do complemento da fermentação assucarada, que tem lugar nos pomos colhidos, pois que não os confundem para fazer a *cidra*, senão depois de os terem conservado por algum tempo em montões.

teira dissolução, eu o tratei por meio de huma pequena porção de acido acético: depois precipitei pelo acetato de chumbo, e saturei o excesso de acido com o ammoniaco. Como me servi de huma pequena quantidade de acido acético, o tartrito de cal devia restar sensivelmente intacto. Dois dias depois analysei a segunda porção de uvas, segundo o mesmo processo. Devo notar, que estas uvas tinham já hum ligeiro cheiro de acido acético, o que attribuo a haverem provavelmente alguns dias, que tinham sido colhidas, pois que na operação feita em grande, eu não tinha jámais percebido tal cheiro, mesmo no fim de quatro dias. Seja como fôr, a experiencia ainda he mais convincente, como vamos a vêr:

A primeira porção me forneceo:

Malato de chumbo	486 grãos.
Tartrito de cal	, 76 grãos.

A segunda porção me forneceo:

Malato de chumbo	71 grãos.
Tartrito de cal	50 grãos.

Quanto ao assucar, não conhecendo reactivo para o precipitar, decidi-me a converte-lo em acido oxalico, a fim de poder conhecer a quantidade relativa do assucar das duas porções de uva. (1) Para o que, depois de ter desenvolvido a maior parte do alcool, eu o tratei pelo acido nitrico de 25 grãos, de que augmentei a doze até que julguei, que o acido oxalico estava formado, e me limitei na quantidade de 10 oitavas, tanto para o assucar da

(1) Teria sido mais exacto reduzir este assucar em alcool a fim de melhor conhecer a sua quantidade; mas as pequenas porções, sobre que operei me impedirão de o fazer. Reduzindo-o em acido oxalico, não obtive a quantidade real, mas a quantidade relativa pois que as circumstancias são absolutamente as mesmas para as duas porções de uva; e eu me não occupi nesta experiencia mais do que das quantidades relativas. Não offereço huma analyse rigorosa do mosto, mas trato sómente de fazer ver que no segundo mosto ha mais assucar do que no primeiro, e para isto julgo sufficiente a conversão em acido oxalico.

primeira tiva , como para o da segunda. Depois precipitei pelo muriato da cal, e tendo saturado o excesso do acido, vi, que o assucar da segunda porção de uva me fornecia 47 grãos de oxalato de cal, ao mesmo tempo, que a primeira não me forneceu mais de 41. Por estes resultados vê-se, que o augmento da quantidade de assucar foi inferior á diminuição da dos acidos malicos, e tartarosos, o que provêu provavelmente do assucar, que se converteo em acido acético, e que eu perdi. Esta experiencia, repetida em uva recentemente colhida, poderá fazer conhecer ao justo todas as circumstancias, que acompanhão esta mudança de acido malico em assucar. Mas a experiencia, que tenho exposto prova assás a formação do assucar á custa do acido malico, que era precisamente o fim, a que me tinha proposto. Ella parece mesmo indicar, que o acido tartaroso acompanha o acido malico, e que com elle se converte tambem em assucar; mas as differenças sendo menos marcadas, não me julgo ainda assás fundado para o poder assegurar.

Fiz ainda mais, repeti esta experiencia com o agraço (uva verde,) que principiava a mostrar alguma transparencia em seus bagos. Operei sobre 7 onças, e 4 oitavas de bagos separados do engaço. Comportei-me absolutamente da mesma maneira, que para a uva tinta; sómente fiz macerar o residuo em agua huma vez mais, em razão da dureza dos bagos, e sua substancia, e como não temia passar além do *maximum* da formação de assucar, não submetti á analyse a segunda porção antes de passados quatro dias depois da primeira, e ainda não continha cheiro algum acético. Eis-aqui os resultados desta segunda experiencia.

A primeira porção me forneceu:

Malato de chumbo	82 grãos.
Tartrito de cal	39 grãos.
Oxalato de cal	5 grãos.

Este oxalato de cal provém do assucar tratado por 4 oitavas de acido nitrico.

A segunda porção me forneceu:

Malato de chumbo	70 grãos.
Tartrito de cal	28 grãos.
Oxalato de cal	11 grãos.

Este oxalato de cal provém do assucar tratado pela mesma quantidade de acido nitrico.

Notar-se-ha, que nesta segunda experiencia, o augmento do assucar foi maior, do que se deveria esperar, vista a diminuição dos acidos, o que parece annunciar, que houve outra substancia, que tambem se converteo em assucar. Com effeito, eu observei, que o mosto da primeira porção de agraço não passava aavez do filtro sem huma grande difficuldade, e que o da segunda porção passava muito mais facilmente. Parece pois, que neste caso, a mucilagem tambem se converteo em assucar, pelo menos huma parte. Não me propuz a determinar as variações, que experimentou o acido nitrico cuja existencia parece assás provada no mosto da uva, principalmente nos agraços. A quantidade deste acido sendo mui pequena, a sua passagem, ou não passagem ao estado de assucar deve muito pouco influir na arte de fabricar o vinho.

Estas duas experiencias provão sufficientemente, que, na uva mesmo colhida, se fórma sempre assucar até huma certa época, depois da qual elle se converte em acido acérico; que este assucar se fórma principalmente á custa do acido malico; e que no principio da madureza da uva, a mucilagem parece tambem contribuir a esta formação.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POEZIA.

ODE 19.^a DO LIVRO 2.^o DE HORACIO.

Traduzida em igual número de Versos, e em medida aproximada.

Crêde-o, Vindouros: em remotas grutas
 Vê Baccho, Vetsos ensinando; e as Nymphas,
 E os capri-pedes Satyros auri-hirtos,
 Escutando, aprendião.

Evoé! recente horror me occupa a mente;
 Cheio de Baccho, em turbacão me alegro.
 Evoé! perdôa, ó Baccho, formidando
 C'o veneravel thyrsos.

Dá-me, que eu cante as Thyãdas protervas;
 E do vinho a nascente, e os uberosos
 Rios de leite; e que dos cavos troncos
 Manante o mel rediga.

Dá, que eu de tua fausta esposa cante
 A crêa entre as Estrellas collocada,
 Por terra os Paços de Pentheo, e as penas
 Do Threicio Licurgo.

Tu domas rios, e revoltos mares;
 E temulento em desviados serros,
 Sem damno, das Bistónedes apertas
 Em nó vipereo a grenha.

Tu, dos Gigantes quando a ímpia turma,
 Os montes sobrepondo, os Ceos tentava,
 Com garra, e dentes de Leão terrível
 A Rhetho profligaste:

E bem que ás danças, jogos, e prazeres
 Mais que á pejeja idoneo te julgavão,
 Tu eras igualmente poderoso
 Na paz, ou já na guerra.

Dos aureos cornos decorado vïo-te
 O Cérberô inoffenso; e, humilde a cauda
 Meneando ao voltares, co' a trilingue
 Boca nos pés lembeo-te.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Sobre os que não restituem os Livros, que lhe emprestão.

Não nos queixamos de que venhão Italianos, com o chinelo no pé, e a barriga pegada ás costellas, e carregados de caixotes de pequenos, e mal construidos Bonecos, que elles chamão *Burattini*, limpar-nos alguns vintens; que levão depois para empregalos em Maccarroni, e Rabioli, na sua terra. Não he muito que sejam soffridos Comicos de páo, aonde os de carne valem pouco mais do que elles. Soffremos que os *Poetas em Proza*, e *Composteiros de Dramas monstruosos* tenham feito, e cumprão exactamente, o voto de ignorar a lingua, em que escrevem: Que hum destes Mandrinos pegue na *Burleta Camila*; e, depois de a estropiar, a intitule o *Palacio Subterraneo*, querendo dizer: o *Subterraneo do Palacio*: Que outro baptize outra composição do mesmo jaez *A surpresa inesperada*, como se *surpresa* fosse palavra da nossa Lingua, e quando o fosse, houvesse alguma *surpresa*, que fosse *esperada*. Rimos de que huma Actriz com quarenta annos no cachão, e quatro filhos á roda de si, regeite a Parte de Merope, porque *he muito moça para fazer Mãis*. De que outra regeite a sublime Parte de *Hermione* na *Andromacha* de Racine, porque

he *segunda Dama*; quando a inimitavel Clairon de boamente representava o papel de Eriphile na Iphigenia do mesmo Poeta; e que he huma das mais secundarias da Peça! Rimos de que hum Actor represente Orosman vestido á Romana, e de placar, e Listão de Cavalleiro, e hum Inglez do tempo de Alfredo com casaca, meia de sêda, e espadim á cinta, e chapeo debaixo do braço: He máo que haja Livreiros, que comprem Manuscriptos, imprimão, e vendão as Obras, sem pagar a quem lhas compôz, e traduzio; he máo que não tenhamos hum Diccionario completo, he máo que hajão Críticos, que achem más as Obras alheias, pela unica razão de não as entenderem; he peor que muitos destes estejam em Collegios regendo cadeiras de primeiras Letras, e até algumas de maiores estudos, com grave prejuizo da Mocidade, que não póde tirar partido das Lições de Homens de tão curto saber, que até desconhecem as palavras da sua lingua, que não andão na boca de seu Mestre Capateiro, ou Alfaiate. O que nós de peor grado soffremos, e achamos peor que tudo, he que hajão certos Ladrões domesticos, que abusando da boa fé, despojam os pobres cultivadores das Letras, dos mais preciosos bens, que possuem, queremos dizer dos Livros.

Se ao menos os roubassem como se rouba na estrada, poderiamos recorrer aos Tribunaes, e terião certo o castigo; porém entrão com pés de lã; embução-se na capa da amizade; dizem que os levão emprestados, e apenas os pilhárão, não os deixão mais ver. Sabemos muito bem que no dia de hoje o emprestado he dado; mas pensavamos que isto se entendia só do dinheiro. Se houver alguém que em nossa lingua queira imprimir hum Diccionario de Synonimos, rogamos-lhe que não se esqueça de pôr no lugar competente: *Livros emprestados*; *Livros perdidos*, *Livros tomados de empréstimo*, *Livros roubados*.

Desejariamos saber quem são os Confessores destes sugeitos! Pensão que furtar hum Livro ou não he peccado, ou somente hum peccado venial! E, no fim das contas, inutilizão huma Obra inteira, e arruinão hum pobre Literato! E então a perda de tempo, que lhe causão, fazendo-o andar scismando para saber a quem o emprestou?.... E as suspeitas injustas, que obrigão a fazer?... E a raiva, e inquietação de espirito, que motivão?... E a res-

ponsabilidade da pessoa, que emprestou o Livro, que muitas vezes não he seu?... Presumem que tirão pouco. Que coisa he hum Livro?... Ah! he muitas vezes hum amigo, e hum amigo o mais mimoso.

Certo Cavalheiro, que tinha este gracioso vicio de ficar com os Livros alheios, entrou hum dia na Loja de hum Livreiro, e, lançando a Luneta, viu sobre o Balcão hum Livro, que lhe agradou, e o metteo na algibeira com toda a sem cerimonia. O Livreiro o bispou, e callou-se sempre na esperansa de que o pagaria; porém o Cavalheiro não fallava, em tal, e já hia airoosamente sahindo pela porta fóra. Ora o caso era apertado, como havia o dono apanhar á mão o seu Livro sem lhe fazer hum comprimento incivil? Gritar sobre elle, e apalpar a algibeira de hum Cavalheiro era impossivel, perder o Livro, e o seu emporte era pirola dura de engolir: Neste lance lançou o Livreiro mão do seguinte expediente, chegou-se respeitosaente ao Fidalgo, e lhe disse: « Senhor, não » lhe posso dar esse Livro por semelhante preço, porque he muito raro, e de grande estimação. » Senhores (devemos nós dizer aos que não restituem Livros) não lhe podemos fazer presente delles.

Tomão ás pessoas, que tem esta balda, tanto amor aos Livros, que lhe imprestão, que não tem animo para se descartarem delles. Por este modo he facil collegir sem encómmodo huma Bibliotheca numerosa, e escolhida, e quantos conhecemos nós destes; cujos nomes nos estão a escapar pelo bico da penna, e por modestia omettimos!.....

Desculpão-se com dizer ainda não lí; e no entanto juntão-se dias a dias; annos a annos, passa o tempo, esquece o Livro, e fica o Livro perdido. Lêde, e restitui: porém esta gente acha mais facil reter o Livro, do que o que contém o Livro.

ARTIGO IV.

HISTÓRIA DO

Memoria sobre Alcacer-Ceguer, Tangere, e Arsilla.

Todas estas fortalezas estão situadas na Costa da Barbaria, e pertencem ao Reino de Féz: Alcacer no passo mais apertado do Estreito de Gibraltar, defronte de Tarifa (Cidade da Andaluzia) da qual dista 4 leg. ficando na long. de 12 gr., e 35 de lat.: Arsilla sobre o Oceano Atlantico, a 17 leg. da embocadura do Estreito, na long. de 12 gr., e 10 min., e 35. 30. de lat.: Tangere junto á boca do Estreito, a 7 leg. de Arsilla, na long. de 11. gr. a 52. min., e 35. 42. de lat.: e todas tres forão gloriosa conquista do nosso esforçado Rei D. Affonso V.

Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
como diz Camões, a seu respeito fallando, na Est. 54. do 4. C. da Lus., e na seguinte com mui poetica elegancia:

Este pôle colher as Maças de ouro
Que sómente o Tyrinthio colher pôde,

alludindo a que Hercules (o Tyrinthio) conquistára o Reino de Tangere, onde alguns querem, que fosse o Horto, ou Jardim das Hesperides, opinião com que o nosso Poeta se conforma, quando na Est. 103. do C. 2., põe estas palavras na boca do Rei de Melinde a Vasco da Gama:

E como por toda a Africa se sôa
(Lhe diz) os grandes feitos, que fizeram
Quando nelle ganhãrão a corôa
Do Reino, onde as Hespérides viverão:

posto que outros digão ser isto nas Ilhas de Cabo-Verde, idéa; que tambem Camões apresenta, dizendo na Est. 8. do 5.º Canto:

Entrámos navegando pelas Filhas
Do velho Hesperio, Hespérides chamadas:

porém, seja de hum, ou de outro modo, venhamos ao nosso ponto.

A Villa de *Alcacer-Ceguer* (que significa, pequeno Palacio) dizem havêr sido edificada por Jacob Almanzor, Principe Mauritano, e bellicoso; era bella, e forte em muros, e torres; e foi assim chamada por comparação, e contraposto á Cidade de *Alcacer-Quibir* (que quer dizer, grande Palacio) onde El-Rei D. Sebastião se perdeu em 1578. Havendo-se El-Rei D. Affonso V. em 1457 aprestado para huma nova Gruzada, que não teve effeito, determinou de ir dar sobre Africa; e porque em Lisboa p'cava a peste, se foi El-Rei embarcar a Setubal, donde com o Infante D. Fernando (seu Irmão) D. Pedro (seu Primo, Filho do Infante D. Pedro seu Tio) e muitos Fidalgos se fez á véla no ultimo de Setembro de 1458, e foi-se a Sagres, onde com a sua Frota o esperava o Infante D. Henrique (seu Tio) e dahi a Lagos, onde aguardou as Frotas do Porto, e Mondego, e de outros lugares, que alli vierão; até que aos 12 de Outubro se fez ao Mar com sua Armada, que era de duzentas, e vinte vélas, com vinte mil Homens de peleja, a fóra a Gente do Mar: no dia 17 abordou Alcacer, e no dia 20 entrou a Villa, que se rendeo depois de rijamente commettida, e cuja Alcaidaria, ou Governança deo a D. Duarte de Menezes, Conde de Vianna, (digno Filho do famoso D. Pedro de Menezes Governador de Ceuta) que logo em Novembro teve de soffrer o cerco que lhe poz El-Rei de Féz, o qual o levantou depois de quarenta e tres dias, com pretexto de tornar no verão seguinte, e com effeito o renovou em Julho de 1459, ainda que sem fruto, antes com grande perda o tornou a levantar ao fim de cincoenta e seis dias. De Alacacer foi El-Rei a Ceuta, e dahi a Portugal; porém conta-se que entrando em Ceuta, e vendo a grandeza daquella Cidade, se entristecêra, recordando o haver El-Rei D. João I. (seu Avô) feito aquella grande conquista, quando elle só conquistára a pequena Villa de Alcacer: tomado de semelhante nobre emulação, chorou Julio Cesar, vendo em Cadiz a estatua de Alexandre Ma-

gno » Oh! (exclamou Cesar, então Proconsul na Hespanha) da
 » minha idade já elle tinha conquistado o Mundo, e eu ainda não
 » não fiz acção digna de memoria.» E assim no Heróe Portuguez
 como no Romano foi esta mágoa prelude de grandes feitos.

A Cidade de Arsilla era grande, forte, mui povoada, fertil,
 e florescente em trato de mercadorias, e sumptuosos edificios: os
 antigos lhe chamáráo *Zelé*, nome que se corrompeo no de *Arsil-*
la, foi Colonia dos Romanos, e esteve depois na obediencia dos
 Godos tres annos ainda além da irrupção dos Barbaros, o que he
 prova de seu muito poder: Dizem os Escriptores Arabes, que el-
 la fôra totalmente destruida por huma Armada Ingleza, ficando
 erma por espaço de trinta annos, até que os Reis de Cordova a
 refizerão, e restauráráo: o certo he que della nos vinha muito
 damno ao tempo em que El-Rei D. Affonso V. foi sobre ella, o
 que fez em Agosto de 1471, com huma Armada de trezentas, e
 oito vélas, sendo a gente de guerra vinte e quatro mil Homens
 escolhidos, a tóra marinagem, e servidores; e foi deste modo:
 no dia 15 do dito mez partio de Lisboa: no dia 17 ancorou em
 Lagos, onde o esperavão os navios, e gente do Algarve; e no
 dia 18 declarou sua tenção, e partio sobre Arsilla, onde abordou
 no dia 20 á noite: no dia 21, por causa da braveza dos mares,
 perdeo duzentos Homens ao desembarque; e no dia 24 levou a Ci-
 dade por escalada, e depois o Castello, que era forte, e bem pro-
 vido: foi mui rico o despojo desta conquista, e nella se distinguio
 nobremente por seu valor, e conselho o Principe D. João (succes-
 sor do throno) contando então dezeseite annos de idade: ignora-
 se ao certo a nossa perda, mas sabe-se que não foi pequena, e que
 dos Mouros morrêráo mais de dois mil, ficando captivos cinco
 mil, e entre estes duas Mulheres, e hum Filho, e huma filha
 (menores) de Muley Xequé, grande Senhor então, que a esse
 tempo possuia Arsilla, e que era ausente, em guerra com o Rei
 de Féz; e accudindo tarde em soccorro da Cidade concertou tre-
 gúas com El-Rei D. Affonso por espaço de 20 annos: as duas Mu-
 lheres, e a Filha trocou El-Rei D. Affonso pelos ossos do Infan-
 te D. Fernando (seu Tio, que morreo captivo em Tangere; e
 o Filho, por nome Mahomet, sete annos o reteve em seu poder,
 restituindo-o depois a seu Pai, dizem que sem resgate algum; e,

vindo elle a ser Rei de Féz , e desejando muito cobrar Arsilla , como terra sua natal , por vezes lhe deo acomettida ; e no tempo d'El-Rei D. Manoel (em 1508) tanto com seu grande poder lhe estreitou o cerco , que chegou a ganhar a Cidade , e levaria o Castello , senão fôra soccorrido ; porém este soccorro lhe inutilizou a empreza. A Capitania , e Governo de Arsilla deo El-Rei a D. Henrique de Menezes (filho de D. Duarte de Menezes) Conde de Vallença , e ao depois de Loulé , que já muito se havia distinguido nos assédios de Alcacer-Ceguer.

Tangere , Cidade célebre na antiguidade , foi chamada *Tingy* , que os Africanos mais modernos mudárão em *Tangia* , e dahi *Tangere* : foi Colonia dos Romanos , grande , rica , e nobre em policia , e armas , e aos seus habitantes deo Augusto Cesar o fôro de Cidadãos Romanos : não he muito fertil a sua Comarca , mas em huns valles junto á Cidade correm bons ares , e boas agoas , e ahi tinhão os Mouros muitas vinhas , pomares , e casas de prazer : he incerta a sua antiguidade ; e dizem alguns Escriptores Arabes , que ella fôra edificada por Sedded (hum Rei antiquissimo) do qual contão incriveis grandezas ; dizem outros , que começára em tempo dos Romanos ; mas certo he ser ella mais antiga , havendo antes sido fundação ; ou pelo menos Côte de Anteo , Rei da Mauritania , e contemporaneo de Hercules Thebano. Já fica mencionado , que alli fôra captivo o Infante D. Fernando , e foi isso na infeliz jornada , que elle com o Infante D. Henrique (seu irmão) comettêrão em Agosto de 1437 , com menos de seis mil homens , de quatorze mil , que para essa empreza se havião destinado , e que , além de outras causas , não pudêrão juntar-se por falta de embarcações ; e , se bem que dos Mouros morrerão mais de quatro mil , alli se perdêrão quinhentos homens nossos , que forão cercadores 25 dias , e 12 cercados em seu arraial. Tambem em 1463 se apresrou El-Rei D. Affonso para ir dar sobre Tangere , com tanta descautella , que os Mouros o souberão , e se apercebêrão ; e partindo de Lisboa a 7 de Novembro fundeou em Lagos a 9 , e dahi se fez á véla com mares tão verdes , e ventos tão rijos , e ponteiros , que todos lhe aconselhárão de se acolher ao Sylves , no que não consentindo El-Rei , foi debaixo de contínua tormenta anchorar a Ceuta , com grande destroço da armada , e perda de gente , e

fazenda; continuando esta nos assaltos, que se derão á Cidade, principalmente no que intentou o Infante D. Fernando, que nos custou 200 mortos, e cem prisioneiros; além de outros successos infelices, como o da Serra de Banacofú, onde foi morto o valeroso D. Duarte de Menezes: porém depois da tomada de Arsilla, sabendo os Mouros dos trates de Muley Xequé, e por isso desesperados de soccorro, secretamente despejãõ a Cidade, na qual entrou El-Rei aos 28 de Agosto de 1471, e cuja Capitania deo a Ruy de Mello, seu Guarda Mór, que depois foi Conde de Olivença. Havidos estes senhorios, accrescentou El-Rei D. Affonso o seu titulo, dizendo-se = Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem, e d'além mar, em Africa, etc. Em 1662 foi a Cidade de Tangere dada ao Rei d'Inglaterra Carlos II., e deixada aos Mouros em 1684, como já muito antes o haviãõ sido Alcacer-Ceguer, e Arsilla, onde El-Rei armou Cavalleiro o Principe D. João, dizendo-lhe „ que Deos o fizesse tão bom Cavalleiro como „ o Conde de Marialva „ (D. João Coutinho, que alli fêra morto,) que sempre os bons, e fortes Reis tem em muita conta, e estima os honrados, e fortes Cavalleiros.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

A R T I G O V.

BIOGRAFIA.

Francisco Manoel do Nascimento.

(Continuado do N.º IX. pag. 163.)

Seus bellos, e masculos estudos tinhão hum fim, que interessava seu espirito, e a que elle se julgava capaz de attingir; queria restituir á Lingua Portugueza aquella elegante concisão, euphonia, e pureza verdadeiramente Latinas, que tinhão brilhado em seus antigos classicos. Fez huma leitura methodica, e seguida da Lusíada, e de todas as suas variantes, das admiraveis obras de Vieira, da optima vida de D. João de Castro, por Freire de Andrade; e de outros muitos Poetas, e Prosadores. Lía-os com a penna na mão, cuidadosamente notando aquelles hellenismos, e

latinismos elegantes , que per si se identificavão ; e enxertavão com perfeita graça no genio particular do Idioma. Querendo com o exemplo daquelles grandes homens accrescentar inda esta grande massa de riquezas latinas ; introduzio expressões novas , e escrupulosamente derivadas da Lingua Romana ; tornava a pôr em uso antigas fórmulas de dizer consagradas outrora em escriptos célebres , e depois obsoletadas ; porém hum gosto delicado presidia a esta extração do oiro mais puro. Nunca o *melhor* vinha romper o *bom*. Aspirava a fallar a verdadeira Lingua Portugueza , que não reconhecia nas eunucas producções de seus contemporaneos , e suas fadigas tendião mais a reformar , e conservar , do que a innovar.

Deve em toda a empreza , que seriamente se pertende examinar , tomar-se em consideração o ponto , de que o Author partio , as circumstancias , e o lugar ; por isso , querendo nós fazer huma exacta idéa do extremo merecimento daquelles fortes estudos , e do vigor de cabeça , e sentidos , que elles requerião , devemos conhecer exactamente a deploravel situação das Letras naquella época. Era preciso ser hum homem extraordinario para sacudir com denodo o jugo do máo gosto , das preocupações , e dos costumes geraes , vislumbrear huma luz tão viva por entre espessas trévas , abrir huma estrada , e marchar por ella com infatigavel passo.

Tinha Francisco Manoel tão grande respeito aos grandes modellos , que ainda na idade de vinte annos , escondia cuidadosamente ao Público os numerosos poemas , que tinha composto ; modestia bem rara em huma idade tão cheia de confiança , e vangloria. Querendo pois certo amigo arranca-lo , a seu pezar , da obscuridade , em que se envolvia , deo á luz huma collecção de seus versos , bom , e funesto serviço ! Com elle ganhou gloria o Poeta , porém perdeu toda a tranquillidade , e ventura. Desde aquelle momento teve de pagar o esplendor , que não tinha buscado , e que sua perseverante , e sincera modestia devião fazer perdoar-lhe ; porém quando soube perdoar a Inveja ?

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO XI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Observações chymicas sobre os processos, que se devem seguir na manufactura dos vinhos tintos, principalmente quando a uva não tem chegado ao seu perfeito estado de madureza. Por M. Sampayo. (Extrahidas dos annaes de gricultura Franzeza, Tomo XXIX.)

(Continuado do N.º X. pag. 157.)

Não posso eximir-me de expôr dois, ou tres phenomenos, que julguei observar no decurso das minhas experiencias, e que poderão ser de algum interesse. Quando tratei o residuo da uva tinta pela agua fervente, observei, que alli se desenvolvia huma grande quantidade da materia colorante, o que não tinha obtido tratando-o pela agua fria. Isto faz vêr a necessidade, que ha de aqueentar artificialmente as cubas em fermentação, e he huma das vantagens das caldeiradas de mosto fervente. Tambem notei, que o mosto da segunda porção da uva tinta era mais colorado, que o da primeira porção, que o mesmo acontecia com a lavagem em agua fria, e que no tratamento pela agua quente esta differença era ainda mais notavel. Isto he em favor do complemento da fermentação assucarada; porque esta observação parece indicar, que

a materia colorante soffreo huma mudança tal, que se tornou mais solúvel.

Nos tratamentos pelo alcool, além do assucar, tambem dissolvi huma materia vegeto-animal, que provavelmente he a mesma que, obrando sobre o assucar, fórma alcool. Percebi a sua existencia pelos grumos, que ví formarem-se quando tratei pelo acido nítrico para formar o acido oxalico; e me persuadi, que se eu tivesse deixado obrar espontaneamente esta dissolução por espaço de algum tempo, não teria mais obtido hum atomo de acido oxalico, tendo-se todo o assucar reduzido a alcool. Porém o acido nítrico sempre acabou por dissolver este coaguluno. (1) Eu teria querido adiantar mais as minhas indagações; mas não o permitirão as pequenas quantidades sobre que operava.

Eis-aqui pois bastantes factos, que restão a verificar, e que merecem a attenção dos mais habéis Chímicos. Pela minha parte não deixarei de o proseguir quando me fôr possível.

Se estes processos, no fabrico dos vinhos, chegarem a ser de huma utilidade geral, ser-me-ha bem lisongeiro o considerar, que se devem á reflexão, e ás luzes de hum pai, que tanto devo adorar, e respeitar; foi o que principalmente me decidio a confirmalos por experiencias chímicas. Tambem foi de muita felicidade para mim poder ser ajudado pelos conselhos de M. *Vanquelin*, a quem devo todos os conhecimentos, que pude adquirir em chímica.

Declamação, ou Arte Comica.

A Declamação he huma Arte, de que a Poesia, especialmente Dramatica costuma ajudar-se, e que tende ao mesmo fim por meios, que lhe são proprios. Seu fim he, como em todas as bellas Artes, interessar com a illusão. A intenção do Poeta na Tra-

(1) Esta materia vegeto-animal deveria fornecer tambem acido oxalico no tratamento pelo acido nítrico, mas como a sua quantidade era igual nas primeiras, e segundas porções, ella não deveria alterar a quantidade relativa do oxalato de cal.

gedia he produzi-la; o desejo do Espectador he senti-la, e o mister do Actor he preencher a intenção do Poeta, e o desejo do Espectador. O unico meio de produzir, e entreter a illusão, he copiar com fidelidade os objectos, que se imitão: Qual he pois a reflexão, que deve fazer o Comico, quando entra em scena?.. A mesma, que fez o Poeta quando tomou a penna. Quem he a pessoa, que falla? Qual he a sua jerarchia? Qual he o seu character?.. Como se expressaria ella se tivesse de fallar?... Eis-aqui todo o fundamento desta Arte; e eis-aqui tambem quatro interrogações, que mui poucos de nossos Actores, e ainda muito menos de nossas Actrizes, tem feito.

Vamos ao principio da illusão. Apenas nos apparece em scena o Actor, ou o Poeta, desaparece della o Heróe. Ora como o Poeta faz, que o Heróe, que introduz, diga, e pense, não o que diz, ou pensa, mas o que a tal personagem devia dizer, ou pensar, deve tambem o Actor exprimi-lo da maneira, que ella tambem o fizera. Eis-aqui a escolha da bella Natureza, e o ponto importante, e difficil da Arte da Declamação. A nobreza, e a gravidade são a decencia do Theatro Tragico; seus extremos são o emphaze, e a familiaridade: escolhos communs á Declamação, e ao estylo, e por entre os quaes tanto o Poeta, como o Actor caminhão, e huma justa idéa da bella Natureza, he quem lhe deve servir de guia. Resta explicar as fontes, em que deve haurir o Actor.

A primeira he a educação; a segunda deveria ser a representação de hum Actor consumado; porém estes modelos são raros. A terceira he o estudo dos monumentos; e a quarta finalmente, que he a mais fecunda, e mais transcurada entre nós, he o estudo dos originaes, e estes só se encontrão nos Livros. O mundo he a escóla do Comico, e hum Theatro immenso, em que todas as paixões, todos os estados, e todos os caracteres representão, mas como a maior parte destes modellos carecem de nobreza, e correcção, póde mui bem o imitador enganar-se na escolha delles. Não basta pois, que elle pinte ao natural, cumpre, que o mais profundo estudo das bellas proporções, e dos grandes principios do desenho o tenha habilitado para corregir o objecto de suas pinturas. O estudo da historia, e dos poemas he para os Actores

de tamanha importancia, como para os Pintores, e Escultores. Os livros não apresentam modellos aos olhos, mas offerecem-nos ao espirito; dão tom á imaginação, e ao sentimento; e a imaginação, e o sentimento o dão aos órgãos.

O Actor, que só he dotado de sentimento, não representa bem senão a sua propria parte; e tal era entre nós Victorino. O Actor, que ao sentimento junta intelligencia, imaginação, e estudo, como Maiques actualmente em Hespanha, penetra-se de todos os caracteres; nunca he o mesmo, e sempre he semelhante. Devem pois o coração, a intelligencia, a imaginação, e o estudo concorrer para formar hum perfeito Comico, por falta desta concordancia he, que Marianna Torres se inflamma onde devia conter-se; e Arcejas ás vezes representa, onde só devêra sentir. Por isto falta sempre em scena a gradação, a verdade, a illusão, e por consequencia o interesse.

Ha tambem outras causas de Declamação defeituosa, humas que provêm do Actor, outras do Poeta, e outras tambem da parte do Público. O Actor, a quem a natureza não aquinhoou com huma boa figura, e huma voz argentina, busca com a arte compensar, o que lhe falta; quaes são porém os meios, de que para isso lança mão? Se lhe falta a gravidade do semblante dá-lhe huma expressão convulsiva; se tem a voz surda, ou fraca violenta para a fazer sonora: se lhe falta a grandeza em sua natural conformação, gesticula como hum ernergumeno, e parece querer-se cobrir com seus braços. Ora nós diremos a todo o Actor, ou Actriz, que isto pratique » Tu queres corrigir a natureza, e a » fazes monstruosa; sente vivamente, e falla como sentires, sem » que nunca te desmeças, deixa antes mudo o rosto, que peor » effeito fazem suas contorções, do que o seu silencio. »

Quanto á voz necessita-se de menos porção della para hum Actor ser ouvido no Theatro, de que geralmente se julga: são mui raras as situações, em que seja preciso gritar em scena. Quem ignora, que, mesmo nas mais violentas, vale mais do que os gritos a expressão de huma voz cortada de soluços, ou suffocada pela paixão? A representação constrangida pede huma viva expressão em olhos, e gesto, e nisto era inimitavel José Felix da Costa. Voz ingrata, gesto espamodico, e olhos, que não sabem fallar

não deixão ao talento interior esperança alguma de manifestar-se exteriormente. Deixe o Theatro aquelle , ou aquella , a quem a natureza deo todos estes incorrigiveis defeitos. Mas que recursos pelo contrario não tem sobre a scena tragica aquelle , que junta huma voz flexivel , pathetica , e sonora a huma figura magestosa , e expressiva ! Quão pouco os seus interesses conhece aquelle Actor , ou Actriz , que emprega hum mal entendido artificio em profanar nestes dotes a nobre simplicidade da natureza !

Quando as paixões sobem ao mais alto ponto he a representação mais forte a mais verdadeira , então he , que he belleza não se conhecer , nem conter-se ; pede porém a decencia , que seja grave o transporte , o que não impede , que seja excessivo. Tambem neste artigo não está a Actriz de quem acima fallámos isenta de huma justa censura.

Como a gesticulação acompanha as palavras pôde applicar-se a huma , o que da outra dissemos , a violencia das paixões exige muitos gestos , e admite até os mais expressivos ; pelo contrario o dezalento da dôr admite muito poucos , e a reflexão profunda não dá lugar a nenhuns. O sentimento quer huma acção simples como elle , e a expressão dos olhos , e do rosto parece bastar ao desprezo , indignação , ameaço , e furor concentrado , hum lançar d'olhos , hum mover de cabeça são a sua natural acção , e se enfraquecerião com demaziado gesticular.

Os Actores , cujos olhos , e rosto são susceptiveis de huma expressão viva , e pathetica precisão pouco de gestos : a alma da Declamação he a expressão de olhos , e rosto ; porque nelles he que as paixões se estampão em caracteres de fogo. Quem vïo representar Castro , (na Tragedia de Junior) pela nossa unica , e sublime Dama Tragica Jozefa Thereza Soares , quem lhe ouvio recitar os seguintes versos :

E , tintas de meu sangue , estas paredes
Luctuosos vestigios da consorte
Em toda a parte aos olhos lhe mostrarem !...

Pôde fazer huma adequada idéa de quanto valem estes dois do-

tes tão raros. Esta Actriz he tambem excellente na *representação* mixta.

Chamamos *representação mixta*, ou *cômposta* á expressão de hum sentimento modificado por circumstancias, ou de muitos sentimentos reunidos. No primeiro sentido toda a representação theatral he mixta, porque em a expressão do sentimento se devem a cada passo confundir as modificações do character, e da situação da personagem, tem pois o Comico de reunir pelo menos tres expressões; a saber, a do sentimento, a do character, e a da situação, regra mui pouco conhecida, e muito menos observada.

Continuar-se-ha.

A R T I G O II.

P O E Z I A.

O D E.

A Profecia do Tejo.

Folgando El-Rei Rodrigo
Estava com a formosa Cava á margem
Do Téjo crystalino,
Que assoma até ao peito,
E a fallar-lhe começa deste geito.

» Em hora infausta exultas,
» Injusto forçador, que já o estrondo
» Escuto, e vozeria,
» As armas, e o bramido
» De Marte de furor, e ardor cingido.

» Ai! todo esse contento
» Que prantos te accarreta! essa Beldade,
» Que o Sol vïo por desgraça
» Da Hespanha, ai quão chorosa,
» E dos Godos ao Sceptro quão custosa!

» Mágoas, guerras, e chammas,
 » Mortes, assolações, e feros males
 » Nos braços teus apertas,
 » Trabalhos impendentes
 » A ti, e a teus vassallos innocentes!

» Aos, que o fertil terreno
 » Em Constantina rompem; aos, que banha
 » O Ebro, e a Comfinante
 » Sansuena, a Luza terra
 » E a quanto, vasta, e triste, a Iberia encerra!

» Já desde Cadiz chama
 » O injuriado Conde, (que á vingança,
 » E não á fama attende,)
 » A barbara pujança,
 » Em quem, por damno teu, não ha tardança.

» Ouve, que o Ceo já fére
 » Com tom medonho a horrisona trombeta;
 » Que em Africa convoca
 » Já o Mouro a bandeira,
 » Que pelo ar tremulando vai ligeira.

» Já brande a féra lança,
 » Ventos ferindo, o Arabe tyranno,
 » Chamando ouzado á guerra,
 » Esquadras cento a cento
 » Eu vejo congregadas n'um momento.

» A gente o solo innunda,
 » E co' as vélas o pélagos se enconde;
 » Thé aos Ceos a celeuma
 » Confusa, e vária cresce,
 » E o pó nos roube o dia, que escurece.

- „ Ai! que já furibundos
 „ Sobem ás amplas Náos!.. ai! que já deitão
 „ Os braços varicosos
 „ Aos remos, accendendo
 „ Os mares, que, espumosos, vão fendendo.
- „ Galerno enfuna Eolo
 „ Em popa as pandas vélas, larga senda
 „ Já pelo Herculeo Estreito,
 „ Com a ponta acerada
 „ Tem aberto Neptuno á féra Armada.
- „ Ai triste! E occupas inda
 „ Mal-suave regaço? Nem chamado
 „ Ao damno accodes prompto!
 „ O Mouro não vês dono
 „ Já do Porto, a que Alcides he Patrono?
- „ Trigoso accode, vóa
 „ A alta Serra transpõe, desce á planície;
 „ E nem luzida espóra,
 „ Nem dura mão poupando,
 „ Mena o ferro insano fulminando.
- „ Ai! quanto de fadiga,
 „ Ai! quanto d'ímpia dôr já se prepara
 „ Ao, que d'arnez se veste,
 „ Ao Infante valente,
 „ A Homens, e Cavallos juntamente!
- „ E tu, Betis divino,
 „ De sangue alheio, e proprio maculado,
 „ Quantos ao mar visinho
 „ Darás Elmos fendidos,
 „ Cadaveres de Nobres destruidos!

- » O furibundo Marte
 » Por dias cinco as Hostes des-ordena
 » Igual aos dois partidos;
 » No sexto és condemnada
 » A barbaras prizões oh Patria amada.

*De Frei Luiz de Leon, e traduzida
 por José Maria da Costa e Silva.*

ODE ANACREONTICA.

Oh Nympha meiga, e candida,
 Por quem no coração
 Sinto lavrar-me fervida
 Suávissima paixão.

Por quem a culta Cythara
 Do velho Anacreonte
 De novo em sons eroticos
 Pulso no sacro monte.

Oh meu deleite, e jubilo!
 Licutard, ah quem diria
 Que Venus nesta florida
 Prizão nos uniria?

Que entre meus braços languida
 Te havia hoje apertar,
 E do prazer nos extazes
 Ouvir-te suspirar?...

Mas fuge em trote rápido
 A rozea Mocidade,
 E da Velhice gélida
 Não tarda a frialdade.

D'Amor na taça fúlgida,
 Meu Bem, a flux bebamos;
 Recolhe a Morte soffrega
 Horas, que a Amor negamos.

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Sobre a leitura de hum só Livro.

Conhecemos muitas Pessoas, cuja balda he trazerem sempre debaixo do braço o seu Horacio; o seu Barros; o divino Ariosto commentado, Gil Vicente da primeira Edição, ou Voltaire, ou Rousseau, ou Shakespear. Estas pessoas nem lêem, nem podem soffrer que ninguem lêa, ou aprove senão aquelle Author, em que ellas pozerão a sua affeição, e em que phantasião o archetypa da Sciencia, e o prototypo da Belleza, e tratão com desprezo todo o que não tem lido o *Livro* como em França se dizia outro tempo do de Rabelais. Dão-nos estes Senhores bastantes vizos do Califa, que quiz queimar todos os Livros deixando sómente o Alcorão. Sabemos que se não devem lêr muitos Livros, porém muitas vezes os poucos bons que ha, *multum non multa*: porém o estimar sómente hum Author não dá muito boa idéa do espirito de huma Pessoa, assim como não he prova de bom coração o não achar mais do que hum Homem digno de amizade. Faz-nos isto lembrar daquelle Poeta, que pondo huma Comedia mágica em Scena, e vendo na segunda Récita só dez Pessoas de Platéa disse: pouca gente, mas escolhida.

Ha muitos Livros máos (dizem) temos hum gosto mui fino, e não podemos soffrer o mediocre; quem está costumado ao Nectar não póde beber zurrapa. Porém nós tomaremos o atrevimento de lhe dizer que vemos nelles mais esquisitisse do que gosto, que hum gosto tão máo de contentar próva muito máo gosto, e que se parecem com aquelles infelices, que tem o estomago desarranjado, e estão em cura lactea. Desta admiração estatica, deste continuado lêr, e relêr só o mesmo Livro, nasce o acanhamento das faculdades mentaes, e a corrupção do juizo; deslumbrados pelo Phanatismo literario adorão como bellezas os mais grosseiros defeitos do seu Author, e chegão á força de commentarios

a quere-lo assim persuadir ao Público. Assim temos visto muitos dos admiradores de Ferreira, fazendo pouco caso da sua doutrina, e da bella, e simples propriedade de suas judiciosas Imagens, pôrem todo o affinco em imitar as suas durezas metricas, e as mais coizas, que elle se hoje vivesse poria todo o esmero em evitar: assim temos visto os chamados *Quinhentistas*, ou *Puritanos* eternos, e incansaveis Folheadores d'Alfarrabios, em vez de contentar-se com aproveitar dos chamados classicos as phrases, e energicas palavras, de que abundão, copiar sua barbara outhorgraphia, e os seus pleonasmos, cacaphonias, e erros de concordancia. Tem porém estes *Doutores de hum só Livro* huma razão para se mostrarem entusiastas de hum só Escriptor. Julgão dar provas de hum purissimo gosto, e com este pretexto encobrem a sua insuficiencia, e perguiza, querendo persuadir-nos de que não escrevem porque se não contentarião com o mediocre. Tambem com este cego afferro a hum grande Author, as mais das vezes antigo, desfarção e encobrem o ciume, e inveja, que os mata, vendo alguns de seus contemporaneos correrem com gloria pela luminosa estrada das Letras. » He temeridade escrever! » (Ládrão elles) todas as fontes do saber, e do bello estão ex- » hauridas; não resta já no Pindo alguma casta de Flores, que se » colha! Felices as Almas escolhidas, que sabem saborear os aro- » matas das poucas flores immortaes, que formão a corça de al- » gum genio sublime, que não deixou successores. Estão sempre armados da mais amargoza, e afiada critica contra as Produçõs novas, em que não repárão senão para os minimos defeitos, que exaggerão como delictos gravissimos. Trata-se de fazer hum Dicionario da Lingua? » Guardai-vos (acodem logo) de dar entra- » da nelle a palavras, que não venhão em Authores, que escre- » vêrão até ao Reinado de D. Sebastião: fugi das palavras, e » termos dos que escrevêrão de então para cá; Vieira, Castro, » Lobo, o Conde da Ericeira, Garção, Diniz, Domingos Ma- » ximiano, Santos e Silva, Quita, Bocage, e mais que todos » Francisco Manoel são Barbaros comrumpidores da Lingua, que » se atrevêrão a alfaialla com joias, que lhe não tinhão dado » os *Classicos*. Deixai que a depravação do gosto faça que todo » o Mundo os compre, os folhee, os decóre; deixai que os Es-

» trangeiros os traduzão, os elogiem, os imprimão são Modernos,
 » e basta isto para que todo o bom Puritano, e todo o bom Qui-
 » nhentista os despreze, os aborreça, os persiga, e se possível fór
 » dê cabo delles. Finalmente tem sempre na boca o *seu Livro*,
 o *seu Livro*, e eternamente o *seu Livro*. Vêm tudo de huma oôr,
 e são como os Unoculos, que só pôdem ver-se de pertil, e neste
 sentido he que Cicero dizia *timeo lectorem unius Libri*. Não igno-
 ramos que os bons Livros são os que mais vezes se re-lêm; mas
 não podemos tolerar que seja a leitura circunscrida sómente a
 alguns Livros bons. He justo que hum principiante escolha hum
 modelo, e tenha hum grande Mestre, por quem se guie, mas
 quem tem formada a idade, e o gosto deve lêr, e comparar mui-
 tos Livros; deve não admirar com estatico embasbacamento, po-
 rém julgar, criticar, e forcejar para compôr melhor. Importa imi-
 tar a natureza que he cheia de profuzão, e de variedade. Nenhum
 Author (diz Pope) excedeo a todos em todos os generos, ora hum
 só Author não pôde instruir senão, quando muito em dois gene-
 ros; não pôde fallar bem senão de huma, ou de poucas materias,
 logo não deve estudar-se por hum Livro só: sem a leitura de mui-
 tos; e diversos Livros nunca o espirito pôde adquirir riqueza,
 nem variedade, e as idéas novas nascem das idéas adquiridas. Hum
 espirito, que sempre admira, e nunca examina, nunca terá for-
 ça nem brio; não achará novidade, nem prazer nas suas leituras;
 nunca poderá dizer, aqui foi o Author grande; aqui se enganou;
 dizia muito melhor assim. Porém do estudo de muitos Livros po-
 demos extrahir certo número de conhecimentos, e modellos, que
 misturados, e confundidos entre si formem hum todo novo, e bri-
 lhante, que venha a ser o nosso estylo, assim os Pintores mes-
 clando diversas tintas na palheta formão huma nova, e formoza
 tinta, cuja côr em nada se parece com as que a compozirão.
 Por existir hum Author eminentissimo, não devem tractar-se to-
 dos os outros com desprezo. A grandeza de Homero não offusca a
 perfeição do Virgilio; nem os fulminantes relâmpagos de Pindaro,
 nos deslumbrão tanto, que não tenhamos prazer em o clarão mais
 macio, porém mais agradavel de Horacio. O admirador de Tas-
 so pôde achar encantos em Ariosto; e quem se deleita com o for-
 mozo colorido, e amena phantazia de Camões, se he avaliador

sincero, não se entuziasma menos com a impetuosidade e valentia de Gabriel Pereira de Castro, ou com a original imaginação, e philosophicos vãos do desgraçado Cantor da Brasiliada. Sejamos em Literatura, como os Antigos em Religião; adoravão Jupiter como Supremo Monarcha dos Ceos, e povoavão o Universo de multimodas Divindades, a quem tributavão incensos, e cultos. De todos os Livros se pôde tirar proveitos, as Abelhas fazem mel de todas as Flores; e Apelles formou a sua Venus das perfeições derramadas por sete formozas Donzellas. He justo que haja hum centro, porém circumdado de raios. Tomara-mos saber que gosto achão semelhantes Basbaques em lêr todos os dias huma Carta de Sá e Miranda, ou hum Capitulo de Barros!.. Tende embora hum Author mimozo, mas não lêaes hum só Author; as Graças são tres, e de nove Deozas se compõe o Côro das Musas.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Origem dos Quakaros.

Jorge Fox era hum mancebo de 25 annos de costumes inreprehensíveis, porém de huma imaginação exaltada. Andava vestido de coiro dês dos pés até á cabeça, e corria de Cidade em Cidade declamando contra a guerra, e contra os Clerigos. Foi prezo e conduzido a Darbi á presença do Juiz da Paz. Fox se apresentou sem tirar o gôrro de coiro que trazia na cabeça. O Carcereiro lhe deo huma bofetada, dizendo-lhe: » Insolente, não sabes que debes estar diante do Senhor Juiz com o gôrro na mão? » Fox humildemente lhe offerceco a outra face, e rogou que lhe dessem outra bofetada por amor de Deos. O Juiz de Darbi mandou que prestasse juramento antes de interroga-lo: » Amigo disse ao Juiz, sabe que eu nunca tomo o nome de Deos em vão. » O Juiz irritado contra elle, e querendo que jurasse por força, o mandou para o Hospital dos Leucos, para o assoutarem. Fox foi para o Hospital louvando sempre a Deos, e assim que chegou executarão a sentença com todo o rigor; porém ficárão espantados os Ministros, quando o ouvirão pedir mais alguns assoutes para bem da

sua alma. Estes senhores não se fizeram rogar muito: Fox levou dóze duplicada, o que agradececo muito, e pôz-se a prégar-lhes. Ao principio rirão-se, mas depois o escutavão, e como o fanatismo he huma enfermidade contagioza, muitos ficárão persuadidos, e os Ministros que o tinhão assoutado forão seus primeiros discipulos. Livre do carcere, Fox se dirigio para as Aldêas com doze discipulos, prégando sempre contra os Ecclesiasticos, e levando crueis assoutes por sua obstinação, de que não fazia cazo. Hum dia que o pozerão de gonilha, prégou com tanta força, que atrahio cincoenta do seu auditorio, e todos se interessárão tanto em seu favor, que em tumulto o tirárão da gonilha, forão buscar o Cura Anglicano que tinha sido a causa do seu castigo, e o puzerão no seu lugar.

Teve tambem o atrevimento de converter á sua seita alguns Soldados de Cromwel, que renunciárão o officio de matar, e se negárão a prestar juramento. Cromwel não gostava de huma seita cujos individuos não combatião, e por isso se valeo de todo o seu poder para perseguir estes novos heresiarchas. Em pouco tempo se enchêrão delles todas as prizões; sem embargo do que se augmentou o número dos Sectarios; sahião dos carceres mais firmes em sua crença, acompanhados dos Carcereiros a quem tinhão persuadido suas oppiniões. Porém o que contribuiu mais a propagar esta seita, foi, que Fox se acreditava inspirado, e por isso procurava fallar differente dos outros homens: fingia-se tremulo, fazia contorsões e géstos, retia a respiração, e a despedia com violencia; de maneira que a Pythia de Delphos não poderia fazer mais. Em pouco tempo adquirio hum habito tão grande destes momos, que não podia fallar de outra maneira. Este foi o primeiro dom que communicou a seus discipulos, que tinhão de boa fé todas as gesticulações de seu Mestre, tremião com todas as suas forças no momento em que se julgavão inspirados, e daqui tirárão o nome de *Quakeros*, que quer dizer *Tremedores*. Os Rapazes se intretinhão em remeda-los, tremião, fallavão pelo nariz, fingião convulções, e se julgavão estarem possuidos do Espirito Santo. Só lhe faltava fazer milagres, e o impostôr attribuiu a si o effeito da ebriedade.

O heresiarcha Fox disse publicamente a hum Juiz diante de

hum grande assembléa. » Amigo guarda-te, Deos te castigará brevemente porque persegues aos Santos. » O Juiz costumava embriegar-se todos os dias com Cerveja e Agua-ardente, morreo dois dias depois de apoplexia, quando acabava de firmar hum ordem para que prendessem alguns *Quakaros*. Em lugar de attribuirem a morte repentina do Juiz á sua intemperança, a othá-rão como hum effeito das predicções do fanatico, e produzio mais *Quakaros*, que mil Sermões, e outras tantas convulções. *Cromwel* vendo que o número dos *Quakaros* se augmentava todos os dias, quiz atrahi-los ao seu partido, offerendo-lhe dinheiro; porém elles o desprezárão; *Cromwel* dizia que erão os unicos que não podia ganhar com *guinéos*.

Algumas vezes forão perseguidos por Carlos II, não por cauza da relegião, mas porque não querião pagar o dizimo á Igreja, por perturbarem os Magistrados, e não quererem prestar os juramentos que prescrevião as leis, até que Roberto Barclay, Escocoz, appresentou ao Rei em 1675 a apologia dos *Quakaros*. Na epistola dedicatoria a Carlos II, para impetrar sua tolerancia, acaba assim. » Tu tens experimentado doçura e amargura, pro-
 » priidade e desgraças; foste desterrado do Paiz onde reinavas,
 » tens sentido o pezo da oppressão, e debes saber quão detesta-
 » vel he o oppressor diante de Deos e dos homens. Se depois de
 » tantas desgraças e felicidades, teu coração se endurece a ponto de
 » esquecer-se de Deos, que se tem lembrado de ti em teus infortunios,
 » teu delicto será ainda maior, e a tua condemnação mais terri-
 » vel: em lugar, pois, de escutares os aduladores da tua Côrte,
 » escuta a voz da tua consciencia, que nunca te adulará. »

Teu fiel amigo e Vassallo.

Barclay.

O mais de admirar he, que hum carta similhante escrita a hum Rei por hum homem tão obscuro, produzisse bom effeito, e fosse motivo de cessar a perseguição dos fanaticos.

Por este tempo appareceo em Inglaterra o Illustre Guilherme Penn, que estabeleceo o poder dos *Quakeros* n'America, e os

estabeleceria na Europa se os homens podessem apreciar a Virtude com apparencias ridiculas. Era filho unico do Cavalheiro Penn, Almirante de Inglaterra, e privado do Duque de York, que foi depois Jacob II.

Guilherme Penn, na idade de 15 annos, conheceo hum *Quakero* em Oxford, onde seguia seus estudos, que o indusio a abraçar a sua seita. Penn era vivo, eloquente, de maneira que persuadio a muitos mancebos seus companheiros, estabeleceo huma sociedade de jovens *Quakeros*; que se ajuntavão todos os dias em sua caza, e na idade de 16 annos se achava Chefe da seita. Quando tornou para caza de seu pai, ao sahir do Collegio, em lugar de ajoelhar diante d'elle, e pedir-lhe sua benção, como era costume dos Inglezes, elle se chegou ao pai sem tirar o chapéo, e lhe disse: „ Amigo eu me alêgro muito de te ver bom. „ O Almirante julgou que seu filho estava louco, porém dahi a pouco conheceo que era *Quakero*, e se valeo de todos os meios que dita a prudencia humana, para o persuadir a que vivesse como os outros, porém elle contestou seu pai exhortando-o a que se fizesse *Quakero*. Em fim, vendo seu pai que o não podia reduzir, se contentou com pedir-lhe que fosse fallar ao Rei, e ao Duque d'York com o chapéo na mão. Guilherme respondeu, que sua consciencia lho não permittia, e que era melhor obedecer a Deos, que aos homens. Indignado seu pai por esta resposta, o expulsou de sua caza, e o joven Penn deu graças a Deos porque já padecia pela sua cauza. Elle começou a prégar por muitas Cidades fazendo Sectarios. O heresiarcha Jorge Fox, movido da sua fama, veio a Londres do interior d'Inglaterra, e os dois determinarão fazer missões nos Paizes Estrangeiros. Embarcárão-se para Hollanda, tendo deixado hum grande número de obreiros para cuidarem na vinha de Londres.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO XII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Declamação, ou Arte Comica.

(Continuado do N.º XI. pag. 157.)

QUANDO dois, ou muitos sentimentos agitam hum coração, devem todos ao mesmo tempo pintar-se nas feições, e na voz, mesmo atravez dos esforços, que se fazem para dissimula-los! A mesma Jozefa Soares, tanto em algumas scenas de *Acomar*, como da *Mulher de dois Maridos*, deo repetidas provas de quanto era habil nesta difficil representação. Chamamos-lhe difficil, por que como muitas vezes o temor, a altivez, o pejo, e o despeito, constringem a paixão, sem a esconder de todo, devendo hum coração sensivel trahir-se a cada passo, necessita-se de muita arte nestas meias-tintas, e modificações de hum sentimento, especialmente nas scenas de dissimulação, em que o Poeta suppôz, que taes modificações serião só entendidas dos Espectadores, furtando-se ao conhecimento das outras Personagens interessadas. Quanto mais difficeis de enganar são as Personagens por seu character, e situação, tanto mais profunda deve ser a dissimulação, e por consequencia mais difficultosa de manejar he a tintura da falsidade. Mostrar o fingimento ao Espectador fica ao alcance de todos os

Comicos! Porém mostra-lo só ao Espectador, he coisa que o talento dos mais consumados Actores não póde conseguir sempre.

De quanto aqui temos expellido he facil formar huma adequada idéa da representação muda; não ha scena, quer seja na Tragedia, quer seja na Comedia, em que esta especie de acção não deva entrar por contrascena. Toda a Personagem introduzida em huma scena deve nella ser interessada; ora tudo, que a interessa, deve commove-la, e tudo que a commover deve pintar-se em seus gestos, e este he o principio da representação muda. E quem poderá á vista disto vêr sem indignação, ou sem riso, alguns dos nossos Actores, e quasi todas as nossas Actrizes, ficarem, apenas acabão de fallar, insensíveis, e surdos, olhando para a plateia, e outras vezes conversando entre si, até que o Ponto lhe dê signal para tornarem a fallar. Isto he desmanchar a illusão, sacrificar o drama, e faltar ao respeito do Público.

Evitando este excesso de frieza nas pausas do Dialogo, póde cahir-se no excesso opposto. Ha hum ponto, em que as paixões são mudas, mas fóra deste caso não he permittido, nem natural escutar alguém em silencio hum discurso, que vivamente o commove, huma vez, que o temor, ou respeito, ou qualquer outra causa o não constranja a emmudecer; a representação muda deve pois ser huma expressão constrangida, e hum movimento reprimido; a Personagem, que se abandona á acção, deve, pelo mesmo motivo, accudir a tempo ao discurso, e não como vêmos muitas vezes, especialmente em dialogos cortados, acabar hum Actor de fallar, e aquelle, que o devia interromper, gastar ás vezes mais de hum minuto para o fazer, o que provém além de outras cousas, do hábito, em que estão os nossos Actores de nunca saber os papeis. Quando a disposição do Dialogo obriga hum Actor a callar-se, deve o Expectador pela expressão muda de seus sentimentos, collier o motivo, que lhe tapa a boca.

○ Nada mais infame, que hum Actor, que apparece em scena fallando mal a sua lingua, mostrando pelo modo, com que a recita, que não entende a parte, que faz, ou estropiando versos. Destes defeitos só entre os nossos Actores he cabalmente isento Fernando José de Quiroz. Hum Actor, que erra versos está na razão de hum Cantor, que desafina. Aquelle que recita os versos

como proza, sem lhes marcar as pausas, e legitimo acentuamento, dando por desculpa (como nos tem dado alguns, a quem notamos este defeito) que os homens não fallão em verso, faz hum ridiculo contrasenso; e he semelhante a hum louco, que, pegando em huma ária, a recitasse lisamente, com todas as réplicas musicaes, e sem fazer caso do valor das Notas, sob pretexto dos homens não fallarem cantando. As desculpas, e os erros são iguaes.

Por não fazermos este artigo demasiadamente difuso nos não demoramos com os defeitos, que em nossos Theatros quotidianamente observamos em vestuario, scenario, e movimento. He insupportavel, que Personagens Chinezas representem huma acção, que se passa no seu Paiz, em hum Sallão, Praça, ou Templo de Architectura Grega. Que huma acção do Seculo XIII. se execute com os trages do Seculo XVIII., e muito peor ainda, o que vîmos em hum dos nossos Theatros o anno passado na Comedia *Matilde*, isto he, a primeira Personagem vestida com o antigo trage Inglez, e todas as demais, e a tropa vestidas á moderna. Póde haver maior disonancia? Maior ridicularia?.. Quanto ao movimento além de outras imperfeições, que dão menos nos olhos, parece, que devia já abolir-se o costume de mandar pôr em scena cadeiras, mezas, e outros utencilios por comparses, e outros, que taes figurões, que, apenas apparecem, logo são saudados com apupos, e escarros, com grande escandalo da Assembléa, além de por este vicioso methodo se perder a cada instante a illusão. O meio mais facil de evitar este monstruoso defeito seria fazer, que taes bancas, cadeiras, etc., subissem, e descessem em alçapões ao correr das scenas, como se pratica em alguns dos Theatros mais perfectos da Europa. Hum dia, que fizemos esta observação a hum dos nossos mais acreditados Actores, este nos respondeo com hum risinho parvo, e huma admiração bestial, „isso era mágica!..” Como se apparecerem bancas, e cadeiras etc., fosse maior magia, que, ao correr dos bastidores, transformar-se huma salla em hum carcere, ou bosque!

Dos Curadores.

Como os dementes são inhabeis para governar os seus bens, e pessoas, ainda que sejam maiores, nomeão-se Curadores, que olhem por elles. Não se dá Curador a hum demente, que não esteja em estado de maioridade; pois em caso de demencia de hum menor basta, e he mais decoroso que se lhe nomeie hum Tutor em razão de sua menoridade, do que hum Curador em razão de sua demencia. Para se dar hum Curador a hum maior, he necessario, que se prove sua demencia em Juizo, ou Tribunal competente. O filho pôde ser Curador de seu pai, ou mãe, se estão dementes; não pôde porém nomear-se Curador no mesmo caso a hum filho, que está debaixo do patrio poder; pois seu pai he, em virtude deste titulo, pela natureza authorisado para administrar a sua pessoa, e bens. O Curador de hum homem, cuja demencia he periodica, exerce as funções deste cargo, durante os accessos de mania, e cessa de as exercer nos intervallos, em que elle recobra a razão, mas neste caso só finda o cargo de Curador com a vida do demente para forrar-se a fadiga de huma nomeação nova em cada recaída. Nomeão-se tambem Curadores a todas as pessoas, a quem alguma enfermidade impossibilitou para governar seus bens: a todos os que despendem seu cabedal em despezas desacizadas, quando seu máo comportamento obriga os Magistrados a declara-los pródigos, e impedi-los judicialmente. Quando huma pessoa está muito tempo ausente, sem ter deixado ninguem incumbido de seus negocios, e bens, havendo precisão de quem delles trate, costuma nomear se-lhe hum Curador. Se huma viuva fica pejada não pôde nomear-se Tutor a seu filho, sem que este tenha vindo á luz, porém havendo precisão disso, destina-se hum Curador para a conservação dos direitos do menino, que está para nascer, e para a administração dos bens, que lhe estão para competir. Podem os crédores, quando o devedor lhe abandona seus bens, fazer com que se nomeie hum Curador, que tome conta delles, ou eleger entre si huma pessoa, que delles cuide. Todos estes Curadores tem suas obrigações reguladas pelo poder, que lhe he dado, e

tem jus para pôrem em obra quanto do seu ministerio depende. Seus deveres são os mesmos, que os dos Tutores, que expendemos em outro número, e os das pessoas, entregues ao seu cuidado e direcção os mesmos que os dos Pupilos para com seus Tutores.

A R T I G O II.

P O E Z I A.

O D E.

Ti si legge l'invidia entro lo sguardo:
 Quand' è che tu non morda e non abbaï
 Senza rispetto alcun, senza riguardo?

Salvador Roza, Sat. 3.

Esses, que em paz, e em guerra, as Leis outrora

A Povo, e Povo derão,

Variamente versutos fabularão

Inspirações celestes:

Ao Novennal Legislador (1) foi Jove;

O pulchri-como Apollo

Ao grão Legislador dos Espartanos; (2)

A Rómulo o Deos Conso,

A Egeria Nympha ao piedoso Numa;

Foi a Sertorio a Corça,

E a Pomba a Mahomet, que lhe inspirarão

Doutrinas, com que, preza

A ignara multidão, a seus mandados,

Tremendo, obedecia.

Oh! E qual, não dos Ceos, mas furibunda

Influência do Averno

(1) Minos.

(2) Lycurgo.

Assim te assanha, rábido Thersites?
 Porque, ladrando a tudo,
 Tudo profanas com viperea boca?...
 Fallai, honradas Cinzas
 Dos que inda por acções o Mundo illustrão;
 Dizei se por ventura
 Alguem, ou Sábio, ou Virtuoso, escapa
 A seu maligno dente?...
 Ninguem?... Ninguem. Da atroz Maledicencia
 Ao cruizador Thersites
 Manão em chorro abertas as vertentes,
 E todas elle esgota.
 Detestavel prodigio! Accaso a insania,
 A pérfida malicia
 Lhe atiçárão as auras da Lisonja?
 Alvitra-lhe a Calúmnia
 As torpissimas phrases, com que nutre
 A presumpção balofa?...
 Tudo isso, e mais: nem Górgonas, nem Fúrias,
 Dragos, nem Centimanos
 Igualão a tremenda Potestade,
 Que n'alma lhe domina,
 E em seu retorto olhar, em seu semblante
 Feroz influxo verte!
 Que Monstro no furor, nos attentados
 Póde igualar a Inveja?

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

Os Cacoacos. (1)

A quarenta e oito grãos de latitude septentrional se descobriu recentemente huma nação da Selvagens mais ferozes, e temíveis, do que os Caraibas. Chamão-se *Cacoacos*, e não usão de flexas, nem maçãs. Trazem os cabellos com todo o esméro riçados; seus vestidos mil-colores, e matizados de prata, e oiro, os tornão semelhantes ás flores mais brilhantes, e ás mais bem implumadas aves. Adornar-se, perfumar-se, e agradar parecem os seus unicos desvélos, mal que os vêdes, huma tendencia occulta vos inclina para elles, e as caricias, de que vos enchem, são a ultima cilada, que vos armão.

Todas as suas armas consistem em hum veneno em sua lingua escondido. A cada palavra, que pronunção, mesmo com o tom mais meigo, e suave, escapa, e se derrama ao longe este veneno. Com o soccorro da mágia, que cuidadosamente cultivão, acharão o segredo de o jacular a qualquer distancia. Como a sua cobardia corre parelhas com a sua malignidade, só atação rosto a rosto, aquelles, de quem se não temem: e por isso as mais das vezes vos desparão seu veneno pela retaguarda.

Dos desgraçados, a quem elles ferem, parte morrem subitamente, parte conservão a vida, mas ficando com chagas incuráveis, e que jámais cicatrizão. Todos os esforços da Medicina são baldados para as sarar. Estes enfermos tornão-se objectos de horror; todos os detestão, todos fogem delles, e os seus melhores amigos correm-se de os conhecer, e de os apadrinhar.

Os Cacoacos não respeitão vinculo algum de sociedade, de

(1) He de notar, que a palavra Grega *Cachos*, que se parece com a de *Cacoacos* significa *mão*. Debaixo deste nome he, que hum Author engenhoso compoz esta Alegoria contra os Phylosophos da Impiedade.

amizade, nem mesmo de amor, tratão os homens todos com a mais refinada perfidia. Nota-se, que só huma coisa lhe dá prazer, e esta he derramar seu veneno naquelles, em que experimentárão amizade, ou que lhe fizerão beneficios. Tomão porém neste caso a precaução de tempera-lo com o çumo de algumas flores, porque com toda a sua malignidade, não abrem mão de agradecer, divertir, e seduzir.

A' primeira vista parecem os Cacoacos os mais sociaveis homens do mundo, procurão a gente, e folgão, de que a gente os frequente; porém tudo, que fazem, he com intuito de dar exercicio á sua maldade, que nada póde sobre aquelles, que tem a felicidade de os não conhecer. Quanto mais graça, alegria, e alacridade affectarem, mais deveis desconfiar delles, pois he este o instante, que elles ordinariamente escolhem para desparar seu veneno. Entregais-vos ao contento, que vos inspirão, e ficais admirado da quantidade de veneno, que se introduzio em vossos ouvidos, fazendo-vos subir á cabeça as idéas mais crueis, e sinistras. Desgraçados daquelles, que folgão de os vêr, e ouvir! Por mais precauções, que tomem, por mais pretextos, que os Cacoacos fação de os poupar, mal voltão costas logo provão a sua raiva.

Com tudo estes Barbaros se temem mutuamente, e jámais se atacão huns aos outros. Mas perseguem despiedadamente todos os, que não estão ensaiados em sua mágia. Como detestão as virtudes não admittem nenhuma na terra, e affectão de acreditar, que todos os homens são perversos. Basta ser modesto, honrado, e benefico, para encorrer no seu odio.

Exhortamos os, que se determinarem a viajar pelo seu paiz, que vão munidos de boas armas offensivas. Tem-se observado, que estes Selvagens as temem muito; basta vê-las para deixarem de rir, e fazer rir, o que he signal infallivel de que são obrigados a reprimir o veneno, que então reflue sobre elles com tanta violencia, que os faria morrer se promptamente não fugissem, e fossem procurar objectos para descarrega-lo. Com este intuito os vêmos continuamente rondar.

Os homens mais ferozes, e barbaros, que até agora se tem descoberto, tem todos algumas virtudes moraes; os reptis mais venenosos tem sempre algumas qualidades uteis; porém não succede

assim com os Cacoacos. Toda a sua substancia he veneno, e corrupção, e são talvez na natureza os unicos Entes, que fazem mal por gosto de fazer mal.

Ha noticias fidedignas, de que estes monstros se tem introduzido na Europa: e que se encontrão nas mais brillantes sociedades. Buscão com especialidade o tracto das Mulheres; a quem fingem amar, quando contra ellas he que com preferencia empregão o seu veneno. Seria difficil dar aqui signaes certos para os conhecer, advertimos sómente a todos, que desconfiem de homens, que mettem tudo a bulha, e fallão a todo o instante em honra, e virtude porque cedo, ou tarde se descobre que são *Cacoacos*.

A R T I G O IV.

HISTORIA.

Origem dos Quakaros.

(Continuado do N.º XI. pag. 200.)

Seus trabalhos tiverão feliz exito em Amsterdam; porém o, que lhe fez mais honra, foi o bom acolhimento que lhe fez a Princeza Palatina Isabel, Tia de Jorge I, Rei d'Inglaterra, mulher illustre pela grandeza da sua alma, e pelo seu saber, e a quem Descartes tinha dedicado suas obras de Philosophia. Ella se tinha retirado para Haya, onde vio os *Amigos* (assim chamavão em Hollanda aos *Quakaros*). Teve muitas conferencias com elles, prégárão varias vezes em sua caza, e senão a reduzirão a ser huma *Quakara*, confessárão que não estava longe do Reino dos Ceos. Os *Amigos* tãobem semeárão sua doutrina por Allemanha, porém colhêrão pouco fructo. Penn teve que regressar á Inglaterra, por cauza da noticia da enfermidade de seu pai, a quem foi dar o ultimo abraço: reconciliou-se este com seu filho, e o abraçou com muita ternura. Guilherme exortou-o em vão a que não recebesse os Sacramentos, e a morrer como *Quakaro*, e seu bom pai lhe recommendou inutilmente que uzasse botões na Cazaca, e prezilha no Chapéo: circumstancias as mais essenciaes da sua Seita.

Guilherme herdou muitos bens de seu pai, e entre elles varios

credjtos contra a corôa , por empréstimos que fizêra o Almirante para varias expedições maritimas: para os pedir vio-se Penn obrigado a visitar frequentemente Carlos II, e a seus Ministros. O Governo lhe conferio em 1680 em lugar do crédito , a propriedade e soberania de huma Provincia d'America ao Sul de Mariland; cuja cessão havia obtido já seu pai em outro tempo; com o que se vio no mundo hum *Quakaro* Soberano. Embarcou-se immediatamente para os seus novos Estados com dous Navios cheios de *Quakaros*, que o seguirão. Pozerão ao seu Paiz o nome de Pennsylvania em honra do nome de Penn, e fundarão Phyladelphia que he hoje huma das mais florentes Povoações da America. Ferio aliança com os Americanos lemistrophes, e pôde dizer-se que aquelle he o unico tractado, que sem juramento entre Nações se tem firmado. O novo Soberano, como Legislador da Pennsylvania, promulgou as mais bem acertadas Leis. Apenas estabeleceo o seu Governo logo muitos Commerçiantes da America passarão a povoar aquella Colonia e os Indigenas, em lugar de fugirem para os desertos, pouco a pouco se fizerão amigos dos pacíficos *Quakeros* pois temião tanto os outros Conquistadores d'America, como amavão os seus novos Confinantes. Em pouco tempo os que chamãmos Selvagens, admirados de seus visinhos, pedirão a Guilherme Penn que os admittissem em o número de seus Vassallos. Era huma Scena nunca vista, hum Soberano a quem todos fallavão por tu, e com o Chapéo na cabeça, hum Povo sem armas, Cidadãos quasi iguaes aos Magistrados, e visinhos sem zelos.

Depois da morte de Carlos II, tornou Penn á Inglaterra por interesse de seu novo Paiz. O Rei Jacob, que amára muito o pai de Guilherme, conservou o mesmo affecto para seu filho, e não o considerou como hum sectario obscuro, mas como hum Homem Grande. A politica do Rei concordava muito com o genio de Penn em certos artigos. Dezejava agradar aos *Quakaros*, e abolir as Leis contra os não Conformistas, a fim de poder introduzir a Religião Catholica no seu Reino a favor desta liberdade. Porém todas as Seitas de Inglaterra conhecêrão onde hia parar o tiro, e procurãrão illudi-lo; pois que todas se união quando se tratava da Religião Catholica. Penn não julgou que devia renunciar seus principios para favorecer aos Protestantes, que o aborrecião, contra hum

Rei a quem amava. Tinha estabelecido n'America a liberdade de opiniões religiosas, conservando-se sempre fiel a Jacob II.

O desgraçado Jacob II, que, como quasi todos os *Stuardos*, era hum composto da grandeza e de fraqueza, e como todos elles, fez muito, e mui pouco, perdeu o seu Reino sem que huma só espada se dezembainhasse em sua defenza. Com a sua queda todas as Seitas Inglezas admittirão a Guilherme III, e ao seu Parlamento, aquella mesma liberdade de Religião, que não quizerão admittrir a Jacques II., e desde então gozárão os *Quakeros* por Lei todos os Privilegios, que ainda possuem. Tendo Penn estabelecido a sua seita sem contradicção alguma, tornou para a Pennsylvania, onde os seus Americanos o recebêrão com lagrimas de alegria, como hum Pai, que torna para os braços de seus Filhos. Todas as suas Leis tinham em sua auzencia sido religiosamente observadas. Este Legislador permaneceu algum tempo em Phyladelphía, e contra sua vontade teve de voltar a Londres para solicitar novas vantagens a favor do Commercio da Pennsylvania, que não tornou a ver, pois faleceu em Londres em 1718.

Não podemos ajuizar do fim que terá a Seita dos *Quakeros* na America; sabemos que em Inglaterra deminue consideravelmente. Os *Quakeros* não podem ter voto no Parlamento, nem exercer Empregos Públicos, porém he necessario prestar juramento, e como o jurar he contra os seus principios sómente se applicão ao Commercio.

ARTIGO V.

BIOGRAFIA.

Francisco Manoel do Nascimento.

(Continuado do N.º X. pag. 184.)

Toda a cafila dos ruins versejadores, dos *Cotins*, e dos *Prados*, dos *Bavios*, e dos *Mevios* Portuguezes, poderosa pelo numero, pois com pouca differença abrangia toda a Literatura do tempo, e pelo esteio, que deparava em alguns grandes, e mesmo algumas mulheres, que entradas nesta ridicula carreira, as-

sentavão defender o seu amor proprio , se conspirarão contra o Poeta. He verdade , que estes inimigos não conhecião toda a extensão da superioridade , com que elle os opprimia , porém ella tinha em sua appareição despedido hum fulgor mui brilhante , excitado hum agradável pasmo , e acquistado illustres , e desinteressados suffragios ; não podião os invejosos deixar de a conhecer , e a aborrecião. Por outra parte , elle empenhadô a seu pezar no lance , não queria ceder ; huma nobre sobrançeria , e a consciencia das proprias forças exaltárão sua alma , pagou sarcasmos com sarcasmos , exprimindo com huma franqueza ora amarga , e ora graciosa o menoscabo , em que os tinha , e o miseravel systema de Poesia , que patrocinavão. Satisfeito com esta primeira victoria , continuou a caminhar pela estrada , por onde lhe servião de guia hum feliz instincto , o sentimento do verdadeiro Bello , e exactidão de seu espirito.

Cessou a inveja de escrever , porém não de perseguir ; e he deploravel coisa , que as desgraças de Francisco Manoel comessem com a sua reputação litteraria ; e que as vinganças implacaveis de que foi depois victima , se fundassem realmente em alguns amores proprios offendidos , e no resentimento de emulos , que elle já não castigava senão com o seu exemplo. Não ha maior inimigo do que hum grande talento quando os grandes talentos são raros , e bem o prova Francisco Manoel , que se vio obrigado a perder sua caza , e bens , e refugiar-se em França , aonde aportou depois de 27 dias de huma perigoza Navegação , em Havre de Grace , em 12 de Agosto de 1778. de Havre de Grace partio para Pariz aos 13 do mesmo mez , e anno. Alli o total abandono , o desgosto , e as saudades da Patria o fizerão cahir doente , e se passou mais de hum anno sem que elle bebesse alguma distracção necessaria na novidade dos lugares , em que se achava cansado , e nos encantos do Estudo. E que constancia não era necessaria a hum homem que nascendo rico em o seu Paiz , via-se agora em terra alhea destituido de soccorros , com os seus bens confiscados , e reduzido ao simples , e escaço necessario , que muitas vezes lhe faltava ?

Nomeou-se passados muitos annos para Embaixador em Haya o Excellentissimo Antonio de Araujo de Azevedo , depois Minis-

tro , e Secretario de Estado , (Emprego , em que falleceo no Brazil), e Conde da Barca. Este Fidalgo , bom Poeta , apaixonado de todos os Cultores das Muzas , era amigo de Francisco Manoel , e do pequeno número daquelles , a quem as desgraças do Poeta não tinham feito esquecer o vinculo , que entre elles havia. Chamou-o pois á sua residencia , e em sua caza elle desfructou toda a tranquillidade , e prazeres da mais generosa hospitalidade. Nem lhe foi absolutamente inutil este bom acolhimento , que fizera ao Poeta , que muito o servio , e cooperou para o bom exito da sua missão , nos tenebrosos , e dificeis tempos da Revolução Franceza. Retirando-se de Haya o Embaixador voltou Francisco Manoel para Pariz , d'onde não tornou a sabir. O continuado trato com os Francezes não lhe fez esquecer a lingua materna : o seu affecto a este bello Idioma se confundia com o que tinha á Patria , guardando cuidadosamente o tacto das suas bellezas classicas , de sua elegancia , e pureza.

As obras de Francisco Manoel enchem numerosos Volumes. De Pariz estava continuamente enviando a seus amigos brilhantes Epistolas de todos os generos , e em que se mostra digno rival de Horacio , Pope , e Boileau , e cuja amavel leitura era em Portugal anciozamente devorada por todos os amadores da Poezia , e do bom gosto , e especialmente depois da revolução não houve Portuguez instruido que indo a Pariz não tivesse por grande ventura , e por huma especie de dever o vizitá-lo. Teve mesmo a consolação de ainda ver alguns daquelles amigos antigos , á maior parte dos quaes tem a infelicidade de sobreviver. Nestas occasiões tão raras , e tão gratas he que elle perdia o sentimento de suas desgraças , e de suas privações. Sentado á meza com estes companheiros de sua mocidade deixava escapar de sua reanimada veia algumas daquellas Odes , que parecem sahidas dos moldes do seu mimozo Horacio , e que fazem as nossas delicias. Os convivas se extaziavão de ouvi-lo , e em breve sentião o coração soffocado vendo hum Homem de tão raro talento , e digno de occupar em sua Patria os mais honorificos empregos languindo entre Estrangeiros , velho , e pobre , conservando a paz de seu coração , e recobrando o ledo dezaforo de seus dias felices para festijar seus

amigos, e tendo por exuberante fortuna o virem elles sentar-se a sua meza indigente.

Foi em Paris que elle compoz ao som dos triumphos dos Francezes, e dos Americanos no Novo Mundo a soberba Ode que principia.

As Armadas undivagas povoão
Os mares das Antilhas;

Formosa imitação da de Horacio

Pastor cum traheret per freta navibus.

E que a excede tanto em colorido, metro, e sublimidade, e interesse. Foi em Paris que traduzio a elegante Chronica Latina que escrevêra Osorio *de rebus Emanuelis magni* traducção verdadeiramente Nacional, e classica, e que o Governo por entrevenção do Excellentissimo Conde da Barca fez imprimir á sua custa.

A Poezia Lyrica he o genero em que Francisco Manoel sobre-sahe, e he então que marcha com passo firme pelo trilho dos antigos, cujas melhores producções emulas sempre, e muitas vezes excede. Quando he Pindaro nota o Leitor com prazer que o he sempre á maneira de Horacio, misturando sempre o grave com o brando, e o engraçado com o severo até nos assumptos, que são puramente heroicos. Não tem rival no genero de Ode, que se denomina Horaciana, e que toma para objecto de seu canto a risonha Phylosophia do Epicuro, a arte de enganar o vôo do Tempo, o prazer dos Festins, e as doces folgas de huma tranquilla indolencia, hum grato esquecimento dos dissabores, e da vida, finalmente aquella Phylosophia que brinca com a morte, enlaça os Cyprestes com as rozas, e para que nos instigue a gozar, põe ás vezes hum Tumulo na longinqua Perspectiva da mais delicioza Paugagem, e entre os encantos da Natureza. Nestes assumptos he que Francisco Manoel possui com especialidade o segredo da graça, sem o desaire de copiar, ou de esforçar-se. He admiravel o modo com que elle ageita o nosso Idioma aos

mais puros , e felices torneios das Musas Latinas. Advinhão os profundos estudos , que nos esconde a natural correnteza , e morbido abandono do Escriptor. Presente-se que largamente se cingira com o azeite do Athleta , porém não se lhe descobre o resto. Francisco Manoel tem de tal modo a propriado a si o estylo de Horacio , sua escolha de idéas , harmonia de Rhythmo , marcha , e corte de Strophes , maneira de colorir , oppozições , concizão elegante , e artificio de digressões , e modo de entrar outra vez no assumpto sem violencia , e a viveza de acabar huma Ode , sem lhe esgotar o assumpto ; e o que he ainda mais difficil a justa porporção das partes , e do todo , que algumas de suas melhores Peças parecem ser novas variantes daquelle Poeta divino.

Francisco Manoel he todo Horacio ; não porque o copie como escravo , ou nos presentes retalhos delle , mas porque o imita em tudo como o mais habil de seus discipulos ; porque se apropria as suas qualidades ; refundias em assumptos analogos ; e deixando com o gosto mais puro ao Poeta Romano o que he essencialmente Romano , ageita aos uzos dos tempos modernos , e costumes da nossa Patria , aquellas eternas Bellezas , que são de todos os tempos , e de todos os lugares. Em huma palavra , vê-se que o Poeta de Tibur se expressaria assim na Lingua de Camões , e no Seculo 18. Boileau se desvanecia de haver intercallado em sua Arte Poetica cincoenta versos de Horacio , semelhantes mutuações dos Authores classicos , são o cunho do verdadeiro talento , e nutrido com estudos fortes especialmente quando o character geral do Estylo , ainda nas coizas puramente modernas conserva o scello daquelle gosto antigo a que convém recorrer sempre , em toda a boa Literatura este foi o segredo dos grandes Homens do seculo de Luiz IV. de Milton , e de Camões.

He pena que Francisco Manoel não acabasse o Poema dos Fastos Portuguezes. O que delle escreveu he cheio de bellezas , e o plano que tinha concebido prometteo á sua Nação hum digno imitador de Ovidio. Que infinita variedade de tom , e cores que thezouro de Poezia no vasto quadro dos costumes originaes , dos uzos do anno na Côrte , na Cidade , no Campo , nas elegan-

tes Quintas do Rico , e nas humildes cabanas do Colono , ou na choça de junco do Pescador ! Nas pinturas das solemnidades religiosas , das Romarias , das Festas cazeiras , dos monumentos , das antigas tradições Mouriscas , e Portuguezas , historicas , e populares , da vida agricola , e da vida pastoral da Estremadura , e da Beira , e dos sitios mais risonhos , e mais magnificos ; porém esta bella composição necessitava de muitas riquezas locais , e he a unica que elle não podia acabar , e aperfeiçoar longe da Patria. A nossa Literatura lhe deve tambem huma versão metrica do Oberon , Poema do célebre Poeta Alemão Wieland , e outra da Medea de Longipierre , e do Metridates de Racine , que pára em mão de Mr. Rey , Mercador de Livros , sem que saibamos porque absurdo motivo ainda não a tem imprimido.

Este Grande Poeta na idade de 78 annos conserva ainda a cabeça desembaraçada , e forte , e huma imaginação viva , e fresca. O mundo ficou assombrado quando o vio por peito a emprender , e acabar na idade de 73 annos huma completa traducção em verso das Fabulas de Lafontaine , trabalho immenso , a que se entregou com ancia , e verdadeira traducção ; em que o copista mostra sempre a graça , e facilidade do modello ; porém mais assombrado ficou quando dahi a tres annos apparecêrão por elle traduzidos em verso os 24 cantos do Poema , que Mr. de Chateaubriand tinha escripto em proza Franceza , e que se intitula os Martyres. Se a traducção de La Fontaine apresentava quasi insuperaveis difficuldades em razão dos seus muitos idiotismos , e phrazes familiares , que são as graças de estylo , que mui custosamente passam de hum idioma para outro ; a traducção dos Martyres não as offerencia menores , pela sua estenção , pela novidade dos objectos alli pintados , e mais que tudo pela difficil empreza de reduzir a metro ainda a mais elevada proza , sem que fiquem ressaibos de sua primeira fórma.

A força , e a graça são os caracteres dominantes das suas composições. Francisco Manoel he , sem exaggeração o nosso Horacio , e o nosso Boileau , e muitas vezes o nosso Tibulo , e Anacreonte por hum grande número de versos Eroticos , em que admiramos o ameno colorido de Albano , e ás vezes as suas graças

hum pouco affectadas. Neste genero he elle em geral menos puro, e menos antigo, que em suas Odes Horacianas, que são a baze mais sólida da sua gloria; nellas he que elle não tem ornatos ambiciozos; graciosamente ouzado cria novas expressões, e phrazes, porém sempre com bom gosto, sem neologismo inutil, ou extravagante; com hum ar livre, e facil, e consagrando sempre pelo cunho particular, que lhe imprime as felices innovações, que se permite. Não dissimulamos o seu defeito geral na Poesia Erotica, em que seria muito mais perfeito, se tivesse menos vezes o espirito de Ovidio, em coizas, em que melhor asentára a purissima simplicidade de Anacreonte, e Tibullo.

Este grande Homem, cujo nome só morrerá quando morrer a Poesia adoça ainda as privações de sua decrepitude com o assiduo commercio das Muzas, e de Amizade. As traducções, que de suas obras tem apparecido mostram o apreço, que os Francezes fazem de seu talento, sua existencia em París he a de hum Cidadão indigente sua velhice não lhe deixa esperanza de tornar a ver Lisboa, nem as Nymphas do Tejo, que tanto tem celebrado. Seus Escriptos, são hum authentico testemunho do affecto com que preza a sua Patria, e da sua resignação na desgraça a fortuna póde ferilo porém não humilha-lo, ou abatello, a estima de si mesmo nobre origem do verdadeiro valor, e de toda a dignidade no Homem lhe deu força para supportar sem fasto, e com resignação de hum Phylosopho práctico o maior peço da desventura; e ninguem mereceo melhor que lhe applicassem estas bellas expressões de Cicero. „ Magna etiam illa lacus, et admirabilis videri solet, tulisse casus sapienter adversos, non fractum esse fortuna; retinuisse in rebus arduis dignitatem.

The first of these is the fact that the
 government has been unable to
 secure the necessary funds to
 carry out its policy. This is
 due to the fact that the
 government has been unable to
 raise the necessary funds from
 the public. This is due to the
 fact that the public has been
 unwilling to lend the government
 the necessary funds. This is
 due to the fact that the public
 has been unwilling to lend the
 government the necessary funds
 because of the government's
 policy of high interest rates.
 This policy has been a failure
 because it has led to a
 depression and a loss of
 confidence in the government.
 The second of these is the fact
 that the government has been
 unable to secure the necessary
 funds to carry out its policy.
 This is due to the fact that
 the government has been unable
 to raise the necessary funds
 from the public. This is due
 to the fact that the public
 has been unwilling to lend
 the government the necessary
 funds because of the
 government's policy of high
 interest rates. This policy
 has been a failure because
 it has led to a depression
 and a loss of confidence in
 the government.

ADVERTENCIA

AOS

SENHORES SUBSCRIPTORES.

A fim de conciliar a utilidade com a commodidade pública, relativamente a este Periodico; isto he para que elle, minorando-se a despeza, possa com tudo encerrar os mesmos Artigos: resolvemos que para o Trimestre seguinte (cujo 1.º N.º sabirá no dia 13 de Novembro) se fação as Assignaturas a 600 réis, e se vendão a 40 réis por Folha os Numeros avulsos; havendo de constar cada hum delles de huma, ou huma e meia, até duas Folhas, e sendo daqui por diante a impressão em outro typo mais miudo, a que chamamos Entreduo. As Assignaturas continuão-se nas mesmas Lojas.

ANNEXES SUPPLEMENTAIRES

Il s'agit de connaître le véritable état de la situation des affaires de la compagnie, et de voir si elle est en mesure de continuer son exploitation. Les documents ci-joints ont été fournis par le directeur de la compagnie, et ils ont été examinés par le conseil d'administration. Les conclusions auxquelles est parvenu le conseil sont les suivantes :

1. La situation financière de la compagnie est satisfaisante. Elle dispose de ressources suffisantes pour continuer son exploitation pendant un certain nombre d'années.

2. Les affaires de la compagnie sont en progrès, et il y a lieu de croire que les bénéfices augmenteront dans une certaine mesure.

3. Le conseil d'administration a décidé de continuer l'exploitation de la compagnie, et de prendre les mesures nécessaires pour améliorer sa situation financière.

4. Le conseil d'administration a également décidé de verser un dividende aux actionnaires, conformément à ce qui est prévu dans les statuts de la compagnie.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

OBRA DE ERUDIÇÃO, E RECREIO.

P O R

HUMA SOCIEDADE DE LITERATOS.

T O M O II.

L I S B O A:
NA IMPRESSÃO DE ALCOBIA:
ANNO DE 1818

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

OPERA DI GIULIO ROSSI

OPERA DI GIULIO ROSSI

101

ATMOSFERA DI GIULIO ROSSI

101

101

101

101

101

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO I.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

O Bom, e o Bello.

EXaminando os objectos proprios para delinear a idéa do *Bello*, acharemos que vai com ella envolvida a idéa do *Bom*, que sempre se lhe mistura por huma daquellas rápidas operações do nosso espirito, que de muitas idéas parece formar só huma. Todos concordão em que, para os objectos serem bellos, devem ser grandes, isto he, devem ter toda a relativa grandeza, que a sua especie permite; porque o mais pequeno objecto pôde ser bello, comparado aos seus semelhantes: huma Rosa he bella quando tem toda a grandeza, e lustre possível em huma Rosa, e então he mais activa, e mais agradavel a impressão, que faz em os nossos sentidos: hum Cavallo he bello em proporção que a sua corpulencia, a flexibilidade dos seus jarretes, o luzir da sua pelle, a soberba do seu aspecto, e o fogo, que respira por olhos, e por ventas, attestão o seu vigor, e ligeireza.

O Auctor do artigo *Bello* na *Encyclopedia* serve-se do exemplo de hum bello Cavallo, para combater o Auctor do *Ensayo sobre o Mérito, e a Virtude*, que refere ao *Bom* o principio do *Bello*. „ Hum bello Cavallo, que passa pela rua (diz elle) parece bello a quantos o vêem, posto que nenhuma esperança tenham de o possuir. „ Esta objecção he pouco reflexionada: quando admiramos a belleza de hum objecto, que parece não ter connosco relação alguma, por huma illusão momentanea tomamos o lugar daquella pessoa, que está em circumstancias de o gozar: esta acção reflexa do nosso entendimento, ou antes, da nossa sensibilidade, repete-se quasi a cada instante da vida; e he provavelmente com este fio que a Natureza nos prendeo aos outros seres, sem o que para todos seriamos indifferentes: deste modo, quando hum campo nos parece bello, nós por hum momento nos identificamos com

aquelle, que lhe recolhe os fructos. A belleza do Universo nasce da ordem, que lhe contemplamos, e em especial das vantagens que della resultão aos entes sensiveis, que encerra, em cujo número nos contamos.

Nas producções da Arte, assim como nas da Natureza, consiste o *Bello* nas idéas da grandeza, e exacta correspondencia da execução com hum designio util, que sempre em nosso espirito accordão. A idéa da grandeza excita ordinariamente a do poder: e quem he que não sabe porque motivo esta ultima attrahe tanto os Homens? querer-se-hia por ventura ser poderoso, se dahi não viesse proveito? a grandeza, e a humildade seriam maneiras de existir absolutamente indifferentes, se não fossem as vantagens inherentes a huma, e os inconvenientes, que acompanhão sempre a outra.

As proporções de hum bello edificio agradão-nos, porque exactamente preenchem o fim proposto, e concorrem para a grandeza, e solidéz da obra ainda mais que para a sua belleza: pouco admirariamos os mais bem acabados capiteis Corinthios, collocados sobre columnas cujas dimensões não promettessem bastante segurança ao pezo daquellas grandes massas, que tinham de sustentar: os ornatos sô produzem bom effeito quando reúnem as qualidades essenciaes: desdenhão-se os prazeres frivolos, quando se não gozão aquelles, que são indispensaveis: hum tecto pintado por Miguel Angelo não delectaria hum Homem, que receasse vello desabar sobre a sua cabeça: por semelhantes impressões, ainda que menos manifestas, he que ordinariamente julgamos os objectos, sem que o nosso espirito pareça advertillo. A architectura Gothica desagrada-nos, porque os ornatos, de que excessivamente se carrega, e a falta sensivel de proporção em seus meios, ainda mais do que provão o máo gosto do Artista, annuncião a fragilidade do edificio; por isso que, servindo-lhe de regra o capricho, offerece muitos objectos sem designio; e que as suas multiplicadas figuras, em vez de nos recordarem a Natureza, no-la fazem antolhar desordenada, atormentando em consequencia a nossa imaginação.

Dir-se-ha talvez, que, se tudo consiste na grandeza, e solidéz; nada he mais facil do que obter essas prerogativas; porém esta idéa he falsa: ellas dependem de huma certa proporção nos meios empregados para as obter; prodigados estes meios, prejudicão o objecto proposto, e estorvão o seu uso. He pois a precisa correspondencia dos meios com hum fim util, e grande, que faz com que as cousas sejam bellas; e he isto o que os nossos sentidos observão, logo que são feridos por algum objecto, com que se depára esta feliz correspondencia.

Pelo que respeita ás outras artes de imitação, e ás obras do entendimento, a que se dá o titulo de bellas, o seu intento he excitarnos novas sensações, juntar entes possiveis aos outros existentes, e, por assim dizer, crear para nós hum novo Mundo, ou lisongear as paixões, que amamos, prestando-lhe côres, capazes de ainda as fazer mais seductoras, do que na verdade o são. Que poderia pois mover-nos maior interesse, do que as artes, ou suas producções?

Muito facil cousa he, segundo este juizo, que a nossa admiração para com o Artista se confunda com o prazer real, que nos causa a

sua obra , e dar o nome de bello ao que muitas vezes só tem o mérito da difficuldade vencida : a moda , a afeição , e a curiosidade contribuem para fazer incerta , e arbitraria a idéa do *Bello* , assim como para offuscar as regras , que nos ensinão a achallo ; e o que augmenta a difficuldade de referir a hum principio geral tudo o que tem relações com o *Bello* , são as falsas applicações , que deste termo todos os dias fazemos , porque cada qual dá indistinctamente esta qualificação aos objectos mais simples , e mais communs , conforme a conta em que os tem : hum Botanico com toda a sua boa fé , se maravilha de huma mesquinha planta , calcada aos pés por aquelles , que de outro modo a apreciação : hum Artzeão chama bellas as suas obras , por mais grosseiras , e insignificantes que sejão : porém destas mesmas differentes maneiras de applicar a palavra *Bello* , se conclue que elle só he fundado em idéas relativas , entre as quaes o *Bom* occupa sempre o primeiro lugar ; de modo que nada he *Bello* se não he *Bom* , já que não para nós , ao menos para os outros , com quem mentalmente nos identificamos.

Mas nem tudo , o que he *Bom* , he *Bello* : só damos este nome aos objectos cujas relações facilmente achamos , e he sem duvida por esta razão que os pertencentes ao gosto , e o tacto nunca se chamarão bellos , sendo as qualidades , que os fazem agradaveis a estes dois sentidos fundados em proporções , que não attingimos : deste modo a idéa das proporções entra necessariamente na idéa do *Bello* ; toda a proporção suppõe muitos termos correlativos , de cuja disposição he elle o resultado. Esta disposição pode variar ao infinito : as partes , que constituem cada hum dos seres , differentes em cada especie por sua disposição , tamanho , estrutura , e vinculos ; e todas estas differentes relações não são por consequencia em si mesmas , nem bellas , nem deformes , pois que não tem hum modelo commum ; e sómente são taes aos olhos , de quem julga se preenchem o fim para que parecem estabelecidas , ou se convem aos usos , que dellas se podem fazer.

He pois o *Bello* huma maneira de ser , que se refere aos nossos prazeres , necessidades , e organização , ou ao illusorio , e momentaneo interesse , que nos prende a estes objectos.

N. B. Este Artigo he extractado do Cap. 1. da 2. Parte do *Systema Physico , e Moral da Mulher* , obra excellente do Doutor Pedro Roussel , em que , assim como Descartes , e Montesquieu havião pretendido esclarecer a Philosophia com a Medicina , pertendeo elle esclarecer a Medicina com a Philosophia : obra , de que disse Laharpe ,, que he escripta com elegancia ; que as suas observações são de hum verdadeiro Philosopho ; que o seu estillo he de hum sabio Escriptor , e de hum Homem sensivel ; e que dá gosto a ler-se , não obstante o ser fundamentalmente scientifica ,

Moniz.

ARTIGO II.

P O E Z I A.

*Ode 3. do L. 3. de Horacio , traduzida em igual número de Versos,
em medida aproximada.*

Ao Varão justo , e em seus propostos firme ,
Não o Povo , que ardente ordena insanias ,
Nem do Tyranno o formidavel vulto
D'altas tenções o desce ;

Nem Austro fero , que intumece o Adria ,
Nem a dextra de Jove fulminante :
Se o Mundo se alluir , hão de esmagallo
Impavido as ruinas.

Pollux dest'arte , e o vagabundo Alcides
Seguros na mansão celeste entrarão ;
Entre elles recostado Augusto o nectar
Com rosea bocca bebe.

Dest'arte , ó Baccho , te puxarão Tigres
No indocil collo supportando o jugo ;
E do Acheronte se esquivou Quirino
Na Quadriga de Marte ,

Quando placida aos Deoses em conselho
Disse Juno ,, Fatal a Ilion , Ilion
Incestuoso Juiz , Mulher estranha
A reduzio a cinzas.

,, Des'que os Deoses fraudou Laomedonte
Do promettido premio , condemnada
Por mim , e por Minerva com seu Povo ,
E fraudulento Chefe.

,, Já da Lácena adultera não vive
O Hospede infame , ou a Familia perfida
De Priamo repelle Achêos pugnazes
Co'as Hectoreas fadigas ;

„ E, por nossas discordias prolongada,
He finda a guerra : as graves pois a Marte
Iras resignarei , e o Neto odioso
Nascido de Troyana

„ Sacerdotiza : aos lúcidos assentos
Convirei que elle suba , e saborêe
Nectareos succos , admittido á serie
Pacifica dos Deoses :

„ Com tanto que entre Troya , e Roma longo
Rebrame o Mar , em toda a parte reinem
Os exules felizes : no sepulchro
De Priamo , e de Páris

„ Com tanto que o Armento folgue , e as Feras
Seus cachorros aninhem , permaneça
Fulgente o Capitolio , e altiva impere
Roma aos vencidos Médos :

„ A's Regiões extremas temerosa
Ampla estenda o seu Nome ; ou onde a Europa
D'África o Mar separa , ou onde régua
Túmido o Nilo os campos :

„ Mais invencivel se despreza o ouro
Sotterrado , e melhor na terra occulto ,
Que a humanos usos se o reduz , sagrado
Tudo quanto ha roubando.

„ Aos mais oppostos terminos do Mundo
Com suas armas chegue ; ou vêr lhe apraza
Que terras vexa o Sol , ou quaes as nevoas ,
E os pluviaes orvalhos.

„ Mas aos Quirites bellicos ordeno
Taes fados co' esta lei : que mui piedosos ,
Nem mui confiados , reparar pertendão
Da avita Troya os muios ,

„ Mal agourada renascendo Troya ,
Seus fados tornarão em seu exicio ;
Esposa , e Irmãa de Jove , eu mesma as turmas
Guiando vencedoras.

„ Se aheneo o muro erguer tres vezes Phelo ,
 Hão de tres derriballo os meus Argivos ;
 Ha de tres vezes a Mulher captiva
 Chorar Espozo , e Filhos „

Mal vem taes cousas na jocosa Lyra :
 Que fazes , Musa ? As practicas dos Deoses
 Mais não refiras pertinaz , cantando
 Em tenue som grandezas.

Por Nuno Alvares Pereira
 Pato Moniz.

A R T I G O III.

C R I T I C A .

Juizo sobre o Poema = Newton. =

Este Poema tão gabado por seu Auctor , que chegou a des-
 cocadamente imprimir que *era o Poema , em que havia mais imagina-
 ção* , não deixa por isso de ser dèlla absolutamente desprovido. Seu an-
 damento he tedioso , e vulgar , (parece huma composição de estudante ;
 sem variedade , nem economia) : seu estillo he despido de toda a bel-
 leza Poetica , seu maravilhoso absurdo , e nullo , e sua metrificacão mo-
 notona , e de hum dureza insoffrivel. Em nossa consciencia assentamos
 que ninguem ainda teve a habilidade de mais completamente estropiar
 hum rico assumpto. Tenha embora passado por duas Edicções , o que
 he mui facil , quando para esse fim se imprimem poucos exemplares ,
 e a Obra tem hum Titulo , que promette muito ; embora fosse pelo
 Auctor corrigido ; quando huma Obra he essencialmente má ; isto he
 quando o defeito está no *todo* , e não em algumas *das partes* , he bal-
 dado o trabalho das Emendas , que nunca a farão boa.

Principia o Poema com huma descripção de Madrugada , que he
 hum lugar commum , e logo nesta primeira tirada se notão todos os
 defeitos do estillo do Auctor , que são o embrulhamento gramatical , a
 indigesta mistura de imagens colhidas á tóa em differentes escriptos , e
 cirzidas com linhas caseiras ; a insupportavel diffusão , e a carencia de
 harmonia metrica. Senão vejão-se os seguintes versos :

Herão os Ceos Orientaes banhados.

Da luz primeira ondulações mandava.

Dava o tributo dos primeiros hymnos;

E já co' a debil luz, que hum raio esparge,

Que tece, e gasta a teia da existencia,

ora perguntamos a todo o Leitor intelligente, e desapassionado se nestas regras accentuadas encontra o menor vestigio daquella melodia, que constitue a essencia do verso? quem tem ouvidos, que se não arripiem com o ingrato son, que formão as palavras e gasta a teia? senão, depois o Poeta arrebatado em hum sonho, (que não deixa de comparar ao de Scipião) por *hum Genio habitador do Olympo*, pelas espasos etherios, e depois de huma inundação de palavras, e desconexas imagens, em que sempre mais ou menos apparece o plagiato,

Eis no gremio da paz serena, e doce

Se me antolha pizar de *Heroes o alcaçar*

Extatico bradando, Ab! não por certo

, Póde ser este o terreal assento.

Não entendemos, (e ser este que aos Leitores succederá o mesmo) que cousa seja o *Alcaçar de Heroes*, que se piza no *gremio da paz*, nem como o Auctor arrebatado aos Ceos, d'onde diz que apenas deviza

Grossas nuvens pousar na Terra inerte

póde lembrar-se de que

Pode ser este o terreal assento

como faz nesta anti-gramatica algaravia, e cacaphonicos versos; mas deixando de parte, por ora, estes reparos miudos, fica o cantor de Newton, sem delle se lembrar, nem do seu *Guia*, a exclamar por mais de 200 versos, em que fallia nos ares, no Sol, na Lua, nos Cometas, nas Estrellas, nos Astros Centraes, nos seus Satelites, no Apenino, no Mar Tirreno, nas Agoas, nos Ventos, nas Chavas, nas Nuvens, nos Relampagos, no Enxofre, no Betume, nos Alcalis, nos Vapores, nas Pyramides, nas Traves, nos Dragos, nas Auroras Boreaes, no Iris, nos Phenomenos da luz reilexa, na existencia de Deos &c., e isto tudo (conforme o costume do Auctor, e de todos aquelles, que tractão materias, em que são hospedes,) sem algum colorido Poetico, e sem aquellas pictoreicas imagens de que Darwin, Delille, e todos os grandes Poetas Phylosophos costumão revestir os objectos scientificos. Tendo pois muito á sua vontade prégado em deserto, dá fé, de hum Templo, que

Nem alma concebeo, nem olhos virão

como elle diz com a sua uzual elegancia, com fachada de cristal; Arcos, Columnas, Archytraves de Pedraria oriental, e huma cupula que *fulgura* como *fulge* o Diamante de Narsinga, e outras circumstancias quejandas mais dignas das *mil e huma Noites* que d'hum Poema Phylosophico, e que nos obriga a exclamar com o Poeta Italiano

Sogni d'Inferno, e tolle di Romanzo,

ora á vista de hum Templo desta casta, que menos póde fazer o Poeta? poem-se agritar:

Quem dá força a meu Estro, e quem sustenta

Meus temerarios sobre-humanos vãos ?

Como á *Verdade* franquear eu devo

Té agora as bronzeadas, ferrolhadas portas

De crença, e cuja luz não seja avara

A turba indocil do inconstante vulgo ?

Ainda (que o Auctor nos não tivesse advertido que sonhava, bastaria para no-lo indicar a confusão gramatical, que neste Periodo reina produzindo a mais tenebrosa amphibologia ? para o Auctor fallar Portuguez, deveria dizer ,, como posso franquear as até agora ferrolhadas portas da Verdade, a cuja luz não seja avara de crença a turba &c. que he rigorosamente o opposto do, que disse, pois *franquear á Verdade as portas até agora ferrolhadas* he dizer que a Verdade nunca pelas taes portas tinha entrado ; e o Poeta o que quer dizer, he, como nos explicamos acima, que pertende abrir as portas da Verdade, que até alli tinham estado fechadas: Seja como for, lembrou-lhe o *odi profanum vulgus* de Horacio ; e o *prôcul este, profani* de Virgilio, e poz-se tambem a vociferar *longe, longe, oh Profanos*, sem embargo de lá não estarem *profanos*, nem *não profanos*, porque estava alli só elle, e o Genio, e continúa apostrophando a Verdade:

Se tu reges,

Se tu mesma, oh Verdade ; o canto animas,

Se me encordoas *Cythara* toante

Para o Templo celestê *appressio o passo*,

como se para entrar no domicilio da Verdade fosse preciso levar a *Cythara* afinada: desata-se em invectivas contra os seus Emulos, e lisonjêa-se de vêr desarmada a Inveja sobre o seu sepulchro, como se alguém podesse invejar os seus alcunhados Poemas, e insipidos Escriptos. Ao chegar ao Perestyllo do Templo, apparece-lhe huma Matrona, que *não conhece se he Mulher, se he Deosa*, como diz em hum prosaico verso, e que sem cerimonia o abraça, fazendo-lhe hum esfarrapado cumprimento acerca das suas fadigas literarias, e lhe diz que deve naquelle dia receber o premio da Sapiencia, e lhe faz hum intempestivo aranzel sobre as differentes castas de amor, a que reduz todas as paixões, e sentimentos, paradoxo, que nem ao menos he de sua invenção; diz-lhe finalmente que aquelle Templo

Encerra dentro em si Phylosophia

Altars alli têm, do Monte excelso

Genio a tem feito *Tutelar os Numes*,

Sacerdotes são seus, são seus Ministrôs

Esses engenhos transcendentés, vastos,

Que tão raro entre vós azilo encontrão,

Sustento, protecção, respeito, escudo,

A Fadiga sou eu; *nome tremendo*

A quem de hum occio torpe os braços busca,

E na mole (*Galicismo*) indolencia a vida exhaure

Mas he doce o meu nome a quem Virtude, (1)

(1) Amphibologia.

A quem merito apraz, *segue-me, oh Filho,*

Entra comigo os Porticos do Templo.

Nem se vê que he a Fadiga quem falla, pelo que nos causa a leitura destes disonos, e antipoeticos versos, e todo o Poema he neste estillo! a expressão *segue-me, oh Filho*, na boca da Deosa, dá ares da phrase da Lavadeira do Auctor. Ah! divino Camões! se o teu Poema fosse escripto como este do teu Zoilo, ha quanto tempo já o teu nome teria esquecido! segue-se huma *Scena comica*, o Auctor convidado pela Deosa para entrar no Templo, transforma-se no medroso da Comedia de Palafox, e começa a exclamar (porque elle he tão exclamador neste Poema, como o Gama sonhador no Oriente)

Que gelido suor me banha a frente!..

De vêa em vêa penetrante frio

O curso ao sangue fervido entorpece!

Tremi confuso, e vacilante o passo

Entre contrarios pensamentos movo.

Vi que d'Icaro o vôo, a acerba queda

(Que barbaridade de sons!) .. (que dureza! que impropriedade no epitheto *acerba* applicado a queda)

Desse soberbo, e destumbrado Moço

Que mal regea ignipedes Ethontes

Eu hia renovar!..

Eis o que he hum simile bem tirado! o vôo de Icaro com azas encerradas, e a entrada do Auctor em hum Templo, aonde o introduzia huma Divindade! Eneas quando entrou no Inferno não se mostrou tão Poltrão!...

Entra o Auctor no Templo; nova, e diffusissima descripção! novo lugar commum! tal he sempre o seu methodo de compor! Havia pelas Paredes *insolitas Pinturas*

Quaes nunca Raphael, quaes nunca ousara

Traçar pincel de Rubens portentoso.

A primeira familia alli se ajunta,

Arotear começa o campo agreste,

Nella o Pai foi Monarcha até foi Numen.

Cousa que contradiz formalmente a Escripturna, pois Adão não foi adorado por seus Filhos, e nelle, e nossa primeira Mãe, he que começou a primeira familia, e primeira Sociedade, não lhe precedendo como o indica o Auctor os Homens Brutos, e Agrestes; nem elle podia lançar mão desta tradição erronea dos Antigos Poetas Gentilicos, quando mais adiante poem Adão, e Noé entre os Bustos dos Phylosophos, que adornão este Templo. Semelhante absurdo de misturar a Fabula com a verdade historica não pôde desculpar-se em hum homem, que reprehende tanto o uso da Mythologia em Camões. Continua o Auctor em sua antipoetica phrase

Alli se observa progressivamente (1)

(1) Este verso digno do Thalaja, e do Henrique de Viola, (assim como

Multiplicar-se sempre a especie humana (e vai mui despejado pelo resto do canto traduzindo a seu modo) que fomos dizer disfigurando quanto á expressão, e colorido) Lucrecio, Milton, e Delille, e traçando os progressos da Sociedade, e do espirito humano; ora he necessario convir que para archyctectar este Canto, (a Invenção do Templo he furtada da Malaca conquistada de Sá e Menezes) não era necessario grande exorço de Imaginação.

Continuar-se-há.

N. B. Nem menos de dois Versos escapárão na composição typographica da Ode impressa em o N. 12, o que he evidente pelo discorde, e disparatado sentido que formão estes dois Versos:

Fallai, honradas Cinzas,

Dos que inda por acções o Mundo illustrão;
sendo aliás que deve ler-se, conforme ao original:

Fallai, honradas Cinzas,

Dos Homens na Memoria venerandos,

Fallai, Genios viventes,

Dos que inda por acções o Mundo illustrão.

Apontamos sómente este erro, por ser de tão grande marca; mas, bem a nosso pezar, conhecemos os muitos, e demasiados erros de typo, que podem notar-se em todos os Números passados: e, posto que seja este dezaire, e defeito hum quasi peccado original, a cuja macula he difficil o escapar, por mais desvelo, que nisso haja, esperamos com tudo que elles de ora ávante serão menos frequentes.

Os Números deste Periodico ficarão sabindo todas as segundas feiras.

todos os outros, cujos hiatos, cacaphonias, e durezas vão marcadas em Italiano,) mostra bem que he da abundante Hypocrene, de que dimanou, o que vem no Poema = Gama = e o unico que d'elle sabem de cor os Curiosos de Poezia, pois o que he summamente ridiculo se faz tão celebre como o que he summamente sublime

Eu chamo-me Thomé, no Emyreo moro.

OBSERVADOR PORTUGUEZ.

NUMERO II.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Mordeduras de Vibora.

Fontana (*) comparando hum grande número de factos, achou que, por exemplo, o alkali volatil, interior, ou exteriormente applicado, nenhum effeito produzia contra este veneno; e que o mesmo succede ao ácido vitriólico, ao ácido nitrico, ao ácido marinho, ao ácido phosphórico, ao ácido espathico, aos alkalis causticos, ou não causticos, tanto mineraes como vegetaes, ao sal marinho, e outros saes neutros: porém os oleos, especialmente o de terebenthina, pareceo-lhe poderem ter alguma utilidade. O melhor uso deste remedio, he o de embeber por longo espaço a parte mordida neste oleo muito quente; e julga tambem Fontana que he util o metter a mesma parte n'agoa, ou seja pura, ou misturada com agoa de cal, ou impregnada de sal commum, ou de outras substancias salinas: deste modo diminue a dor, e a inflammação, e a côr da parte ferida fica menos alterada, e menos livida.

Os vômitos produzidos pelo emetico podem tambem ser uteis: porém o que primeiro olhou Fontana como mais seguro contra os effeitos do veneno da vibora era o retalhar a parte mordida muito pouco tempo depois da mordedura, e conforme a grandeza dos animaes mordidos, porque os mais pequenos são os mais susceptiveis da acção do veneno.

Ainda mais: achando Fontana que os nervos não podem communicar o veneno, que este veneno só se derriama pelo sangue, e que as

B

(*) Felix Fontana, fallecido em 1805, foi hum dos mais sabios Physicos, e Naturalistas do seculo passado, e Director do Gabinete de Historia Natural em Florença.

feridas venenosas, mas superficiaes, na pelle não são perigosas, julgou que bastava impedir a circulação do sangue na parte mordida, e que nem ainda nos vasos menores era necessario suspendella para evitar os effeitos do veneno: muitas experiencias o induzirão a crer, que hum ligadura na parte ferida estorvaria a contágio interna, e geral, que mata os animaes; que logo que o veneno opéra no sangue das partes mordidas pela vibora deixa de ser nocivo, e se decompõe produzindo hum mal local, e que passado certo tempo não podia produzir enfermidade interna: porém não dando em geral o uso da ligadura aquella certeza, que Fontana esperava no começo das suas experiencias, tentou outras, e finalmente em hum supplemento ao segundo Tomo do seu *Tratado dos venenos* annunciou, que a pedra infernal destróe a virtude malefica do veneno da vibora; que he este o verdadeiro, e unico especifico contra o seu veneno; e que basta applicalla sobre a ferida, depois de a ter augmentado com algumas convenientes incisões.

Algumas vezes porém não se acode com o remedio a tempo, ou elle se não mistura com o veneno, porque nem sempre se pôde fazer penetrar a pedra infernal em todos os lugares, a que chegou o veneno, sendo os buracos feitos pelos dentes da vibora pequenissimos, e ás vezes imperceptiveis, e estendendo-se pela pelle com differentes direcções, e diversas profundidades, conforme as muitas, e mui varias circumstancias: a inflammação, e intumescencia, que sobremem, augmentão mais a difficuldade de descobrir estas direcções, de maneira que as incisões se fazem quasi á tôa; além de que o veneno introduz-se ás vezes de repente, e em grande quantidade por vir de alguns vasos, que os dentes penetrão, e a mordedura da vibora pôde matar mui breve, se os dentes ferirem algum grande vaso de maneira que o veneno chegue rapidamente, e em abundancia ao coração; o animal mordido soffre então huma especie de injeccão artificial do veneno, e o mal pôde ser incuravel. Não se pôde por tanto, segundo diz Fontana, ter a pedra infernal por sempre infallivel remedio contra as mordeduras de vibora; mas não se pôde duvidar dos seus bons effeitos, e bem pôde dizer-se que he este o verdadeiro especifico contra o seu veneno.

Finalmente, o veneno da vibora não he tão perigoso para os homens, e para os grandes animaes quadrupedes como commumente se julga; nem pela sua mordedura deve desconfiar-se da vida, ainda mesmo no caso de nenhum remedio lhe fazer, sendo muitas vezes o grande susto, que tal accidente inspira, huma grande causa de suas funestas consequencias.

„ Huma simples mordedura de vibora (diz Fontana) não he de sua
 „ natureza mortal; ainda mesmo no caso do sугeito ser mordido por duas,
 „ ou tres vaboras, seria sim mais grave a molestia, mas provavel-
 „ mente não seria mortal; e ainda que huma vibora mordesse hum ho-
 „ mem seis, ou sete vezes, e ainda que ella nas mordeduras distillasse
 „ todo o veneno, que as suas vesiculas contém, nem por isso se deve-
 „ ria esmorecer „

N B. Taes são os resultados das mais importantes experiencias, que, sobre os effeitos, e qualidade do veneno da vibora, atégora se tem fei-

to : isto he , quanto á vibora animal reptil ; porque , quanto á vibora animal homem , tal como esse , que a este Periodico chamou *Jornal de bichos peçonhentos , e dos reptiz venenosos* , o verdadeiro curativo de suas mordeduras he o desprezo.
Moniz.

ARTIGO II.

POEZIA.

Ode Anacreontica.

Se Pindaro leio ,
 Ao Ceo cristalino
 Me leva nas azas
 Seu Estro divino.

Das puras espheras
 Escuto a harmonia ,
 Nos Numes á Meza
 Gostando a ambrosia.

Mas quando a mim torno
 Como o , que findou
 D'hum sonho , que fundos
 Vestigios deixou :

Falesce a coragem ,
 E , com dissabor ,
 A Lyra , que pulso
 Desejo depor.

Porém se , a Phylinto
 Os olhos voltando ,
 Nos ares o vejo
 Qual Jove troando ,

Dos Ceos novamente
 Me occorre a visão ,
 E foge da idéa
 A antiga tenção.

Pois vejo , hindo a Lyra
 De novo tomar ,
 Que o Numen de Thebas
 Se pôde igualar.

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Juizo sobre o Poema = Newton. = Continuação do Número 1.

Temos passado todo o primeiro Canto de hum Poema , que se intitula Newton , sem ainda vermos fazer menção de Newton ; nem saberíamos qual he o assumpto , que o Poeta quer tractar , senão vissemos o Titulo no frontespicio. E que prova mais evidente pôde haver da cracissima ignorancia , em que o Auctor labora acerca das Regras da Composição ? Vejão-se todos os Poemas Didacticos , Epicos , e Descrip-

tivos, e se notará que seus Auctores logo nos primeiros versos entrão em assumpto, e nos mostrão de que se tracta. Porém o Auctor, que, sem ter como, Stay, ou Boscovick, os conhecimentos Mathematicos, e Physicos em tal empresa indispensaveis, cahira na tentação de fazer hum Poema a Newton, não tendo que dizer, pega-se pelas paredes, lança mão do miseravel recurso de mil digressões heterogeneas, e descripções deslocadas, e só tracta de encher quatro Cantos seja, como for, quando, se tivesse genio, e saber, nos podia interessar cantando as sublimes theorias do Phylosopho Inglez, os milagres da Atracção, os admiraveis effectos da luz, e a importancia, e utilidade de suas descobertas. Como dissemos acima que o Maravilhoso deste Poema era absurdo, e nullo, observaremos em prova disso que sendo o Poeta, (como diz) arrebatado por hum *Genio habitador do Olympo*, nunca mais em tal Genio se falla; e com effecto, depois de apparecer a Fadiga, que introduz o Poeta no Templo, que papel havia representar o Genio? mas por isso mesmo he que não devia ser introduzido ao principio, pois no plano do Auctor só á Fadiga cumpria arrebatá-lo.

Abre-se o segundo Canto com os seguintes versos, em que reina a dureza, e prosaismo, que desfigurão todo o Poema

*Da sapiencia antigos Amadores,
Os Sacerdotes do celeste Nume,
Ao sacrosanto Templo alto ornamento,
Com seus Bustos em Porfido formavão
Do magestoso altar decoro illustre.
Puro innocente altar, onde a profana
Mão despiedada dos Mortaes intrenes
Nunca pozera victimas de sangue.*

A primeira cousa, que temos a censurar aqui, he o ridiculo desparate de suppor que no Templo de huma Divindade, que he vivente, anda, e falla, sejam os Sacerdotes de Porfido. Frades de Pedra sabiamos nós que havia pelas Ruas da Cidade nova, mas Sacerdotes de Porfido só no Templo da Phylosophia do Auctor!.. a segunda he a embrulhada gramatical de,, Sacerdotes do celeste Nume, alto ornamento ao Templo, plo sacrosanto, que fómão com seus bustos de Porfido o illustre decoro do magestoso altar,, que Edipo decifrára o enigma desta Sphynges?. he preciso confessar que inda em nossa lingua não appareceo hum Poema em estillo mais incorreto, e barbaro. É he este o homem que a si arroga os foros de censor universal? que moteja Camões? que desdenha de Virgilio? que publicou a sua Traducção das Odes de Horacio para *resuscitar a nossa Poesia?* ,, *risum teneatis, amici* ,, ?..

Como no Canto antecedente descreveo as Pinturas do Templo, vai neste descrevendo as Estatuas dos *Sacerdotes de Porfido*. O primeiro que se lhe apresenta he Adão, depois Noé, e vai continuando com Chaldeos, Egypcios, Gregos, Italianos, Alemães, Inglezes, Francezes, pondo assim em verso o Dictionario dos Homens illustres no que diz respeito á Biographia dos Phylosophos. No meio desta Nomenclatura apparece hum turgido Elogio de Seneca, acompanhado da seguinte Nota ,, Creio que se não pôde dar mais justa, nem mais merecida

„ Apostrophe. Nós já não temos Seneca; temos os Escriptos de Seneca; ca; nunca os volto, e medito, que me não sinto maior. Eu chamo „ a cada huma de suas Paginas „ o *Enthusiasmo da Virtude*. Huma „ palavra de Seneca he hum discurso, que mostra, e persuade a nobreza do ser humano, a pequenez da Terra, o encanto da Immortalidade. „ Seneca não se faz estimavel nem como homem, cousa que até o Auctor confessa adiante, nem como Escripitor. Como homem foi hum Sybarita, que prégava enfaticamente a virtude, que não praticava; hum Adulador de Nero, que teve a baixeza de desculpar o matricidio, que este monstro commettêra contra sua Mãe Agripina. Como Escripitor he o espirito mais Paradoxal, e falto de Dialectica, que appareceu na antiguidade, sem algum merito mais, do que algumas sentenças, que só valem destacadas; he em huma palavra hum *Declamador*, hum *Sophista*. Veja-se a Analyse dos Escriptos de Seneca no Tomo 3. do Lyceo de Ia Harpe. A paginas 83 sahe com esta apostrophe a Magalhães.

Tu nos meus versos mofaras do Lethes,

E a gloria, que te nega a Patria ingrata,

Em suaves cansões te outhorza hum Vate,!!!

Ah! permittira o Ceo que o preço humano (*Gali.ismo*)

A' morte não pagára alma tão grande!

Já nas Prosas, que precedem o *Oriente* tinha o Auctor chamado a Magalhães o *primeiro dos Humanos*. Não lhe queremos negar a gloria de Grande Navegador; mas sustentamos que foi *mão Cidadão*, e he muito para estranhar que quem, como o Auctor, se quer inculcar tão fervoroso Patriota, tome o partido de hum homem, que negou o nome Portuguez; e foi, com prejuizo da Patria, abrir a hum Monarca Estrangeiro novos caminhos para conquistas. Demais Fernando de Magalhães não foi perseguido; negou-lhe sómente EIRei hum augmento de Moradia, porque o igualava a outros, com quem suas qualidades, segundo as Leis do Reino, lhe não permittião hobrear; logo o epitheto de *ingrata*, que o Auctor dá neste lugar á Patria, he hum escandaloso absurdo; he estabelecer hum principio, que destroe pelas raizes toda a boa Moral, e dissolve todos os vinculos da Sociedade, dando a todo o ambicioso, a quem a Patria não preencha os seus desejos, ainda com deterimento da Constituição, o direito de passar ao serviço de hum Soberano Estrangeiro: esta doutrina pôde ser do agrado de muita gente, mas não foi de ceito a dos Camilos, dos Fabios, dos Crillons, dos Pachecos, e de todas as grandes Personagens, que souberão alliar o merito com a virtude, e conhecer que os serviços, que hum homem faz á sua Patria, são hum dever, e não hum favor. Não he com tudo nossa opinião que o Auctor tenha a desgraça de seguir semelhante systema, e por isso supponmos que a falta de reflexão com que esc eve tudo, e sua absoluta carencia de Logica lhe não deixáráo vêr as funestas consequencias, que derivavão do principio que estabelecia.

A Pag 67 diz fallando de Diogenes

Se houve grande Phylosopho he só este!

Era occasião de parodiar assim este verso

Se ha grande desproposito he só este!

Que tal está a alternativa! ou não ha grande Phylosopho, ou, se o ha, he esse o Cynico Diogenes!.. quantos absurdos neste só verso! pois hum homem, que professava a mais ridicula Seita da antiguidade, e que até não merece o nome de Phylosophia, ha de ser maior Phylosopho que Socrates, Platão, Aristoteles? e além disso, não vio o Auctor que o fim do seu Poema era elogiar hum Phylosopho; e que quando se ha grande Phylosopho só o he Diogenes, fica Newton inferior a elle!.. Não he isto escrever sem ter na idéa mais do que a Pagina que se escreve? senão aqui temos a Pag. 68 hum Phylosopho, a quem nem o mesmo Newton he superior.

Apolonio eu bem destingo,

Tem nas mãos o compasso; e tem na terra
 Immoveis sempre os encovados olhos;
 Allí descreve as trabalhosas curvas.
 Além disto não mais surge esta idade;
 Nem mais Eulero diz, nem mais la Grange,
 Profundo d'Alembert, e o que entre os Astros
 Parece andar meditador la Place,
 Que o vasto Genio, que penetra abysmos
 Lança de Sol em Sol, de mundo em mundo,
 Té devisar de tudo o immovel centro!
 Tu mesmo, oh Galileo, tu mesmo, oh Newton,
 No Laberynto das cruzadas linhas
 Não mais atinas,...

Quem diria que em hum Poema, cujo Titulo he Newton, seria Newton assim nomeado pela primeira vez? respondão os apaixonados do Auctor (se pôde have-los) he isto saber compor? eis-aqui como a Pagina 70, fallando de Pytheas, diminue a gloria de Newton tirando-lhe o merito da invenção,

*Talvez nelle encontrasse o germe, a fonte
 De seu systema de atracção, sublime
 Infatigado explorador Britano!..*

Dapois do Auctor se ter feito advogado de causas perdidas, e ter mettido mão á espada por Seneca, e Magalhães, fôra inconsequente se deixasse tambem de defender Epicuro, e apezar da sua reconhecida impiedade, e hypocrisia, diz sem reboço algum

o Vulgo insano
 Nelle descobre hum impio, eu vejo hum Sabio
 Frugal, modesto, taciturno, humilde,
 Que d'alma no prazer puro, e sincero
 Suprema quiz constituir ventura.

Sabemos que algumas pessoas, ou por malicia, ou por falta de reflexão, pertenderão modernamente fazer acreditar esta voz, que hum Discipulo de Epicuro, para credito de seu Mestre, pertendeo, mas de balde, divulgar entre os antigos: porém todos os, que entendem o, que nos resta de Epicuro conhecem que isto he huma chymêra, pois a palavra *hedone* de que elle usa para explicar o Prazer, não significa, nem pôde significar em Grego senão o *prazer dos sentidos*, o que em Latim se

diz *voluptas*. Assim o entendem todos ; e Cicero , que não era pertencente ao *Vulgo insano* , Cicero o maior Phylosopho dos Romanos , e profundamente instruido em todas as Seitas da Phylosophia dos Gregos , diz combatendo Epicuro , e os que pertendião paliar a impiedade de sua doutrina. „ Hoc frequenter dici solet a vobis , non intelligere „ nos quam dicat Epicurus *voluptatem*. Quod quidem mihi , si quando dictum est , est autem dictum non parum soepe , etsi satis clemens „ sum in disputando , tamen interdum soleo subirasci. Ego non intelligo quid sit *hedone* grece , latine voluptas „ ? o Abade Bateux , que tambem não era *vulgo insano* ; diz o mesmo „ Epicuro falla de huma „ voluptuosidade , de que todo o animal logo ao nascer tem conhecimento só pelo sentimento , e traz para exemplo o Menino recém-nascido , e a Besta bruta , que por mero instincto da natureza busca o prazer ; logo a nocção contida na palavra *prazer* não he huma cousa tão mysteriosa , e difficil de penetrar. „ Finalmente la Harpe o mais austero Critico , e talvez a cabeça mais dialectica , que tem apparecido em França , se exprime deste modo „ He igualmente provado que os „ que tentarão explicar , e justificar a Phylosophia d'Epicuro attribuindo á alma quanto elle dizia da voluptuosidade , se enganarão em cheio. „ He verdade que não temos as obras de Epicuro ; porém estas andarão no tempo de Cicero em mãos de todos , e quando Cicero cita passagens inteiras como textuaes , em presença de hum Epicurista , a quem desafia para negar o texto , não podemos julgar que Cicero quizesse gratuitamente mentir , e citar de falso quando o podião facilmente desmentir. He tambem certo que Epicuro , como envergonhado da sua doutrina (o que he bem crível) a embrulha em alguns lugares a ponto de correr risco de o não poderem entender , nem conciliar ; e os seus Discipulos , que não querião passar , segundo a expressão de Horacio , por *Porcos da manada de Epicuro* , aproveitavão-se destas obscuridades para gritar calumnia , e lamentar-se continuamente de que condemnavão a sua phylosophia porque não a entendião , e não foi esta a unica vez que , em circumstancias identicas , se lançou mão deste artificio para remover o odio , ou o perigo de huma doutrina *perversa* , e conservar o direito , e meios de espalhar o contagio della. „ Ora que tal está a doutrina do homem em que o Auctor vê hum *sabio* ! bastarão as citadas authorities para lhe mostrar que não he só o *Vulgo insano* , quem vê em Epicuro hum *ímpio* ? cremos que a sua impiedade , e a hypocrisia com que frequentava os Templos , orando fervorosamente aos Deoses , ácerca de quem vinha depois em seus Jardins soltar as blasphemias , que Lucrecio adornou com seus versos , são tão claras , que só he mais claro aquelle clarissimo verso do Auctor

Eu chamo-me Thomé , no Empireo moro.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.

A verdadeira origem de huma Casa , não só illustre , e grande , mas excelsa , e soberana , com impreterível fundamento deve ser objecto da mais cuidadosa , e sábia averiguação. Desta classe he sem dúvida o conhecimento da Ascendencia , e Progenitores do Conde D. Henrique , Soberano Tronco de nossos Augustos Monarcas , e glorioso Fundador do Lusitano Imperio. Do alto nascimento deste Principe ninguém até agora duvidou ; porém he tão grande a variedade das opiniões , como se póde vêr no pequeno , mas muito elegante , e bem fundado Tratado , que sobre a presente materia escreveu o Real Conde Theiro Duarte Ribeiro de Macedo. E sendo este hum ponto tão importante , que nelle tem interesse não só a Real Familia deste Reino , mas universalmente toda a Europa , ou todas as Corôas da Christandade , nos pareceo poderia merecer alguma desculpa , e ainda ser bem avaliado , e recebido este novo trabalho , e Arvore Genealogica que aqui damos.

O Augusto , e famoso Principe D. Henrique , Conde Soberano , e Senhor de Portugal , de quem faz menção o Conde D. Pedro. no seu Nobiliario , ou Livro das Linhagens de Portugal no. Tit. 7. como primeiro Ascendente , tronco , e origem de nossos Augustos , e Soberaos Monarcas , foi Filho de Henrique , Principe Herdeiro da Real Casa , e Estado do Ducado de Borgonha , em França , e de sua Esposa D. Sancha , Infanta da Real Casa de Barcelona , e do Real Sangue dos Monarcas Godos de Hespanha ; a quem os Escriptores Francezes chamão commummente Sibylla.

A respeito da linha Paterna do Conde D. Henrique , temos primeiramente a irrefragavel authoridade do Codice Floriacense escrito por hum Monge do Mosteiro de Fleury , situado sobre o Rio Loire , na Diocese de Orleans , no mesmo tempo , em que vivia o Conde D. Henrique ; e ao menos , em idade muito proxima ao mesmo Conde ; e he cousa certa , e indubitavel , que a authoridade do sobredito Codice he sem controversia alguma incontrastavel , e irrefragavel ; he certo , e indubitavel , que nos factos puramente historicos , a opinião que he fundada sobre documentos authenticos , e verdadeiros , prevalece , ou prefere á opinião que he fundada meramente sobre a authoridade dos Escriptores , ou sobre méras conjecturas , por ter a primeira destas opiniões da sua parte maior probabilidade , ou certeza. E he tambem certo , e indubitavel , que em semelhantes casos , ou no concurso , e variedade de Auctores , a authoridade dos Escriptores Nacionaes prefere notavelmente á dos estranhos ; por quanto sempre se suppõem estes estarem menos bem instruidos que os nacionaes no conhecimento da

verdade respectiva ao proprio paiz. E he finalmente indubitavel, e certo, que no grão da méra probabilidade pelos Escriptores, e dos Auctores Coevos, ou quasi Coevos he muito maior que a dos modernos, ou posteriores; principios de que ninguem duvida, nem se deve disputar. E o Auctor do sobredito Codice, além de ser Francez, ou nacional, he tambem Coevo, ou quasi Coevo, como se mostra pelos casos que refere, succedidos naquelle tempo.

A legalidade, e authoridade do sobredito Codice Floriacense, se corrobora, e faz manifesta com a authoridade, e testemunho de outros Escriptores tambem nacionaes, ou Francezes, e anteriores á publicação do mesmo Codice, feita por Pedro Pitheo em Francfort, no anno de 1596. Porque tratando estes da successão de Roberto II. Rei de França, a que chamarão o Devoto, e da primeira linha da Casa de Borgonha, todos affirmão, que Roberto II. Rei de França, o Devoto, tivera filhos; e que destes o primeiro se chamava tambem Roberto, como seu Pai; e o segundo tivera o nome de Henrique; que este fôra Rei de França, e o primeiro Duque de Borgonha; que este Duque Roberto tivera dois filhos, o primeiro chamado Henrique, e o segundo Hugues, ou Hugo; que destes Henrique falecêra ainda em vida de seu Pai, o Duque Roberto, deixando successão; e lhe nomeão dois filhos, Hugues, ou Hugo; e Eudes, ou Odo; hum dos quaes nomes querem alguns seja o mesmo que Henrique. (1)

Assim testificão Ordorico Vital, que floreceo no fim do Seculo undecimo no Livro 7. e 13. da sua Historia Ecclesiastica: assim o diz tambem o monumento, que se achou no Cartorio da Igreja de Santo Estevão da Cidade de Dyjon, que refere Du-chesne, Hist. Geneolog. des Ducs de Bourgogne; Preuv. pag. 14. Chaulcondilo, que viveo pelos annos de 1460.; e no Livro 5. da sua Historia diz, que os Reis de Portugal procedem da Casa Real de França, segundo refere Godefroy no seu tratado sobre a origem dos Reis de Portugal. Guilherme Paradim na sua estimada Obra dos Annaes de Borgonha, que imprimio em Leão no anno de 1566. no Livro 6. ao anno de 1606. pag. 158. Francisco Belle-forest na sua Obra dos Annaes, e Historia Geral de França, que imprimio em 1573., e pouco depois em 1579. em París, no Livro 3. Cap. 9. pag. 387. João Tillet. na sua Obra, Catalogo dos Reis de França, impressa em París no anno de 1580. a pag. 65.

E concordando assim em tudo os referidos Historiadores Nacionaes, e anteriores á publicação do dito Codice Floriacense, feita por Pedro Pitheo, com o mesmo Codice, e Exemplar em tulo quanto neste se refere, a respeito da geração, e successão, que teve o Principe Henrique, filho de Roberto Duque de Borgonha; e differindo, ou nelle se omitindo sómente o nome de Henrique, Conde Soberano de Portugal, entre os filhos de Henrique, Principe Herdeiro da Casa de Borgonha, e netos do Duque Roberto, de que faz menção o referido Codice, e Exemplar Floriacense, falta, e omissão muito facil, e natural, e tão leve, que nada obsta para a total, e substancial harmo-

(1) Ve Paradim pag. 173.

nia; he certo, que a authoridade do referido Codice, e Exemplar Floriacense muito se corrobora com a fé, e credito, que merecem taes Escriptores.

E se huma falta, ou omissão deste genero bastasse para destruir semelhante harmonia, e negar a existencia de hum Principe; diriamos que Roberto não foi filho de Henrique, Principe Herdeiro do Estado, e Casa de Borgonha, e Irmão de Hugues, e Eudes, todos tres netos do Duque Roberto; de que faz menção Orderico Vital no Livro 13. de sua Historia pag. 1074., porque delle não fazem memoria muitos Auctores, que escreverão a Historia de França; o que se não pôde affirmar, sabendo todos, que o argumento negativo fundado no puro silencio dos Escriptores, em materia, ou factos historicos, nada vale. Sobre outras circumstancias, pelas quaes tambem se justifica o credito, e authority do referido Codice Floriacense, se poderão vêr os Auctores que tratão desta materia.

A respeito pois da linha materna do Conde D. Henrique, seguirão alguns Auctores modernos que elle fôra filho de Sibylla, Irmaã de Guilherme II., filhos ambos de Raynaldo I., Conde de Borgonha, e de sua mulher Judith, ou Adelayde de Normandia; o que he erro, ou engano manifesto. Por quanto Eudo, Duque de Borgonha, e Irmão do Conde D. Henrique, casou com Matilde, filha de Guilherme II., e neta de Raynaldo I. Conde de Borgonha; e se Guilherme II. fôra Irmão de Sibylla, e esta Mãe do Duque Eudo, e do Conde D. Henrique, seguia-se que Eudo, e Matilde, como filhos de dois Irmãos, erão entre si Primos com-Irmãos, e neste grão de parentesco não podião casar, nem o Papa naquelle tempo concedia para semelhantes matrimonios a necessaria dispensação; antes em lhe constando, ou tendo noticia de taes casamentos, immediatamente mandava separar os Conjuges; o que na Historia he bem evidente. Veja-se Orderico Vital Hist. Liv. 13. Duchesne Prov. pag. 15. 16. o P. Anselmo. Hist. Genealog. da Casa Real de França, Tom. 1. pag. 538. 539. Salazar, e Castro, Glorias de la Lasa Farnese Part. 2. Cap. 8. pag. 698., e 704.

Para estabelecer pois a verdadeira filiação, e linha materna do Conde D. Henrique, he preciso advertir, ser principio invariavel, e recebido por todos os Escriptores, que tratão a presente materia, que a origem, e ascendencia do Conde D. Henrique se ha de decidir pela authority do Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo Ximenes, e de El Rei D. Affonso, o Sabio; e ao menos que ao testemunho destes dois veneraveis Historiadores, se não deve oppôr, mas antes conformar a opinião, que se seguir; por serem ambos estes Historiadores, além de Nacionaes, tambem Coevos, ou quasi Coevos ao mesmo Conde D. Henrique.

Por quanto o Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo Ximenes, primeiramente era nacional, porque foi natural de Navarra, e estudou na Universidade de París; o que tudo muito conduzia para estar bem instruido nas cousas de França, e de Hespanha. Foi tambem quasi Coevo ao Conde D. Henrique, porque tendo sido eleito Bispo de Toledo no anno de 1208., e suppondo teria neste tempo quarenta annos

de idade , veio a nascer este Prelado pelos annos de 1168. O que mais se adianta , e corrobora com a authoridade do Padre João de Marianna , o qual affirma na sua Historia de Hespanha , que o Bispo D. Rodrigo Ximenes quando falecêra era já muito entrado em annos : *Annus gravis erat* ; das quaes palavras com boa dedução se colligge chegaria este Prelado já nesse tempo a noventa annos ; e sem dúbida que passava muito dos oitenta ; e constando pela Historia , que occupou a Cadeira de Toledo por trinta e sete annos , para chegar a tanta velhice , era preciso ter nascido pelos annos de 1158. E segundo esta Chronologia , e computo de annos , facilmente podia o Pai do Bispo D. Rodrigo Ximenes ter alcançado o tempo , e governo do Conde D. Henrique ; e sem controversia alguma o alcançou o Avô deste Prelado , o qual podia communicar qualquer noticia a seu filho ; e este ao dito Prelado seu filho. ElRei D. Affonso , além de nacional , Príncipe , e Sabio , começou a reinar em 1252 , tempo muito proximo ao dito Conde.

Estes dois Historiadores dizem pois , que Raymundo que casou com a Princeza D. Urraca , filha , e herdeira de Affonso VI. Rei de Castella , e que se intitulou Conde de Galliza ; e D. Henrique , que casou com a Infanta D. Thereza , filha do mesmo Monarca , e que foi Conde Soberano de Portugal , entre si erão Primos com-Irmãos ; e parentes muito chegados. D. Rodrigo Ximenes , Arcebispo de Toledo na Chronica , que escreveu de Hespanha , Liv. 6. Cap. 21. diz estas palavras , *Genuit (falla de Affonso VI.) aliam filiam , que Tarasia dicta fuit , quam duxit Comes Henricus , Congermanus Raymundi Comitis , patris Imperatoris*. A mesma noticia nos dá ElRei D. Affonso , o Sabio , na Chronica antiga de Hespanha , composta por elle , ou por ordem sua , e depois vista , examinada , e emendada pelo Mestre Florião de Ocampo , e impressa em Zamora , a primeira vez em 1541. e diz assim : Fue este Conde D. Henrique Cormano del Conde Don Ramon , padre del Emperador Don Affonso. E he cousa sabida , que a palavra Latina *Congermanus* no Idioma antigo de Hespanha se interpretava Cormano ; e que na Chronica de Affonso , o Sabio , só os Primos com-Irmãos , e parentes em tal grão he que se dá o nome de Cormano , porque aos Irmãos se dá o nome de Ermano.

Segue-se agora declararmos a razão do parentesco , entre o Conde D. Henrique , e o Conde D. Raymundo. Este foi filho de Guilherme II. Conde da Alta Borgonha , a quem chamarão Cabeça ardente , ou o Atrevido , ou o Fogoso ; e de sua mulher Estiennetta , ou Estephania de Barcelona , a qual era filha de D. Raymundo Berenguer , Conde , e Senhor de Barcelona , segundo deste nome ; a quem chamarão o Louro , ou cabeça de estopa , e de sua mulher D. Sancha de Navarra. Consta de huma Doação , que esta Princeza fez á Igreja de Santo Estevão de Bezançon pela alma do Conde Guilherme , seu marido , em presença , e com o consentimento de Hugo , Arcebispo de Bezançon , e de Raymundo , Conde de Borgonha , seus filhos , cujo Documento se allega na Historia Geneologica da Casa Real de França pelo Padre Anselmo , Tomo 8. pag. 411. aonde trata dos Condes da Alta Bourgogne n. 7.

O Príncipe D. Henrique, Pai do Conde D. Henrique primeiramente não era Irmão, Primo, ou parente de Guilherme II., Cabeça ardente, Pai de D. Raymundo, Conde de Galliza, porque Guilherme II., Conde de Borgonha, foi filho de Raymundo, ou Raynaldo, Conde de Borgonha; e de sua Esposa Judith, ou Adelayde de Normandia: neto paterno de Guilherme Othão, Conde de Borgonha, e de sua Esposa Ermentrudes de Vermandois; e neto materno de Ricardo, Duque de Normandia; e de sua mulher Judith de Bertanha, e o Príncipe Henrique, Pai do nosso Conde, foi filho de Roberto, Duque de Borgonha, &c. Do mesmo modo o Príncipe Henrique, Pai do Conde D. Henrique, não era Irmão, Primo, ou parente de Estephania, ou Estiennette, Infanta de Barcelona, Mãe do Conde D. Raymundo, como he manifesto.

Segue-se pois, que o parentesco primeiro, e grão de Primos, que tinha o Conde D. Henrique, com D. Raymundo, Conde de Galliza, era por parte da Mãe do dito Conde D. Henrique. E não podendo esta ser Irmã de Guilherme II., Cabeça ardente, Pai do Conde D. Raymundo, como já fica mostrado; em razão do casamento de Eudo, Duque de Borgonha Irmão do nosso Conde D. Henrique, com Mathilde, filha de Guilherme II., Conde de Borgonha, por serem Eudo, e Mathilde, Primos com-Irmãos, ou em segundo grão, o que então se não dispensava; segue-se evidentemente, que a Mãe do Conde D. Henrique, era Irmã de Estephania, ou Estiennette, Mãe do Conde D. Raymundo; a qual se chamou D. Sancha, de que faz menção Diago Historia de Barcelona, Livro 2. Cap. 66. e 67. Este argumento he tão sólido, como fundado na authoridade dos dois primeiros Historiadores de Hespanha; o Arcebispo D. Rodrigo Ximenes, e El Rei D. Affonso, o Sabio. Esta opinião se confirma tambem com o Escudo de Armas, de que por muito tempo usarão os Reis de Portugal; em o qual se via por Timbre hum Dragão: o qual Timbre he o mesmo que se descobre no Escudo das Armas do Principado de Barcelona; e não podemos dizer, que aquelles Monarcas escolhêrão semelhante insignia por acaso, e sem algum motivo: antes parece foi para deste modo conservar a memoria da alliança dos antigos Duques de Borgonha com os primitivos Soberanos de Barcelona.

Tambem nos inclina a esta asserção vêr, que sendo costume, quasi inalteravel das Senhoras, tomarem o nome de suas avós deo o Conde D. Henrique a sua primeira filha o nome de Sancha; que devia ser o de sua avó paterna.

Continuar-se-ha.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO III.

ARTIGO I.

SCIÊNCIAS, E ARTES.

Essencia da Sensibilidade.

A Faculdade de sentir he o meio, que a Natureza outhorgou a todos os corpos viventes para escolher o que he proprio para manter a sua existencia, e regeitar, ou fugir quanto lhe possa ser nocivo. Parece que todos os individuos, que della são dorados não se occupão em todo o curto intervallo de sua duração, mais do que em pôr em uso sem algum descanso esta importante funcção. Attentos, como a Aranha no centro da sua têa, a todos os movimentos, que em roda delles se operão, são, pelo sentimento que lhes imprimem, advertidos do que devem desejar, ou temer pela parte delles. A dôr, ou o prazer, consequencias necessarias de tal sentimento, os impellem a forrar-se, ou a entregar-se a suas impressões, e determinão nas differentes especies a natureza, e energia de seus appetites, costumes, paixões, e todos os demais attributos, que os distinguem. Os corpos insensíveis, limitados ao espaço que occupão, isolados, e sem alguma relação, ao menos perceptível, com os objectos que estão longe delles, ou que com elles não tem communicação immediata, só pelas leis do choque, e movimento da materia he que são affectados pelas causas presentes, e exteriores. Passivos, e indifferentes só lhe oppõem a resistencia de sua massa, sem mais interesse de conservar seu estado, do que a força de energia, que se oppõe á sua mudança: todos os movimentos, que os agitação, todas as modificações, que soffrem, são nelles effeito de huma impulsão estranha, cuja intensidade não saberão augmentar, nem diminuir

sendo faltos de todo o principio de acção propria, e residente nelles mesmos, isto he daquellas faculdades de sentir que obrigão de continuo os seres viventes a movimentos espontaneos, de que o seu benesse, e conservação he o objecto mais, ou menos remoto. As relações que os seres organizados tem com as differentes partes do Universo são muito mais extensas, posto que diffirão em cada especie em razão de sua constituição, faculdades, e precisões. Alguns destes entes, como os animaes, e especialmente os Homens, lanção-se por meio dos sentidos além do espaço que seu corpo contém, e commerceão com grande número de objectos remotos, ou estranhos; e cada hum delles he, digama-lo assim, o centro de huma esphera, maior, ou menor, a que todos os pontos de sua extensão se referem. As impressões das causas exteriores, não são para elles, como para os corpos insensíveis, e desprovidos de vida, proporcionados á impressão physica das ditas causas, e á força resultante de sua massa, e ligeireza. Estas impressões sempre são relativas á constituição, e gráo de sensibilidade do Ente que as prova; muitas vezes huma causa mui leve excita nelle os mais violentos motos, e esforços, quando outros que deverião communicar-lhe hum forte aballo, não produzem nelle effeito algum. Que convulsões, e desordens não excita em hum animal huma pequena dose de certos venenos? seria grande engano acreditar que estes symptomata sejam hum physico, e necessario effeito de taes venenos. Para convencer-nos do contrario basta considerar, que estes mesmos venenos não tem acção sobre os animaes privados de vida; e não são sómente os venenos que operão por virtudes, que nos são desconhecidas, mesmo aquelles a quem mais se attribue a acção mecanica, como o Emetico, e o Arsenico. Inda mais; seu effeito não differe sómente nos diversos individuos; differe tambem nos mesmos individuos, conforme as diversas circumstancias, e estado, em que se encontram. Finalmente todos os phenomenos da sensibilidade indicão no animal certo instincto vigilante, cujos esforços, para reflectir no que lhe pôde daminar, parecem responder menos á natureza, e poder das causas, de que emanão, que ao juizo, que delles faz, e ao perigo, que nelles percebe. Sendo a sensibilidade differente nos diversos animaes, em razão de constituição, e nos differentes individuos da mesma especie em razão de seu temperamento, costumes occupações, e habitos, não se duvida que ella até certo ponto pertença a algumas condições physicas, na verdade mui difficeis de determinar exactamente.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

P O E S I A.

O D E.

Trahit sua quemque voluptas.
Virgilio.

Em dourado carrinho estrepitando
Folga o ôco Mireo, se á desfilada
Nas ruas, que amotina, ou tomba, ou ganha
A dianteira aos outros.

Namorado de si o fofô Aulizo
Nem pelos proprios Numes se trocára,
Só attrahio no passeio os vagos olhos
De lépidas Madamas.

Cravando aquelle pelos Geos a vista
Compõem, decompõem Mundos, e insensato
Cuida dar leis aos Orbes, quando o pobre
Nem a si réger sabe.

Ess'outro, a expensas d'ouro, insectos, pennas,
Pintadas conchas, esqueletos d'aves
Soffrego ajunta, em quanto os rotos filhos
Escasso pão almeirão.

Amaldiçoa o mar, nadando escapa
Ganhoso Mercador, e, ao vê-lo em calma,
De novo entrega ao pérfido Elemento
Os dias que salvára.

Outro, esquecido da mimosa Esposa,
Das doçuras d'amor, pesado o braço
Do lustroso fuzil, fatiga as selvas
Na piza ao veloz Cervo.

Paixão a todos dominante arrasta :
 Eu estranho ás invejas , e aos partidos
 Sem de nada curar , mesmo da gloria ,
 Porque se matão tantos ,

Só desejo viver tranquillo , e quêdo ,
 A teu lado , ó Lieutard , as amarguras
 Adoçando-me o Nectar , que produzem
 D'Hesperia , e Lysia os Montes.

Depois , correndo na incuriosa Lyra
 Os dedos preguiçosos , teus fêitiços
 Hir descantando em sons , a que sobeja
 Ser de ti escutados .

Em extase d'Amor beijar-te as faces ,
 Nos amorosos braços apertar-te ,
 E em teu morbido seio espreguiçado
 De manso adormecer-me .

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

Presumpções.

Sempre o Mundo assim foi, todos tem suas presumpções: em alguns são justas, em poucos chegam a ser virtuosas; em muitos são toleraveis, e em geral insoffríveis, e viciosas: porém, como o desejo do verdadeiro bem he natural a todos os Homens, e a imagem da virtude he hum phantasma perseguidor de todos perversos; daqui vem que todos buscão attribuir-se as boas qualidades que não tem, presumindo de ser o que na realidade não são. O Homem ignorante, quer parecer sabio; e douto, e erudito o pedante: o Homem doble e venal, ostenta de recto, e desinteressado: o Homem malevolo, espião, delator, e calumniador, quer ser tido em conta de Homem probo, vigilante, incorruptivel, e zeloso; e, se a má fortuna de

seus Concidadãos permite que elle exerça algum honroso ministerio, com a capa desse ministerio pertende cobrir todas as suas torpezas: pois se alcança algum honroso patrocínio? Então Deos nos accuda! As Sibyllas não se tomáráo de tão violento furor prophetic, como elle do furor dá maledicencia, e presumpção.

Acaso havendo algum que no decurso de muitos annos se tenha bem dado a conhecer, e em quem todas estas circumstancias se reunão, sahe-se elle, e diz,, Eu sou hum Homem de prodigioso talento, e lição; sou hum Escriptor tão copioso e corrente, que em duas horas estendo manuscripto para cem paginas impressas, e nada borro do que escrevo = Author que não bórta, Author de bórta (lhe respondem) por isso vós tendes regalado de encher tantas paginas (e isto seja dito sem a canceira de vo-los apontar, porque seria o processo quasi infinito) tantas paginas de tão graudos destemperos, e sandices,, Sandices, e destemperos! Eu destemperos!..... Inveja, cegueira, ignorancia: quem mais sabio, nem mais fecundo do que eu? Eu, Author de quasi toda a casta de composição em prosa e verso, custando-me tanto huma cousa, como outra: eu Traductor purissimo de Poemas Lyricas elegantissimas, de Tragedias soberbissimas, e de hum excellentissimo Poema Epico, muito melhor que a Eneida, obra prima que encova noventa braças a Lusiada, obra immortal de que me deo cabo a porca da minha Lavandeira! Eu Author de tantissimas peças de Eloquencia acabadissima, tantas obras de Philosophia profundissima, e tantos gravissimos Poemas Epicos, e Philosophicos, além de tantos graciosissimos Folhetos, tantas Críticas frisantissimas, e tantas outras obras estimadissimas, de que he raro achar algum exemplar! = Tendes escripto, he verdade, muitas obras de Eloquencia, Poetica, e Philosophia, e com todos os vossos superlativos as tendes posto na espinha: tendes tambem muitas obras Críticas, e nessas verte a maldade, e desaparece a boa intelligencia; porque quasi que não fazeis huma citação certa, nem dizeis cousa que verdade seja, torcendo todas para os vossos fins: como Traductor, não entendeis os originaes, e os desfiguraes onde os entendeis, tirando-lhe todas as galas e donaires; e mágoa he o descuido da vossa Lavandeira, que, sem isso, teriamos mais hum Epico pastel dos de vossa feição, que os fazeis inimitaveis: Philosophia a que tendes, e escreveis, quando não he errônea, he rançosa, e tres seculos atrazada; de maneira que o maior de todos os Philosophos parece em vossos versos hum ninguem: de Eloquencia ainda não escrevestes huma só peça conforme as regras da Oratoria, fizeráo-vos por isso alguns pequenos escalavros, e não vos souberáo dar em cheio; porém não vos succede assim quanto aos vossos Poemas, que em todos os dias de vossa vida não saccodireis do cachaço

as garrochas com que tanto tendes barafustado : pois olhai que não ficou inda pouco que vos dizer ; mas para que, se vós sois incorrigivel ? „ Eu não digo que sou perfeito, porque aos Homens não he dada a cabal perfeição : mas quem poderá negar que os meus Poemas são o mais perfeito possível, e que mais chapados ainda nenhuma Nação os teve, como ninguem lhe fez fez mais soberbas dedicatorias ? = Não ha remedio senão dizer-vos alguma cousa do que sabeis, e calais, já que com tanto desafogo, e desaforo fallais perante quem vos conhece, e ás vossas habilidades : nos vossos Poemas fervem os erros como bichos em carne podre, já muitos vos sem sido mostrados ; e o mais estirado desses que chamais Poemas Philosophicos, só têm de vosso as podres linhas caseiras com que mal dizistes os retalhos alheios : e cuidais que se não sabe donde esses retalhos sejam ? Cuidais que se não sabe a historia da sua dedicação ? Pois olhai, fizestes-lhe primeira Dedicatoria a hum Reverendo regálão, amigo das letras : fizestes segunda a huma Mulher illustre e erudita : fizestes terceira a hum Homem de Cutiliquê : fizestes quarta a hum Estrangeiro aborrecido ; e, como todas estas quatro se goráão, mudastes a cabeceira ao doente, isto he, destes nova forma á tal obrinha, e fizestes-lhe quinta Dedicatoria a humã mão chea de Homens sabios, que desdenháão a offerta como merecia, por tão ruim que he, e de tão ruim mão „

Aqui, com balas sobre balas de tão grosso calibre, embatucou o Homem, ladeou, buscou guarida, e proseguio „ mas eu exerço hum ministerio respeitavel, em que, nem que tivera peito de bronze, e vós de ferro, podia mostrar-me mais infatigavel : deste modo, ao mesmo tempo que busco desarreigar as ruins sementes, divulgo, e arraigo as da Religião : servindo a Religião sirvo ao Throno, que por ella he sustentado ; e servindo ao Throno, sirvo a Patria, que delle depende para sua conservação. = Tanto peor para vós, que, exercendo hum ministerio em que podieis, e devieis dizer, e fazer obras, e palavras de acerto, e utilidade ; por palavras, e por obras envileceis o vosso ministerio ; por ellas escandaloso á Religião, que malvadamente envolveis, e misturais com odiosas profanidades : por ellas perigoso, e ignominioso á Patria, que deslustrais com pessimos exemplos, e doutrinas : e por tudo isto réo ante o Throno, cujo timbre he a justiça, e cujo bom serviço he todo dependente da verdade : de maneira que ou vos mostrais perversissimo, ou ignorantissimo „ Pois eu sou ignorantissimo ? = E perversissimo, que, por vossos feitiços, assim o diz quem quer que tem alguma intelligencia, e boa fé „ Pois eu sou ignorantissimo ? = Contra factos não ha argumentos „ Ignorantissimo ! Eu ignorantissimo ! ... Blasfemia horrivel, contra a qual

prometto escrever outros dois annos: prometto escrever até morrer, e não tenho medo de ninguem.

E com isto desembestou o Homem como huma polvora: exasperou-se, e não se corrigio, porque Preto velho não aprende lingua: exasperou-se, e a sua maior dôr era a ignorancia: terrivel molestia he a presumpção, e mais assentando em huma indole depravada, que faz jogo da vergonha, e da verdade!

Sempre o Mundo assim foi, nem outra coisa será em quanto o diluvio de fogo não purificar esta nossa habitação terrena, e impura. Sempre o Mundo assim foi: e por isso este artigo das presumpções he huma larga mina, em que longo tempo se pôde cavar, e talvez nós o façamos, posto que não cavemos affoutos; porque, sendo tantas, e tão diversas as presumpções, e por isso muitos os achacados, he facil acontecer, que de nossos discursos hajão alguns que se dem por offendidos, assentando de si para si, que ao proprio lhe talhamos a carapuça, ou a Fulano, e a Sicrano, seus Affins, Amigos, ou Parentes; sendo aliás bem pelo contrario a nossa intenção, disparada sem fito certo, pois que tomamos Homem sempre collectivamente, e com a divisa:

Parcere personis, dicere de vitiis.

Sem ninguem apontar, malhar nos vicios.

Moniz.

Continuar-se-ha-

ARTIGO IV.

LITERATURA.

Verdade na Poesia.

Sabemos, que a Poesia he o campo da invenção, que os Poetas crearão hum Mundo phantastico, pintarão hum bello ideal, e derão á Natureza huma alma nova quando a povoárão de mil seres amaveis. He certo que se aformoseou o Mundo com o pincel do Poeta Grego quando este inventou o carro do sol, o cinto de Venus, os raios de Jove, a lyra de Apollo, o arco, e settas do Amor; quando o cantor Latino pintou a Deosa da Belleza tirada por amorosas pombas, e a Deosa da placida noi-

te, que desce em busca do querido Pastor, no morbido seio da relva; quando o Poeta Oriental invoca as candidas Hourises, que brincão pelo jardim das rosas; quando o Guerreiro Vate da Scandinavia vê os ferozes campeões que bebem os espirituosos licores nos vastos salões de Odin, e o Bardo de Caledonia observa as sombras dos extinctos Heróes, que vestidos de nevoa, e batendo sobre o escudo cavalgão em ligeiras nuvens, ouve o som das harpas eternas, e segue seus pais sobre o raio de sua luz.

Não negamos que huma bella ficção faz realçar a verdade, e que he não só ornamento, porém qualidade essencial para que o Poema diversifique da Prosa. Na mais alta parte da montanha, onde se eleva o Templo da verdade, no mais risonho sitio da Colonia, junto ao Bosquel das Musas, que dessedentão o Vencedor com limpidas aguas das sagradas Fontes, e o esparecem com canticos, e melodiosos sons das harpas, situou Aikin em huma de suas bellas visões o campo de Ficção, matizado de flores bravias, que pululão com abundancia, e circumfundem suaves perfumes. Fica perto a obscura viela da Alegria, com tal artificio aquinhoada de luz, e sombra, que o Sol no Zenith não tem alli mais força que o pallido, e sereno clarão do placido Astro da noite. No cume da montanha domina hum Joven de mascula, e féra belleza, que he o Genio; seu olhar he penetrante, e cheio de fogo, sua voz suave, e sonora, ergue-se, e passeia, como a Aguiã, sobre a montanha, as Musas o contemplão com parcialidade, e elle guia as lindas Filhas da memoria por entre os verdes, e tortuosos caminhos, pelas ridentes sombras do campo da Ficção, e tudo se anima, e folga sob os ligeiros passos do Numem.

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,

Rua da Roza das Partilhas N.º 153.

1818.

~~~~~

Com Licença do Desembargo do Paço.

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO IV.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

##### *Essencia da Sensibilidade.*

(Continuado do N. III. pag. 26.)

---

**A** Experiencia, e a observação nos tem ensinado, que, para ter o grão de sensibilidade, que se precisa para exercitar as suas funções na ordem que mais convém á Natureza, cumpre que o animal não esteja enervado pelo repouso, e estancado pelas fadigas: que seus membros não conservem sua flexibilidade, e vigor senão por huma irritação, de tempo em tempo interrompida pelo uso de alimentos, que, sufficientemente providos de materia nutritiva, offereção aos órgãos destinados para degirillos, huma resistencia capaz de os exercitar pelas reiteradas, e livres impressões de hum ár activo, e com toda a sua inteireza; e mesmo em fim por certo abandono, que exclue essas precauções, e refinamentos de huma delicadeza vã, que não só lisongeião a sensibilidade, mas facilitão ainda mais o desarranjo da máquina, depravando ao mesmo tempo o Homem social, e todos os animaes, que elle achou meio de fazer servir aos seus prazeres, ou aos seus caprichos. As qualidades exteriores, e sensíveis dos corpos organizados, por mais tentames, e profundas investigações, a que as tenham sujeito, ainda não deixarão perceber em que consiste, e em que fórma reside a faculdade de sentir. O animal apresenta huma mistão de partes flexiveis, molles, e elasticas, de que não he impossivel deparar modelo nos seres insensíveis, ou que a Arte pôde imitar, mas sem poder imprimir-lhe sentimento. As

partes de hum animal sem vida conservão estas qualidades, ainda muito tempo depois de o sentimento os abandonar. Qual he pois o fugitivo, e imperceptivel principio, de que elle dependia? O mesmo acontece nos vegetaes: e porque perlem estes o principio de vida, que os fazia vegetar, quando estão separados do tronco, que lho communicava? Conservão contudo a apparencia de seus attributos primitivos, perdendo porém nesta separação a força vegetativa, a que devião a faculdade de crescer, e propagar-se. Os Chymicos conseguirão extrahir da farinha de trigo huma substancia, que elles chamão *glutinosa*, e que dá, pela analyse, os mesmos resultados, que as materias animaes: tem tambem as suas qualidades exteriores, e he como ellas, molle, elastica, e flexivel: mas he de crer que ella nunca tome entre as mãos do homem aquelle caracter de vida, que toma passando pelos órgãos digestivos de hum animal vivente. O enthusiasmo tinha inspirado a Paracelso a presumçosa esperanza de executar este prodigio. A temeridade deste Prometheu, que não teve muitos imitadores, terá menos ainda, á medida que se estendão os nossos conhecimentos, e que por consequencia estejamos mais em estado de perceber os limites do nosso entendimento, e a immensidade da Natureza. A essencia da sensibilidade, considerada independentemente de seus effectos, não se deve procurar mais que a essencia do movimento, do tempo, e do espaço: O mais que podemos fazer he reunir as differentes modificações, e os diversos caracteres, que recebe da organização; examinar como varia segundo os órgãos que protege, e as differentes exigencias do animal, e como, sem nunca aniquilar-se, parece ás vezes desaparecer para melhor poupar, e assegurar os seus recursos.

## ARTIGO II.

### P O E S I A.

### F A B U L A.

#### *O Elephante, e o Rhinoceronte.*

Nos Asiáticos campos uberosos  
 Dous se encontrão ambos monstruosos  
 Possantes animaes; hum Elephante  
 Com hum Rhinocerote,  
 Ou hum Rhinoceronte:

He qualquer delles animado monte ;  
 E, marchando ambos feitos de bom trote,  
     Em vendo-se diante  
         Estacaráo,  
     E azedos se encaráo  
         Co'a antiga inimizade :  
 Porém muito a prudencia persuade ,  
 E o Dentes-de-marfim, Rey da prudencia,  
     Hum pouco despeitoso  
 Deitando a enorme tromba a hum tronco arinosó,  
     Com pouca violencia  
 O virou de raízes para o Sol.  
     Não foi pouca advertencia  
 De seu grande poder : mas em que he pról  
     O aviso a hum furioso ?  
 Mal o tronco abatêra, urrando irado  
 O investio seu rival, que he furias todo,  
     E ao qual inda parado  
     Arengou deste modo :  
     „ Louco , que vens fazer ?  
 „ Não deo prova bastante o meu poder ?  
 „ Ou , se acaso matar-me conseguisses ,  
 „ Tens para ti que a salvo te sahisses ? „  
 „ Não sei , mas he preciso combater „  
 Disse , e deo na investida por tal sorte  
 Que foi fim da contenda aos dous a morte.  
     Graças á Providencia  
 Que poz a inimizade por tendencia  
 Nestes , e outros enormes bicharrões ,  
 Que , se por seu rancor não se apoucassem ,  
     Talvez que devorassem  
     As outras gerações  
     Mais fracas , mais somenos  
 Que a vária Natureza tem creado.  
     Ai ! dos que são pequenos  
 Quando cresce hum poder desmesurado.

## ARTIGO III.

## CRITICA.

*Juizo sobre o Poema Newton.*

(Continuado do N. II. pag. 15.)

Fechando pois com Buffon a Procissão dos *Sacerdotes de Porfido*, que leva, segundo a boa economia de composição que neste Poema reina, mais de 500 versos, descobre o Auctor hum altar sobre hum quadrado geometrico, e nelle sentada a Experiencia, a quem faz huma comprida, e insignificante arenga, a que ella responde, com a phrase mimosa dos Deoses deste Poema, que he chamando-lhe „*Filho*„ e diz que desce ao Templo para mostrar-lhe

A excelsa mole,  
*Premio de hum grande que he brazão do Mundo*  
*Este (diz ella) he d'honra immortal o alto oramento*  
*Que eu mesma á gloria consagrei, com elle*  
 De hum *Pontifice* meu premeio as obras;  
 Elle as *minhas expoz*, dou premio ás suas.

Depois de todos os demais Philosophos serem *Sacerdotes de Porfido*, não admira que Newton seja *Pontifice*; mas sim que sua Estatua não esteja entre as dos outros sabios; achou porém o Author que era mais bonito ir desenterrallo da Igreja onde jaz na sua Patria, para com a mais ridicula invenção, que até ao presente entrou em cabeça de hum máo Poeta, o enterrar no Templo da Experiencia em hum Mausoleo com seu Epitaphio, em que o Author com mui solemne devoção fita *pasmados olhos*, e lhe consagra *inteiro o coração, e a alma inteira*, accrescentando

D'estima este o tributo, o feudo he este  
 Que eu primeiro paguei, Nação pasmosa,  
 De quem o mar he todo, e a terra he quasi!

Amphigouri, que duvido que haja ahi quem possa entender; porque se o Author quer dizer nestes trez versos de *tributo, e feudo* etc. que foi o primeiro que rendeo homenagem a Newton, he

huma descocada mentira, pois todo o mundo conhece ha muito as obras do Phylosopho Inglez, e lhe tem tributado os devidos applausos ; e Voltaire, e Algaroti forão dos primeiros que disseminarão os seus principios em França, e Italia: se quer dizer que foi o primeiro, que emprehendeo hum Poema ácerca de Newton, *peor está que estava*, (1) pois antes do Author o tinhão feito Stay no Poema da *Phylosophia Newtoniana*, e Brickler na sua *Newtoniada*, Poemas, em que brilha a Erudição, e o Genio, e em que os mais fogosos vãos do Estro são continuamente regulados pela mais escrupulosa rasão: se quer dizer que foi elle o primeiro que em Portugal reconheceo o merito de Newton, he levantar aos nossos Compatriotas hum aleive tão atroz, que nos faltão os termos para classifica-lo; porém seja o que for, compadecido dos pobres Leitores, remata o segundo Canto com huma exclamação á Inglaterra, na qual não farto ainda de tantos nomes, como os que até agora tem amontoado, faz outra profusa lista delles fallando em Ataide, Rodney, Nelson, Monk, Bolingbroke, Adisson, Pope, Bacon, Milton, Locke, Tompson, Pitt, e se tivesse presente os nomes das onze mil Virgens, não escapávamos, de aqui os estender, pois tem feito voto de não poupar nem papel, nem tinta, nem paciencia dos Leitores, posto que a melhor, e maior parte delles, sciente, de que elle só escreve para os apoquentar, e enfastiar, tem tomado o expediente de não ler os seus escriptos; senão haja vista a metade da Edição do Gama, que ha 7 annos ainda dorme em Casa do seu Editor que, sem embargo de ter vendido alguns, dado muitos, e mandado huma boa porção de exemplares para a Bahia, e Rio, está muito bem esperançado, de que seus Netos poderão vender Gamas, da Edição feita por elle; e que torçe agora a orelha de não ter mandado imprimir só 200 Volumes, como o Author lhe aconselhava; para assim lançar poeira aos olhos do Público, pondo o Editor na precisa necessidade de fazer segunda Edição, conselho, que se elle o seguisse ávista da pouca venda do Poema, lhe pouparia ametade da despezza. Não he porém digno na sua perda de alguma compaixão, por ter cahido em imprimir hum Poema, que, além de ser feito sobre hum assumpto tratado pelo grande Camões, tinha versinhos do calibre deste, tão digno de eternas apupadas

*Eu chamo-me Thomé no Empyreo moro!*

*Continuar-se-ha.*

---

(1) Titulo de huma Comedia Hespanhola.

## ARTIGO IV.

## LITERATURA.

*Verdade na Poesia.*

(Continuado do N. III. pag. 32.)

Ousaremos porém dizer que tantas ficções, são já hum campo ceifado, e não convém a estes tempos de Luz, e Philosophia ; que para os Modernos não he a Mythologia nem huma invenção, nem hum sentimento ; que se tem observado a Natureza com tamanha penetração, que temos entrado tanto nos segredos do coração, que em vez de personalisar as paixões, e as cousas, basta saber pinta-las com as mais vivas côres. Ao presente he necessario, que a razão possa comprehender, e approvar quanto exaltou, a Imaginação, ou fez nascer o Enthusiasmo. O Mundo real he mais vasto, e bello, do que o Mundo imaginario, e podem escusar-se tantas ficções, sendo tão linda a verdade. „ Cumpre (diz Madama Stael) apresentar idéas Philosophicas, sentimentos, e paixões cheias de verdadeiro calor, e verdade porque o espirito humano tem chegado a tal ponto, que já não permite illusões.

Voltaire invocou a Verdade, e he esta a unica Deosa digna de inspirar os outros Poetas. A Verdade foi pelos Poetas pintada nua, porque a embellece a sua innocente nudez. Os Bardos, que forão os Poetas, que melhor uso fizerão da sua arte divina, e que mais esplendidamente exercitirão o poder do genio, e do canto, tinhão o não mentir por maxima fundamental da sua instituição religiosa ; não lhes era dado descrever hum só feito d'armas, que não tivessem presenciado, nem podião trajar senão de huma só côr (azul celeste) querendo assim indicar que a Verdade he grata ao Ceo, e só deve mostrar-se ao Mundo debaixo de huma côr unica, e pura.

A mesma Ficção não pôde ser bella se ao menos não he verosimil

„ Só amavel, e bello he o que he vero ;

„ Deve reinar na Fabula a Verdade.

Já se não estima hum Romance pelas aventuras estravagantes, mas pelos vivos, simpleses, e verdadeiros Quadros da vida, e dos sentimentos do coração : e até nos Poemas, que mais abundão de vãos de Phantasia, se toma por baze hum

ponto Historico, e certo, e se copião com a possível fidelidade os verdadeiros costumes, e caracteres dos Tempos, e das Personagens. Nas mesmas obras de imaginação deve sentir-se, e ver-se hum ponto de utilidade real porque o facho da verdade he a verdadeira guia do Genio. Sua luz não deslumbra, antes faz que os objectos appareçam com as suas verdadeiras côres. Queremos mais do que imagens; queremos idéas; pôde o Espirito pagar-se de mil bellas ficções, porém o coração necessita de verdade.

*Continuar-se-ha.*

---

## ARTIGO V.

### MISCELANEA

#### *O Jogo.*

Entre os modos inventados pelos homens para affeição o peso de huma vida enojosa, e inutil, ha hum que, á maneira de hum flagello contagioso, arruina a sociedade, e não he menos funesto aos bons costumes do que á boa saude, porque produz o duplo effeito da preguiça, e da paixão; a avareza, que he a sua alma, lhe deo, para melhor se disfarçar, os nomes de divertimento, e de *jogo*. Ora imaginemos hum circulo de pessoas pregadas sobre cadeiras, de redor de huma mesa, e em huma atmospherá estragada, e corrompida; com o corpo immovel, e o animo em grande agitação; alternativamente impellido pelo temor, e pela esperanza; sómente embebidos no cuidado de attrahir os favores da cega Divindade, a quem sacrificio; deixando-se arrebatár da paixão que os insta, esquecendo-se dos deveres que os chamáo, e das horas que fogem; e sahindo em fim deste violento accesso, para se immergir em mais reflectidas amarguras!.. Imagine-se, e ter-se-ha huma idéa disso que se chama *jogo*.

Segundo isto, facil he de conceber que nada he mais capaz de perturbar a ordem das funções animaes, e a regularidade dos movimentos vitaes do que huma similhante falta de equilibrio entre o physico, e o moral; que deste modo os humores, em seu concurso desordenados, não recebem a preparação necessaria ás determinadas secreções, e que, forçados a estagnar-se em alguma das visceras, alli formáo perigosos empastes; ou que, como prejudiciaes, sendo arrojados para a pelle debaixo da fórma

de impigens, ou de outras especies de erupção, lhe destróem o polimento, a flexibilidade, e a nitidez. Deve ainda a isto acrescentar-se, que este estado de agitação muitas vezes repetido, faz, com o andar do tempo, contrahir hum character irascivel, dando á sensibilidade huma viciosa energia, que redundá sempre em detrimento da máquina.

As mulheres que alguma cousa mais do que a saude tiverem que perder, terão duplicado interesse em evitar o *jogo*, que de ordinario obriga a longas vigílias, que escandecem, e abatem o corpo: parece, he verdade, que as mulheres podem melhor soffrelas do que os homens; e isto procede de que as sensações delles são mais profundas, e de que a superficial attenção com que as mulheres tocão ligeiramente os objectos assalva da fadiga que as suas impressões produzem; ou talvez tambem que os trabalhos serios, e contenciosos, em que se occupão os homens, lhes fação mais necessaria a benefica tranquillidade do somno.

He porém sempre certo, que a luz artificial, com que se busca supprir a do dia, prejudica os órgãos da vista; e que quanto mais se multiplicão os lumes, que ficão sempre mui perto destes órgãos, mais se augmentão os seus máos effeitos, sem corrigir a enfadosa uniformidade; porque o lume das velas, em vez de deixar aos objectos as suas côres naturaes, como faz a luz suave, e variada do Astro do dia, pelo contrario todas confunde; e a variedade das côres, que formão o quadro do Universo, he talvez huma das causas que no-lo fazem contemplar sempre com prazer, e sem canção.

Finalmente pelo contínuo encerramento que o *jogo* exige, furtamonos ás salutiferas influencias do ar, que he hum dos ingredientes mais essenciaes á nossa existencia; que nos anima, e dá aos nossos órgãos a tensura, e elasticidade convenientes: a frescura de huma bella manhã, as restauradoras emanações dos vegetaes, e o bellissimo, e maravilhoso espectáculo da Natureza, tudo he perdido para quem passa as noites a jogar, e os dias a dormir. (*Extracto do Cap. 7.º da 1.ª Parte da mesma Obra de Roussel.*)

Moniz.

---

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,  
Rua da Roza das Partilhas N.º 153.

1818.

~~~~~  
Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO V.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Acção de nadar, ou boiar sobre ás aguas.

HE geral persuasão do vulgo, que o Homem sabe naturalmente nadar, huma vez que o medo o não embarace: que quando hum Homem se affoga, e vai ao fundo, boia ao nono dia, porque então rebenta a vesicula do fel: que as Mulheres affogadas boião de bruços, e os Homens de costas. Todos estes artigos são falsos, ou pelo menos incertos.

A primeira cousa, de que nós duvidamos, he de que os Homens nadem naturalmente, inducção que não pôde tirar-se de os outros animaes o fazerem sem ensino; porque estes nadão pelo mesmo movimento que os faz andar, ou elles se movão com ambas as pernas de hum lado, o que fórma o *furtapasso*; ou levantando hum pé de diante e o pé contrario de traz, o que fórma o *trote*; ou marchem sobre huma base quadrada, como diz Scaligero, quando as pernas de ambos os lados se movem juntas, como fazem as Rãs, e outros animaes saltantes, o que fórma o *galope*; he sempre verdadeiro o principio que estabelecemos. Com estes differentes movimentos estão aptos para soste-se na agua, e atravessá-la, sem alterar o moto ordinario de suas pernas, ou a posição de seu corpo.

O Homem, pelo contrario, necessita para nadar, que mude a posição de seu corpo, que fique de bruços em lugar de marchar em pé: além disto, quando elle anda tem os braços paralelos ás pernas, e quando nadá formão toda a qualidade de angulos: finalmente quando anda move successivamente os braços, e as

pernás, e quando nada move-os todos a hum tempo: ora executar tudo isto, sustentar, e arremessar o corpo para diante, he cousa que muitos, ainda mesmo na mocidade, nunca poderão aprender. Bem que o nadar seja huma arte, que se aprende, he com tudo mais natural ao Homem, do que muitas outras habitações, e apenas pôde ser contado entre os talentos adquiridos, pois quem huma vez o soube, nunca o des-lembrou.

Em segundo lugar, o que se refere a respeito de as pessoas afogadas boiarem ao nono dia, porque então rebenta a vesicula do fel, he cousa duvidosa tanto pelo tempo, como pela causa. O tempo, em que os cadaveres boião he tão incerto como o tempo de sua corrupção, que he mais tardo, ou mais prompto, segundo a qualidade do sujeito, e a estação do anno. Temos observado que ratos, e gatos lançados n'agua ao mesmo tempo, vierão acima em tempos diversos. Os que são gordos vem acima primeiro, porque se corrompem mais depressa 'que os magros, e sua substancia se aproxima muito mais á natureza do ar. É huma das rasões, que dá Aristoteles de as anguiás mortas não boiarem, he não terem ventre, nem banhas.

Quanto á causa do phenomeno, não deve attribuir-se ao arrebentamento da vesicula do fel, mas sim ao fermento da corrupção, que, inchando as partes, as torna esponjosas, e aptas para se encherem de ar, o que necessariamente as faz subir á superficie d'agua. Disto temos nós huma evidente prova nos ovos, que sendo bons vão ao fundo, e se estão chócós boião, como os que chamão *hypenenia*, que não são cheios. Do mesmo methodo usão os Lavradores para conhecer a bondade dos grãos, pois, se estão perdidos, boião.

„ Por minha propria experiencia (diz hum Medico Inglez)
 „ estouv convencido de que não he á bexiga do fel que deve
 „ attribuir-se o virem os cadaveres ao lume d'agua. Pois tendo-se
 „ do-se arrancado a alguns gatos, e ratos, nem por isso dei-
 „ xarão de vir acima; e porque tinha lido em Rhodigino, que hum
 „ tyranno costumava mandar arrancar os bofes aos que mata-
 „ va, antes de os lançar n'agua, para que não viessem acima, e
 „ revelassem os seus assassinios, fiz lançar n'agua corpos sem
 „ bofes, e vierão acima como os outros; fiz tambem tirar a
 „ bexiga da urina, e os intestinos, e furar o craneo a alguns,
 „ que tambem sobre-nadarão, ainda que mais tarde. E posto que
 „ estas experiencias fossem feitas nos brutos, porque nos Ho-
 „ mens são muito raras as occasiões de se fazerem sem crime,
 „ parece-me que estas experiencias tem igual força a respeito
 „ delles. „

∴ Se alguém attribuir a causa deste phenomeno á bilis, porque naturalmente procura elevar-se sobre os outros humores, e sen-

do da natureza do fogo, procura elevar-se sobre a agua; nós lhe concederemos, que segundo as leis ordinarias da putrefacção pôde accelerar a immersão dos cadaveres, ainda que, a fallar a verdade a rotura da vesicula, que he tão pequena parte no homem, nada pôde contribuir para isso.

Finalmente que as Mulheres boiem de bruços, e os Homens de costas, he factó absolutamente duvidoso; e dado que fosse verdadeiro, he frivola a rasão que disso se aponta. Foi Plinio o primeiro que a imaginou. „ Como (diz elle) que a „ Natureza, até nos mortos, toma cuidado no pudor, *veluti pueri dori defunctorum parente Natura*. Este sentimento de Plinio foi adoptado, e copiado por Solin Rhodigino, e muitos outros, e ainda hoje tem grande voga entre o Vulgo, e entre algumas pessoas que não são Vulgo. Porém Scaligero assenta, que esta sentença teria todo o lugar na bocca de hum Orador, mas que he ridicula nos Escriptos de hum Philosopho Naturalista; porque em primeiro lugar a Natureza devia igualmente occultar as partes do Homem, pois he tão vergonhoso o descobri-las, como as da Mulher. Adão não teve menos pejo de sua nudez do que Eva, e os Homens da America, e das outras Regiões aonde se ignora o uso dos vestidos, tem tanto cuidado como as Mulheres em cobrir as ditas partes. Ora se a Natureza curasse de com effeito accodir ao pejo, tanto os Homens, como as Mulheres deverião boiar de bruços. Em segundo lugar, isto he louvar a modestia da Natureza á custa da sua sabedoria, porque a postura que nós lhe fazemos dar á Mulher, convém mais ao Homem, cujas partes ficão mais expostas á vista quando está empé, ou resupino: achamos pois muita rasão em Scaligero para abandonar este parecer, e suggerir outro, que tira da differente configuração do Homem, e da Mulher, „ *quod ventre vasto sunt Mulieres pleneque intestinis itaque minus impletur, et subsidet; inanius maribus, quibus nates p aponderant*. Sendo assim, os Homens barrigudos fluctuário de bruços, e as Mulheres gordas de costas; porém a Anatomia nos ensina, que os ossos das coxas, e por consequencia o que as cobre, são mais extensos na Mulher do que no Homem, para dar mais lugar ao menino na matriz: os que attribuem este phenomeno aos peitos da Mulher não desvanecem toda a difficuldade, porque lhes resta a explicar porque rasão as crianças deste sexo fluctuão tambem de bruços. Mas apressemos a terminar.

Dizem tambem, que huma Egoa se affoga mais depressa do que hum Cavallo, porém a experiencia não favorece esta opinião. He tambem facil refutar o engano dos que assentão que o Homem debaixo da agua não pôde abrir, nem fechar os olhos: querem tambem affirmar, que as pessoas que tivessẽm huma co-

xa de menos, boiarião, porque os seus bofes as poderião soster melhor sobre as aguas, do que aquelles cujas coxas lhe submergião o corpo com o peso. Não temos experiencia alguma deste facto, mas observa-se, que os Animaes vão ao fundo pelas partes inferiores, como se vê nas Rás, a quem se cortão as pernas detraz: a maior parte dos Homens quando se precipitão, ou cahem por si mesmo de hum lugar alto, vem a terra de cabeça para baixo, e não sabemos porque capricho fingio Homero que Vulcano cahira em pé, quando foi arrojado do Ceo.

ARTIGO II.

P O E S I A.

E P I S T O L A.

Ao Senhor Gonçalo José Rodrigues Vianna.

L'uomo inventor di mali, e di rovine;
L'uom che coll' opre l'Universo infama.

Salvador Roza, Sat. IV.

Que nos importa a nós que ladre *Elmiro* ?

Se da calúmnia o téttrico veneno,
Se o veneno da inveja que o devora
Espuma, exhala em sórdidos dicterios;
Se em seus escriptos se apresenta ao Mundo
Nova Megéra, rábida ululando
Remordida de viboras eternas,
Que temos nós com isso? Acaso he muito,
Quem desconhece o que melhor se admira,
Que enxovalhe com bocca virulenta
Versos que nos dictou, toda involvida
Em dó, em lucto a candida Amizade;
Versos filhos da dôr, da mágoa filhos;
Carpidos Versos, producção singela
D'ingenuas affeições de peito ingenuo;
Terna expressão dos sentimentos puros
Com que se dá mais honra á Natureza,

Com que mais se esclarece a Humanidade?
 Acaso he muito que nos ladre aquelle
 Que, mais insulso do que Bivio, e Mevio;
 Mais nescio que Parrault, e que Lamotte;
 Mais maligno que Zoilo, e mais palreiro
 Que hum Papagayo, Periquito, ou Pêga;
 Mais gritão que huma Gralha, ou Rã, ou Raio;
 Em longos aranzeis d'insano orgulho
 De pedantesco plagiarismo inçados;
 Attenta, Charlatão calumnioso,
 A' fama honrada dos Varões illustres,
 Volve, e profana as veneraveis cinzas
 Do grão Cantor, que ás portas do Oriente,
 Por mares nunca d'antes navegados (1)
 Pujando pelos hombros das procellas
 Vencedor de traições, levára o Gama
 Em Versos que do Tejo o nome ufanão;
 Em Versos que pelo Orbe o assombro espalhão,
 Versos a que impendeo por mãos da Gloria
 Os sellós de diamante a Eternidade?

Acaso he muito que nos ladre *Elmiro*?
 Que pôde elle dizer que nos affronte,
 Se temos limpa de maldade a vida
 Que elle, des' que lhe sabe o nome o Mundo,
 Por acções, por escriptos depravado,
 D'infamias ennegrece, e turpitudes?
 Que dirá de moral o oppobrio della?
 Que dirá de moral, se elle os costumes
 Do irreprensivel Bossuet macúla?
 De sciencias que dirá, se em seus julgados
 He tachado de nescio, e em seus Poemas
 Hum Pigmeo Mathematico parece
 Newton profundo, e, no saber, divino?
 Que pôde emfim saber, dizer de acerto,

(1) Camões, Lus. C. I.º

Se ignora, e nêga, que na Lactea-via
 (Nessa d'estrellas multidão, que o Vulgo
 De São Thiago estrada denomina)
 Reinem as sette primitivas côres,
 Que hum só rayo de luz em si reune?

Deixa-o que embora barafuste, e enraive;
 Que, em monótono, impuro, ingrato estylo
 Regrinhas, e regrinhas alinhando,
 D'illegiveis Poemas abarroto
 Lisboa enauseada: eu rio ás vezes
 De o vêr tão furioso, e desbocado
 Apontoando em phrase de enxacôco
 Nesciãs farandulagens, petulancias
 Com que os nescios engôda; e ouriçado
 De orgulhos que dão tédio, ou causão riso,
 Se dá de-grado a universaes apupos.

Embora o deixa: como hum Boi na praça
 Do cachaço as garrochas saccodindo,
 O miserável se revolve, e berra
 Co' as settas da Rasão por mim varado:
 Amargosas verdades lhe exaltarão
 A bilis que derrama: embora o deixa
 A' sua confusão raivando entregué:
 Deixa-o ladrar: em seu feroz latido
 Não nos pôde offender, antes eu julgo
 Nos viera desdouro em seus louvores:
 Quem diz de tudo mal, dizer que pôde
 De quem só ama o bom, e os bons applaude?

Prole do Desafôro, e da Torpeza
 (Co' as lividas Irmãs, a Intriga a Inveja,
 A Perfídia, a Calúmnia, a vil Lisonja)
 Nasceo nos charcos do Acheronte immundos
 Petulante, roáz Maledicencia;
 E, das túrbidas aguas lutulentas
 Orvalhadas batendo as fúscas azas,
 Derrama pelo Mundo atroz veneno,
 Com hálito pestifero empannando

O intemerado brilho da Virtude :

Vai *Elmiro* seguindo os seus dictames?

Deixa-o ladrar : ao válido Rafeiro

Que lhe importão os Gózos insolentes?

Agui, que encára o Sol, transcende as Nuvens,

Que lhe importa se o barbaro Tapuya,

Fréchando as aves, o sustento busca?

Não sabes Tu que eu pulso a Lyra argúta

Em que sublime de Venusa o Vate,

Aos Astros os Mecenas levantando,

Na ignominia os Tigellios abysmava?

Não sabes Tu, se as iras me provóção,

Que eu tómo, floreando-a formidavel,

Ao Campeão d'Apulia a longa espada,

Com que fendia as costas dos Romanos; (1)

E, encruzando nos peitos da Ignorancia

Mil revezes mortaes, aterro o orgulho

Dos nescios Fanfarrões, dos Embelécos

Que, hympando de maldades, se apregoão

Coripheos, e Aristarchos ante o Vulgo,

De falsa sapiencia empavezados?

Deixa *Elmiro* ladrar : quem he que estranha

Se açulado Mastim raivoso late?

Deixa a Maledicencia maculosa

Vipéreos dentes reganhar maligna;

Que, no sal do ridiculo embebidas

As settas da Verdade disparando,

Eu farei com que o Monstro se revolva

De seu proprio veneno atormentado.

Ahi tem agora, que se farte *Elmiro*;

Largo campo lhe dou, em que os seus odios

Possa iroso cevar : eis o Poema (2)

Em que, se eu tenho de viver na Fama,

(1) Garção, Sat. I.^a

(2) A Apparição, Poema Elegiaco em 4 Cantos, já impresso.

Também na Fama viverá Firmina ; (1)
 A quem votei pela Virtude o Plectro,
 Que ao Nome seu , sua Memoria amada
 Facil desfere na toante *Lyra*
 Filhos do coração saudózos Versos ;
 Versos de ardente véa derivados,
 Versos com pranto quasi sempre escriptos,
 Como os primeiros que lhe dei!... (2) E a mente
 Ainda outros borbulhando assaltão.
 Ai! como hei de esquecer a perda sua?
 Fechada em falso a barbara ferida,
 Basta só recordar seu doce Nome
 Sangrão logo de novo as cicatrizes ;
 Cicatrizes crueis , que avivão mágoas
 Em nosso peito , meu *Glacilo* , eternas.
 E deve deturpar maligna bocca
 Tributos á Virtude consagrados?
 E devem profanar os seus louvores
 Maledicentes irrisões da Insania?
 Pertenderá baixissima Lisonja
 Que sómente á Grandeza são devidos
 Os almos Hymnos , que o Permissio Choro
 Por premio da Virtude , inspira aos Vates
 Que , nutridos no ensino da Virtude,
 A vista encravão no pharol sublime
 Do augusto Alcaçar da Memoria honrosa ?
 Oh! mil vezes ditoso o que , afastado
 Das turbulencias da insensata Côrte,
 Nas paternas herdades rusicando
 Alegre vê rayar o Sol nascente ,

(1) A Senhora D. Firmina Carlota da Silva Serva.

(2) As Epistolas em que deploro o seu fallecimento , offerecidas a seu Esposo o Senhor Antonio José Gonçalves Serva , e a seu Pai o Senhor Manoel José da Silva Serva ; impressas junto com hum Pranto do mesmo Senhor Gonçalo José Rodrigues Vianna , e objecto do cynismo de *Elmiro*.

Vê dós montes descer tranquillo á noite!
 Mas, contra o meu querer, se a vida minha
 Entre os tumultos, meu Glacilo, eu gasto;
 Ao menos, sobranceiro aos meus destinos,
 Com mérito desprezo olhando a turba
 D'impudentes, malélicos *Elmiros*;
 Embebido em Socráticas doutrinas,
 Terno Cultor dos campos da Amizade,
 A's Musas, e ao Saber meus dias voto.
 Assim me accodem as Canções suaves
 Com que a Virtude aos Ceos maior levanto,
 Com que antevejo em plácido futuro
 Na fama, e no louvor crescer meu nome.

Moniz.

ARTIGO III.

LITERATURA

Verdade na Poesia.

(Continuado do N. IV. pag. 39.)

Que valem todos os encantamentos, e brilhantes invenções dos Poetas á vista dos ardentes, e patheticos versos do amor, e da piedade? á vista da pintura verdadeira das grandes, e exaltadas paixões? Os versos, que mais se conservão na memoria, e mais profundamente se gravão no coração, os versos que o Povo canta, são os que conservão as tradições antigas, as Historias gloriosas da Patria, os que despertão suaves lembranças, e aquelles finalmente, em que se derramou hum coração cheio de sentimento, e candura. Que são em Virgilio as Harpias, e as Nãos transformadas em Nymphas á vista da desesperação da apaixonada Rainha de Carthago? Que vale em Milton a artilheria celeste, e tantas outras ficções deste jaêz em comparação da pintura do Eden, da singela formosura de Eva, e dos celestes amores de nesses primeiros Pais? Quem não prefere na Lusiada a descripção da Europa, a morte da malfadada Castro, os variados quadros da Historia Portugueza, a todo a phantasmagoria de Baccho, e á grotesca pintura do Tri-

tão? Que nos arrebatá mais na *Brasillada*, único Poema Epico de que se honra a nossa Literatura neste Seculo, o quadro da Revolução Franceza, e morte de Luiz XVI. a caçada, a resenha das Tropas, a conferencia d'ElRey, e dos Embaixadores Inglezes, a partida da Esquadra, e consternação de Lisboa; ou o concilio infernal, o espectro de Franzini, e a viagem do Heroe em sonhos pelos espaços imaginarios? „ Que figura „ (diz Voltaire) teria feito Cesar nos campos de Pharsalia „ se Iris lhe trouxesse a espada, ou se Venus descendesse em hum „ ma nuvem de ouro para o salvar? He tão desnecessaria a Mythologia que o melhor trecho da Pharsalia, e tal- „ vez de todos os Poemas he o Discurso de Catão, em que „ este rigido Estoico, inimigo de fabulas, recusa consultar o Oraculo de Jupiter Ammon.

Que hei de inquirir do Oraculo de Jove?

Se antes do que ver Roma a hum Rei subjeita

Quero livre morrer co' a mão na espada?..

Se he nada a vida?... se no Mundo ha força,

Que prejudique ao Bom? se as furias quebra

A Fortuna encontrada co' a Virtude?

Se querer basta o que louvor merece?..

Se não cresce co' a dita a honestidade?...

Disto sciente estou; mais fundamente

Em meu peito grava-lo Ammon não pôde.

Dos Deoses a influencia em nós impera,

São as nossas acções impulso delles.

De voses não carece a Divindade,

Disse-nos de huma vez quando nascemos

Quanto cumpre saber; nem estes ermos

Buscando, porque a taros prophetasse,

A verdade enterrou nessas aréas.

Ha morada de Deos, que o Ar não seja,

O Geó, a Terra, os Mares, e a Virtude?

Para que vás buscar mais longe os Numes?

He Jove quanto vês, e em nós se move.

Recorra o timorato aos sortilegios,

Sempre em casos futuros duvidoso.

A Morte, e não Oraculos me instruem

De que deve cair o fraco, e o forte.

Lucano não foi dotado de hum'genio poético, como o Cysne de Mantua, porém o assumpto da Pharsalia era o mais digno de ser apresentado ao coração, e espirito dos Homens: erão as Guerras civís, que tinhão abalado o Mundo, assumpto mais grave, e interessante que as fabulosas guerras dos Deozes, e dos Gigantes. etc. Pompeo, Catão, Cesar, e Lentulo são maiores que todos os Deoses Mythologicos; as irritadas paixões dos Homens são mais medonhas, que as Furias, e o verdadeiro Tartaro está no coração delles.

Mr. Geoffroi, em huma moderná Critica a Tasso, julga este Poeta muito inferior a Homero, porque segundo elle, a Religião, de que fez uso he limitada, e pouco poetica, e a do Cantor de Smyrna he hum campo immenso de imagens, e invenções. Ora nós pelo contrario assentamos, que se em alguma cousa o Tasso he digno de critica, he por ter querido adornar a verdade com demasiadas fabulas, e ficções; por fazer uso de tanto Mago, de tanto Encantamento, de tantos Demônios, e de tantos Seres Metaphysicos. Chateaubriand observa que elle não aproveitou das Historias muitas cousas, que podião dar á sua Epeoa mais interesse do que todas as ficções; que não tirou bastãnte partido dos principios do Islamismo, que não pintou fielmente os imaginosos costumes do Seculo XI., e do Oriente; e que transformou os Cavalleiros da Cruz em Cavalleiros de Romance. A verdadeira Religião, e o Theatro das acções que cantava, podião enriquece-lo com amplo thesouro de pensamentos, e recordações. Que partido não podia tirar do Sepulchro do Redemptor, do lugar onde nasceo a luz da Verdade, de huma Terra que o *Ancião dos dias* tinha opulentado com tantos milagres em prol do seu Povo? Como he possível que a Musa de Tasso se não demorasse hum pouco em o Paraiso Terreal? no cume de Sinay? no Monte das Oliveiras? entre os odorosos Cedros do Libano? como não descobrió a divina luz do Thabor? o Anjo, que appareceo a Moysés sobre o Oreb? o Homem que desceo das ardentes Regiões com huma taboa de pedra sobre o peito, a fronte circumdada de raios de fogo, o rosto resumbrando as glorias do Senhor, e precedido dos terrores de Jehovah? como não achou huma taboa da Lei? não tributou huma lembrança ás sombras dos Prophetas? não escutou as mágoas da torrente Cedron? e as harmonias da Harpa de David?

Parece-nos que os Heróes de Homero, Virgilio, e Tasso, são maiores quando combatem huns contra os outros, do que quando pugnão com os Numes, Anjos, e Demonios. Desaparece aos nossos olhos todo o valor de Gofredo, e de Albuquerque, quando hum Anjo mostra ao primeiro as almas dos

Cruzados mortos no assédio de Jerusalem, combatendo contra os Sarracenos no ultimo assalto da Cidade, e ao segundo as almas dos Portuguezes assassinados em Malaca, ajudando os seus companheiros a debellar os Malaios. Quem pôde lêr sem tédio na Iliada ora Apollo, ora Venus, ora outras Divindades cobrindo com sombras, e nuvens ora este, ora aquelle guerreiro para o salvar das mãos do seu contrario? . . . Admirão muito os Pedantes o combate dos Deoses, e Neptuno, que dá tres passos, e chega de Samotracia ao seu Palacio no fundo dos mares, donde depois de armado volta no seu carro, sem se saber para que, pois o deixa junto a Tenedos! e nós nos admiramos de que haja quem possa admirar semelhantes disparates: para huma parte ser bella he preciso, que se ajuste bem ao todo a que pertence: ora se os Deoses de Homero são tão gigantescos, com que verosimilhança os faz elle medir as armas com os seus Heróes, e ser até por elles feridos? Como he possivel que Neptuno ande em hum apressurado carro pelo espaço que elle despeja em duas passadas? em que aproveita á marcha do Poema o combate dos Deoses, que, senão fosse a prophacia dos Cavallos de Achyles, seria a cousa mais ridicula da Iliada? se Homero escrevesse sempre neste gosto, senão tivesse pintado Andromachá, Hecuba, Heitor, Priamo; senão tivesse derramado pela sua Epopea hum chuveiro de belezas de outro calibre, ha muito que derramaria confundido com outros Poetas Gregos, de que a antiguidade, por fortuna nossa, deixou até perecer os nomes.

N. B. Nos Números seguintes irão sahindo as respostas á Carta de Manoel Mendes; e ás Correções de Hygino Antunes.

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,
Rua da Roza das Partilhas N.º 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Origem da Agricultura.

A *Agricultura* he huma das mais antigas, e das mais uteis de todas as Artes. A simples reflexão nos mostra que deve a sua origem aos Homens reunidos em sociedades. Os primeiros habitantes do globo sómente se nutrião dos fructos que lhe offerecia a Natureza bemfeitora. Os povos que habitavão as margens dos rios vivião da pesca, bem como os que habitavão as florestas se sustentavão da caça. Foi depois que formáráo sociedades que elles procurarão huma subsistencia mais certa, mais abundante, e de huma natureza mais agradável. A primeira cousa que fizeram foi arrancar das florestas as arvores em que tinham achado saborosos fructos, e as plantarão junto ás suas habitações. A terra recebeu em seu seio as sementes das plantas em que tinham observado qualidades nutritivas. A observação, a industria, e a engenhosa necessidade contribuirão para a perfeição das primeiras tentativas, e deste modo a Agricultura veio a ser huma Arte.

He innegavel que os homens, que vivêráo proximos ao nascimento do Mundo, forão Agrários. O Diluvio não extinguiu este gosto, pois que a familia privilegiada, que se salvou, deu provas do conhecimento que tinham da Agricultura. A terra cultivada pelos Patriarchas, deu colheitas abundantes, e seus rebanhos se multiplicavão, e cobrião as mais fertéis campinas. Se da Historia Sagrada passámos á Profana, veremos os Assyrios, os Medos, os Persas, e os Romanos consagrarem-se á Agricultura. Es-

ta arte era tão antiga na *Babylonia*, que remonta aos primeiros seculos da sua *Historia*. As observações, e descobrimentos que se fazem sobre este tão importante objecto, erão communicadas pela tradição.

Os *Egyptios* davão a *Isis* a gloria de ter achado o trigo, e attribuião a *Osiris* a invenção da charrua, e a cultura das vinhas. Rasão he confessar, que a *Agricultura* era mui antiga no *Egypto*, pois que *Abraham* alli procurou hum asylo no tempo da fome, e *Jacob* lá mandou comprar pão em iguaes circumstancias. Se negarem aos *Egyptios* a invenção da *Agricultura*, nunca lhe poderão negar a gloria de a terem aperfeiçoado.

O primeiro cuidado do Fundador de *Roma* foi estabelecer doze Sacerdotes, para offerecerem aos Deoses as primicias da terra, e pedirem colheitas abundantes. Elles erão chamados *Arvaes*, de *arva*, campos. Numa *Pompilio*, hum dos mais sábios Reis da antiguidade, depois de dividir o territorio Romano, obrigou, por huma lei, a darem-lhe huma conta exacra da maneira com que os particulares agricultavão.

Os *Chinezes* disputão aos povos de que fallámos, e aos mesmos *Gregos* a ancianidade da *Agricultura*. He verdade que ella mostra vestigios de ser mui antiga neste vasto paiz, pois que se falla desta arte com os primeiros *Monarchas* *Chinezes*. Houve tempo em que a *Agricultura* em *Portugal* chegou a tal perfeição, que os nossos *Maiores* exportavão trigo. Nesses felizes tempos, contava *Portugal* quasi seis milhões de habitantes. Pelo decurso dos seguintes *Números* fallaremos mais amplamente desta *Arte*, mostrando que ella he a mais sólida base da riqueza, e prosperidade nacional.

ARTIGO II.

P O E S I A.

O D E.

Traduzida de Vernes.

Falla o Deos do Universo aos Elementos ,

Elle te chama, ó Nada :

Vai tudo no teu golphão submergir-se.

Eis fogo a luz : sómente

Nos ares os relampagos fusilão :
 Troão trovões , e os ventos
 Do Inferno ao Ceo as ondas alevantão !
 Tremei , Mortaes : o Mundo
 Sob vós se abala : as lavas rompem , correm
 De seu sulphureo seio :
 A Morte reina , sobre a especie Humana
 Florêa a iniqua fouce ;
 Tudo lhe sente as furias , e apresenta
 O horror do Averno horrendo !
 Arrasão-se as montanhas : arrebentão ,
 Dissolvem-se os abysmos :
 Tornão-se em pó nos Ceos estremecidos
 Os Astros perturbados :
 Tudo se cala , e se aquieta : o imperio
 Do Silencio renasce :
 Todo o Universo destruido , o immenso
 Seu Orbe á Noite entrega .
 Oh ! que innúmeros Astros fulguerosos
 A mão do Tempo-ensombra !
 Só Tu , ó Creador , glorioso fulges
 Sobre as suas ruinas .

Moniz.

ARTIGO III.

LITERATURA.

Verdade na Poesia.

(Continuado do N. V. pag. 52.)

E que necessidade ha da occurrencia de Seres phantasticos, quando os objectos, e factos são per si mesmo sublimes? Para que servem Naiadas, Nymphas, Satyros, Sylvanos, Faunos, Cyclopes, Fadas, Gigantes, Serpentes, Dragões, Chymeras, Montanhas de ferro, Palacios de ouro, Armas encantadas, e toda a ferragem

da Meza redonda, da Chronica de Turpim, maravilhas das Fadas tiradas dos Canticos dos Scaldas, das Fabulas do Edda, e das invenções dos Habitantes do Septentrião? „ Para que he (diz Chateaubriand) vêr-se hum Nume em cada pedra, no Iris, nas nuyens? não he melhor vêr ahí a alma do Universo, o grande Solitario dos Mundos? por correrem atraz destes frivolos, e brilhantes sonhos, he que os Poetas antigos nunca subirão á sublime Phylosophia, nem descêrão aos profundos abysmos do coração, não tiverão Poesia discriptiva, não sentirão as bellezas da Natureza, não fallarão da voz das Torrentes, nem da magestade do Deserto. A Natureza não he para os Poetas antigos mais do que huma sombra favorecida por Morphee, hum florido valle, a que Cytherea desce, huma fonte em que Baccho repousa no seio das Naiadas. A Mythologia povoando o Universo de brilhantes phantasmas, tirava a Creação a sua grandeza, e circumscrevia os vãos do pensamento. Desterre-se de huma vez toda a caterva de Phaunos, e Nymphas, para restituir ás grutas, e aos bosques o seu silencio, a sua melancolia. Quebrem os Rios suas pequenas urnas, para só do cume das montanhas derramarem as aguas do abysmo. Não basta descrever, e adornar a Natureza, hé tambem preciso pinta-la com as suas verdadeiras côres: não basta, que a Imaginação a imite com seus brilhantes pinceis, cumpre que o coração a vêja, a sinta, e a cante. „

Porém o peor de tudo foi passar-se da ficção para a falsidade; os Poetas, habeis em fingir, aprenderão tambem a mentir; podia povoar-se o Universo de mil Deidades amaveis, mas não devião divinizar-se os Monstros que devastavão a terra.

Era dever do Poeta ser o Historiador, e o Bardo dos Povos, celebrar com lingua de ouro a Virtude, e cingir com o eterno fulgor do Canto os nomes caros á Humanidade; cobrir o vicio de maldições e opprobrios, fulminar a tyrannia, e fazer que sobre as orgulhosas cabeças retumbasse o medonho trovão da Posteridade. E ha de hum sublime talento involucrar-se no lôdo da baixaza, e prostituir a linguagem dos Numes a vergonhosas adulações? Nada ha mais torpe do que hum Poeta, que, tendo azas para remontar-se aos Ceos, curva servilmente o joelho, para consagrar seus versos a Homens viciosos, e indignos.

Porém as Musas sabem vingar-se, desviando sua inspiração divina daquelles que profanão os seus dons celestes, daquelles, que, largando o sceptro do Genio, abaixão suas azas de fogo, descem da altura de sua alma, e des-honrão os seus sublimes pinceis.

D' indigna adulação torpe ignominia,

O espirito aviltando, enerva o genio.

Continuar-se-ha.

ARTIGO IV.

CRITICA

Observações sobre huma Carta impressa em papel pardo, e dirigida a hum Amigo Transmontano pelo Doutor Manoel Mendes Fogaça.

Pensavamos que o Doutor Manoel Mendes *Fogaça*, (corrido das numerosas apupadas, com que o tinha mimoseado hum immenso Auditorio, na sempre memoravel occasião em que Antonio Xavier (nome execravel a todos os *Fogaças*!) se lembrou de o pôr em scena com todas as suas baldas; e em que hum Actor o representou fielmente, copiando-o em trajas, e acções,) se tinha para sempre recolhido á sua Aldêa, com tenção de não tornar a Lisboa. Ha porém Homens que são como as péllas, que quanto mais batidas mais saltão, e o Doutor Mendes *Fogaça* he deste número. Em huma *Carta*, datada do *Forno do Tijolo*, (sitio quasi deserto, aonde, porque sempre teve zanga de que a gente visse as suas acções, vive solitario como em hum Arrabalde de Genebra) torna o Pantafaçado *Fogaça* a apparecer aos olhos do Publico, ladrando a mortos, e a vivos, e dirigindo seus principaes ataques contra o Observador, e seus Redactores.

He na verdade cousa notavel a guerra que nos declarão os *Fogaças*, e os *Antunes*, que taes são os nomes com que se disfarção os nossos *mycpes*, e *carrancudos* adversarios, talvez por em sua consciência assentarem que propriamente lhes quadrão! e nós, que os bem conhecemos, (como a Raposa distinguio o Burro coberto com a pelle do Leão, porque lhe vio as orelhas de fóra,) vendo seu torpissimo estylo, e desconnexas idéas, rimos de tão pueril artificio, e os tratamos com o merecido desprezo. Ha porém certos *Papa-moscas* que por prevenção, ou ignorancia, não cessão de clamar „ que responderão os Observadores? „ Quem são elles para medir-se com o Doutor *Fogaça*, que *escreve, escreve, e até dormindo escreve?* „ e nós que somos amigos de contentar a todos, em obsequio destes Senhores, tomamos o fastio de responder a huma dúvida do Doutor Mendes *Fogaça*, e he a seguinte „ *Eu não sei o que elles observão*, observamos:

- 1.º Que a carta do Doutor *Fogaça* he pessimamente escripta, cheia de ignorancia, e má fé.
- 2.º Observamos: que o Doutor Mendes *Fogaça* diz tanto mal dos Theatros não só pelo mal que lá foi tratado, mas pelas horrô-

sas pateadas, com que alli forão escarnecidos os Dramas de alguns seus amigos, como a *Zaida*, o *Ataide*, a *Clotilde*, etc.

3.º Observamos: que o Doutor Mendes *Fogaça* se mostra ignorantissimo em Poesia, pelo desprezo com que trata a *Brasiliada*, Epopea chêa da mais rica imaginação, e em que seu desgraçado Auctor prodigalizou com pincel original e creador, formosos, e energicos quadros, que fazem honra ao Genio Portuguez; bastando para provar esta asserção citar a caçada, o banquete, a resenha das tropas, a revolução Franceza em geral, e em particular a morte de Luiz XVI., o concilio infernal, o sonho do Heróe, a partida das Nãos e a consternação de Lisboa, a tempestade em Terra, a apostrophe á Natureza, e finalmente as discussões politicas do Canto oitavo, trecho a que nada ha comparavel em alguma outra Epopea, seja pela força de estylo, ou pelo vigor das idéas.

4.º Observamos: que o Auctor quando ataca o titulo deste Poema dizendo „*nada do que alli se diz se fez, ou vio no Brazil tudo se fez cá, e no's o vimos*„ em primeiro lugar mente, porque parte da acção he passada no mar, e no Brazil, pois El-Rei, e a Real Familia arribão á Bahia, etc. Em segundo lugar mostra ignorar que o titulo dos Poemas Epicos se tira, ou do nome do Heróe, como *Odyssea*, *Eneida*; ou do lugar onde se passa a acção, como *Iliada*, ou do objecto da acção, como a *Cruz restaurada*, ou a *Brasiliada*, isto he a viagem d'El-Rei para o Brazil.

5.º Observamos: que tendo apparecido em Portuguez tres traducções dos Martyres, por diversos sujeitos, e com diverso merecimento, tem seus laivos de desaforo fazer hum ataque á traducção dos *Martyres* sem dizer qual, pondo os Leitores menos instruidos nas circumstancias de julgarem má toda a traducção dos *Martyres* que lhe cahir nas mãos.

6.º Observamos: que he indigno de hum Homem de probidade forjar oito versos ridiculos, e attribui-los aos Auctores de huma colleccção de diversas Poesias com que alguns dos nossos Poetas celebrárão a Familia Real, e as victorias alcançadas pelos nossos bravos Guerreiros, e Alliados, como faz o Doutor *Fogaça* a paginas 6.

7.º Observamos: que he ridiculo julgar o Doutor Mendes *Fogaça* do merecimento do Observador, quando a pag. 7 confessa que *so' lêra o Prologo delle*.

8.º Observamos: que he hum absurdo declarar-se o Doutor *Fogaça* contra todos os Jornaes, sem fazer distincção de bons, e maos.

9.º Observamos: que he outro absurdo querer o Doutor Mendes *Fogaça* ridiculizar, e tratar de inuteis os Artigos sobre os Insectos.

Nenhum ramo da Historia Natural merece desprezo, especialmente quando he bem tratado: e estando os Camponozes continuamente expostos ás mordeduras dos Insectos venenosos, he preciso ser bem *Fogaça* para não conhecer a utilidade de ensinar-se ao Povo o meio de precaver e sanar os damnos, que de seu veneno resultão.

10.º Observamos: que só hum Enfermeiro de Doudos he que podia dar competente resposta ao Doutor *Fogaça*, quando clama que no Observador ha *hum* *solemne* *descompostura* a *hum* *Mulher* *de* *Theatro* *nomeando-a* *pelo* *seu* *nome*; não sendo alli offendido o crédito da dita mulher; mas sómente notando-se-lhe alguns defeitos d'arte, e a falta de estudo da Lingua, de que ella deve, e pôde facilmente corrigir-se: e quando chama a isto hum *insulto* *nunca* *visto* *entre* *no's* *até* *agora*, como se ninguem tivesse lido os seus folhetos cheios das mais indignas personalidades, e não andasse nas mãos de todos a Parodia feita pelo Doutor *Fogaça* ao elogio recitado pela mesma Actriz, e que começa:

Acabei de fingir sou outra agora.

Parodia tão torpe, e infame por expressões, e idéas, que della não he possível citar hum verso!...

11.º Observamos: que o Doutor *Fogaça* se mostrou completamente ignorante quando desapprovando a descripção que demos da Africa em Geographia antiga, disse, que, para a fazermos boa, bastava que consultassemos Danville, sendo a censurada descripção copiada exactamente daquelle célebre Geographo!

12.º Observamos: que o Doutor *Fogaça* tem muita rasão em attribuir a desordem da Sociedade, e a desgraça da Literatura a abraçarem-se estados sem vocação para elles; pois senão fosse isso o Doutor *Fogaça* em vez de escrever destas *cartinhas*, puxaria pelo cabresto de hum a zemela, ou acarretára fardos na Alfandega; e o seu *Sancho* Antunes pesaria quartas de toucinho, ou passaria a rasoura por cima d'algum alqueire de feijão.

13.º Observamos: que o Doutor Mendes *Fogaça* he o Homem mais leigo em Historia Natural, que piza a face da Terra. Não farto de ter em outra *obrita* chamado *Reptis* aos Insectos, nesta em tudo admiravel *carta* põe na classe dos Insectos os mais alentados, e ferczes quadrupedes. *Na Historia Natural* (diz elle) *ha a parte Zcologica*; alli tem *Fichos*, mas não sejam *Bichos* *pequenos*, mas *Ficharccos* *grandes*. Não tem alli *Camellos*? não tem *Onagros*, ou *Asnos* *Silvestres*? não tem *Girafas* *estupidas*, e *grandes*? não tem *Zebbras* *variadas*, *indomaveis*, e *escoucedoras*? *gostão* *de* *Insectos* *mais* *mudos*! Os *Camellos*, os *Onagros*, as *Zebbras* postas no número dos Insectos! Quem tal crê-

ra, se o não visse impresso, e tão claramente impresso? e quem usaria imprimir tão desmarcada, e Talúda Sandice senão o Doutor *Fogaça*?

14.° Observamos: que o Doutor *Fogaça* não sabe a Língua Portuguesa, pois diz a pag. 24 „haja hum, ou busquem este hum que tenha o estylo seguro, e fixo, que conheça a difficil arte de se *annunciar* bem „ quando para fallar Portuguez devia dizer *enunciar*„ assim como diz a pag. 20 *administrar idéas*, devendo, para expressar-se com propriedade, dizer *ministrar idéas*.

15.° Observamos: que varias phrases que o Doutor *Fogaça* emprega nesta carta, (ex. grat.) „*Querem a Ichthiologia? gostãõ de peixes? e que bons peixes a idãõ por abi! olhem que não são os dos cabazes; que esses não sabem dahi senão a pezo de ouro*„ despertão idéas indecentes, e são indignas de hum Homem velho, e que como o Doutor *Fogaça* pertende dar conselhos aos outros, e prescrever-lhe regras de comportamento.

16.° Observamos finalmente: que se quizessemos apontar todas as sandices, mentiras, e calúmnias de que vem recheado este opusculo, seria necessario empregar nestas observações pelo menos dois Números inteiros, nós porém nos contentamos por ora com esta pequena dóse de tunda; e vamos accodir ao chamado eruditissimo *Hygino Antunes*, que não quiz, como brioso, e leal *Escudeiro* que he, desamparar seu Amo na lide que hiã emprender, lembrando-se de que o seu grande modelo o preclarissimo *Sancho Pança* sempre acompanhou D. Quixote em todas as suas cavallerias, ainda em risco de ser zurzido, ou mandado.

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,

Rua da Roza das Partilhas N.º 153.

1818.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos Mosquitos.

[CULEX.]

Caracteres *physicos* Estes insectos sem queixos, de duas unicas azas (*Dipteros*), com antenas mui curtas, sugador corneo saliente, e sem tromba (*Sclerostomus*); tem as antenas filiformes, ou plumosas; e o sugador consiste em cinco cerdas encerradas em huma bainha carnosa, mui comprida, e sobrepujada por dois longos palpos articulados. Estes pequenos, e delicados insectos de pernas compridas, chupão o sangue dos grandes animaes, e procedem de larvas alongadas, de que abundão as aguas estagnadas, nas quaes nadão com muita velocidade: a cabeça destas larvas he grande, munida de antenas: seu corpo tem de cada lado huma fileira de cerdas, e hum tubo na extremidade para a respiração.

A nymphã apresenta todos os membros do insecto perfeito, agregados ao thoracete; com tudo os movimentos do seu abdomen en a habilitão tambem para nadar, e respira por dois pequenos corniculos, que tem no thoracete. Quando brota o insecto perfeito lhe serve de barco o despojo da nymphã, até que as azas esteião seccas. *Civier* particularisa a seguinte especie:

1.^o Mosquito zumbidor, ou ordinario (*Culex pipiens.*) He cinzento com oito anneis pardos no abdomen, e as antenas do macho plumosas. Este insecto, excessivamente commum nos lugares pan-

ranosos, he huma das calamidades dos paizes do Norte: os Lapponios livrão-se delles vivendo em hum continuado fumo.

N. B. Os Mosquitos, e outros Insectos incommodos das Ilhas da America, parece que são especies proximas a esta.

Acção venenosa sobre a economia animal. Entre os insectos nocivos ao homem, poucos ha cuja presença lhe seja tão incommoda como a do mosquito. Este animal he principalmente ávido de sangue humano. Parece que o cheiro da nossa transpiração o attrahe, e que elle se dirige com preferencia á pelle mais fina, e delicada. Quando muitos destes pequenos animaes insinuão na pelle o seu aguilhão e veneno, excita-se huma especie de inflammação assás analoga ao effeito das ortigas. Sobrevem prurido violento; algumas vezes comichão intoleravel, e frequentemente hum verdadeiro estado erysipelatoso. Não he raro vêr-se inchada, e vermelha toda a superficie do systema dermoideo. Donde provêm, nas organizações naturalmente irritaveis, huma febre mais, ou menos intensa, insomnias perpetuas, etc.

Antidoto, e soccorros. Remedeão-se os effeitos da picada dos mosquitos pelos meios mais simplicés. Lava-se a ferida com saliva, agua commum, ou impregnada de sal; tambem se usa do azeite, vinagre, agua vegeto-mineral, etc. Tem-se proposto, e mesmo empregado com algum exito, a applicação do queijo, leite, manteiga, ou dos corpos graxos, e mucilaginosos, para mitigar o estado doloroso, e mordicante da pelle. *Baume* aconselhou o fumo de tabaco por ter conhecido que seu cheiro affugentava estes insectos: todos os vegetaes fétidos possuem propriedade analoga. *Amoreux* aconselha que se destruão os mosquitos nas casas, collocando á tarde huma luz em hum globo de vidro untado externamente de mel, para os attrahir, e glutinar á sua superficie. „ Os *Mosquiteiros* de garça, ou volante, accrescenta o mesmo Auctor, nos defendem durante o somno da noite, e proporcionão agradavel sesta a certos mandriões por officio, e a alguns voluptuosos por costume.

ARTIGO II.

P O E S I A

F A B U L A .

A Giboia, e o Macaco.

Lá nos serros do inculto Brazil
 A Giboia na turba reptil,
 Na quadrupede vária domina
 A Panthéra ligeira e ferina.
 Por obstar a discordias antigas,
 Que brotavão renovos maiores,
 Assentárão por Embaixadores
 De ajustar entre si novas ligas,
 Com que, dando-se mútua homenagem,
 Para os dous igual fosse a vantagem.
 Mandou logo a soberba Serpente
 Hum soante, raivoso, e temivel
 Cascavel, em venenos potente:
 Sem veneno a Panthéra terrivel
 Mandou logo, em astucias perito,
 Grande Mono de gesto exquisito.
 Ei-lo já co' a Serpente tratando,
 E' ei-la irada, que diz, sibilando:
 „ A que vem tal grunhir, taes caretas,
 „ Se não he que illudir-me projectas? „
 —Co' respeito á grandeza devido
 (A coçar-se tornou mui sorvido)
 „ Entre vós, e minha Ama a Panthéra
 „ Igualmente a intenção foi sincera:
 „ Esse tal que lá foi de embaixada
 „ Tambem creio que não conclue nada:
 „ Quanto a mim esta troca anuncia
 „ Que nas Côrtes tudo he monaria.

ARTIGO III.

CRITICA.

Memorias de Hygino Antunes.

O tempo vai fertil em motivos de dissabor, he preciso alguma distracção, he necessario algum desafogo: o estudo mata muitos cuidados, e, assim como a leitura rega, enverdece, e fertiliza os vergeis da imaginação, tambem a escriptura recrea o animo, ao mesmo tempo que, discorrendo pelos campos moraes, se dispargem as flores da phantasia. Phantasia he isto mesmo: e assim he que, para recreio e deleite, não se ha de escrever de materias graves, que prendem os sentidos, e apurão o entendimento; hão de antes buscar-se idéas prazenteiras, assumptos joviaes, e objectos jocosos: e que mais jocosa cousa do que, com o telescópio da boa crítica, observar os empavezados charlatães, os atrevidos pedantes, e os presumpçosos sandeos?

Eis-ahi a sôpa no mel. Cahio-me nas mãos hum miseravel papelinho impresso, de que se diz Auctor *Hygino Antunes*, e consta (diz elle) de *correções feitas*. Ora eu tenho conhecido alguns *Hyginos*, e alguns *Antunes*, porém não conheci, nem conheço nenhum *Hygino Antunes*; e este tal *Hygino das correções feitas* não sómente o não conheço, mas até não sei se he vivo, nem se he morto; se he morto, Deos tenha a sua alma em descanso: se he vivo, Deos lhe dê juiso, que na verdade bem falta lhe faz; e tanta, que eu mui sinceramente protesto não querer conhecello, porque, segundo a insignificancia da tal obrinha, he elle muito insignificante, e desprezivel creatura. Verdade he que me dizem; que *Hygino Antunes*, ou *Hygino das Correções* he nome supposto; e que o *supposto Hygino*, muito alvarinho e tronchúdo, he o *Auctor dos Kanados*: e com effeito, eu a isso me inclino, ou por melhor dizer, assim o reconheço na tal obrinha, porque em varios lugares della

Un petit bout d'oreille échappé par malheur

Decouvrit la fourbe et l'erreur. -- (Lafontaine)

Pela ponta da orelha que apparece

O disfarçado Burro se conhece.

Mas, antes de amostrar a ponta da orelha de *Hygino Antunes*, he preciso dizer como obteve elle as honras de *Auctor dos Kanados*. *Kan*, em linguagem Tartara, significa *Senhor*; deste substantivo pessoal temos o derivado possessivo, *Senhorio*; porém vai que fez *Hygino Antunes*? como bem Tartarizado e Eruditissimo Grammaticão, de *Kan* derivou *Kanados*; e, com muita honra e gloria sua, corre o tal palavrorio, com outros mil quejandos, impresso em huma dessas folhas de papel pardo, que andão todos os dias por muitas mãos, e mais não sei por onde.

Não ha quem se não indigne, e se aborreça de sandices, e sandeos: mas, ainda que eu me incolerize, quando elles se me apresentão carregados das ineptias e frioleiras da ignorancia e presumpção, facilmente se me tempéra a bilis, e não posso conservar odio a ninguem; e tambem, como tenho a balda de querer sempre julgar o melhor, ainda duvido se *Hygino Antunes*, he ou não he o *Auctor dos Kanados*: por seu estylo enojoso, por suas birras, e outras manhas parece-me que he o mesmo; e a ponta da orelha he, tal qual, do mesmo feitio, e côr: e, como o *Auctor dos Kanados* no Parallelo do Oriente com a *Lusiada* (obra de eterna execração para o *Doutor Mendes Fogaça*!) levou huma pequenita esfrega, por sahir a público, em ar de *Caudatario do Doutor*, fazendo alarde das miserias de seu entendimento; cuida agora que o miseravel, tomando-se de outra tal tentação, e temendo justicas da mesma penna, para evitar a surra mudou o nome; porém, sendo seu fado a ridicularia, chamou-se *Hygino Antunes*, e amostrou a ponta da orelha.

Como quer que isso seja: o certo he que, com os tolos ingenuos e commedidos tem-se piedade, e compaixão de sua simpleza; porém quando apparece hum nescio lépido, lampeiro, e campanudo; hum estúpido ignorante, hum sandeo presumindo de omnisciente Letrado, e de ladino Doutor, então não ha quem se tenha; disfarão-se as fréchas da irrisão, estende-se o azurraque da ironia, jogão-se todas as armas do ridiculo, chovem a todos, facecias, e motejos; e o indiscreto taralhão fica mais retalhado do que se levasse ventósas sarjadas, e mais coberto de mófas, e ignominias do que de insectos hum asno morto. Mas inda assim, eu não quero deixar *Hygino Antunes* tão cortado como merece a sua balofa personagem, e balofissimas composições; porque ninguem ignora o muito que podem as más companhias, e o *Fedantão Mendes Fogaça* tem sido huma manifesta perdição para o *seu Caturra Hygino Antunes*.

Não obstante a orelha que amostra, bem conhece o alvarinho e tronchudo, rôlho e apaspalhado *Hygino Antunes*, e bem diz (pag. 3.) „ que he necessario subjeitar-se a procurar, e ou-
„ vir hum amigo verdadeiramente erudito, prudente, e sincero,

„ que o affaste , encaminhe , ou instigue , quando se resolve a sa-
 „ hir a público com producções literarias „ porém como teve a
 ruim ventura de deparar com hum *Mendes Fogaça* , o qual (ex-
 cepto no desafôro) em todos os sentidos he hum perfeitissimo
 avesso da perfeição : como he tão lêsma , que o escuta de boca
 aberta , admirando as suas producções , e sujeitando-se ás suas
 decisões , nem que fossem do Oraculo de Delphos , ou de outro
 assim famoso : como não sabe conhecer quanto são errados , con-
 fusos , e enojófos os literarios feitos do *Mendes Fogaça* , nem
 quanto são malignos os seus pareceres , sentenças , e arrazoados :
 como , a pag. 6 , nos certifica de que „ a sua paciencia se não
 „ enfada facilmente ; „ e como daqui mesmo se próva a sua in-
 capacidade mental , poucas esperanças restão de o vêr devida-
 mente emendado : e com tudo , como tambem = agua molle em
 pedra dura tanto dá até que fura = esperemos , porque talvez
 ainda venha a furo da reflexão a sua gorda , e dura cachimo-
 nia , e com o andar do tempo lhe entrem alguns barruntos do
 senso commum.

Se o burro aprende a estrada , porque não ha de *Hygino Antunes* aprendella ? Eu não pertendo alguma obra boa de *Hygino Antunes* , porque de ninguem se deve pertender cousa superior ás suas forças : quero sómente que elle não metta o bedelho a palestrar doutoramente daquellas cousas de que nada entende , que não sáhia da sua esphéra , que se limite a adúbos . . . e nisso lhe poderá ir muito proveito. Os mais nescios são esses os que mais affincados costumão attender ao seu interesse , e proveito ; e mui proveitoso seria a *Hygino Antunes* , por seu crédito , o seu silencio. Bem sei que tambem os mais nescios costumão ser os mais fallões ; e *Hygino Antunes* , além de em seu natural ser gravemente achacado de huma excessiva comichão palrante , ou palradora ; como a tinha dos máos costumes he a que mais facilmente se apega , coutadinho ! instigado , e influido pelo funesto exemplo do seu façudo , e lambareiro amigalhão *Mendes Fogaça* , tem já apparecido , ajojado sandeo com sandeo , espontaneamente offerecido em pábulo á pública risota , e zombaria ; parecendo tambem como elle , aspirar á celebridade pelo maior número de sandices de sua propria lavra. Deixemos as muitas que tem encelleirado em seus diversos canhenhos , porque , sem as deslindar , o simples arrolamento dellas seria huma longa tarefa , e de longuissimo fastio : e eu que por desfastio tomei a penna , para dar dous traços nos focinhos de *Hygino Antunes* , não quero que hum divertimento se torne em huma fadiga , para mim , e para os meus leitores ; e cuido aliás que bastará sacar alguns fios da cozedura papalvo-crítica de *Hygino Antunes* , para poder dar gasto ao bom humor.

Vejamos pois como apparece a ponta da orelha de *Hygino Antunes*, e se por ella conhecemos ser elle o *Auctor dos Kã-nados*, por tantos titulos tão ridiculamente célebre. Diz o *Hygino* (pag. 4 das suas *Correcções feitas*) „ A experiencia de scbejo „ mostra quanto hum amor proprio desregrado, ou hum feio orgulho cega muitos Homens, e os precipita na carreira de Escriptores públicos sem as prévias noções sufficientes de quaes „ sejam os sólidos conhecimentos que este mister exige. Se isto „ he em qualquer ramo de Sciencia, ou de Literatura em particular, em que o sujeito he versado, ainda pôde ter desculpa „ a sua confiança. „ Não lhe façamos caso das miserias d'estylo, e phrase, porque em fim elle não sabe escrever melhor: mas então, não he bem grande a *confiança*; a presumpção, ousadia, atrevimento, charlataneria, pedantismo, ignorancia, e sandice de *Hygino Antunes*? Não se duvida de que ha Escriptores públicos sem as prévias noções que este mister exige: que maior prova do que o proprio *Hygino Antunes*? Mas como pertende elle o *subjeito versado em qualquer ramo de Sciencia, ou Literatura sem as prévias noções que este mister exige*; E quando isto pudesse dar-se, [como poderia ter desculpa a sua confiança? Tal cabeça, tal sentença: tal idéa, tal expressão. Está dito, parece-me que não tem dúvida nenhuma: *Hygino Antunes* he o *Auctor dos Kã-nados*:

*Un petit bout d'oreille echoppé par malheur
Decouvrit la fourbe et l'erreur.*

Com os dous Jornaes o *Encyclopédico*, e o de *Côimbra*, encamba *Hygino Antunes* o *Semanario de Instrucção* (alcunha) e gaba (pag. 5) „ os excellentes artigos literarios, e o eruditissimo, e vehementissimo modo do *Espectador* „ (Espreitador) E vai então, e eis-ahi estão o *Espectador*, e o *Semanario de Instrucção*, dous ludibriosos monumentos da ignorancia, e do desafôro, os dous peores Jornaes que havemos tido, emparelhados por *Hygino Antunes* com os dous melhores que possuem os! Mas que ha de ser, se dizem que elle levava rasca naquellas assaduras? Que ha de ser, se o menos que faz *Hygino Antunes* he amostrar *Un petit bout d'oreille*?

Querendo *Hygino Antunes* (pag. 6) accusar de ignorancia no *Observador* sobre a pluralidade dos Jornaes politicos ou literarios, chama-lhe *falta de noticia, ou aliás phylancia*, de maneira que em seu canhenho, e em seu bestunto o mesmo vale *phylancia*, isto he, presumpção, vaidade, amor proprio desordenado, que falta de noticia, ou ignorancia! *Un petit bout d'oreille*.

Diz mais o *Hygino* (ibid) „ Mas qual não foi a minha admira-

„ ção quando , sem mais prévia noção acerca das classes dos
 „ Insectos, se me apresentou descarnado hum singeiro artigo,
 „ que tratava do Escorpião, ou Lacrão, e outros artigos em
 „ que huma linguagem vasconça deixa enfasiado o Leitor. „
 Ora já se vê que *Hygino Antunes* tem séstro com as *prévias no-*
ções, talvez por isso mesmo que absolutamente as carece; tendo
 por tanto muita razão em não querer que se trate do Escorpião,
 sem mais *prévia noção acerca das classes dos Insectos*; mas, se isto
 fosse necessario, tambem o seria que, para tratar do *Auctor*
dos Kanados se dêsse huma *prévia noção acerca das classes dos*
animalejos de menos tino. Porém, como todos os grandes igno-
 rantes são grandes admiradores, he por esta só razão que *Hy-*
gino Antunes, desconhecendo o valor, e propriedade das phrases
 scientificas, e termos técnicos empregados naquelle e similhan-
 tes artigos, os argue de *linguagem vasconça*; aproveitando a ac-
 cepção ridicula em que trivialmente he usada esta expressão, e
 mui provavelmente ignorando a sua originaria, e genuina signi-
 ficção, que nada tem de ridicula, nem desagradavel, sendo an-
 tes mui suave a linguagem dos Povos que chamamos *Vasconços*,
 ou *Vascongados*, entre os quaes, por mui laboriosos e entendi-
 dos, raro he que algum *Hygino Antunes* amostre: *Un petit bout*
d'oreille.

Diz mais o *Hygino* (pag. 8.) „ Não farei separação das
 „ classes de erros, involverei na ordem em que se achão os
 „ Grammaticaes com os Orthographicos, os de composição com
 „ os de traducção. „ Temos pois que, na intelligenza de *Hy-*
gino Antunes, a mesma differença vai de Grammatica a Ortho-
 graphia, que de composição a traducção: de maneira que nem
 sequer sabe quantas são as partes da Grammatica! não sequer
 sabe, ou pelo menos mostra não saber que huma dellas he a Or-
 thographia! Talvez elle quizesse dizer, *erros Grammaticaes de*
Construcção, ou Syntaxe, com os Orthographicos: porém esta cla-
 reza, e propriedade he impropria do *Auctor dos Kanados*, he
 superior ao seu engenho, e saber, que todo consiste em amostrar
Un petit bout d'oreille.

Diz mais o *Hygino* (pag. 12.) „ Em Poesia póde dizer-se
 „ Jove, mas em prosa só usamos dizer Jupiter; salvo em dis-
 „ curso de eloquencia elevada, e isso carece de muita parcimo-
 „ nia, e deve-se attender á euphonia. „ Elle o diz: *Jove* são,
 ou póde soar *deseuphónico* ás orelhas de *Hygino Antunes*! tão con-
 trarias a todá a euphonia são as orelhas dos zotes, e sandeos! e
 tão teimoso he *Hygino Antunes* em amostrar: *Un petit bout*
d'oreille.

Diz mais o *Hygino* (pag. 24.) „ Ser parte para alguma
 „ cousa, não he Portuguez. „ Porém todos aquelles que o co-

nhecem, e eu, pelo que vejo, certificamos: que elle *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, e *das Correções feitas*, he muito boa peça, e mui perfeita parte para o rol dos lépidos parvalhões, e para a récua dos animaes bipedes que tem muitas propriedades dos quadrúpedes, e por isso ja cada instante lhe apparece: *Un petit bout d'oreille*.

Diz mais o *Hygino* (pag. 25) „ Em Portuguez diz melhor „ huma Menina do que huma bella Menina, que parece canti- „ guinha. „ Ora eis-ahi como são as cousas! muito sabe *Hygino Antunes*! em se dizendo Menina, está dito tudo: e embora a Menina seja deforme, seja aleijada, ou cercovada, ou leprosa, tudo isso he indifferente, e sempre a Menina será bella Menina, que assim o diz *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, e *das Correções feitas*; e está dito, porque elle não he individuo que deixe de amostrar: *Un petit bout d'oreille*.

Agora, como huma bella Menina sempre he objecto de reparo, largo eu a penna para contar quantos já por ahi vão *petits bouts d'oreille* de *Hygino Antunes*?... Hi! como elles são tantos!... Desandemos hum pouco, a vêr-se, dando para traz com *Hygino Antunes*; quero dizer, se olhando esta tal obrinha do *Auctor dos Kanados* na corrente, que todas ellas levão, da maré do Caranguejo, não lhe apparece nenhum *petit bout d'oreille*. Vejamos. Mais de ametade da pag. 21, e toda a 22; e parte da 23 enche elle com os gabos do seu muito amado *Espectador*, condemnações do *Observador*, e hum aranzel, e argel de *Insectos*, bichos peçonhentos, reptis venenosos, e universal risada!... Hi! com Satanaz!... pois não será possivel vêr-nos desinçados dos *petits bouts d'oreille* de *Hygino Antunes*?... Desandemos ainda. Oh! cá está: refere-se elle (pag. 20) a hum artigo do *Observador*, sobre a preparação dos vinhos; e, depois de varias, e eruditissimas *Correções feitas*, diz (pag. 21.) *Cumpre fazer justiça ao Traductor deste artigo, de que sem dúvida he elle o mais limpo destes dous números* (isto he os 8.º e 9.º em que o *Auctor dos Kanados* assenta todo o gravissimo peso da sua sabcença critica) e os erros *Typographicos*, cu *Orthographicos* apontados em nada deslustrão o seu trabalho, Oh! agora sim, agora já não he: *Un petit bout d'oreille*: agora,

Por huma orelha inteira que apparece

O disfarçado Burro se conhece.

Ora, na verdade he bom, e está bem traduzido o artigo mencionado; alguma vez *Hygino Antunes*, havia de julgar com acerto: mas porque o julgou elle assim? porque deo este justo louvor? e porque ao Traductor deste artigo não chama tambem Reda-

ctor do Periódico que condemna, já que a pag. 7, e referindo-se ao N.º 7.º, diz que *pasmou de vêr elogiado até ás nuvens o seu proprio Redactor*; sendo que esse a quem allude tem sómente assignado os artigos de Poesia, e destes alguns tem apparecido tambem assignados por alguns outros sujeitos que bem pôde ter a certeza de que não são Redactores do *Observador*? Passemos por alto a sandice mui propria do *Auctor dos Kanados* na phrase de, *elogiado até ás nuvens*: coutado! elle o mais que aprendeo foi a embulhar... para Critico só tem os titulos de abelhudo, e, segando os seus em tudo mesquinhos principios, não está obrigado a saber que a phrase he, *levantado até ás nuvens*, o que tanto vale como *elogiado*. Passemos-lhe por isso, mas perguntemos-lhe as rasões daquella differença em seu julgado, e ouçamolo, que elle ahí as dá. „ He porque eu (diz elle) tenho má vontade a esse que chamei Redactor; e ao outro, ainda que lha tenha, sempre lhe quero dar assim alguns louvores, por saber que he hum Homem respeitado por seus talentos, e por seu posto. „ Ora eis-ahi estão as rasões muito bem dadas: e não ha que lhe reprehender, nem devemos attribuir á propria indole de *Hygino Antunes* estas torpezas da maldade, e da lisonja; porque isso tem elle aprendido com o seu grande, e grosso amigo *Mendes Fogaça*, o qual, a pag. 21 da sua *Carta sobre o Observador*, lamenta desgraçadissimo as *desgraças do presente tempo em litteratura*; e *Hygino Antunes*, como bom, e verdadeiro *Sancho Pansa* daquelle *Quicote Fogaça*, tambem a pag. 27 faz outra tal lamentação por *tantos escriptos inptos como estamos vendo sabir das nossas Officinas*: porém o *Mendes Fogaça*, que, segundo elle mesmo diz (pag. 25) he *Homem de cans, e experiencias consumadissimas*, a pag. 20, e 21 dá a rasão de haver tanto que a este respeito lamentar, porque (diz elle) que *a desordem da sociedade nasce de se abraçarem estados sem vocação*; e mal se poderá disto duvidar, quando elle, e mais o *Auctor dos Kanados* com seu proprio exemplo o confirmão, e

Pelas longas orelhas que apparecem

Os disfarçados Burros se conhecem.

Moniz.

Continuar-se-ha.

ARTIGO IV.

L I T E R A T U R A .

Verdade na Poesia.

(Continuado do N.º VI. pag. 52.)

Não pôde haver mente elevada onde o coração he oppresso, a facundia do Escravo he acanhada, e tímida, e se arrasta como as suas cadêas. Os maiores se tornão pequenos inclinando-se a pequenos Idolos.

Só ha bons versos, e escriptos nobres onde as cabeças sans procurão a verdade, e os corações ousão dizella: a verdadeira Eloquencia, a verdadeira belleza da Poesia derivão-se de hum pensar nobre, de hum sentir forte, e de hum fallar livre. Não he grande o que sabe graciosamente lisongear os grandes, e revestir com delicado estylo delicados louvores: grande he aquelle que tem nos versos o valor, e a força, que nascem da força, e valor da alma; que tem aquella eloquencia nobre, ousada, vehemente, que arrebatá comsigo os Povos, e os Seculos, e que exprime livremente os seus sentimentos com huma lingua de ouro, e com penna de fogo. A Poetisa Corinna exclama:

Sinto-me Poetisa: não, se encanta
 Sabia união de syllabas sonoras
 Meus attentos ouvintes; mas se esta alma
 Igneo voo empinando aos Astrós sobe,
 E contempla de lá, de lá despreza
 Egoismo, Baixeza, Tyrannia,
 Mesquinha Escravidão; e se a Verdade,
 Linda Filha dos Ceos, me inspira os versos

A Musa da Histeria, e não a da Fabula deve consagrar os illustres feitos em bello metro, disse o antigo Pardo Cindallan.

Nas luminosas notas da Verdade
 Não canta os Reis, mas Reis do canto dignos.

Não viverão aquelles nomes, que das rebalsadas aguas do Lethes forem tirados por negros Corvos, e garras de Milhafres, a

Virgem celeste só gravará nas marmoreas columnas da Immortalidade aquelles, que os niveos Cysnes salvarem. Então os Poetas serão verdadeiramente Filhos dos Tempos antigos, e soarão no futuro; terão o mais bello campo da luz quando celebrarem os verdadeiros Herões, os Bemfeitores do Mundo, e os Liberadores dos Povos. „ Ha huma cousa ainda mais bella do que a gloria „ (diz o sublime Alfieri) e he celebrar egregias virtudes com „ egregio estylo. Então dão honra os versos, porque são filhos „ de hum verdadeiro sentimento; então o louvor he huma re- „ compensa, e não hum tributo! „

N. B. Saibão os Senhores Subscriptores que por hum motivo extraordinario, e bem contra nossa vontade, e sem nossa culpa, foi interrompida a publicação deste Periódico; e lhe rogamos que essa falta queirão relevar, porque emfim, tornamos a dizer, foi ella sem nossa culpa, e temos provido a que outra tal não aconteça.

LISBOA: NA TYPOGRAFIA DE J. B. MORANDO,
Rua da Roza das Partilhas N.º 153.

1818.

~~~~~  
Com Licença do Desembargo do Paço.

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO VIII.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

#### *Graduação, e Extensão da Sensibilidade.*

---

**A** Dôr, de que nenhuma parte exterior do corpo parece isentar-se, fez crêr, que todas as partes interiores erão a ella igualmente sujeitas. Foi necessario muito tempo para perceber-se, que certos órgãos podião estar feridos sem que o animal exprimissem a sua situação pelo grito do soffrimento, ou, para fallarmos a linguagem de alguns modernos, que havia partes insensíveis. Devem dizer aqui que esta insensibilidade he relativa, e não póde considerar-se como sensibilidade inteira, e absoluta; pois se a impressão de hum corpo estranho applicada a huma parte não arranca aquelles gritos, que caracterisáo huma dôr viva, não se segue que o animal não soffra, e não faça os necessarios esforços para desviar a causa que nelle produz tal sentimento.

Podem muito bem as partes do corpo não ser do mesmo modo affectadas, e serem comtudo sensíveis. O sentimento insupportavel, que se chama dôr parece mais inherente ás partes exteriores do corpo, porque talvez, na intensão da Natureza, devem servir de salva-guarda ás outras. Vêmos pelas experiencias de Haller, que a pelle dos musculos, todo o canal alimentario, a bexiga, o utero, etc., são susceptíveis de dôr, ao passo que os tendões, membranas, ossos, artérias, vêas, o tecido cellulario, etc. parecem pouco sensíveis. Quando attentamente se considerão as

relações destes diferentes órgãos, parece-nos que o animal se divide em duas partes. A pelle, e os musculos são a parte exterior; os ossos, membranas, artérias, vês, e visceras, que ellas fôrão por suas circumvoluções, a parte interior: juntemos a primeira ás cavidades do corpo, que communicão com a exterior por aberturas, e conductos bastante livres. Todos estes órgãos participão da exquisita sensibilidade de que a pelle, e os musculos gozão. A bexiga, o estomago, e os órgãos geratorios são eminentemente sensiveis, e a menor impressão de corpos estranhos lhe motiva a dôr.

Os pulmões, que são pouco susceptiveis de dôr, parecem estabelecer huma excepção á regra que estabelecemos, pois tem huma abertura exterior como o estomago, e os intestinos. Porém esta abertura he de tal modo acondicionada, que só dá entrada ao ar, e não admite outros corpos. Toda a sensibilidade deste órgão parece estar reunida em sua entrada, para rigorosamente prohibilla a tudo que se presente. Huma gota d'agua, que o acaso alli introduza, põe todo o peito em convulsão, por isso o defeito de sensibilidade nos pulmões he bem compensado pela da tracha-arteria, e da glotis, pelas quaes os corpos estranhos alli podem entrar. Os nervos devem annexar-se ao órgão exterior, de quem são o primeiro instrumento, pois he por elle que a alma recebe as impressões dos exteriores objectos. Quanto ao foco de que partem, isto he, o cérebro, e a medulla alongada, não admira que sejam muito sensiveis, pois estas partes são talvez as que radicalmente constituem o animal, sendo os outros órgãos as suas dependencias exteriores. A estrutura íntima dos nervos não lhe permite encolher-se, e produzir os movimentos que executão os musculos, quando os ferem, não tem a qualidade que chamão *irritavel*, e que he commum á pelle. Bastaria sem dúvida que estas partes tivessem muita aptidão para perceber a presença dos corpos estranhos para advertir o animal, e determinallo a oppôr-se, ou subtrahir-se á sua impressão, muito talvez perigaria a economia animal se acaso hum nervo podesse encolher-se, e agitar-se. Em lugar de a sua acção limitar-se á parte que rivesse soffrido, talvez se estendesse a muitos outros lugares, o que seria mui pouco favorável á ordem, e natural successão dos movimentos vitaes. A pelle foi destinada para sujeitar, e terminar toda a união formada pelos diversos órgãos do animal, e não para produzir movimentos sensiveis, he pois pouco preciso, que fosse dotada de grande acção.

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO II.

## P O E S I A

## O D E.

*Extrahida do Poema da Creação por Vernes.*

Oh! Tempos que do Ceo sois inda amados!

Preciosa ignorancia

Quando, ensayando aos sentimentos puros

A pura força, o Homem,

Das mãos do Creador sahido apenas,

Ainda então ditoso

Não pagava tributo á Desventura;

E, o nectar saborando

Dos primitivos bens, nascendo ao Mundo

Para o prazer nascia!

Oh! tão lembrados venturosos Tempos

Da primeva innocencia;

Ai! que sois para nós não mais que hum sonho!

Oh! passada ventura,

Oh! tão formosos sitios, que a saudade

Fez nomear Elysios;

Se affortunastes os Mortaes primeiros,

Para vos recobramos

He-nos preciso amar, sentir como elles :

Talvez então gozemos

Com seus amores, e a innocencia sua

Sua delicia, e gostos.

*Moniz.*

## ARTIGO III.

## CRITICA.

*Memorias de Hygino Antunes.*

(Continuado do N.º VII. pag. 70.)

Assoei-me, e tomei huma pitada; torno-me a *Hygino Antunes*, que, visto ser tão entufada, e rechonchuda personagem, não deve ahi levar huma remessa de quaesquer duas linhas. *Hygido Antunes, Auctor dos Kanados, e das Correções feitas*, não obstante dizer (pag. 21, e 22) que „ quando a critica se occupa „ em taes ninharias, em lugar mesmo de risada, merece desprezo „ não se contentou de empenhar todas as forças da sua muita pedanteria nas *Correções feitas* em faltas e sobejos de virgulas, e demais pontuação, e accentuação, metteo-se tambem a entendedor de linguas: e com que lingua! a respeito da Portugueza já nós vimos que elle por vezes amostrou a ponta da orelha: vejamos agora se lhe apparece a orelha inteira.

Diz o *Hygino* (pag. 16) „ E que differença, ou que idéa fará Traductor o deste antigo entre as palavras ribeira, e ribeirão? „ Não sei; mas vejo escreve, que a ribeira chamada Sangora se „ lança no Helum, que he hum ribeirão! Ora parece-me que se „ explicaria melhor hum Ribeirinho. „ E então apparece-lhe, ou não lhe apparece a orelha inteira. Bemdito Deos! com que linguagem escreve hum Criticão de linguagens! E ainda poderá duvidar-se de que *Hygino Antunes* he o *Auctor dos Kanados*? não está elle, com sua presumpçosa ignorancia, e linguarúda grosseiria, trascalando á vileza de seus principios? Miseravel! até ignora a força dos augmentativos em *ão*, que tão expressiva he em bom Portuguez; por exemplo *grosseirão, asneirão, ignorantão!* o que sómente soube foi aproveitar a ridicula antithese de *Ribeirão, e Ribeiinho*: e então não he verdade que,

Por huma orelha inteira que apparece

O disfarçado Burro se conhece ?

Diz mais o *Hygino* (pag. 11) „ Accusão o seculo da perfeição nas artes do escopro, cheira o gallicismo. „ Ora ahi o tem,

ignorando a sua lingua nativa, e com fumos de Mestre na Fran-  
ceza!

Burro com fumos de Mestre!

Isto he cousa que se crêa? — *Bocage. Tomo II.*

Pois deixem-no, que ainda ahi não pára: e, não obstante que as suas *Correcções feitas* bem largamente *accusão* a sua perfeitissima ignorancia, lá o tem exclamando (pag. 25) „Facilidade que acquis-  
„ tou: para que he esta droga da antigualha? já não presta o ver-  
„ bo adquirir? Em humas partes gallicismos, em outras linguagem  
„ do tempo de Fuas Roupinho. „ Então ouvem-no? *Hygino Antunes* não só entende de cravo, e pimenta, e outras taes drogas, tambem entende de *drogas da antigualha*: nem só entende de linguagem vasconça, e gallicismos, tambem entende da *linguagem de D. Fuas Roupinho*! Muito entende *Hygino Antunes*! Ora pois queirão ter a pachorra de ajuntar tudo, e vejão se podem fazer a somma de tantas sandices que elle enfeirou, e enfeixou em tão poucas palavras! Miseravel! não sabe que parte da riqueza, e formosura das linguas consiste na abundancia de bem sonoros, e expressivos vocábulos: não sabe que são bons todos aquelles que são bem derivados: não sabe que o Latim he a fonte donde os nossos devem principalmente derivar-se: não sabe que ambos os verbos *acquistar*, e *adquirir*, ou *acquirir* se derivão do verbo Latino *acquirere*, com a differença de *adquirir* ser derivado do infinitivo *acquirere*, e *acquistar* do supino *acquisitum*; e não sabe que os nossos bons Auctores fazem tambem differença no uso destes dois verbos, empregando o *adquirir* nas cousas de interesse, e o *acquistar* nos casos de honra e gloria? Miseravel! não sabe nada senão amostrar a orelha. E então não lhe valêra mais calar-se? Porém não se calará, que mais esse bom ensino tem elle tomado do *Mendes Fogaça*; e, com a birra de metter o nariz em tudo, ei-lo ahi vai embicar com as palavras compostas, e amostrar mais hum pedaço da orelha.

Diz pois o *Hygino* (pag. 17) „Onde achou este Homem „muri-cercada por cercada de muros! em verso se não deveria „ atrever a forjar este composto, quanto mais em prosa chan: „ nós temos cercada de muros, e temos murada; este ultimo „ vale o muri-cercada. „ Ouvem-no? ora pois ahi está: o ultimo, e só o ultimo he que vale o *muri-cercada*; porque differente cousa he *murada*, e *cercada de muros*; e o composto não se deve usar, ainda que he tão proprio, e claro que até *Hygino Antunes* o entendeo: mas como por todos os modos se regala de amostrar a orelha, não quiz deixar de amostralla no Latim, e para isso

Diz o *Hygino* (pag. 18) „ Para que he este latinorio, con-  
 „ viva por convidado, não he melhor aprender a fallar bem Por-  
 „ tugeuz, que escrever termos alatinados em vez de Portuguez  
 „ puro? „ Ora *Hygino Antunes* em parte não deixa de ter ra-  
 „ são: he necessario aprender a fallar bem; se assim não fôra, não  
 „ diria elle tanta sandice, nem tanto a miudo amostraria a orelha:  
 „ mas, se rejeitassemos *conviva* por ser vocábulo Latino, e assim  
 „ os outros, em que estado ficaria a nossa boa lingua Portugueza,  
 „ legitima filha da Latina? por certo que ficaria hum bem pobre,  
 „ e miseravel esqueleto. Embora: porque,

Diz mais o *Hygino* (pag. 10) „ Para que he fallar em ter-  
 „ mos que só entende quem sabe Latim? não era melhor mon-  
 „ tões que congestos? „ Ora isto não he dizer montões de san-  
 „ dices? *congestos* he hum vocábulo bem soante, e nobre, que pô-  
 „ de convir até nos assumptos mais sublimes, e no estylo mais ele-  
 „ vado, sendo que *montões* entra no número das muitas, e até de-  
 „ masiadas palavras que reputamos baixas: a respeito de *congestos*  
 „ ha a mesma rasão que de *conviva*, e de ambas quasi a mesma que  
 „ de *acquistar*: porém, quanto a *convidado*, deixe estar *Hygino*  
 „ *Antunes*, já que he rocim rebellão, sendeiro recalcitrante, e taram-  
 „ nelleiro intromettido, descance, não tenha dúvida, que eu o con-  
 „ vidarei: e, quanto a montões, vamos avante, que os das sandi-  
 „ ces de *Hygino Antunes* crescem a olho, e ei-lo vai agora amos-  
 „ trar ambas as orelhas.

Diz mais o *Hygino* (pag. 11) „ Não posso deixar de notar  
 „ a palavra morticinio por matança, ou mortandade; he mania  
 „ de innovar palavras! e donde nos vem morticinio? não do La-  
 „ tim, porque não ha em Latim *morticinus*, só ha em diver-  
 „ so sentido o adjectivo *morticinum*: e para que he enxovalhar  
 „ a nossa lingua com termos estramboticos? „ Ora he de saber,  
 „ que *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, e *das Correccões fei-  
 „ tas* já, no citado Parallelo do Oriente com a *Lusiada*, se lhe  
 „ provou que elle não pesca nem boya do Latim; e, apezar de ser  
 „ isso muita verdade, ei-lo que torna a bedelhar no Latim! Obser-  
 „ ve-se pois: 1.º Que os vocábulos *acquistar*, *conviva*, *congestos*, e  
 „ *morticinio* achão-se nos bons escriptos dos nossos Auctores de melhor  
 „ cunho, e nomeada; porém que a farragem chula *estramboticos* só-  
 „ mente se depára nas borraduras de *Hygino Antunes*, ou do *Mendes*  
 „ *Fogaça*, e só se ouve na bocca de outro tal petulante sandeo,  
 „ Arrieiro, Tendeiro etc., o que não obstante, tão afeitoado lhe  
 „ he *Hygino Antunes* que, em tão minguada obrinha como em to-  
 „ do o bom sentido o são as suas *Correccões feitas*, lhe repete o  
 „ uso a pag. 17. Observamos: 2.º Que no Latim não só ha o  
 „ adjectivo *morticinus*, a, um, ha tambem o substantivo defectivo  
 „ *morticini*, *orum*, e he este o que tem *diverso sentido* como diz *Hy-*

glio *Antunes*, porque de todas as cousas, e palavras ignora o bom uso, e propriedade: se eu agora quizesse fazer hum arrasoado grammatical, mostrar-lhe-hia quanto vai, ou deve ir no uso de *diverso a diferente*, e de *sentido a significado*; e, entre outras cousas, dir-lhe-hia por exemplo: que o *Auctor dos Kanados* he mui *differente* do *Mendes Fogaça*, por ser ainda muito mais chapeado sandeo, se bem que talvez menos maligno, não obstante as suas *diversas* manhas: dir-lhe-hia, que sandeo *significa* tolo, asno, inepto, ignorante, e que fazem o mesmo *sentido sandeo*, *Hygino Antunes*, e *Mendes Fogaça*: dir-lhe-hia ainda mais... mas para que ha de desperdiçar-se o tempo a ensinar *Hygino Antunes*? Observamos: 3.<sup>o</sup> que tambem ha no Latim o substantivo regular *morticinum*, *i*, e significa mortandade. Observe-se finalmente, que o adjectivo *morticinus*, *a*, *um*, significa exanime, extincto, morto; e *caro morticina* quer dizer mortandade. Aprenda o *Auctor dos Kanados*, que, em quanto isso não fizer, chame-se embora *Hygino Antunes*; chame-se *Joaquim Camello*, *José Batoque*, *Pedro Alarve*, *Lopo Tapuya*; Chame-se como quizer, ou mais lhe convier que de todos os modos,

Pelas longas orelhas que apparecem

Os disfarçados Burros se conhecem.

Diz mais o *Hygino* (pag. 23.) referindo-se a hum artigo biographico do nosso muito excellente Poeta Lyrico Francisco Manoel do Nascimento. „ Logo dão a conhecer a mania de certos „ devotos cegos deste Poeta, aliás assás distincto entre os nos- „ sos Lyricos; mas certamente, no mesmo genero Lyrico em „ que mais se estrema, não só tem iguaes, mas até superiores „ entre nós: Garção e Diniz lhe levão sem dúvida a palma, e „ com ellé hombra o infeliz Alfeno. etc. „ Daqui se vê que *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, e *das Correções feitas*, assim como entende de linguas, tambem entende de Poesia, e he avaliador de Poetas: não sei se diga que elle he *Traste*, ou que he *Contraste*? mas certo he que neste lugar até o *etc. de Hygino Antunes* he mui donoso, e significativo; porque, mui provavelmente, tambem com aquelles illustres Athletas ha de elle querer correr parelhas, com humas suas tantas *Odesinhas*, ou *Odiosinhos*, e outras tediosas e enregeladas friol íras métricas, com que se tem dado a conhecer; e ainda mais provavelmente com elles ha de querer emparelhar o sandeo *Mendes Fogaça*, como seu mui *devoto de olhos abertos*; e bem grandes que me dizem que os tem, ainda que muito mortaes e faltos de lume, como costumão ser os olhos de todos os parvinhos. Ora, como *Hygino Antunes* sahio a público com as suas *Correções feitas* alrotando de Orthographo-

mór, bem será que lhe não perdoemos tudo; e, já que elle diz que Francisco Manoel *se estrema*, indiquemos-lhe de passagem a differença que ha entre os verbos *estremar*, e *extremar* activos, ou serão os reciprocos *estremar-se*, e *extremar-se*, e por consequencia nos seus participios, *estremado*, e *extremado*: o primeiro vem de *estrema*, o segundo deriva-se de *extremo*; e assim diremos, que Francisco Manoel he hum *extremado* Poeta, e o *Auctor dos Kannedos* hum *estremado* sandeo. Busque *Hygino Antunes*, ou peça que lhe busquem, ou lhe expliquem a genuina significação destes vocábulos, e verá como tambem he genuina a applicação que se lhe aqui faz. Porém já que damos tantas verdes, demos tambem huma madura a *Hygino Antunes*. Tem elle muita rasão em ter na conta de bom Poeta o *infeliz Alfeno*: se assim o julgou per si, deve alcançar perdão de hum par de sandices, se o ouvio, e o adoptou, fez muito bem, e he nisso muito louvavel; e ainda mais pudéra dizer que he huma grande injustiça o serem tão pouco conhecidas, e estimadas as Poesias impressas d'Alfeno, e huma grande perda não se imprimirem as muitas que deixou manuscritas. Inda porém que isto assim he, sendo Alfeno reconhecidamente inferior a Garção, e a Diniz; sendo que, na opinião dos mais atilados entendedores, Diniz e Garção apenas podem sustentar a competencia com Francisco Manoel; e sendo, como he, muito duvidoso que Francisco Manoel, em quanto Poeta Lyrico, tenha algum superior, nacional, ou estranho; que vem cá fazer *Hygino Antunes*, repimpado na cadeira da sandice, com a sua bocca de favas, e o seu risinho parvo fallando de papo, e sentenciando, que Francisco Manoel *certamente, no mesmo genero Lyrico em que mais se estrema, não so tem iguaes mas até superiores entre nos?* Quem deo a *Hygino Antunes* a faculdade de entender os Poetas, e especialmente os Lyricos, que são os mais difficeis, para assim poder assentar este julgado? Oh! se os elle entendêra, he bem de crêr que outra cousa dissesse, ou pelo menos, que se calasse. Pois com Francisco Manoel *hombrêa o infeliz Alfeno?* Que proporção achará *Hygino Antunes*, ou que proporção tem o arrojo de phantasia, a fecundidade de imaginação, o despejo em todos os modos Lyrico, a vastidão do saber, a graciosa variedade, a concisão, a energia, e propriedade de estylo de Francisco Manoel do Nascimento com Domingos Maximiliano Torres? Já não quero fallar de Garção, nem Diniz, porque nisso faria huma longa digressão; mas não sei como alguém que não seja *Hygino Antunes*, possa negar, que Francisco Manoel possui todas as sublimes qualidades, todos os saineres, donaires, e condões dos grandes Poetas Lyricos? Alfeno possui alguns, Alfeno he bom, mas Filinto he excellente, e talvez inimi-

tavel. Não o quer assim o *Mendes Fogaça*, nem o *Auctor dos Kanados*, e por isso

Diz mais o *Hygino* (pag. 24) „ Dizer que Filinto no genero Lyrico não tem igual entre nós, nem superior entre os estranhos, he o mesmo que fazello superior a *Pyndaro*, „ *Horacio*, *Chiabrera*, *Testi Filicaja*, *Pope*, *Dryden*, *Garção*, „ *Diniz* etc., e isto se vê que he summa sandice, ou paixão céga, que neste caso só pôde attribuir-se a ignorancia. „ Disse *Hygino Antunes*: disse, e fallou confôrme ao que lhe dictava a propria consciencia; porque bem parece que a ignorancia o faz fallar. Tres são principalmente os fins com que se escreve: para agradar, ensinar, ou persuadir: os Homens cordatos; e de boa educação não deslustrão esta faculdade que tem de ser uteis, nem destróem a força com que tendem aos fins propostos, expressando-se de hum modo positivo, e presumpçoso, que desgosta, nau-sêa, e indispõe o animo dos Leitores; porém *Hygino Antunes*, que, segundo a birra com que amostra as orelhas, vai bem longe disto, e até de ao menos assim o attentar, ou conhecer; *Hygino Antunes Auctor dos Kanados*, não se contentou nas suas *Correcções feitas* com o seu inchado certamente tem superiores; não se contentou de arvorar-se em Doutor, sentenciador, e decisor sobre matéria altamente contenciosa, huma daquellas em que se carece do mais arguto engenho, huma daquellas que demandão mais amplos conhecimentos, e em que mais he preciso queimar as pestanas para se alguma cousa saber! não se contentou: e que fez? tornou a amostrar ambas as orelhas: e senão observe-se. Pois „ dizer que Filinto no genero Lyrico não tem igual entre nós, nem superior entre os estranhos, he o mesmo que fazello superior a „ *Pyndaro*, *Horacio*, *Chiabrera* „ e tantos outros estranhos que *Hygino Antunes*, nomêa só porque os ouviu nomear?... Dizemos que os nomêa só porque os ouviu nomear, por isso que, além da declarada, e natural, e artificial sandice de *Hygino Antunes*, segundo a qual, impossivel parece que elle saiba lêr, e muito menos entender os Poetas que nomêa; claro he tambem que, de duas huma, ou os não lêo, ou os não entendeo; porque com os outros, que todos são Lyricos da primeira ordem, envolveo *Pope*, o qual, na opinião daquelles que melhor o entendem, não excede a mediania, nem sahe da mediocridade no genero Lyrico; pelo que diz *Gray*, hum dos mais affamados Lyricos Inglezes que as poucas Odes de *Pope* são indignas de tão grande Homem. Porém isso não sabia *Hygino Antunes*, e, com o seu he o mesmo que fazello superior, quiz mostrar que tem aprendido Lógica com o *Mendes Fogaça*, o qual diz que tem lido todas, mas todas as suas conclusões vão pela mesma fieira do seu *Caturra*, ou *Sauncho Hygino Antunes*.

He valente implicar com o *Mendes Fogaça*! (me dirão talvez) Se tu escreves *Memorias de Hygino Antunes*, que te importa agora o trombudo do Fogaça? Que mais lhe queres do que ser elle, com as *suas experiencias consumadissimas*, hum perfeitoissimo, ridiculissimo, e conhecidissimo Fogaça? „ Assim he, Senhores (responderei eu) mas ainda lhes parece que pouco o tenho deixado ornear folgado? Não se tem elle regalado de muito a seu sabor arrebeçar novas sandices para defender as velhas, de que fôra tão justamente increpado, e arguido? Não tem elle a seu bom grado produzido em sua defeza, como tão honrado que he, citações falsas, textos mutilados, e escandalosos alvitres? Não tem elle como bom Mestre recheado os seus pasteis literarios de todas as drogas, especiarias, e ingredientes da frioleira, e do desafôro? . . Tem, e mais que tem. E então ainda não será tempo de lhe applicar almofaça, e brossa? „ Ainda não he tempo „ Seja assim, accomodar-me-hei por ora: porém como toda a liteira leva dois machos, e na liteira das sandices do *Auctor dos Kannedos* se chama *Hygino Antunes* o macho da trazeira, e *Mendes Fogaça* o da dianteira, eis-ahi a rasão porque lhe assento a manopla „ Basta, basta; ainda não he tempo: vai-te a *Hygino Antunes* „ Assim o faço: e, como o estylo deve moldar-se ao assumpto, e he tão ridiculo este com que estou zombeteando, a elle se lance a culpa de alguma expressão menos decorosa; porque eu não me esqueço da decencia que se deve ao público, por isso me tenho sempre guardado de escrever em estylo chocarreiro; e por isso, quasi a cada huma das linhas que nisto escrevo, por força de reflexão estou levantando a penna, que corre desmandada, e quer fazer rigorosa justiça, mostrando como,

Pelas longas orelhas que apparecem  
Os disfarçados Burros se conhecem.

*Moniz.*

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO IV.

## HISTORIA.

*Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.*

(Continuado do N.º II. pag. 24.)

Os Avós paternos primeiros do Conde D. Henrique, forão Roberto primeiro Duque de Borgonha; que nasceo em 1004, e falleceo em 1075; e sua Consorte a Duqueza Alise, ou Helie de Semur; de que fazem menção quasi todos os Historiadores de França: e os primeiros Avós maternos do dito Conde forão D. Raymundo Berenguer II. Conde, e Senhor Soberano de Barcelona, chamado Cabeça de Estopa, e sua mulher a Princeza Mahaud, de que faz menção o Padre Anselmo Hist. Genealog. de França. Tom. 7. pag. 780. Hieronymo Henningues. Tom. 4. Tab. 51. pag. 52. Os segundos Avós paternos forão, I.º Roberto, 2.º Rei de França, a quem pela sua grande piedade derão o nome de Devoto, e a Rainha Constança, sua primeira mulher. II. Dalmacio I. Senhor de Semur, que falleceo em o anno de 1032 morto por seu genro o Duque Roberto: e sua Esposa Aremberga de Vergy: e os segundos Avós maternos forão I. D. Ramond, ou Raimundo Berenguer I. chamado o velho; Conde, e Senhor Soberano de Barcelona; e sua Esposa a Princeza Almodiz; de quem elle foi quarto marido; e ella deste segunda mulher. II. Roberto Guiscard, Principe de Apulia; segundo o Mestre Diogo, Hist. de Barcelona Liv. 2. Cap. 69. P. Anselmo no lugar citado Tom. 7. pag. 780. E sua segunda Esposa a Princeza Sengregaita, ou Sygelayca, ou Giherrarda Irmã de Gizulfo Principe de Salerno, etc. conforme restefica Ptolomeo de Luca, na Chronica que escreveo da vida deste Principe; que publicou Jeronymo Zurita com os seus Indices do Reino de Aragão, que imprimio em Saragoça no anno de 1578. (1)

Os terceiros Avós paternos forão I. Hugo Capeto Rei de França, e sua mulher Alize de Guiené. II. Guilherme. III. Conde de

---

(1) Fr. Thomaz Fasellus, de Rebus Siculus Dec. 2. Lib. 6. pag. 389. Henningues. Tom. 4.

Toulousa, chamado o Talha-ferro; como mostrá com bom fundamento o Auctor moderno, e Anonymo das Cartas, ou Taboas Genealogicas da Casa Real de França Part. 3. Liv. 2. §. 2. p. 179. E sua Esposa D. Sancha Infanta de Aragão: o que evidentemente se convence. Primeiramente, porque todos os Auctores da Historia de Aragão, dizem que Ramiro I. Rei de Aragão, que acabou de reinar em 1603, por falecer neste anno em idade muito avançada, tivera de sua primeira Esposa a Rainha D. Ermesinda, ou Arsinda, entre outros filhos, as duas Infantas D. Theresa, e D. Sancha: e que estas duas casarão em França; D. Theresa com o Conde de Provença, que podia ser Guilherme I., ou seu Irmão Rotbald, e D. Sancha Arsindez, ou Hermesindez com o Conde de Toulousa, e de S. Gil. Assim o referem Jeronymo Blancas nos Commentarios do Reino de Aragão. Lucio Marineo Siculo na Historia de Hespanha Liv. 8. Zurita nos Annaes de Aragão Liv. 1. Cap. 17. Benter Chronica de Hespanha Liv. 2. Cap 8. P. Ripa, Annaes de Aragão. Part. 1. Fol. 113., e outros: e segundo a Chronologia, e computo dos annos, este Conde de Toulousa, e de S. Gil, com quem casou a Infanta D. Sancha, não podia ser outro, que Guilherme III. chamado o Talha-ferro. Com o documento que exporemos agora, e de que não pôde haver dvida alguma, se faz certa, e incontrastavel. Na sepultura do Invicto Rei D. Affonso I. antes, que El-Rei D. Manoel a mandasse reformar, entre outras clausulas se lião as seguintes. Aqui jaz sepultado o meu poderoso, e mui excellente Principe D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, o qual da parte de seu Pai D. Henrique, Conde de Astorga, descendencia por linha direita dos Reis de Aragão; e da parte de sua Mãi dos Reis de Castella, etc., o qual Epitafio traduzido em lingua Castelhana refere Fr. Jeronymo Roman, da Ordem de Santo Agostinho, Religioso douto, e grande Investigador das Antiguidades deste Reino, em que assistio por largos annos, na Historia da Fundação do Convento de Santa Cruz de Coimbra, Cap. 11., da qual Obra muitas vezes se lembra com grandes elogios, e crédito o nosso insigne Chronista Brandão; e se conserva manuscripta na livraria do Excellentissimo Duque do Cadaval: e della o copiou o erudito Beneficiado João Baptista de Castro, no seu Mappa de Portugal Tomo I. da segunda Impressão, Parte II. Cap. 6. num. 2, 3, e 4. e Damião de Goes, na Chronica d'El-Rei D. Manoel Parte 2. Cap. 72. quasi diz o mesmo.

*Continuar-se-ha.*

---

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

*Com Licença do Dezembargo do Paço.* 1819.

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO IX.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

#### *Graduação, e Extensão da Sensibilidade.*

(Continuado do N.º VIII. pag. 74.)

---

AS partes destinadas para servirem de pontos de apoio aos diferentes órgãos, como os ossos, os tendões, e as membranas não dão mais do que signaes equivocos de dór nas feridas que recebem. As funções que preenchem no corpo, e sua posição relativamente aos outros órgãos, não exigião delles a delicada sensibilidade que tem as partes que formão o órgão exterior, isto he, as que devem vigiar a machina. Considerando o fim que a Natureza temia na distribuição das faculdades vitaes, não nos julgamos menos auctorizados para examinar seus effectos, que podem attribuir-se a huma intenção directa da sua parte, e não são consequencia necessaria da constituição physica dos órgãos. Os ossos, tendões, e membranas são pouco sensiveis, este effecto he de sua dureza, e de huma contextura mais cerrada, e compacta, que a dos musculos? Huma parte, que se torna calosa, vai perdendo a sensibilidade á medida que se endurece, acaso a vida, e o sentimento para circular, e transmitter-se de huma parte para a outra exigirião que estas partes tivessem certa flexidão, e mobilidade proprias para tornar livre as suas ondulações?... acaso a Natureza, que conhece a resistencia que cada parte pôde oppôr ás causas da destruição, só se assusta á proporção do que estas causas podem influir nos diversos órgãos, não sendo a dór talvez mais do que a precepção do perigo presente a que estes se achão expostos? Posto que não possamos estabelecer cousa alguma a este respeito de hum modo deliberativo, he assás constante este

efeito para que se possa olhar como hum principio que pôde, e deve servir de guia ao Medico; que a diaria observação justifica, podendo prescindir-se da escrupulosa indagação da sua causa. Por pouco que huma pessoa tenha reflexionado sobre a economia animal, deve ter visto, que os orgãos, para gozar do grão de sensibilidade mais favoravel ao benesse do Animal, devem ter huma consistencia média que não deixe ás impressões dos corpos estranhos mais do que a energia conveniente ao bem ordenado exercicio das funções vitaes; porque as fibras nimiamente rigidas, e compactas embotão a acção destes corpos, como as fibras nimiamente flexiveis, pôdem dar-lhe huma intensidade viciosa. Esta differença physica da fibra animal, he que constitue, até certo ponto, a dos temperamentos; e he tambem por ella que pôdem caracterisar-se os differentes Povos, porque a organização varia segundo os diversos climas que habitão, os trabalhos que os occupão, o modo por que vivem, e a natureza, e situação dos lugares em que estão collocados. Todos sabem o partido que Mr. de Montesquieu tirou deste principio, que he mui verdadeiro em si mesmo, ainda que as causas moraes possão modificar seus efeitos por diversas maneiras, e até tornallos nullos. Pôde por isso até certo ponto julgar-se pelo estado apparente dos orgãos, qual he mais, ou menos, se o grão de sensibilidade, ou de aptidão para provar a dôr quando os ferem. As partes duras poderião a este respeito ser lesadas com menos perigo do que as partes molles, e flexiveis: mas não se conhecendo a essencia da sensibilidade, nunca verosimilmente se poderá saber se a dureza he hum obstaculo physico, e necessario a faculdade de sentir, ou se a Natureza, arranjando pelo melhor o que diz respeito á economia animal, julga a proposito estabelecer huma gradação de sensibilidade nos orgãos, que só os determinasse aos movimentos que seu equilibrio, e reciproco apoio exigem. Poderia sem dúvida o principio da sensibilidade ser da natureza dos fluidos subteis, que se transmittem atravez das materias mais compactas, como o fogo, a electricidade. Ha porém apparencia que huma sensibilidade capaz de geralmente espulhar-se por todas as partes do animal teria chocado as relações, que a Natureza quiz entre ellas pôr. Os orgãos que compõem o corpo vivo não devião ser todos pelo mesmo tom afinados, pois desta mesma uniformidade nasceria a desordem delles. A concordancia do todo resulta mais seguramente de huma sensibilidade graduada, e desigualmente repartida, de modo que os orgãos executem as differentes acções, em virtude da dôse de sensibilidade, que receberão; e que estas, executadas em huma ordem, e tempo determinados, concorraõ cada huma de hum modo particular para a harmonia geral.

## ARTIGO II

P O E S I A

O D E.

A Noite.

Qu' á lents l'Aurore s'avance  
Pour ouvrir les portés au jour.  
Parny.

Obra prima de Jove, oh Mãi fecunda  
De quantos Orbes pelo espaço immenso  
Turbilhonando vão, oh Noite amiga  
Coéva da Existencia!  
Tu, que em teu brando seio aos Homens prestas  
Brando repouso em regalado somno,  
Impias angustias, que lheróem n'alma,  
Paralysando ao menos;  
Inspiradora de sublimes cantos  
Tu que o Estro de Young abrazeavas;  
Que dás d'avesso á tímida modestia,  
Abrindo a amor vereda;  
Compassiva Deidade, abrandando hum pouco  
Rápido tróte da veloz Quadriga,  
Mais do usado serenando sombras tuas  
Este hemisphério envolvão.  
De rispido Tutor, de Mãi prevista  
Hoje a furto Marilia me recebe;  
E, enlaçada em meus braços, me franquea  
Gostos, que valem Mundos!...  
Noite! do Vate, que te vota a Lyra,  
Annúe ao rogo; e em teu altar deponho  
Estes festões de flores, que ao surgires  
Despontão para olnar-te!

José Maria da Costa e Silva.

## ARTIGO III.

## CRITICA.

*Memorias de Hygino Antunes.*

(Continuado do N.º VIII. pag. 82.)

Tornemos a *Hygino Antunes*, que me não falta que debulhar nelle, em quanto me aturar a pachorra. *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados*, e *das Correções feitas*, por parte do seu *Quixote Fogaça*, e tambem porque a elle *Sancho* já lhe tem ardido a pelle, conserva muito inveterada, e reconcentrada aversão a hum sujeito muito meu conhecido, ao Auctor do Poema a *Apparição*: porém das *iras Hyginas*, e *Fogaças* sei eu bem que elle tem rido muito, e até que muito com ellas folga; o que nada me admira, porque dos ruins só ha que esperar, e só deve querer-se o odio, e tambem porque sempre ouvi dizer = que os Patos engórdão com as pragas. = E seja isso como fôr, certo he que a *Hygino Antunes*, e mais ao *Mendes Fogaça* se lhes affogueou, e lhes ferveo a bilis, quando virão no *Observador* hum *Juizo* favoravel, e talvez excessivo em louvores do Poema a *Apparição*; e até me affirmão que foi esse o principal incentivo para *Hygino Antunes* fazer as suas *Correções feitas*; porque, desejando desdenhar da obra pela má vontade que tem a seu Auctor, e receando-se de directamente o provocar, por não se vêr feito Heróe-papalvo de algum outro Poema, buscou esta tabellinha para fazer jogo. Ora he de saber, que o Auctor da *Apparição* de nenhum modo foi parte, nem sabelor de que tal *Juizo* se havia escripto, nem que hia inserir-se no *Observador*, de que a esse tempo nada sabia, porque não era seu Redactor, ou Collaborador; e bem certo estava o Auctor do mesmo *Juizo* em que, se lho antes mostrasse, não conviria na sua publicação; porque esses orgulhos, assim como os louvores da propria bocca sómente são proprios dos *Fogaças*, e prézão sempre a modestia os Homens sensatos. Mas ora eu, que sempre fui bom, e verdadeiro amigo do Auctor da *Apparição*, vou, por parte delle, ajustar humas contas com *Hygino Antunes*: queira Deos que lhe não appareção as orelhas, que já me vou cançando de lhe puxar por ellas.

Diz o *Hygino* ( pag. 12. ) ,, He notavel que usando-se no ti-  
 ,, tulo do Juizo do Poemeto a Apparição do nome do Auctor sem  
 ,, lhe ajuntar Senhor, se lhe ajunte abaixo tres linhas. Está visto  
 que *Hygino Antunes* não pôde deixar de em todos os modos amos-  
 trar a orelha! Pouco ha que o ouvimos gritar de mãos nas ilhar-  
 gas contra todos os termos que não sejam *Portuguez puro*, e ei-lo  
 aqui apresenta *Poemeto*, que he *pura Italiano*. Porque será esta  
 contradicção? porque? he por dois grandes motivos: maldade, e  
 ignorancia: maldade, porque assim presume dar somenos idéa do  
 Poema: ignorancia, porque não sabe que os proprios Italianos só  
 usão do termo *Poemeto* a respeito de algum pequeno Poema em  
 hum só canto, quando aliás a Apparição tem quatro; e não hão  
 de ser os termos de *Hygino Antunes*, hão de sim ser as idéas  
 contidas no mesmo Poema, e a boa, ou má expressáo dellas que  
 a seu respeito decidão, e assentem a pública opiniáo; como nem  
 he na longura, ou extensáo que consiste a bondade de hum Poe-  
 ma: bem longos, bem extensos, bem compridos, e estirados os  
 faz o *Mendes Fogaça*; porém, como he *Fogaça o Auctor*, e *Fo-  
 gaça a Obra*, o público ri-se da Obra, e de seu Auctor: e tam-  
 bem quasi tantos versos tem o *Oriente* como a *Lusiada*; porém,  
 como a *Lusiada* he escripta em elegante, e bem variado estylo,  
 e abunda de excellentes, sublimes, e bellissimos episodios; e co-  
 mo o *Oriente* he humã tediosa, e monótona, métrica, borrarura, sem  
 cousa a que se diga = benza-te Deos = todo o Mundo se deleita  
 com a leitura da *Lusiada*, e a todos lhe dá o somno á segunda oi-  
 tava do *Oriente*; e isto he ainda sem contar o muito e bom sa-  
 ber, derramado por todos os Cantos da *Lusiada*, e os muitos er-  
 ros, e quasi nenhuma erudição do *Oriente*. O mesmo acontece a  
 respeito dos Poemas *Meditação*, e *Newton*, comparados com a  
*Imaginação*, e não sei se tambem com a *Apparição*: bem o sabe,  
 e com isso brama, e berra *Hygino Antunes*; e tão comprida tem  
 a prelha que nem sequer lhe deixou vêr, que, se ao titulo do *Jui-  
 zo sobre a Apparição* se não ajuntou *Senhor*, fol porque nesse lu-  
 gar nada mais se fez do que transcrever-se o titulo do mesmo  
 Poema; porém *abaixo tres linhas*, fallando com o Auctor, se lhe  
 ajuntou, porque assim o pede a politica, segundo a ordem do  
 Mundo, que toda se perderia, se todos fossem *Hyginos*, e *Fo-  
 gaças*.

Diz mais o *Hygino* ( pag. 12, e 13. ) ,, Muito mais notavel  
 ,, parece aqui a palavra *Senhor* quando se observa que no N.º 9.  
 ,, pag. 162, fallando de hum Rei nosso, e assás moderno, se lhe  
 ,, não ajunta a palavra *Senhor*, e se diz ,, no Reinado de D.  
 ,, João V., em lugar de dizer, ( embora seja traduzindo ) como se  
 ,, deve dizer, do *Senhor D. João V.* ,, Isto agora não he sandi-

cê de *Hygino Antunes*, he málicia, e má manhá do *Auctor dos Kanados*, he completo *discipulo do Mendes Fogaça*. *Hygino Antunes*, bem conheceo que a *palavra Senhor* não fazia allí falta, tanto assim que disse em parenthesis, *embora seja traduzindo*; porém como manhoso, e lisonjeiro, e algo más... fez esta *Correcção feita*, por vêr se com ella assacava hum tabéu ao Traductor daquelle artigo, ao qual tambem parece ter má vontade, senáo he que já está tão avezado que faz destas *Fogaças* sem se sentir. Demais disto: quem he que não conhece, que em taes casos a *palavra Senhor* he huma das muitas nugas da lisonja? o titulo de *Rei* não envolve necessariamente a idéa de *Senhor*? quem maior *Senhor* do que hum *Rei*?... Se *Hygino Antunes* lhe não faltasse o senso commum, ou se, ainda mesmo com toda a sua profunda sandice, tivesse alguma singeleza, ingenuidade, ou boa fé, he bem de crêr [que não fizesse taes *Correcções feitas*. Mas certo he, que cada qual he como cada hum, que *Hygino Antunes*, he o *Auctor dos Kanados*, e que

Pelas longas orelhas que apparecem

O Burro e seus disfarces se conhecem.

Diz mais o *Hygino* (pag. 13.) „ Percindo aqui de provar quanta ignorancia se manifesta neste artigo. „ Ora quem ha de conter o riso?

Burro com fumos de Mestre!

Isto he cousa que se crêa?

Porém ao menos, já que mais não póde, mostra o *Auctor dos Kanados* os impetos que o arreão, e, sem deixar de provar ignorancia, prova a ardencia com que vio o tal artigo.

Diz mais o *Hygino* (ibid.) „ O *Auctor do Poemeto a Apparição* não deixa de ter visos de Poeta. „ Ora obrigado, obrigadissimo!... aqui não ha mais do que agradecer-lhe, porque quem se não ha de acanhar com as finissimas ironias de *Hygino Antunes*? elle não dá visos de quem seja, mostra em cheio quem he, e pela orelha se conhece.

Diz mais o *Hygino* (ibid.) „ Porém asseverar que este *Poemeto* he (como diz o *Auctor* deste Juizo crítico, aliás adulação, ou ignorancia extrema) a *Musica de David* executada sobre a *Lyra de Pyndaro*, excede tudo quanto tenho lido, e ouvido indigno de se proferir por bocca de Homens em semelhantes

„ assumptos ; he até onde se pôde prostituir a lisonja ; he a maior  
 „ blasfemia litteraria que tem sahido dos prélos desde que se in-  
 „ ventou a typographia ! „ Me mellem se estes tres periodos ,  
 desde o *excede tudo* , não foi o *Mendes Fogaça* quem os dictou a  
*Hygino Antunes* ! esta eloquencia de empóllas , he a sua propria ; e  
 peculiar : o *mais indigno* , o *prostituir a lisonja* , a *maior blasfemia* ,  
 tudo isso he muito seu. Embora : se tudo isto com effeito he do  
 Mestre , dê-se o louvor a quem compete : porém se he de *Hygino*  
*Antunes* , primoroso discipulo ! grandes esperanças se devem pôr  
 nelle. Fallemos sério : se em todo este apontado de *Hygino An-*  
*tunes* as expressões não são do *Mendes Fogaça* , são-nos as idéas ,  
 ou , pelo menos , humas , e outras são suas eminentissimas lições.  
 Já nós vimos como , a respeito da *palavra Senhor* , faltou a boa  
 fé o *Auctor dos Kanados* : memoremos que a pag. 8 , e 9 diz „ Acho  
 „ que he necessaria em tudo a boa fé , mas principalmente a de-  
 „ sejo no escriptor público „ e tornemos a pag. 13 onde diz „ As-  
 „ severar que este Poemeto he a Musica de David executada so-  
 „ bre a Lyra de Pyndaro , *excede tudo* , etc. „ e assim acabare-  
 mos de conhecer a boa fé de *Hygino Antunes* , *Auctor dos Kana-*  
*dos* ; pois que no *Observador* vem dito , sómente do Hymno ao  
 Eterno no 1.º Canto da Apparição , o que *Hygino Antunes* attri-  
 búe dizer-se a respeito de todo o Poema. E o que he isto ? he ter  
 má fé , he ser *Auctor dos Kanados* , he ser *discipulo do Fogaça* , he  
 ser . . . muita cousa que se não deve dizer. Deixemos o que mais  
 se podia desfiar naquellas tantas regrinhas , porque bem claro se vê  
 que *Hygino Antunes* ás escreveo possuido da raiva , e do despeito  
 com que vio os encómios de hum Auctor que aborrece ; e nisto ,  
 como em tudo o mais ,

Pelas longas orelhas que apparecem

O Burro , e seus disfarces de conhecem.

Diz mais o *Hygino* ( pag. 14 , e 15. ) „ Não sei como o Au-  
 „ ctor da Apparição , pertendendo defender no seu chamado Pa-  
 „ rallelo entre o Oriente , e a *Lusiada* o syttema do maravilhoso  
 „ Mythológico , seguido por Camões , contra o systema do mara-  
 „ vilhoso Christão , seguido pelo R. P. Macedo com tão feliz e  
 „ magestoso exito , se quiz agora dignar de preferir o segundo ao  
 „ primeiro na sua composição : não sendo pouco de admirar ( ain-  
 „ da que nisso mais digno seja de louvor que de vituperio ) que  
 „ executasse na prática o que reprovava na theórica. „ Ora que  
 significa todo este aranzel de *Hygino Antunes* , senão a *adulação* ,  
 a *extrema ignorancia* , e o *indigno de se preferir* , que elle sanz-  
 zamente attribúe ao Auctor do Juizo sobre a Apparição ? No citado  
 Parallelo he muito bem apoiado o *maravilhoso da Lusiada* , e muí-

justamente condemnado o *maravilhoso do Oriente*: não se condemna este por ser Christão, mas sim por seu máo uso, e intempestivo emprego: e, deixando as outras muitas rasões no mesmo Parallelo expendidas, e as que mais poderião accrescentar-se, que diria *Hygino Antunes*, muito bom Christão, segundo eu piamente creio; que diria, ou que faria *Hygino Antunes*, se, quando mal se precatasse, visse entrar por sua casa hum Homem desconhecido, que mui limpa, e nuamente lhe dissesse. „ Vossê, Sôr *Hygino Antunes*, he hum chapado sandeo em seguir o Christianismo, porque he essa huma seyta errada, e abominavel? „ *Hygino Antunes* deitava por esses trigos, de mãos na cabeça, e bocca de par em par gritando, e accusando o Homem, e até talvez não duvidaria ser seu Carrasco; ao menos, se o duvidasse, he de suppôr que não seria por conselho do *Mendes Fogaça*. Pois, nem mais nem menos, o caso supposto de *Hygino Antunes* com o tal desconhecido, he aquelle em que o *Auctor do Oriente* representa o Camorim com o Gama, o qual deixa o caracter de Descobridor pelo de Cathedista; sendo, por mais esse grande motivo, de huma absoluta incoherencia os costumes do Herôe do tal *sarrabulho, e embrulhada Epica*. E não he ser hum sandeo do mais subido quilate admirar-se *Hygino Antunes* de que seja deduzido do Christianismo o *maravilhoso da Apparição*? qual quereria elle que fosse, sendo a morte de hum Christão virtuoso o assumpto do Poema? Bem sei que o cortar pelos *desbotados remendos do Oriente* são dôres, e quasi facadas para *Hygino Antunes*, que *sem adulação, lisonja, nem ignorancia* lhe admira, e gaba o *tão feliz, e magestoso exito*: porém conforme-se com as alterações do Ceo; ouça o que diz o Mundo, porque o Mundo não erra quando vai uniforme em hum julgado; e cale-se com a deficiencia de seu bestunto, que só pelo silencio poderá imitar os Homens de hom engenho, e saber.

Diz mais o *Hygino* (pag. 14.) „ Do mesmo modo admira „ que os que achavão bem feito, e com todo o apuro da critica „ o seu Parallelo, agora tambem mudassem de opinião no presente assumpto. „ Contado do miseravel *Hygino Antunes*! olhem como com as dôres deo pancada em seu descuido: a estas horas ouyio alguns louvores do Parallelo, ou da Apparição, ou talvez de ambos; e na verdade que isso são facadas para hum'alma de *Hygino*; ou de *Fogaça*: porém reflecta o *Hygino*, que esses que assim o julgáão não foi porque *mudassem de opinião*, foi antes por conservarem a de que todas as invenções devem fundamentar-se na boa rasão, e nunca ir longe do verosimil, como os desconchavos da tal obrinha *Oriente*.

Diz mais o *Hygino* (pag. 14, e 15.) „ Na pag. 141, e 142 „ vem versos de Apparição, os quaes por certo não fazem lembrar „ David nem Pyndaro a quem delles haja lido até as mais ras-

„ teiras traducções. Como o meu fim he sómente examinar aqui os erros de Grammatica, Orthographia etc., do Observador, deixo o que toca á composição do tal Poemeto. „ Não se calou o *Hygino*, e ei-lo ahi affitando as orelhas, e onecendo com toda a gala! Pois *Hygino Antunes* lêo, ou, se lêo, entendeo David nem Pyndaro, ou pôde entendellos, nem ainda nas *mais rasteiras traducções*? Pois *Hygino Antunes* tem orelhas capazes de comparar as differentes harmonias de estylo? Pois *Hygino Antunes* acha-se com barbas para examinar o que toca á composição do tal Poemeto, ou de outro algum Poema?

Burro com fumos de Mestre!

Isto he cousa que se créa?

Geralmente fallando, não só para assentar hum Juizo por escripto, senão até para conhecer, sentir, e avaliar as bellezas de qualquer obra de engenho, talento, e saber, he preciso ter proprias estas condições, he necessario possuir estas qualidades: e então quem ha de crêr, ou como he possivel que *Hygino Antunes*, *Auctor dos Kanados, e das Correcções feitas*, Grammaticão sem Grammatica, Sandeo por Natureza e Arte, possa ajuisar do Poema a Apparição, e dar-lhe o justo valor? mais facil lhe seria envergonhar-se de sua muita sandice.

Diz mais o *Hygino* (pag. 15.) „ Só desejava saber se rouquejão as ondas enrolando-se banzeiras, he Portuguez? Que as ondas ronquem, pois se diz que ronca o mar, concedo; mas nunca vi, nem se poderia dizer com propriedade, que se escrevesse em bom Portuguez rouquejar o mar, ou rouquejarem as ondas; rouquejar vem de rouco, e roncar vem de ronco; roncocos, ou bramidos dão, ou fazem as ondas quando batem, e na tempestade, ou logo depois della, seus bramidos nada tem de roncocos. „ É então, ouvem como *ronca rouco Hygino Antunes*? Sempre assim foi: quanta mais ignorancia, mais presumpção. Julgai, julgadores, o que mais sobre este assumpto pôde dizer *Hygino Antunes*! *Nunca vi*, diz elle; e nada admira, porque todos dizem que elle vê pouco, ou antes, não vê nada: porém a sua affirmativa, *nem se poderia dizer*, he igual ao seu *certamente*, ao seu *sem dâvida*, e as suas outras positivas, resolutivas, e definitivas asserções sendeiras. Se o que sómente sabe he que *se diz que ronca o mar*, a que vem com estas roncacos em bom Portuguez, sendo que he isso para elle quasi o mesmo que Arabigo, ou Chaldeo? Dec-nos a grande novidade de que *rouquejar vem de rouco*, e roncando amostrou logo as orelhas, dizendo, que os bramidos das ondas *nada tem de roncocos*, tirando-nos assim toda a dâvida de

que em suas agúdas orelhas ferem igualmente os sons, e vozes *roucas*, ou argentinas. Porém como disse, que *so desejava saber se rouquejão* as ondas enrolando-se *banzeiras*, he Portuguez; e como também diz o dictado = *faze bem, não cates a quem* = por piedade, e commiseração de tão miserável creaturinha, não lhe ensinemos só isto, ensinemos-lhe também alguma da Portugueza phrasologia que vem ao nosso caso.

Saiba pois *Hygino Antunes*, que se diz *mar banzeiro*, ou *ondas banzeiras*, quando ellas da passada tormenta estão ainda cavadas, porém já não açoutadas pela fúria dos ventos: diz-se *rólo*, ou *rólos de mar*, e que *o mar está em rólos*, quando alevanta grandes esgarceos, que desdobra, ou *desenrola* espumando: diz-se que as ondas *se enrolão*, e *se desenrolão* na praia, quando vem sobre ella encrespando-se humas após outras: diz-se que as ondas *vão rolando*, ou que *correm em rólos*, ou que humas sobre outras *se enrolão*, quando ao largo se empollão tempestuosas, ou se cavão *banzeiras*: quando o mar se encachôa, e ferve sobre os rochedos, diz-se que *ronca*, ou *urra*: quando tormentoso se quebra nas *róchas*, ou penhascos, diz-se que *ruge*, ou *brame*: quando se ouve bramar em praias remotas, diz-se que *brada*: quando, fazendo carneirada, se ergue ao largo em grossos *rólos*, e cachões, diz-se que *muge* ou *brame*, ou *frême*: quando impetuoso se arremeça, e se arrojá, sobre as praias em grandes *rólos*, diz-se também que *ruge*, ou *frême*; e de todos estes modos se diz que *rouqueja*, porque de qualquer destes modos dá sons estrondosos, e ruidosos, *roncos*, e ensurdecidos; sendo especialmente estrondosos na força da tempestade, e especialmente *roncos*, quando, depois della acalmada, ficão as ondas *banzeiras*; e sendo o seu mais claro som, e o unico que com toda a propriedade se pôde chamar *sonoro*, aquelle que dá, ou faz, ou produz no caso acima dito em que *brada*; porque então esse som *sonoro* não he propriamente das ondas, he sim do êcco produzido, e reproduzido por seu contínuo, e violento embate nas *róchas*. Em geral: o mar em tormenta, em procella, em tempestade, revolvido pelo contrario impeto e furia dos ventos, sempre se diz que *rouqueja*; e quando as ondas (como se representam no citado lugar da Apparição) *se enrolão banzeiras da proxima tormenta ida lembradas*, sempre se dizem *roucas*; assim como, em sentido translato, se dizem *sonoras* as tempestades, porque os diversos sons das ondas, e dos ventos, e o embate de huns, e de outros, produzem mui variada *harmonia*; e *harmonia* se diz a multiplicidade dos sons, sejam agradaveis ou medonhos e *sonoro* dizemos não sómente tudo o que tem hum som claro, harmónico, e melodioso, senão também tudo o que faz êcco, e resôa: dizendo-se tudo isto assim, porque, segundo a convenção feita, todas estas phrases, e termos tem a propriedade de assim

tudo isto exprimirem pois que todos os termos, e phrases são outras tantas convenções, com que significamos, e exprimimos tudo o que sentimos, e observamos na ordem da Sociedade, ou da Natureza... Mas ai! por onde eu ando embevecido! no que eu me fui metter! descuidadamente cahi em meu natural, e comecei a fallar sério, sem me lembrar que fallava com *Hygino Antunes*. Pois, já que dei na seriedade, vejamos sómente outra *Correcção do Hygino*, e demos por acabado este *corrige*; porque esta se me despedindo a pachorra, e semelhantes tarefas não se podem tomar sem ella.

Diz pois o *Hygino* (*ibid.*) „ Também funerario leito me não „ quadra; funerario he o funeraire dos Francezes, e nós temos os „ adjectivos *funereo* e *funeral*. „ Ora com effeito não parece bem que as orelhas de *Hygino Antunes* são as mais alentadas que até agora tem esguiamente erguido para os ares nenhum sandeo? He forte birra de taramellar daquillo que não entende! Se o *Auctor dos Kanados* he tão quadrado que lhe não quadra *funerario leito*; se o *Auctor dos Kanados* he tão quadrado, e não sabe quadrar-se, para que esgrime? para que vem cá com as roucas de *funereo* e *funeral*? Ora tome conta o *Hygino*: na mesma passagem, que he huma descripção de enterro, no *Observador* transcripta do 3.<sup>o</sup> Canto da *Apparição*; nessa mesma passagem donde condemna a *garrote*, por ser Francez, o *funerario*; repare, e achará, *funebre aparato*, *funéreo coche*, *tochas funeraes*, e *funerario leito*: pergunte depois as significações, e dir-lhe-hão, que o mesmo vem a ser *funebre*, *funéreo*, *funeral*, e *funerario*; e que também se pudéra dizer *funeralicio*, porque he tão Latino como *funerario*? dir-lhe-hão, que o *Auctor da Apparição*, assim como usou de *funerario* por ser Latino, não duvidaria, nem deveria duvidar de também usar de *funeralicio*, se também delle carecesse para variar adequadamente os epithetos; porque esta variedade não sómente he huma riqueza de linguagem, e hum adorno da elocução, senão também huma elegancia, e até huma necessidade da Poesia, para a qual ainda são escassos todos os thesouros das linguas mais opulentas: dir-lhe-hão, que não falle de linguas, visto que as não entende, nem pôde entender, e muito menos a Latina, que não he para *Hygino Antunes*, não he para sarrabulhentos sarrafações *Auctores de Kanados*: dir-lhe-hão, que metta a viôla no sacco; que não desperte o Leão do somno, em que repousa, bem descuidado de tão insolente sevandija; e que se cale, porque he esse o unico modo de se fazer soffrivel, e de evitar os apôdos que o encommendão a toda a celebridade da ridicularia... „ Perdôe, Senhor, perdôe (dirá talvez *Hygino Antunes*) a maior culpa não he minha: foi aquelle negro azoinador, foi aquelle Canzarrão derramado, que até não

deixa cada qual na sua loja vender papéis, e ganhar sua vida; foi aquelle furioso escrevedor, foi o *Mendes Fogaça* quem me meteo nesta fôfa, de que bem me pesa! ,, Pois se isso assim he (lhe responderão) emende-se, e dê ao Demô o que sabe, e mais as lições do *Fogaça*, que hão de acabar de o perder na pública opinião. ,, Dar-lhe-hão muitos outros saudaveis conselhos, dir-lhe-hão muita cousa mais; e eu ficando muito prompto para o obsequiar, entrementes me despego, e lhe repito, que

**Pelas longas orelhas que apparecem**

● **Burro e seus disfarces se conhecem.**

*Meniz.*

**LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.**

**Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.**

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO X.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

#### *Gradação, e Extensão da Sensibilidade.*

(Continuado do N.º IX. pag. 86.)

---

**H**Um dos maiores passos que se poderião dar para o conhecimento do systema animal seria, sem contradicção, poder bem distinguir nos phenomenos, que apresenta, o que pertence necessariamente á Physica, isto he, o que deriva immediatamente das leis geraes da Natureza, do que depende da acção espontanea do principio, que dirige os movimentos dos corpos organisados. O exame destes phenomenos, seja qual fôr o seu resultado, deve fazer-se com os olhos de huma philosophia imparcial, e livre de toda a preocupação. Dando demasiado poder á mechanica, prestando-lhe huma força, que ella não tem, escapão-nos os intuitos da Natureza, e não sabemos desenvolver nestes movimentos o fim, a que ella tende. Pelo mesmo modo ficão para nós perdidos os efeitos physicos quando nos circunscrevemos a huma esteril contemplação das causas finaes. Seria pois o melhor partido conciliar, e reunir estas duas vias de conhecimentos sem muito nos preocuparmos a favor de alguma, e quando procuramos explicar hum factio pelos principios da Physica, tentarmos conhecer a intenção com que foi produzido. Deste modo quando estamos persuadidos de que os phenomenos da Sensibilidade não pertencem á Physica, podemos, e devemos contemplalla debaixo de outro ponto de vista. Esta faculdade dos corpos viventes espalhada por hum modo desigual, ou diversamente modificada em seus varios órgãos, he hum objecto di-

gno de muita attenção. Quando vemos que entre as differentes partes, cuja união fórma o animal, dellas são mui próprias para o movimento, e dellas para o sentimento, que certas tem muito escassa aptidão para hum, e para o outro destes effeitos, e que outras emfim reúnem estas duas qualidades em grão eminente, he permittido ao Philosopho investigar no uso destas partes qual fôra o fim, a que a Natureza se propôz estabelecendo estas differenças. A Medicina corre parêlhas com a Politica: esta propõe-se a chegar ao conhecimento do Homem moral, applicando-se a desenvolver o motivo de suas acções: na sociedade a Medicina aspira a conhecer o Homem physico, ou para melhor dizer, no character vital do Homem procura descobrir o fim dos movimentos, e das acções organicas. A primeira tem por objecto o Homem exterior: a segunda o Homem interior: as acções de hum, e do outro dependem do mesmo principio, que he o *Amor de nos mesmos*. Este amor toma o nome de *interesse* no Homem exterior; e no Homem interior pôde chamar-se, *desejo da vida, ou da conservação*. Este principio vigia continuamente na conservação, e subordinação dos órgãos, que compõem o animal. Seria bem difficil que os corpos viventes se mantivessem por muito tempo, se nelles existissem partes indifferentes, incapazes de actividade, e energia, e abandonadas pela Natureza a si mesmas. Taes partes tornando-se estranhas ao systema animal, terião desarranjado a economia destas affecções. Serião pontos de interrupção oppostos á rápida communição do movimento, e das sensações, e véos incommodos, que ao conhecimento do principio vital roubarião interessantes accidentes, e em huma palavra, portas sempre abertas ás causas destructoras da organisação.

Tem porém cada órgão o grão, e especie de Sensibilidade que competem ás suas funções, e exigencias. Ligeira, e superficial nas partes exteriores, de que o animal pôde prescindir, como unhas, cabellos, ou epiderma; torna-se mais viva, e mais profunda na pelle, que he o involtorio essencial, por cujo meio os outros órgãos ficão a coberto da acção demasiadamente forte dos corpos exteriores, e em que reside o tacto, sentido universal, a que devemos as noções mais exactas, e que rectifica o que adquirimos pelos outros sentidos. As partes musculosas são dotadas de hum sentimento activo, e penetrante, proprio de órgãos, que na máquina animal fazem o mister de alavancas, e que são os principaes instrumentos do movimento progressivo, pois por meio delles he que o animal se transporta de hum lugar para outro, corre para os objectos, que deseja; e repelle os que lhe desagradão, ou pela fugida se forra ao risco eminente. Tambem as visceras occas, como o estomago, intestinos, e bexiga são formados de diferentes ordens de fibras musculosas tanto mais sensiveis quanto

mais assiduamente lucrificadas por humores, que entretém a flexibilidade. Estes órgãos devião ser proprios para expulsar por seu proprio esforço, e actividade os corpos estranhos, que podem ali introduzir-se, ou os corpos heterogeneos que alli se podem gerar.

Além deste sentimento que as torna susceptiveis de dôr, tem estas partes outra qualidade de sentimento, que as põe em estado de distinguir os objectos particulares de suas funções, assim por exemplo o estomago, em que huma forte applicação de hum agente mechanico promove huma sensação dolorosa, he ao mesmo tempo dotado de huma especie de tacto, ou gosto, em que distingue os alimentos que são mais analogos ao animal, attentos seu character, e costume, e em virtude do qual regeita os que lhe não convém. Outros órgãos, sem serem menos sensiveis ás impressões dos Agentes capazes de produzir a dôr, tem toda esta especie de tacto. Por ella he que os vasos de diferentes ordens, destinados a conter liquidos sempre uniformes, e da mesma natureza, se agitação, e espantão por assim dizer, com a presença de hum humor heterogeneo, ou estranho; e por virtude deste sentimento he que cada viscera só admite os humores que lhe convém, fechando-se a todos os outros, de modo que se pôde dizer, que cada animal tem tantos sentidos particulares como órgãos.

## ARTIGO II.

### P O E S I A.

#### Ó D E.

*Extrahida do Musarion, ou Philosophia das Graças.  
Poema de Wieland.*

Ditoso quem, do peito saccodindo  
 Todo o peso do susto,  
 Apenas a trombeta clangorosa  
 Canora reclamando  
 Incita a batalhar, parte; e risonho,  
 E indifferente ao prigo  
 Que os outros estremece, abraça a Morte,  
 Que de louros o adorna,  
 Como outro abraçaria a chára Amante  
 Que Venus lhe entregára:  
 Porém maior, e muito mais ditoso  
 Quem todo se resguarda  
 Co' a Egide impenetravel de Minerva;  
 Nem da Noite os phantasmas,

Nem da Superstição negras chyméras ;  
     O espantão, nem soçobráo ;  
 Olha sereno os quadros que affigurão  
     Ou do Tartaro as flammas ,  
 Ou do Acheronte as margens horrorosas ,  
     E as caudas que de fogo  
 Estendem pelo Ceo rubros Cometas ;  
     Vans subtilezas mofar  
 De nescias prevenções tem limpa a mente ,  
     Contempla a Natureza  
 Sempre uniforme, e eterna progredindo  
     Sempre a si semelhante.  
 Foi Heróe Alexandre, subtrahido  
     Ao voluptoso imperio,  
 Em que inglorios os Ninias distrahirão  
     A vida mal gastada ;  
 Correndo de conquistas em conquistas  
     Até do Indó ás rayas ,  
 E abatendo na rápida carreira  
     Os oppostos Tyrannos ?  
 Elle arrazou magnificas Cidades  
     Co' as inflammadas rodas  
 De seu carro triumphal, meio Universo  
     Ruinou: e com que fito ?  
 Elle o confessa: por fazer que Athenas  
     Sôe largo o seu nome.  
 Oh ! mil vezes maior que juntos todos  
     Os vãos Conquistadores  
 Aquelle que está firme em ser virtuoso:  
     Melhor, melhor merece  
 As honras dos Heróes, dos Semideoses ,  
     He só menor que Jove :  
 Fraco bem a seus olhos os prazeres ,  
     São tenue mal as penas :  
 Sublime não se queixa, nem se excede  
     Sábio no regosijo ;  
 E senhor das paixões as tem domadas ,  
     E ao phaustro da Virtude  
 Atadas em triumpho após as leva :  
     Toda a Indiana riqueza  
 Não lhe accorda a cobiça, e o não corrómpe:  
     Co' interno testemunho  
 Da propria consciencia satisfeito,  
     Desdenha, e nada cura  
 Do Mundano louvor: antes quizera  
     De Phálaris no Touro  
 Abrazado expirar, do que hum diadema  
     Ganho em braços de Phryna.

## ARTIGO III.

## CRITICA.

*Juizo sobre o Poema Newton.*

(Continuado do N.º IV. pag. 37.)

Tendo o Auctor ficado de queixo cahido com a vista do Mausoleo, he despertado pela Fadiga, e começa a fazer a descripção do Cenotaphio (que finalmente achou o nome proprio, para designar o objecto de que fallava, e a que tinha impropriamente chamado Sepulchro) diz pois que de hum lado do Cenotaphio estava a Fama, e do outro a Gloria, e aos pés a Verdade.

Do seio extracto, da materia prima  
Dois pedestaes estão, que no encendrado  
Ouro conservão symbolos diversos,  
E as bases são de lucidas columnas,  
No meio huma Pyramide se mostra. . . . .

Diante da Pyramide sublime  
Entre as columnas se elevava ingente,  
Firme, e segura base; Ordem Toscana  
Com magestade seus adornos fórma;  
Nelle esculpido teu grão nome eu leio,  
Immortal Galileo . . . . .

Vê depois dois Globos de Magnete; e fallando da ignorancia que a Antiguidade teve da attracção, força centripeta, e centrifuga, sah-se com a seguinte prosinha:

Ignoto nome aos Seculos antigos  
Foi attracção reciproca, e foi sempre  
Centrifuga, e Centripeta ignorada,  
Com que estranhos Phenomenos se explicão

Em hum dos Globos está gravada em ouro a Esphêra de Ptolomeo, e em outro a de Copernico; e como neste exame só pretendemos mostrar os defeitos do Poema para instrução dos Amadores da Poesia, e não deprimir o mérito do Auctor, de bom grado citaremos estas duas tiradas, unicas em que até aqui notámos alguma belleza de estylo, e colorido Poetico.

N'hum dos Globos está gravada em ouro  
 Por mãos de Ptolomeo *etherea* Esphêra  
 A' qual d'ambito immenso a Terra he centro:  
*Acima della* brilha argentea Lua,  
 Que o nocturno clarão do Sol recebe;  
 O Mensageiro dos celestes Numes  
 Muito acima fulgura; e essa que teve  
 Alma belleza' no Oceano o berço  
 No que he terço Ceo respande, e brilha;  
 Precede o dia quando nasce, e surge  
 Quando o disco do Sol se encobre, ou morre!  
 D'aurea luz coroado, e ardentés raios  
 O Sol succede; e se descobre Marte  
 Sanguineo, e triste, n'outro Ceo rodando,  
 De Jupiter o Globo immenso, e claro  
 Em mui remoto circulo se agita:  
 Inda além delle, vagaroso, e frio  
 Vai do Antigo Saturno o debil raio  
 Immoveis pontos, lucidas Estrellas  
 Brilhão no immobil cristalino Assento.

Neste trecho podem notar-se algumas impropriedades de expressão, e a monotonia de metro, mas já não he pouco encontrar huma flor Poetica na árida charneca deste Poema. A descripção da Esphêra de Copernico inda tem maior merecimento.

Obra do grão Copernico descubro  
 N'outro Globo esculpida immensa Esphêra;  
 Delle o Sol luminoso he centro, he foco,  
 Que mui proximo a si Mercurio observa;  
 Vai n'hum carro apóz elle a Cyprea Deosa

*Rostos freios* batendo ás alvas Pombas.

(*Dos Astros todos o mais bello he este*)

E, n'outro Ceo mais alto a escura Terra,

Tornada Astro rotante, o gyro absolve,

Da Lua, seu Satellite, seguida,

Da qual ao vário movimento he centro.

Das feras armas lugubres o Numen,

(A quem tanto tributo, incenso tanto

Em lagrimas, em lucto Europa offrece)

Segue-se apóz a Terra; e apóz de Marte

O vivo, o claro, o desmedido Jove,

De brilhantes Satellites cercado,

Que tu, *grão Galileo*, primeiro achaste!

E do tardo Saturno a immensa, e vasta

Mole apparece; de *Clientes* muitos

E variante annel cercado avança.

O relativo *que* fica mui distante do substantivo, a que se refere, e seria melhor fazer uso da conjunção *e*: *freios* não he termo proprio, mas sim o de *rédeas*, que o Auctor devia empregar, e a palavra *Clientes* tem o mesmo defeito de impropriedade. Citamos agora o original, de que esta descripção foi imitada; elle se encontra em huma Ode de Malfilatre, que tem por objecto o systema de Copernico: Cotejem-se os versos acima transcriptos com esta bella strophe:

Ainsi se forment les orbites,

Que tracent ces globes connus,

Ainsi dans de bornes prescrites

Volent et Mercure, e Venus.

La Terre suit; Mars plus rapide

D'un air sombre s'avance, {et guide

Les pas tardifs de Jupiter;

Et son Pere, le vieux Saturne,

Roule á peine son char nocturne

Sur les bords glacés de l'Ether.

A marcha de Malfilatre nesta strophe maravilhosa he rápida, e impetuosa, cheia de viveza, finalmente he Lyrica. O imitador

querendo adornar o quadro, para assim melhor disfarçar a imitação, o enfraqueceu em algumas partes com a má escolha dos accessorios: Vê-se com tudo que huns destes versos forão escriptos com os outros á vista. Como porém o Auctor não pôde por muito tempo sustentar-se, especialmente se lhe faltão moletas alheas, que o ajudem a caminhar, agôa-nos logo o pequeno prazer, que com estes versos nos déra, apresentando-nos os seguintes,

*Hum longo estudo archyctou tão bella  
Tão engenhosa máchina prestante  
Entre os gêlos Sarmaticos levada  
A maior perfeição, pois já na antiga  
Idade a vio sahir absorto o Mundo  
Das mãos do Escravo do Eloquent Tullio.*

Que são legitimos Irmãos do tão admirado, e nunca esquecido verso de outro Poema do Auctor.

*Eu chamo-me Thomé no Empyreo moro!  
Continuar-se-á.*

---

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO XI.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

*Do tempo do aleitamento, ou amamentação.*

**P**osto que este tempo seja marcado pela Natureza na inteira, e completa erupção dos dentes, pôde sem inconveniente avançar-se, fazendo pouco a pouco succeder ao leite da Ama o dos animaes, e gradualmente acostumando o Menino a mais sólidos alimentos: isto he, se as Mães não tem leite bastante, ou se a sua melindrosa saude lhes faz mui onerosa a pensão de amamentar; porque quanto áquellas que disso absolutamente se eximem, bém poderíamos, como já muitas vezes se tem feito, mostrar que impunemente se não quebrantáo as leis da Natureza, e apresentar huma lista dos males provenientes desta infracção: assás os faremos prever lembrando, que consideramos o leite retido no corpo como hum principio de corrupção para todos os outros humores. Sem contar as graves enfermidades, cuja causa sensível se não pôde desconhecer, e a que estão sujeitas as Mulheres que não criáo seus filhos, cahem ellas algumas vezes, ainda longo tempo depois do parto, em hum estado de languidez, ou perturbação, indicativo de que algum humor heterogeneo lhes desordena o ordinario exercicio da sensibilidade, e que, roubando-lhe as graças que ellas quereriáo conservar, até as priva do fructo do seu erro.

Claro he porém, que a obrigação de criar se não entende com aquellas que não podem dar a seu filho bastante sustento, e

bem são: aquellas que tem pouco leite, ou (o que he ainda mais commum nas grandes Cidades) aquellas que o tem ruim, nada mais a proposito farão do que enviar seus filhos para o campo, onde talvez acharão no leite de huma Camponeza, sazonado pela temperança e frugalidade, hum remedio aos males produzidos pelos vícios oppostos a estas virtudes; e nesta fonte pura se limparão dos germes de infecção que com a vida lhe forão transmittidos: alli receberão huma existencia mais sólida do que a houverão de seus debeis Pais, que apenas a sua propria podem manter; e até dahi podem resultar effectos moraes, que em certo modo temperem o da desigualdade das condições.

Hum rico, criado entre Camponeses, menos ousará desprezar a pobreza honrada, quando se entregar aos prestigios, e aos prazeres da opulencia, e quando tudo conspirar para lhe fazer esquecer que he Homem: n'um daquelles momentos em que a alma está mais facil de commover-se, e em que a Natureza faz que até o Homem vicioso recorde os seus semelhantes, vendo a humilde cabana do Aldeão, dirá consigo mesmo, e com ternura: „ Eis-alli a minha primeira morada, alli foi o meu berço: a frivola dissipação, e o brilhante actual tumulto da minha vida valem menos do que os brincos innocentes, que eu alli tive na infancia: aquelles que alli habitão sómente me devião alguns cuidados, porém elles tiverão comigo todos os desvêlos que unicamente a Natureza inspira, ou a pureza dos costumes: alli se formão Homens vigorosos, cujo suor faz germinar as substancias que me nutrem, e cujos braços defendem os lares onde eu adormeço no seio da molleza: ah! e se nas minhas veas corre algum sangue não corrompido, se ainda restão na minh'alma alguns virtuosos sentimentos, talvez alli os bebi, junto com o leite que me derão. „

Se rasões deduzidas da nossa organização, e do liame natural de nossos misteres, obrigação toda a Mulher não enferma a amamentar seus filhos, as rasões moraes que a isso parecem adstringillas, não são de menor consideração para aquellas que forem ternas, e honestas. Hum filho abandonado aos mercenários cuidados de huma Ama; o perigo de mamar hum leite, que nem sempre será analogo á sua constituição; e que até, segundo o parecer de alguns Medicos (e não sem fundamento) pôde influir nos seus costumes, e no seu carácter; os males physicos de que elle o pôde infectar; e finalmente a ternura do Menino devolvida a outra que não he sua Mãe, a qual, não preenchendo os seus deveres, não deve esperar receber o premio delles; tudo isto são poderosos motivos para fazer que se proscryva hum abuso tão contrario á ordem natural. Os animaes nascidos para alimentar seus filhos, não confião a outros esse tão amavel cuidado; e huma especie

em que os Pais sómente mostrassem o desejo da geração, esquivando-se ao dever de sustentar os fructos della, seria huma dissonancia na ordem da Natureza.

Nem isto he menos contrario á ordem da sociedade, onde cada qual tem seus misteres que exercer, e onde cada hum dos sexos he ligado por particulares obrigações. Parece pois que huma Mulher só tem direito a todas as vantagens que procura aos seus membros, quando preenche todos os seus deveres, e não preenche mais do que ametade quando não cria seus filhos. A Mulher só he digna do gráo que na sociedade occupa, quando depois de pelas suas graças fazer o ornamento della, contribúe para lhe augmentar a força, dando-lhe vigorosos, e sadios Cidadãos, que della recebessem com o leite o exemplo de hum inviolavel amor aos sagrados deveres que ella impõe. (*Extracto do Cap. 8. da 2.<sup>a</sup> Part. da mesma Obra de Roussel.*)

Moniz.

## ARTIGO II.

### P O E S I A.

#### ODE 2.<sup>a</sup> DOS EPODOS DE HORACIO.

*Traduzida em igual número de Versos quasi da mesma medida.*

Ditoso aquelle que, evitando tráfegos,  
 Qual os Mortaes primeiros,  
 Lavra com proprios bois paternos campos,  
 Nem faz, nem soffre onzenas;  
 Nem o despertão horridas trombetas,  
 Nem teme o mar irado;  
 Lites esquivá, e os pórticos soberbos  
 Dos Cidadãos potentes:  
 As adultas vergontees das videiras  
 Marida aos altos chopos,  
 Viciosos ou co' a fouce os ramos póda  
 E enxerta em mais castiços,  
 Ou no remoto valle observa errantes  
 Mugidoras manadas,  
 Ou guarda o mel crestado em vasos puros,  
 Ou tóza o gado enfermo:  
 E, quando ornada de maduros fructos  
 Ergue a cabeça o Outono,  
 Quanto folga ao colher de enxerto as peras,  
 E uvas rivaes da purpura,

Que te offeça, ó Priápo, é ati, Sylvano,  
 Que hes Guarda das Estremas!  
 Praz-se ora á sombra do carvalho annoso,  
 Ora na estavel gramma;  
 Manão em tanto d'alta rocha as agoas,  
 Gemem no bosque as aves,  
 E as fontes, borbulhosas murmurando,  
 Leves somnos convidão:  
 Porém, quando hybernal, tonanté Jove  
 Congere a névê, e as chuvas,  
 Daqui, dalli e'oz cães impelle ás malhas,  
 O javali cerdoso;  
 Ou prende em liza vara as largas redes,  
 Que o voraz tórdo enganão,  
 E o peregrino grou em laço, e a lebre,  
 Jucundas prezas, colhe.  
 Quem ha que, entre estes bens, lhe não esqueção  
 Ruins de amor cuidados?  
 Pois, se honesta Mulher, dispõdo em parte  
 A casa, e tenros filhos,  
 Qual Sabina, ou, dos sóes crestada, a Esposa  
 Do Apulhez incançavel,  
 Com secca lenha o fogo accende á vinda  
 Do fatigado Esposo;  
 E, nos apriscos encerrando o gado,  
 Munge os retezos uberes,  
 E extrahe da cuba o vinho novo, e appresta  
 Caseiras iguarias;  
 Não me apazerão mais Lucrinas ostras,  
 Rodovalhos, ou sargos,  
 Se ao nosso os impellir do mar Eóo  
 O procelloso Hynverno;  
 Nem Jonio francolim, Afra gallinha  
 Terei mais saborosos.  
 Que dos virentes ramos apanhada  
 Mais pingues a azeitona  
 Labaça que ama o prado, e ao corpo as malvas,  
 Enfermo salutiferas,  
 Cordeiro em festas Terminaes, e ao lobo  
 O salvo cabritinho.  
 Quão grato assim á mesa he vêr buscando  
 Farto os curraes o gado,  
 Os bois cançados na cerviz languente  
 Trazer inverso o arado,  
 E em roda ao lar, da rica herdade enxame,  
 Os filhos das Escravas!  
 Dito isto, Alfio onzeneiro, já, já quasi  
 Tentado a ser Colono,  
 Cobrou nos Idos o dinheiro, e a juro  
 Quiz dallo nas Kalendas.

## ARTIGO III.

## CRITICA.

*Juizo sobre o Poema Newton.*

(Continuado do N.º X. pag. 104.)

Continúa o Auctor com a descripção dos ornatos do Cenotaphio, e diz:

Sobre os dois Globos *se sustenta*, e firma

*A illustre, sepulchral Urna estupenda)*

(Estupendos versos na verdade!!!)

*Architectada, e repolida brilha*

*De prisma em fôrma, e de materia ignota.*

(Isto quer dizer que a Urna brilha em fôrma de prisma, e em fôrma de materia ignota, ou que a Urna he de materia ignota, e brilha em fôrma de prisma?... a expressão do Auctor he tão pouco corrente, que admite ambos os sentidos.

*Do Negro Paragon moldura observeo*

*Que em si contém de Isaac a illustre imagem;*

*He relevada em sólida Esmeralda.*

.....

*Este relevo portentoso, e raro*

*He sustido nas mãos de hum Genio illustre*

*A quem deo berço d'Adria a grã Rainha.*

Muito amigo he o Auctor de *grão*, e *gran*, e d'outros que taes epithetos ociosos, e parasytos, de que todos os máos Poetas tem a manha de valer-se para cunhar seus indigestos, e mal forjados versos! Segue-se hum Elogio do Conde Algaroti, Apostolo de Newton na Italia, e elegante Poeta, e Prosador agradável: não achamos porém nesta tirada belleza alguma notavel, mas só huma declamação empolada, e exaggerada, defeito mui trivial nos escriptos do Auctor, quer sejam em verso, quer em prosa; pois

seu espirito he como hum vidro colorado, que communica a sua côr a todos os objectos : e que maior signal de reprovação do Genio em hum Escripitor, que não saber variar os estylos?

„ Eis tres Figuras mais, de grão sepulchro  
Ornamento, devizo.

Depois de ter amostrado neste Templo mais Figuras que n'uma Presepe, ou no Theatro de S. Roque, não farão espanto mais estas tres, que são Fontenelle, Descartes, Maupertuis, e finalmente

Eternidade sobre tudo existe.

Mal contemplava o Monumento augusto

*D'Homem tão grande consagrado á gloria,*

De tão sublimes extasis me arranca

A Fadiga outra vez, he tempo, oh Filho,

Que o transportado Espirito se torne

A' habitação mortal, que desça á Terra :

(Que estylo !)

*Vai; quanto viste aos Homens annuncia,*

*Vai declarar insólitos portentos*

*Sobre esta mole sepulchral gravados.*

O Mundo viverá; Newton sublime

Em quanto exista, existirá com elle.

Não está má existencia a de Newton ha tantos annos debaixo da Terra, e comido dos Bichos! Calúmnia (dirá agora o Auctor) eu não digo que existe, e existirá Newton em quanto existir o Mundo, mas sim o nome, e a gloria de Newton. Pois Senhor Auctor, perdõe a nossa confiança; como não he milagre que V. m. não escreva o que entendo, não disputamos sobre o que V. m. quiz dizer, o que disse, e está mui bem claro, e impresso he que

O Mundo existirá; Newton sublime

Em quanto exista, existirá com elle;

E quando se acabar o Mundo, sobre as ruinas delle

A Gloria existirá fastosa, inteira,

Seu throno erguendo sobre immensa, e clara

Luz, que só Newton dividio na Terra.

Isto são *formalia verba*, e disto resulta que Newton vive, e viverá em quanto viver o Mundo, e, depois de morto elle e o Mundo, ficará permanecendo a sua Gloria.

Disse, eis foge a Visão, eis foge o Templo.

*Eu não differente d'um Mortal que vòu,*

*Desço do cume do fadado monte:*

*O mesmo monte se escondeo.*

*Não differente d'um Mortal que vòu*, he hum'a expressão vaga, incorrecta, e viciosa: mas emfim deixemos voar o novo Icaro mal azado. *Differente*, por *differente*, bem que tenha a seu favor a prática dos nossos antigos Poetas, que lutavão com a difficuldade de amoldar ao metro hum'a lingua ainda na infancia, e bem que tenha exemplo em alguns bons Modernos, que para isso não olhárão com attenção, deve ao presente, que a nossa metrificacão tem sido apurada, e polida, deixar-se, e olhar-se como vicio de estylo, assim como todas as outras chamadas licenças absolutamente desnecessarias em nossa lingua, e que apenas servem de barbarizar as palavras, e estropear a-sua natural melodia.

Desfecha depois o Aucter com hum'a impertinente parlenda a seu respeito, em que, como vulgarmente se diz *Ora he Rei, ora Sapateiro*; isto he, humas vezes está

*N'uma absoluta escuridade inglorio*

Outras, diz, como se fôra hum Hannibal, hum Themistocles, ou Homero:

*Eu da Patria não fui, fui do Universe*

E logo no seguinte verso:

*Da humana especie incognito individuo:*

Idéas que não podem conciliar-se em boa Logica, porque humas excluem as outras. Passa depois a queixar-se dos seus emulos, e inimigos, que (seja aqui dito em segredo) são todos aquelles que tem a insolencia de julgar que Luiz de Camões honrara a sua Patria com os seus Escriptos, e preferem a Lusiada tantas vezes traduzida, e commentada pelos Estrangeiros, ao Oriente, que poucos Portuguezes lêrão, e muito menos gostarão, e de que ninguem sabe mea duzia de estancias de cór. Falla depois da sua probidade, e comportamento, e remata:

Se he preciso morrer sou *grande*, e *liure*,  
Sou *nobre*, *independente*, e sou *ditoso*

. . . . .  
Não he caduca vida hum bem que valha  
De hum *vicio só*, de huma *vileza* o preço.

Que o Auctor falle em sua *virtude*, *probidade*, e *nobreza*, não estranhámos nós, especialmente quando não ha ninguem que dellas não esteja perfeitamente sabedor; o que nós estranhámos he que elle, sendo o mais docil dos Homens, pelo hábito de derramar hyperboles por tudo quanto escreve, cahisse em fallar de si em termos tão emphaticos, que serião tachados de orgulho, e fanfarronada ainda mesmo na bocca de Catão, ou Socrates: o Justo, e o Philosopho devem ser modestos em suas palavras, como em suas acções, e com especialidade se tem a ventura de professor o Christianismo, que ensina a humildade com tamanha efficacia.

Sentença depois que o nosso Seculo he mais barbaro que o de Ataulfo, e Genserico, o que prova com a existencia de Cassiodoro, Boecio, Apolinar, e Symacho, com quem parece que a seu vêr não poderião contrapezar-se tantos Homens illustres universalmente respeitados por seu saber, e prestança nas Artes, e Sciencias, que servem actualmente de gloria a toda a Allemanha França, Inglaterra, Italia, Hespanha, e Portugal, etc., porém a esse respeito diga o que quizer, que para tudo está habilitado quem escreve em hum Poema Epico versos do calibre deste:

*Eu chamo-me Thomé, no Empyreo moro!*  
*Continuar-se-ha.*

---

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

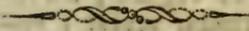
## NUMERO XII.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

#### *Dos Parteiros.*



A arte de partejar, despida dos preceitos indifferentes, ou inúteis, e dos apparatus vãos em que a embrulhão, reduz-se a hum pequenissimo numero de principios simplices, que facilmente se attingem, e que estão muito ao alcance das Mulheres: depressa se aprende quaes são as posições viciosas que pôde a criança tomar no útero, quaes são as que podem rectificar-se, e quaes as que, não se podendo corrigir só deixão á sagacidade do Artista o prudente partido de, quanto he possível, diminuir os inconvenientes: devendo ainda considerar-se, que estes principios sómente são applicaveis nos casos em que, não bastando a Natureza, exige o auxilio de mão estranha; porque, segundo os mesmos Parteiros confessão, o parto natural, que he e deve ser o mais commum, pôde fazer-se sem intervenção da arte. Pôde pois com certeza concluir-se, que os Parteiros que manobráo, e usão quanto podem de instrumentos, pela maior parte das vezes o fazem sem necessidade, e empecem por isso mesmo ao bom exito da operação. Por isto se pôde tambem reduzir ao seu justo valor o exaggerado relatório que fazem dos pretendidos obstaculos que tiverão de vencer, e da destreza e habilidade que carecêrão para os superar; relatório que parece tender a mostrar, que o parto foi obra sua, ou, pelo menos, que nisso fizerão muito, e mui pouco a Natureza.

Ou no tempo dos Gregos parião as Mulheres com mais facilidade do que em nosso tempo, ou elles melhor do que nós souberão julgar o verdadeiro grão de influencia que tem neste acto a Parteira, ou o Parteiro. Pelo nome que davão ás Parteiras, parece que as limitavão ao emprego de cortarem o cordão umbilical, porque lhes chamavão *Omphlotomoi*, isto he, Cortadoras de cordão umbilical. As fêmeas dos animaes fazem com os dentes esta operação; e, como entre elles o cordão umbilical pôde passar sem ligadura, duvidão alguns Auctores de que no Homem seja ella tão essencial como muita gente o pertende. Ha observações pró, e contra: não he este o lugar de discutir semelhante questão; julgamos porém, que se enganará quem olhar o cordão umbilical como huma simples continuação dos vasos do Menino, ou de sua Mãi, e não o considerar como hum conducto, que em certo tempo deve servir de ponto de comunicação entre a Mãi e o Filho, e que a Natureza conserva em quanto delle necessita, deixando-o seccar, e cahir logo que lhe não he preciso: depois do parto a Natureza contrahe, restringe, e cerra no Menino aquella parte onde o cordão abocca; e, interceptando-lhe o sangue e a vida que o fazião vegetar, o reduz ao estado de se *obliterar* (1) e em pouco tempo seccar, sem que o Menino seja nisso prejudicado.

Posto que a facilidade da arte de partejar fosse talvez entre os antigos hum motivo de ás Mulheres a confiarem, também sem dúvida attendêrão á natural coherencia de que, vindo ao Mando, seja o Menino recebido nos braços da Parteira, para delles passar aos da Ama, e dos desta aos de huma Aya, que o disponha para receber a educação viril; pois que hum tão tenro e melindroso deposito acharia talvez, na austéra e rigida ternura dos Homens, soccorros menos convenientes ao seu estado, carecendo de hum apoio brando e flexivel, que, para melhor o defender, como elle se modificasse. Finalmente as Mulheres pertence o cuidar da infancia, he hum encargo que a Natureza lhes prescreveo: he a Mulher que por espaço de nove mezes deve trazer o Filho no seu seio, he a Mulher que deve facilitar-lhe os meios da sahida, he a Mulher que deve dar-lhe o primeiro sustento de que precisa, e he enfim a Mulher que deve velar no primeiro desinvolvimento dos seus órgãos, e da sua alma, e

(1) Cuido que a nossa Faculdade Medica tem já adoptado este verbo: *tenha*, ou *não*, eu o uso, porque a sua origem he Latina, e porque a sua significação anatómica não pôde dar-se sem huma longuissima periphraze. (Nota do Traductor.)

preparallos para as lições que o devem elevar ao estado de Homem.

Mas a principal razão porque os antigos pensavão que o ajudar ao parto sómente convinha ás Mulheres (excepto nos casos mui raros em que tudo cede a hum perigo imminente) he o grande interesse dos costumes; e he este hum objecto que nunca os antigos Governos perdêrão de vista, sabendo que são elles a base de toda a legislação, e que debalde se farão boas leis, se os bons costumes não assegurarem a execução dellas. A crueza das operações chirurgicas de Archagato fez expulsar de Roma os Medicos, e Roma banio tambem os Sophistas e Oradores Gregos, accusados de lhe haverem introduzido, e de nutrirem o gosto das artes e vicios da Grecia: era pois verosimil que não deixasse longamente subsistir huma arte que, exercida por Homens, debaixo das vans apparencias da utilidade, ameaçaria o sanctuario d'Hymeneo, e que, attentando ao principal salvo-conducto das Familias, em breve atacaria as molas que sustentão o Estado; huma arte que, á força de attenuar o pejo das Mulheres, cedo as acostumaria a de nenhuma cousa se envergonharem, que talvez até lhes faria perder a lembrança da severa virtude que lhes havia grangeado a estima e veneração dos Romanos, e que fôra em outro tempo o principio das maiores revoluções. Catão, que degradou hum Senador por abraçar sua Mulher em presença de sua Filha; Catão, sempre attento a repellir a depravação do peito dos Cidadãos, nunca permittiria que as suas Mulheres, dando Filhos á Republica, deslustrassem este beneficio com o esquecimento do decoro.

Até meado do seculo decimo septimo, todas as Nações concordarão em não admittir nos partos o ministerio dos Homens. Exceptuão-se os Athenienses na época em que prohibirão ás Mulheres todo o exercicio Medico, ou Chirurgico; porém como as Mulheres Athenienses muito repugnassem submitter-se a huma lei que violava o seu pudor, obrigando-as a ser partejadas por Homens, huma dentre ellas mais animosa, e á maneira de Curcio, sacrificando-se pelo seu sexo, disfarçou-se em Homem, para com este disfarce poder exercer a profissão de Parteiro. A este recorrêrão todas as Mulheres que sabião o segredo, e os outros Parteiros perdêrão freguezia. A grande reputação he crime aos olhos da inveja: logo ella armou contra Agnodice (que assim se chamava o Parteiro femea) todos os invejosos da sua fortuna, e recorreo ás suas armas validas, isto he, a calúmnia; mas felizmente as suas imputações são de ordinario tramadas com mais maldade que industria, e as que empregou contra Agnodice erão de tal natureza que facilmente podião ser desmentidas. Ac

cusarão-na de seduzir as Esposas dos Cidadãos ; mas , pela simples confissão do seu sexo , Agnodice confundio os impostores ; e então os Athenienses, reconhecendo os inconvenientes da sua lei , tomáráo o sábio partido de a modificar. (*Extracto do Cap. 7. da 2.<sup>a</sup> Parte da mesma Obra de Roussel.*)

Moniz.

## ARTIGO II.

P O E S I A.

F A B U L A.

*A Raposa , e as Gallinhas.*

Numa ladina, experiente, e annosa  
 Papa-gallinhas, cállida Raposa  
 Havia tempos, mas em vão, matreira  
 Buscava entrar em farta capoeira;  
 Até que n'humas noite de procella  
 A hum não tentado estratagemas appella.  
 „ Abri, Meninas, não tendes receio :  
 „ Quem quer o proprio bem, promove o alheio.  
 „ Hoje ao Celleiro as portas mal fecharão,  
 „ E os ventos indagora o escancararão :  
 „ Eu venho dar-vos parte como amiga,  
 „ E tambem por fazer bem á barriga;  
 „ Pois não vos custa nada, em recompensa,  
 „ Se os hão de vir buscar para a despensa;  
 „ Deixar-me a mim comer alguns ovinhos.  
 „ Meninas, vinde encher vossos papinhos,  
 „ Abri; não tendes medo da Raposa,  
 „ Que ella não he feroz, só he gulosa:  
 „ Se alguma vez faz mal, he que tem fome;  
 „ Mas não faz mal nenhum em quanto come „  
 „ Sua malicia o Gallo conhecendo,  
 „ Cucuricava com furor. Tremendo  
 „ As Gallinhas, e os Frangãos pipitavão,  
 „ E todos da verdade duvidavão.  
 „ Mas sempre foi hum Demo huma Zoipeira  
 „ Curiosa, doutora, e lambareira!  
 „ Alli se viu: de crista derrubada

Tirante a negro, já de avelhentada,  
 Huma gorda Gallinha, cobiçando  
 De em celleiro se vêr depenicando,  
 Dest'arte lambarou ,, Creio verdade  
 ,, O que a Raposa diz, que nesta Herdade  
 ,, Foi hoje hum fонтarrão o mais esperto:  
 ,, Que muito he o celleiro estar aberto,  
 ,, Se tem fecho de salto esta cancella,  
 ,, E ficou posta só na taramella? ,,  
 Mal que a Raposa ouvio, saltou ligeira,  
 Agatanhou tres vezes, e á terceira  
 Deo volta, abrio, entrou, faminta, e irada;  
 E, atirando dentada e mais dentada,  
 Nos mal-fazejos dentes atravessa  
 Pequena e grande gallinhal cabeça.  
 No emtanto os ventos, porfiando a guerra,  
 Batem co' a porta; salta o fecho, e cerra.  
 Já desponta o albor da madrugada:  
 Farta de sangue, e de matar caçada  
 Eis a Raposa a procurar sahida:  
 Não acha: salta, corre, trépa, e lida;  
 Mas de balde, e estendida ao comprimento,  
 A vida emfim confia, ao fingimento.  
 Da capoeira ao pertendido gado  
 Já vinhão a deitar o pasto usado,  
 Conhecem pelo estrago o inimigo,  
 E n'húm cajado levão-lhe o castigo.  
 Na Gallinha se mostra o grande damno  
 Que provir pôde de hum fallar insano;  
 Na Raposa, a funesta barbaria  
 Da sanguinaria, atroz Hypocrisia.

Moniz.

## ARTIGO III.

### CRITICA.

#### *Juizo sobre o Poema Newton.*

(Continuado do N.º XI. pag. 112.)

Pouco temos já a dizer do restante deste Poema, que rigorosamente fallando acaba no fim do 3.º canto com o Elogio de Newton: este Elogio tem o defeito geral do estylo do Auctor;

isto he, carencia de colorido Poetico ; não offerece porém cousa, que valha a pena de apontar-se, por máo, nem bom. O quarto canto reduz-se a huma impertinente, e descozida enfiada de reflexões, exclamações, apostrophes, e repetições, que o tornão ainda mais fastidioso á leitura, do que os precedentes; nelle deparamos de quando em quando alguns lugares em que sem mascara, nem rebuço apparece a desmedida phylancia do Auctor, tal he a seguinte passagem, que igualmente accusa a sua falta de bom gosto, e critica em Poesia; diz elle em hum Elogio a Italia:

*Sabe que o Tejo te conhece toda:*  
*Entre as cultas Nações tu só me illustras,*  
*Eu nada tenho que invejar ao Mundo,*  
*Quando em viva abstracção te roubo ao Globo;*  
*Sem Filicaja eu Lyrico me acclamo!*

A primeira cousa, que se nos apresenta a notar aqui, he a absoluta com que o Auctor, que em qualidade de Estrangeiro, e pouco pratico em a Lingua Toscana, não he em tal objecto competente Juiz, dá o primeiro lugar entre os Lyricos Italianos a Filicaja, desmentindo o voto da Italia inteira, e da Europa, que dão unanimemente a preferencia a Chiabrera, e Guidi; a segunda he, que o Auctor, que em toda a sua vida nunca poude produzir huma Ode soffrivel, como se yê pelas que em seu nome existem impressas, tenha o atrevimento não só de contar-se entre os Poetas Lyricos, mas que, estabelecendo que Filicaja he o unico a quem respeita (o que quer dizer em bom Portuguez, que elle tem na Poesia Lyrica o lugar immediato a este Poeta) venha a julgar-se superior a Pyndaro, Anacreonte, Horacio, (a quem não soube traduzir) Chiabrera, Bembo, Guidi, Bernardoni, Crescimbeni, Rousseau, le Brun, Dryden, Gray, Urz, Haller, Gleim, Herrera, la Torre, Frey Luiz de Leão, Rioja, Diniz, Garção, e o inimitavel Francisco Manoel! póde dar-se mais ridicula presumpção? maior audacia? sim; o Auctor he o unico que nos podia dar o exemplo della.

*Ah! sem Tasso o Cantor do acceso Oriente*  
*Cedera a nenhum outro Epica tuba!...*

Poderá chegar mais longe a demencia, e o delirio da Presumpção?... Pois nem a Homero, nem a Virgilio? nem a Milton? nem a Klopstok? Em Camões, Sá de Menezes, Castro, Quebedo, e Santos e Silva não fallamos, porque seria hum insulto o comparallo

com semelhante Jáos Ninguems. Pois olhe , Senhor Fanfarrão Poetico, por mui feliz se daria V. m. se podesse alcançar hum lugarzinho aos pés de Bracciolini, quanto mais do Tasso, e dos outros que nomeâmos. Depois de *por grande modestia* julgar-se o segundo Lyrico, e Epico do Universo, não vale a pena de notar-se que tambem se julga superior a todos os Poetas descriptivos, á excepção de Arrighi, e Conti, pondo para a banda, como se nada valessem, Delille, e Darwin, Tompson, Dusch, etc.

*E Harmoniosamente meditando*

(Este verso podia fazer ajuizo com outro, porque tanto se zombou do defunto versejador França

*Misericordiosissimamente.)*

Eu só fôra o Pintor da Natureza  
S'Arrighi, e Conti, c'os pinceis não dexão  
A tão grande painel mais alma e vida.

Que alma haverá tão estoica, que á vista de semelhante arrogancia possa abster-se de clamar *o' tribus Antyciris caput insanabile!* Que sério Esculapio vendo-o em semelhante accesso não clamaría:

Sangrias nelle, e palhas, e chicote?

Tambem não he raro que o Auctor, que quasi nunca sabe nem o que diz, nem o que escreve, diga sobre o mesmo objecto o pro, e o contra, cahindo em ridiculas contradicções. Dê-se hum exemplo: depois de haver em hum extensissimo, e tediosissimo Prologo estabelecido, que não ha Poemas que possam comparar-se com hum Poema Didascálico, ainda que seja sobre o *chocolate*, ou os *flatos*, decide a folhas 145 que a *Chymica* não he bom assumpto para Poemas.

*Té mãos Imperiaes viste, ó Florença,*

*Depondo o Sceptro tactear cadinhos*

. . . . . (expressão impropria.)

*Mas se delles a purpura não foge,*

*Fogem por certo as Musas espantadas;*

*Nega-se a Lyra a barbaros, escuros*

*Termos que jurão sanguinosa guerra.*

*Do metro Luso á mágica harmonia.*

Guerra sanguinosa a opposição que pôde suppôr-se entre termos escuros, e a harmonia do metro Luso!... que diria hum Professor de Rethorica a hum discipulo, que em alguma composição escholar lhe apresentasse hum epitheto tão improprio? pois o seguado Poeta *Epico*, *Lyrico*, e *Didactico* de todo o Mundo; o Escudeiro de Tasso, Filicaja, e Conti, imprime sem escrupulo nenhum huma sandice que não diria hum Rapaz da eschola! As Musas fogem de tratar objectos Chymicos; sim, quando se offerece para seu interprete hum homem tão ignorante de Chymica, como o Auctor o he della, e das Sciencias Natúraes: porém quando se lhes apresenta hum Darwin, então ellas de bom grado accodem a patentear-lhe todos os thesouros da Poesia

*Morre-m' a chamma, que me ferve n'alma,  
Se Hydrogenio, s'Azote, ou se Oxigenio  
Ousados vem barbarizar meus versos.*

(*A minha prosa deveria dizer.*) Porém os nomes de *Hydrogenio*, de *Oxigenio*, e de *Azote* não desfigurarão nem o metro, nem o estylo do Traductor do Jardim Botânico, assim como os termos de Agricultura, e Botanica não apagarão, nem diminuirão a brilhante chamma que ardia no peito do elegante Traductor de Delille, Castel, e Rossét. Todo o assumpto he bom quando he tratado por mão habil, e *vice versa*. Huma só faculdade mental como a *Imaginação* forneceo á Delille oito Cantos do mais formoso Poema descriptivo; e toda a Natureza não poude prestar ao Auctor 4 Cantos mediocrementemente bons; sem embargo de hir na Meditação sempre no trilho de Dulard como, se tivermos pachorra; mostraremos.

Ha muitos annos, que Bocage respondendo em huma bellissima satyra á regateiral descompostura metrica, com que o Auctor o desafiára, lhe disse a respeito deste erradissimo verso:

*Ras-tei-ras có-pias d'e-ri-gi-na-es so-ber-bor.*

Erra versos, e versos sentença

E por este Poema vemos que o Auctor não tem feito progressos neste objecto; pois deparamos alguns versos que estão errados, por exemplo os seguintes:

*E-tu-d'ó-gran-de-In-glez-tu-a-glo-ri-a-au-men-tã  
Ao-His-to-ri-a-dor-Fi-lo-so-pho-se-mos-tra.*

Tem igualmente erros de Grammatica.

*N'huma absoluta escuridade, inglorio,  
Sómente a mim deixado, e á Natureza,  
Sem murmurar do Ceo que assim lhe aprouve,  
Tranquillamente o Tumulo esperando,  
( Pouco dista de mim! ) repouso eterno.*

Seguimos exactamente a pontuação do Original, e achámos nada menos de dois erros grammaticaes nestes versos, a saber a falta do verbo principal, que faz com que a oração não tenha sentido; e se não diga o Auctor o que quer dizer este periodo, tirando-lhe as orações intermedias = *inglorio, deixado a mim, e á Natureza, sem murmurar do Ceo, tranquillamente esperando o tumulo, repouso eterno?* o segundo erro está nas palavras *Ceo, que assim lhe aprouve* pois o Auctor para fallar Portuguez devia dizer *a quem assim aprouve.*

Tambem não entendemos o seguinte periodo :

*Descreve Newton co' compasso d'ouro  
O Globo, que Varennio exposto havia;  
Foi Cook, e foi Biron, foi Bourgainville,  
Qual Anson foi guerreiro, e os mares gyrão.*

*Orpheo, que a Lyra d'ouro  
Com tanta fez soar moga harmonia.*

(Pela segunda vez notamos a dissonancia ridicula destas palavras, que neste Poema se encontra a cada passo repetida.)

*Que doccis se tornou troncos, e penhas,  
Que do Cahos no escuro, horrendo centro,  
( Principio do Universo ) amor plantárão.*

Ora nós suppomos que não haverá hum só Mestre de Meninos, (ainda que tenha eschoia na Lourinhan, ou em outra alguma terra de mal agourado nome,) que ao lêr estes versos não diga mui circunspecto tomando a sua pitada de esturro, e desmontando do nariz as ensebadas cangalhas „ Se o relativo *que* se refere „ nesta oração a Orpheo que he hum só, e se Orpheo fez, *tornou, etc.*, a que vem cá o plural *plantárão?* ou V. m. não repara no que escreve, ou manda copiar os seus Escriptos por „ algum Tendeiro seu amigo; ou (o que he mais provavel) não

„ sabe Grammatica. No primeiro , e segundo caso merece sur-  
 „ riada, por não lêr o que escreve, ou lhe escrevem, no terceiro  
 „ he réo perante o meu Tribunal , e sujeito á jurisdicção desta  
 „ Palmatoria. „

Seria pequeno todo este Número para notar todas as imper-  
 feições desta especie, de que está inçado este miseravel Poema,  
 labeo da Poesia Portuguesa, aborto de hum espirito falso, e su-  
 perficial, que faz versos contra vontade das Musas, para descré-  
 dito seu, desabono da arte, e mortificação dos Leitores. Não po-  
 demos comtudo levantar mão desta empreza sem apontar mais  
 algumas passagens, que se fazem notaveis; por exemplo diz elle  
 fallando da Doutrina de Platão :

Oh sublime Doutrina, oh tu podeste

Dentro da eschola de Florença outrora

O eloquente escutar Policiano.

Pois foi a Doutrina que escutou Policiano, ou Policiano que  
 escutou a Doutrina? em que Lógica das que o Auctor *vio, medi-  
 ton, e analysou* desde Aristoteles até Condillac aprenderia elle  
 a pensar, e a explicar-se com esta propriedade? Se esta passa-  
 gem he ridicula, a que vamos transcrever he escandalosa.

Este o primeiro da assisada turba

Do Cynico mordaz.

Juntemos a esta mais duas do mesmo jaez.

O desprezado ácsinte, ignoto a muitos,

O frugal Espinosa aqui surgia

Mas quem, profundo Hebreo, te nega engenho?

Em força d'alma hes unico entre todos

Os que além penetrar julgão que he dado

Do que foi dado a pensamento humano, etc.

E na Nota a paginas 106 depois de grandes elogios e Espinosa  
 „ Viveo, e morreo como verdadeiro Philosopho... não recebeo o  
 „ baptismo; não queria disputar sobre a Religião. „ E he hum Chris-  
 tão, hum Sacerdote, hum Prégador Régio quem dá o epitheto  
 de *assisada* á Seyta dos Cynicos, a quem os Gregos davão o  
 nome de *Cães* em rasão de suas turpitudes e escandaloso desca-  
 rramento? he na bocca de hum Homem encarregado de explicar,

e persuadir aos seus compatriotas as santas maximas da Religião de Jesu Christo, que se ouve o elogio do impiissimo, e tenetroso Atheo Espinosa? He hum Sacerdote, hum Prégador Régio quem diz, que viveo, e morreo como verdadeiro Philosopho hum Judeo Apostata, que não recebeu o baptismo, nem queria disputar sobre a Religião, porque não tinha Religião alguma?... A indignação, e o pejo nos fazem cahir a penna das mãos, e abandonar para sempre este indigesto, torpe, e escandalosissimo Poema.

## ARTIGO IV.

### HISTORIA.

#### *Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.*

(Continuado do N.º VIII. pag. 84.)

O que supposto, devemos affirmar, que El-Rei D. Affonso I. certamente descendia dos Reis de Aragão: não pela linha paterna originaria, porque Henrique, seu Pai, era filho dos Duques de Borgonha; mas pela linha paterna de afinidade, e cognação, isto he, por parte da Mãe do Conde D. Henrique, Pai de El-Rei D. Affonso: o que sómente se pôde verificar, sendo Henrique filho de D. Sancha Infanta de Barcelona; porque ainda que esta Princeza não descendia dos Reis de Aragão, porque a este tempo, isto he, antes do anno de 1137, ainda o Principado de Catalunha, e Condado de Barcelona não estavam unidos ao Reino de Aragão; porque neste dito anno de 1137 he que ficáráo unidos, pelo Casamento de D. Raimundo Berenguer, Conde de Barcelona, quarto do nome, com D. Petronilha, filha de Ramiro II., Rei de Aragão, a quem chamáráo o Monge, e Herdeiro daquella Corôa: comtudo, quando se pôz o Epitafio, já Barcelona estava unida a Aragão, e já a tudo se dava este nome, como hoje se dá; incluindo no mesmo nome o Reino de Aragão, o Principado de Catalunha, e o Condado de Barcelona. E para evitar qualquer equivocação, que da similhaça dos nomes pôde nascer, advertimos aqui; que estes mesmos nomes se encontráo na Serie dos Reis de Aragão, e na dos Reis de Leão, e Castella; e com pouca diversidade. E com esta occasião advertimos tambem, que a Chronologia dos Reis de Oviedo, e de

Leão que corre bastantemente embaraçada, por causa do Compto que ordinariamente se faz dos annos que durou o governo d'El-Rei D. Affonso IV., a quem chamarão o Monge, em parte se pôde ajustar pelos principios que nos subministrão os Documentos do mesmo tempo, e modernamente descobertos pelo erudito Auctor da Polygraphia Hespanhola. Deste consta, que El-Rei D. Affonso, o Monge, ainda vivia, e se intitulava Soberano em o anno de Christo 769. E sendo certo que El-Rei D. Ordonho III. filho de Ramiro II., irmão de Affonso, o Monge, era Rei em 950, e que seu Pai Ramiro II. entrou a reinar em 931, e que antes d'elle reinára seu irmão D. Affonso sómente seis annos, segue-se que este Rei D. Affonso entrou na administração da Corôa em 925, ou 924 anno completo, e deste calculo pouco se affastão aquelles Auctores que põe o principio do Governo d'El-Rei D. Affonso de Leão em 923. Com o dito cálculo se conformão tambem os Documentos que produz Garibay; segundo os quaes, se devem continuar a El-Rei D. Affonso IV. mais vinte e quatro annos de vida; depois do anno em que os Historiadores commumente assentão a morte deste Monarcha, que he no anno 945, porque juntando a este anno de 945 os vinte e quatro, que aponta Garibay, vem a cahir a morte d'El-Rei D. Affonso IV. em 969.

*Continuar-se-ha.*

---

*Com o N.º 13 acaba a Subscrição deste Trimestre: convidâmos por tanto os Senhores Subscriptores a renovar as suas assignaturas, o que poderão fazer na Loja de Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, ao pé da Casa da Gazeta, e na mesma Officina onde se imprime este Periodico na Rua da Roxa das Partilhas N.º 153.*

---

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

*Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.*

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO XIII.

---

### ARTIGO I

#### SCIENCIAS, E ARTES.

##### *Da Intemperança.*

---

**O** Abuso no comer, e beber he huma das primeiras, e mais fecundas origens da desordem da economia animal. Relativamente á escolha, e quantidade dos alimentos estabeleceo Hippocrates hum axioma que, bem entendido, comprehende todas as regras da dieta: isto he, que não se devem dar ao corpo mais alimentos do que elle pôde digerir, e consumir: do que se segue, que a quantidade de sustento necessaria a cada individuo, he determinada pela constituição, temperamento, forças, e modo vivendo do mesmo individuo.

Nas Mulheres deve a Natureza só exigir huma quantidade proporcionada á fraqueza dos seus órgãos, e aos pouco penosos exercicios em que se occupão: porém ellas, assim como os Homens, hindo-se após de hum appetite enganador, ou facticio, sem o cuidar, transpassão os justos limites; e, em chegando a confundir o costume e o prazer com a necessidade, já não he a Natureza que decide a frequencia e duração das comidas; sollicitão-na antes que ella deseje, e gravão-na depois de ella estar satisfeita.

Opprimida com hum excessivo peso de alimentos superfluos, ou prejudiciaes, a Natureza digere, e apropria os que pôde; e separados os demais, formão nas visceras, e especialmente nas primeiras vias, fócios de corrupção que preparão as enfermidades; ou pelo menos, nos lugares em que se achão, reduzem-se a huma

principio constante de irritação, que, occasionando violentas agitações, e operando desigual tenção nos diversos órgãos, lhe desordena as respectivas funções, e movimentos, e principalmente altera a fórma, e a côr. O descabimento do rosto, e huma certa pallidez são symptomas inseparaveis do máo estado das entranhas.

He certo que ha pessoas em quem a Natureza, ajudada de hum bom estomago, e de huma particular disposição para engordar, consegue o converter todos os alimentos em substancia animal; porém alcanção essa vantagem a custo de huma corpulencia, e de hum excesso de gordura que, não menos do que a magreza, he talvez contraria á saude, e á belleza, (1) porque tirão ao corpo as suas naturaes proporções, flexibilidade, e les-teza. As pessoas, cuja fortuna as habilita para commetterem frequentes abusos de alimento, podem quasi dividir-se em duas elasses, huma de excessivamente magras, outra de excessivamente gordas.

A regra de Hippocrates não se limita á superabundancia, mas tambem abrange a qualidade das comidas, e bebidas. Hum dos Philosophos deste seculo disse, que se poderia avaliar o character dos Povos pela natureza dos alimentos de que se nutrem: e com effeito, o character depende da constituição physica, e esta determina a escolha dos alimentos, que fortificação o character. Ha Povos que carecem de viandas, e licorés fortes; como mais análogos á sua vigorosa constituição: ha outros, cujos individuos, enervados pelo ardor do clima, se opprimirão com aquellas mesmas viandas, sendo os alimentos aquosos, e leves os mais convenientes á fraqueza dos seus órgãos.

A constituição destes ultimos se aproxima a das Mulheres, e por isso, em geral, o seu gosto, quando não está depravado, as inclina a preferir os manjares, e bebidas que não exigem grande dispendio de forças digestivas, e cujos principios constitutivos não tem huma acção mui forte sobre as delicadas fibras dos seus sólidos: os vegetaes, as fructas, os laticinios etc. são, de ordinario, os manjares que mais appetezem.

---

(1) Isto entende-se segundo as idéas convencionaes da belleza, entre nós: porque ha Povos, taes como os Egyptios, entre os quaes he hum merecimento a gordura, e as suas mulheres fazem tudo o que podem para o conseguir. Prospero Alpino (*Medic. Aegyptior.*) nos conta os meios de que se servem para esse fim, usão (diz elle) quando estão no banho, tomar hum caldo feito com huma gallinha mui cêvada, e comer depois toda a gallinha dentro do mesmo banho. „ Não diz o Auctor se a receita he proveitosa, mas certo he ao menos que ella não he difficil, nem desprecienda.

Isto não obstante, não he raro o vêr Mulheres que gostão das viandas mui adubadas, e dos licores espirituosos, e aromaticos; porém a maior parte dessas Mulheres são magras, e de hum temperamento bilioso: tão verdade he, que nem sempre o gosto he segura guia para decidir a escolha dos alimentos.

Á Natureza todos os dias muda, relativamente ás sensações que determinão os seus appetites; porém geralmente he ávida daquellas que com mais actividade nos excitão; e, como a agitação he hum caracter inherente á vida, e nós, por consequencia, nunca, mais do que quando somos agitados, temos hum íntimo sentimento da nossa existencia, cõrremos por isso após de tudo o que pôde produzir-nos essa agradável agitação: he ella o principio desse incorrigivel gosto que tem certas pessoas pelos comeres carregados de sães, e especiarias, pelos licores espirituosos, pelo café, pelo tabaco, etc., mas todas estas cousas nos arruinão, lisongeando-nos; porque sómente operão augmentando o movimento das fibras, que irritão; e á irritação que nos causão succede sempre hum abatimento, que cada dia nos faz mais necessaria a sua acção, chegando ao ponto de sem ellas não podermos existir.

Sabe-se que o café tira o somno a muitas pessoas, e que, até aquellas que mais vezadas estão ao seu uso, experimentão depois de o tomar huma especie de movimento febril, que he precisamente a causa da satisfação, ou antes da momentanea embriaguez a que nos move esta seductora bebida. Como hum vento benigno ella dissipa todas as nuvens que nos offuscavão a alma, reanima as forças do pensamento adormentado, e dá ás nossas idéas mais rápida, e desimpedida carreira: he ella a fonte onde muitos Homens de letras vão purificar o seu estro, e buscar o impeto que os dispõe a produzir; he a Hippocrene de muitos Poetas; mas o fim proposto com o seu uso, é o effeito real que ella opera, provão que pouco convém ao sexo, e á idade que se destinão a brilhar mais pelas vantagens do corpo, que pelas do entendimento. (*Extracto do Cap. 7. da 1.ª Part. da mesma Obra de Roussel.*)

*Moniz.*

## ARTIGO II.

## P O E S I A.

## ODE 2.ª DO LIVRO IV. DE HORACIO.

*Traduzida em igual número de Versos de igual medida.*

Quem quer que tenta emulações com Pyndaro  
Em céreas plumas de lavor Dedáleo  
Se firma, ó Julo, e tem de dar seu nome  
Aos vitreos mares.

Dos montes como desce hum rio, sobre  
A usada marge a trasbordar co' as chuvas,  
Ferve, ruindo com profunda immenso  
Pyndaro bocca;

A quem se devem Apollineos louros,  
Ou por audazes Dithyrambos volva  
Palavras novas, e com rythmos corra  
De ley absoltos;

Ou Deoses cante, e, geração dos Deoses  
Os Reis, por quem houverão fim com justa  
Morte os Centauros, e houve fim da horrenda  
Chymera a flamma;

Ora os que a palma reconduz Eléa  
Ao lar divinos; ou carreira, ou luta  
Diga, e, mais nobre do que estatuas cento  
Hum dom lhe off'reça;

Roubado ou chore á mesta Esposa o Joven;  
E a fortaleza, o animo, os costumes  
Aureos aos Astros os eleve, e salve  
Do invido O'rco:

Mil auras sobem de Dircea o Cysne,  
Sempre que ás altas regiões das nuvens  
O vôo estende: eu, da matina abelha  
Ao modo, e ao uso,

Que a longo custo os saborosos thymos  
Colhe do bosque, e de redor das margens  
Do úvido Tibur, acanhado forjo  
Lidados Versos.

Com maior plectro cantarás, ó Vate,  
 Cesar ornado c'os laureis devidos,  
 Quando ferozes pelo sacro opprima  
 Monte os Sycambros.  
 Nada maior, nem melhor que elle os Fados  
 Ao Mundo, e os Deoses amigaveis derão;  
 Nem hão de dar, inda que os tempos volvão  
 Aos de ouro antigos.  
 Alegres dias, públicos festejos  
 Pela Cidade, na impetrada volta  
 Do invicto Augusto, cantarás, e o Foro  
 De lites orphão.  
 Então, se eu fallo que mereça ouvir-se,  
 A minha voz se elevará, e ,, O' pulchre  
 Sol venerando ,, cantarei ditoso,  
 Entrado Cesar;  
 E em sua marcha muita vez diremos:  
 ,, Viva, triumpho ,, e a huma voz ,, Triumpho ,,  
 Toda a Cidade, e aos favoraveis Deoses  
 Dar-se-ha incenso.  
 Tu com dez touros e outras tantas vaccas,  
 Eu cumprirei c'hum vitellino tenro,  
 Que juvenesce, já sem Mãi, nos prados  
 Para os meus votos:  
 Na frente imita as encurvadas pontas  
 Da nova Lua, de tres dias nada;  
 No mesmo sitio nivea malha amostra,  
 No mais he louro.

*Moniz.*

---

## ARTIGO III.

### CRITICA

#### *Presumpções.*

(Continuado do N.º III. pag. 31.)

Pela bocca morre o peixe = quem muito falla, pouco acerta = e nem todas as verdades se dizem = tudo isto são adagios ou rifões mui vulgares, muito antigos, e que assentão em muito boas rasões: por muitas destas tomo eu para mim o ultimo daquelles, a fim de não entender com todas as presumpções, porque bulir em algumas seria peor do que tocar em chaga viva; e

comtudo, não faltão outras em que malhar; cahindo muito a pêlo a applicação dos dois rífões primeiros. Ora convém aqui notar, que ha muitas figurinhas, e figurões, por este principio recommendaveis, e os quaes eu sómente conheço por algumas suas ridiculas obras, ou por algumas anecdotas, que tenho a seu respeito ouvido contar; porque enfim, nada se faz que mais tarde, ou mais cedo se não saiba, e, por menos que se indaguem as vidas alheas, só não ouve quem he surdo; porém eu que por ora, louvores á Providencia! tenho perfeitos os meus cinco sentidos, vou ouvindo, e vou guardando, e, conforme o caso, aproveitando o que guardei. Cumpre tambem lembrar, que geralmente costumão os Escriptores botar a pasto a phantasia por todos os campos moraes, sendo esta huma especial competencia dos Criticos, e dos Poetas, que assim o fazem, não só pelos campos do nosso Mundo, senão que de todos os Mundos possiveis; e ora eu, que sempre tive vêa de Poeta, e deixo agora correr a de Critico, porque enfim todos os Homens devem domar o engenho ao que em diversas occurrencias melhor possa convir, sem desaize, nem desdouro; já se vê que não hei de deixar hir por agoa abaixo a sobredita especial competencia, antes sim tomalla bem ao fio da corrente. Não he tambem para esquecer, que he ordinario em nossos sonhos, ainda nos mais disparatados, mesclarem-se ao menos algumas sombras daquellas cousas, ou negocios, que tratamos, ou temos tratado, e queremos, ou ouvimos tratar; e muitas pessoas ha que adormecidas tem assim occupada a phantasia, e fallão alto, e practição largamente mui seguidas conversações. Eu não sei se fallei alto, mas certo he que huma destas noites passadas sonhei as estópinhas, accordei a rir-me do sonho, e accodio-me á reminiscencia tudo o que havia sonhado; e, como alguma cousa disso venha a proposito nos capitulos da presumpção, eis-ahi vai agora a summa de hum dialogo que sonhei ter com hum Amigo, daquelles poucos que, a meu modo, tambem ouvem, e tambem guardão.

Sonhei que estavamos nós no Passeio Público, mui tranquilllos, e recostados cada hum sobre sua opposta munheca, como bons observadores observando algumas cousas que alguém tem observado no *Observador*; rindo-nos, como merece, de quem delle diz que não vio mais que o Prologo, e logo em trinta paginas desenrolou trinta conselhos, pespegou trinta sentenças, e arrebeçou trinta mil sandices, que nem menos havia que esperar de seu eruditissimo bestunto! Com o respeito devido a tão grave personagem, apertou connosco o riso, por maneira que não sei como então se me não rompeo o sonho. Fomos por diante, eu, e mais o meu Amigo, observando quanto em redor de nós acontecia, a espaços lançando os olhos, medindo quem passava, ap-

plicando as regras da *Physiognomonía*, e de quando em quando rindo tambem de nossos julgados, ainda que talvez pela maior parte forão de acerto; porque muita rasão teve o grande Homem que primeiro entre nós ao rifão = tolos são todos quantos o parecem = accrescentou = e ametade: daquelles que o não parecem = e na verdade soffre isto bem poucas excepções: a cara he espelho d'alma; não he usual, quem tem boa cara ter más obras, e raro he que as tenha boas quem tem má cara; porém, assim como as Mulheres mais feas são essas as que mais presumidas se arrebicão, e se apucárão; tambem os Homens mais lerdos, e mais ignorantes são esses os que mais presumem de penetrante engenho, e erudição.

Lançado tudo isto em despeza, e depois de outros varios commentos: Ei-lo ahi vai (dissemos nós, ou sonhei eu que diziamos) ei-lo ahi vai com focinho de cão galgo, ou antes de badeira d'agoa acima, com voz de pipia, ou canna rachada, fallando em tudo muito impetuoso, e emphático; a cada duas palavras saccodindo os ventos pelas ventas, á maneira de perú enufado; presumindo de grande entendedor de todos os phenomenos dos quartos crescentes, e mingoantes; e esperando de ainda hir aos paizes da Lua comer a merenda que traz ás costas! Eis-ahi vai outro com carinha de *Sum, es, fui*, por ser tido, que não passando de hum soffrivel Borrador, presume de Pintor excellentissimo; porém, querendo retratar Manoel, sahe-lhe o retrato de Martinho; querendo pintar huma figura allegorica, anda tonto sem saber os attributos, ou adornos que lhe competem, e nem ao menos sabe fazer a pregadura de humas roupas! finalmente, em passando de hum parreiral, ou cercadura, não faz nada com geito: ha quem diga que elle não sabe o que he *Iconologia*, e ainda menos *Iconographia*; porém elle recalcitra, porque diz que professa huma das Bellas Artes, e ama as outras, especialmente a Poesia: mas tambem diz, que o Camões não presta; he seu muito mimoso o sarrabulho, e indigesta monstruosidade do *Novo Gama*, a respeito do qual professa a *Iconolatria*, ou antes a *Zoolatria*, melhor que a arte de Enlapuzador de pincel; e com este bom gosto de tudo mofa, e para tudo tem hum risinho amarello, com que, pondo a boquinha á banda, dá o inteiro ar da parvóice ao seu meio aparvalhado, e agúdo semblante. Oh! oh! o Passeio está hoje que lhe não ganha a mais guapa Camera Optica! lá vem hum paspalhão muito recommendavel: este não tem carinha de *Sum, es, fui*; este

He de cerebro pingue, e pingue face:

Tem huma bochecha maior do que a faz qualquer Macaco com

deposito de milho! tem bocca de arraya, têm olhos de carneiro morto, tem... oh! este não lhe falta nada; nem que trouxera sobscripto seria conhecido por mais chapado parvalhão. Dizia eu isto, e o meu Amigo ria-se: e „ Tens acabado? „ me perguntou elle. Pois que mais queres que te eu diga? Nem tanto: mas deves saber, que esse de quem chasqueas he mui farto Compositor de Odes, Epithalamios, Críticas, Epicedios, Traducções... „ Oh! meu Deos! pois tudo isso sahe daquelle payol balofo? Tudo, e mais. E como? Com mui balofa presumpção. E para que? Diz elle, que para admirar o Mundo, e o Mundo diz, que para embrulhar manteiga: Ora acaba com isso, Homem, que ja estava azaranzado com os partos, melhor dissera, abortos daquelle

### Abob'ra com feitio de repollo.

Porém olha que elle falla muito, e sempre de papo; e Deos te livre de fallar com elle mais do que „ Bom dia, ou boa noite, passe bem, tenha saude „ porque de nenhuma cousa tem idéas senão superficiaes, desdenha de todas as nossas antigualhas e argumenta por dezoito; mas ainda que lhe queiras argumentar em forma, seja por methodo *Synthético*, ou *Analytico*, tudo isso he tempo e trabalho perdido, porque elle não dá rego: se lhe fallares de Socrates, ou com elle o teu pouco quizeres socratarisar, ri-se, e responde, que não entende de *drogas da antigualha*: se lhe pedires huma definição, ei-lo com huma *Synderesis*, e talvez com hum *Syncretismo* de que resultará huma trovoadá de palavras vans, e sahirás com dôres de cabeça de o ouvir. Deixa-o hir, deixa-o hir, e Deos o tenha longe, que só com a tua informação estou eu já meio azoadó... „ Mas quem he aquelle figuráo alambazado, cachaço de boi de canga, guedelha d'asno velho, com bochecha de lagosta pela côr, e de porco cevado pela alarvaria, que vai de cabiz baixo deitando os olhos de revez, e caminhando como cão do Monte desconfiado pela Cidade?... Pois tu não o conheces? Eu não. Assim o parece pela descautéla, descommedimento, e descortezia com que fallas do Sábio mais estrondoso que hoje entre nós borra papel! Temos outro: oh! com Satanaz! pois tanto Sábio, e tão poucas obras novas que se possam lêr!.. Pois olha, com este bem poderás saciar essa tua literaria hydrophisia: a Casa dos Orates ficaria bem chea só com as obras deste eruditissimo, e gravissimo Auctor, que as tem, e muitas, tanto em *prosa*, como em *verso*, que contém muitos, e diversos objectos interessantes, com estampas, e edições nitidas, e encadernações ricas. Estou pasmado, basta, que estou pasmado! ora va-se Lawater com a bréca, já que todo o seu systema he chymerico: pois, ao vêr aquelle façudo Auctor, havia de ninguem dizer que elle

era capaz de fazer mais que tamancos, ou pasteis! havia de al-  
guem por elle perguntar,

Mora aqui hum Senhor que faz poesias?

Havia, e mais que havia; porque elle não só faz ahí quaes-  
quer poesias, faz gravissimos poemas, faz elegantissimas orato-  
rias, eruditissimas críticas, e outras muitas cousas: só *Fogaças* tem  
elle feito mais de mea duzia. *Fogaças*, Homem, *Fogaças*!... bem  
dizia eu, que me parecia ter elle geito para pasteis. Pasteis não,  
massas sim; porém são mais finas, e nisso emprega tão varios  
ingredientes que nem lhe escapão as quartas de Tabaco! E en-  
tão que tal? Diz elle, que ninguem melhor. Mão! temos pre-  
sumpção? Essa he que o tem na grossura em que o vês. Porém  
vamos, dá-me alguma amostra, para eu poder avaliar, se diz a  
cota com a verdegota. Oh! isso agora he mais comprido: diz el-  
le, por exemplo, que os Jornaes são peste das Sciencias; sejam,  
porém elle he Jornalista: aos Poetas chama estouvados, porém  
elle quer campar por Poeta: não quer que se falle em escorpiões,  
porém elle dá mais virulentas ferroadas que todos os escorpiões  
que se crião em nossas terras; só quer que se use de linguagem  
castigada, e elle a cada periodo a emprega que parece de quem  
algum dia foi Arrieiro, pela grosseria, é de quem nunca estu-  
dou nossos bons Auctores, por tão chea de *Solecismos*, e *Barba-  
rismos*: não quer descomposturas a Mulheres de Theatro, e elle  
a Homens, e a Mulheres de Theatro, e fóra delle, vivos, e  
mortos, de todas as classes e condições, dentro e fóra do Rei-  
no, descompõe a eito, em prosa e verso, diz o que quer, oc-  
ulta o que lhe convém, altera o que lhe parece, escreve, es-  
preita, grita, exclama, e conclúe: „ Eu sou hum Sábio, e nin-  
guem me responde. „ A isto respondi eu: irra! que esse Ho-  
mem he o Desaforo personalisado. Sim he (me tornou o meu  
Amigo) mas por isso quasi ninguem lê os seus poemas; todos se  
enjoão, e nauseão de suas críticas, e oratorias; todos riem de  
seus erros, todos pasmão do seu descôco, e escarnecem de seu  
furor. Embora (repliquei eu) ainda o público desdem he peque-  
no castigo de tantas culpas, faz-se necessario o positivo despre-  
zo; he preciso o odio, o vilipendio, a ignominia; he preciso  
que todos o conheção. E nisto, voltando-me com impeto, hia  
cahindo do leito, e despertei. Então, recordando-me, e rindo-  
me, disse entre mim „ Se eu agora escrevesse isto, não faltaria  
talvez quem dissesse = Tu conheces esses Homens „ pois não  
Senhores, não conheço que até em sonhos o disse; mas escrevo  
o que sonhei, para que se veja que até por sonhos se representa  
o que vai pelo Mundo; e, como nessa vista ha muitas morali-

dades, e as moralidades assentão sobre as presumpções, que forão o meu proposto; dou este sonho, e darei outros taes se os tiver, porque bem se pôde em sonhos,

Sem ninguem apontar, malhar nos vícios.

*Moniz.*

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO IV.

### BIOGRAPHIA.

#### *O Doutor Roussel.*

Pedro Roussel nasceu em Ax sobre o Arriège, Cidade da Provincia, e Condado de Foix; e falleceu em Chateau-Dun, Cidade Capital da Provincia de Dunois, no anno de 1802, com perto de 60 de idade: estudou em hum Collegio de Tolosa, onde se distinguio; e chegado á idade propria para eleger profissão, votou-se á Sciencia que abre mais vasto campo ás meditações philosophicas, isto he á Medicina, que mui vantajosamente estudou na Universidade de Montpellier: foi-se depois a Paris, menos para estabelecer a sua fortuna do que para engrossar o cabedal de conhecimentos que tinha adquirido: alli travou íntima amizade com o célebre Doutor Bordeu, cuja morte prematura teve que deplorar poucos tempos depois, e cujo elogio publicou em 1772, escripto com aquella persuasora eloquencia que faz amar o Panegyrista, e o seu Heróe.

Os seus escriptos Medicos forão: 1.º o *Systema Physico e Moral da Mulher*, obra em que se admira eminentemente aliada a Medicina com a Philosophia: 2.º o *Systema Physico e Moral do Homem*, composto com o mesmo excellente methodo, e elegancia; mas que ficou incompleto, porque a morte lhe não deixou escrever a segunda Parte, ainda que no *Ensayo sobre a Sensibilidade* se depara a somma das idéas que alli se havia proposto a desinvolver: 3.º huma *Nota sobre as Sympathias*.

Nem sómente foi sublime nas theorias da Medicina, senão rambem na prática; o que além de outros factos, attesta a bella Epistola que lhe dirigio Blin de Sainmore, por lhe haver salvado a Esposa das mãos da morte: deixou porém de exercer a

sua profissão, por se attenuar com o continuo espectáculo das miserias da Humanidade. Deo-se então a estudar politica, e ninguém melhor do que elle fallou das politicas enfermidades „ A instabilidade (dizia elle) e a exaggeração das idéas são nos actos do entendimento o mesmo que as convulsões nos movimentos corporeos; a extrema irritabilidade he effeito constante desta degradação organica, e se manifesta pela intolerancia; a energia daquelles que são della tocados está fóra dos limites da Natureza, e por consequencia he viciosa, e he huma força desordenada, como a dos manicacos, que não pôde senão destruir, porque o poder de crear só he dado aos bem ordenados movimentos „ Julgava o direito de propriedade tão essencial ao bem público, que em certas circumstancias o seu exercicio nem pela morte devia ser limitado, dizendo „ Que o direito de propriedade, assim como a maior parte dos outros bens, perderião muito de seu preço, se a fruição delles mentalmente se não estendesse além da vida: a imaginação engrandece o espaço em que a Natureza nos circunscreveo, e não sómente embellece a vida, mas até de hum certo modo nos resgata do dominio da morte; dando-nos a esperanza de a nós mesmos sobrevivermos pelos beneficios, e fazendo-nos crêr que, ainda depois de já não existirmos, teremos algum liame com aquelles a quem amámos, por alguma cousa que além de nós estenda a sua duração „ Prezava o Systema Representativo, que tolhe os descaminhos da liberdade, sem a desapossar de seus proveitos: comparava o Governo de Lacedemonia áquellas obras maravilhosas que as Artes huma só vez têm produzido, sem ousar tentallas de novo, como se ellas proprias de seu exito pasmassem; mas nem por isso acreditava que a fórma das antigas Republicas conviesse em todos os tempos, nem a todos os Povos.

Roussel por costume pensava, e escrevia muito, mas sem sujeição de plano; e correm muitos de seus trechos inseridos em compilações scientificas, ou literarias. Como a verdade para ser bem acolhida carece muitas vezes de hir ornada; e as Doutrinas do Doutor Sthal são potico correntes pela ruim expressão dellas; Roussel, que era hum Escriptor elegante e energico, propoz-se a dar hum extracto esclarecido das obras daquelle Auctor profundo; mas nunca veio a público.

O seu character era o de hum Homem virtuoso, amava o retiro, a vida campestre, e os costumes singelos: a sua alma era como a Natureza, chea de imagens amenas: desconhecia as paixões violentas que atormentão o coração, e o seu amavel desleixo fez com que a inveja lhe perdoasse a superioridade dos seus talentos. Roussel era hum Philosopho práctico, e nenhum mais assimilhado a Lafontaine: tinha a sua bondade natural, as

suas distracções, á sua negligencia, a sua ingenuidade, a sua graça, e a sua galanteria e innocente malicia: como elle se delectava com a leitura de Platão, Plutarco, e Rabelais: como elle olhava quasi tudo com indifferença, e até mesmo a sua propria fortuna: a lhaneza de Madama Helvecio (Viuva do Philosopho deste nome) para com Roussel, recorda a de Madama la Sabliere para com Lafontaine; e os beneficios de Mr. Falaize, em cuja casa viveo Roussel, e morreo, lembrão os de Mr. d'Hervart, cujo nome vem sempre annexo ao elogio do Fabulista Francez. Cuido que duas só anedotas serão bastantes para significar o character de Roussel. Saudando-o hum de seus Amigos (o Doutor J. L. Alibert) por occasião do casamento de hum de seus irmãos, disse-lhe, que o deveria imitar, visto que a sua bella obra (o Systema Physico e Moral) lhe dava tanto jus á ventura que se goza com as Mulheres „ Já me tenho lembrado disso (respondeo Roussel) mas tenho de me apresentar ao Sacerdote, e ao Magistrado, e he hum negocio eterno „ E reprehendendo-se-lhe a negligencia em reclamar huma dívida „ Cá me virão pagar „ respondeo distrahido. Reputava a conversação o mais suave remedio para os corações enfermos: amou sempre o Bello Sexo, porém nos ultimos tempos de sua vida dava preferencia á companhia das Mulheres de já madura idade; julgando que ainda dão ellas muitas vezes o encanto das paixões, sem communicar o delirio dellas; á maneira de bellos quadros, cujas cores modificadas pelo tempo agradão, mas não deslumbrão. Mr. Imbert foi o seu intimo confidente: não requireo, antes rejeitou os públicos empregos: viveo pobre, mas sem soffrer precisões; e sempre feliz pelo seu estudo, pelas suas idéas, pelos seus sentimentos, por tudo que o cercava, e por si mesmo.

Moniz.

---

*Com este acaba a Subscrição deste Trimestre: convidámos por tanto os Senhores Subscriptores a renovar as suas assignaturas, o que poderão fazer na Loja de Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, ao pé da Casa da Gazeta, e na mesma Officina onde se imprime este Periodico na Rua da Roza das Partilha N.º 153.*

---

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR  
PORTUGUEZ.

PERIODICO SEMANAL.

---

---

III. TRIMESTRE.

---

---



LISBOA,

*Na Nova Impressão de João Baptista Morando.*

1819.



Com Licença do Desembargo do Paço.

ПОДАВЛЕНО

ПОЛИЦИЯ

ВЪВЕДЕНО

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1870

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

21

\_\_\_\_\_

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO I.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

##### Das Abelhas.

[ A P E S . ]

---

**C**aracteres physicos. Estes insectos, de quatro azas venósas (*Hymenopteros*); tem o abdomen peçiolado, e o lábio prolongado em fôrma de tromba (*Mellites*.) Todas as abelhas tem o abdomen sem pedunculo, as antenas filiformes, e hum agulhão retrahivel, que fere dolorosamente. As abelhas propriamente dictas, tem: 1.º o lábio inferior, e queixos estreitos e alongados; 2.º a lingua em fôrma de tromba, cylindrica, tenue, e comprida, com duas pequenas escamas na base; 3.º estojos compridos e estreitos, que envolvem a lingua, e se dobrão com esta, quando se acha em descanso; 4.º os palpos labiaes com a primeira junta mui comprida, e os maxilares apenas visiveis. Resulta deste apparelho hum órgão dividido em cinco pedacinhos (*lingua quinquefida*.) Cuvier divide as abelhas verdadeiras em:

- 1.ª *Abelha ordinaria das colmeas, Mestra, e Zangãos* (*Apis mellifera*.) He de côr parda uniforme, e pouco felpuda. Todos sabem que as abelhas vivem em sociedades extraordinariamente numerosas, ou nas concavidades das arvores, ou em habitações que o homem lhes tem preparado, chamadas *colmeas*. Cada sociedade contém: 1.º huma unica femea, denominada *abelha mestra*, cuja presença parece que reune o valor, constancia, e uniformidade de vontade de todos os outros individuos: 2.º quasi mil e quinhentos machos, chamados *zangãos*, que servem unicamente para fecundar a *abelha mestra* seguindo-a, e ajuntando-se successivamente com ella nos ares; e quando

tem passado o tempo da cópula são expulsos da colmea, e perecem miseravelmente: 3.º cousa de vinte mil individuos sem sexo, ou *abelhas obreiras*, cujo destino he unicamente o trabalho, a saber: a construcção do favo; a colheita do mel e cera; e a criação da posteridade da *abelha mestra*.

O favo he formado de bolos, suspellidos verticalmente na aboboda da colmea, contendo estes, encostadas huma á outra, duas camadas de cellas prismaticas hexagonas, sendo a base huma pyramide formada de tres rhomboides cujos angulos são de  $109 \frac{1}{2}^\circ$  e  $70 \frac{1}{2}^\circ$ ; figura a mais economica possivel. A materia do favo he a cera; substancia particular, e liquescente ao fogo, que provem do pollen das flores, tendo passado, no corpo das abelhas, por huma antecipada preparação, e sahindo em fórma de suor entre as articulações do abdomen. A abelha une esta cera ao favo, e lhe dá a fórma com as mandibulas e pernas.

As cellas ordinarias servem para deposito do mel, e das poeiras dos estames, que são os materiaes da cera; porém mais que tudo para alojar as *larvas*, as quaes devem produzir as *obreiras obreiras*, servindo as dictas cellas indistincta e successivamente para estes usos.

2.º As *larvas* são pequenos vermes brancos, sem pernas, e de cabeça escamosa, que as abelhas sustentão com huma pasta mellifica, até que ellas fião hum casulo de seda, que fórma a sua cella, e no qual se transformão em *nymphas*, cuja metamorphose se completa em vinte dias: as cellas que encerrão as *larvas* destinadas para serem *zangãos*, são maiores do que as outras. As novas *abelhas mestras* são abelhas ordinarias, nas quaes os orgãos da geração se desinvolvem por huma nutrição mais abundante; para o que as outras abelhas escolhem entre os ovos ordinarios aquelle de que ellas querem fazer *abelha mestra*, e lhe constroem huma cella particular mui grande, de fórma oval, e situada fóra do favo, e com a abertura para baixo. As novas *abelhas mestras* vem a ser cabeças, ou chefes de *enxames*, ou de colonias novas, que vão formar novas colmeas; e, se nascem muitas ao mesmo tempo, brigão violentamente até não ficar mais de huma. Para onde quer que vá a *abelha mestra* he seguida por todo o enxame, que jámais a abandona; e por isso, quando nos podemos assenhorear desta, temos seguro o enxame. Se a *abelha mestra* morre, dispersa-se o enxame, e perece; porém encerrando-se com o favo, e cellas, onde estejão *larvas*, escolhem huma destas, e lhe constroem huma cella real, dando-lhe a nutrição necessaria para a fazer *abelha mestra*. Esta se distingue pela sua maior grandeza, fórma alongada do abdomen, e azas compridas; os *zangãos* pela grossura, e azas compridas; e as *obreiras* pela estatura menor, e saquinhos das coxas, nos quaes ajuntão as pelotas da poeira dos estames.

2.º *Abelhão dos musgos hypnós* (*Apis hypnorum.*) Esta especie conhecida pelo nome de *abelhões*, assim como todas as que são felpudas, tem o thoracete ruivo, e o abdomen de hum cinzento amarellado vive em sociedade, quando muito, de quarenta até cincoenta. As tres sórtres de individuos differem mais pela estatura, do que na especie *abelhas*, e trabalham todos igualmente, havendo muitas femeas, e individuos sem sexo, de duas grandezas differentes: seu ninho escondido nas hervas, envolvido de musgo, e forrado por dentro de cera bruta, contém hum, ou muitos favos compostos de corpos ovaes, situados huns contra os outros, segundo o comprimento, os quaes nada maissão do que os casulos d que tem sahido as *abelhas*: estes casulos são misturados de massas irregulares da poeira dos estames, com huma materia mellifica, e contém os ovos e as larvas, servindo-lhes de habitação e mantimento. Achão-se finalmente em diversos lugares vasos de cera, cheos de hum excellente mel, que lhes serve de provisão. Os *abelhões* dispersão-se, e perecem no inverno, á excepção de algumas mãis, que se refugião em buracos para perpetuar as especies.

*Continuar-se-ha.*

## ARTIGO II.

### P O E S I A.

#### *Ode Pyndarica, ao Infante D. Henrique.*

Eis elle na mão toma ardente facho,  
Que desd'o sacro Promontorio fulge;  
Tiro de luz despede, que alumia  
Do tenebroso Oceano  
Os pelagos immensos.

*Elp. Duriense Tom. 2.º*

#### STROPHE I.

Presta-me, Eutherpe, a Cythara de Homero,  
Mas tira-lhe os Bórdões, em que retumbão  
Ferri-sonas Batalhas,  
Igneo rodar dos Carros,  
O trote dos ali-pedes Ginetes,  
O sibilo das Frechas,  
O crêpito das Chammas,  
Ais dos Vencidos, clangorar das Tubas.

ANTISTROPHE I.<sup>a</sup>

Põe-lhe as chordas de tempera mais fina,  
Com que descanta da risonha Venus

O amori-geno Ceston,  
A meiga despedida

Da Consorte de Helytor, e o lindo Infante,

Que no materno seio,  
Chorando, esconde o rosto

Do Elmo paterno ás errissadas crinas.

E P O D O I.<sup>o</sup>

De guerreiros Heróes acções cruentas  
Nem sempre atroarão do Pindo as grutas;

Quantas pérolas jazem  
Sumidas nas entranhas do Mar fundo!

Quantas Flores perfumão  
Com suave fragrancia invjos desertos!...

Quantos nomes preciosos

D'Heróes da Sapiencia o Lethes sorve,  
Sem que os lembrem Padrões, descantem Vates!

## STROPHE II.

E eu que nas veigas flóridas de Dirce  
De não murchando Myrtho a frente enramo,

A quem accende o peito  
Electrica centelha,

Que amor da Patria, e Mérito disparão,  
Deixarei que do Elysio

Vaguêes não cantado,

Phylantrópico Henrique, os ledos campos?

## ANTISTROPHE II.

He gloria o descender de hum Tronco illustre,  
Cujas ferteis raizes vão prender-se

Aos confins do passado,  
Em quanto a basta coma

Nos campos do presente as sombras verte,  
E os maturandos fructos

Doce conforto augurão

Ao temoto futuro esperançoso.

## E P O D O II.

He gloria ainda maior, subindo affouto  
Do alti-sono Renome ao Templo augusto,

Prender da Estatua d'ouro

No argenteo Pedestal fio assombroso

De preclara Progenie;

Primeiro de seu nome ser qual Tullio,

E dizer, como Phebo,

„ Esta luz, que me adorna, e circum-verteo

„ De emprestado fulgor não se alimenta.

## STROPHE III.

Mas quem, de avitas glorias scintillando,  
Generoso transcende o brilho herdado,

E, ao Universo, á Patria  
 Ventura promovendo,  
 Abre novas da Fama ao Templo estradas,  
 Entre os Heróes levanta  
 A placida cabeça,  
 Os sobre-vê sublime, e emula os Deoses!

ANTISLROPHE III.

Elmos, Lorigas, Morriões, Bandeiras  
 Arrancadas com sangue aos Inimigos,  
 Viste adornar paredes  
 De teu Alcaçar Régio,  
 E sem inveja os viste!.. Africa adusta,  
 Cortada de teu ferrô,  
 Tremendo confessava

Que daquelles tropheos ganhar sabias

E P O D O III.

„ Longe (disseste) de mim longe o sangue!..  
 „ Nem da Viuva, e Orphãos os gemidos  
 Des-temperem o Canto,  
 „ Em que soe o meu Nome!.. eia, acolhei-me,  
 „ Frondosos Arvoredos,  
 „ Floridas veigas, que a Sciencia habita,  
 „ Em vós meditar quero  
 „ Altos planos, que ás Terras de luz faltas,  
 „ Lhe esparjão a de Sophia, e da Ventura!

STROPHE IV.

Favonias virações, que aromatizão  
 Flores, de que se esmalta Ilheo formoso,  
 Os Canticos das Aves,  
 Que em torno lhe revoão,  
 Menos convidão fatigado Nauta,  
 Que por ignotas ondas  
 Vagára entre procellas

Falto d'agoa, e corrupto o mantimento,

ANTISTROPHE IV.

Que de Real favor bafagem meiga  
 Chama as Sciencias, e convida as Artes,  
 Que em torno asi reune!..  
 Novo Lyceo floresce

A' tua voz, do Príncipe, nas prayas  
 Da maritima Sagres,  
 Sagres então sem nome,

Hoje nobre por ti, por ti famosa!...

E P O D O IV.

Como alli, de teu riso estimulados,  
 Os Genios do Saber, do Engenho os Genios

Lidão, reformão, crião!...

Aquelle aos Astros lucidos assesta

Longe-vidente Vidro;

Mechanicos segredos sonda estoutro;

Esse amplifica os Mappas,  
 Cartas este Hydrographicas inventa,  
 Novo soacorro ao Nauta aventureiro!

## STROPHE V.

Assim quando discorre alegre os prados  
 Por mão da Primavera a linda Flora,  
 Em torno aos Alveares  
 Mellificas Abelhas

Vão açoadadas em mister diverso:  
 Qual as flores extracta,  
 Qual as cellas prepara,  
 Qual ao Zângão damnhinho a entrada impede.

## ANTISTROPHE V.

Jubiloso o Commercio vê descendo  
 Dos empinados Montes velhos Pinhos,  
 Que ora tecendo a Quilha,  
 Ora o cancano bojo,  
 Ora subindo em Mastro, se transformão  
 Em veli-vogas Torres,  
 Que suas ferteis Plantas  
 Vão dispôr sobre novos Continentes!

## E P O D O V.

Alongão-se do Mundo os horizontes  
 Aos olhos Europeos!... por Evos longos  
 Involta em nevoa espessa  
 A bosqui-gena frente já descobre,  
 Oh vinosa Madeira,  
 Fertil Filha do Athlantico, em que outróra  
 Amor prestára asylo

Aos Britannos Amantes sem ventura,  
 Com cuja Historia, e Tumulo te enfeitas!

## STROPHE VI.

O medonho Terror, que, enthronizado  
 Sobre o cabo da Não, entre o Cortejo  
 De horri-sonas Tormentas,  
 E Tufões, e Naufragios,  
 Por voz dos Escarcéos longi-bramindo,  
 O transito impedia  
 Aos descorados Lenhos,  
 Cede aos impulsos teus, no Mar se affunda.

## ANTISTROPHE VI.

Deve-se a ti, oh Principe sublime,  
 Se Dias, novo Ulysses, corre os mares;  
 Deve-se a ti se o Gama  
 De Adamastor triumpho,  
 E ao Malabar aprò, o Gama ousado,  
 Que tão alto retumba  
 De Camões na trombeta,  
 Que em vão tenta abafar, ladrando, Elmiro!

## E P O D O VI.

Tu passo abriste ás incllytas proezas  
 De Almeida, de Moniz, Castro, e Pacheco  
 O Lusitano Achilles!.....  
 Tu soltaste o caudal d'argento, e de ouro,  
 Que das Indianas Plagas,  
 Dos Brazilicos montes, onde Pluto  
 Seus Arsenaes encerra,  
 Correndo, opulentando a Patria nossa,  
 Europa enriqueceo com seus sobejos.

## S T R O P H E VII.

He por ti que hoje America, despindo  
 Selvatica rudeza, ao Mundo antito  
 Em polimento emúla!.....  
 Tu derribaste altares,  
 Em que ao nefando Eponamon queimava  
 O Mexico aviltado  
 Sacrilegos perfumes  
 Sobre o sangue de victimas humanas!

## A N T I S T R O P H E VII.

Nem Cook, Anson, ou Drak, ou Bourguinville  
 Sem ti luzirão tanto!.... nem dos mares  
 Hoje o sceptro empunháras,  
 Oh soberba Britannia!...  
 Tão grande Reaumur, Linneo tão grande,  
 Nem tu Buffon, serias!....  
 E a Newton franqueára  
 Menos arcanos seus a Natureza!

## E P O D O VII.

Em quanto se matize o Ceo de Estrellas,  
 Em quanto se dê preço á voz das Musas,  
 Em quanto lavre o Luso  
 Do Tejo triumphante as aureas margens,  
 Hão de chorar-te, Henrique,  
 De Lysia os Promontorios saudosos,  
 Hão de cantar teu Nome  
 Em dias festivaes ternas Donzellas  
 Da Patria resplendor, do Mundo assombro.

*José Maria da Costa e Silva.*

## ARTIGO III.

## CRITICA.

*Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias,  
das Artes, e das Letras.*

Lemos o Tomo 1.<sup>o</sup> de hum novo Periodico Trimensal assim intitulado, que em Julho de 1818 começou a publicar-se em París, redigido por huma Sociedade de Portuguezes, ha annos residentes naquella célebre Capital, e dividido em duas secções, ou partes; constando a 1.<sup>a</sup> de diversas Memorias originaes, e a 2.<sup>a</sup> das mais importantes Noticias das Sciencias, das Artes, e das Letras. S. M. Fidelissima se dignou de conceder-lhe especial protecção, permitindo (como no mesmo volume se refere) que o seu Augusto Nome, e o de SS. AA. os Principes fossem os primeiros na lista dos Assignantes.

Propondo-nos a sobre esta Obra assentar algumas breves reflexões críticas, devemos prevenir os nossos Leitores, de que não sómente o faremos com aquella decencia que em escriptos publicos he devida, senão tambem com todo aquelle commedimento, moderação, e até melindre, posto que ingenuo, que deve sempre haver entre os Homens de letras, e que na verdade raro he quebrar-se ou transgredir-se entre os bem instruidos, e sensatos, ou, por melhor dizer, entre os verdadeiros Sabios. Não he que neste número nos contemos: longe de nós toda a pedantesca vaidade, e nescia presumpção; mas tambem, longe e bem longe de nós o animo desprezador, ou desdenhador de tudo o que em si he bom, e a virulencia da inveja e da maldade com que alguns, ou talvez muitos maldizem o que internamente approvão, e contemplão como desdouro proprio toda a gloria, lustre, e merecimento alheio: nós sinceramente nos regozijamos sempre que vemos apparecer sazonados fructos de bons engenhos, sendo aliás muito maior, e mais intimo o nosso regozijo, se por ventura aconceceo que esses fructos fossem originarios da nossa mesma Patria. Isto julgamos bem facil de assim se crêr, ao menos pelos amigos do seu paiz nativo.

Longe pois todo o espirito de contradicção, e todo o fel, e acrimonia, que deslustrão o character pessoal, e manchão todo o genero de escriptura, por mais que ella a outros respeito, ou em outro sentido possa chamar-se boa: e por isso pedimos per-

dão aos nossos Leitores, se em algum artigo temos passado, e excedido os séveros limites da moderação; porque bem somos nós da opinião do illustre e sempre memoravel Benjamin Franklin, de que — não admittem defenza as palavras immodestas — e bem assim concordamos com os Redactores do mencionado Periodico, quando dizem em seu Discurso Preliminar, que — para repellir as injúrias basta o silencio de quem não se faz dellas merecedor — Porém não obstante, diga-se lizamente: que refinamento de juizo, que moderação, que sangue frio, que nunca irritavel continencia, que estoicidade se carece para, com absoluta indifferença, e sem de algum modo deixar inclinar o prumo da serenidade e da modestia, vêr, e ouvir empavezados e petulantes charlatães fallando de tudo a êsmo, satyrizando tudo a eito, campando de truões e de embusteiros, e a-trôxe-môxe escrevendo quantos desaforos e sandices lhe assaltão a phantasia, incapaz de outra cousa produzir, ou de outro modo se occupar? quem pôde, sem alguma vez se irritar e então descommedir-se, vêr, e ouvir *Espectadores, Desapprovadores, Fogaças, e Hyginos* em perpetua união com a ignorancia, com a impudencia, e com a malignidade, e assim mesmo blazonando perante quem os conhece? quem se não ha de rir, e ao mesmo tempo indignar-se de vêr, e ouvir hum zóte, hum ignorantão dos de maior cunho, *Hygino Antunes*, depois de affoutamente discretear sobre tudo o que não entende, intromettendo-se com quem o não assemelha, e onde por nenhum titulo he chamado; depois de ser *Auctor dos Kanados, e das Correccões feitas*, e de outras taes moxinifadas; depois de em mil modos presumir de Sábio, sendo que para isso lhe falta quanto se requer por natureza e arte; depois disto, e do muito mais que he patente, sahir-se de guéla chea, ou de garganta inflada, fallando de papo, e emphaticamente ensinando em hum papel público — que o dizer *papel velin, ou velino* he gallicismo, e que deve dizer-se *papel vitella*? — Ora e não será em tal caso permittido confirmar a pública opinião de que *Hygino Antunes* he doutorado em sandice? Se o *Erudíssimo, de copiosa, e escolhida livreria*, não sabe que á pluralidade dos inventos costuma conservar-se o nome que lhe derão seus inventores: se não sabe que ás differentes qualidades de papel costuma dar-se hum nome derivado ou deduzido dos lugares onde se fabrica, ou dos usos em que se emprega, e não da materia de que he fabricado: se não sabe que o nome de *velin* lhe foi dado derivando-o do substantivo Latino *vellus, eris*, porque o pergaminho se faz da pelle de ovelha ou carneiro, e o *papel velin* (que, imita o pergaminho na brancura e união, ou pouca porosidade) se faz da pelle de bezerro e que deste modo tem hum nome relativo ou analogo á materia prima de que he formado: se não sabe isto, e se não sabe nada, ao menos porque se não cala? acaso; as-

sim como quer *papel vitella*, quererá que tambem se diga *papel trapo*, *papel pita*, *papel corda*, etc. etc. etc. ? quanto mais que, ainda quando isto assim quizesse dizer-se, devia ajuntar-se-lhe a *preposição de*, e então dizer *papel de vitella*, *de trapo*, *de pita*, *de corda*, e assim por diante. Mas para que se adianta *Hygino Antunes*? para que se mette onde o não chamão? para que falla do que não entende? para que se faz linguarúdo, crítico, e grammaticão, se, feita a somma de tudo o que diz, o producto he sandice, ou zero?

Porém venhamos ao-nosso proposto, e mudemos d'estylo, que mui outro occorrerá elle mudando de assumpto, e, em vez dos feitos de *Hygino e Fogaças*, tratádo das Obras de alguns Homens que por ellas honráo a sua Patria, e a sua especie: pelo que, reincidindo nas primeiras idéas, asseguramos, que sobre estes *Annaes* faremos sómente algumas observações: 1.º porque ellas, e ainda os bem reflectidos debates, sempre forão e serão licitos e uteis em boas letras, sendo esse hum modo de apurar os engenhos, de elucidar as questões, e aperfeiçoar as obras: 2.º porque, sendo este Periodico excessivamente mais acrédor de louvores do que de criticas, não julgamos que, para seu aperfeiçoamento, hajão de ser perdidas aquellas, que arrasoadamente se lhe fizerem; por isso que os Homens de maior engenho e saber, são esses os que mais facilmente reconhecem, e emendão os seus erros, ou defeitos: 3.º porque debaixo destes principios contemplamos os novos Redactores; e, dando-nos este 1.º volume boa esperança, ou antes prova de que esta sua tarefa será de geral utilidade, e particular da nossa Patria, queremos para esse grande fim por este modo concorrer, já que por outros o não podemos como desejamos.

Da Introducção, ou Discurso Preliminar trataremos em separado e ultimo lugar, por isso que mais havemos de com elle nos deter: e olhando em geral ao todo da Obra, primeiro attentaremos pela linguagem della, por quanto he essa huma das essenciaes condições para que possa qualquer escripto chamar-se bom; sendo aliás muita verdade, como dizem os Redactores, que — se na Europa culta todos os Sábios não são bons Escriptores, todos procurão merecer este titulo — Mas como tambem entre as promessas dos Redactores vem a de escrever *em linguagem pura, livre de palavras e idiotismos estrangeiros*; e, como por nenhum modo duvidamos da sua inteira capacidade para dar boa conta do promettido, não duvidamos tambem de lançar algumas mui succintas advertencias, a fim de que especialmente se acautelem, e tenham em guarda contra os gallicismos, em que tambem nós talvez cahiremos, e em que mui facil he de cahir quem, por assim dizer, todos os dias manuzea livros Francezes.

Em geral pôde dizer-se boa a linguagem usada pelos Redac-

res, e com tudo, não deixão de, aqui e alli semeadas pelo corpo da obra, apparecerem algumas máculas, ou descuidos de facil correcção: e sem nos demorarmos com o que pertence á collocação, propriedade, e demais condições que concorrem assim para a pureza como para a elegancia d'estylo, e que bem estão ao alcance de qualquer Homem instruído, quanto mais ao de huma Sociedade de Homens intelligentes por condão da Natureza, e applicação d'estudo; limitar-nos-hemos a algumas singelas observações sobre alguns mais notaveis descuidos no relativo á pureza, e ainda desses produziremos hum só exemplo, se bem que em mais de hum genero.

Vem dicto, por exemplo, a pag. 105 de 1.<sup>a</sup> Parte — *o que faremos com tanta maior satisfação, quanto elle he da mais alta importancia etc.* Se nos não enganamos, esta construcção he puramente Franceza, e parece-nos que, para o ser Portugueza, deveria antes dizer-se — *o que faremos com tanta maior satisfação, quanto he mais alta a sua importancia, ou quanto mais elle he importante, ou quanto he maior a sua importancia*, ou emfim de algum outro modo segundo a nossa Syntaxe concordante. Pag. 78 — *Com os outros conhecimentos que embellezação aquelle immortal Poema, etc.* Tambem nos parece que está aqui inadvertidamente usado o verbo *embellezar* por *embellecer*, sendo que o primeiro significa *attrahir, encantar, abstrahir, arrebatár, etc.* e temos por certo que não está elle aqui usado em alguma dessas significações, antes sim na de *formosear, afformosar, adornar, ou embellecer*. Pag. 177 — *Que todas as Nações, ainda as suas maiores rivaes, se ajustão em conceder-lhes.* — Julgamos Franceza a significação e phrase em que neste periodo vemos empregado o verbo *ajustar*; porque nós sim dizemos *ajustar alguma cousa, ou ajustar-se para alguma cousa*, porém nunca *ajustar-se em alguma cousa*, e tal he o modo e o sentido em que elle está aqui usado, e em que o usão os Francezes. Parte 2.<sup>a</sup> pag. 54 — *A medida que o ponto de fervura, que serve a deterninar as suas tenções respectivas, etc.* Cuidamos que a phrase Portugueza he, *serve de deterninar*; ou *para deterninar*, e não *a deterninar*. Observamos que em mais de hum lugar vem usado o vocabulo composto Inglez *flint-glass*, sem declarar a sua significação, e parece-nos que melhor seria dizer *crystal de pedra*, ou outra qualquer que seja a sua mais adequada e correspondente expressão significativa: o mesmo dizemos de *gnéiss*; e de *hornblend*, usados a pag. 131 da 2.<sup>a</sup> Parte, e o pudéramos dizer de outros que com boa rasão nos parece poderem accusar-se de barbaros. Achamos rambem em muitos e diversos lugares *nítrate, muriate, sulphate, carbonate*, e outros termos technicos ou facultativos com similhante terminação, ou desinencia não nos parecendo aliás que tenham os Redactores boa rasão de assim o praticar; porque se estes e outros taes vocabulos, ou termos não podem dizer-se mais

proprios deste que daquelle Idioma, e sim da Lingua Universal Scientifica; se, havendo de escrever-se em Latim, se lhes havia de dar a *terminação em us*, conforme ao genio da Lingua Latina; e se por isto mesmo lhes derão os Francezes a *terminação em e*, porque não havemos nós tambem dar-lhes a *terminação em o*, conforme ao genio da nossa boa Lingua Portugueza?

Entre as seis Memorias que compõe a 1.<sup>a</sup> Parte, julgamos que mui principalmente por seu mérito se distinguem a primeira e ultima: por boas temos as outras, e por excellente a segunda, composta pelo senhor C. X. *sobre a agoa do mar distillada e empregada na navegação*; porém esta, a pezar das experiencias atégora feitas, soffre ainda contradicções em sua utilidade, que por certo será mui grande, huma vez de todo decidida, e patenteada. A terceira composta pelo senhor F. S. C. *sobre a pharmacopéa do Doutor Svediaur*, mal podemos nós dar-lhe o seu justo valor, por isso que he puramente phármaca. A quarta, tambem composta pelo senhor C. X. *sobre hum methodo novo para construir toda a casta de moinhos, e outros engenhos de rodas*, não mostra toda a utilidade que de seu conteúdo poderia resultar; assim por tão succinta e resumida que he, como por ser huma daquellas que, segundo nos parece, ha mister de vir acompanhada d'estampas. A quinta, tambem composta pelo senhor F. S. C. *sobre as experiencias feitas pelos Doutores Sylveira e Constancio para determinar os effeitos de hum oleo preparado por D. Sigismundo Malatz, sobre as feridas do cérebro, etc.* sómente refere o processo de varias experiencias, sem apresentar outro algum decisivo resultado senão o de que com effeito parece mui util a mencionada preparação; mas sem saber as plantas, ingredientes, ou especificos de que se compõe.

Agora porém a primeira *Memoria historica, e observações a respeito do ensino da Economia rural*, composta pelo senhor J. D. M. N. e a segunda *sobre a máchina de M. Christian para preparar o linho, e o canhamo sem curtimento*, composta pelo senhor C. X., qualquer dellas he preciosa, por seu decisivo, e demonstrado proveito, e utilidade. Na primeira, com bom methodo e linguagem, elegancia e correnteza, concisão e energia, se faz mostra dos progressos da Agricultura nos varios tempos, sob os differentes governos, e nos diversos paizes cultos; com proveitosos exemplos tirando dos olhos a venda aos nescios, ou ineptos e orgulhosos, que menosprezão esta Arte em si nobre, e de todas a mais util. Na segunda faz-se, com a melhor intelligencia, a demonstração das vantagens de hum invento relativo a huma das mais interessantes partes della. (1) Con-

---

(1) Bem quizeramos aqui ajuntar, por extracto, algumas das mais notaveis passagens destas duas excellentes Memorias; mas não o soffre a pou-

fiamos em que os novos Redactores nada nos deixarão que desejar sobre tão importante materia, especialmente o senhor J. D. M. N. que nesta Memoria a enriqueceo de tão vasta quão bem applicada erudição, e que, como tão illustrado Legista, bem a pôde olhar por quantas faces ella apresenta: e isto não sómente o esperamos, senão que até com ancia o desejamos; já que, sendo a Agricultura de tão manifesta importancia para a nossa prosperidade Nacional; já que, sendo tão fertil o nosso clima, e tão abençoado o nosso terreno, e podendo ella por isso mesmo, como o provão passadas experiencias, não sómente abastar-nos mas enriquecer-nos; por tantas e tão deploraveis causas está ella em tão grande decadencia, ruina, e abandono, e a tanto chega a nossa miseria que, para havermos pão, todos os dias, por assim dizer, estamos vendo pela fôz do Tejo sahirem outros rios de ouro, que, ainda por outros diversos modos levados em grossa corrente, promettem de mui cedo esgotar os nossos thesouros.

N. A. P. P. Moniz.

---

## ARTIGO IV.

### BIOGRAPHIA

#### *O Marechal de Barwick.*

Jacques Fitzjames, Duque de Barwick, era Filho natural de Jacques ou Jacob II. d'Inglaterra, e de Arabelle de Churchill, Irmã do Duque de Marlboroug: acompanhou seu Pai quando em 1688 se refugiou em França, dethronado por seu Genro o Principe de Orange: voltou a Inglaterra para hir commandar na Irlanda, em ausencia do Vice-Rei Milord Tirconel: distinguio-se na batalha de Londondry, e na de Boine, que, se por ventura houvessem seguido o seu voto, nem ella se perdêra, nem entrão morreria o Marechal de-Schomberg. Luiz XIV. lhe deo em 1703 o mando do Exercito de soccorro de Philippe V. no começo da Guerra de Successão: diferentes partidos buscarão perdello, mas debalde, porque o Marechal só attendia ao d'El-Rei, e em huma só campanha tomou muitas Praças, e For-

---

ca extensão deste nosso Jornal, que de bom grado augmentariamos, se a isso nos impellisse, ou nos ajudasse a pública applicação, curiosidade, e concurrencia; e bem pudéramos tambem dizer, os públicos haveres: que, se não fossem elles consideravelmente diminuidos, não seriamão tão poucos os compradores de livros, nem tão repugnantes a qualquer maior custo delles, o que muito concorre para entre nós difficultar as edições.

ralezas. Chamado por Luiz XIV. para mandar o Exercito contra os Fanaticos das Cevenas, e domados que elles forão, principiou o cerco de Nice, onde entrou a 14 de Novembro de 1705, e por estes triumphos alcançou o bastão de Marechal de França em 1706.

Neste mesmo anno lhe foi dado em Hespanha o mando do Exercito, e por tal arte manobrou que, sem dar huma só batalha, obrigou os Alliados a evacuar a Castella, e os cortou em Aragão e Valencia; e em Abril de 1707 ganhou ao Exercito de Galowai a famosa batalhã de Almanza, que segurou a Corôa a Philippe V., o qual o nomeou Duque com Grandeza hereditaria de primeira Classe, e Cavalleiro do Tosão de Ouro.

Sendo Generalissimo dos Exercitos Hespanhoes, tomou Barcelona a 12 de Setembro de 1714; e, por morte de Augusto II. Rey de Polonia, em 1734, accesa novamente a guerra entre o Imperio e a França, sendo nomeado Commandante do Exercito Francez na Allemãha, e sitiando Philisbourg, morreo de huma bala a 12 de Junho do mesmo anno de 1734. Fallando da sua morte, diz o célebre Montesquieu „ Nenhum successo houve que tanto ao vivo representasse „ o estado da França quando morreo Turenna: era geral o pranto, „ osusto, e a consternação: ambos deixarão interrompidos os vastos „ projectos que, para exaltação da sua Patria, havião concebido; „ ambos deixarão os Exercitos em perigo evidente, e ambos acabá- „ rão por mortes que, mais do que quaesquer outras, interessão.

---

*Os Senhores Subscriptores das Provincias dirigir-se-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, ou na de João Henriques na Rua Augusta N.º 1; ou na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.º 234; ou na de Carvalho, ao Pote das Almas; ou na Rua da Rosa das Partilhas N.º 153 na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico, no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.*

---

# OBSERVADOR PORTUGUEZ

---

## NUMERO II.

---

### ARTIGO I.

#### SCIENCIAS, E ARTES.

##### *Das Abelhas.*

[ A P E S. ]

(Continuado do N. I. pag. 5.)

---

III. **A** *Belhão terrestre.* (*Apis terrestris.*) He preto, com a parte posterior branca, e duas bandas amarellas transversaes.

IV. *Abelhão das pedras.* (*Apis lapidaria*) He preto, com a parte posterior vermelha.

Estas duas especies de *abelhões* constroem os ninhos em sociedade, cujo arranjo he semelhante ao *abelhão dos musgos*, com a differença que o *terrestre* situa o seu ninho debaixo da terra, e o outro debaixo de montões de pedras.

V. *Abelha pedreira*, ou *dos musgos.* (*Apis caementaria*) He huma especie solitaria, de côr negra, com azas pardentas: faz o ninho encostado ás paredes em que dá o sol, de grãos de arêa tão aglutinados, que fica extremamente sólido, e parecido com hum monte de terra: este ninho he composto de muitas cellas, em cada huma das quaes põe hum ovo, com a quantidade de massa composta de pollen e mel, que ha de ser necessaria para a larva, até á sua metamorphose; e, envolvendo todas as cellas em huma camada geral de argamaça menos compacta, as abandona. As novas abelhas, depois de formadas, rompem a sua habitação, para hir construir outra semelhante em outro lugar: o macho he arruivado, e não trabalha.

VI. *Abelhão negro roxeado.* (*Apis violacea.*) He tambem huma especie solitaria, grande, felpuda, e negra, com azas roxeas.

das, e resplandecentes; este *abelhão* escava nos páos velhos, ou troncos das arvores, hum canal vertical mui comprido, parallello á superficie, e mui perto desta, no fundo do qual põe hum ovo, e a massa competent, cobrindo tudo com hum septo horizontal, feito nas rاسبas do póo aglutinadas; e sobre este septo põe outro ovo, e assim os demais: as abelhas novas furão depois o páo para sahir.

VII. *Abelha corta roseira* (*Apis centucularis.*) He parda, com os segmentos do abdomen marginados de branco sobre os lados, e a parte inferior e posterior ruiva.

VIII. *Abelha bicornea* (*Apis bicornis.*) He de hum pardo escuro, com hum pequeno corno pontudo na base de cada mandibula, etc.

Estas duas especies distinguem-se por huma peça escamosa e movel, situada debaixo do lábio superior, curvando-se sobre a lingua, para a defender do attrito, quando estas abelhas cortão os bocados das folhas, que empregão na construcção do seu ninho, em hum buraco escavado na terra, de fórma cylindrica e recto, no qual fazem, com bocados de folha redondos e ovas, huma cella da figura de hum dedal, onde põe hum ovo com a competente massa; e seguida a esta outra, e outras semelhantes até encherem o buraco.

*Continuar-se-ha.*

---

## ARTIGO II.

P O E S I A.

O D E

*Ao Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.*

Attenta n'hum que a fama tanto estende  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a Patria, que de hum fraco fio pende,  
Sobre seus duros hombros a sustenta.

*Cam. Lus. C. 8. Est. 28.*

STROPHE I.\*

Da Patria o santo amor, que esforça os peitos  
Já talvez do receio quebrantados,

Me inspira os arrojados

A's aureas Filhas da Memoria acceitos  
Hymnos, em que o renome Lusitano  
Aos Astros subo pelo som Thebano.

## ANTISTROPHE I.

Hoje pois, a carreira proseguindo,  
De que eximio Varão, Ismenia Lyra,  
Sobre a aura que respira  
O verde cume do sagrado Pindo,  
Resguardaremos as acções famosas  
Do Tempo contra as mãos caliginosas?

## EPODO I.

Nuno Alvares eis se ergue, o Varão forte  
Cuja espada, senhora da victoria,  
Relampago da gloria,  
Era horrendo trovão d'immensa morte!  
Elle, contra os balanços temerosos  
Da audaz Iberia, sustentou valente  
Com Athlanticos hombros espantosos  
Dos Lusitanos Ceos o peso ingente:  
Sobre os Leões Hispanos orgulhosos  
Elle, d'estranho sceptro impaciente,  
Coriscando ruinas  
Floreou triumphante as Lusas Quinas;  
E Elle, da Lusa gloria eterno abono,  
A seu Rey natural susteve o Throno.

## STROPHE II.

De Marathona os campos inundavão  
Arrogantes as Persicas cohortes,  
E, ameaçando mortes,  
Da escravidão os ferros preparavão:  
A Ináchia liberdade estremecia  
Do alto clamor da Arsácida ufania.

## ANTISTROPHE II.

Mas nos grandes Varões o esforço augmenta  
Em proporção que cresce á Patria o p'riço:  
A vista do inimigo  
Milciades sublime se apresenta;  
E o Persa audaz, do seu furor por fructo,  
Vio sangue, estrago, e morte, horror, e lucto.

## EPODO II.

Assim de Aljubarrota na campanha,  
Torre d'immenso orgulho, fulminada  
De Nuno pela espada,  
Cabio a audacia da soberba Hespanha.  
Da ambição com o impeto esgrimia  
Espantoso o Leão a garra horrenda,  
Quando, a abater-lhe a ingenita ousadia,  
De Nuno a dextra trovejou tremenda:  
Duvidosa Bellona discorria  
Por quem ficasse a aspérrima contenda;  
Mas, a espada apertando  
Nuno, e c'o exemplo os seus estimulando,  
Bem que poucos em número, aterrarão  
Quanto co'as igneas lanças encontrarão.

## STROPHE III.

E será este, ó Lyra, o só combate  
 Em que, as armas brandindo impetuoso,  
     Tufão de Marte iroso  
 Em chuva de ruínas se desate?  
 Não: que os Heróes como elle não descansão  
 Quando da liberdade a estrada avanção.

## ANTISTROPHE III.

Implacavel, indómito, iracundo,  
 Achilles, sem as fabulas de Homero,  
     Sobre o Leão Ibero  
 Encheo, troando, de seu Nome o Mundo:  
 Duro manteve a patria liberdade,  
 Da sua exemplo, e da futura idade.

## EPODO III.

Qual pelos reynos do fallaz Neptuno  
 Revezado zunindo o solto vento,  
     Com heroico ardimento  
 Irresistivel campeava Nuno.  
 Se eu pudera seguir ao grão Guerreiro  
 D'altos triumphos a derrota ardente,  
 Oh! quão sonóro instando e quão ligeiro  
 Meu Delio carro, de rodar fervente,  
 De Marte o amostraria grão Luzêiro  
 Por terras Tronstaganas; refulgente  
     Nos Atoleiros, quando,  
 Iberos Cavalleiros profligando,  
 De cada arremessão da fera lança  
 A muitos o final somno descansão.

## STROPHE IV.

Mostrára-o quando, fervido arrojando  
 O bastão, iracundo aperta a espada,  
     Com dura mão pesada  
 Hum diluvio de mortes derramando;  
 E, a victoria forçando sobre o Tejo,  
 Imprime ao Sandoval na face o pejo.

## ANTISTROPHE IV.

Ou quando procelloso se arremessa  
 Só cõ'a lança nas mãos ao Guadiana,  
     E a turba Castelhana  
 Precipita, affugenta, ou atravessa;  
 Passa, e repassa o rio; abola, e talha,  
 E a-sós sustenta o peso da batalha.

## EPODO IV.

Ou quando, como Cocles espantoso,  
 Só na Ponte de Alcantara sustenta  
     A orgulhosa tormenta:  
 Do Castelhana Marte ambicioso:  
 Morto o ginete, e a combater cahido,  
 De perto em vão, turba inimiga o cerra,

Que, do proprio desaire enfurecido,  
 Bramava acceso turbilhão da guerra;  
 Até que solto, e finalmente erguido  
 Tudo encontra, e desfaz, e rompe, e aterra;

Qual pelos bosques densos  
 De Eólo os Filhos, pelejando infensos,  
 Moutas acamão, e árvores annosas  
 Revolvem sobre as azas estrondosas.

## STROPHE V.

Talvez por meus arrojões me condemne  
 A, que altos genios humilhar deseja,  
 Calumniosa Inveja:

Dirá que nas vertentes d'Hippocrenne  
 O anel não sorvo das facundas agoas,  
 E súa Bronte em vão nas minhas fragoas.

## ANTISTROPHE V.

Porém eu, que respiro o sacro alento  
 Com que o Cysne Dirceo se fez eterno;  
 Eu, que sinto galerno

Do cabeça assoprar de Chrysa o vento,  
 Pisando as furias de que a vejo armada,  
 Prosigo ardente a luminosa estrada.

## EPODO V.

Impellido das iras da vingança  
 Selvas Hannibal, e rochedos talha,

Ignea torrente espalha,  
 Os Alpes desce, e por Ausonia avança:  
 Furibunda procella de Mavorte

Trôa, fulmina, desbarata, e rende;  
 Da formidavel dextra ao Varão forte  
 Dos destinos de Roma o fio pende.....

Mas Scipião com rápido transporte  
 Pelo seio Africano a guerra accende:

Já volve turbulento

A' Patria o Peno vencedor cruento,  
 Porém Tu viste, memoravel Zama,  
 Fugir-lhe a gloria, esmorecer-lhe a fama.

## STROPHE VI.

Portuguez Scipião, Mavorte Luso,  
 Mais do que ao Peno audaz o grão Romano,  
 Nuno ao feroz Hispano

Deixou vencido, e de temor confuso;  
 Que, depois de o lançar da Luza terra,  
 Ao proprio ninho foi levar-lhe a guerra.

## ANTISTROPHE VI.

Ei-lo já vai, torrente impetuosa  
 Que dos montes no hynverno em rolo desce:

Trépida amerellece

Ao vello a terra Bethica abundosa:

Já o Leão Hispanico em Valverde  
De cabeça em cabeça a gloria perde.

## EPODO VI.

Debalde os Vinte e quatro altos Senhores,  
Tres Mestres, Condes dous em vão lhe accodem,  
Que resistir não podem

A seus pesádos golpes vencedores.  
De setta, como Achilles, vai ferido,  
Retira-se a orar: pugnando em tanto,  
O esforço pelo número opprimido,  
Lavra nos seus o pállido quebranto:  
Mas já volve á peleja affouto, e ardido;  
Fulgúra-lhe na espada o torvo espanto,  
Rodando-a expede a morte;

E, viva imagem do feróz Mavorte,  
A hum lado e a outro fulminando corre:  
Tudo se rende, e se dispersa, ou morre.

## STROPHE VII.

Vio Elvas triumphante despregadas  
Floreando as Bandeiras Lusitanas,  
E logo as Castelhanas

Pelo pó estendidas, e arrastadas;  
E, ouvindo quanto o seu Pendão se humilha,  
De despeito, e de dôr tremeo Sevilha.

## ANTISTROPHE VII.

A minha Lyra que empaveza ufana,  
Galerno o vento, as sonoras velas,  
Pejada de accções bellas.

Vai de novo aproar no Guadiana;  
Onde, no Porto que se diz da Prata,  
Nuno as Hispanas Hostes desbarata.

## EPODO VII.

Mas seus triumphos numerar quem pôde  
Se, combatendo invicto, e denodado,  
Capitão, e Soldado

Ou sabio ordena, ou valeroso accode?  
Sabe-o Neiva, Portel, Vianna, Almada  
Braga, Arronches, Monção, Miranda, e Chaves,  
E as mais que, ao brilho da fulminea espada,  
Volveo de fortes o temor ignaves.

Quantas vezes aos rios foi mudada  
A côr das agoas por seus golpes graves!  
Oh! dize-o Tu, ó Tejo,

Tu, Guadiana, que em Mavorcio ensejo  
O viste em Badajoz com duro estrago  
O Mestre debellar de São Thiago.

## STROPHE VIII.

Que Villa, ou que Cidade ha'hi na Hespanha,  
Do egregio Campeão accommettida,

Que se não dê rendida

A seu Nome immortal por força, ou manha?  
Se muitas esforçadas resistirão,  
E todas, quantas commetteo, cahirão?

ANTISTROPHE VIII.

Nenhuns lhe arrosta Iberia armi-potente  
Cavalleiros que Nuno não desmonte,  
E do A'gueda na Ponte,  
Em Placencia, em Samora, e Benavente  
Irado, a lança volteando acerba,  
Cobre de lucto a Hispanicá soberba.

EPODO VIII.

Nem só nos hombros desiguaes da Terra,  
Tambem das ondas pelo campo instavel  
Fulgura formidavel

Comêta, que annuncia infausta guerra.  
Quem, da noite o silencio alvoratando  
Com crépito de trompas clangorózas,  
O Tejo corta, affouto navegando  
Entre as Hispanas velas numerosas?  
„ He Nuno Alvares,, dizem trepidando  
As maritimas turbas pavorosas:

Pasmão d'alta affouteza,

Lustre immortal da fama Portugueza:  
Nem ousão cometter o Varão forte,  
A quem parece que respeita a Morte.

STROPHE IX.

Vasto incendio que lavra impetuoso,  
E, co'a fúria dos ventos impellido,  
Devora desmedido

A campina, o vergel, o bosque umbroso;  
A gloria Nuno Hispanica vetusta  
Cresta, e cresta os laureis d' Africa adusta.

ANTISTROPHE IX.

Do Heróe ao peso grande temerosas  
Eis já de Ceuta as torres abaladas;  
Fogem, ou são prostradas

As catervas Mauriscas bellicosas;  
Vencedor dos revoltos elementos,  
Conquista os Africanos fundamentos. (\*)

(\*) *Aqui me cabe o fazer observar hum dos erros do Commentario da Lusida por Ignacio Garcez Ferreira, de que tanto se tem aproveitado o Zoilo de Camões. Diz o Garcez em huma Nota aos seguintes Versos da Est. 49 do 4 C. da Lus.*

O Monte Abyla e o nobre fundamento  
De Ceuta toma etc.

„ O fundamento (veio para a rythma) de Ceuta toma, em 14 de Agosto de 1414. „ Ora, em primeiro lugar he não entender a Lingua,

## EPODO IX.

Nem só nas lides da cruel Bellona,  
 Nas artes se abaliza de Minerva;  
 E imparcial conserva  
 A justiça, que em paz cõas leys abona:  
 Alliando o valor com a equidade  
 Attende aos rogos do Ancião morboso,  
 E do Mancebo á filial piedade;  
 Com proposto d'esp'rito generoso  
 Ao grande Prisioneiro a liberdade,  
 E a Noiva restitue ao charo Esposo.....

Mas cõlhe, ó Lyra o panno;  
 Que as aureas ondas do soberbo Oceano  
 Dos feitos seus, que no louvor não morrem,  
 Quanto te alargas mais, mais largo correm.

N. A. P. P. Moniz.

## ARTIGO III.

## CRITICA.

*Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias,  
 das Artes, e das Letras.*

(Continuado do N.º 1, pag. 15.)

Na 2.ª Parte trata-se de algumas obras, invenções, e experimentos de Mathematica, Physica, etc. tudo por extractos, ou indicações ás vezes, segundo nos parece, demasiado simples: tal he, por exemplo, em Astronomia o seguinte artigo pag. 7—M. W. Herschell em huma Memoria, inserida nas Transacções Philosophicas de Londres de 1817, propõe huma nova distribuição dos corpos celestes no espaço. Esta Memoria, digna de seu Auctor, e que merece a attenção dos Sábios, se intitula: *Observa-*

---

*nem o Poeta dizer, que o fundamento veio para a rythma, e não vê que disse Camões fundamento por fundação como frequentemente achamos em nossos Classicos; e, em segundo lugar, Ceuta não foi tomada aos 14. mas sim ao 21 de Agosto, e não de 1414, mas sim de 1415. Veja-se a Memoria sobre Ceuta, impressa em o N.º 4, do 1.º Trimestre. Destes, e outros que taes erros de Garcez Ferreira he que supponha que tomou o geito a tal disto seu seguidor, para dizer que o Episodio de Adamastor he o maior destempero dos destemperos de Luiz de Camões: que Philippe II. entrou em Portugal com cem mil Homens, e outras mil sandices dessa laya.*

*ções astronomicas, e experiencias sobre a distribuição dos corpos celestes no espaço, e a extensão da via-lactea* — Ora parece que, sem dar ao menos huma idéa dos pontos principaes em que Herschell encontra, ou esclarece o systema, ou opinião entre os Sábios mais geralmente recebida por ser aquella que atégora soffria menos objecções; parece, julgamos nós, que isto assim tão simplesmente annuciado, talvez de mais não sirva aos Leitores, do que para cada hum delles poder ficar dizendo de si, o que Bocage disse. não sei de quem?

Sciencia de Livreiros, e Impressores  
Tens da vasta memoria nos armarios.

E em tal caso deveria esta noticia, como méro annúncio que he, entrar no Catalogo das obras que a esta vem appenso. Mais bem tratados nos parecem os processos, e progressos dos diversos ramos da Chymica, especialmente em quanto á electricidade, que o Redactor trata em separado da Luz, e do Calor, pela boa rasão que dá, de não estar ainda bem verificada a mui provavel *hypothese que suppõe serem modificações dos mesmos principios*. Outro tanto diremos quanto á Chymica animal, em que, depois de mui assizadas reflexões sobre a analogia entré as propriedades physicas e chymicas, diz a pag. 105 „ A Philosophia „ não he outra cousa senão a Physica do corpo humano, e, se nelle „ ha maior complicação de forças (como he indubitavel) por „ isso mesmo he preciso em fim começar a estudallas, para „ apreciar a influencia de cada huma dellas, e para não attribuir tudo a causas mechanicas, ou ás leys das combinações dos „ mineraes, das terras, e de outros corpos fixos; em que, neutralizadas as forças, pouca tendencia tem os elementos a de- „ compôr-se, e a formar novos compostos; nem se contentar de „ explicar tudo por meio de palavras abstractas, sem determinar nada significação, ou que só exprimem factos, sem estabelecer entre elles e as demais leys da Natureza analogias indispensaveis para terem applicação „ O que não obstante, ainda também em Chymica deparamos com outros taes artigos como o que citámos em Astronomia: identico he o seguinte a pag. 102 „ M. Vogel se occupou da analyse das plantas cereaes, e do pão „ em huma Memoria, cujo extracto appareceu no *Journal de Physique* de Outubro de 1817. „ E de passagem notando que, se occupou da analyse he hum gallicismo, devendo, segundo a nossa grammatica, ser *na analyse, ou com analyse*, citaremos outro mui similhante a pag. 113 „ M. Vauquelin examinou a „ synovia (1) do Elephante, e os cálculos singulares que M.

(1) Licor chyloso, ou succo nutritivo.

„ Blainville achou nos ductos das glandulas sublinguaes do que  
 „ morreo o anno passado no *Jardim das Plantas* de Paris „  
 Parece-nos com effeito, que bem pouco importa ao Leitor o saber que *M. Vauquelin examinou*, não sabendo algum resultado desse exame. E comtudo, entendemos que em geral são mui uteis e com muita intelligencia colligidas, e compiladas as noticias scientificas com que a fadiga do Senhor F. S. C. chegou até pag. 137. Nem nos esquece o que, a respeito dos extractos de materias taes, diz o mesmo Redactor no Discurso Preliminar; mas inda assim julgamos, que não devem elles com tal brevidade ser feitos que sejam quasi por esse excesso inuteis.

Segue-se (por correspondencia, com que fecha o volume) huma Memoria do senhor João da Silveira Caldeira, *sobre o ondedado metallico*, ou nova e mais bella preparação da folha de Flandres etc. e bem claro prova ella quanto são merecidos os muitos encômios que de seu Auctor vem lançados em huma breve Introducção a pag. 140, e 141; pois que, além de não ser duvidoso o proveito de seu assumpto; e, além do methodo e clareza com que vem feita a exposição das diversas preparações, e trabalhos, está ella geralmente escripta em huma linguagem vernacula, e tersa; por maneira que certo devem conceber-se mui grandes esperanças dos fructos do talento e estudiosa applicação de seu Auctor, que já no verdor da mocidade com tanta madureza fructifica.

Tornemos agora ao principio do volume, para vêr o Discurso Preliminar, que he, como já indicámos, escripto pelo senhor F. S. C. Chega a pag. 21 succintamente relatando os estôrvos e avanços da Civilização, e os obstaculos, decadencia, e progresso das Sciencias até ao seculo presente; indicando rápida e geralmente as causas principaes, e em que partes do saber sejam inferiores, ou superiores aos antigos os modernos; e o faz com tal methodo, clareza, concisão, e energia que bem mostra huma cabeça povoada e prenhe de boas idéas, lançadas por sua ordem; possuindo ao mesmo tempo o dom, e a força de as produzir, e convenientemente expôr. Começa porém na mesma pag. o relatório das tarefas que toma a cargo, com os outros seus socios Redactores destes Annaes; e, tocando por incidencia no estado decadente das Letras em Portugal, prosegue largamente na materia, com que tambem nós hum pouco mais nos alargaremos, tendo-o assim por justo, se he que não chega a ser necessario.

„ He lastimosa (diz o Auctor, pag. 28) a decadencia das  
 „ Letras em Portugal desde a extincção da Arcadia, e a morte  
 „ e separação dos seus illustres Membros, dos quaes ha pouco  
 „ acabámos de perder o classico escriptor Antonio Ribeiro dos  
 „ Santos, cuja vasta erudição, gosto apurado, linguagem castigada, e phrase elegante bem podem servir de norma aos escri-

„ criptores nacionaes. Mas nem os preceitos e exemplos delle,  
 „ nem os de Garção, Diniz, Torres, em Portugal, nem as nu-  
 „ merosas e excellentes producções do Padre F. Manoel tem po-  
 „ dido obstar á influencia dos rythmadores mais ou menos dota-  
 „ dos de estro, que antes quizerão obter sem custo os applausos  
 „ do vulgo que merecer, pelo estudo árduo dos bons modelos, o  
 „ louvor sólido que os Sábios contemporaneos e vindouros só  
 „ tributão a quem coaduna titulos incontrastaveis. „ Ora na ver-  
 „ dade parece-nos que o Auctor vai hindo por ahi adiante com huma  
 „ bem amargosa, e excessiva Jeremiada! *He lastimosa a decadencia*  
*das Letras em Portugal*: sim he por certo, e, menos que o  
 „ fôra, nós acompanhariamos o Auctor nesta sua lástima, pois di-  
 „ gno he lastimar-se o bom Cidadão de tudo quanto possa re-  
 „ dundar em deslustre da sua Patria. *He lastimosa a decadencia das*  
*Letras em Portugal*: muitas, e mui grandes são as causas que pa-  
 „ ra isso tem concorrido; não nos cabe aqui expollas, porém sa-  
 „ be-as o Mundo, ao menos o Mundo instruido, e sensato. *He las-*  
*timosa na verdade*; mas nem tanto quanto neste e outros lugares  
 „ mostra o Auctor estar persuadido, talvez porque, não vivendo  
 „ em Portugal ha muitos annos, tenha recebido menos exactas in-  
 „ formações, e visto poucos livros nossos ultimamente impressos,  
 „ por isso que desgraçadamente são poucas e difficeis as nossas edi-  
 „ ções, e pouquissima e quasi nenhuma a nossa correspondencia  
 „ literaria: ou tambem talvez porque, havendo na verdade alguns não  
 „ poucos motivos para esta lástima, menos advertidamente se ex-  
 „ pressou, correndo-lhe a penna com hum certo deslebramento,  
 „ de que os escriptores copiosos deixão muitas vezes tomar-se no  
 „ calor da composição. He innegavel que muito as nossas Letras  
 „ deverão aos nossos bons Arcades, e que a *extinção da Arcadia*  
 „ começou a contribuir ou concorrer para esta *lastimosa decadencia*:  
 „ são mui justos e bem merecidos os louvores do Desembargador  
 „ Antonio Ribeiro dos Santos, e mais lhe pudéra dar; porém et-  
 „ le nunca foi Arcade, como he forçoso colligir-se das enganadas  
 „ expressões do Auctor. Passemos por isto, que he desculpavel por  
 „ qualquer dos dous motivos indicados: mas aonde foi o Auctor  
 „ buscar a *influencia dos rythmadores*? quando he que a tiverão? e  
 „ quem são elles? Bem certos estamos de que he máxima infallivel,  
 „ e sentença irrevogavel aquella que o Auctor lançou em se-  
 „ guimento do que deixamos citado. „ Quem escreve para o Povo,  
 „ quem se contenta de agradar a ignorantes sem lição nem gos-  
 „ to, por mais estro que o anime, he forçoso que, descendo á  
 „ „ capacidade dos leitores, sacrifique a valentia do pensamento e  
 „ „ a energia da expressão á soálha da rythma, e cáhia insensivel-  
 „ „ mente no baixo e trivial, em vez de se elevar ao bello e su-  
 „ „ blime. „ Ninguem cuidamos que a isto possa dar boas rasões  
 „ em contrario, nem negaremos a triste verdade de haver disto

entre nós alguns exemplos, quando aliás conhecemos talvez mais de hum bom engenho que por esta causa se pôde dizer perdido; e que, em parte porque *se contenta de agradar a ignorantes*, e em parte porque mais pôde com elle a preguiça do que o amor das Letras, não chega a erguer-se da mediania, não pôde exceder a mediocridade; sendo que o fogo sagrado do Genio scintilla a miudo por suas composições, aliás filhas de hum fecundissimo talento; porque a Natureza a dotou pródiga e profusa, fazendo por seu mero impulso com que a espaços se deparem por suas obras alguns bellos trechos, em metro ameno e facil. Nem isto he tudo, nem temos sómente o mediano, temos tambem o máo, temos tambem o pessimo; temos *Hyginos*, e *Fogaças*, que não só *se contentão de agradar a ignorantes*, porém que só a ignorantes procuráo agradar, e a multidão delles embair: temos, tornamos a dizer, temos teimosos rythmadores, e prosadores sem lição nem gosto, sem pejo nem talento, e que assim mesmo presumem de Sábios, e fazem gemer os prélos: temos o que por certo não quizeramos, e até o que não podemos dizer? porém que se segue daqui? segue-se por ventura que estejam em absoluta decadencia as Letras? segue-se que não haja quem estime os bons modelos: segue-se que não haja entre nós quem os procure imitar?.. Tal não cuidamos, nem sabemos qual seja *a influencia dos rythmadores*; sendo antes, que os Homens mais instruidos e sensatos, posto que mui dados á Poesia, são esses os primeiros que dos taes rythmadores motejão: e, em summa, não sabemos como possa dizer-se absolutamente decahida em Letras huma Nação que lê com gosto, e dá seu justo preço de estima e admiração aos bons antigos, e ás obras de Garção, Diniz, e do inimitavel Francisco Manoel, com outros que, depois destes, honráo o nome, e as letras Portuguezas.

Porém continúa o Auctor, na mesma e na seguinte pag. „  
 „rece incrível que durassem tão pouco, e que tão depressa se vissem malogrados os esforços que todos os Membros da Arcadia e outros émulos delles fizeráo com tanta felicidade e constancia para restabelecer em Portugal o bom gosto nas Letras, e restaurar a linguagem de nossos illustres escriptores da idade de ouro. A par dos classicos da nova eschóla appareceu hum enxame de corruptores da lingua, os quaes declarando guerra ao gosto e á verdadeira poesia e eloquencia, se deráo a rythmar Sonetos, Decimas, e outras ninharias poeticas, tão faceis em huma lingua como a nossa, e que, por mais perfeição que tenham, nunca passáo de ser hum engraçado jogo, hum passatempo da fecunda imaginação. A maior parte dellas não são mais que sonoras bagatellas, *nuga e canore*, ermas de pensamentos, sem vigor, e só notaveis pela harmonia que resulta da collocação das palavras. „ Em quanto ao *enxame de corruptores da lingua*,

como nos parece haver na phrase bastante corrupção, e não somos nós da Faculdade, para poder applicar-lhe mercúrio *quantum satis*; deixamos o tal *exame* entregue ao desprezo que merece, e com que he olhado por todos os bons entendedores, dos quaes ainda com boa rasão nos gabamos de entre nós contar não poucos, e com esses reiteramos o protesto, de que muito as nossas Letras devêrão aos nossos bons Arcades: (1) porém não podemos acompanhar o Auctor na sua lástima, de que *tão depressa se vissem malogrados os esforços que todos elles fizeram para restabelecer em Portugal o bom gosto*; sendo antes que esse bom gosto presiste, e dahi nasce o indignado desdem com que são apodados e cobertos de mofas e ignominias os *Hyginos*, e *Fogaças* de çáttaras producções, e çáfio engenho. Nem temos por estranho que esses *declarem guerra ao bom gosto*, sendo isso tão natural como as aves das trévas abhorrecerem a luz; o que porém estranhamos, e até confessamos não entender he isto, que o Auctor na mesma pag. accrescenta „ Desta pessima eschóla não sahio „ huma só composição poetica digna de passar á posteridade na „ poesia Epica, Lyrica, Dramática, Anacreontica, ou Didáctica; „ ctica; nem huma só boa traducção dos Classicos antigos ou „ estrangeiros. „ Que *eschola*, ou que supposição he esta! pois Homens taes podem por ventura fazer eschóla, ou, dado que a fizessem, poderia ella prevalecer? Ninguem tal poderá crêr: e, sendo assim, não he de admirar que elles em nenhum dos generos indicados alguma cousa boa produzissem; mas tambem ninguem poderá negar, que, da Arcadia para cá, em todos elles tem havido bons engenhos, que honrão as nossas Letras. Demais: se he desdouro o *rythmar Sonetos, Decimas, e outras ninharias, e sonoras bagatellas*, desdourados ficarão os nossos melhores Poetas, que nenhum delles, mais ou menos, tem sido isento dessa culpa: e, se o mal está na *sodlha da rythma*, desdourados ficarão não só a maior parte dos nossos bons Poetas, senão que tambem desdourados ficarão quasi todos os bons Poetas estranhos, e em especial os Francezes e Italianos, que são d'entre todos, os mais teimosos *rythmadóres*. Bem outra acreditamos nós ser a idéa do Auctor, visto que a *rythma* he tão análoga ao genio das linguas modernas: mal pertence ella á eschóla de nossos bons Arcades, de cujos escolares nos presamos; nem por certo somos nós sectarios da *rythma*, julgando antes ser ef-

(1) Dissemos e repetimos = aos nossos bons Arcades = por ser mui verdade que tambem forão Membros da Arcadia alguns Homens de engenho negativo, cujas cabeças erão terras maninhas e areas çafos, que mal ou nada produzião; do que nos não faltaria exemplo e prova, se necessarios fossem.

la desnecessaria em nossa poesia sublime; mas tambem julgamos ajuntar-se com ella muita graça ás poesias eróticas, e ainda a outros alguns generos, e temos por impossivel o totalmente des-terralla. Agora bem: se a rythma he conforme ao genio da nos-sa lingua, se com ella os bons Poetas são os primeiros peccado-res, e se (como diz o Auctor) *os Sonetos, Decimas, e outras ninharias poeticas, tão facéis em huma lingua como a nossa, são hum engraçado jogo da fecunda imaginação;* como pertende o pro-prio Auctor, que sejam estas *sonoras bagatellas ermas de pensa-mentos, sem vigor, e so notaveis pela harmonia que resulta da col-locação das palavras?*... Convimos em que ellas sejam mais pro-prias de huma Sociedade que de hum Livro: convimos em que algumas, aliás boas collecções poeticas, correm menos bem apre-ciadas por mui chêsas dessas nugas vulgares; mais inda assim, as produzidas pelos bons Poetas peccadores da rythma, certamente não são *ermas de pensamentos, e sem vigor;* taes não são, por exemplo, os sonetos de Camões e Boeage, os nossos dous me-lhores Sonetistas; e taes não erão as *Decimas e Sonetos* deste, nem ainda nos seus admiraveis improvisos.

*Continuar-se-ha,  
Moniz.*

## ARTIGO IV.

### BIOGRAPHIA.

#### *O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.*

Como a vida dos grandes Homens he sempre huma excel-lente lição, e poucos são de com este comparar-se; não obstan-te andarem mui escriptas e sabidas, não julgo inutil o compen-diar as gloriosas acções de que a sua vida compôz; o que servi-rá de mais facilmente as reter na memoria, ao mesmo tempo fa-cilitando a intelligencia da Ode antecedente.

Foi este grande Homem decimo terceiro Filho do Grão Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira (da illustre e antiquissi-ma Casa dos Pereiras, vinda de Leão a Portugal no reynado de D. Sancho Primeiro) e de Eyria Gonçalves do Carvalhal, da Casa dos Senhores d'Evora-Monte: nasceu aos 24 de Junho de 1360; dizem huns que em Portalegre, outros que junto da Cer-tan, na Quinta do Bom Jardim, onde foi criado; mas tem-se por mais certo que na Cidade de Elvas. Dotado de agudissimo en-genho, não contava mais de 13 annos e já era senhor dos maio-res estudos daquella idade, dando-se especialmente ao da Histo-

ria, e seguindo as letras em quanto podião servir ás armas que professou. Nesse tempo entrou por nossas terras D. Henrique II. de Castella, e passando o seu Exercito a pouca distancia de Santarém, onde estava El-Rey D. Fernando, foi D. Nuno enviado a reconhella; e á volta, inquirido pela Raynha D. Leonor, respondeo em modo que demonstrou seu grande talento e animo. Por essa occasião foi armado Cavalleiro, dispensando-se-lhe na idade. Ficou ao serviço da Raynha por espaço de tres annos, e aos 16 de sua idade casou com D. Leonor de Alvim, Senhora que reunia todos os melhores dotes e condições: foi El-Rey Padrinho do casamento, mas pouco depois pedio D. Nuno licença para se retirar ao Minho, só interrompendo este retiro por morte de seu Pay. Succedeo no throno de Castella El-Rey D. João I., e renovou-se a guerra: por huma honrosa Carta lhe deo El-Rey D. Fernando conta da invasão inimiga, mandando que fosse a Portalegre, e logo alli se dirigio D. Nuno com 30 Infantes e 25 Cavallos, que naquella guerra sustentou á sua custa. Dalli, por ordem d'El-Rey, veio a Lisboa, onde então surgira huma Armada de Castella: com 50 Soldados de pé, e de cavallo, emboscado junto da Ponte de Ancantara, deo sobre huma Partida inimiga, que se tornou ao mar com perda, do que offrontado o General Castelhana, mandou a terra 250 Homens escolhidos, e como, pela desproporção do número, lavrasse a irresolução nos nossos, D. Nuno a sós investio com todos elles, e os desordenou: sobrevierão reforços da Armada, e D. Nuno sustentando a peleja: rompeo-se-lhe a lança, mas brandio a espada por tal arte que já os inimigos quasi que só de longe procuravão offendello com tiros vagos de armas arrojadiças: penetrado de muitas lançadas, e rendido ao peso da batalha cahio o Cavallo sobre as ancas, levando-lhe debaixo a perna esquerda, presa pela espora a huma cilha; mas assim mesmo se defendeo em quanto os nossos, empenhados em o salvar, rompêrão pelos Castelhanos até ao centro da batalha, e forão as cilhas cortadas por Vasco Annes do Couto: então, formando os nossos em hum batalhão cerrado, completou a derrota dos Castelhanos, sendo elle o ultimo que do campo se retirou, e magnanimo provendo á boa recompensa de Vasco Annes do Couto. Divulgou-se a noticia de que El-Rey de Castella estava em Badajoz com largo Exercito, e se aprestava a entrar pelo nosso Aléntejo: a fim de lhe obstar passou El-Rey D. Fernando a Elvas, para onde se foi D. Nuno, partindo de Lisboa com 5 companheiros escondidamente, e contra ordem positiva; o que El-Rey não sómente lhe perdoou, senão que o levou nos braços, congratulando-se de tão opportuno soccorro. Por conselho de D. Nuno se dispoz batalha, porém a guerra terminou com o trarado de casamento da Princeza D. Brites, a qual, por molestia d'El-Rey D. Fer-

nando, foi a Raynha D. Leonor entregar em Elväs a El-Rey de Castella: e como em hum dos dias de banquete se houvessem pouco politicos os Castelhanos, D. Nuno travando de hum das mesas deo com ella em terra, e sahio-se da salla mui desassombrado: sabida a causa por El-Rey de Castella, relevou a offensa dizendo, Que não era para pouco quem se atrevia a tanto.

Passado isto, tornou D. Nuno a retirar-se; mas logo em seu retiro houve novas da morte d'ElRey D. Fernando, e foi elle dos primeiros que, para assistir a suas exequias, entrou na Corte acompanhado de 30 Escudeiros, e muitos criados de pé, sendo elle o unico que nessa occasião se servio de gente armada. Já El-Rey de Castella se declarava com pertencões á Corôa de Portugal, que dizia pertencer-lhe por seu casamento com a Princesa D. Brites:

Com esta vós Castella levantada,  
Dizendo que esta Filha ao Pay succede,  
Suas forças ajunta para as guerras  
De varias regiões, de varias terras.

*Gamões. Lus. C. 4. Est. 7.*

---

*Os Senhores Subscriptores das Provincias dirigirse-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, na de João Henriques na Rua Augusta N.º 1; na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.º 234; na de Carvalho, ao Pote das Almas; e na Rua da Rosa das Partilhas N.º 153 na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico, no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.*

L I S B O A,

*Na Nova Impressão de João Baptista Morando.*

1819.

~~~~~  
Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO III.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Das Abelhas.

[A P E S .]

(Continuado do N. II. pag. 18.)

Ação venenosa sobre a economia animal. Todos sabem o perigo que resulta da picada de algumas abelhas : expôr-se-hão factos que fação conhecer os symptomas que ella produz :

I. Hum camponez de trinta annos de idade , foi picado por huma abelha na parte suprior da sobrançelha; cahio immediatamente por terra, e morreo poucos instantes depois. Sua face achava-se inflammada, e teve pelo nariz huma hemorragia copiosissima depois da morte. (*Journ. de Médic.*, aout. 1765. pag. 153.)

II. *Zacuto* observou a picada de huma abelha a que se seguiu a gangrena na parte

III. *Amoreux* diz : „ a picada de huma abelha não he cousa mui notavel ; porém se estes insectos investem em chusma algum homem ou animal, podem cobrillo de feridas , e fazello perecer, tanto pela quantidade de veneno que introduzem em seu corpo, como pelo estado de dilaceração em que o constituem. „ (Na citada Obra , pag. 248.)

IV. *Swammerdam* e *Ludovic* provárão hum pouco do liquido venenoso contido na vessicula da abelha , e experimentarão sobre a pelle e lingua a mesma sensação que com a agoa forte (acido nitrico.)

Em geral, a picada das abelhas he seguida de huma dôr aguda, e de huma intumescencia erysipelatosa, mui dura no centro,

que esbranquece, e presiste em quanto o agulhão permanece na ferida.

Amoureux diz que o zangão he algumas vezes mais para temer do que a abelha. Em 1670, forão picados na Polonia alguns individuos por grandes zangãos, e nelles se manifestou hum tumor inflammatorio, que fez progressos rapidos, os quaes só foi possível suspender por meio de escarificações profundas.

Continuar-se-ha

ARTIGO II.

P O E S I A.

O D E.

Ex aliis alias reparat Natura figuras.

Ovid. Metam. L. 25.

De seus estragos, em seu rosto, a Terra
 As cicatrizes mostra.
 O Mar furioso, devorando as ribas,
 Mina, seu freyo, os montes;
 Arroja o fogo da intestina guerra
 O Vulcão espantoso,
 E universal medónhas ameação
 Incendio as lavas suas:
 Urrando os ventos, no profundo seio
 Abalão-lhe as columnas:
 Gélido o Tempo em ruinoso throno
 Alça o Hynverno estéril:
 Com hálito nefando em tudo a Morte
 A eterna sombra estende!
 Mas volve a Primavera: os murchos campos
 Povóão-se, enverdecem;
 Formosea-se o Mundo remoçado,
 Enflorão-se as ruinas,
 E successiva duração promette
 O viçoso reparo.

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA

Nascimento, e Educação.

Assim he que dizes nisso muita verdade: os dous façudos, e entufados Doutores *Lagosta Verruga*, e *Luneta Batoque* são dous sandeos mais da marca, são dous grossos animalejos de raça abastardada: não basta que hum delles na fereza de seu gesto, por entre huma certa parvidade de semblante, respire a sua ingénita malignidade! não basta que o outro seja hum vivo retrato da Estupidez, seja a Sandice personalisada, e amostre quasi tanta maldade como indiscrição! não basta que ambos elles sejam tão vaidosos como hum Pavão, tão irasciveis como huma Víbora, tão vergonhosos como hum Cão, tão espreitadores como huma Pêga, tão palteiros como hum Papagayo, tão brutos como huma Zêbra, e tão gordos como hum Texugo! não basta que sejam ambos tão charlatães como pedantes, tão nescios como presumptuosos, tão ignorantes como intromettidos, petulantes, malevolos, maldizentes! nada disto basta, e tudo ainda he pouco para elles: tem tambem a mania, o sestro, a birra, a teima de borrar muito papel, fazer gemer os prélos, e dar tédio ao público. Ora por aqui vais tu bem, tudo isto he muita verdade; máilha-lhe, escarnece-os, ridiculiza-os, que mais merecem elles; mas se ambos elles tirão a sua origem de muí baixa relé, se hum delles foi Arreeiro, e o outro foi Tendeiro, que tens tu com isso? para que has de tambem por isso menoscaballo? o nascimento não he huma casualidade, e os Homens não são todos ignaes?

Não he isso assim, absolutamente dicto: a perfeita igualdade dos Homens he huma chyméra, a perfeita igualdade social he outra chyméra; e em summa essa imaginada perfeita igualdade sómente existe, ou póde existir, na Ley, e só na Ley póde deixar de ser chymérica. A Natureza, assim como no gesto e no semblante, formou diversissimos os Homens nas forças corpóreas, e nas faculdades intellectuaes: deixemos metaphysicas, com que, depois de longos debates, poderíamos ficar com alguma talvez falsa opinião, porém cuido que não com mais profundo saber, ou conhecimento de causa; porque não creio que haja sciencia mais van: demos de mão a phantasias, e hypótheses, e recorramos ás realidades da experiencia. Segundo ella nos ensina, não sei que possa duvidar-se da mencionada desigualdade natural

dos Homens: ora, sendo elles assim desiguaes por natureza, como pôde em sua sociedade haver a perfeita igualdade individual, se cada hum dos individuos que a compõe he diversamente dotado, e possui diferentes qualidades que o chamão a diversos empregos, de que necessariamente resulta a diversidade das condições? e havendo, como ha, esta desigualdade de qualidades naturaes, e de condições sociaes, qual outra perfeita igualdade pôde haver entre os Homens, senão a estabelecida na Ley; como resultado que he, ou deve ser, da concordancia da razão, e da vontade geral, que se lhe subjeita, reconhecendo a necessidade de assim fundamentar hum como baluarte de defesa do fraco contra o forte, do humilde contra o poderoso, do innocente contra o injusto, e assim dos outros?

Espera Homem, detem-te; que vais por ahi adiante fugindo do caso proposto, por maneira que não sei onde vais dar comtigo! — Não te afflijas, que não fujo do caso, nem sahio dos limites que prescrevem as circumstancias, e a que todo o Homem de siso sabe moldar-se, sem desdouro proprio, nem prejuizo alheio. Pareceo-te que fiz hum longo aranzel, e que perdi o sentido do texto; mas não foi assim, antes tudo o que disse convém á sua melhor intelligencia, e exposição.

Sendo os Homens desiguaes por natureza, e sendo por essa mesma desigualdade natural que diversamente na sociedade se empregão, e se distinguem; como queres tu que seja indifferente o nascer pertencendo a tal, ou tal classe, de taes, ou taes condições, se dessas taes condições directamente depende a educação de cada hum, e de todos os individuos de cada huma das classes, linhagens, familias, ou jerarchias?

Até'hi, santas Paschoas: quem he que to duvida? — Pois, se não he indifferente o nascimento, pela consequencia da educação, menos o pôde ser a educação pelos resultados della. Esqueces-te por ventura de que a educação modifica, e affeição a indole, melhorando a que he boa, corrigindo a que he má, temperando os costumes, e aperfeiçoando o entendimento?

E quem he tambem que isso te poderá duvidar, quando todo o Mundo concorda em que a educação he huma segunda Natureza? — Se pois me concedes, que os Homens são por natureza desiguaes, que por isso mesmo são necessariamente diversas as suas condições na sociedade, e que, segundo essas mesmas condições, a sua melhor, ou peor educação essencialmente concorre para a sua maior, ou menor perfeição no estado social, venhamos agora á igualdade legal.

Homem, eu já estou azoado com essa tua fieira Socrática! que tem tudo isso com o de que nós fallavamos? que tem tudo isso com os Doutores *Lagosta Verruga*, e *Luneta Batoque*? on-

de diabo me queres tu levar? — A' resolução do teu proposto, e ao desengano das tuas interrogações. A Ley, por sua inteireza e integridade, provê a todas as desigualdades naturaes e sociaes, protegendo a concordia, reprimindo os desmandos, punindo os crimes, e premiando as virtudes: e assim he que nos seculos mais illustrados, e nos tempos mais venturosos florescêrão os Estados mais opulentos, e respeitaveis. Se o Homem nobre, qualquer que seja o seu titulo, porque o mesmo vem isso a ser, e só differente segundo a differença nas formas do governo estabelecido: se o Homem nobre por linhagem, o Homem descendido d'alta jerarchia, ou distinctamente empregado, commetteo huma vileza plebea, ou se conduz de hum modo incoherente com a sua ascendencia e dignidade, não deve a sua grandeza isentallo da pena da Ley, perante a qual não pôde o crime deixar de ser punivel: mas tambem, se hum Homem plebeo, se hum Homem reputado vil por nascimento ou por occupação, fez alguma acção ou obra gloriosa; util, e digna do Homem nobre, não deve a sua anterior vileza privallo do premio que mereceo; seja nobilitado, e distincto, que distincto he perante a Ley, e digno de ser premiado todo o Homem que assim se amostia virtuoso: ao contrario porém, se hum Homem plebeo, e vil pretende sahir da sua esphéra, e, presumindo emparelhar e hombraer com os bons, vem fazer alarde de suas miserias, e patentear que mal o dotára a Natureza, e pouco o aperfeiçoára a Educação; a esse tal he justo que se lhe vibrem todos os apódos, a esse he justo que se lance em rosto a vileza de seus principios, e merece soffrer dobrada injúria.

Ora Graças a Deos, que chegaste ao ponto da questáo! — He claro: e lá havia de chegar, porque toda a agoa vai dar ao mar, todos os atalhos vão ter á estrada real, e os raciocinios são as viélas que conduzem ao caminho direito de todo o ponto de argumento, ou questáo que se ventila. Concluo pois, que pouco importa que o Doutor *Lagosta Verruga* fosse Arreireiro, ou Moço de Burros, e pouco importa que o Doutor *Luneta Batoque* fosse Tendeiro, ou Manteigueiro, ou isso que na verdade foi, se ambos elles fossem Homens honrados; e o podião ser, não obstante esses seus misteres, porque os Homens não são vis por natureza, sómente o são por condições; e de muita estima se faz acrédor todo aquelle que por seus talentos, e virtudes accresce lustre, ou ennobrece a condição em que nasceo: não faltão exemplos, e, por não hir buscallos mui remotos, nem muito estranhos e pouco sabidos, lembremo-nos de Domingos dos Reis Quita: foi elle, por seu officio hum pobre Cabelleireiro, mas por seu character moral hum verdadeiro Homem de bem, e mui distincto por seus talentos, que teve o cuidado, e a fadiga

de cultivar, emendando por seus desvêlos os erros da sua má educação: e daqui o que se segue? he que, lembrando-nos de Quita, esqueçemo-nos de que foi hum Cabelleireiro, e sómente o contemplamos como Homem honrado, e o nosso melhor Poeta Bucólico; e deste modo o pobre Cabelleireiro Quita he muito mais estimado do que o maior Fidalgarrão ignorante, ou perverso. Francisco Dias foi Tendeiro, mas tambem foi Homem honrado, tambem cultivou os seus talentos naturaes, tambem entre nós he distincto como Poeta Elegiaco, e está por tanto em caso semelhante ao de Quita. Dize-me agora: assim como o Quita fez cabelleiras, não podia o *Lagosta* fazer arreatas, ou pasteis, e, isso não obstante, ser tambem, como elle, distincto por seus talentos, e amavel por suas virtudes? assim como o Dias, não podia o *Luneta* embrulhar o seu papel de adubos, mas tambem, assim como elle, ser estimado por distinctas qualidades pessoases?

Oh! que por certo bem o podião, e nós lhe dariamos o seu justo louvor: porque são talvez mais dignos d'elle, e mais recommendaveis os Homens que, contra as obrigações do estado em que nascêrão, nobremente se distinguem, do que os outros que mais não fazem do que sustentar o lustre de seus antepassados, favorecidos por vantajosas circumstancias, mas sem pessoalmente se distinguirem; assim como são mais condemnaveis os nobres que por sua inepcia deslustrão a nobreza de sua ascendencia, do que os plebeos que se deixão levar na torrente dessas a que chamamos baixezas plebeas.

Agora bem: se os taes dous façudos, entufados, e suppostos Doutores; se os taes dous notaveis figurões, como quer que se elles chamão, são dous zótes completos, dous perfeitissimos san-deos; se em nada desdizem da baixeza de sua origem, e da vileza de seus principios, sendo antes vis por suas obras, e vilissimos por seu character; se elles são tudo o que já disseste, e o mais que não expressamos, mas conhecemos; se elles em fim tem tanta vileza como petulância, quem pôde com elles ser comedido? quem pôde serenamente attentar pelos orgulhos da estupidiz, da ignorancia, e da torpeza? Ou como queres tu que eu com os taes Doutores tenha o melindroso commedimento politico, e moral, que só he devido aos Homens de merecimento, quando tenham acaso algum daquelles pequenos desvios, que momentaneamente desáirão, não fazendo com tudo alteração essencial no character, ou na representação do verdadeiro Homem de bem?... Ora deixa-me fustigar sem piedade os taes Doutores, bem sabes quanto com os máos ella he nociva: deixa-me mostrar quem elles seião; deixa-me ridiculizallos, como merecem; deixa-me rir á custa delles; e conheça-os, e ria o Mundo.

Moniz,

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N.º 2, pag. 32.)

O Reyno estava attenuado, e sem forças para a defesa, carecia-se de prompto remedio, e D. Nuno se lembrou de D. João, Mestre de Avis, Filho d'El-Rey D. Pedro I., como unico, e proprio para calmar todas as discordias, sendo Principe geralmente amado por suas virtudes, e esforço, que elle bem conhecia por terem militado juntos, havendo aliás entre elles reciproca sympathia de affectos. Mas não podia conseguir-se fim util que não fosse ensanguentado com a morte do Conde Andeiro, por cuja mão, com escandalo geral, corrião todos os negocios: sobre este tratou D. Nuno com outros Fidalgos, e logo que effeituado, foi o Mestre de Avis recebido com vivas, e acclamações, e D. Nuno seu escolhido Conselheiro.

Tomado o Castello de Lisboa, no que D. Nuno teve a melhor parte, resolveo-se, por desaffrontar esta Cidade, tomara Praça de Alemquer, empreza em que elle entrou com 300 Lanças, e alguma Infantaria, formando com os seus hum corpo á parte. Mas, porque El-Rey de Castella entrou por nossas terras com grande poder, o chamou o Mestre de Avis a Lisboa, donde sahio a recolher bastimentos nos arredores de Cintra, que tambem estava por Castella; e, como de Alemquer sahisse o Mestre de S. Thiago com outros Cabos, e mil Lanças Castellhanas, a fim de impedir-nos as provisões de terra, e, por saber que já a Cidade estava abastecida, se intrincheirasse no Lumiar, donde commettia muitas hostilidades, sahio D. Nuno inesperadamente humia madrugada com 300 Lanças na resolução de combatello; mas não ousando os Castelhanos sahir de seus alojamentos, nem sendo bom conselho commetellos, depois de tomar posse do campo, voltou a Lisboa, onde foi recebido com applauso; com o maior engenho, pericia, e actividade proveo aos reparos de defesa. Passou a Almada com o Mestre de Avis: tornando a Lisboa, foi de novo ao Lumiar sobre os Castelhanos, que, deixando quarteis, e despojos, fugirão para Torres-Vedras, e Alemque: voltou a Almada, apaziguou hum tumulto, e fez jurar obediencia ao Mestre de Avis; e ameaçando o Alemtejo hum grosso Exercito Castelhanao, foi D. Nuno nomeado Fronteiro.

Mór (Capitão General daquella Provincia, contádo então pouco mais de 22 annos de idade.

Feito prestes, e assignada pelo Mestre de Avis Carta Patente em que declarava válido tudo por elle feito, com mil Infantes, e duas mil lanças em que se incluíão muitos Fidalgos, embarcou D. Nuno para Almada, onde suspendeo a marcha porque na foz do Tejo se descobrirão 8 vélas Castelhanas. O Mestre de Avis pôz logo de verga d'alto algumas galés, e outras embarcações, e D. Nuno, porque outra não achou, nem o animo lhe soffria tardanças, foi-se com seis companheiros a Cassilhas saltar em huma barca de Pescadores, e seguio o rumo de alguns baixeis que, arrazados em poppa, hião na esteira de outros que vogavão com a prôa no inimigo: correo perigo, por hum improviso temporal que sobreveio; mas, passado a melhor embarcação, e commettida a peleja, forão rendidas todas as Náos, sem que hum só Castelhana escapasse de morto ou prisioneiro. Apenas acabado o conflicto, voltou a Almada, e logo no outro dia proseguio a marcha, provendo a toda a boa disciplina. Reduzio Monte Mór o Novo á obediencia do Mestre de Avis, e avançou até Evora; mas, desmandando-se os Castelhanos em hostilidades, passou a Estremoz, onde esperava soccorros das Comarcas, apalancou-lhe o arrabalde, e fortificou as estancias com estacada. Havendo noticia de que já os Castelhanos estavam no Crato, reunio hum pequeno Exercito de cinco mil Homens, e endireitou a marcha para aquella Villa; porém os inimigos, que houverão por temeridade aquelle commettimento, levantarão campo, e marcharão em demanda dos nossos, a tempo que chegavão ao sitio dos Atoleiros. Alli mandou D. Nuno fazer alto, e ordenou a peleja por fórma não usada na milicia daquelles tempos: formou quatro batalhas, metteo no centro as bagagens e Besteiros, os flancos e retaguarda encarregou a Soldados de valor e confiança, e tomou para si a vanguarda. Commetteo-se a peleja, e esteve igual por largo espaço, até que alguns Cavallos Castelhanos começarão a se retrahir descompostos, e que, posto em completa derrota todo o formidavel Exercito de Castella, lhe seguirão os nossos o alcance em distancia de legoa e meia, acabando com a noite o conflicto, em que, além do grande numero de Soldadesca, morrerão muitos Fidalgos Castelhanos, e entre outros o Mestre de Alcantara, e Pedro Gonçalves de Sevilha, Adiantado de Andaluzia, dous dos principaes Cabos do Exercito.

Moniz.

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO IV.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Das Abelhas.

[A P E S.]

(Continuado do N. III. pag. 34.)

A *Nalyse chymica.* As abelhas contém hum ácido mui caustico, gordura cereosa, extracto. *Thoavenel. Mem. de la société de med. de Paris*, 1676. *Journ. de chim. de Crell.*, tom. 5, pag. 146, 1780.) Segundo *Ronelle*, não fornecem acido, mas antes alkali volatil: e se algumas vezes o dão por acaso, procede do mel que contém, (*Journ. de med.*, 1771, tom. 36, pag. 256. *Suppl. aux. Ann. de Crell de chim.*, 1786, tom., pag. 84.)

O veneno das vessiculas destes insectos contém huma materia amarga, que tinge de vermelho o papel de turnesol, soluvel na agoa; insoluvel no alcool. (*Fontana. Thomson, syst. de chim.*, tom. 9, pag. 264.)

Antidotos, e soccorros. Deve-se recorrer ao processo de *Swammerdam*, que consiste em extrahir o agulhão cravado nas carnes, havendo cuidado em não exercer huma pressão forte sobre a ferida, porque o veneno da vessicula, sendo extravasado, pôde penetrar mais com o agulhão. Não se deve dissimular que semelhante extrahição he difficultosa, por causa dos filamentos lateraes de que o agulhão he armado. Será pois necessario cortar com tisoura toda a parte que estiver fóra da ferida, e tirar depois o agulhão, se for possivel, a beneficio de hum pequeno alfinete. A parte picada deverá logo ser lavada com agoa fria, e melhor ainda com agoa do mar, ou com huma dissolução de sal marino em agoa: *Dioscorides* foi o primeiro que conheceo a vantagem deste liquido. Seria também muito útil applicar sobre o lu-

gar doloroso o suco lacteo de papoulas brancas (dormideiras), ou qualquer outro calmante. M. *Delaister* refere ter feito uso deste suco para mitigar a violenta dôr occasionada por huma abelha porque fôra picado; a qual não tardou em se acalmar, sem que sobreviesse depois inchação. (*Journ. de med.*, tom. IV., pag. 309.) As emborcações oleosas, a *agoa de Goulard*, e as loções de urina podem tambem ser uteis; porém não se deve dar crédito á incoherente mistura de plantas, de que se servem muitas vezes os empiricos e os rusticos.

ARTIGO II

P O E S I A.

O D E

Here the Muse so oft her harp has strung
That not a mountain rears its head unsung,
Renown'd in verse each shady thicket grows,
And ev'ry stream in heav'nly numbers flows.

Addison.

Se, não tarde meu prospero Destino
Me permittir, bem como
Lisongeira Esperança me assegura,
Que, do Tejo deixando
A saudosa foz, corra aos Paizes
De Poetico influxo
Onde Homero nasceo, onde Alexandre;
Que, nas margens do Ismena,
Em Elide, em Olympia extasiado
De Pyndaro recite
Os Hymnos immortaes, e em torno veja,
Estremecer gozosos
As Arvores, o Campo, Outeiros, Fontes,
Que outrora os escutarão
Em dias de esplendor, e hoje aturdidos
Dos barbaros accents
Do indouto Habitador, do Turco atroce!
Que sensação promiscua
De gosto, e de pezar, saudade, e assombro
Se apossará desta alma!
Rio alli não verei, planicie, ou monte
Ou pelago, ou ruina,
Que d'antigos portentos me não falle!
Do bicorneo Parnasso
Aos cumes subirei já não canoros!
Do Cythéron á sombra

D'Edypo, de Jocasta as desventuras,
 D'Antigone a piedade,
 Dos Irmãos a sacrilega contenda
 Recordarei gemendo!.....
 Vendo os destroços do Pyreo, tão ermo
 O tremendo Areopago,
 Derribado o Pincel, hão de inundados
 De lagrimas meus olhos
 Presumir que do gelido sepulchro
 Merencorios surgindo
 Milciades, Themistocles, e Gimon,
 E Pericles facundo
 Vem accusar degêneres seus Netos!...
 „ Onde, Sparta, onde existe
 „ Prisco brio d'intrepididos Guêrreiros
 „ Com que luziste hum tempo?....
 „ Termopylas (darei) mostra-me aonde
 „ Impavidos pugnárão
 „ Sos trezentos Heróes, votando a vida
 „ A' patria liberdade,
 „ Abarreirando a Persica torrente?....
 „ Quero odorosas flores
 „ Soltar a plenas mãos no sitio honrado,
 „ E em Lusitano metro
 „ Hum Cantico entoar-lhe!.... eu vos saudo,
 „ Marathona, Plateas,
 „ De renome immortal!.... tinto de sangue
 „ O Mar de Salamina
 „ Cuido inda ver!... como deixaste, Apollo,
 „ O teu mimoso Pindo?....
 „ E tu, que em solidão d'estiva noite
 „ Inda carpindo escutas
 „ Da ternissima Sapho a mesta Sombra,
 „ Ao menos me descobre
 „ Por entre a relva, oh Leucate hum vestigio
 „ De teu soberbo Templo;
 „ Mostra-me hum Capitel dessas columnas,
 „ Que os raros, que escapavão
 „ Dão fatal salto, miseros Amantes
 „ Em torno delle erguião
 „ Tropheo religioso! ou dá que ao menos
 „ Eu possa recostar-me
 „ No túmulo de tantos que moirrerão!....
 „ Do Archypelago, oh Filhas,
 „ Insulas productoras, leves traços
 „ Vosso gremio me offerta
 „ Dos quadros de Theocrito!.... nas vozes
 „ Das vossas lindas Nymphas
 „ A harmonia ouvirei, e os meigos quebros
 „ Do culto antigo Idyoma,
 „ Que inda em versos de Sôphocles me encanta?....
 „ Visos terão seus Bailes
 „ Das antigas Choreas?.... em seu rosto
 „ Notarei alguns longes

„ Da formosura d'Helena? . . . „ oh dos Vates
 Modelo, Pay, e assombro,
 Oh cego Lince, oh portentoso Homero,
 Como o Sol sempre novo,
 E sempre inspirador, e sempre o mesmo,
 Cujo berço disputão
 Sette Povos rivaes! . . . onde foi Troya,
 Nesses magicos sitios,
 Que inspirarão a Iliada, minha alma
 Hirá colher imagens
 Para reproduzir nos meus teus versos!
 Eu que de noite, e dia
 Teu Poema immortal folheio, estudo,
 Nelle prestigios novos
 Absorto encontrarei, quando, sentado
 No verdoso cacumen
 Do Ida basti-arbori gero, distenda
 A deslumbrada vista
 Pelos campos de Troada, marcados
 Com as batalhas tuas;
 Pela amena extensão de Mysia, e Tracia,
 Por longos Promontorios,
 Cruentas margens do Scamandro, e Symois!
 Desandando Evos trinta,
 Minha Imaginação das mudas cinzas
 Re-ergue os Teucros Muros! . . .
 Argivos Arrayaes outra vez bordão
 As bellicosas prayas;
 Mea espada despindo o fero Achyles
 Ao Rey dos Reys se attreve! . . .
 No Carro destructor Meneláo vóa,
 Lá se trava, e combate
 Contra o formoso Adultero, a quem salva
 Soccorredora Venus!
 Qual em manse Redil dois feros Lobos
 Ulysses, e Diomedes
 Prostrão de noite adormecidas Hostes
 Do miserando Rheso,
 E os Cavallos fataes illesos trazem:
 Depondo o capacete
 Toma nos braços o assustado Infante
 Heytor, e ao lado o rosto
 De pérolas orvalha a terna Esposa! . . .
 Lá d'involta prelião.
 Homens, e Numes! . . . qual trovão rebrama
 Do ferido Mavorte
 Nas cavernas echi-sonas o brado! . . .
 Eis a Terra se aballa,
 Salta Plutão do Throno, e grita, e teme
 Espavorido os rayos
 Ver do Sol devassar-lhe o Reyno umbroso! . . .
 Sobre o Athos lá pouza,
 Descendendo do Olympo a augusta Juno
 Lá Neptuno contempla

De Samotracia os Teucros, e os Achyvos,
 Deixa em Imbros seu Coche,
 E aos trepidentes Danaos traz auxilio!...
 Eis vem Vulcano armado
 De devorante incendio, abraza os Rios,
 Que já piedade implorão!...
 De Crocco, e de Jacintho se matiza
 Gárgara, em quanto involto
 Em aurea nuvem da Consorte em braços
 Saturnio se adormece.
 Jaz Patroclo!... Sarpédon, não te vale
 De Jupiter ser prole
 Que no manto fatal te esconde a Morte!....
 Eis do Amigo á vingança
 Se arremessa frenetico o Pelida.
 Vai o sangue em torrentes,
 Destructor como a Peste, prostra, e varre
 Os miseros Dardanos!...
 Surdo aos rogos da Mãe, Heytor o encontra
 E em torno aos Patrios muros
 Prezo ao carro do Imigo furibundo
 Vai de rojo o Cadaver!
 Eis succumbindo aos annos, e aos desgostos,
 Por Cylenio guiado
 O miserando Priamo de bejos
 Cobre a mão homicida,
 Que o Filho lhe roubou, e a peso d'ouro
 Lhe rime o espolio exangue!
 Oh sublime Cantor! quando algum dia
 Se extingua este Universo,
 Da geral destruição benignas Musas
 Hão de salvar teus versos,
 Para ao som d'aureas harpas descantallos
 Nos Convivios do Emyreo!

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

*Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias,
 das Artes, e das Letras.*

(Continuado do N. II. pag. 30.)

Mal pôde duvidar-se de que ha alguns acasos venturosos? hum acabâmos nós de ter, porque, pela deducção de nossas idéas, viemos a deparar com Bocage no mesmo ponto em que, na mesma pag. 29, com elle prosegue seus arrasoados o Auctor do Discurso Preliminar: e diz elle „ Hum só Homem dos que viverão „ nestes ultimos annos em Portugal era capaz de combater, e

„ de confundir a numerosa turba dos rythmadores sem estro,
 „ sem lição, e sem gosto. Era elle dotado da mais fecunda ima-
 „ ginação, de huma facilidade de improvisar rythmas apenas
 „ crível; tinha gosto, crítica, erudição, e perfeito conhecimen-
 „ to dos Classicos nacionaes e estranhos; e, não obstante este
 „ raro concurso de qualidades preciosas, poucas composições ori-
 „ ginaes nos deixou nas suas obras, assaz volumosas, verdadei-
 „ ramente dignas de admiração, e de servir de norma aos vin-
 „ douros. Que faltou pois a Bocage para se elevar á preeminen-
 „ cia a que o seu grande engenho o destinava? O ter vivido em
 „ outro seculo, e ter poitado á face de hum público capaz de o
 „ dirigir por huma san crítica, e de rebater nelle os effeitos de
 „ huma nimia fecundidade, a qual, apoucando o estro em ry-
 „ thmas, improvisos, e outros jogos poeticos, amortece no Va-
 „ te o fogo creador, cujo influxo o pode só exaltar e soste-
 „ r no vôo atrevido ás regiões do bello e do sublime. Não he mi-
 „ nha intenção menoscar o engenho de Bocage, e o mereci-
 „ mento de muitas traducções, e de algumas das suas composi-
 „ ções poeticas, e a facil versificação e pura linguagem de to-
 „ das. Só deploro como Portuguez, e como amigo intimo que
 „ fui delle que, de tão raro genio, de tão fecunda, rica, e bri-
 „ lhante imaginação colhesse a Patria tão escassos fructos. „
 Ora em primeiro lugar, tirando-lhe o numerosa, que neste lugar
 he hum daquelles epithetos a que Horacio chamava *ambiciosa
 ornamenta*, isto he, luxo e superfluidade d'estylo; parece-nos
 que, para confundir a turba dos rythmadores sem estro, sem li-
 ção, e sem gosto, não se carecia de hum tão esforçado Athleta,
 ou antes de hum Athlante qual he Bocage em Poesia; pois que,
 apezar de haver *pedantissimos Fogaçãs* que por menoscabo o ap-
 pellidem *Manoel Bocage*, e lhe attribuão estes versos:

*Sapos, Tatús, Escorpiões, e ao vellos
 Erguem-se a pino súbito os cabellos.*

E outrás sandices taes; e apezar de alguns outros seus antago-
 nistas de melhor nome, se bem que peccantes por parte da pe-
 danteria; e ainda tambem apezar dos poucos defeitos que em suas
 muitas composições podem tachar-se, parece-nos que Bocage fez
 época em nossa Poesia, e até nos parece que he este o voto
 dos Homens intelligentes, imparciaes, e de boa fé. Longe esta-
 mos nós de o pertender emparelhar com Francisco Manoel,
 nem ainda com Garção, ou com Diniz; (1) porém julgamos que

(1) Ainda a estes ajuntáramos Domingos Maximiano Torres,
 se houvessemos de abertamente assentar a nossa opinião pelo que del-
 le sabemos, e não pelo que de suas obras está impresso; porém at-
 tendendo a estas, Torres ficou inferior a Bocage, e não sómente por
 quantidade, senão que por qualidade, variedade, e amenidade de
 composições.

Bocage, sendo-lhe aliás inferior por outras condições, he superior a todos os nossos Poetas na contínua elegancia, harmonia, e suavidade, assim de metro como d'estylo.

Em segundo lugar: não sabemos o que quer dizer *facilidade de improvisar rythmas*, e muito menos se a isto ajuntamos o *apoucando o estro em rythmas, improvisos, e outros jogos poeticos*, que logo abaixo diz o Auctor, parecendo deste modo querer significar a differença e diversidade entre os varios *improvisos*, de maneira que huns sejam sómente de *rythmas*, e outros de outros *jogos poeticos*, que também parece não poderem deixar de se versos: o caso está intricado, e hum pouco esdrúxulo, e nós confessamos que nos não entendemos com elle. O Auctor protesta *não ser sua intenção menoscabar o engenho* de Bocage, ainda que muito nisto o parece, e muito mais em *deplorar que de tão raro genio colhesse a Patria tão escassos fructos!* Com effeito, se isto não he ironia, parece-o pelo vidonho, e com isso ingenuamente confessamos que nos escandalizámos. Mas, sem que pelo affôgo nos suba o coração á bocca, e visto dizer o Auctor *que foi seu intimo amigo*; agora eu que atéqui tenho fallado hum por todos, deixando o plural Romano, affirmo: que mui devéras fui seu amigo, e que ainda o sou; que ainda amo e respeito as suas cinzas, e que ainda não posso recordar sem mui profunda saudade mais de sette annos..... e oxalá que não fossem tão poucos: de nossa nunca interrompida amizade: Bocage morreu antes dos quarenta annos, e deixou-me com vinte e tres: oh! eu carecia muito de hum amigo de tão bom engenho! e ainda o reconheço, e o choro. Mostrarei pois, por honra da sua memoria, e por desaffogo do meu coração, mostrarei quáo descuidadamente a seu respeito escreveo o Auctor deste Discurso Preliminar: serei porém tão amigo da verdade quanto o fui do proprio Bocage, e não occultarei os seus defeitos poeticos.

Manoel Maria de Barbosa du Bocage possuio a melhor parte dos dotes intellectuaes; porque teve hum muito extraordinario talento, hum argutissimo engenho, e huma prodigiosa memoria; facilmente concebia, rapidamente penetrava, e todas as idéas retinha; ajuntando a isto o dem particular de lhe affluirem as proprias, claras, e elegantes expressões de tudo quanto se propunha a referir, descrever, ou representar. A memoria enriqueceo elle com tudo o que no seu tempo havia bom em Literatura, Historia, e Poesia, nas linguas Portugueza, Castelhana, Franceza, Italiana, e Latina, as quaes perfeitamente sabia: a meditada leitura dos bons modelos, e a comparação de huns com outros escriptores lhe apurou o gosto; e como em seu penetrante e delicadissimo entendimento immediatamente frisava o bom e o máo, em todas as suas gradações, eis-ahi formado o excellente critico, e na verdade o foi. Teve mui ardente e vigorosa phantasia, porém não, como lhe concede o Auctor, *secunda imaginação*: Bocage creava pouco, ainda que produzia muito,

por isso que tudo facilmente concebia, e, apenas concebido, o expressava com tanta energia, elegancia, e facilidade que nenhuma cousa havia, por mais ardua que fosse, que elle não soubesse em bons versos exprimir: e eis-ahi o porque foi tão excellente Traductor. Teve mui vasta lição dos generos que mencionei, porque a *erudição*, que tambem o Auctor lhe concede, a esses generos se limitava, sendo aliás mui simplicies as suas noções scientificas: e eis-ahi tambem o porque os bons entendedores achão as suas composições originaes pouco ataviadas de bom saber. A sua mui facil comprehensão, a sua eloquencia natural e adquirida, e a sua ardente e até vulcanica phantasia erão partes para tudo descrever com graça e energia; porém essa mesma excessiva phantasia, essa nimia facilidade de produzir o desviavão de estudos mais assíduos e profundos; privando-o assim daquella profúndez de pensar, daquella intensidade de imaginação que produz os grandes quadros, e distingue os maiores Poetas, taes como por estes principios podemos chamar Camões entre os nossos antigos, e Francisco Manoel entre os nossos modernos.

He isto o que entendo ácerca das facultades intellectuaes e poeticas de Bocage. Agora quanto ao mérito de suas producções, reservando-me para mais largamente dellas ajuisar em huma Memoria que aprompto dos nossos Poetas Lyricos, direi em summa: que todas ellas são escriptas em huma linguagem vernacula e tersa, energica e elegante, culta e adequada, corrente e graciosa; podendo apenas notar-se-lhe que he pouco phraseado o seu estylo, e de quando em quando algumas tenuissimas imperfeições grammaticaes, e demasiadas anáphoras ou repetições: porém, torno a dizer, he elle superior a todos os nossos Poetas na contínua elegancia, harmonia, e suavidade, assim de metro como d'estylo. Quanto aos generos: he elle o nosso mais elegante Traductor, e o nosso melhor Fabulista; he hum dos nossos mais excellentes Poetas Bucólicos, e Anacreonticos; e hum dos nossos bons Elegiacos, e Epistolares. Quanto ao número: ha impressas as traducções de quatro Poemas didacticos, *os Jardins* de Delille, *as Plantas* de Castel, *a Agricultura* de Rosset, e *o Consorcio das Flores* de Lacroix; outro Poema narrativo, *a expedição de Tripoli*, de Cardozo; tres Tragedias, *Atilio Regulo*, *Vestal*, e *Eufemia*; muitos dos melhores trechos das *Metamorphoses* de Ovidio, e muitos outros de diferentes Poetas: ha originaes, muitos e bons Idyllios, Cantatas, Elegias, Epistolas, Fabulas, Odes e Cançonetas Anacreonticas, Sonetos, Epigrammas etc. E deplora o Auctor *que de tão raro genio colhesse a Patria tão escasos fructos!* Bocage não chegou a contar quarenta annos de sua idade, as suas obras, bem colligidas e ordenadas, formarião bons dez Volumes de 8.º regular: e *colheo a Patria escasos fructos!*

Eu quero acreditar, como diz o Auctor, que *foi seu intimo amigo*; quero acreditarlo, porque acreditados devem ser os Homens que assum mostrão tão bom engenho e lição em seus escriptos; e, ainda que nesta parte lhos vejo menos bem apurados

pela reflexão, eu quero acreditalló: mas parece-me então que devia não somente melhor conhecer Bocage, senão até mostrar-se mais zeloso da sua gloria, que desse modo juntamente honraria o Amigo, e a Patria. Não fallo dos improvisos de Bocage, que esses morrerão com elle, até porque apenas deixou quem mui de longe o imitasse: Bocage não tinha, como diz o Auctor, *huma facilidade de improvisar rythmas apenas crível*: Bocage tomava-se de huma intima agitação, possuia-se de hum Sibyllino estremecimento, de hum furor divino, e em longa e impetuosa torrente lhe affluíão os bons Versos, com copia de nobres e arrojados pensamentos, com profusa erudição, e sustentada elegancia: Bocage improvisando era hum prodigio que eu não espero de tornar a ver, era hum prodigio que ninguem deixou de admirar; e, se as suas composições á banca fossem bellas proporcionalmente aos seus improvisos, Bocage seria o nosso maior Poeta.

Mas sobre isto ajunta o Auctor ao mais dicto „ A elle mes-
 „ mo fiz repetidas vezes estas observações, estimulando-o a que,
 „ deixando trovas, das quaes, pelo pouco que lhe custavão, el-
 „ le fazia pouco apreço, aspirasse a emparelhar, e até a remon-
 „ tar acima dos Vates Lusos. Talvez se a morte não tivesse tão
 „ cedo terminado a sua existencia, que dócil a estes conselhos, dos
 „ quaes elle melhor que ninguem conhecia o valor, teria em-
 „ prendido trabalhos de maior monta, e deixado á posterida-
 „ de hum monumento duradouro, digno della, e de seu Auctor. „
 Ora isto, aproximado ao *não he minha intenção menoscabar o
 engenho de Bocage*, vem a ser huma perfeita ironia, e por certo
 que he bem mal empregada, e bem intempestiva rethorica! O
 Auctor não pretende *menoscabar Bocage*, porém diz que Boga-
 ge *poucas composições originaes deixou dignas de admiração*; diz
 que Bocage tinha *huma facilidade de improvisar rythmas apenas
 crível*, e aos seus improvisos chama *trovas*; diz que Bocage tal-
 vez, se não fosse a morte, *teria deixado á posteridade hum mo-
 numento duradouro*! Ora pois eu repito-lhe, que Bocage impro-
 visando era prodigioso, e attesto e chamo a juizo todos aquelles
 que o ouvirão: digo-lhe que o improvisar a miudo he loucura,
 e até pôde dizer-se ridicularia, pelo perigo que nisso ha de dizer-
 frioleiras, e talvez disparates; porém que o improvisar algumas
 vezes he prova de bom engenho, e que todos os grandes Poetas
 tem alguns accessos de entusiasmo, alguns assaltos do estro,
 em que, por huma nobre e violenta explosão métrica, paten-
 teão o fervor de sua imaginação: se pôde, negue o Auctor que
 fosse Metastazio hum grande Poeta e hum grande Improvisador,
 do que elle proprio se jacta em seus escriptos; ou pergunte ao nosso
 Francisco Manoel quantas vezes, por effusão d'alma com os seus
 amigos, tem perante elles improvisado? Digo-lhe ainda mais:
 que Bocage em suas composições originaes deixou á posteridade
 muitos monumentos duradouros, e muitos outros em suas bellas

traduções poeticas: nem isto he tudo, porque não só foi elle hum dos nossos melhores Poetas, senão tambem hum dos nossos bons Oradores, do que são clara prova as traduções da Galathea de Florian, dos primeiros dous Tomos do Gil Braz, e ainda outras. Digo-lhe em fim: que a Bocage o que unicamente lhe faltou foi temperança de phantasia, para menos reconhecer a sua superioridade; porque olhe que elle não fazia *pouco aprego* dos seus improvisos tambem nisso o Auctor se engana; Bocage sabia bem o que fazia, e sabia dar-lhe prego; porém, torno a dizer, faltou-lhe temperança de phantasia, para não abusar das proprias forças, buscando antes vigorallas e accrescellas com mais porfiado estudo. Foi isto o que a Bocage faltou, e não, como diz o Auctor, *o ter vivido em outro seculo, e ter poetado á face de hum público capaz de o dirigir*; porque Bocage poetou á face de tudo o que melhor havia em Portugal, e em Portugal havia no seu tempo, e ainda hoje existem muitos Homens abalisados em todo o humano saber.

Talvez quererá dizer o Auctor, que Bocage não compôz Odes Pyndaricas, e ainda das Horacianas poucas boas e nenhuma excellente: mas nem só aquelles que fazem excellentes Odes são excellentes Poetas, e Bocage, em outros generos, levou á Patria, e deixou á posteridade excellentes poesias. Talvez tambem quererá dizer, que o monumento duradouro de que falla de hum Poema Epico: saiba pois que Bocage, *docil* não sómente aos conselhos do Auctor, porém aos de alguns seus verdadeiros amigos, os quaes vião em seus improvisos huma grande ruina de sua saude; pois que elle nesses tropeis de phantasia descorava, affogueava-se, estremecia, cahia-lhe em bagas o suor, e não comia; saiba, lhe digo eu, que Bocage nos ultimos annos de sua vida já raramente improvisava; que, por isso mesmo que havia reprimido e moderado os impetos da phantasia, cogitava de mais longas composições, e tinha projectado huma Epopéa sobre o descobrimento do Brazil: delle escreveo sessenta e tantas oitavas, que com outros muitos manuscriptos forão desencaminhados pela malignidade invejosa, e que não poude continuar opprimido por sua longa e mortal enfermidade. Finalmente, quererá talvez o Auctor fallar de poesia dramatica: saiba pois que tambem disso cogitou Bocage, e que disso apparecêrão provas, apezar do descaminho de seus manuscriptos. Por não repetir idéas, remetto o Auctor, ou quem quer que tenha vontade de saber o que nisso em verdade se passou, para o Prologo de hum 5.º volume de — Verdadeiras ineditas Obras Poeticas de Bocage — e veja-se, do que eu ahi digo, póde inferir o que mais por decencia omitto. Referirei com tudo huma anecdota digna de ser sabida.

Ao tempo em que eu aquelle volume collegia, fui abalroado por huma terceira pessoa, para ceder os manuscriptos que ella propria me entregara, visto não serem mais do que huns tenues

fragmentos, e haver outra pessoa... em cuja mão paravão as obras a que elles pertencião, e propôr-se a tal outra pessoa... a tomar o trabalho de apresentar a Collecção completa; porém eu, que sabia bem ser aquella mão a de hum antigo, virulento, e acerbo inimigo de Bocage; daquella mesma pessoa.... que, havendo-se apoderado de todos os seus manuscriptos, em vão se encarregára de quanto antes colligir hum outro volume, que se imprimisse em proveito da sua inconsolavel Irmã, Senhora de muito juizo, e que Bocage comsigo mantinha como Homem de probidade: eu que bem sabia ser a mão daquelle mesmo que o melhor delles até então havia occultado, sómente negociando alguns avulsos com que se acabarão de encher dous IV., e hum outro V. volumes, dictos todos elles de = Obras ineditas = porém na verdade contendo muitas já publicadas, e algumas poucas alhêas: eu, que bem sabia ser a mão daquelle mesmo Cynico impudente, que, a titulo de reconciliação com Bocage, se lhe aproximou já ao leito da morte, para com elle practicar a ultima perfidia, e accrescer ainda aquella ao quasi immenso rol de outras infamias, respondi ,, Pois bem: venhão essas Obras, de que eu estou bem certo serem tenuissima parte estes poucos manuscriptos que vierão a meu poder, porque vi todos os de Bocage; venhão ellas, que ninguem de melhor mente as poderá ordenar, pois que ninguem foi mais devêras seu amigo ,, E guardei-me bem de largar esses poucos que tinha, de que ordenei o mencionado V. volume de Obras na verdade ineditas, e que, assim mesmo poucos, além de serem hum novo abono dos créditos de Bocage, abonarão tambem a verdade com que eu declamei contra o maligno roubador da sua gloria. Isto se passou em 1814, e atêgora Abril de 1819, nada mais tem apparecido; nem talvez apparecerá, senão he que a indigna mão em que essas obras paravão está suspensa aguardando melhor ensejo e monção, para talvez com alguns remendos proprios as publicar por taes, que talvez tambem não será essa a primeira Obra com que assim o faça; e esta idéa me induz a prevenir os meus Leitores sobre o mais importante dos extraviados manuscriptos de Bocage, quero dizer, a sua Tragedia = Eulalia.

Já eu disse no citado Prologo, que, de quatro Tragedias que Bocage havia premeditado, só escrevêra hum Acto de = Vasco da Gama, ou o Descobrimto da India = só dous de = Viriato, ou o Heróe Lusitano = e só tres de = Affonso Henriques, ou a Conquista de Lisboa = porém que á = Eulalia, ou a Vingança de Amor = sómente, porque depois de muitas emendas, elle frenetico a rasgára, faltava huma das scenas do 4. Acto, e havia a penultima no 5. incompleta: e, sendo igualmente verdade tudo o mais que a este respeito hei dicto, accrescentarei agora: que na Tragedia = Eulalia = se offerecião em contraste algumas das mais violentas paixões com algumas das melhores virtudes e condições da Humanidade: taes erão a Nobreza opulen-

ta, orgulhosa, e mal intencionada na pessoa de Ramiro, desprezado Amante de Eulalia, com a Nobreza em desfortuna nas virtuosas, nas pessoas de Jayme, Pai de Eulalia, e de Arnaldo, seu correspondido Amante, em quem erão aquellas mesmas boas condições realçadas pelo mais sublime valor; e taes erão o amor e as virtudes idoneas ao sexo, e ao estado de Mathilde, e de Eulalia; a primeira Viuva, e contratada Esposa de Ramiro, porém Amante de Arnaldo; e a segunda ainda Donzella, e rival de Mathilde etc. etc. A acção era toda imaginaria, e sem mais fundamento do que os costumes do tempo da dominação Feudal, nas primeiras épochas da nossa Monarchia entre nós estabelecida na pessoa dos chamados — Riccos Homens. Se eu agora quizesse escrever hum Epigramma, diria que, com diferentes fórmulas e quasi iguaes resultados, dominavão então os — Riccos Homens — e agora os — Homens riccos. Porém deixando motes, que mal vem a pelo, certo he que houve quem visse tudo, ou quasi tudo isto que refiro das Tragedias de Bocage, havendo até quem alguma cousa aproveitasse da — Conquista de Lisboa — e cuido que esta idéa geral será bastante para tolher que nenhum maligno roubador da gloria alhea, nem ainda mudando-lhe os nomes ou outra alguma incidencia, ouse publicar por suas as Tragedias de Bocage, e especialmente a — Eulalia — que por certo honraria a Literatura Portugueza.

Desculpem-se alguns amargores, ou acrimonias que possão talvez deparar-se em minha maneira de expôr, de arguir, ou de phrasear; e á boa parte se me tome esta digressão, feita em obsequio de amizade que estreitei com Bocage, e em desaffronta e vingança da sua memoria, pois que sempre deve prezar-se a dos Homens de merecimento.

*Vellem in amicitia sic erraremus, et isti
Errori nomen virtus possuisset honestum.* (Hor. L. 1. Sat. 3.)

Quizera assim que da amizade aos erros
Lhe puzesse a virtude hum nome honroso.

Moniz.

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO V.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

A Dança deve, como a Pintura e a Poesia, ser huma cópia da bella Natureza. Hum Baile he hum quadro, a Scena a tela, o movimento mechanico das figuras equivale ás côres, a physionomia dellas ao pincel; o todo, e vivacidade das scenas, a Musica, e o Vestuario formáo o colorido, e o Compositor he o Pintor. Porém nesta arte se offerecem ao Artista mais obstaculos para vencer do que nas outras, porque o pincel, e as côres não estão na sua mão, e os quadros devem ser variados, e momentaneos.

Os Bailes, que atégora temos tido são em geral monotonos, e languidos, falta-lhe aquelle character de expressão que lhes serve de alma; nada mais raro do que encontrar genio em sua composição, elegancia em suas fórmãs, facilidade em seus grupos, e exaticdão, e limpeza nos meios de que as diversas Figuras se servem. Deverião os Mestres de Dança, se tivessem amor á perfeição, e enthusiasmo pela gloria, consultar assiduamente os quadros dos grandes Pintores: este exame os aproximaria da Natureza. Então melhor instruidos fugirião quanto lhes fosse possível daquella Symetria de Figuras, que, fazendo repetição de objectos, offerece dous quadros semelhantes na mesma tela. Quadros symmetricos de direita á esquerda, só podem ter lugar nas entradas de Figurantes, que não tem character algum de expressão, e servem unicamente de dar aos Dançarinos lugar para que tomem a respiração. Tambem poderia caber em hum Dançado geral, com que se termine huma festa em Quartetos, e Sextetos, a pezar de que he ridiculo sacrificar nestes passos a expressão, e o sentimento á flexibilidade do corpo, e agilidade das pernas. Nas scenas d'acção e deve a symetria ceder infallivemen-

te á Natureza. Quem he que vio symetria em hum rebanho de ovelhas, que foge dos dentes mortiteros do lobo; ou em Camponezes, que desamparão seus cazaes, e campinas para forrar-se as iras do inimigo, que os persegue? a arte consiste em saber disfarçar a arte. Não presumão que intentamos prégar a desordem, e a confusão; o que nós queremos he que na mesma irregularidade se encontre a regularidade. Queremos engenhosos grupos, sentimentos fortes, porém sempre naturaes. As Figuras só podem agradar sendo apresentadas com ligeireza, e desenhadas com tanto gosto como elegancia.

Huma Dança bem composta he huma viva Pintura das paixões, costumes, usos, cerimoniaes, e trajes de todos os Povos da Terra, e por consequencia deve fallar á alma pelos olhos. Dança que he fallida de expressões, de quadros vivos, e de situações fortes fica necessariamente sendo hum Espectaculo monotonico, e fastidioso.

Como as Danças entrão na ordem das Representações, devem reunir as Partes do Drama. De ordinario não ha sentido algum nos assumptos que se tratão em Dança, e são hum apondoado de scenas desligadas, e tão confusas, como desagradavelmente conduzidas. He com tudo em geral indispensavel a observancia de algumas regras. Todo o assumpto de Baile deve constar de exposição, nexos, e solução. *Continuar-se-ha.*

ARTIGO II.

P O E S I A.

O D E

Aos Lyricos Portuguezes.

Cur facunda parum decoro
Inter verba cadit lingua silencio?

Hor. L. 4.^o Ode 1.^a

Esmoreceo-me: o fogo da Poesia

Só prende rutilante

Pelo arrayal dos corações viçosos.

Se a testa se espaceja,

Porque já de cançada a Natureza,

Como n'arêa ás plantas,

O nutritivo succo ás tranças nega;

Da tarda Phantasia

Perdem a rama as affroxadas plumas,

Gelão-se os montes do Estro,

E as altiyas a mente desamparão

Idéas arrojadas.

Eu, que logo a virente puberdade

Emmurcheci, cuidoso

Com mágoas encetando o soffrimento;
 Eu, a quem prematura
 A velhice a cabeça despovôa,
 Como hei de des-invólto
 Em luminosos vãos desmandar-me
 De Pyndarico arrojo;
 Se, bem como hum regato pelo estio,
 A já mingoáda véa
 Parcas agoas murmúra, que saciem
 Minhas Piérias sedes?
 Oh! com que inveja, alti-loquo Filinto, (1)
 Leio, e re-leio ancioso
 As, de-ley-soltas com feliz audacia,
 Cadencias que bebeste
 Nas proficuas de Pyndaro, e de Horacio
 Lições, que superaste!
 Odes, que do Saber, do Engenho ao cunho
 Verbi-ditoso fórjas,
 Deixão muito após Ti quantos nas azas
 Da Lyrica ousadia
 Colhêrão doutos no bicorneo Monte
 Os tão difficeis louros.
 Nada menos por letras que por armas
 Verendo, e venerando,
 C'os seus os outros levaria Cysnes
 Mui de-vencida o Tejo,
 Se a algum, que não a Ti (depois das éras
 Tão saudósas ao Tibre)
 Confiára Apollo delegado o sceptro
 Da Lyrica harmonia.
 Arroja-se, e tropeja, e se desmede
 De Pyndaro na esteira,
 Como o Vesúvio em lávas ferve, ondêa,
 E como zôão, fremem
 Nos campos de Neréo pugnando os Euros
 Elpino; ou já de Teios (2)
 Segue o velho Cantor, que moço em estro
 A Baccho, e Cytheréa
 Votou delirios melico-jucundos.
 Suave quão sublime
 Canóro Corydon desfere encantos (3)
 Na Lyra de Venúsia;
 Com Flacco, e Juvenal flagella os Vicios,
 Ou lauréa a Virtude.

(1) Quem não conhece o Padre Francisco Manoel, especialmente por suas Odes immortaes?

(2) Elpino Nonacriense: o Desembargador Antonio Diniz da Cruz e Sylva.

(3) Corydon: Pedro Antonio Correa Garção.

Ora com Grego plectro, ora Latino
 Alfeno cadencêa (1)
 Lidados sons de melodia estrême:
 E o Duriense Elpino, (2)
 Nobre Alumno de Sôphia ás Musas charo,
 Em varios modos douto
 Com phrase castigada e culto metro
 Sôa de Horacio a Lyra,
 Que destro imita, e que traduz ditoso.
 No aureo seio da Gloria
 Pousai, dormi, c'roadas de renome
 O' Sombras venerandas
 Do divino Camões, sábio Ferreira,
 Suavi-loquo Bernardes,
 Miranda, Alv'res, Caminha, e Veiga, e Lobo. (3)
 Pousai, dormi vós todos
 Claros phanáes das re-lembradas eras
 Que, em letras e armas grande,
 Portugal assombroso abriu ao Mundo,
 Por entre irados medos
 Do acapellado incognito Neptuno,
 Caminho a novos Mundos.
 Pousai, dormi de Almeno (4) e Alcino, ó Sombras ; (5)
 Almeno, que sisudo
 De Seneca as lições em metro exornas,
 Na Portugueza Lyra
 Relustrando os prodigios Sulmonenses:
 Alcino, delicado
 Dos Amores Cantor, Cantor das Graças,
 Que os gados, e os pascigos
 Facil como Theócrito descantas.
 Com sócegado somno
 De amoroso deleite, pausa, e dorme
 Rival de Anacreonte,
 Como Sapho Cantor, como ella Amante
 Dirceo, que por teus Versos (6)

-
- (1) Alfeno: o Bacharel Domingos Maximiano Torres.
 (2) Elpino Duriense: o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos.
 (3) Nossos mais excellentes Lyricos antigos; e o primeiro delles Camões, não menos divino Poeta Lyrico do que Epico.
 (4) Almeno: Frey José do Coração de Jesus.
 (5) Pelo anagramma de Alcino todos se lembrão de Domingos dos Reys Quita, o nosso Gessner, o nosso mais excellentes Poeta Bucólico; porém eu com saudade me recorde de outro Alcino, Joaquim Severino Ferraz de Campos, Homem amavel, e Poeta ameno, como provão as poucas Poesias que deixou impressas, e que difficilmente se deparão, não as largando aquelles que as tem, porque as estimão.
 (6) Dirceo: o Magistrado Thomaz Antonio Gonzaga.

Deste em Marília invejas a Dióne :
 Tu, pensador Thomino , (1)
 Dos encantos de Lesbia mal-vingados,
 Da Paz, da Escuridade,
 Da Doença, e do Sol Cantor sublime :
 E Tu, meu charo Elmano, (2)
 Que ao teu (por Ti erguido a Vate) Oleno
 Inda ao fim de tres lustros
 Os magoados olhos humedeces
 De saudoso pranto !
 Tu, parceiro dos bons, melhor que muitos,
 Que solerte engrazaste
 Na Parnássida c'róa Lusitana
 Joyas d'estranho custo,
 Sobre a harpa Sulmonense modulando
 Como no Olympo os Numes !
 Repousado no throno da Harmonia,
 Por Ti de extremo apúro
 Nas Canções Portuguezas sonorósas,
 Dorme chorado Amigo ;
 Dormi vós todos, Délphicos portentos
 Do em tudo eximio Tejo :
 Dormi folgados sem temer que hum Vate
 Vos leve estranho as palmas.
 Vivem para vingar-vos poetando
 Quantos caber não podem
 Nas linguas sette da facunda Lyra !
 Profundador Monteiro, (3)
 Na dextra ora o compasso, agora a pluma,
 De Urania grão Valido,
 A Ti, fonte de luz, ó Phebo, vota
 Meli-sonos delirios :
 Belmiro os Hymnos Thyoneos entôa : (4)
 Campello, (5) e Evangelista (6)
 Nos aureos tons de Euterpe cadencéão.
 Mais árduo vibra o plectro
 Com válido, Filintico despejo
 Ismeno auri-fallante ; (7)
 E, acrysoladas com saber profuso
 Abrindo as fontes do Estro,
 Inflammadas copioso precipita
 Metri-sonas torrentes.

-
- (1) Thomino: Thomaz Antonio dos Santos e Sylva.
 (2) Elmano: Manoel Maria de Barbosa du Bocage.
 (3) O senhor Francisco Xavier Monteiro.
 (4) Belmiro: O senhor Belchior Manoel Curvo Semmedo.
 (5) O senhor Antonio José Campello.
 (6) O senhor Doutor João Evangelista de Moraes.
 (7) Ismeno: O senhor João Vicente Pimentel Maldonado.

Agua perdida por além das nuvens
 A luz de clima e clima
 Bebendo, e dardejando em metro idóneo,
 Hombréa os mais soberbos
 Sylvio, que alterna por affouto estylo (1)
 Téios, Venusia, e Thebas:
 E, com rosto senhor, de Apollo imagem,
 Sobrepujando a turma,
 Inda major que a Fama, e que as Idades
 O grão Filinto, o Cysne
 Que por todo o Apollineo espaço as plumas
 Distende fulgurosas.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO III.

C R I T I C A.

Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

(Continuado do N. IV. pag. 52.)

„ A poesia dramatica, em que nunca fomos ricos (prosegue o Auctor, pag. 30) está reduzida hoje a barbaras traducções de Auctores de pessima escola: as que se fizerão dos bons estão ha muito proscriptas pelo Vulgo ignaro: as obras originaes são poucas, e nenhuma de grande merecimento. „ Ora o Auctor certamente não ignora, que as positivas asserções, e absolutas affirmativas são todas aventurosas e arriscadas, muitas vezes offensivas, e algumas escandalosas; mas parece agora haver-se esquecido disto, que nós aliás julgamos dever sempre estar bem presente na lembrança de todos os escriptores.

Que *nunca fomos ricos em poesia dramatica*, infelizmente he-mui verdade; e, em obsequio della, devemos tambem confessar, que he deplorable o estado dos nossos Theatros, onde ha tempos temos visto harta dramataria, bem capaz de matar nos espectadores todo o appetite de semelhantes espectaculos, e de tirar a vontade de escrever a quem quer que disso alguma cousa entenda, por mais que seja affeiçãoado a esta bella Arte, juntamente util e deleitosa: harta dramataria, escripta em linguagem bastarda, sem sombras d'intelligencia d'arte, sem gosto, e até sem-

(1) Sylvio: O senhor José Maria da Costa e Silva.

decencia: harta dramataria, mingoadá em todas as partes de sua execução, assim pelos Auctores como pelos Actores, porque de huns e de outros mui raros estão sendo os bons: mas nem por isso he menos certo que de quando em quando, e dos differentes generos, alguns bons Dramas tem apparecido, assim originaes como traduzidos; ou mistos de traducção e composição, por maneira que quasi se podem dizer originaes; e alguns delles, inda que poucos, escriptos em bem corrente e pura linguagem Portugueza: e nem tambem por isso he menos falso, que esteja a nossa *poesia dramatica reduzida a barbaras traducções, poucas obras originaes, e nenhuma de grande merecimento.*

Já nós não queremos fallar-lhe dos Poetas Dramaticos existentes, ainda que de mais de hum com vantagem o poderamos fazer; e isso rejeitamos porque lemos o nosso Ovidio, e lembramos o *pascitur in vivis livor*:

Sobre os vivos a inveja se apascenta:

porém ao menos não quererá o Auctor contar por boas as Tragedias originaes de *Castro*, por João Baptista Gomes Junior; e de *D. Sebastião*, por Thomaz Antonio dos Santos e Sylva? ao menos não quererá contar por boas aquellas que traduzio o mesmo Junior, o mesmo Santos e Sylva, o Desembargador José Pedro da Camera, Antonio Soares de Azevedo, e Bocage? e não quererá ao menos contar por boas algumas das Comedias de Antonio Xavier, e do mesmo Soares?... he valente não querer! „ Sim quero, mas pouco tenho visto disso „ dirá talvez o Auctor: então (responderemos nós) se não vio estas, nem outras de que não fallamos, para que faz huma ral e tão absoluta, offensiva, e escandalosa affirmativa?

E ora ao coutado do *Vulgo*, que faz o que lhe mandão, e acceta o que lhe dão, para que ha de lançar-lhe tão intempestivamente o improprio de *ignaro*, assacando-lhe a culpa de por elle estarem *proscriptas as traducções dos bons*? Se algumas o estão, a culpa não he do *Vulgo*. He certo que algumas vezes approva, ou applaude o Povo, sem saber porque; e que assim mesmo condemna outras muitas, ou patêa; mas, referindo isto aos Theatros, por cada huma vez que o Povo assim o faz, tem elle já soffrido pelo menos hum cento de pestiferos dramas, e enojósas declamações; e a verdade he, que, em geral, o Povo folga, e applaude quando lhe offerecem o bom, e quando lho não dão, anda inquieto e sequioso, murmura, e rósna, e ralha, e tem rasão: quer huma prova? ora pois note. Bem sabe que o *Fayel*, Tragedia d'Arnaud, não he muito boa cousa, nem muito má: foi ella ha annos representada em Lisboa, e apenas menos-mal acceta; porém vai agora, lembrou-se nao sei quem de a tornar a pôr em

scena , e foi acolhida com tanto applauso que esteve para vir abaixo o Theatro ! E qual he a rasão da differença deste acolhimento ? he porque então , quando ella primeiro se representou , acostumado a vêr bons Dramas , e melhor desempenhados , por alguns bons Actores que a morte nos tem levado , desdenhava o Povo aquelles que erão somenos : porém agora que ella tornou , estando o Povo longamente enfadado de enxertos dramaticos , tão informes , tão mestiços e bastardos que mal sabemos nós o nome que lhe devemos dar ; agora que os nossos Actores são mais em número e menos em qualidade , porque a maior parte e quasi todos elles não sabem o que devem fazer , nem querem que lho ensinem , e ainda menos querem estudar e devidamente ensayar-se ; agora o Povo , cansado do que he ruim , applaude o que he menos máo . E então he *Vulgo ignaro* ? não tem elle nisto muita rasão ?

Tem rasão , rasão demais :

Ah ! senhor (lhe torna o triste)

Tella-hei eu nos Tribunaes ? — (*Bocage*)

Vendo o labéo com que o Auctor tachou o innocente Povo , imaginámos estar ouvindo outros que por cá dizem „ O Povo não quer Tragedias , não quer Peças sérias , não quer Dramas de sentimento ; quer Comedias , quer Peças jocosas , quer Farças , não quer chorar , quer rir . „ Aqui d'El-Rey , senhores (gritamos nós) o Povo quer o que he bom : sejam Comedias , sejam Tragedias , com tanto que sejam boas , bem escriptas , e bem representadas ; dêem-lhas , e o Povo concorrerá ; dêem-lhas , e o Povo applaudirá . „ Porém que ha de ser , se os mui poucos que nisso laborão , isso amão , e disso entendem , são desgostados , são offendidos , são arredados por principios diametralmente oppostos ao bom fructo que a pública educação e costumes podem , e devem colher da eschola dramatica ? É falla o Auctor de *Auctores de pessima eschola* ! parece-nos que melhor diria , se dissesse *nenhuma eschola* ; porque realmente , n'Arte Dramatica , póde dizer-se que estamos sem nenhuma . Porém deixemos isto , que he materia vasta , e assumpto de tantas péchas que mal cabe neste lugar : se nos não der o péco , mui provavel será que alguma vez com elle algumas paginas occupemos .

Continúa o Auctor „ A poesia Lyrica morrerá com Filinto : „ entre os Poetas que hoje a cultiváo nenhum promette consolar „ a Patria da perda que em Garção , Diniz , e Torres experimentou , e daquella de que a ameaça a propecta idade do excellentente Francisco Manoel . „ Eis-ahi temos outra asserção ! e esta , se nos não enganamos , he ainda muito peor ; pelo menos , certamente não he ella de *consolar a Patria* . Cuidavamos nós que , da Arcadia para cá , e afóra os Arcades , alguns bons

Poetas Lyricos podíamos contar: cuidavamos que, já quando o Auctor sahio de Portugal, alguns devia conhecer: cuidavamos que já poderião ter-lhe chegado alguns dos livros, ou folhetos impressos nestes ultimos annos: cuidavamos que, sendo a Lyrica o genero de poesia em que só podemos offrontar todas as Nações, sem receio de que por ellas fique o vencimento; e sendo esta a mais análoga á nossa indole e character Nacional, pois que de natureza somos altivos e arroçados, ao menos por isso pudesse o Auctor algumas boas esperanças conceber: muita cousa cuidavamos nós, mas já bem claro vemos que em tudo nos enganámos! a época tem sido toda de phenómenos, e ainda vem agora este dar-nos mais huma chamuscada.

Certo não cuidavamos, nem pertendíamos nós que o Auctor esperasse vêr igualado Francisco Manoel; pois, se na Grecia houve hum só Pyndaro, e se Roma teve hum só Horacio, que muito he que em Portugal haja hum só Francisco Manoel? porém não achar nenhum bom moderno em poesia Lyrica, porém achar que *entre os Poetas que hoje a cultivão nenhum promete consolar a Patria*, he com effeito, he ser bem infeliz em achados! Pela mesma já dicta rasão, não queremos tambem fallar-lhe dos Poetas Lyricos existentes, posto não nos faltar de quem, e especialmente de hum que ainda só imprimio duas Odes avulsas, a primeira com que deo pasto aos zoilos, e a segunda com que a todos pôz mordança; e em boa e núa verdade lhe dizemos que está elle tão perto desses bons que o Auctor cita, quanto nós estamos longe de ser Pigeos, porque olhe que somos Homens de mais de mediana estatura. Mas, sem fallar dos vivos, como tambem Ovidio diz que *livor post fata quiescit*,

Contra os mortos a inveja não se irrita,

vamos pelo caminho mais seguro: ainda que haja nisso suas excepções, ou senão que o digão as cinzas de Camões inquietadas, revolvidas, e profanadas por hum zoilo tão assanhado, por hum tão ridiculo *Fogaça* que ousa escrever e imprimir, *que o Adamastor he o maior destempero entre os grandes destemperos de Luiz de Camões!* Porém *vade retro*, ponhamos fóra o *Fogaça*, já que entrou neste lugar como besta em seára, ou ave de agouro em Camera de enfermo.

Quanto ás poesias de Bocage, não ha dúvida que o Auctor conhece algumas: quanto ás do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos tambem parece conhecellas, segundo os elogios que faz de seu Auctor; e tambem só por estas parece conhecello, e não pelas suas prosas, segundo a rasão que ao diante exporemos: desejáramos porém saber, se o Auctor não conhece, ou se não quer ter em conta as poesias de Almeno (Freij José do Coração

de Jesus) colligidas e publicadas pelo mesmo Antonio Ribeiro, que mais esse bom serviço fez ás nossas Letras; as de Nicoláo Tolentino, que he outro Sá de Miranda; as de Dirceo (o Magistrado Thomaz Antonio Gonzaga) que he o nosso Anacreonte, com muitos bons laivos de Horacio; as de Thomaz Antonio dos Santos e Sylva, que he hum dos nossos Poetas de mais vasto saber, mais profundos pensadores, e com o positivo cunho da originalidade; as de Antonio Soares de Azevedo, que bem se mostra escolar de Francisco Manoel; e emfim as de alguns outros que, posto sejam atégora poucas em quantidade, não o são em qualidade, e boa mostra dão de seus Auctores, e boas esperanças induzem a conceber? Pois olhe que nenhum delles foi Arcade: e isto desejáramos saber só por conhecermos a verdadeira causa que o moveo a tão livre e soltamente estender por escripto esta asserção.

Parece, ouvindo o Auctor, que mais lhe não tem chegado do que a *Ode á ambição de Bonaparte*, e outros taes abortos, ou assuadas e deslavamentos Lyricos do mesmo Auctor, ou de algum seu gordo e papalvissimo apaniguado: mas por ventura, ou por desventura seria crível que, se o Auctor conhecesse aquelles que nomeámos, e os que mais deixamos em silencio, com os quaes lhe não ha de faltar que veja, se tambem a este respeito quizer vêr; seria crível, dizemos nós, que ainda com tudo isso não houvesse na opinião do Auctor algum que por seus bons escriptos promettesse *consolar a Patria*? Não: estamos antes persuadidos de que, se o Auctor conhecesse os que existem, e tivesse lido o que ha impresso, facil se desceria desta sua opinião. *E a poesia Lyrica morrerá com Filinto*? Não, por certo que *não morrerá*, ousamos nós assegurar-lhe: soffrerá huma grande perda, huma perda mui difficil de reparar, porém *não morrerá*: por tão falsa temos nós essa idéa como se dissesse „ Portugal está enfraquecido e attenuado, facilmente o poderá engolir a ambição de qualquer Despota „ contra ella possuímos a ingénita força de reacção, com que triumphámos de todos os casos adversos; e para produzir boas poesias Lyricas, temos nobres engenhos, e bem cultivados.

*Continuar-se-ha
Moniz.*

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N.º 3, pag. 40.)

Depois desta memoravel victoria, alcançada aos 29 de Ja-

neiro de 1384, levou D. Nuno de assalto a Villa de Arronches, onde deixou presidio; e depois de se lhe entregar Alegrete, passou a Estremoz, e logo a Evora, para mais do coração da Provincia accodir presto aos damnos de que por todas as partes se via ameaçada. Alli recebeu mui honrosa Carta do Mestre de Avis, e por ella sabendo que no Porto se aprestava Armada, para hir a soccorrer Lisboa contra outra formidavel de Castella, marchou logo com 200 lanças, despachando aos Cabos maiores hum Correyo, para que hum pouco o aguardassem, que lhes promettia não perderem monção; e tanto forçou a marcha que antes de 5 dias chegou a Coimbra: mas invejas o não deixarão aguardar, e alli soube que a Armada levantou ferro, e que, não podendo marear-se com os temporaes, arribára a Buarcos, onde despachou cutro Correyo, e outra vez em vão. Por tanto arripou caminho, e, sabendo que no Crato se ajuntavão Tropas para engrossar o Exercito Real, no qual já picavão as doenças, e que de Santarém passavão algumas Companhias ligeiras, conduzindo a Castella enfermos, ou convalescidos; mandou logo vadear o Tejo, e marchar á Ribeira de Alperregão, e naquelle sitio se emboscou, deixando em hum alto algumas sentinellas baqueadas em terra, que descobrissem a campanha; e logo sendo avisado que pela estrada da banda de Santarém discorria huma grossa Partida Castelhana, deo sobre ella de improviso, e, com morte de 80, pondo em fugida os demais, marchou na volta de Evora; e, porque de fresco havião entrado em Badajoz alguns Fidalgos com 300 lanças, marchou a elles, que o esperavão formados nas margens do Guadiana, onde rompeo a batalha que durou renhida e duvidosa, até que D. Nuno, acomettendo-os pela frente, os desordenou, e elles appellarão á fuga, deixando 200 mortos ou prisioneiros.

Tornou D. Nuno a Evora, e, sabendo que no Crato estava hum Exercito de 2 mil e 500 Lanças, 600 Cavallos ligeiros, e maita Infanteria, foi demandallo com mil e 500 Lanças montadas, e 5 mil Infantes: retirárao-se os Castelhanos, recusando o combate: segunda vez os commetteo, e então, com perda de bagagens, se retirarão descompostos a encorporar-se no Exercito do cerco de Lisboa; de cujo aperto foi D. Nuno avisado pelo Mestre de Avis, dizendo-lhe „ Que com todo o poder daquella Provincia marchasse ao Montijo ou Aldea-Galleja, onde resolvía passar-se, para com elle concertar as disposições da batalha que intentava arriscar „ Com o que levou D. Nuno o seu campo até Palmella, e dalli se foi a Aldea-Galleja, a segurar o desembarque ao Mestre de Avis; porém como elle tardasse, marchou sobre Almada, senhoreada pelos Castelhanos, que venceo em mui perfida peleja, dando aos nossos Soldados livre o sacco daquella Villa, ricca com o deposito de muitos roubos.

De Almada se tornou D. Nuno a Palmella: mas depois de 4 mezes e 27 dias que durára o sitio de Lisboa, levantando El-Rey de Castella, aos 15 de Septembro, mui diminuido o seu campo, e deixando a Armada surta no rio, resolveo D. Nuno passar a Lisboa; e, com alguns poucos, sem mais apresto que as armas, sahio huma noite em dous barcos a bocca do Montijo com vasante de maré, vento feito, e forçados os remos: marea-vão os Arraes a furto das espias Castelhanas, quando lhes mandou que arribassem sobre a Armada; e, rodeado de embarcações inimigas, fez tocar os clarins, e outros instrumentos marciaes, a cujo estrondo se puzerão em armas confusos os Castelhanos: e mais confusos ficarão, e sem nenhuma cousa ousar, quando, ao bradarem por quem era, se lhes respondeo „ D. Nuno Alvares Pereira.

Continuar-se-ha.

Moniz.

Por mais desvélo que se ponha em evitar os erros de typo, elles são inevitaveis: além de outros, vem no N.º antecedente, a paginas 43 Pincel, em vez de Pecil; e este erro notamos por ser daquelles que facilmente não podem attingir todos os Leitores, a cuja intelligencia deixamos as demais correcções.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VI.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

(Continuado do N.º 5. pag. 54.)

A Variedade he o attributo essencial de huma Dança : os incidentes, e quadros que resultão della, devem seguir-se com rapidez ; se a marcha da acção não he rápida, se a attenção enfraquece, se o fogo não se communica igualmente a todas as partes, se não acquista novos grãos de calor, ao passo que se desinvolve a intriga, he certo que o plano he mal combinado, e concebido ; pecca contra a Poetica do Theatro, e não faz effeito nos Espectadores. Não ha porém defeito tão capital como querer associar generos contrarios, misturar o Sério com o Comico, o Nobre com o Trivial, o Galantê com o Grotoscho. Estes quotidianos, e grosseiros defeitos accusão o compositor de falta de juizo, e de mediocridade de genio, de gosto depravado, e de crassissima ignorancia. O character, e genero de hum Baile não devem desfigurar-se com Episodios de character, e genero diverso, e muito menos opposto.

Todo o Baile complicado, e difuso, e cuja acção não corre limpamente, e sem tropeços, e que para entender-se necessita de que se recorra a hum Programa ; todo o Baile que se não compõe das tres necessarias partes exposição, nexo, e solução, nunca será (fazendo-lhe muito favor) mais do que hum frivolo divertimento melhor, ou peor dançado, despido de expressão, e character, e só proprio para interter crianças, e parvos. Confessamos que a expressão mechanica da Dança tem subido a hum grande ponto de perfeição, e que algumas vezes tem graças ; porém a graça não he mais do que huma parte desta Arte : a brilhante facilidade, e encadeamento dos passos, as difficultosas opposições das pernas, e braços, não são, fallando em rigor, mais do que o mecanismo da Dança : o Bailarino, ou Bailarina

mais idyotá pôde adquirir esta perfeição, que só depende de méro exercício, e da maior, ou menor flexibilidade muscular. Quando estas cousas não são adoperadas pelo Espirito; quando o genio não dirige estes movimentos todos; quando o sentimento, e a expressão lhe não dão forças para commover, e interessar, fica o Espectador tranquillo, e desgostoso a pezar de quantos applausos der á execução.

Continuar-se-ha

ARTIGO II.

P O E S I A.

F A B U L A.

O Cão, o Pato, e o Melro.

Mastim furioso,
E desaçamado,
Pulando, e latindo
De raiva babado;

Gotejão feridas,
O Cão se exaspera,
Repete os assaltos,
E mais se lacera.

Na féra investida
Rosnando entre dentes,
E as prezas mostrando
Com olhos ardentes;

„ Vai, louco (lhe brada
Hum Melro que via
A desatinada
Cruenta porfia)

Tentava a cabeça
De hum Pato aboccar,
E, os dentes batendo,
Mordia no ar :

„ Debalde derramas
Veneno, e furor :
Do louco o assidado
Sempre he vencedor.

Que o Pato mui quêdo
De bico enristado
Lhe dá no focinho
Em vão reganhado

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO III.

C R I T I C A.

Presumpções.

(Continuado do N. 13. pag. 134. do 2. Trimestre)

De tão poucas que bem escriptas apparecem, sempre eu tive irra, e teiró com as críticas, e mui raras se me tem escapado do bico da penna, sómente a hum pantafaçudo de Beja tenho feito a honra de hum par de esfregas, que, com bem o digamos, são humas minudencias em comparação do seu merecimento: faça-lhe

muito bom proveito!... Mas, salva tal lugar, arreda nós, Deos nos livre de tentações: eu não quero agora fallar do tal selvagem, nem de outro algum em particular; só quero zombetear hum pouco, debicando em geral, pelo que, torno a bulir na borbulha das presumpções.

A presumpção he a bemaventurança dos pedantes, e dos hypócritas: estes que seu de natural são vis, pois tanto he necessario para serem malvados professos, e o mesmo vem a ser, ou antes são synonymos perfeitos, os malvados professos e hypócritas; estes, digo eu, scelerados no coração quanto religiosos na apparencia, por mais que delles mofem os Homens cordatos, por mais que se ria o Mundo, mui satisfeitos de si, porque sempre esperão de embair alguns zótes, avançam affoutos pela estrada do desaforo, com voz de Stentor apregoando as suas proprias virtudes,

E, a cada berro minorando a turba,
Comprão n'Aldêa do Barbeiro o voto.

Os pedantes a si proprios exclusivamente se admirão, e, quando todo o Mundo os apupa, applaudem-se elles a si mesmos: os engenhos mais mediocres são esses que se julgão mais superiores, quando aquelles que na realidade o são, posto que alguma vez as reconheção, outras muitas desconfião das proprias forças: a differença dos talentos he a mesma que se nota no saber, sendo os mais jactanciosos aquelles que menos sabem; e eis-aqui o que repetidamente ensombra a gloria das Sciencias, porque o pouco saber dá presumpção, e dá o muito a modestia. He esta huma das mais excellentes virtudes, e huma das que mais ostentão assim os hypócritas como os pedantes, sendo aliás huns e outros *irritable genus*, raça de vibora, igualmente irritavel e venenosa; que, se algumas frisantes ironias, ou ainda algumas sensatas reflexões amostrão tenuissima parte de seus erros, ei-los ahi, babando-se de raiva, com furor de cão damnado aboccanhando tudo e todos, e appellando á calumnia, e aos demais infames recursos da malignidade: logo em sua voz o Homem desabusado he irreligioso, o pensador he revolucionario, e o crítico sensato he disseminador de perniciosas doutrinas; logo em tudo estabelecem dogmas, tendentes a seus fins; logo em tudo achão tenções sinistras; só elles se dizem verdadeiros amigos da Patria; só elles são uteis, e serviçães á Religião, e ao Throno! e tudo isto porque? porque lhes disserão a verdade, e, á falta de desculpas e boas rasões, appellão á violencia, provocada pela calúmnia.

Mansos ou enraivados, de todo o modo os hypócritas, e os pedantes tem na sua presumpção a sua bemaventurança: apparece hum *Código*, hum *Chérilo*, hum *Thersites*; aquelle, com presumpções de Tácito ou Livio, lança rasgadamente a penna,

e diz que huma das mais famosas revoluções rebentou , fermentada pelas sementes que de antemão lançára hum tal *D. Trifon*, Homem reconhecidamente incapaz de alguma cousa pôr em fermentação : e porque modo faz este conto , e outros taes o novo Historiante? em hum estylo tão laxo e por mil modos vicioso , que ao leitor cahe o livro das mãos , tomado de somno pela ineptia do Auctor, ou o arroja aborrecido por sua pouca verdade! mas pouco lhe dá disso o *Côdro*, que campea apavonado dizendo em si,, Eu sou hum Historiador , quando menos , capaz de abarbar o Menezes no seu Portugal Restaurado ; sem fallar de Barros nem Couto , nem dessa récua de antigos Chroniqueiros , que fallavão sinceros e agallegados , como ainda vejo algum que se lhe mette em cabeça de assim escrever , mostrando em algumas poucas pennadas a boa vontade que tem de mais largamente o fazer.

Sahe-se *Chérilo* com o commentario de humas Poesias.... oh! a linguagem não he das peores , sempre vale mais que a de *Côdro*... para isso pouco basta : mas que vem a ser tamanho aranzel de notas? segundo o número dellas, parece que nada deve faltar para intelligencia de todas as idéas , e conhecimento de todas as bellezas do Poeta.... pois nada disso : he hum monte de retalhos de varios Historiadores , e Diccionaristas , e ainda isso com suas máculas e descuidos : e as notas e observações poeticas? ficarão no tinteiro , á excepção de algumas que fez o proprio Poeta : e as memorias relativas á pessoa do mesmo Poeta? tambem ficarão no tinteiro : e o texto está limpo e correcto? meu Deos , meu Deos! o melhor he não fallar nisso : das variantes estão quasi sempre adoptadas as peores , não estão corrigidas as imperfeições que levemente escapão no calor da composição , e nos lugares onde foi correcto está empeorado , por maneira que não sómente se depáráo versos duros , senão até alguns errados. Sendo isso assim , guarde Deos o Senhor Commentador , que em vez de hum commentario alinhavou huma frioleira : frioleira para os instruidos , porque em nada veio augmentar a massa dos seus conhecimentos; e frioleira para os ignorantes , porque assim mesmo os deixou , dando-lhe apenas quatro lambuçadas pedantescas. Oh! não, isso nada importa : *Chérilo* he muito erudito , porque tem mexido muito livro , e , de ha hum seculo para cá , a todos d'entre nós torce o nariz.

Pois *Thersites*? oh! esse he figurão muito mais recomendavel do que *Côdro* , nem *Chérilo* : estes dous são só pedantes , porém *Thersites* he amplissimo senhor das mais refinadas condições da hypocrisia , e pedantismo : desúnha-se em Criticas , Oratorias , Poeticas , e Philosophias ; e toda esta moxinifada , escripta em phrase de enxacôco , se reduz essencialmente a dous pontos , maldade , e presumpção : desmanda-se em louvores propios , sem os deixar á conta alheia , por nisso correr grande risco.... presumpção : dá erros ás pilhas , que ao menos em parte pudera

evitar. . . . presumpção: estoura em continuos improperios . . . maldade, e presumpção; presumpção, porque os solta julgando-se em letras a todos os Homens superior; e maldade, porque os solta querendo por esse modo vingar-se de quem como elle não julga, porque bem o conhece; e nescio he aquelle que pelo dedo não conhece o gigante. Sim? pois vai-lho lá dizer, e vêlo-has assanhado buscando as appellações de que indagera fallaste. Boa novidade he essa! e que outra cousa ha de elle fazer, se cada qual he como cada hum? nisso cumpre elle com as obrigações de quem he; mas, como por quem he já todos o conhecem, que me vai nisso a mim? quem he que estranha o ver hum cão ladrar, ou morder; nem que huma mula faça him, e dê couces? e quem se não ha de rir de ver hum salafrario (por lhe não dar os mais nomes que lhe competem) hum salafrario como *Thersites*, em tres mil sandices que escreve, assentar mui ancho que produzio outros tantos prodigios do engenho e saber? quem se não ha de rir de o ver com huns poucos de calhamaços de versos, mais somniferos do que Tintura Thebaica, ou Extracto de Dormideiras, presumir de Poeta excellente, grandissimo, inimitavel! E tambem incomparavel? Tambem, sim senhor, tambem. E o Camões onde fica? Oh! bagatella, bagatella, *estatua velha*, e *todo até ao embigo e os baixos prosa!* . . . Diabo, diabo, não vês que pôde haver quem se dôa? Visto isso não queres que me ria? pois olha, o caso he para isso, assim como quasi todas as presumpções, e não sei onde se hajão de deparar algumas de que não são descobrir-se alguns exemplares,

Porque no Mundo para tudo ha gente.

mas dahi que se segue? O que? ora eu to digo: se por acaso houver alguem que se dôa, com alguma destas regrinhas assim escritas correndo, esse tal das dôres, ou dos alhos (porque, quem se queima alhos come) que diga tambem a correr ,, Nada, elle não fallava comigo ,, e dirá muita verdade, que já para isso tomei por devisa:

Sem ninguem apontar, malhar nos vicios.

Continuar-se-ha.

Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 5. pag. 64.)

Sahio o Mestre de Avis a recebello no pateo das escadas de

Palacio, honra a que D. Nuno correspondeo dobrando o joelho para beijar-lhe a mão. Foi então (Outubro) em Congresso de Nobreza e Povo no Convento de S. Domingos declarado o Mestre de Avis Regente e Defensor da Corôa, deliberando-se que em Coimbra se fizessem Côrtes para decidir os negocios mais importantes á conservação da Monarchia. Depois de outras disposições e conselhos, foi D. Nuno a Setubal, onde reformou a milicia, e reparou o porto; e, como em nosso damno se multiplicassem as ousadias Castelhanas, foi-se a Evora, e dalli com poucos escolhidos a Portel; entrou a Villa por industria, rendeo o Castello, e reparou-lhe os muros, concorrendo pessoalmente á obra. Compôz em bons termos os receios que havia sobre a Praça de Elvas, onde deixou sobejo presidio; e endireitou a marcha para Villa Viçosa, que lhe offerencia porta; mas, inutilizando-se o trato, prolongando-se o sitio, e chamando-o cousas maiores em defesa da Provincia, levantou campo e foi-se a Estremoz, onde encarregou a Pedro Rodrigues do Allandroal o libertamento de Alvaro Coitado, Soldado de grande valor perfidamente aprisionado, o que veio á conseguir com grande perda dos Castelhanos.

Depois de outros successos de menos monta, chegado a Coimbra com o Mestre de Avis, com elle deo expedição a alguns negocios; reduzio á obediencia Gonçalo Mendes de Vasconsellos, que pela Raynha sustentava o Castello daquella Cidade; aientou o Mestre, sobre a irresolução de aceitar a Corôa; socegou alguns tumultos, nascidos da diversidade de opiniões; e, juntos no Convento de S. Francisco os tres Estados do Reino, sómente concordem em excluir D. Brites Raynha de Castella; depois que o Doutor João das Regras provou estar vaga a Corôa, e devoluta a eleição no consenso do Povo, largamente sustentou D. Nuno o mesmo voto pelo Mestre de Avis, resultando o ser, aos 6 de Abril de 1385, jurado Rey D. João Primeiro do Nome em Portugal, e hum dos primeiros entre todos os melhores Reys do Mundo. Entre varias mercês aquelle dia feitas, nomeou El-Rey a D. Nuno Alvares Pereira seu Mordomo Mór, e Condestavel, cargo em que foi 2.º neste Reyno, por haver sido o 1.º D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arrayelos; e ainda áquelle tempo não contava El-Rey bem completos 27 annos, nem o Condestavel 25 de sua idade.

Feitas varias disposições por terra e mar contra o grande armamento e ambição de Castella, marchou o Condestavel sobre o Castello de Néiva, que levou de assalto; e, deixando-lhe bom presidio, foi sitiar a Villa de Vianna, que se rendeo por capitulação; e deixando-a em bom estado de defesa, e rendendo na marcha todos os lugares, foi sobre a Villa de Caminha, que lhe entregou as chaves: este exemplo seguirão, além de outros lugares fortes, Villa Nova da Cerveira, e Valença; e ajudado dos

moradores entrou a Praça de Monção. Pedio Braga soccorro contra o jugo Castelhana, foi o Condestavel demandar a Cidade, entrou-a, e forçou o Castello a capitular. Achou-se com El-Rey na tomada de Guimaraens, e na de Ponte de Lima, que foi entrada por força d'armas. Havendo noticia de que El-Rey de Castella marchava com largo Exercito, e que na barra de Lisboa surgira huma poderosa Armada, marchou até á vista de Torres Vedras, e sahindo o Governador a apresentar batalha, foi totalmente desbaratado, e entrada a Villa. Dalli abalou o nosso campo até Santarém, onde travou pejeja com as tropas que o Governador mandou sahir ás ordens de Alvaro Gonçalves do Sandoval, que se recolheu destroçado pelo Condestavel: foi o nosso Exercito passar o Tejo, caminho de Almeirim: ordenou o Condestavel a marcha em duas linhas, no centro Gastadores, bagagens, e gente de serviço, algumas Companhias de Cavallos ligeiros em reserva, e elle com a vanguarda foi sondar o rio: achou-se váo junto a Santa Iria, e forão os nossos, com agoa pelos peitos, vencendo a corrente, e pelejando com a multidão que defendia a passagem, em tanto que na retaguarda ardia o combâte com o Sandoval, que, desejando reparar a perda passada, e vencer-nos por divisão de forças, carregou por aquella parte com todo o resto do presidio: durava a pejeja havia muitas horas, e crescia o perigo: então o Condestavel arrojando o bastão, e apertando a espada, rompeo impetuoso por entre os esquadrões Castelhanos, e decidio a victoria, proseguindo o nosso Exercito a marcha até Alemquer, onde foi assentar campo.

Constando os estragos e cruezas que por nossas terras vinha commettendo El-Rey de Castella, votou o Condestavel que se lhe devia dar batalha, e passou ao Montijo, a reunir alguns Soldados velhos, para com elles voltar a incorporar-se com El-Rey; e passando resenha em Estremoz, achou não exceder a 2 mil e 500 o número dos combatentes, formado á parte hum luzido esquadrão de Nobres aventureiros: dalli marchou para Abrantes, onde já com o resto do Exercito o aguardava El-Rey, que sahio a esperallo nas margens do Tejo, e hindo o Condestavel a beijar-lhe a mão, El-Rey o levou nos braços, que assim sabem tão grandes Reys honrar tão benemeritos Vassallos.

Chamou El-Rey a Conselho, e, encontrando-se as opiniões, alli (como diz o nosso immortal Camões) votou o Condestavel por huma batalha decisiva,

A mão na espada, irado, e não facundo
Ameaçando a Terra, o Mar, e o Mundo.

E, vendo que se perdia o tempo em conselhos, chamando á sua senda os filhos de sua disciplina, resolutos a só com elles appre-

sentar batalha, concertado o necessario a tamanha empreza, antes do romper d'alva mandou desfilar em silencio. Não faltarão invejosos que diante d'El-Rey affeassem tão livre proceder, porém o Rey, que estimava e conhecia quanto lhe importava tão grande Homem, mandando-lhe aviso para que em Thomar o esperasse, levantou campo, e alli se lhe foi reunir. Dalli marchou o nosso Exercito, composto de mil e 700 Cavallos, 800 Besterros, e 400 Infantes, e aos 14 de Agosto de 1385 formou-se nos campos de Aljubarrota, pela maneira que no 4.º C. da Lusíada o descreve Camões:

Os primeiros armigeros regia

Quem para reger era os mui possantes

Orientaes Exercitos sem conto

Com que passava Xerxes o Hellesponto:

D. Nuno Alvares digo, verdadeiro

Açoute de soberbos Castelhanos...

Outro tambem famoso Cavalleiro

Que a Ala direita tem dos Lusitanos,

Apto para mandallos, e regellos,

Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

E da outra Ala que a esta corresponde

Antão Vasques de Almada he Capitão...

Logo na Retaguarda não se esconde

Das Quinas e Castellos o Pendão,

Com Joanne, Rey forte em toda a parte,

Que escurecendo o preço vai de Marte.

Note-se que o Condestavel, como habil General, formou na retaguarda 700 Lanças, e maior número de Infantaria, com este excesso deixando gente de refresco para accodir onde maior fosse a necessidade, sendo aliás na milicia daquelles tempos menos usadas as reservas, e ainda, além deste artificio e cautela, mandou de traz da linha da vanguarda fazer dos carros trincheira, coberta com alguma Infantaria, para segurar as bagagens, Vivandeiros, e demais gente inutil á peleja, que fazia junta hum número igual ao dos Homens d'armas.

Continuar-se-ha.

Moniz.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

(Continuado do N.º 6. pag. 66.)

O Bom exito deste genero de Espectaculos nasce da boa escolha do Assumpto, e sua distribuição. Ha muitas cousas que não podem expressar-se com gestos. Tudo o que se chama *Dialogo tranquillo* não tem lugar na Pantomima. Nunca poderá fazer effeito hum Baile, em que o Compositor não souber evitar o que for monotono, e frio. As grandes paixões não são mais proprias da Tragedia, do que da Pantomima; e ainda esta em alguns casos lhe leva vantagem, porque a acção acompanhada da palavra não exprime mais do que ella restrictamente diz; e quando he só, ajuda-se de quanto a imaginação dos Espectadores ajunta áquelle signal vago, e indeterminado. A Pantomima segue a ordem da Perspectiva, em que as miudezas se perdem nos longes. Os quadros da Dança requerem traços bem distinctos, caracteres vigorosos, opposições, e contrastes tão artificiosos, como realçados. Hum Mestre, que he habil, deve apresentar em hum golpe de vista todo o effeito da Máchina, e nunca sacrificar o *todo* a *huma parte*; e só de lembrando-se por alguns instantes das principaes Personagens, he que poderá cuidar da totalidade dellas. Se acaso põe toda a attenção nos Primeiros Dançarinos, fica-lhe a acção suspensa, enfraquecida a marcha das scenas, e a execução sem effeito. Não tem cabimento no Theatro cousas inuteis, e por consequencia deve banir-se da scena tudo o que a possa arrefecer, introduzindo nella sómente o número de Actoies que a execução do Drama restrictamente pedir. Dissemos acima, que devem por alguns instantes esquecer-se as Personagens Principaes, e com effeito temos para nós que he menos difficultoso fazer que Hercules, e Omphale, Ariadna, e Baccho, Ajax, e Ulysses representem partes transcendentis do

que vinte, ou trinta Pessoas que andão com estas Personagens: ora se ellas não dizem nada em scena, cumpre pôlas fóra; e se dizem alguma cousa, deve sempre a sua conversação dizer respeito á dos Primeiros Actores. Não está logo a dúvida em dar hum character distincto ás primeiras Figuras, porque estas o tem de si, e são os Heróes da Scena; a grande habilidade está em introduzir com decencia os Figurantes, e, dando-lhe partes mais ou menos importantes, associálos ás acções dos Heróes.

Continuar-se-ha.

ARTIGO II.

POESIA.

ODE PYNDARICA.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas.

Virg.

STROPHE I.^a

Hum Hymno de louvor na ebúrnea Lyra
Com que as Musas no Pindo me brindarão,
Tambem será votado
Ao sábio Antesignano
Dos Romanos Cantores, que eloquente
Da Grecia ao Patrio Tybre
D'Epicuro frugal trouxe a Doutrina,
Ao canto Phylosophico amoldando
Da Senhora do Muado a sacra Lingua.

ANTISTROPHE I.^a

Espraia-se, diffunde-se qual Rio
Com montesinos feudos engrossado
O alti-sono Lucrecio;
Qual devorante Incendio
Que atéa, lavra, cresce, estala, e bosques
Seculares consome;
Qual crepitante rayo, que, cahindo
Das enrolladas Nuvens, deita ao longe
Sólta em pedaços a empinada rocha.

EPODO I.^o

Féra Superstição nos Ceos sentada
Entre Ignorancia, e Medo,
Trévas do Humano Espírito dobrando
Pluralizava os Numes,
Numes impios, cruéis, que a sêde infanda
Sacião só com sangue.

STROPHE I.^a

Assim da Mãy aos braços arrancada,
Que delíra de dôr, por mão paterna
De rojo foste ás aras

Da muito irada Cynthia ,
 Iphigenia infeliz! sagrado ferro
 Rasgou teu lindo seio ,
 Porque soltos os Ventos reprezados
 A' vingadora Armada Aulide abrissem :
 Tantos , Superstição , males suggéres!

ANTISTROPHE 2.^a

Assim ondas do lúgubre Cocyto
 Ninguem atravessou na fatal Barca
 Sem lá pagar seu náulo!....
 Assim ao pómo , á lympha
 Em vão Tantaló ergueo a vista , os braços !...
 Assim penédo enorme
 Pesou nos hombros de Sisypho ; o Abutre
 Mordeo de Tycio entranhas rebrotantes ,
 E continuo ululou Mastim do Inferno!

E P O D O 2.^o

Mas se rolando d'ingremes Montanhas
 Vinhão auritas Pedras ,
 Cedendo á Lyra d'Amphyáo canóro ,
 Formar soberbos muros
 A' Patria de Lyéo , depois manchada
 Com fraternas contendas ;

STROPHE 3.^a

Aos arduos sons que o Barbiton tropeja
 Do Latino Cantor se abalão , gemem ,
 Se des-unem , baqueão
 As Pedras que sustião

O Templo pavoroso , onde Evos tantos
 Veio o Mundo embaído

A mentidas Deidades render cultos ;
 E alrares só conserva a linda Venus ,
 ,, Nome com que elle adora a Natureza.

ANTISTROPHE 3.^a

,, Sim, foi teu Deos, Lucrecio , a Natureza :
 Oh cegueira do Homem !... foge hum erro
 Para enredar-se em outro!...

•A Rasão vindicando

Dos infames grilhões da Idolatria,
 Presentir não soubeste

Hum Deos que se revéla em quanto existe !.
 Tal co'a Lua equivoca o tenro Infante
 Reflexo , que n'hum lago a representa!

E P O D O 3.^o

Mas como co'as boninas da Poesia
 O teu engano enfeitas!...

Como por inacessos labyrinthos
 Do Raciocinio ao facho ,

Sostendo a mão da Experiencia o fio,
 Vás á origem das cousas!...

STROPHE 4.^a

Como colóras de mimosas tintas
 De Venus o prolífico sorriso,
 Que o Ar, a Terra, os Mares,
 Povia, aformosea,
 Dissipa as nuvens, asserena os ventos,
 E faz que bonançosa
 Com diffuso clarão rutila a esphera!...
 Como a Dédala Terra ferve em flores,
 E arvores curvão para dar-lhe abrigo!...

ANTISTROPHE 4.^a

Eis chega a Diva!... a seu benigno aspecto
 Amorosa influencia se diffunde
 Pelos équoreos plainos,
 Por verdejantes bosques,
 Rapidos rios, elevados montes!...
 Com cantigas as Aves,
 Rugindo as Féras, saltitando os Peixes,
 E os Homens com ternissimos suspiros
 A ditosa chegada lhe saúdão.

E P O D O 4.^o

Eis em seus braços o iracundo Marte
 Se arroja enternecido,
 E soffreg fitando o rosto amado
 Entre meigas caricias
 Ouve-lhe os rogos, e depondo as armas
 A paz outhorga a Roma.

STROPHE 5.^a

Eis em seu berço rustico já nasce
 A infante Humanidade, e a pouco, e manso
 O Commercio a conjunge
 D'articuladas vozes;
 Eis da Necessidade á voz solerte
 As uteis Artes brotão,
 Brotão Artes gentis; Cidades se erguem,
 Thurificação Altares, e troando
 As vigorosas Leys põem freio ao Crime!

ANTISTROPHE 5.^a

Mas ah! com que igneos rasgos representas
 Os que Venus ferio de amor insano!...
 Que tumultuosas ancias!...
 Que insaciaveis desejos!
 Que embriaguez frenetica!... qual corre
 Da fonte do feitiço
 Veio amargoso!... e como murmurando
 Conscio remorso no íntimo do peito
 As rosas do deleite murcha, e sécca!

E P O D O 5.^o

Em vão brando sopôr derrama a Noite,
 Em vão da Aurora aos rayos
 Sorri d'intorno o Mundo! o triste Amante

Não dorme, não repousa,
 Não ri, não folga; a idolatrada Imagem
 Continua o circum-vôa.

STROPHE 6.^a

Mas para castigar do Mundo os erros
 Se a Deosa da vingança as redeas solta,
 Oh! que espantosos quadros
 O teu pincel ostenta! ...
 ,, Arripião-se as carnes, e o cabelo,,
 Quando nos seus cimentos
 Mugindo horrivelmente a Terra treme;
 Quando do Sol, da Lua, e demais Astros
 O tenebroso Eclipse enlucta o brilho!

ANTISTROPHE 6.^a

Como os Ventos, que rabidos rebramão,
 No caminho arrancando idosos lucos,
 Ao pélogo se arrojo!...
 O pallido Naufragio
 Nos fofos Escarceos campea iroso,
 E ás praias bramidoras,
 Delatando as traições do Mar infido,
 Vão túmidos cadaveres, que alvejoão,
 Mastros, Vêlas, Bandeiras, Lemes, Curvas!...

E P O D O 6.^o

Eis das gargantas do Ethna escapa, e foge
 A inflammada torrente!...
 Abrazão-se Vergeis, Cidades fundem!...
 E os rios, onde ha pouco
 Se banhavão as Nymphas, ora estancos
 Esteril lava os cobre!

STROPHE 7.^a

Mais cruel que freneticos affectos,
 Que naufragios, volções, procellas, rayos,
 Dos tumulos surgindo
 Horrifico Contagio

Sobre o Mundo se libra em azas negras;
 De hum ramo de Cypreste
 Mortifero licor sacode em roda,
 Cahindo no sepulchro infaustas gentes,
 Como no fim do Outono as seccas folhas!...

ANTISTROPHE 7.^a

Hum tábido vapor corrompe os ares
 E apenas rompem lugubres silencio
 Lamentosos gemidos!...
 Foge do Amigo o Amigo,
 Foge do Amante a Amada, o Pay do Filho;
 Medonha, horrida Morte
 Despedaçou os vinculos mais doces;
 Não ha praça que os Mortos não alastrem,
 Nem casa que de lucto se não cubra!

E P O D O 7.º

Então... mas temeraria despenhar-te
 Não vás, insana Musa,
 Seguindo mais avante o egregio Vate!...
 A' tímida Andorinha
 Não he dado co' as Aguias remontar-se
 Ao claro Firmamento!

José Maria da Costa e Silva.

ARTIGO III.

CRITICA.

*Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias,
 das Artes, e das Letras.*

(Continuado do N. 5. pag. 62.)

Vai o Auctor tocando as differentes téclas literarias, e diz a pag. 31 „ A poesia E'pica não renasceo com o poema do Oriente, cujo Auctor em vão tentou emendar Camões, e desapossallo do eminente lugar que, por nacionaes e estranhos, lhe foi justa e universalmente assignado no Parnasso. O Padre José Agostinho de Macedo he com tudo digno de grande louvor, pela pureza de sua linguagem, e pela vasta lição que tem dos Classicos Portuguezes, e dos antigos e estrangeiros. Se nelle correspondesse o gosto á facilidade de versificar, nada lhe faltaria para coadunar todos os requisitos que caracterisão o bom Poeta. „ Ora não ha quem se tenha: em se ouvindo a fôfa, pula o corpo; e, posto que não sejamos nós do número daquelles (e talvez alguns nossos conhecidos) que tem o sestro escolastico e pedantesco de dividir, e subdividir a mais simples proposição, parece-nos com tudo que neste caso assim convém, e lá vai. 1. *a poesia E'pica não renasceo com o poema do Oriente*, confirmâmos: 2. *cujo Auctor em vão tentou emendar Camões*, confirmâmos: 3. *e desapossallo do eminente lugar*, etc. confirmâmos: 4. *o P. J. A. de Macedo he com tudo digno de grande louvor*, negâmos condicionalmente: 5. *pela pureza de sua linguagem*, negâmos parcialmente: 6. *e pela vasta lição que tem dos Classicos*, etc. concedemos, mas distinguimos: 7. *Se nelle correspondesse o gosto á facilidade de versificar*, etc. negâmos absolutamente: mas como tambem não somos daquelles que roubão a justiça a quem a tem, antes muito folgâmos de que se dê a Pedro o que he de Pedro, e a Cesar o que he de Cesar, eis-ahi vão os nossos porquês.

Confirmâmos a 1. porque *o poema do Oriente*, como o Auctor lhe chama, he *poema do Occidente*; queremos dizer, que o *poema Oriente* foi feito no Occidente, e parece que o foi no Seprentrião, por tão pouca luz que tem da poesia. Confirmâmos a

2. porque pelo Discurso Preliminar do mesmo *Oriente* se prova, que seu Auctor *tentou*; e pelo mesmo Poema se prova, quão mal sortirão as suas *tentações*. Confirmâmos a 3. pela mesma rasão, e tambem por saber que todos continuão a ler com gosto a *Lusiada*, e que com o *Oriente* lhes dá tédio e somno. Negâmos conditionalmente a 4. porque bem poderá o Homem ter muitas virtudes, pelas quaes seja *digno de grande louvor*; porém a nós aqui não nos importão as suas virtudes ou vicios, porque não tratamos do Homem senão em quanto escriptor; e, como hum escriptor só he *digno de grande louvor*, se compõe excellentes obras, e as do Auctor do *Oriente*, quer em prosa quer em verso, todas são ou más, ou pessimas, não sómente negâmos que seja *digno de grande louvor*, porém até de algum *louvor*: declaramos porém, que estamos promptos a desdizer-nos logo que delle se nos apresente alguma obra boa. Negâmos parcialmente a 5. porque he verdade que nos varios escriptos do Auctor do *Oriente* se depáráo aqui e alli, sem methodo nem motivo, semeados alguns periodos, e até alguns parographos em boa linguagem compostos; mas em geral tambem he verdade que estão cheios de impropriedades, incorrecções, baizezas, solecismos, e barbarismos que o tolhem até de entrar na classe dos escriptores mediocres; sendo quasi igualmente defeituoso em tudo, isto he, por estylo, e por linguagem, em prosa ou verso. Concedemos, mas distinguimos a 6. porque sim tem elle *vasta lição*, porém não escolhida nem methodica; antes, segundo elle mesmo em huma de suas obras confessa, tempo houve em que *lia os livros mais ineptos*, e por seus escriptos se prova que elle disse nisto muita verdade. Negâmos absolutamente a 7. porque o Auctor do *Oriente* não sómente não tem bom gosto, mas nem *facilidade de versificar*; e ainda quando essas condições tivesse, por certo que muito *lhe faltaria para coadunar todos os requisitos, que caracterisão o bom Poeta*, faltando-lhe outras muitas qualidades essenciaes, que não possue.

Ora a nós não nos admira este julgado do Auctor, porque de suas obras vemos que por certo sabe mais de *Physica* do que de *Poesia*; e tambem disso nos não admiramos, porque nem todos podem tudo, e assás he o alcançar-se grande distincção em alguma boa parte do humano saber: mas provemos o nosso dicto. A pag. 33, depois de dizer que *a França em materia de gosto não conhece rival*, o que he facil conceder-lhe, acrescenta o Auctor „ Se na poesia *Lýrica* e *Epica* se lhe pôde contestar a „ mesma superioridade, quem lha disputará na *Dramatica*, na „ *Didactica*, nas *Fabulas*, e nas poesias *Anacreonticas*? „ Ponghamos de parte aquelles generos de poesia em que a *superioridade* não sómente lhe he *contestada*, senão até defendida e absolutamente negada; taes são o *Bucólico*, e *Elegiaco*, em que

se pôde quasi dizer que a França não tem nada: porém olhando pelos generos inculcados, e começando pelo Anacreontico, eis-a-hi logo em desbarate a Franceza *superioridade*; e, posto que nós os Portuguezes não sejamos nesse genero riccos, parece-nos com tudo que al se não carece para abono de nossa opinião. He de notar, que os Francezes sim contão muitos Poetas Eróticos, porém nenhum legitimamente Anacreontico, sendo mui poucas as suas poesias que em rigor se podem dizer Anacreonticas: hum destes, e o temos pelo melhor que possui a França, he o com rasão celebrado Parny; porém as suas poesias deste genero não as temos por superiores ás do nosso Gonzaga: la Motte nem Rousseau certamente não são superiores ao nosso Diniz, porque o Desembargador Antonio Diniz, guardada a devida proporção, he tão excellente no genero Anacreontico como no Pyndarico: la Fare, nem Chapelle não são superiores aos nossos Torres, e Alvarenga, e Malhão; (a) nem Chaulieu, nem Bernard ao nosso Bocage, etc. Talvez peor seria, se, fazendo-se o confronto com os Castelhanos, apparecessem Villegas, Cadalso, Melendez, etc. etc. e de certo muito peor fazendo-se com os Italianos: esses sim, esses por mui poucas Nações, e em mui poucos generos de poesia podem ser affrontados, porém no genero Erótico e Anacreontico decisivamente por nenhuma: que Nação tem Poetas Anacreonticos que oppôr a Chiabrera, a Imperiali, a Crescenti, a Rossi, a Menzini, a Redi, a Lemene, a Metastazio, a Frugoni, a..... suspendamo-nos, que nos dá pavor cuidando fazer huma Carta de nomes, e mais que muitos precisamos ainda citar. Quanto aos Fabulistas, posto que os Francezes tenham á frente o Generalissimo Lafontaine, tem elle poucos Soldados que mal correspondem ao valor de seu gran Capitão, nem poderão sem desvantagem affrontar-se com Gellert, dicto por antonomasia o Lafontaine Allemão, nem com o copioso Lessing, nem com o estimado Hagedorn, e Schlegel, e tantos outros que os proprios Francezes gabão, estimão, e traduzem: e agora se dos Allemães passarmos o confronto para os Italianos, sem falar de Marini, de Pignotti, de Bertola, e de outros muitos, bastará o célebre Casti, cujo Poema *Gli Animalì Parlanti*, nós antes quizeramos haver composto do que todas as obras de Lafontaine; bastará, julgamos nós, pondo de parte as suas outras composições do mesmo genero, bastará o célebre Casti para contrastar, e desvanecer a Franceza superioridade. Será ella melhor sustentada no genero Didactico? Serão methores as *Estações* de Saint-Lambert que as de Tompson? serão melhores os *Tres Rey-*

(a) Fallo de Francisco Manoel Gomes da Sylveira Malhão, que he morto ha annos; e não de hum papalvo arranhador de banza, que por ali anda pertendendo usurpar o seu nome, e as suas obras.

nos da Natureza de Delille do que o *Jardim Botânico* de Darwin? oh! que se assim continuamos oppondo Pope a Boileau, Dodsley a Esmenard, Grahame a Rosset, etc. não sabemos como poderá sustentar-se a Franceza *superioridade*; e talvez peor seria se neste genero, em vez dos Inglezes se lhe affrontassem os Allemães, e se apresentassem na estacada Opitz, Haller, Utz, Zacharias, Kleist, Cronegk, Tscharner, Dusch, Wieland, etc. etc. Na Lyrica e Epica poesia convém o Auctor em que aos Francezes se pôde *contestar a superioridade*: talvez melhor dissera, que he levada de vencida; na Lyrica por nós os Portuguezes, pelos Castelhanos, e por Inglezes, e Italianos; na Epica tambem por nós os Portuguezes, e por Inglezes, Italianos, e Allemães; e não só na Epica puramente Heroica, senão até na Heroi-Comica, em que os Francezes não mais possuem do que o *Lutrin*; he verdade que esse he excellente, mas he unico: ólhe que nos não esquecem a *Pucelle*, e a *Guerra dos Deoses*; mas esses Poemas, ainda que Heroi-Comicos sejam, são com tudo de genero mui diverso, e menos legivel do que o *Lutrin*; quando alias deste genero os Inglezes, Italianos, e Allemães tem mais de hum bons; e nós mesmos, posto que o Hyssope seja o mais excellente, temos com tudo outros que merecem ser lembrados; desses terá o Auctor visto alguns, e talvez haverá de ver algum outro que ainda lhe não chegasse. Finalmente, a Franceza *superioridade* poetica reduz-se á poesia Dramatica, e nesse genero he decisiva; pois, ainda que na parte Comica se pôde oppôr Goldoni a Muliere, e ainda que na Dramatica-Lyrica nenhuma proporção tenha Quinault com Metastazio, etc. apparece o grão Colosso da Literatura, ergue-se Voltaire, e o delicadissimo Racine, e enchem a scena tão magestosos que ante elles ficão parecendo pequenos todos os outros illustres Athletas, alias distinctos na Tragica Palestra.

Porém não palestreêmos nós mais sobre este assumpto, que, se o quizessemos trocar em miudos, tarde levantaríamos a pena do papel. E, tornando á tal *métrica escrevedura* chamada *Poema Oriente* (que vem a ser o *Gama refundido*; porque o *Poema Gama* imprimio-se em 1811 com 10 desentoados Cantos, e em outros 12 que taes, com huns accrescentinhos remendado, e refundido com o titulo de *Oriente*, reimprimio-se em 1815) por evitar diffusão, remettemos o Auctor para o = Exame Analytico, e Parallelo do *Poema Oriente* com a *Lusiada* = onde talvez achará aquella *obrinha* convenientemente olhada em todas as suas partes: porém como a materia he vasta, nem tudo alli foi dicto, que para isso se careceria de hum gordo *in folio*, faremos ainda algumas succintas interrogações, e perguntamos ao Auctor: se naquelle *Poema* deparou a *vasta lição* que concede ao Reverendo Auctor delle? se lhe deparou a cópia dos conhecimentos Astronomicos, Nauticos, e Physicos, alcançados do

seculo de Camões para cá? se lhe deparou a descripção dos Paizes, e dos costumes dos Povos desde então successivamente conhecidos? perguntamos ao Auctor, que lhe concede a *facilidade de versificar*, se lhe achou a variedade de estylo conveniente ao diversos assumptos? se o não achou empollado em vez de sublime, tedioso em vez de ameno, e pedante em vez de erudito; repetindo muitos factos historicos, e trazendo outros fóra de proposito? se lhe não achou repetidas durezas, continúa monotonia, e outros mil defeitos metricos? se lhe não achou.... mas, se nos não reprimimos, aqui ficaremos a perguntar tres dias com tres noites! oh! miseravel *obrinha*, e misero ainda que Reverendo Auctor! escreveo tres seculos depois de Camões, não deo sombra das bellezas da *Lusiada*, e mostrou-se tanto menos sabedor, que até em factos historicos he muito menos abundante, e menos adequada e graciosamente os applica. Camões por seu immortal Poema diffundio toda a sabedoria do seu seculo: *Macedo*, que sobre o mesmo assumpto escreveo tres seculos depois, parece haver escripto tres seculos antes! Camões enriqueceo a *Lusiada* com todas as graças e donaires, arrojos, elegancias, energia, e fecundidade de hum Sabio, e de hum grande Poeta: *Macedo* mal soube atar no *Oriente*: quatro idéas mal expressas de hum *Pseudo-Poeta* enfarinhado em letras: Camões delecta, e arrebatá: *Macedo* dá tedio, e somno. Pois inda assim, note o Auctor, que, a pezar de tudo isto, o *Oriente* he o melhor de todos os canhenhos de seu Reverendo Auctor; do que facilmente se desenganará se lhe chegar a pachorra para a insoffrivel leitura das suas outras composições, em prosa ou verso. He verdade que elle escreve com facilidade: mas quem, como elle, affoutamente copia antigos calhamaços, pilha aqui, e pilha alli, cirze tudo com linhas caseiras, e diz ,, ahí vai isso que he meu ,, quem, como elle, presume que tudo quanto faz he bom: quem, como elle, não tem pejo de em todos os assumptos dar erros palmares, sendo aliás achacado de huma grande comichão escrevedora, necessariamente ha-de borrar muito papel; e eis-ahi o que elle tem feito, sem que, louvres á Providencia! ainda atégora em algum genero produzisse alguma obra! e acaso esperaremos que as produza agora, quasi com sessenta annos de idade? *difficilem rem postulasti*. Deixemo-lo, porque em fim, cada qual he como cada hum; e as suas obras, sem que tomemos a canceira de o provar, clarissimamente demonstrão o muito que lhe falta para *coadunar todos os requisitos que caracterisão o bom Poeta*, não tendo nem imaginação, para crear; nem juiso, para distribuir; nem elegancia para expressar.

Terminaremos este artigo notando, porque nos parece digno disso, que o Auctor fallasse do Poema *Oriente*, e nada da *Brasiliada*, Epopéa de Santos e Sylva, e, a pezar dos seus de-

feitos, recomendavel por muitas e grandes bellezas, e até por ser de hum genero novo: com o *Oriente* certamente não, porém com a *Brasiliada* não sómente renasceo a *Poesia Epica*, senão que até entre nós se creou huma outra especie de *Epopéa*: não a ter lido, cuidamos ser a unica rasão do silencio do *Auctor*; nem nós agora com ella nos deteremos, porque, como na indicada *Memoria* de nossos *Poetas Lyrica* necessariamente cabe hum bom lugar a *Santos e Sylva*, então, com o juizo de suas outras composições, lançaremos o que a respeito desta entendermos.

Continuar-se-ha.

Moniz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 6. pag. 72.)

Chegou á vista do nosso o *Exercito Castelhana*, composto de mais de 30 mil combatentes, e maior número de gente de serviço.

Deo signal a trombeta *Castelhana*

Horrendo, féro, ingente, e temeroso . . . :

Erão duas horas da tarde: e como para a fôrma regular da nossa *Ala esquerda* faltassem 200 lanças, movêrão-se os *Castelhanos* por aquella parte onde se lhe representava mais fraqueza, e tinhão o favor do vento e do sol; mas logo o *Condestavel*, sem alterar nem descompôr a fôrma, mudou de frente, volvendo a vanguarda. Disparou o inimigo algumas peças de artilheria, a que nas *Memorias* daquella idade derão o nome de *Trons*; e foi este entre nós o primeiro uso da pólvora, trazida pelos *Mouros* a *Hespanha* na batalha de *Algeziras*, em 1344.

Começa-se a trovar a incerta guerra,

De ambas partes se move a primeira *Ala*,

Huns leva a defensão da propria terra

Outros as esperanças de ganhalla:

Logo e grande *Pereira*, em quem se encerra

Todo o valor, primeiro se assignalla,

Derriba, encontra, e a terra em fim semea

Dos que tanto a deseção, sendo alhêa.

Largo espaço durou a peleja sem declinar o ardor, até que, crescendo em furia os inimigos,

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros.

Os Capitães dos flâncos dobrarão pelo centro das duas linhas, a incorporar-se na vanguarda :

Sentio Joanne a affronta que passava
 Nuno, que, como sabio Capitão,
 Tudo corria, e via, e a todos dava
 Com presença e palavras coração :

e, porque os lados estavam enfraquecidos, formando a retaguarda em mea lua, e mandando, e pelejando,

Dos seus, correndo, accode á primeira Ala....
 „ Defendei vossas terras, que a esperança
 „ Da liberdade está na vossa lança.

E com isto já por nós corria a victoria na vanguarda,

Porque eis os seus accesos novamente
 De huma nobre vergonha, e honroso fogo.
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do Marcio jogo ;
 Porfião, tinge o ferro o fogo ardente,
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo ;
 Assim recebem junto, e dão feridas
 Como a quem já não dóe perder as vidas.

Mas em tanto crescia o perigo na retaguarda : accodio-lhe o Condestavel, e finalmente, deixando 10 mil mortos, em que entravão os Mestres de S. Thiago e Alcantara, e outros muitos Fidalgos, com as Bandeiras, e hum immenso despojo,

Já de Castella o Rey desbaratado
 O campo vai deixando ao Vencedor,
 Contente de lhe não deixar a vida :
 Seguem-no os que ficarão, e o temor
 Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.

Nós perdemos 150 Homens, e de conta só Vasco Martins de Mello; sendo immediata consequencia da victoria a posse de Santarém, depois do que licenciou El-Rey as Tropas, e, entre outros premios que distribuiu, dão ao Condestavel o titulo de Conde de Ourem. Mas, como ainda no Tejo ficasse quasi toda a Armada Castelhana, marchou o Condestavel a desassombrar Lisboa, e com sua chegada os Castelhanos, que atélli sabião em terra commettendo graves insultos, não sómente se comedirão, senão que se fizeram á véla logo que os mares lho permittirão.

Continuar-se-ha.

Moniz.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO VIII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

A Dança.

(Continuado do N.º 7. pag. 74.)

Segundo estas idéas he facil de entender que a Dança Pantomimica deve ser toda em acção, e que os Figurantes não devem occupar a scena, que o Actor deixou, só para entretella com figuras symetricas, e passos cadenciados; mas sim para a encher com huma representação viva, e animada, que conserve o Espectador sempre attento ao assumpto que os Actores precedentes lhe expuserão. Não se entenda porém disto que os Figurantes, e as Figurantas devem representar papeis tão fortes como as primeiras Partes; mas que, em rasão de esfriar toda a acção de hum Baile que não he geral, he força que se empenhe toda a solercia, e arte em elles participarem della, pois he justo que as personagens principaes conservem superioridade sobre todos os objectos que as circumdão. Está pois o artificio do Compositor em reunir todas as suas idéas em hum só ponto, a que vão dar todas as operações do genio, e espirito. Com este talento brilharão os caracteres em toda a sua luz, sem serem offuscados por objectos que só devem servir-lhe de sombra. Hum Mestre de Dança deve dar a cada figura acções, caracter, e expressão, que a distingua das outras. Todas as Figuras devem chegar ao mesmo fim por caminhos oppostos, e com unanime concordancia concorrer para com a verlade de seus gestos, e sua imitação coloritem a acção que o Compositor lhe desenhou. Se a monotonia se introduz n'hum Baile, se não vemos nelle aquella constante variedade de expressão, fôrma, e caracter, que observamos na natureza; se os leves, e imperceptiveis traços que pintão as mesmas paixões, com rasgos mais, ou menos distinctos, e côres mais, ou menos vivas, não são applicados com arte, e distribuidos com gosto, he então o quadro hum mediocre tran-

sumpto de hum excellente original; e como não appresenta verdade nenhuma, não tem força, nem jus de commover, e excitar affectos. A mescla das côres, sua gradação, e os affectos que produzem na luz merecem tambem a attenção do Mestre de Dança. O realce que isto dá ás Figuras, a limpeza que espalha sobre as fôrmas, e a elegancia que d'isto tirão os Grappos, he bem pela experiencia conhecido. Foi Mr. Noverre o primeiro, que em França nos *Ciúmes do Serralho* initou a diminuição da luz, que os Pintores observão nos Quadros. As côres fortes, e inteiras estavão em frente, e formavão as partes salientes do Painei pantomimico; seguião-se as menos vivas, e tinha reservado para os fundos as côres brandas, e vaporosas: seguiu a mesma diminuição nas estaturas, e este feliz invento fez realçar a execução. Tudo era harmonia, tudo era tranquillidade; nada se empecia, nada se destruiu; esta concordancia encantava os olhos, que, sem fatigar-se, as partes todas abrangião.

Toda a decoraçào, de qualquer especie que seja, he hum Painei preparado para receber Figuras. Os Actores, e as Actri- zes, os Dançarinos, e as Dançarinas são as Personagens que devem adornallo, e embellecello; mas para que similhante Painei possa agradar, e não offenda a vista, cumpre que nas diferentes partes que o compõe brilhem proporções exactas. As côres dos pannos, e dos vestidos devem regular-se pela decoraçào, que pôde comparar-se a hum bello fundo: se este não for tranquillo, e harmonioso, se tiver as côres mui vivas, ou mui brilhantes desfará o encanto do Quadro, privando as Figuras do resalto que devem ter; não haverá nada, que destaque, resultando huma confusa radiação, ou affogoeamento de côres, e recortes não graduados, que fatigue a vista, e desgoste o Espectador.

ARTIGO II

POESIA

ODE A POESIA.

Sic honor et nomen divinis Vatibus, atque
Carminibus veit.

Hor. Ep. ad Pis.

Das venerandas sombras

Da augusta Antiquidade

Os olhos alongando magestosa,

E as Eras abrangendo, a Terra, os Orbés;

Nas pregas do teu manto

Fasilão, apontando, os teus prodigios.

Que estranhados segredos,
 Que mysticos arcanos
 Aos divos teus Alumnos revelaste,
 Que os Deoses, e os Destinos abundarão
 De animo altivo, e grande
 Para domar as doutrinandas Gêntes!
 Como arde o amor da Patria,
 Como se honrão os Numes,
 E dos Numes ao grão os Homens se erguem;
 Como em paz social se vive, e como
 Premios ao justo ao forte,
 Castigos ao perverso estão pendentes:
 Tudo Tu ensinaste,
 Antes que os dons havidos
 Da Natureza conhecendo, os Homens
 Engenhosos as forças empregassem
 No alto labor das Artes,
 Tentando do Saber a longa estrada.
 Mas logo aos teus encantos,
 O' divina Poesia,
 Obedientes as agrestes turmas,
 Após de Orpheo, e de Amphion corrêrão,
 Ledas, e respeitosas
 Leys aceitando, a levantar Cidades.
 Tyrteo então, e Homero
 Os feridos combates,
 E os teimosos assédios decantando,
 Para defensa dos erguidos muros
 Com guerreado exemplo
 As belligeras dextas esforçarão.
 Assim, rivaes dos Numes,
 Ajax, Heitor, e Achilles
 O peso das batalhas sustentarão:
 Descendo os Numes a hobrear c'os Homens,
 De Argivos, e Troyanos
 Tomando á parte os pelejados bríos;
 Pelo assombroso influxo
 Da intervenção celeste,
 Assim teus characteres imprimiste
 Nos sempre verdes bronzes da Memoria;
 E assim os Povos todos
 Dobraste ás leys universaes. Nem forão
 Só de policia, e d'armas
 Doutrinas que embebeste
 Próvida em teus Alumnos; que, inspirados
 E argutos modulando o sacro ensino,
 Para os seguir movêrão
 Homens e feras, troncos e pênhascos.
 Tu os caudaes thesouros
 Devolves da Eloquencia;
 E, os musicos delirios deleitosos

Desinvolvendo nas cadências tuas,
 Ora as paixões reprimes,
 Logo desatas da piedade o pranto.
 Tu dás as fias cores
 Que eternamente os vícios
 Do opprobrio nas cavernas ennegrecem.
 Tu dás as cores de matiz celeste
 Com que sempre formos
 Aos olhos dos Mortaes brilha a Virtude.
 Alvos padrões, que a Fama
 Com voz perenne guarda,
 Levantas aos Heróes que a Patria honraráo
 Crescendo-lhe grandeza com virtudes;
 E de Camões na tuba
 Divinizas os Reis de Luso egregios,
 Que os Reynos seus luzirão
 Com pro-pero governo;
 Grandes apresentando a Eternidade.
 Affonsos, Manoeis, Joãos, Limizes,
 Porque os fizeram grandes
 Monizes, Nunos, Asbu.uerques, Gamas.
 Deleitas instruíndo:
 E, as Artes illustrando.
 Que fazem florescer mais doce a vida,
 Obrigas que Cibeles e Neptuno
 Facultem na abundancia
 Aos Homeus o superfluo, que os regala.
 Mais pingues as sea as
 D'Hesiodo c'o plectro.
 Pullulão; graciosas lourejando;
 E dos torvos Titães o exemplo aterra.
 Impios que se alevântão
 Dos Deoses, e das Musas inimigos,
 Affouto despedindo
 Pelo Universo o Canto,
 Arato amostra pelo ethereo espaço,
 Dos Astros a luci-gera carreira;
 E toda em lições tuas.
 Facunda se derrama a Sapiencia.
 De antigos Ceos e Terra
 Mal satis-feita, exploras
 Inteiro o campo que reserva Utania;
 E arrancas-lhe os segredos portentosos.
 Que regulão no espaço
 Novos fozs, no os Mundos não sabidos.
 A deixar se medir os Astros descem
 A hum teu sublime aceno,
 Com genio a tudo quisa'o
 Armando a vista, por sua arte os Homens
 Abaixão ante si dos Ceos a altura;
 E, em multidão radiosa,

Os dois aneis sustentas
 Da amplissima cadêa
 Que do humano saber as partes liga
 Com reciproca, eterna dependencia,
 Como dependem todas
 Dos teus adornos, para ser mais bellas.
 Com vista penetrante
 O Sanctuario operoso
 Da Natureza investigando affouta,
 Sublime aos Homens seus mysterios abres;
 E, por ti mais formosos,
 Seus quadros, e seus dons patentes brilhão.

Moniz.

ARTIGO III.

CRITICA.

*Algumas observações sobre os Annaes das Sciencias,
 das Artes, e das Letras.*

(Continuado do N. 7. pag. 83.)

Prosegue o Auctor a pag 31 „ Os escriptos em prosa incul-
 „ cção decadencia ainda mais rápida; e, se continúa tal desleixo
 „ em cultivar a lingua patria, depressa deixarão os nossos Au-
 „ cttores, e por consequencia a Nação inteira, de fallar e escre-
 „ ver em Portuguez, e a lingua e estylo se tornarão igualmen-
 „ te barbaros; verificando-se a prophesia infausta do illustre
 „ Paschoal José de Mello, que dizia ter escripto em Latim pe-
 „ lo bem fundado receio que, se o fizesse na lingua materna,
 „ dentro de pouco cessassem de o entender os Portuguezes. „
 Nós respeitamos Paschoal José de Mello como elle bem merece
 por seus muitos talentos, e saber; foi elle hum dos Homens que
 no seculo passado mais honrãrão o nosso Foro, a nossa Univer-
 sidade, e as nossas Letras; foi elle o nosso maior Jurisconsulto,
 ou pelo menos foi elle o nosso mais Philosopho Jurista, do que
 são clara prova os seus Compendios de Direito Civil e Crimi-
 nal: foi certamente hum grande Homem, porém os grandes Ho-
 mens também errão, e hum dos erros de Paschoal foi essa opi-
 nião, referida pelo Auctor. Para nós não voga o *Magister di-
 xit*; e, ainda que hum cento de Paschoaes proferissem a mesma
 sentença, nós igualmente a impugnariamos, appellando para a
 universal opinião, e bem persuadidos de que serão sempre en-
 tendidos e estimados aquellos Auctores que bem escreverem na
 sua lingua materna, muito mais sendo ella, como a Portugueza,
 huma lingua nobre, elegante, e culta. Parece-nos que Paschoal
 só escreveu em Latim, por ainda se deixar vencer da antiga
 preocupação, ou antes sestro pedantesco de em Latim serem

compostos todos os escriptos de Jurisprudencia: não fallemos dos males que se dahi seguem, por ser isso questão á parte; porém nisto não louvamos Paschoal, e, se por isto o não fez, ainda mais errou. Nem menos podemos dizer errada a opinião do Auctor de que *os escriptos em prosa inculcão decadencia ainda mais rápida*, e errado o seu receio de que *a lingua e estylo se tornarão igualmente barbaros*: como pôde ser verdade a primeira, nem verificar-se o segundo depois de tantos bons escriptos que em diversos generos possuímos, depois das excellentes obras de tantos nossos Coetaneos Concidadãos, e da cultura e opulencia a que nestes ultimos tempos tem sido elevada a nossa lingua? Eis-aqui o porque nós dissemos parecer o Auctor que só conhece Antonio Ribeiro por suas composições poeticas: deixemos estas, posto que muitas boas pudéramos ainda citar traduzidas ou originaes, ou de Auctores mortos ha poucos annos, ou já de outros ainda vivos; e, referindo-nos sómente ás prosas, tambem nos parece que o Auctor mudaria de opinião, se lesse a collecção das Memorias da nossa Academia, entre as quaes ha muitas de Antonio Ribeiro, todas excellentes, e muitas de outros que tambem o são, assim por seu util contexto como por serem bem escriptas. Ponhamos de parte algumas poucas traducções, e os escriptos Juridicos, Medicos, Chirurgicos, ou puramente scientificos; nem tambem fallemos de Sermões, posto que de tudo isso alguma cousa temos moderno, e bom: mas, sem olhar por suas outras composições, não quererá ter em conta os Elogios historicos de Stockler, que, á maneira dos de Fontenelle, fazem respeitaveis as Sciencias e por ellas respeitado o seu Auctor? por nada quererá contar a vida de Almeno, composta por Antonio Ribeiro, e que corre impressa com os quatro primeiros livros das Metamorphoses de Ovidio, traducção de Almeno, e obra perfeitamente boa quanto á intelligencia do texto, e pureza de linguagem? Terá o Auctor por despreziveis o Jornal de Coimbra, e outros nossos, havendo entre esses algum que, por elegancia d'estylo e linguagem castiça e castigada, pôde bem competir com os nossos mais illustres escriptores?... Pois a nós parece-nos, que estas prosas que indicamos, juntas com as excellentes de Francisco Manoel, são hum opulentissimo thesouro de nossa boa linguagem Portugueza: parece-nos, que ellas prováo não ser tal como o Auctor imagina a decadencia das Letras em Portugal: parece-nos, que dellas facilmente se deduz, e se conclúe haver ainda muito entre nós quem saiba escrever bem, e bem avaliar os bons escriptos: e parece-nos até, que assim o entende o Auctor em sua boa consciencia; aliás para que nos prometteria, a final deste seu Discurso, escrever *em linguagem pura, livre de palavras e ediotismos estrangeiros*? e para que tomaria comnosco esse cuidado e fadiga, não havendo entre nós Juizes competentes,

que esse seu trabalho pudessem premiar com justos louvores, tanto mais saborosos quanto são mais bem merecidos? Nem desse promettimento se arrependa, certo que em Portugal terá bons avaliadores, os quaes, se com a franqueza e abertura da ingenuidade lhe disserem criticamente o que entendem, de muito melhor mente o farão achando amplo e patente o campo para os louvores, que já começam a distribuir-lhe, dando-lhe em parte desculpa pela lembrança de que o seu associado, Auctor da *Memoria sobre a ecônomia rural*, se queixa em nota da *penuria em que estão de livros Portuguezes publicados nos ultimos annos*.

Ajunta o Auctor ,, Hoje só se reputa sublime o que he ,, empollado; só o chocarreiro he jocoso; á satyra grosseira se ,, chama crítica; e, em vez do sal Attico, nos dão chufas, im- ,, properios de Estudantes mal criados, ou antes de regateiras. ,, A'urbanidade dos nossos Classicos antigos, de hum D. Fran- ,, cisco Manoel, por exemplo, substituem os nossos Auctores ,, hoje a linguagem marujal dos Cafés, e as pachouchadas dos ,, nescios. Compare-se o sal do Hyssope e o da Estupidez com ,, o fel do escandaloso, grosseiro, e trivial libello em verso in- ,, titulado --- Os Burros --- e ver-se-ha quão rapido he o des- ,, penho com que nos vamos a precipitar no pégo do máo gos- ,, to. ,, Isto parece-nos quasi o mesmo que se dissesse = Em França houve hum Cotin, por consequencia não prestarão Mas- sillon, Bourdaloue, Flechier, nem Bossuet, por consequencia não prestavão no seu tempo os Prégadores, e a Nação hia com *rápido despenho precipitar-se no pégo do máo gosto*: ou, em França houve hum Pradon, por consequencia não prestarão Corneille, Racine, nem Voltaire; por consequencia não prestavão no seu tempo os Poetas Dramaticos, e a Nação hia com *rápido despenho precipitar-se no pégo do máo gosto* = Agora rirá talvez o Auctor, ou talvez tambem que se enjoe, e diga entre si --- Ora eis-aqui huma bem grande frioleira, eis-aqui huma bem intempestiva declamação, hum bem vasio argumento, e exótica apparidade! --- Pois ólhe, não o julgamos nós assim, porque as illações nos parecem quasi identicas; e ingenuamente lhe dizemos, que com bem máo gosto achamos escripto este parágrafo. Se o alcunhado *Poema dos Burros* he poeticamente tão indigesto, e moralmente tão maligno e depravado como seu canino Auctor; se he hum apontado de chufas, improperios, e satyras grosseiras, escripro em linguagem marujal; se he absolutamente nú de tudo o que em poesia póde chamar-se bom, e sómente notavel por sua excessiva malignidade e fel, copiosamente derramado sobre vivos e mortos, segundo o vêzo de seu malevolo, impudente, e desboccado Auctor, que temos nós com isso? Póde acaso hum

só Homem ridiculo, malvado, e obscuro influir sobre huma Nação inteira? ou porque hum Homem vil escreve com o *mão gosto* homogeneo da vileza, segue-se que esse *mão gosto* se derrame por seus conterraneos, e influa como enfermidade contagiosa? Tal não cuidamos; e com tudo não lhe negaremos rasão em seus queixumes, pois que he huma infeliz verdade o haver muito entre nós quem *sô reputa sublime o que he empollado*, quem *sô reputa jocoso o que he chocarreiro*, quem emprega o *fel por sal*, e as *grosserias por urbanidades*; e sobre esses bem he que assente a espada da justiça, e a vara da correcção: mas ninguem ignora que esses excessos, extravios, ou desmandos pela maior parte dependem da pública educação; se esta fosse apurada, não estaríamos nós em decadencia de Letras, nem tantos serião esses excessos, porque sempre he mais a grosseria onde a ignorancia he maior: ésta em todos os tempos, e em todos os paizes he sempre o dote geral, he a grande herança popular; os Sabios são sempre os menos, são sempre os poucos; mas em hum paiz que, assim como o nosso, chegou huma vez a ser culto, existem sempre alguns Homens bem educados, alguns Homens de bom engenho e lição, em cujas acções e obras, em cujas idéas e julgados tem sua devida preponderancia o que he bom, e separação o que he máo. Lisongeamo-nos de que o Auctor se conformará com esta nossa opinião, e que, com elles contando, para elles escreverá.

Com muita rasão diz o Auctor a pag. 32 „ Não he de admirar a triste sorte da lingua, á qual (única na Europa) fallta ainda hum Dictionario Classico, huma boa Grammatica, hum systema de Orthographia, huma Prosodia, hum Tratado de synonymos, e de homonymos; huma Collecção de idiotismos, e em huma palavra, que apenas possue huma edição correcta de algum Classico. Não he de admirar que em tal inopia, e tão faltos de guias escreva cada hum como bem lhe parece, e que até as obras dos Homens verdadeiramente doutos estejam cheas de erros, ou de contradicções em orthographia, e linguagem. „ Muita rasão tem, nem achamos termos com que bastante o poder asseverar; porque na verdade he miseria que hum Nação que tem produzido tantos grandes Homens por esforço e por saber, huma Nação que em todas as quatro partes do Mundo tem feito soar com gloria o seu nome, huma Nação que falla huma das mais bellas linguas do Mundo, esteja em tão grande carencia, como o Auctor refere, de tudo o que pôde concorrer para aperfeiçoamento dessa mesma lingua! A isto juntaremos o que também diz o Auctor a pag. 33 „ Já que a nossa Academia, a quem competia trabalhar no aperfeiçoamento da lingua, e das letras não continuou os seus uteis trabalhos, he da obrigação de todo o Portuguez contribuir da

„ sua parte para supprir o que nos falta. „ E tambem nisto em parte lhe achamos muita rasão: convimos na *obrigação de todo o Portuguez*: convimos em que *á nossa Academia compete trabalhar no aperfeiçoamento da lingua*; mas fallando com a ingenuidade e clareza que he propria dos Homens de letras, temos por bem lamentavel cousa que, compondo-se a nossa Academia de tantos Homens illustres, e tratando de huma de suas tarefas mais importantes, tratando de compôr hum Dictionario da lingua, fossem as opiniões tão controversas, desviando em tão longos e intempestivos debates, que al-fim adoptarão hum dos peores systemas, e compuzerão sómente o primeiro Volume de hum Dictionario que, a haver de por aquelle theor se completar, precisaria quem o quizesse de apromptar cincoenta moedas e hum carro para o levar para casa, vindo assim mesmo a ficar com hum muito imperfecto Dictionario da lingua! Porém que ha-de ser, se, não sei porque força do destino, ha ainda cabeças tão empeciradas que em seu juizo Francisco Manoel he hum Auctorsinho, e Bocage he huma peite!

Finalmente, repetimos o que já dissemos: muito louvor se deve aos Redactores deste novo Periodico, do qual esperamos proveito geral, e particular beneficio da nossa Patria: se alguma vez a seu respeito usámos de alguma excessiva expressão, desejamos que essa pelos nossos Leitores seja substituida com outra mais moderada, e conveniente; havendo aquellas talvez nascido de hum impeto tão natural como invencivel, todas as vezes que nos erguemos a pugnar pelo lrio e gloria da terra que nos deu o berço. Não he que nós sejamos Optimistas, mas tambem não somos, nem folgamos de ver Mysantrópos: nós não imaginamos tudo o melhor, porém repugnamos ver imaginado o peor possível. Nenhum remorso nos fica, porque em nada dissemos o contrario do que entendemos: nem haja quem de nenhum modo presuma, que algum motivo particular nos induzio a assentar a pluralidade de nossas observações sobre os escriptos do Senhor F. S. C., devendo aliás de necessidade assim ser, por isso que de sua penna he a maior parte deste primeiro Volume. Esperamos que para o diante serão não sómente bem tratados os diversos assumptos promettidos, mas por tal arte distribuidas as materias que em nenhum outro Volume falte alguma parte de Historia, e Literatura; e será esse mais hum meio de, conforme ao que vem dicto no Discurso Preliminar, ser a obra *accommodada ás prelições e conhecimentos do maior numero dos Leitores*: e nós, que somos desses, continuaremos as nossas observações.

N. A. F. F. A. Cruz.

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 7. pag. 84.)

Renovárão os Castelhanos grandes preparativos marciaes, ameaçando invadir o Aléntejo: mas o Condestavel abalou com perto de seis mil Homens, pela maior parte veteranos, e a 2 de Outubro de 1385 passou o Guadiana entre Elvas e Badajoz; avançou talando a campanha, entrou no Almendral, que se lhe rendeu, e o bem que tratou seus moradores induzio a que o mesmo fizessem os do Lugar de Parra e da Villa de Zafra; entrou em Fuente del Maestro, metteo a sacco muitas Aldéas; entrou em Villa Garcia, e recolheu copioso despojo. Depois de hum refrega com o Mestre de Alcantara, que pertendeo tolher-nos a passagem da Ribeira de Magasella, e que al fim cedeo o campo, voltando á redea solta a amparar-se da seira, marchou o Condestavel até Valverde, sendo de caminho bem molestados os Castelhanos em algumas escaramuças; e, havendo noticia das suas forças (iguaes ou superiores em número ás de que triumphámos em Aljubarrota, e mandadas pelos Condes de Niebla e Medina Celi, os Mestres de S. Thiago, Alcantara, e Calatrava, outros Fidalgos, e os Vinte e Quatro de Sevilha) foi a legoa e meia de distancia buscar porto no Guadiana. Aqui foi necessario romper pelas estancias do inimigo, que se abriu pela frente deixando-nos penetrar até ao centro, e tornou a cerrar-se tomando-nos em cerco: porém o Condestavel ordenou que fossemos combatendo e avançando em seguimento de sua Bandeira; e elle proprio, embarçando hum escudo, e posto á frente do primeiro Esquadrão, rompeo tudo que se lhe oppoz. Chegados ao porto, achámos os postos bem guarnecidos; mas logo o Condestavel mandou adiantar a vanguarda, e á frente della commetteo o váo, arremessando-se á corrente com hum lança nas mãos. Em Merida e Badajoz se virão as agoas do Guadiana purpuradas com o sangue derramado naquelle conflicto. Já na vanguarda se retiravão os Castelhanos a tomar outro posto vantajoso, mas ainda na retaguarda durava a peleja sem declinar do ardor primeiro: então o Condestavel repassou o rio, carregou o inimigo com todo o grosso de nossas forças, mandou passar bagagens e prisioneiros; sustentou com poucos o peso da batalha, e vadeou depois o Guadiana.

Conseguida esta primeira victoria, de duas eminencias foram os Castelhanos successivamente desalojados com grande per-

da; mas, committendo a 3.^a forte por natureza e arte, alli foi o Condestavel ferido de setta em hum pe; e, depois de accodir á retaguarda, e ordenar o combate em modo que não fossemos flanqueados, tornou á vanguarda, onde os nossos já mal sustentavão o peso da multidão inimiga: re-ordenou as fileiras, e entre huns penhascos se retirou a orar, e observar os movimentos inimigos, recommendando que, sem alterar a fermia, sustentassemos o posto: porém os Castelhanos que do quebrantamento dos nossos inferirão a ausencia do Condestavel, e tinham gente de refresco, repetirão ás cargas: era geral o perigo.

Vello com pressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, e que viesse
 Porquê cõsigo esforço aos fracos desse.
 Mas olhá com que santa confiança
 Que inda não era tempo, respondia;
 Como quem tinha em Deos a confiança
 Da victoria que logo lhe daria:
 Assim Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos imigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando,
 „ Pois eu (responde) estou sacrificando.

Cã. 5. s, Lits. C. 8.

Sãhio finalmente o Condestavel, mandou abalar sua Bandeira, commetteo hum passo muito importante e difficil, escalou os alojamentos Castelhanos, e então foi completa a derrota, seguindo-lhe os nossos o alcance até cahir a noite, e o Condestavel mandar tocar a recolher; mas nem de huma nem de outra parte sabemos a perda, porque sempre entre nós houve descuido de por meio da escriptura, segurar na memoria os nossos mais honrados feitos.

Carregado de gloria e despojos marchou o nosso Exercito na volta de Portugal, e entrou em triumpho pela Cidade de Elvas, arvorada a Bandeira do Condestavel, e arrastados os Estandartes de Castella e o Pendão de Sevilha. Pouco tempo era passado quando os Castelhanos fizeram huma furtiva invasão, talando a campanha pelos contornos de Monçaraz, e outros lugares da raya; mas logo o Condestavel passou a Estremoz, e com os Soldados da guarnição, e outros dos presidios das Praças vizinhas chegou a Monçaraz, a tempo que os Castelhanos começavão em retirada a vadear o Guadiana pelo Porto da Prata: passamos d'involta com elles, e nos fomos carregando até huma planicie mea legoa distante onde, depois de perfidã peleja, deixarão muitos mortos e prisioneiros, armas e cavallo, e toda a preza que havião feito.

Resolveo El-Rey sitiar Chaves, para onde abalou campo, avisando ao Condestavel, que com a gente de que no Alentejo pudesse dispôr se lhe fosse incorporar: sahio fóra do alojamento e recebello, dirigio elle o ataque, e tomou para si o posto mais arriscado, e, depois de longo assedio, rendeo-se por capitulação a Villa, de que El-Rey lhe fez mercê. Negociou depois a entrega de Bragança, que arvorou as Quinas Portuguezas; foi sobre Miranda, que á vista do nosso Exercito se despejou de inimigos; e alli se passou resenha, achando-se constar o nosso campo de 4 mil e 500 Inças montadas, afóra muitos Homens d'armas, e Infantaria, o maior Exercito que até então tínhamos posto em campanha; com o que determinou El-Rey sitiar a Cidade de Coria (Estramadura Castelhana) e dividio-se o Exercito em 3 corpos: 1.º ao mando de Martim Vasques da Cunha: 2.º do Condestavel: 3.º d'El-Rey. Rendeo-se a Martim Vasques a povoação da Frohosa, a de S. Felix só quiz entregar-se ao Condestavel, e rendeo-se-lhe Fuente Guinaldo. Reunido o Exercito á vista de Coria, foi o Condestavel torneando a cava, e notando os pontos: a liantarão-se os approches, e, contra a opinião dos melhores Capitães, orderou El-Rey hum assalto que por muitas horas durou profiado com grande perda nosos, mas vendo o Condestavel que se arriscava gente sem fructo, defendeo aos seus escalar o muro. Mandou em fim El Rey tocar a recolher, e, lastimado de não effectuar-se a empreza, rompeo em palavras de sentimento, chegando a dizer „ Que lhe faltáráo aquelle da os Cavalleiros na Tabula Redonda, companheiros nas victorias, e iguaes no esforço a El-Rey Arthur „, ao que estimulado se pondêrão os Capitães „ Que antes se achára allí menos El-Rey Arthur, que soubera premiar, e não injuriar Vassallos que sim lhe ajudáráo a defender o Reyno, mas nenhum que o creasse Rey „, e como em cima da perdas no combates, picassem gravemente as doenças, e faltassem provisões no Exercito, levantamos campo, e, assolado o paiz, tornamos a Portugal.

Continuar-se-ha.

Moriz.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Dezembargo do Paço. 1819.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO IX.

ARTIGO I.

L I T E R A T U R A .

Admiradores, e Criticos de Homero.

Entre os antigos Philosophos Gregos, distinguem-se como admiradores de Homero, Democrito, que escreveu a respeito do estylo deste Poeta; Anaxagoras, que considerava a justiça, e a verdade como fundamento dos seus escriptos; Arcesiláo, que sempre adormecia com a Iliada na mão, e quando acordava dizia, que tornava a ver a sua Bella; Platão, cognominado por Cicero o Homero dos Philosophos, e cujo estylo tem as côres Homericas; e todos os Estoicos, sendo Antisthenes, Zeno, Perseo, e Chrysippo seus Commentadores ou Apologistas. Mas a nenhum mereceo tanto como a Aristoteles, que em Homero achou o perfeito modelo da Epopéa, e d'elle extrahio todos os preceitos desta parte da sua Poetica; sendo geral a sua veneração entre todos os Peripateticos, e tanto que hum delles por nome Aristocles, resolveo a favor de Homero o problema sobre qual dos dous, elle ou Platão, erão mais excellentes moralistas. Zenodoto, Aristarcho, e outros Criticos de Alexandria formavão hum Choro em louvor de Homero, e á porfia trabalharão na interpretação e apuro das suas obras. Diniz de Halycarnasso escreveu dous tratados, que existem, para mostrar o artificio dos discursos de Homero, e o maravilhoso mechanismo da sua mertrificação. Strabão, depois de o exaltar como Geographo, louva-o como Philosopho e Poeta. Dion, em hum discurso escripto para instrucção de hum Mancebo amator das letras, especialmente lhe recommenda que estude Homero. Plutarco, escreveu o tratado das *Meditações Homericas*, que se perdeu; mas em outros dous, que existem, sobre a maneira de ler os Poetas, e sobre o ingenho e escriptos de Homero, mostra assás a veneração em que o tinha. Longino olha-o como o Jupiter da Epopéa, e julga que nenhum outro Poeta soube como elle fal-

lar a linguagem dos Deoses. Longuissimo seria se houvesse de nomear tantos outros que em seu louvor se avantajárão : não deve porém omittir-se que entre os Discipulos da segunda Escola Platónica, os quaes o preconisavão Principe dos Poetas, se distinguirão Proclo de Lycia, e o célebre Porphyrio, Auctor de dous tratados, hum sobre a philosophia de Homero, e outro sobre a utilidade que de sua leitura pôdem os Principes colher : nem he menos para notar o dizer S. Basilio o Grande, que os Poemas de Homero são hum perpetuo elogio da virtude.

Ao voto de tantos Literatos deve juntar-se o de muitos Principes, e eminentes personagens, celebres por seu amor ás letras : taes são Alexandre Magno ; Pisistrato, dominador de Athenas ; Hipparco, seu Filho ; Lycurgo, Legislador de Lacedemonia ; Solon, Legislador de Athenas ; Ptolomeo Philadelpho, Rey do Egypto ; (1) Cércidas, Legislador de Megalópolis, e Cassandro Rey de Macedonia, que a miúdo repetia versos da Iliada e da Odyssea, Poemas que, segundo he fama, sabia de cóz, e dos quaes se julga que Ptolomeo Evergetes escreveu hum Commento, que se perdeu, bem como o que da Iliada fizera Demetrio de Phalaris. Juliano, que não era Apostata em materias de litteratura e bom gosto, falla de Homero com grande enthusiasmo. Finalmente o Imperador Justiniano o proclama nas Pandectas como Pay de todas as virtudes ; nem he para esquecer que o famoso Alcibiades deo huma bofetada em hum Grammatico, por ensinar bellas letras sem Homero. (2)

Mas em tudo ha contradicções, nem he pequena a que tem soffrido a gloria de Homero, não sendo talvez menos que o de seus admiradores o número de seus Criticos, e detractores : huns, como Luciano, e Longino, dando-lhe merecidos gabos, nem por isso lhe dissimulão os defeitos : outros, como Zoilo (3) e Parthenio de Phocça, contra elle se desboccarão em toda a sorte de maledicencias ; mas por isso, em premio dos seus nove tratados contra o cantor de Achilles, foi Zoilo crucificado, ou apedrejado (como dizem outros) por mandado de Ptolomeo ; e de Parthenio dizia o Poeta Ericio, „ Que, em vez de vinho, se lhe devia na tumba derramar pèz fervendo ; e que a sua sombra

(1) De todos estes diremos hum pouco mais, quando tratarmos dos escriptos de Homero.

(2) Similhanteramente deveria entre nós acontecer a respeito de Camões.

(3) Zoilo o Grammatico, aquelle cujo nome designa hum Therites, hum Fogaca, hum monstro de malevolencia, hum empeçonhado detractor e calumniador ; e não Zoilo o Orador, que tambem escreveu contra Homero, mas puramente como critico, e amigo da verdade ; segundo o testimonio de Diniz de Halicanasso.

seria no Tartaro pelas Furias atormentada, em expiação das suas horribéis blasfemias.

Por não fazermos huma tediosa carta de nomes, terminaremos a respeito de Homero a opinião dos escriptores Gregos, referindo a sentença de Platão; o qual, bem que admire o estilo encantador da Iliada, condemna-lhe os costumes, e a distribuição, partes essenciaes na Epopéa. „ Por tanto (diz elle na sua Republica) se entre nós apparecer hum Poeta que saiba tomar todas as formas, e tudo imitar, e que nos offereça os seus Poemas, testemunhar-lhe-hemos a nossa veneração, como a hum homem sagrado, a quem se deve respeito, e affeição; porém dir-lhe-hemos: Não temos entre nós quem vos semelhe, nem nos he permitido ter, segundo a nossa politica constituição: e com isto o reenviaremos a outra Cidade, depois de lhe derramar perfumes, e o ter coroado de flores. „ Com effeito, se tal fosse o voto de todos os Censores de Homero, mal se distinguirão elles dos seus admiradores; e por isso diz Laharpe, depois de isto referir no Lyceo, „ Que, se existisse a Republica de Platão, se tentarião os Poetas a lá hir, ainda que mais não fosse do que para lhe ser proferido este acordão de degredo.

Os Latinos, discipulos dos Gregos em literatura, e bellas artes, começando pelos seus melhores Poetas, taes como Ovidio, Lucrecio, Tibullo, Propercio, Silio Italico, Ausonio, Valerio Maximo etc. todos elles dão grandes gabos a Homero, Horacio, grande Poeta e excellenté Critico, reputa-o Philosopho superior a Chrysippo, e a Crantor; louva-o pelo que respeita aos caracteres, boa ordem, economia poetica, e propriedade de estylo; desinvolve o fio moral da Iliada, e claramente o designa como verdadeiro Mestre da arte: porém Virgilio fez-lhe ainda muito mais bello elogio, escreveu a Eneida. Se dos Poetas passarmos aos Prosadores, deparamos logo com Quintiliano, que, depois de examinar a Iliada, e em mil ençômios se diffundir, conclue „ Que he preeiso ser grande homem até para lhe conhecer as perfeições. „ Plinio, o Naturalista, chama-lhe Pay das Sciencias, e Príncipe das letras. Macróbio, confrontando-o como Virgilio, mostra que este lhe he quasi sempre tão inferior quanto hum Discipulo o deve ser a seu Mestre. (1) E deixando outros, e apenas mencionando que o grande Pompeo não partia para alguma expedição, sem primeiro se alentar com a leitura de Homero; remataremos com Vitruvio, que até desejava o estabelecimento de hum Tribunal Literario, que punisse os blás-

(1) Mas por Virgilio se póde muitas vezes dizer: *Discipulus super Magistrum.*

phemadores de Homero. (1) Mas tambem entre os Latinos não faltou quem o criticasse: valha por todos o maior Orador de Roma, e talvez o maior Orador do Mundo; quero dizer, Cicero, (2) que o condemna de attribuir aos Deoses as fragilidades dos homens, querendo antes que houvesse elevado os homens á perfeição dos Deoses: e tinha razão.

Salvando agora todo o intervallo da irrupção dos Barbaros, achamos que, com o renascimento das letras, resurgio mais brilhante a gloria de Homero. Petrarcha de proposito aprendeo o Grego para ler no original as Poesias de Homero, e concorreo com Bocaccio para a primeira traducção em prosa Latina da Iliada, e da Odyssea. Torquato Tasso, opinando sobre materias poeticas, he Scipião julgando a preeminencia entre os grandes Capitães; e diz Tasso, „ Que nenhuma poesia tem mais que as de Homero o cunho da immortalidade, e que he elle mais inacessivel aos ataques da inveja do que o cume do Olympo aos ventos, e ás tempestades „ A' similhaça de Petrarcha, o celebre Conde Alfieri, na idade de quarenta e nove annos, aprendeo o Grego para estudar Homero, e tanto se lhe affeicou que em sua honra instituiu huma Ordem, e a si proprio se creou Cavalleiro de Homero; á maneira dos Parentes, e Amigos de Lycurgo que, segundo refere Plutarcho, em memoria sua estabelecêrão huma sociedade, e chamarão *Lycurgidos* os dias de seu congresso. Angelo Policiano, termina hum seu magnifico elogio chamando-lhe, Oceano de mais que humana sabedoria. Chabanon mostrou que a Iliada, assim pela acção, como pelos caracteres, enredo, dialogos, e combate de paixões, he huma verdadeira Tragedia; (3) que, mesmo pelas suas imperfeições, mistas com tanta heroicidade, Achilles he eminentemente tragico, e Homero hum grande Mestre da arte tragica, e hum perfeito conhecedor do coração humano. O Conde de Caylus indica aos Pintores 190 magnificos quadros da Iliada, e 257 da Odyssea. Voltaire justifica os Deoses, e os Herões de Homero; (4) e especialmente o admira como Pintor sublime. Milton em tanto preço o tinha, que o sabia quasi todo de cór. Pope, seu gabado Traductor, attribue-

(1) Outro tanto deveríamos nós requerer a respeito de Camões, e bem era que se requeresse a respeito de todos os grandes homens, maltratados por escrevedores insulsos, e literarios sevandijas.

(2) Virgilio, a despeito de Cicero, concede aos Gregos a palma da eloquencia; mas, se isto fosse verdade, não sei então como elle poderia sustentar a comparação de Homero.

(3) Em huma dissertação inserta na collecção das Memórias da Academia das bellas letras.

(4) No Ensayo sobre a Poesia Epica.

He como característico o talento da invenção; e no seu Templo da Fama pertence a Homero a primeira das seis columnas em que, junto do Throno daquella divindade, colloca as effigies dos mais celebres Escriptores da antiguidade. O celebre Esculptor Bouchardon diz „ Que depois de ler a Iliada sempre se lhe affigurava terem os homens dez pés de altura „ Roberto Wood caso pensado viajou para ler os Poemas de Homero nos proprios lugares onde as acções delles erão representadas: e assim elle, como Le Chevalier, Tournefort, Chandler, Choiseul-Gouffier, e muitos outros celebres viajores, que discorrerão os mesmos paizes, attestão a topographica exactidão de Homero. Seria em fim necessario citar a pluralidade dos Sabios, e Literatos, se houvesse de se fazer huma lista dos modernos admiradores de Homero: muitos porém, e mui azedos tem sido alguns dos seus criticos, chegando até ao ponto de duvidarem da existencia da sua pessoa, e dos seus Poemas. Sustentou primeiro estes paradoxos João Baptista Vico, dizendo „ que a Iliada, e a Odyssea são huma collecção de cantos nacionaes dos Gregos, de diferentes seculos, e diversos Auctores, todos antiquissimos „ (1) Este deo materia á guerra de preferencia entre antigos, e modernos, ou *Gigantomachia litteraria*, declarada em França por Carlos Perrault, no seu *Parallelo dos Antigos, e Modernos*, apoyado por Lamotte Haudard, o Abbé d'Aubignac, Saint-Sorlin, Mercier, Marivaux, Charpentier, e, ainda além de outros, dous Homens de tão profunda litteratura como Terrason, e Fontenelle! (2) Mas pelos antigos.

(1) Não admira, porque no seu tratado *della Scienza nuova* teve o bom gosto de reduzir a problema toda a Historia antiga.

(2) A primeira vista causa grande admiração, que tal partido tomasse Fontenelle; menos porém admirará, reflectindo em que, não obstante os seus muitos talentos, e saber, foi elle achacado de diversas manias literariás; e por certo que não foi pequena, depois de se ter desunhado em versos, em que nunca excedeo a mediocridade, talvez por esta mesma causa, com Lamotte e outros, declarar-se do partido anti-poético, dizendo a este respeito mil frioleiras, como era bem natural sustentando hum systema absurdo. De Mercier, nada ha que admirar, porque sempre em todos os seus escriptos pertende a todo o custo singularisar-se; e, assim como se propoz a bannir Homero do Parnasso, tambem presumio expulsar Newton do Ceo. Saint-Sorlin foi Auctor dos Poemas de Clovis, e da Magdalena, que ninguém pôde ler, etc. etc. E nós por nossos peccados se não temos *Poemas Clovises*, temos *Poema Gama*, ou aborto Epico; *Poema Oriente*, ou refundição do Gama; *Poema Meditação*, ou manta de mal cirzidos pedaços alheios; *Poema Newton*, ou provas da ignorancia do assumpto; e *Poema Argonauta*, ou provas da nullidade poetica de seu Auctor: e outras obrinhas de igual feira, e jaez, como fructos que são de cabeça igualmente boa, e com tão bons, e peores sestros do que Saint-Sorlin.

victoriosamente combaterão Boileau, Dacier, Huet, o Abbadé du Bos, Longepierre, Boivin, Regnier des Marais, e alem de outros muitos, e mui notaveis homens de letras, Racine, e Fenelon, que bem podem contrapôr-se aos outros dois mais celebres Campeões do partido contrario.

Assim como de Italia passou a França, de França lavrou para Inglaterra o furor desta Gigantomachia: e, deixando outros, o Cavalleiro Temple, depois de render mui respeitosa, e esplendida homenagem ao sublime Cantor de Achilles, (1) sustentou em geral a superioridade dos antigos. (2) Guilherme Wootton, apoyado por Bentley, defendeo audazmente os modernos, e escandeeo a bilis do Doutor Swift, que em summo grão ridiculizou os seus adversarios em hum libretto intitulado *Batalha dos Livros*: (3) nem menos do que Wootton, e Bentley por Swift na Inglaterra, forão por Boileau, Dacier, Huet, e Gacon em França ridiculizados Perrault, e Lamotte, posto que a nenhum delles faltasse talento, e erudição.

Continuar-se-ha.

N. A. P. P. Moniz.

(1) Discurso sobre a Poesia.

(2) Ensayo sobre o saber antigo, e moderno.

(3) Suppõe Swift, que os livros da Bibliotheca de S. Jayme, animados do espirito de seus Auctores, se deshouverão, e renhirão. A acção he preparada com o machinismo do maravilhoso Homérico. Jupiter, e os demais Deoses tomão partido nesta grande querella. A Critica, Divindade Filha do Orgulho e da Ignorancia, que habita hum gruta da Nova-Zembla, e estava deitada sobre hum montão enorme de livros carcomidos, despertada por Momo, vòa á Bibliotheca em hum carro tirado por dous Gansos; e, tomando a figura de Bentley, excita o seu muito amado Wootton a dar o signal da batalha. Trava-se acção, que he chea de engenhosas allusões, carraças de Homero, e picantes jocosidades; e termina com a morte de Wootton, e de Bentley, aterrados com hum só golpe de Boyle, em quanto Wootton de balde arremessava hum dardo ao Cavalleiro Temple. No fervor da peleja Homero, que mandava a Cavalleria, montado em hum Cavallo defogo, que só elle podia manejar, faz rojar no pó a Gondibert, Poeta extravagante que se julgava superior a Homero. (*Oh lê! Assim era por lá isso? Pois tambem nós cá temos outro bem feydo Gondibert, que, com todo o empavementamento da nescia presumpção, se apregoa superior a Camões, e a quantos mais excellentes tem atégora apparecido!*) Finalmente Homero atravessa Perrault de parte a parte, desmonta-o depois de bem varado, atira com elle á cabeça de Fontenelle, e a ambos elles põe os miólos ao Sol &c. &c.

ARTIGO II.

P O E S I A.
F A B U L A.*A Gralha, e a Arara.*

Palavra irosa
 Gralhá importuna:
 „ Faz-me injustiça
 Minha fortuna:
 „ Todas as Gralhas
 A flux encovo,
 Tudo o que eu digo
 He bello, e he novo:
 Faço mil cousas
 Originaes,
 E todas ellas
 São immortaes:
 „ Honradamente
 Tudo espreitando,
 Com chiste, e siso
 Tudo notando,
 „ Do Mundo a emenda
 A-cargo tomo:
 Com suor ganho
 Isso que como,
 „ E, em recompensa
 De tanta lida,
 Sou mais que peste
 Aborrhecida:

„ Olhão-me todos
 Sempre ao revez
 E sou de mófas
 Perpetuo endez:
 „ Patos malditos,
 Casta damnada,
 Fazem-me eterna
 Cruel grasnada:
 „ Podres mazellas
 Me põe ao ar,
 Baldas que fazem
 Rir, e raivar:
 „ Por máis que acertem
 Eu não me calo,
 E mais me zombão
 Quanto mais fallo „
 — Ah! Ah!... bem feito:
 (Grita huma Arara
 Que este queixume
 Todo escutára)
 — Desprezo, e apúpo
 Bons premios são
 De atroz malicia,
 Van presumpção.

Maniz.

ARTIGO III.

B I O G R A P H I A.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 8. pag. 96.)

Quiz depois El-Rey ajudar o Duque de Alencastro a haver o throno de Castella, e, unindo-se-lhe o Condestavel, ao qual nomeou seu Veador, em Março de 1387 abalou o nosso Exercito, composto de 3 mil lanças, 2 mil besteiros, e 4 mil infantes, afóra muitos aventureiros. Junto El-Rey com o Duque, a este quiz dar o commando da vanguarda, mas com boas razões se oppôz o Condestavel, e para si o obteve. Entrámos pelo Reyno de Leão, renderão-se diversas povoações, e triumphou em varios recontros o Condestavel; mas prolongando-se a guerra,

por isso que os Castelhanos com animo generoso refusavão sujeitar-se a Principe estranho; de mais, apertando já os ruinosos calores do Estio, e chamando-nos os negocios domesticos, mandou El-Rey endireitar a marcha para Almeida, donde, licenciadas as tropas, partio o Condestavel para o Alentejo, a bastecer as Praças, e pôr a Provincia em bom estado de defensáo.

Furtivamente penetrarão até á Vidigueira 300 lanças Castelhanas, e discorrendo pelos lugares abertos daquelle contorno, com despojos e prisioneiros se recolherão a Villa Nova de Fresnos: mas logo o Condestavel, com 80 lanças, e 150 besteiros que só pôde unir naquelle relance, sahio de Monçaraz ao pôr do sol, antes de amanhecer chegou á vista de Villa Nova, levou de acommetida a estacada e as tranqueiras, e avançando junto da torre foi, com pouco damno, alcançado em huma perna por huma pedra lançada do alto; e, seguindo o ardor da peleja, foi a Villa mettida a sapo, e poucos os inimigos que escaparão de mortos ou prisioneiros.

Recolheu-se o Condestavel a Evora, e com seu conselho se intentou a subjeição da Praça do Campo Maior: durante o cerco, porque os inimigos se empenhárão em nos obrigar a levantarallo, houverão varias refregas em nossa vantagem, e levou-se a Villa por escalada, sendo o Condestavel dos primeiros que afferrárão o muro.

*Continuar-se-há.
Moniz.*

N. B. Em tudo apparece o máo fado da Poesia Portugueza! e cuidando que, só por ser ella o assumpto da Ode do N.º antecedente, sahio esta do prélo tão estropeada. Não bastou que ficasse hum metrico pastel, sem divisáo de Strophes, senáo que, ainda depois de duas revisões, lhe collocárão hum Verso fóra de seu devido lugar, arrevezando assim todo o sentido. Ora pois tenham alguma paciencia os Leitores, que mais precisa quem põe os seus canehos á vergonha do Mundo, e poucas cousas ha de tanto fastio como rever provas, e ruins provas de impressão. Na 4.ª pagina do N.º 8.º (cuja numeração tambem está errada, contando 96 onde devem ser 88) na 4.ª pagina, Verso 3.º, onde se lê *formas*, lê-se *formosa*, e na mesma pagina, depois do Verso

Novos Sóes, novos Mundos não sabidos,

que remata a Strophe 17.ª (porque a Ode he composta em Strophes regulares de 6 Versos cada huma) lê-se a 18.ª Strophe por esta maneira:

A hum teu sublime aceno,
Com genio a tudo ousado
Armando a vista, por sua arte os Homens
Abaixão ante si dos Ceos a altura;
E, em multidão radiosa,
A deixar-se medir os Astros descem.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO X.

ARTIGO I.

L I T E R A T U R A.

Admiradores, e Criticos de Homero.

(Continuado do N.º 9. pag. 102.)

OS principaes fundamentos da opinião daquelles que duvidão ou negão a pessoal existencia de Homero, attribuindo a Iliada e a Odyssea a muitos e diversos Poetas, são : o muito que se ignora do que a elle pessoalmente respeita ; sua muita antiguidade, que entra pelos tempos fabulosos ; e o seu nome, que he mais generico do que individual : a probabilidade de que ainda no seu tempo se não tinha inventado a arte de escrever : o uso de cantarem os Rhapsodistas varios trechos destes Poemas, dando-lhe titulos particulares ; e o seu mesmo titulo de *Rhapsodias*, que significa trechos de poesia, ou collecção de canticos : (1) a multiplicidade dos dialectos de que Homero promiscuamente usou : o intervallo de tres seculos, que decorrêrão entre a sua supposta existencia, e a primeira reunião destes Poemas, feita por Lycurgo : as muitas interpolações, accrescentamentos, ou alterações que os desfigurão ; e finalmente a contradicção que ha entre diversas partes destes Poemas, pintando humas todo o apuro do luxo e artes, e outras a grosseria e bruteza da infancia das sociedades. E, como he difficil de explicar por que maneira hum Homem imaginario produzió dous Poemas reaes, e excellentes, ou por que ma-

M

(1) Ou ainda de outras diversas obras e Auctores : e assim dizemos em geral *Rhapsodia* huma obra *Fogaça*, isto he, huma obra que nada tem da invenção de seu Escriptor, e *Rhapsodista* o escrevedor ou cirzidor de retalhos alheios ; posto que assim se diga por allusão ao com os Poemas de Homero acontecido.

neirá as producções de muitos a hum só forão attribuidas; dizem elles para resolver a difficuldade „ A guerra de Troya, tão gloriosa para a Grecia, foi, durante muitos seculos, o assumpto valido dos seus melhores Poetas; e sabe-se que diversos acontecimentos della forão cantados por Colutho, Triphyodoro, Corinno, Sisypho, Dictys de Creta, e Darés de Phrygia: Homens que não tinham o talento de compôr, discorrêrão depois por diferentes Cidades, recitando alguns fragmentos destes antigos Poemas, com mais ou menos arte ligados, e delles buscando formar hum todo. A' collecção dos diversos trechos que abrangião todos os successos da guerra de Troya chamou-se *Iliada*: áquelles que os recitavão *Rhapsodistas*, e a toda a collecção *Rhapsodias*. Pelo andar dos tempos, hum Homem mais intelligente melhor escolheo estas diferentes partes; retocou-as, unio-as entre si, e mudou ou corrigio tudo o que achou repugnante, pouco mais ou menos do mesmo modo que se julga serem as Poesias Caledonias ordenadas por Macpherson, com o nome de Ossian, ou as de Clotilde de Surville por M. Vanderbourg. Preferio-se em fim esta collecção a todas as outras, e conservou-se com o titulo de *Iliada* por excellencia, visto conter com melhor escolha tudo o respectivo a Ilion (Troya). He provavel que esta honra se conferisse a Homero, por ser elle o mais célebre dos Poetas que desta guerra escrevêrão, e pertencer-lhe a maior parte dos seus Cantos; e seguio-se daqui devorar o seu nome todos os outros, e apropriarse dos alheios trabalhos, assim como os feitos de muitos Heróes a hum só Hercules são attribuidos: e pôde tambem ser que Homero sómente fosse hum Cantor [que deo o seu nome aos Poemas que recitava, de maneira que a *Iliada de Homero* viria a dizer o mesmo do que *Iliada do Cantor, ou do Cego*. „

Ora com effeito o arrasado não he dos peores, porém mais cégos são certamente aquelles, que, fechando os olhos a toda a evidencia, recusão ver, ou negão reconhecer nos escriptos de Homero o admiravel character da unidade. Se tantos Poetas cantarão a guerra de Troya, porque não referirão todas as partes deste grande acontecimento, e todos se limitarão a cantar a chólera de Achylles? Todos os Episodios da *Iliada* tem hum liame que os une ao todo do Poema: como he pois crível que muitos Auctores contemporaneos, ou (inda peor) de diferentes seculos compozessem cada hum delles o seu Poema, por maneira que todos concordassem com o antecedente, e subsequente? Como he crível que em hum assumpto, misto de factos verdadeiros, e fabulosas invenções, fosse sempre bem ordenado, e bem conforme o machinismo? E como he crível que muitos Poetas successivos quizessem antes ser continuadores do que inventores? Além disto, cada huma das Cidades da Grecia tinha suas peculiares tradições, suas fabulas, e seus Heróes: como he en-

tão possível que de tantos diversos elementos, e muitas vezes entre si tão oppostos, resultasse hum todo, cheio de coherencia, e de harmonia?

Dizer que a Iliada, havendo sido composta de muitos re-
talhos, foi depois em hum só todo refundida, he quasi não di-
zer nada, e nada contar com o amor-proprio, tão natural, que
faz com que todos pugnem por seus direitos, e sua gloria: e en-
tão os Auctores, e os descendentes desses Auctores que compu-
zerão os diferentes cantos da Iliada, espontaneamente dessa glo-
ria se deixarão despojar, por maneira que de nenhum consta
que a reclamasse? E quem foi que ordenou, e regulou todo aquel-
le magestoso edificio, ou como ficou perdido no esquecimento
o nome de tão grande Architecto? He verdade que Eustathio
(Arcebispo de Thessalonica) em sua volumosa compilação re-
fere, que hum Rhapsodista de Chios, por nome Cyneto, alte-
rou a Iliada, intercalando-lhe versos de sua propria lavra; mas
tambem, a escrupulosa exactidão com que os mais atilados criti-
cos do tempo de Alexandre, e Ptolomeo omittião todos os ver-
sos suspeitos, parece assegurar a authenticidade dos restantes: e
então todos esses Homens tão illustrados, e tanto mais proximo
á idade de Homero se enganarão, considerando-o como unico
Auctor da Iliada?

Demais: não he por ventura sabido a ignorancia com que
os Copistas, e a audacia com que os Eruditos tem desfigurado
muitas obras de Auctores Classicos? Não he sabido que os *Gon-
doleiros* (1) Venezianos cantão em separado a *Hermínia*, e ou-
tros Episodios de Tasso? não he sabido que apparecem destaca-
dos muitos Episodios de diferentes composições, taes como de
Bernardim de Saint-Pierre, e de Chateaubriand? E são acaso
por isso menos inteiras, e completas as obras da *Jerusalem li-
bertada*, dos *Estudos da Natureza*, ou do *Genio do Christia-
nismo*? Ou póde por nenhum destes motivos duvidar-se da exis-
tencia de seus Auctores? Só se for o Padre Hardouin, ou al-
gum outro Padre tão paradoxista como elle, ou pouco mais ou
menos tão birrento, apóstata, e levantado como Luthero.

Continuar-se-ha.

N. A. P. P. Moniz.

M 2

(1) Bateleiros, Mestres ou Arráes de Gondolas, especie de peque-
nos barcos.

ARTIGO II.

P O E S I A.

F A B U L A.

O Pisco

Rosava ameno Estio as nuvens argentadas,
 Co'as pernas para o ar hum Pisco alevantadas:
 „ Agora, se cahisse a abobada do Ceo,
 „ Sósinho eu sustentára o enorme peso seu „
 Dizia: nesse instante os ares se enturvárão,
 E os echos de hum trovão ao longe rebombárão:
 Foi longe, foi hum só, porém foi hum trovão,
 E logo, a estremecer da aérea vibração,
 O Pisco á-banda cáhe, e palpitando vóa
 Sumir-se onde mais basto o bosque se coróa.

Não falta quem semelhe o Pisco a palpar,
 Depois de em presumpção tambem o semelhar.

Fogaça escreve, escreve: *Hygino* vai com elle,
 — *Seyta Camontana!* oh! eu a coçarei —

Gaba-se: vão-lhe ao pello, e grita „ Aqui d'El-Rey.

N. A. P. P. *Moniz.*

ARTIGO III. (*Communicado.*)

C R I T I C A.

Senhores Redactores do Observador.

VV. m. que tanto se prezão de ser Portuguezes, como eu, e que, amigos do nosso Grande Camões, venerão o seu Poema pelas muitas bellezas que em si contém, *que pertender negallas he commetter hum absurdo*, como diz o douto Francisco José Freire; não duvidarão inserir no seu bom Jornal o § seguinte de huma Carta, que huma Sociedade de Homens de letras remettêrão a hum Sabio nosso; porque o seu contheudo, além de ser bem a favor do nosso Virgilio Lusitano, he prova bem arrasoadá do seu merecimento. Eu terei com isto o maior prazer, e para com VV. m. ficarei devedor daquella estimação de que se fazem dignos os Literatos, que sabem dirigir a opinião Pública, e illustrar os seus Compatriotas. Sou de VV. m. Venerador *Antonio Maria do Couto.*

Cópia. --- §. ---

„ Parecia-nos mui discreto, e útil assás para maior perpetuidade da bem acreditada Fama do Grande Camões, já que tu-

do se põe por obra a fim de a tornar mais crescida, e alreada; aquillo que se começou a fazer ha muito tempo por sublimes Engenhos, os quaes vão gozando com louvor da nomeada de Luiz de Camões; fallo dos Garções, Dinizes, Alfenos, e Bocages. Mas, antes que a V... digamos o nosso parecer neste assumpto, cumpre-nos mostrar que elle se funda todo em huma base firme, qual a utilidade da Lusitada, provinda de suas bellezas; o conhecimento destas, pela contínua leitura do Poeta; e de similhante lição hum ardentissimo desejo de gloria, e de feitos illustres, aventurando-se a vida pela Fé, pelo Rey, e pela Patria, fonte primaria de que vem o verdadeiro Heroismo. He Camões por todos lido, e sempre o será em quanto houver bom gosto; os ignorantes o respeitão, os sabios o estudão, e todos o admirão. Nelle achão os Conselheiros as partes, e experiencia que devem ter; os Ministros zelo pelo bem público, esforço os Capitães, premio os que bem trabalhão; os Sabios Literatura, e hum modello para a imitação; e a Nação gloria, e esmalte. Ninguem, que sem bom juizo duvida de que o Poema de Camões tem optimas regras para a vida moral, e politica, não havendo Estancia na qual se não encontre huma doutrina particular chea de pensamentos, farta de conceitos, e de passos de vária lição; tudo acompanhado com o que nas letras humanas ha de mais insigne, o melhor da Fabula, o mais recondito das Antiguidades, e o mais digno da Historia Portugueza, da geral, da Mathematica, e outras muitas sciencias. Portanto, tendo em sua casa os Portuguezes tanta riqueza, parecnos alheio da rasão mendigarem pelos estranhos; e pedimos a V... que, havendo de pôr á testa de qualquer Escripto seu, distico, epigraphe, ou sentença, que annuncie a materia, o tire da Lusitada, que para tudo, e todos lhe apparecerão frisantes. Deste modo, o que muito boa gente mais restrictamente observará, se perpetúa a memoria do Poeta, seu nome vêm muito fallado, e he mais huma nova Edição de hum caracter tão celebre quanto o he o Cysne do Tejo em seus agudos cantos. etc. etc. (1)

(1) Envergonhem-se, se he possível, envergonhem-se os *Hyginos*, e *Fogaças*, vendo quão geral e bem estabelecida he em todo o Mundo literario a Fama do sublime Cantor, cujos magnificos quadros se realção com a sombra de insulsos *Poemas Gamas*, e *Orientes*. (Nota dos Redactores.)

ARTIGO IV.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 9. pag. 204.)

Seguirão-se treguas, e logo que expirarão apparece o Mestre de Calatrava commettendo grandes hostilidades; mas, sahindo a campo o Condestavel, retirárão-se os inimigos, e reformárão-se as treguas. Quebrárão os Castelhanos algumas das capitulações, e como neste caso por ellas mesmo se permittia que pudessemos intentar a escala de alguma Praça, foi Martim Affonso de Mello sobre Badajoz, que rendeo, e avisou o Condestavel, e este a El-Rey, porque engrossava o armamento inimigo, e entrárão pelo Alentejo os Mestres de S. Thiago Alcantara e Calatrava; mas apresentou-se-lhe o nosso Exercito, e em tanta pressa se retirárão, que chegarão a descarregar-se de tudo o que podia servir-lhes de estorvo em marchas dobradas: porém o Condestavel, de accordo com o Mestre de Aviz Fernão Rodrigues de Sequeira, reunio mais de 700 lanças, maior número de infantaria, e alguma cavalleria, e foi sobre a Villa de Caceres (Estremadura Castelhana) que levou por escalada, e deo o sacco livre aos Soldados: dalli foi ao Anzinhall, que se rendeo a partido; talou a campanha, entrou em Arroyo del Puerco, povoação opulenta, e com rico despojo se recolheo a Portugal.

Adoceceo gravemente o Condestavel, e respirárão os Castelhanos por espaço de tres mezes; mas, logo que restabelecido, reunio mil e 800 lanças, 500 cavallos ligeiros, e 5 mil infantes, tudo soldados velhos, e com elles passou o Guadiana. O Mestre de S. Thiago, que estava em Badajoz com 2 mil lanças, 800 cavallos ligeiros, e grande número de infantaria, destacou a reconhecer as nossas forças, mas evitou o combate. Avançamos para Villa Alva, onde tivemos hum recontro vantajoso, e discorrerão as nossas Partidas até Fuente del Maestro recolhendo muitos despojos, gados, e prisioneiros: fomos demandar as estancias do inimigo, que estava legoa e mea distante, e fortificado em lugar eminente á sombra do Castello de Feria: commettemos a montanha, e houve algumas horas de bem renhido combate, até que os Castelhanos rotalmente rotos começarão a desordenar-se em precipitada fugida, e lhe seguimos o alcance até que o Condestavel, por ser tarde, mandou tocar a recolher. Ficarão ainda os Castelhanos com o corpo principal sustentando huma parte da serra, onde, accommettidos ao romper d'alva, desampararão as trincheiras, sem accordo nem para deixar guarnecidos alguns passos mais importantes; e finalmente, já sem poder retirar-se, mandou o Mestre de S. Thiago rogar pela vida ao Condestavel,

o qual, vendo-se rogado por inimigo superior em número, e em sitio vantajoso, fez-se na volta de Zafra, recolhendo daquelles arredores despojos e prisioneiros. Foi depois sobre Burguilhos, onde triumphou em hum recontro; e, sabendo que com todo o seu poder hião os inimigos por Xerez de los Caballeros, foi logo apresentar-lhe batalha; mas, não sendo acceita, nem prudente atacar a Praça, marchou para Portugal, entrando de caminho em Barca Rota, lugar da raya, que se rendeu com leve resistencia.

Depois de outros successos que, posto fossem de importancia, não se fizeram notaveis por grandes feitos d'armas, no character de Plenipotenciario ajustou o Condestavel por nove mezes tregoa commettidas por El-Rey de Castella. El-Rey o nomeou seu Conselheiro d'Estado, e este cargo desempenhou tão habil em politica, como o de General em valor, e disciplina. Renovando-se os armamentos de Castella, acompanhou a El-Rey no sitio de Alcantara, onde se commettêrão muitos honrosos feitos; havendo porém de se levantar o sitio, porque excessivamente crescêrão as forças inimigas, á vista dellas o fizemos, sem deixar no campo o ferro de huma lança; e cobrindo o Condestavel a retaguarda, e assolando campina e povoado, nos recolhemos a nossas terras: e, porque aos ouvidos d'El-Rey subirão muitas queixas contra a insolencia dos grandes, foi o Condestavel nomeado Governador das Justiças do Alentejo, e Algarves, para que, sem conhecer maior Alçada, averiguasse, e deferisse em todos os casos; honra, e cargo a que elle debalde quiz desde logo escusar-se; mas, como tambem dezesasse reformar muitos costumes alterados com as licenças da guerra, pôz em execução as leys sem excepção de pessoa, sendo primeiros os seus Parentes, e Amigos, cujo exemplo foi aos demais de muito proveito: e com tudo, como não faltassem offendidos, nem outras causas que de sua propria inteireza o fizessem desgostar, aproveitou a primeira occasião, e immediatamente se demittio. Tornando a cahir enfermo, e convocando El-Rey Côrtes em que se havia de jurar Successor da Corôa o Principe D. Duarte, ainda que mal convalescido, compareceo; e depois disto deo El-Rey por Esposo a D. Brites, Filha unica do Condestavel, seu Filho D. Affonso, Tronco da Augusta Casa de Bragança.

Morto El-Rey D. João I. de Castella, succedeo-lhe, ainda menor, D. Henrique III., e ajustou-se entre as duas Corôas huma tregoa de 15 annos. Então, isentando-se de assistir na Côrte, a que era chamado para o expediente dos negocios politicos, retirou-se o Condestavel a suas terras, onde por largo tempo descansou, e donde, outra vez chamado por El-Rey, veio com obras, e conselho affervorar a gloriosa jornada de Ceuta, na qual foi dos primeiros que saltarão em terra, haven-

do sido o ultimo que na tormenta, depois de todas as outras embarcações em salvo, se acolheo á enseada de Gibraltar; muito aliás para o nosso triumpho concorrendo na conquista da Praça, e salvando a El-Rey de perigo na acommettida que em campo nos fizerão tumultuariamente os Mouros, e depois no assalto que tentou Zalabenzala: entendeu tambem em tudo o concernente ao bom estado de defenza em que a Praça devia ficar, e tornando ao Reyno se retirou a suas terras, até que no anno de 1422 se recolheo ao Convento de N. Senhora do Monte do Carmo de Lisboa, e alli falleceo aos 11 de Mayo de 1432: foi sepultado na Capella Mór, trasladado alguns annos depois para o lado da Epistola, e finalmente em 1548 para o Presbyterio da parte do Evangelho, onde jaz.

Tal he a somma das facções do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que parecem quasi prodigiosas, e prolixas, ainda que tão succintamente expostas, e omittindo muitas de menos monta, assim politicas como militares. Porém como, para ser verdadeiramente grande Homem, não bastão as qualidades de activo, intelligente, e esforçado, que eminentemente possuio; sem referir suas muitas piedosas fundações, nem os muitos bens que com seus companheiros d'armas repartio, e outros muitos rasgos de sua piedade, generosidade, talento e ardileza politica, e militar, que, juntos com a pericia, e o valor, o fizerão hum dos mais habéis Conselheiros, e o maior General do seu tempo; relataremos alguns dos factos mais particulares que provão a sua magnanimidade, benevolencia, e firmeza de character, porque dos seus foi tão querido, e de todos tão respeitado.

Quando Martim Affonso de Mello escalou a Cidade de Badajoz, ficou entre outros prisioneiro o Marechal de Castella Garcia Gonçalves; e, despedindo todos os demais, só este reservou o Condestavel até aviso d'El-Rey; o qual deixando a seu arbitrio a justiça daquelle Fidalgo, o Condestavel o mandou livre, dizendo „ Que os inimigos, depois de os render a força, os havia de vencer a cortezia.

Antes do conflicto de Caceres, vierão ao nosso campo dous Noivos, que as Partidas aprisionarão hindo de caminho a desposar-se: o Condestavel os mandou recolher em quartel separado, ordenando o seu bom tratamento; e ganhada depois a Villa, com todos os Cabos do Exercito lhe assistio ao Casamento, de que foi Padrinho, dando-lhe mais em dote do que lhe offerecião pelo resgate, mandando restituir-lhe tudo o de que haviam sido despojados; e com Parentes Amigos, e Criados os despedio com guarda segura, e ordem que as hostilidades não chegassem ao lugar de que erão moradores. Tanto não fez Scipião.

Continuar-se-ha.

Moniz.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO XI.

ARTIGO I.

L I T E R A T U R A

Admiradores, e Criticos de Homero.

(Continuado do N.º 10. pag. 107.)

Dissemos pelo que pertence ás interpolações, e rhapsodias; e mal merecem resposta as outras objecções, porque certo não tem mais solidez.

Para cimentar a negativa da existencia de Homero, começação por duvidar-lhe do nome; e ora lhe chamão *Meônide*, Filho de Meon; ora *Melé.igenio*, nascido junto do rio Meles; ora per-tendem que se chamou *Tigranes*, e que, sendo enviado em re-fens á Grecia, tomou o nome Homero de *omeros*, que significa refens; ora o derivão de *meros*, que significa a coxa da perna, porque dizem que nesse lugar tinha elle hum tufo de cabellos; e ora finalmente o derivão do verbo *omerein*, que significa cantar: e como, no dialecto de Cumas, este mesmo verbo significa ser cego, talvez a cegueira de Homero não tem outro fundamento mais do que a falsa interpretação deste vocabulo: o certo he que Velleio Paterculo diz „ Que para julgar Homero cego de nascença, he necessario estar privado de todos os sentidos „ que André Wilk combate a opinião da sua cegueira; (1) e que huma medalha de Chios o representa lendo: porém as mais authen-ticas medalhas são a Iliada e a Odisséa, que retratão ou respi-rão a Natureza tão verdadeira, e ricca, e variada, como impos-sivel he que hum cego de nascença a possa descrever, nem ima-ginar.

N

(1) Em hum discurso Latino, intitulado *Cura da cegueira de Ho-mero.*

Claro he que nem a generalidade do seu nome, nem a sua muita antiguidade são bem arrasoadas e sufficientes provas da sua não existencia, aliás da existencia de quantos outros, muito mais modernos, e de nomes igualmente genericos, se poderia duvidar? e, se o ser tão antigo que pertence ás idades fabulosas, pôde bem estabelecer esta dúvida, duvidemos então da existencia de todos os seus contemporaneos, e antepassados; adoptemos o problema de João Baptista Vico, e façamo-nos perfeitos Pirrónicos; porém não nos escandalizemos se alguém nos applicar as provas physicas, visto que as moraes são de pouco proveito para os testarados.

O intervallo que decorreo desde sua existencia até á reunião de seus Poemas por Lycurgo, pôde, quando muito, provar a imperfeição em que nesses tempos estava a arte de escrever, porém de nenhum modo a impossibilidade da existencia delles, nem da sua unidade. He verdade que mui verde devia ser esta arte no tempo de Homero, e por isso mui difficultosas de haver cópias completas de obras tão volumosas como a Iliada e a Odysseá; mas não está provado que ella ainda então não existia; antes se, como he mais provavel, Homero viveo cousa de tres seculos depois da guerra de Troya, teve certamente este soccorro; e o sexto Livro da Iliada parece determinar a sua existencia na historia de Bellerophonte, que levou ao Rey Premus taboas ou pranchas provavelmente com characteres alphabeticos. Homero serve-se da palavra *semata*, que Dacier traduzio por *letras*, e que isto significa, ou signaes, cifras, characteres, typos, etc. Dacier combate a opinião de Eustathio, o qual pretende que fossem hieroglyphicos aquelles characteres, e cita hum antigo Verso Grego em que a palavra *segma* (letra) he applicada ao alfabeto, levado á Grecia por Cadmo: porém quaesquer que fossem os characteres das taboas de Bellerophonte, sempre fica demonstrado pelos proprios Versos de Homero que elles erão escriptos, ou gravados em taboas, porque diz, formaes palavras, *Grapsas enpinaci* (escriptos, ou gravados em taboas) o que basta para provar que, já antes dos Poemas de Homero, havia hum tal qual modo escrever: quanto mais que foi opinião de toda a antiguidade haver Homero escripto, ou gravado os seus Poemas, como se vê deste verso de huma antiga inscripção na base da sua estatua:

Dissas gramiteon grapsamenos selidas

isto he, havendo escripto, ou gravado dous livros dos feitos dos Herões.

A multiplicidade e mistura dos dialectos poderia ser grave objecção, se, por exemplo, hum Canto fosse escripto no diale-

cto Ionico, outro no Dorico, ou Eolio etc. etc., porém como todos elles são promiscuamente usados em todo o Poema, e ás vezes mistos em hum só Verso, nada se pôde dahi concluir contra a unidade da execução.

Finalmente a perturbada contradicção na pintura dos costumes, pouca reflexão basta para a desvanecer; e seria, como diz judiciosamente Voltaire, reprehender em Homero a fereza, e grosseria que representa n'alguns quadros de seus Poemas, o mesmo que condemnar hum Pintor por seguir fielmente os costumes. Os tempos precedentes aos da perfeita policia, e civilização de necessidade havião de em muita parte unir o luxo com a impolidez, e rusticidade; porque só o longo hábito da paz, e da opulencia faz desinvolver e applicar as artes a todos os usos da vida, nem até então existe mais do que os seus germes imperfeitos, e incoherentes: assim vivião os Hebreos; assim os Povos do Mexico, e os Peruvianos, ao tempo da invasão dos seus paizes; assim os Europeos dos primeiros seculos modernos; e assim devião tambem ser os Gregos no periodo mediante entre a guerra de Troya, e a idade de Homero. Não he para admirar que Priamo, senhor de hum Reyno então mui consideravel, e mais que todos os outros florescente pelo commercio, tivesse hum magnifico palacio, e mui preciosa mobilia. Agamemnon possuia as riquezas havidas de Pelope, e as que elle por seus triumphos alcançára, ostentando-as como hum Corsario barbaresco as suas prêas e despojos, sem que por isso fosse mais polido, ou civilisado. Tudo pois naquelle tempo era misto de policia e barbarez, e tudo Homero descreveo como excellente e fecundissimo Poeta.

Facil seria o ampliar estas refutações; porém o que fica dicto, e ainda mais a leitura dos Poemas de Homero são provas sufficientes, e até exuberantes para os bons engenhos; e para os broncos, ou nada illustrados, inutil seria o escrever-lhe muitos volumes. Bem ha por ahi quem diga que tem lido, e lido, e tanto que até nem ao menos huma Logica lhe tem escapado! porém as suas opiniões? erroneas: o seu gosto? depravado: e os seus fructos? peccos.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO II.

P O E S I A.

F A B U L A.

Os dous Gozos.

Dous Gozos de fila, raça atravessada,
 Dueto insolente de tenção damnada,
 Rosnando continuo, continuo a ladrar,
 Latindo incessantes de rayva a babar,
 Hum bairro correndo, do bairro apossados,
 Traziaõ já todos a dente marcados,
 Fazendo, além marcas, o officio de Cão,
 Fiados (he fama) em ter protecção;
 E a voz espalhavão com toda a affouteza,
 Que á sua aguçada malefica preza
 Ninguem se attrevia, e a haver contendos
 A campo viesse provar seu valor.
 Grassava a noticia de tanta ufanía,
 E chólera, e risa n'hum tempo movia:
 Alguns cachorritos aos Cães de poder
 Mil queixas fazião de tanto soffrer;
 Porém os mais fortes tambem mais prudentes,
 (Que sempre a prudencia foi dom dos valentes)
 Tãõ vis desdenhando contrarios medir,
 Os Gozos deixavão morder, e latir.
 Em fim aos malvados que audazes campeão
 Lá chega huma hora que a audacia lhe apeão.
 Acaso hum Rafeiro no tal bairro entrou,
 E logo o Dueto rosnando o assaltou:
 „ De longe arredai-vos, canalha insolente,
 „ Que, se eu chego irado a pôr-vos o dente,
 „ Tereis de mui longo, coutados! ganir „
 — Oh! lé, donde vejo tão prompto a esgrimir?
 — He Cão, ou he Pató com toda essa chança? —
 Diziaõ os Gozos: o Rafeiro avança,
 Esquerda, direita: já sóa *caim*,
Caim d'hum e d'outro: recresce o motim,
 E lá vão os Gozos, ligeiros fugindo
 De orelhas rasgadas, piedosos ganindo
 Queixar-se a seu Dono; e o Dono que os vê,
 E a origem da queixa bem sabe qual he,
 Cada hum por seu nome chamando enfadado:
 „ *Hygino*, *Fogaça*, Dueto malvado,
 „ He essa huma amostra da surra (lhes diz)
 „ Que aos dous vos espera, por serdes tão vis
 „ Que commetteis tudo com dente maligno:
 „ De surra, e mais surra se faz muito digno
 „ Quem tudo aboccanha, quem nada acha bom „
 Os Gozos ganindo dobrarão o tom,
 E as prezas possantes mostrando, e correndo
 O bom do Rafeiro ficou-se lambendo.

ARTIGO III.

BIOGRAPHIA.

O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

(Continuado do N. 10. pag. 112.)

Depois da batalha dos Atoleiros, veio metter-se em nosso campo hum Castelhana, pedindo que o conduzissem ao General, e inquirindo, se Pedro Gonçalves de Sevilha, seu Pay, estava morto ou prisioneiro, para cuidar de seu resgate ou sepultura: o Condestavel, acolhendo-o com muitos louvores por sua filial piedade, o fez aquella noite repousar, e só no outro dia, aliviando-o quanto poude em sua justa magoa, lhe referio que morrera honrosamente pelejando.

Retirando-se o nosso Exercito de Torres Vedras, hum cego daquellas visinhanças que ouviu ferir o toque de marcha, lastimado pedia que o guiassem aonde ficasse livre de Castelhanos: escusavão-se todos os Soldados, mas passando o Condestavel, tomou-o comsigo de ancas, e o levou a 4 legoas de distancia.

Marchando a soccorrer El-Rey no sitio de Chaves, commetêrão os Soldados alguns insultos nas terras por onde passárão, e foi nisso tambem culpado Antão Vasques de Almada, o mesmo que mandou a Ala esquerda em Aljubarrota, e hum dos mais illustres, e esforçados Capitães do nosso Exercito; o que não obstante, ou antes por isso mesmo, o Condestavel severamente o reprehendeo, e obrigou a que por seus bens resarcisse as perdas: Antão Vasques, mal soffrido, fallou com menos attenção, e partio a queixar-se a El-Rey; mas tudo o Condestavel lhe relevou, e, longe de se lhe por isso desaffeioar, quando Antão Vasques briosamente pereceo em hum recontro de que os nossos sahirão vencedores junto a Badajoz, disse o Condestavel „ Que maior que fosse a victoria, não podia valer o que custou.

Quando El-Rey quiz que elle cedesse as terras da Raynha, não duvidou, porque desse modo se ganhava hum tão grande Vassallo como era o Conde D. Gonçalo Telles, e em tempos tão apertados que qualquer fazia falta: porém quando El-Rey quiz que largassem os bens da Corôa aquelles a quem tinha galardoadado, cedeo o Condestavel por sua parte, não consentio pela dos outros, desgostou-se, quiz retirar-se, e houve El-Rey de ceder.

Muitos, e mui largos offercimentos se lhe fizerão por parte de Castella; mas tudo constantemente desprezou por serviço da Patria e de seu Rey natural: por isso, alludindo a elle Condestavel, dizia a Raynha D. Leonor „ Que ao Mestre de Avis de todos os dentes que tinha só hum lhe não abalava „ e com.

tudo , não duvidava elle contrariar a vontade, ou opinião d'El-Rey todas as vezes que o julgava justo, ou necessario; e El-Rey, reconhecendo e accéitando seu bom conselho, descia-se da propria opinião. Felices tempos!

Facil seria o referir muitos outros semelhantes factos, porque nenhum Vassallo teve maiores poderes, como nenhum mais fiel ou mais util servio a sua Patria e o seu Rey, amparados por seu conselho, por sua espada defendidos, e engrandecidos por huma successiva torrente de mais de 40 annos de victorias. Homem quasi incomparavel, a quem nenhum lance de boa ou má fortuna fazia succumbir, ou desvairar; nenhuma emulações, invejas, ou intrigas palacianas o pudéram abater; sómente ambicioso de liberdade e gloria, sem nenhuma grandeza o ensoberbecer, e nenhum titulo o deslumbrar; bizarreando animo e forças a todo o poder incontrastaveis, mas só empregadas na justa causa; e em todas as grandes qualidades tão excellente como no esforço, pelo qual eu lhe chamára o nosso Achilles, se Camões não houvera dicto:

O grão Pacheco Achilles Lusitano.

Mas, se não fôr Achilles, deverá ser chamado o nosso Ajax, ou como tambem o disse Camões:

Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Nuno Alvares se arrea.
Ditosa Patria que tal Filho teve,
Mas antes Pay; que, em quanto o Sol rodêa
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal Alumno.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO IV.

M I S C E L L A N E A.

Facto acontecido na Suecia a respeito da Agricultura.

Em 1771 o Theologo Lutheran Christiernin, promovido a huma Cadeira na Universidade de Upsal, no seu discurso de abertura rompeo em invectivas contra a economia rural, denominando-a a mais vil de todas as artes, e accrescentando, que os Ecclesiasticos derogavão da sua dignidade quando se abaixavão a similhante estudo, profanando deste modo, e aviltando o character Sacerdotal. Aquelle Professor gozava de huma grande reputação entre os Ecclesiasticos velhos, e alguns destes, constituidos em mais alta dignidade, começaram a increpar os Parochos que se davão ao ensino rural da Mocidade. Christiernin era inimigo acerrimo de Linneo, como Anyto o foi do sábio e virtuoso Socrates.

A doutrina deste Theologo offendeo os Lavradores, e foi reprovada pelos Sábios, como contraria aos intuitos do Governo, e ao progresso dos conhecimentos uteis; daqui resultou huma queixa formal da parte dos Lavradores aos Estados Geraes, os quaes, como se sabe, são compostos das quatro Classes, Clero, Nobreza, Habitantes das Cidades, e Lavradores proprietarios do campo. Os Deputados apresentarão em Assembléa geral huma memoria muito energica, queixando-se do discurso que pronunciára o Professor Christiernin „ A doutrina proclamada „ no discurso (dizião elles) he absurda, e contraria aos verdadeiros principios de que depende a prosperidade do Estado, „ no qual sómente os que governão, e os que se destinão ao ensino e protecção das instituições, se devem reputar superiores „ aos Homens que com o seu trabalho lhes grangeão a subsistencia, quaes são os Lavradores. „

Christiernin foi condemnado a reparar a injúria feita, e a ensinar aos seus Discipulos verdades oppostas aos erros, que nesta materia tinha profetido e escripto; e o Rey Gustavo III. declarou, como chefe da Religião Sueca, que a primeira, e mais digna das artes era a Agricultura; que, depois das funções Sacerdotaes, ella era o objecto mais honroso para os Parochos, e o que mais combinava com as virtudes de que os Ecclesiasticos devem dar o ensino e o exemplo; que a prática e o exercicio da economia rural tão pouco os aviltavão que, ao contrario, se fazião merecedores de maior estimação e respeito dos Póvos, á

proporção que mais concorrião para a felicidade dos Agricultores da qual depende a do Estado. Esta declaração do Rey Gustavo he a base dos progressos da Agricultura moderna na Suecia. Os Curas do campo continuarão a applicar-se mais efficaçmente á economia rural, ensinando a Mocidade, escrevendo as suas observações, e dirigindo-as ás Academias de Stockolmo, de Upsal, e ás de Allemanha: com isto merecêrão muitos o titulo de Socios das mesmas Academias, e obtiverão todos livros, instrucções, e memorias sobre os differentes ramos de que depende a Agricultura.

Extracto de huma Memoria historica, e Observações sobre o ensino da economia rural, inserta no Tomo 1.º dos Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.

Oxalá que a mesma palidonia fossem obrigados a cantar outros *Christiernins* que por cá temos. *Nota dos Redactores.*

N. B. Na Fabula inserida no N.º antecedente faltou este Verso:

E em quanto lhe não chega o azurrage á pelle,

que devia seguir-se ao outro:

Fogaça escreve, escreve; Hygino vai com elle.

Faltão sómente dous Números para acabar este 3.º Trimestre, convidamos por tanto aos Senhores Subscriptores a renovar as suas Assignaturas: os das Provincias dirigir-se-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, debaixo da Arcada do Senado; na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.º 234; na de Carvalho, ao Pote das Almas; e na Rua da Rosa das Partilhas N.º 153, na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico; no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Desembargo do Paço.

OBSERVADOR PORTUGUEZ

NUMERO XII.

ARTIGO I.

SCIENCIAS, E ARTES.

Dos Gelos.

OS gelos dos Polos são outro phenómeno da distribuição do calor na superficie do Globo; mas o modo da sua formação nos era quasi desconhecido até á publicação recente da Memoria de M. Scoresby, Capitão de Navios da pesca da Baléa, bom Observador, e mui conhecido em Inglaterra pelas suas numerosas viagens aos Mares glaciaes.

As massas de gelos, nas vizinhanças dos Polos, differem pela sua extensão e fórma, e os Navegantes lhes dão nomes diversos, segundo estes accidentes. Algumas massas são tão grandes que se lhes não avistão os limites do alto do mastro grande de hum Navio. Distingue-se tambem o gelo d'agoa salgada e o d'agoa doce. O primeiro he branco, poroso, e opáco; a luz que por elle passa he esverdinhada; he menos duro, e de menor peso especifico que o d'agoa doce. Este parece hum tanto negro, tem côr negra, e huma transparencia perfeita quando se tira fóra d'agoa. Alguns pedaços são tão diaphanos que delles se podem fazer lentes, com as quaes se tem accendido o lume, ou outros corpos combustiveis.

O gelo mais denso he sempre de $\frac{1}{10}$ mais leve que a agoa. O gelo não se fórma, como se pensa de ordinario, só na proximidade das terras; no mar se podem ver os primeiros crystaes delle, e até pôde começar a formar-se debaixo da influencia de ventos rijos; porém he bem certo que a sua formação he muito mais facil em tempo sereno, e então pôde ganhar duas pollegadas de grossura em 24 horas.

As planicies de gelo se fórmão principalmente entre o Spitzberg e o Polo (no Hemispherio Boreal) mas o que ha de mais notavel he, que o gelo que as compõe he sempre mui transparente, ou por outras palavras, he gelo d'agoa doce. M. Sco-

resby explica este phenómeno suppondo que o gelo he formado de camadas successivas de neve, as quaes, depois de derretidas, se gelarão sobre huma superficie d'agoa salgada, e isto por huma longa serie de annos.

Encontrão-se campos de gelo de mais de 100 milhas de extensão, sem huma só eminencia; e he em cima delles que viajaõ os Ursos brancos. Estas massas de gelo tem hum movimento continuo para o Sueste, mas algumas vezes, por hum movimento accidental, gyrão com huma velocidade de varias milhas por hora, e, quando nesses casos huma destas massas vem a topar com outra que está parada, ou ainda mais se esta se move em sentido contrario, então deste encontro resulta hum choque terrivel, e a mais fraca das duas se espedaça.

As montanhas de gelo são ainda mais tremendas, tem algumas vezes 300 pés de altura acima do nivel do mar: a maior que se tem visto nos mares do Norte tinha mil *jardas* de circumferencia, duas milhas de comprimento, e mea de largo. Formão-se, segundo parece, de preferencia nas bahias abrigadas dos ventos e das correntes, debaixo da influencia dos montes e dos valles. Em quanto á theoria do seu augmento, M. Scoresby suppõe ser devido á accumulacão, fusão, e congelacão das neves que cahem sobre a sua superficie, bem como nos campos de gelo; e com effeito todas estas massas dão agoa doce.

O gelo se torna ás vezes extremamente fragil, quando a sua superficie começa a derreter-se: nestas circumstancias tem-se visto montes dellê abrir-se, e espedaçar-se ao menor choque.

Todas as montanhas de gelo, que se encontrão entre a Groelandia e a parte Europea da Russia, conservão limites notaveis pela sua permanencia. Parece que no seculò XV. estes erão mais remotos, e que depois se avisharão de repente.

O gelo mostra sempre huma disposicão a separar-se, mas no tempo sereno tem huma certa influencia sobre os ventos, cuja violencia abate, absorvendo-lhes os vapores, e convertendo-os em neve; de modo que nada iguala o remanso de hum porto cerrado pelo gelo.

Por cima de huma planicie de gelo, e quando o Ceo está claro, vê-se huma cinta de hum branco fascinante, que o Auctor attribue á reflexão dos rayos da luz sobre a neve que cobre a superficie do gelo, mas que he, com muita mais probabilidade, o effeito da reflexão especular do gelo. *Extracto das Noticias Meteorologicas, insertas no Tomo 1.º dos Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras.*

ARTIGO II. (*Communicado.*)

P O E S I A

TRADUÇÃO DA FÁBULA 3. DO LIVRO 7. DE LA FONTAINE.

O Rato Anachoreta.

Os Povos do Levante em pias lendas
 Contão que hum Rato, detestando o Mundo,
 Buscára asylo sacro, onde, apartado
 Dos laços que as paixões rebeldes forjão,
 Em funda solidão passasse os dias.
 Foi hum Queijo de Hollanda o tal retiro,
 E pio meditando alli vivia.
 C'os pés tanto lidou, c'os dentes tanto,
 Que em roda fórma extensa cavidade;
 E assim no ermo seu dispõe, construe
 Refeitorio, e morada; e pouco he isto?
 Ei-lo gordo, anafado, em paz vivendo,
 Pois DEOS nunca faltou, a quem o serve.
 Acaso hum dia ao Solitario santo
 Chegão dos Ratos Deputados tristes
 Rogando humildes com ferventes preces
 Esmola tenue, com que a fome horrenda
 Podessem evitar. Elles lhe narrão
 Que pressurosos vão a estranhós climas
 Auxilio procurar, com que levantem
 O duro cerco com que a Gente-Gata
 Tinha apertado a capital Ratésca.
 A partir sem dinheiro os constrangerão,
 Tanta do seu Erario era a penuria!
 Mui pouco exigem, certos que em tres dias
 De alliada Nação trarão soccorros.
 Dizem, e o Solitario lhe responde:
 „ As cousas deste Mundo, amados Filhos,
 „ Já não resão de mim; e que soccorro.
 „ Póde dar-vos hum pobre Anachoreta,
 „ Mais do que supplicar em favor vosso
 „ A protecção do Ceo?... elle he piedoso
 „ Espero que em vós cuide; adeos, meus Filhos. „
 Disse isto o Santarrão, e as portas fecha.
 Quem cuidais vós que eu retratei no Rato?
 Hum Frade?... não; mas hum Derviz; que hum Frade,
 Quanto a mim, sempre segue a charidade.

ARTIGO III.

CRITICA.

Mais Hygino.

Quando eu, nos Números 7, 8, e 9 do Trimestre passado, tangi *Hygino Antunes, Auctor dos Kanados, e das Correcções feitas*, rindo-se da tangedura, e ao mesmo tempo tomando-se de huns longes de piedade pela tal insignificante, rôlha, e orelhuda Creaturinha, algumas pessoas me disserão „ Deixa aquelle pobre diabo: todos o conhecem pelas orelhas, que se lhe fazem de cada vez mais longas, e mais esguias; mas não lhe puxes tu por ellas: coutado! elle só lhe falta hum T na testa! anda por ahi a chiar que mette dô! e, entre várias cousas que tem requerido, até dizem que requireo para Carrasco! isto he para teu Carrasco: porém continúa tu a rir-te, e deixa-o como quem he: não faças caso delle „ Isso (respondi eu) isso he o que eu sempre fiz ha valentes dez annos que o conheço; porque logo lhe lobriguei a orelha, e só n'hum occasião (creio que foi em 1810) em hum Loja de Livros me lembro que de viva voz lhe dei hum pequeno *corrige*, por isso que o tal animalejo *Hygino* ás condições de nescio, e de papalvo sempre ajuntou as de palreiro, linguarúdo, e intromettido; e tinha-se em conta de hum prodigio da classe adubeira por arranhar os seus dous dedos de Francez, e Inglez, e fazer regrinhas áquem e além do metro; sendo aliás mui affincado, afferrado, e digno admirador da eruditissima capacidade do *Doutor Mendes Fogaça*, com cuja sapientissima e protectora amizade ainda então se não honrava, posto que a isso aspirasse com humilíssimas, e continuadas zumbayas, para as quaes he capacissimo, porque tem orelha para tudo! Mas com effeito o Homem (se he que o he) metteo a viola no sacco; e eu, que não posso conservar má vontade a ninguém, nunca mais lhe disse nem palavra, senão „ guarde Deos a V. m. „ tirando-lhe o meu chapéo, porque elle me cortejava; e assim como o *Hygino* he tão alvacoento e alvarinho, se fosse hum Tapuya, ou hum Negro do mesmo modo lho tiraria; que não sou eu dos estólidos soberbões que só julgão dever cortezia aos seus iguaes.

Começou *Hygino Antunes* a cançar o Mundo com as suas deslavadas prosinhas, e com os seus desenxabidos versos, coxos, mancos, zambros, e aleijados, de expressão e concepção; porém disso me ria eu, e deixava-o emparelhado com os *Sauniers*, com os *Baratas*, e outras taes aves de agouro, que, debalde af-

fadigadas, esvoação por de redor das faldas do Parnasso, sem mais poderem do que babujar nas agoas estagnadas á raiz da montanha; porque, se pouco vale o engenho sem cultura, e talvez menos a cultura sem engenho, como poderão avantar-se aquelles a quem a Natureza, e a Educação huma e outra cousa negarão?

Assim mesmo tudo hia ás mil maravilhas! e, de orelhas hirtas, e agúdas, sem freyo nem cabeções, corria e couceava *Hygino Antunes*, tosando sua pouca de herva pelas paugagens literarias; até que, por premio de suas zumbayas, e de sua copiosa e escolhida livraria, alcançou a incomparabilissima honra de em tom de amizade, e protecção ouvir as lições do *Doutor Mendes Fogaça*, Sábio de *experiencias consumadissimas*, com o appoio de cujos oráculos *Hygino Antunes*, que já se tinha em grande conta, chegou a acreditar-se hum Sábio, e rompeo profuso a discretear como quem he: entrementes quiz o eruditissimo *Doutor Mendes Fogaça* accrescer o vasto pecúlio de seus mali-mixtos apontoados literarios, e em duas horas escrevinhou bastas sandices, que produzirão duas folhas impressas de hum folheto que intitulou *Analyse analysada*, e em que, por não perder vez, posto ser outro o objecto, sempre bullio com Pato, pedra para elle de eterno escandalo! Ora bem sabido he que, em sahindo *D. Quixote*, valorosamente o acompanhava seu fiel Escudeiro *Sancho Pansa*; e por isso *Hygino Antunes*, como fiel e glorioso *Sancho do Quixote Fogaça*, sahio com hum appenso ao tal misero folhettino. Foi isto por occasião que eu escrevia o = *Exame Analytico*, e *Parallelo do Poema Oriente com a Lusida* = obra que me grangeou a mui prezada, perpétua, e azedissima indignação de seu Reverendo Auctor: e, como o folheto e o appenso erão huma mina de sandices, vibradas como improperios contra o nosso immortal Camões, tomei a péla no ar, joguei-a contra *Hygino Antunes*, e dei-lhe, mas dei-lhe devagarinho. Assim mesmo ficou com os focinhos hum tanto molestados; e, posto que a boa vontade era muita, por medo de maior molestia não cusava espanejar-se comigo; antes, querendo dar a sua dentada no meu Poema = *A Apparição* = tomou por thema os Números 8, e 9 do 1.º Trimestre (em hum dos quaes se ajui-sou favoravelmente do mesmo Poema, porque a esse tempo não redigia eu este Periodico) e sahio-se mui lampeiro e disfarçado com as suas *Correcções feitas*; porém eu, que o conheci pelo vidonho, puxei-lhe pelas orelhas, e com effeito appareceo o *Hygino* como quem era. Ora digão-me: e não era de rasão que assim o fizesse? ha por ventura cousa mais insoffrivel do que hum nescio intromettido, pertendendo campar de espertalhão, e intelligente? Pois olhem: se tive rasão, ainda mais tenho agora. He o caso.

Em Março deste anno appareceu *Hygino Antunes* com hum artigo sobre o novo Periodico Trimensal = *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras* = artigo notavel por sua muita sandice, como tudo o que sahe da penna de seu Auctor, que tudo sandezmente escreve; e, se he notavel por parte da sandice, não deixa de tambem o ser, nem o he menos por parte da malicia, e petulancia. Mui justo era o mencionar e até recomendar os *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras*, não só por aquelle Periodico assim o merecer, senão até por brio, e pondunor da gloria das nossas Letras, sendo elle redigido em paiz estranho, por alguns nossos bem instruidos Nacionaes: vejamos porém o que fez *Hygino Antunes*. Diz elle a final do primeiro parographo „ *A linguagem deste Periodico (de 1. volume cada Trimestre) he assás limpa e correcta; as pessoas que o escrevem mostram que não são hospedes nos assumptos que tratão, e que hão-de saber desempenhar huma boa escolha dos muitos artigos que naquella Cidade se publicão em diversos Jornaes Scientificos, preferindo os que forem uteis á Agricultura e Artes em Portugal.* „ Deixemos o que pertence á elocução, porque enfim o miseravel *Hygino Antunes* não sabe melhor escrever: mas quem terá soffrimento para assim o ouvir fallar de papo, e tratar de somenos Homens com os quaes elle certamente não pôde por nenhum principio comparar-se? Segundo elle indica, os Redactores dos *Annaes* não tem cabedal com que possuão originalmente compôr, e só mostram não ser hospedes nos assumptos que tratão, etc. E não he isto huma petulancia de *Hygino Antunes*, sabendo-se aliás quem são aquelles Redactores, e contendo a obra annunciada muitas e excellentes Memorias originaes? Similhante ennucciado mal poderia tolerar-se em outro qualquer, mas escripto por tão miseravel Escrevedor, quem he que o hade serenamente soffrer?

Passemos pelo 2.^o §. que sómente serve de confirmar a pública opinião de que *Hygino Antunes* (como vulgarmente se diz) nem sabe qual he a sua mão direita! sendo na verdade tão miseravel que nem sequer soube dar huma succinta idéa do Discurso Preliminar dos mesmos *Annaes*, e que para referir a divisão da obra careceo servir-se de hum longo trecho daquelle Discurso; quando aliás *Hygino Antunes* neste seu impertinentissimo artigo segue hum systema de brevidade tão demasiada que bem se pôde por elle dizer = caminha como gato por brazas = e assim caminhão todos os ignorantes.

Agora o §. 3.^o esse he huma obra prima da nescia presunção, da malicia, demencia, e petulancia, e he forçoso o tedio de o trasladar por inteiro. Diz o *Hygino* „ *Fazem os Editores huma breve resenha acerca da Literatura, e particularmente da Poesia em Portugal, que nos parece muito boa, mas não julgamos*

exacto o Periodo que diz = A Poesia Epica não renasceo com o *Poema Oriente* (era preciso aqui, mais que huma asserção vaga, huma demonstração) cujo Auctor em vão tentou emendar *Canções*, e desapossallo do eminente lugar que por nacionaes e estranhos lhe foi justa e universalmente assignado no Parnasso = Ora vamos devagar, que não ha outro remedio em caminho de continuados tropeços. A *Hygino Antunes* pareceo muito boa a *resenha que os Editores fazem ácerca da Literatura*, e particularmente da *Poesia em Portugal*: note-se que os Redactores dos *Annaes*, pelas causas que indicámos no 2.^o N.^o deste Trimestre, e ainda talvez por outras, avaliarão muito maior da sua realidade a decadencia das Letras em Portugal; e que a *Hygino Antunes*, que não tem sabido de Portugal, devendo por isso mesmo estar ao alcance do que nisto ha de verdade, cumpria o mostralla, ou aliás recolher-se ao silencio, que he sempre como poderá hir melhor; porém nunca plenamente approvar o que a esse respeito vem dicto nos *Annaes*: e com tudo, nesta parte o desculpamos porque, toda a vida assim foi, a ignorancia não deixa medrar ninguem.

Que se alguém, pelo não conhecer, duvidar da certificada ignorancia de *Hygino Antunes*, aqui mesmo poderá enganar-se com as suas seguintes palavras „ *mas não julgamos exacto o Periodo que diz*, etc. de maneira que o miseravel *Hygino Antunes* nem ao menos sabe a differença que ha entre *periodo*, e *paragrapho*: Pois incline as orelhas, e tome conta o *Hygino: periodo*, he qualquer oração com sentido perfeito: *paragrapho*, he huma secção de qualquer discurso (olhe que he *secção*, isto he, divisão; não se confunda o *Hygino* com *sessão*, ou *cessão*, que mui diversas são as suas significações) e assim „ A Poesia Epica não renasceo com o *Poema Oriente* „ como dizem os Redactores dos *Annaes*, e por certo que dizem muito bem, he hum *periodo*; e o que mais elles dizem, e *Hygino Antunes* traslada, são outros *periodos*, os quaes todos juntos fêmão hum *paragrapho*, ou *secção* do Discurso Preliminar. Desculpemos ainda o *Hygino* pela rasão já dada: mas quem o poderá desculpar deste seu parenthesis „ *era preciso aqui, mais que huma asserção vaga, huma demonstração?* „ Se *Hygino Antunes* he tão gordo amigo do Auctor do *Poema Oriente* que não vê, ou não quer vêr os defeitos da obra, nem de seu Auctor, mostre-lhe, ou pague-lhe essa amizade em outra moeda; ou, se está muito encasquetado com os desluzidos talentos, e ensarrabulhada erudição do mesmo Auctor, ponha-se em campo, escreva, e escreva como deve; que, se o fizer, terá o premio correspondente, e até serei eu o primeiro em seus louvores: porém tenha tento em não sahir ridiculamente a campo, nem com espada de canna provocar illustres Campeões com boa cota e acha d'armas.

Este juizo (continúa o Hygino) mostra fundar-se mais em certas criticas sem critica, publicadas entre nós contra o Poema Oriente, e de sobejo refutadas até á ultima evidencia, como o Público sabe, do que na leitura do mesmo Poema. „ Ora eis-ahi o magnificentissimo Hygino Antunes dando ao soslayo o seu sotaque nos Redactores dos Annaes, e dirigindo-me directamente o golpe! As criticas sem critica a que allude vem a ser o meu = Exame Analytico, e Parallelo do Poema Oriente com a Lusíada = Segundo indica o Hygino, neste meu Exame se fundárao os Redactores dos Annaes, incapazes de julgarem per si proprios; e tambem, segundo elle diz, o meu Exame, as minhas criticas sem critica estão de sobejo refutadas até á ultima evidencia, como o Público sabe! Ora, e que nome poderá melhor convir a estas escreveduras de Hygino Antunes senão o de malicia, e petulancia? O Público sabe, que os Redactores dos Annaes são Homens de muito bom talento, e lição: o Público sabe, que ha tres annos berra o Auctor do Poema Oriente, sem poder sacco-dir do cachaço o garrocha do Exame Analytico: o Público sabe, que, pertendendo em vão defender-se, tem o Auctor do Poema Oriente no seu guápo Espectador (1) para esse fim mil vezes torcido e alterado, mutilado e invertido o texto e o sentido do Exame Analytico, multiplicando a cada pagina as cincoas que se lhe notárão: o Público sabe?... muita cousa que eu por decencia omitto. E não se peja Hygino Antunes de fallar contra o senso íntimo, e contra o que o Público sabe? Não, porque he Hygino Antunes.

Já vimos a ignorancia, malicia, e petulancia de Hygino Antunes; veja-se agora a sua demencia. Prosegue elle „ Tanto mais que os sábios Editores não podem ter visto o Poema do grande Camões impresso com emendas que lhe fizesse o Auctor do Oriente, „ E então não he isto demencia? não he isto a que se chama = rasões de Cabo d'esquadra? Com que visto isso, só intenta emendar huma obra quem a imprime com emendas? Não basta sobre ella escrever, e tornar a escrever, mordendo-a? Não basta compôr outra obra sobre o mesmo assumpto, e apregoalla pelo menos defeituosa possível, dando a primeira por má, e muito ruim, e fazendo todos os esforços por assim o mostrar, até com falsas provas? Se isto não basta, ao menos tudo isto e mais, a respeito da Lusíada, tem feito o Auctor do Poema Oriente, que foi buscar lan, e sahio tosquiado.

(1) Ainda que por N.ºs o Espectador não abrangeo mais que dous annos, começou elle em Fevereiro de 1816, e desde então que o Auctor do Poema Oriente, segundo a sua propria confissão, anda esbofado a depeñar o Pato!

O que não obstante, mais diz *Hygino Antunes*, „ *O qual (o Auctor do Poema Oriente) apenas no Discurso Preliminar deste notou os defeitos que se observao na Lusitada, como immensos Auctores tem feito a este e outros Poemas da primeira ordem, sem que isto em boa logica se possa chamar emendar o Poema, nem desapossar Camões da justa primazia que lhe compete.* „ Aggra aqui tornou a entrar a senhora D. Malicia, com muito bons laivos de petulancia. Note-se no §. antecedente o epitheto de *sábios* aos Redactores dos Annaes, acabando de os tratar como vimos: note-se o epitheto de *grande* a Camões, quando aliás em seu desabono tem *Hygino Antunes* sido rancheiro com o Auctor do *Poema Oriente*: note-se a expressão de „ *este e outros Poemas de primeira ordem*, e de „ *justa primazia que lhe compete* (a Camões) e bem claro se verá ser tudo isto huma maliciosa e petulante ironia. Porém mais criminosa malicia, e ainda falta de pejo, por mentir á face do Mundo que sabe o contrario, he o dizer, como diz *Hygino Antunes*, que o Auctor do *Poema Oriente* *apenas no Discurso Preliminar deste notou os defeitos que se observao na Lusitada, como immensos Auctores tem feito, etc.* sendo a verdade que, tão calumniosa e caninamente como o Auctor do *Poema Oriente* tem atalhado Camões, não sei que nunca ninguém o fizesse senão Zoilo (o Grammatico) a Homero, e Lauder a Milton: e, se ao destino destes dous calumniadores se não tem assimilhado o destino do Auctor do *Poema Oriente*, he porque ainda lhe resta a boa fortuna de ninguém (ou tanto monta) fazer caso delle. Mas inda assim, em nenhum daquelles dous Criticos malignos foi tão notoria, nem por isso talvez tão escandalosa a inveja com que pertendêrão desapossar de sua fama os dous grandes Poetas, quanto no Auctor do *Poema Oriente*, que, com esta sua *Epica salsada*, no lugar do divino Camões. aspirou a enthronizar-se.

Mas porque seria *Hygino Antunes* atacado da pestifera dysenteria com que em tantas sandices se tem vasado?... porque? por nescia presumpção; e ei-la ahi resumando com muito boa dose de hypocrisia no seu §. 4.º onde diz „ *Fazendo aqui esta observação não temos em vista mais que o desejo sincero de que os Editores, vivendo longe de Portugal, se não illudão com as scphisticas declamações de alguns nossos pertendidos Criticos (só no nome) e queirão julgar por si com aquella imparcialidade que honra os Escriptores, e de que elles nos parece estão animados.* „ Ora, se não fôr pela rasão de que sempre he bom ouvir conselhos, porque ás vezes os mais chapados parvoinhos soltão a sua discrição, quem he que se não hade rir de vêr *Hygino Antunes* arvorar-se em conselheiro dos Redactores dos Annaes, com *scphisticas declamações* prevenindo-os contra *as scphisticas declamações de alguns nossos pertendidos Criticos, só no nome?*.... Pois o seu

sincero desejo! quem terá alma tão dura que deixe de lho agradecer? Mas a isto se limitão os agradecimentos que se lhe devem, porque o resto do artigo he huma rápida enumeração dos conteúdos naquelle Periodico; de maneira que só por parte da nesca presumpção excede os limites de hum simples Annúncio. E para que se metteo *Hygino Antunes* tão nesciamente a discretrear em similhante artigo? para ter o gostinho de dar a sua coarctada doutora, como se vê nestas suas palavras „ *Segue-se huma Memoria do Doutor Sylveira sobre o ondeado metallico, a que os Francezes chamão moiré metallique, para o distinguirem do ondeado da seda, que chamamos em Portuguez, melania ou chama-lote.* „ E para que ajuntou *Hygino Antunes* estas palavrinhas? para que as pessoas que lessem o tal artigo, e não lerem os Annaes, julguem que esta distincção foi filha da sua propria sabença, porque morre, e estala por campar de sabichão. Por esta mesma, e unica rasão, mencionando a Pharmacopea do Doutor Swediaur, declarou em parenthesis que ella he *escripta em Latin*; como se o Extracto inserto nos Annaes não viesse em Portuguez, e como se nos mesmos Annaes não se fizesse esta declaração, bem como a outra do *ondeado metallico*. E tudo isto o que he! não he ser *Hygino Antunes*? Quem o poderá duvidar, quando elle proprio o declara? Todo o caso está em não querer que se lhe diga, mas quem não quer ser Lobo não lhe veste a pelle: e emfim senhor *Auctor dos Kanados*, quer queira quer não, tenha paciencia que eu não me desdigo: *Hygino Antunes* he V. m., e V. m. he *Hygino Antunes*; he *Hygino Antunes* e tenho dicto, he *Hygino Antunes*, de quem com o mais profundo acatamento, por agora, me despeço com o bom Homem Lafontaine.

Le Monde n'a jamais manqué de charlatans.

N. A. P. P. Moniz.

ARTIGO IV.

HISTORIA.

Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique.

(Continuado do N.º 12., 2.º Trimestre pag. 124.)

E ainda depois desta data podia viver mais algum tempo. Etoda a equivocação parece nascer de se tomar o anno de 969 por era de Augusto, quando no mesmo documento, que produz a Polygraphia, se declara ser anno do Nascimento de Christo. Nasce hum erro de outro: e vem a ser, do engano com que mui-

tos Historiadores assentão o anno da entrada dos Arabes em Hespanha. Commumente se diz, fôra no anno de 714. Esta opinião seguiu o doutissimo Padre Argote; cujas cinzas venero; como de Socio, choro, como de Sábio, e Mestre: porém podemos affirmar, foi quatro, ou cinco annos antes; isto he, no de 710. Consta do privilegio d'ElRey D. Affonso VI. de que faz menção a Polygraphia Hespanhola; em o qual se diz, que a Cidade de Toledo fôra restaurada em 25 de Maio do anno de 1805, depois de estar debaixo do jugo dos Sarracenos 376 anos; e cahe no anno de 709. O que se confirma com outro privilegio, que refere a mesma Polygraphia d'El-Rey D. Affonso o Casto; em que se diz, que Hespanha se perdêra na era de 749 que corresponde ao anno de 711, e he pouca a differença. E concorda com a Hegira dos Arabes. Porque, segundo a opinião que a Hegira se deve começar a contar desde a primeira fugida de Mafoma; e que esta fôra pouco depois, ou logo que começou a prégar sua falsa doutrina; é dizendo os Arabes, o que segue Genebrardo, que Mafoma nascêra em 591, e começara a prégar sendo de quarenta annos; segue-se, foi esta fugida em 631. E constando da Chronologia Arabiga, que escreveo Hazi Halifé Mustafá, e traduzio em Italiano João Rinaldo Carli, impressa em Veneza em 1697, que Toledo fôra tomada pelos Arabes no anno 81 da Hegira, vem a cair a dita perda no anno 710. Perdê-se-me a digressão; e a importancia da materia me pôde desculpar.

E voltando já ao nosso principal intento, se alguém perguntar, qual seria a rasão porque no referido Epitafio senão declara, que o Conde Henrique descendia dos Reys de França, pôde-se responder; que esta ascendencia, como tão proxima, de todos era sabida.

Diz-se porém, que descendia dos Reys de Aragão, e por consequencia dos Reys de Leão tambem, para assim ficar em Portugal mais conhecido, e poder ser mais respeitado. Nem se deve admittir a opinião, que pertende persuadir que o Conde D. Henrique se diz descender dos Reys de Aragão por linha paterna, e masculina, em quanto seu Pay o Principe D. Henrique que era Filho de Roberto Duque de Borgonha: este Filho de Roberto II. Rey de França, e da Raynha D. Constança; e esta Filha de Guilherme III. Conde de Toulousa, chamado Taha-ferro, e de sua mulher a Condeça D. Sancha Hermesindez, ou Arsindez, Patronymico por sua May, a Raynha D. Hermesinda, ou Arsinda: e a dita Condeça de Toulousa, D. Sancha, Filha de Ramiro I. Rey de Aragão: porque esta filiação para o conhecimento ficava muito distante: e assim esta Princeza Dona Sancha May do Conde D. Henrique he diferente da primeira.

3.^o Godofredo I. Senhor de Semur, e sua Esposa, a Prince-

sa Mahaud. 4. Wálon II. Conde de Verzy, que no anno de 1005 era já fallecido, foi casado com a Princeza Judith de quem trata a Historia Genealogica de França, na Casa de Borgoanha, Liv. 2. Cap. 4. Art. 3. §. 1. pag. 71. Osterceiros Avós maternos forão 1. o Conde, e Senhor Soberano de Barcelona, e sua Esposa D. Sancha Infanta de Castella. 2. Bernardo, Conde de la Marche; e a Condeça Amelia, sua consorte. 3. Ricardo I. Duque de Normandia, segundo a já allegada Historia, e Genealogia escripta por Ptolomeo de Luca: e Gonor, que primeiramente foi sua Concubina; e depois legitima consorte. 4. Guaymaro, quarto do nome, Príncipe de Salerno, a quem chamarão, o Moço; para distincção de seu Pay, e antecessor, do mesmo nome, e sua Esposa a Princeza de Salerno.

Continuar-se-ha.

N. B. A pouca extenção deste nosso Jornal tem sido causa de se retardar a continuação deste artigo, pertendendo muitos a preferencia. Tambem não se escandalizem com a tardança da publicação de seus artigos aquellas pessoas que tem feito o obsequio de no-los remetter, diversas causas tem para isso concorrido; serão porém satisfeitas no seguinte Trimestre, e este acabará com o seguinte N.º consagrado á Memoria do nosso grande Poeta o P. Francisco Manoel, ultimamente fallecido.

Com o Numero seguinte acaba este 3.º Trimestre, convidamos por tanto aos Senhores Subscriptores a renovar as suas Assignaturas: os das Provincias dirigirse-hão com especialidade a Antonio Pedro Lopes, Livreiro na Rua do Ouro, junto á Casa da Gazeta: os de Lisboa poderão subscrever na Loja do mesmo Antonio Pedro, na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, debaixo da Arcada do Senado; na de João Nunes Esteves, Rua do Ouro N.º 234; na de Carvalho, ao Cbiado; na de Carvalho, ao Pote das Almas; na de Luiz José de Carvalho, defronte dos Paulistas; e na Rua da Rosa das Partilhas N.º 153 na Officina de João Baptista Morando, onde se imprime este Periodico; no qual serão publicados quaesquer dignos escriptos que para isso aos Editores se remetterem.

LISBOA: NA OFFICINA DE J. B. MORANDO.

Com Licença do Desembargo do Paço.

Indice

Dos artigos contidos nos tres tomos do
Observador Portuguez.

Sciencias e Artes.

Escorpiões ou Alacraões	I. pag. 3.
Aranhas	21.
Differença nas cores e configuração dos homens	pag. 25, 37, 53.
Pintura e Esculptura	39, 59, 82.
Ideia da Philosophia	77, 93.
Musica	98.
Plano sobre o comm. ^{cio} da Praça de Lisboa	117.
Templo de Apollo na Arcadia	133.
Sobre a manufactura dos vinhos.	153, 169, 185.
Declamação ou Arte Comica.	186, 201.
Dos Curadores	204.
Do Bom, e do Belle	II. . . . 3.

Mordeduras da víbora	pag. 13.
Essencia da sensibilidade	25, 33.
Ação de nadar	41.
Origem da Agricultura	53.
Dos Mosquitos	61.
Gradação e extensão da sensibili- dade	73, 85, 97.
Do tempo de aleitamento	105.
Das parteiras	113.
Da intemperança	125.
Das abelhas	III. pag. 3, 17, 33, 41.
A Dança	53, 65, 72, 85.
Dos Gêlos	121.

Litteratura

Eloquencia	I. pag. 6.
Da amizade entre mulher e homem	61.
Costumes dos gregos modernos	73, 148.
Olympia, Novella sentimental	151, 164.
Verdade na Poesia	II. 31, 38, 49, 55, 71.
O Jogo	39.

Admiradores e Criticos de Homero..	97, 105, 113.
Agricultura na Suecia	117.

Poesia.

Canção a' perda d'ElRei D. Sebastião..	I. pag. 9.
Ode a Marcia (J. M. da C. S. ^a)	13.
Ode a Carlos de Saboia, por Chiabrera ...	28.
Soneto a Victorino J. ^e Leite (Barros)	41
Ode anacreontica de Villegas	30
Ode a Mr. Lebrun (J. M. C. S.)	42
Ode a Rainha D. ^a Maria 1. ^a (id.)	65
Ode a uns annos (id.)	88
Epistola a Sanctos e Silva... (Chapuzet)..	101
Ode a J. M. da Costa e S. ^a (B. J. R. S.)..	123
Ode 3. ^a do Liv. 1. ^o de Horacio (Pato Moniz)	158
Ode 19. ^a do Liv. 2. ^o do id. (id.)	175
Ode a Prophecia do Tejo, de Fr. Luis de Leon.	190
Ode anacreontica (J. M. C. S.)	193
Ode sobre a Inveja (Pato Moniz)	205
Ode 3. ^a do Liv. 3. del Horacio (id.)	II. 6.

Ode anacreontica (J. M. C. S.)	15.
Ode a Licurgo (id.)	27.
Apologo - O Elephante e o Rhinoceros (P. M.)	34.
Epistola a Gonçalo J.º Pôrto Vianna (id.)	44.
Ode, traduzida de Vernes (id.)	54.
Apologo - A Gibia e o Macaco (id.)	68.
Ode, traduzida de Vernes (id.)	75.
Ode a Noite (J. M. C. S.)	87.
Ode, traduzida de Wieland (P. Moniz)	99.
Epodo 2.º de Horacio (id.)	107.
Apologo - A Raposa e as Galinhas (id.)	116.
Ode 2.ª do liv. 4. de Horacio (id.)	128.
Ode ao Infante D. Henrique (J. M. C. S.)	III-5
Ode a Primavera (Moniz)	34.
Ode a D. Nuno Alvares Pereira (id.)	19.
Ode a Homero (J. M. C. S.)	42.
Ode aos Lyricos Portuguezes (Moniz)	54.
Apologo - O Caõ, o Pato, e o Melro (id.)	66.
Ode a Lucrecio (J. M. C. S.)	74.
Ode a Poesia (Moniz)	86.

Apologo - A Gralha e a Arara.. (Moniz)..	103.
Apologo - O Pisco (id.)...	108.
Apologo - Os dous Goxos (id.)..	116.
Fabula 3. ^a de liv. 7. de Lafontaine	123.

Critica.

Juizo sobre as Obras de Congreve.. I... pag.	13.
Sobre as Academias antigas e modernas...	45.
M. ^{lles} Dumesnil e Clavion	107, 126.
Juizo sobre o poema - A Apparição - ...	138.
Sobre os q. não restituem os livros emprestados..	176.
Sobre a leitura de um só livro	194.
Os Cacoacos	207.
Juizo sobre o poema - Neston - II..	8, 15, 36, 101, 109, 117.
Presumpções	28, 129, 111, 66.
Observações sobre uma carta de Fozgaca.. II.	57.
Memorias de Hygino Antunes	64, 76, 88.
Observ. ^{es} sobre os Annaes das Sciencias e Artes.	
	III. 10, 24, 45, 58, 78, 89.
Nascimento e educação	35.

Communicado sobre Camoës	108.
Mais Hygino	124.

Historia.

Catilina	I. pag. 15.
Morte de Wenceslau, Duque de Bohemia	31
Memoria sobre Leuta	69.
Faccões dos Brancos e Negros em Florença	90.
Memoria sobre Alcacer-Ceguer	179.
Origem dos Quakers	197, 209.
Dissertação sobre a ascendencia do Conde D. Henrique	II. 20, 83, 123, III. 130

Geographia.

Descripção da Africa	I. pag. 16.
Descripção da Lybia	32.
Da China	113, 129, 143.

Biographia.

Newton	I. pag. 51.
------------------	-------------

Lacaille	115.
Francisco Manuel do Nascimento	160, 183, 211.
Pedro Roussel	II. pag. 134.
Marechal de Barwick	III. pag. 15.
D. Nuno Alvares Pereira	31, 39, 62, 69, 83, 94, 103, 110, 117.

1. The first part of the document
describes the general principles
of the system. It is divided into
three main sections: I, II, and III.
Section I deals with the general
principles of the system. Section II
deals with the details of the system.
Section III deals with the application
of the system to various cases.

2. The second part of the document
describes the details of the system.
It is divided into three main sections:
I, II, and III. Section I deals with
the details of the system. Section II
deals with the details of the system.
Section III deals with the details of
the system.

3. The third part of the document
describes the application of the system
to various cases. It is divided into
three main sections: I, II, and III.
Section I deals with the application
of the system to various cases. Section
II deals with the application of the
system to various cases. Section III
deals with the application of the
system to various cases.

4. The fourth part of the document
describes the application of the system
to various cases. It is divided into
three main sections: I, II, and III.
Section I deals with the application
of the system to various cases. Section
II deals with the application of the
system to various cases. Section III
deals with the application of the
system to various cases.

